

OS SETE MINUTOS

**Irving
Wallace**



ROBERT CARFONI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

IRVING WALLACE

(1916-1990)

OS SETE MINUTOS

Título original americano

THE SEVEN MINUTES

1969

Irving Wallace

Os sete minutos

Tradução de MILTON PERSSON

Revisão para Portugal de MARQUES VITAL

Capa de A. PEDRO

Título da edição original THE SEVEN MINUTES

Copyright (c) 1969, by Irving Wallace

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor Lisboa —

1988

*A Fanny, Constance e Molly, que o tornaram possível, e a Sylvia,
David e Amy, que aprovaram.*

“Mrs. Digby contou-me que, quando morava em Londres, em companhia de sua irmã, Mrs. Brooke, de vez em quando tinham a honra de receber a visita do Dr. Johnson. Assim sucedeu um dia, pouco depois da publicação do dicionário imortal. As duas senhoras, na ocasião, prestaram-lhe os cumprimentos da praxe. Entre outros motivos de louvor, elogiaram muitíssimo a omissão de todas as palavras impróprias.

— Como, minhas queridas! Então vocês procuraram-nas?” — perguntou o moralista.”

H. D. BEST

Memórias Pessoais e Literárias (Londres, 1829)

I

Lá pelas onze da manhã, o Sol já tinha saído, e agora as mulheres de Oakwood, na maioria donas-de-casa em trajés de Verão e quase todas ao volante dos próprios carros, convergiam para a zona comercial, a fazer compras.

No trânsito subitamente engarrafado, o Ford cupé verde de duas portas, bem amachucado no guarda-lamas da frente, viu-se afinal obrigado a reduzir a marcha.

Jogado com brusquidão contra o encosto do assento da direção, Otto Kellog resmungou contrariado, endireitando-se logo para verificar, impaciente, onde estavam.

Indignava-se com atrasos numa hora dessas, quando se sentia ansioso por resolver aquele assunto. Queria terminar em seguida com aquilo, o mais depressa possível.

Iverson, que guiava o carro, soltou um berro, travando com toda a força.

— Malditas mulheres — exclamou entre dentes.

— Pois é — concordou Kellog. — Oxalá que andem depressa.

No assento de trás, Eubank, o terceiro ocupante do cupé, mais velho, mais tolerante, exposto ao mundo exterior com menos frequência que os companheiros, parecia estar a gostar do intervalo. Aproximara-se do encosto da frente para espiar pelo pára-brisas, por cima do ombro de Iverson.

— Então isto é Oakwood — comentou. — Simpático. Não sei quantas vezes já passei por aqui, mas acho que, antes, nunca prestei muita atenção.

— Nada de maior — retrucou Iverson, levantando o pé do travão. — Continua a ser o Município de Los Angeles.

— Sim, mas parece mais próspero e sossegado — disse Eubank.

— Talvez não por muito tempo — disse Iverson. — Hoje vamos abalar um pouco este pessoal-olhou para Kellog e sorriu. — Como

está, Otto? Pronto pra ação?

— Sim — respondeu Kellog —, desde que a gente chegue lá depressa.

Olhou de soslaio pelos óculos escuros.

— Third Street é a próxima. Volte à direita na outra esquina.

— Eu sei — disse Iverson.

O trânsito recomeçou a andar, mais livre, e o cupé verde avançou pelo Center Boulevard, voltando depois abruptamente para entrar na Third Street.

Na rua transversal, o número de carros e pedestres era menor. O homem do volante suspirou aliviado.

— É ali, no meio do quarteirão — anunciou. — Vejam o letreiro que vem depois de Acme, Joalheiros. Estão a ver? Empório de Livros Fremont. Que tal o nome? Empório.

— Parece que há bastante lugar para estacionar — disse Eubank. — Estava com medo de que não houvesse vaga por aqui perto.

— Sempre há lugar de sobra depois que a gente sai do Center Boulevard — declarou Iverson.

Girou as rodas do carro para o meio-fio até detê-lo com habilidade em frente à joalheria. Quando ia desligar o motor, viu uma garota loura de suéter e short apertados, parada diante do carro, pronta para atravessar a rua. Iverson soltou um assobio baixinho.

— Olá, pessoal, admirem bem aquelas tetas.

Seguiu a loura com os olhos, enquanto ela se apressava em alcançar a outra calçada.

— Até que o conjunto não é nada mau, mas para mim o que vale são as tetas. Gosto delas bem grandes e saltitantes.

Buscou apoio no companheiro de assento.

— E você, Otto?

De momento, Kellog não estava interessado na opinião do amigo sobre as mulheres.

Habitado a ocupar-se com uma ideia de cada vez, já tinha o pensamento completamente tomado. A mão direita apalpou por dentro o paletó desportivo xadrez, tocando-o por baixo do braço

esquerdo. Por fim, satisfeito, ergueu a cabeça, revelando tensão e seriedade no rosto afilado.

— Estou bem? — perguntou para Iverson, fechando o botão do meio do paletó e compondo o colarinho da camisa desportiva de gola aberta. — Não está a aparecer?

— Nem se nota — respondeu Iverson. — Você está com cara de parvo. Não, estou a brincar. Está ótimo, Otto... até parece um contabilista ou agente de seguros que reservou a manhã para fazer compras para a mulher.

— Assim seja.

— Não se preocupe.

— Que horas são?

— Onze... onze e catorze.

— É melhor eu ir já — virou-se para o assento de trás. — Tudo pronto aí, Tony?

— Tudo preparado para rodar.

Kellog voltou a sua atenção para o motorista.

— Não saia daqui, hem?

— Só arredo pé quando você mandar.

— Está bem — disse Kellog. — Não demoro mais que dez minutos.

Abriu a porta que ficava a seu lado, levantando-se firme do carro, fechou-a e permaneceu um instante imóvel na calçada, arranjando o paletó. Depois, com o ar mais natural, passou pela joalheria, aproximou-se da livraria, parando diante da entrada, e foi postar-se em frente da vitrina. No canto direito havia uma reprodução de Pégaso, tendo em baixo, com letra caprichada, cheia de arabescos, os dizeres: "Empório de Livros Ben Fremont, Fundado em 1947". No canto oposto da mesma vitrina, preso com fita durex e à altura da vista, estava colado o anúncio de página inteira de jornal de um novo romance.

Kellog deslocou-se para perto do anúncio. Analisou o cabeçalho em negrito:

PREPAREM-SE PARA O ACONTECIMENTO EDITORIAL DA PRÓXIMA SEMANA!

Os olhos de Kellog percorreram rapidamente o resto do texto.

Após 35 anos de proibição, o romance mais injuriado e elogiado de todos os tempos — escrito por um americano expatriado — será finalmente entregue ao público.

É preciso ler:

“Nunca houve na história da literatura outra obra mais condenável do que esta.”

Observatore Romano, Roma.

É preciso ler:

“O livro mais pornográfico que foi escrito depois que Gutenberg inventou a imprensa... Fascinante como revelação íntima, mas imperdoável como confissão pública.”

Le Figaro, Paris

É preciso ler:

“Uma das obras de arte mais francas, sensíveis e ilustres criadas na moderna literatura ocidental.”

Sir Esmond Ingram, London Times

COM LEGÍTIMO ORGULHO A EDITORA SANFORD HOUSE

OFERECE

A AMÉRICA E AO MUNDO

A VERSÃO ORIGINAL, SEM CORTES,

DE UM CLÁSSICO CLANDESTINO MODERNO

OS SETE MINUTOS de J J JADWAY

Kellog percebeu ainda que havia mais, mas não se deu ao trabalho de ler. Já tinha lido tudo no jornal de domingo.

Desviou o olhar para o que estava exposto na vitrina. Apesar de atulhada com três altas pirâmides de volumes, continha apenas um único livro, ostentando o mesmo título inconfundível. Cada exemplar apresentava sobrecapa branca, em cuja cobertura se via o desenho delicado da silhueta de uma mulher nua, deitada de costas, com os joelhos erguidos e bem abertos. Por cima, em letras vermelhas,

imitando artisticamente uma caligrafia, vinha o título: Os Sete Minutos e, logo abaixo, “de J J Jadway”.

J, sem ponto, J, sem ponto, Jadway.

Pois é.

Kellog enfiou a mão direita no paletó, tateou por baixo do braço, apalpou a frieza metálica e julgou chegado o momento oportuno.

Entrou depressa na loja. Era uma livraria clara, alegre, cheia de desordem. No centro da parte inferior havia mesas retangulares, com pilhas de edições recentes. Parado junto da que ficava mais próxima, repleta de exemplares de Os Sete Minutos, Kellog examinou o ambiente. Viu duas pessoas ao fundo, pelo jeito fregueses: um senhor de idade a vasculhar as prateleiras sob um cartaz que indicava BROCHURAS e uma mulher baixa, provavelmente com os filhos, a ler títulos perto de uma tabuleta que dizia LIVROS INFANTIS. A curta distância de ambos, uma gorda, de avental, tirava volumes de uma caixa de papelão, colocando-os em cima de uma mesa.

Depois Kellog pressentiu outra pessoa no recinto. À esquerda, a uns cinco metros de onde se encontrava, as estantes formavam uma espécie de nicho na parede, cuja parte aberta era barricada por um balcão, sobre o qual havia uma caixa registradora e outra pilha de exemplares de Os Sete Minutos. Atrás, instalado num banquinho, folheando faturas, estava um homem de constituição magra que teria, no máximo, quarenta anos. Para compensar o cabelo ralo no topo do crânio, tinha hirsutas suíças castanhas. Usava óculos de lentes grossas, de aro metálico, que lhe desfiguravam os olhos. O nariz era em bico, o queixo prognato e a pele de um rosa descorado. Abotoara o suéter castanho nas casas trocadas.

Kellog nunca o tinha visto antes, mas Iverson sim, e dera-lhe a descrição completa.

Kellog suspendeu a respiração e dirigiu-se rigidamente à caixa registradora. Soltou o fôlego.

— Olá! — disse o agente de seguros, que reservara a manhã para fazer compras para a esposa.

O homem franzino e míope levantou os olhos, já com um sorriso preparado para agradecer ao comprador.

— Bom dia — respondeu cortês. Desceu do banquinho, pondo as faturas de lado. — Tem algum livro em vista ou prefere dar uma olhadela por sua conta?

— Mr. Fremont, Ben Fremont... ele está?

— Sou eu.

— Ah, que bom encontrá-lo. Estava a procurar lembrar-me se tinha estado antes aqui alguma vez. Muito simpático. Eu devia arranjar mais tempo para a leitura, mas vivo ocupado de mais com esta vida de correr o tempo todo na rua. Lá em casa a leitora da família é a patroa. Compra sempre aqui na loja. Quero dizer, de vez em quando passa por aqui.

— ótimo — disse Ben Fremont. — Então devo conhecê-la de nome...

— Não. Ela só vem uma vez por outra. Pois é. E eu não gosto que ela faça muita despesa. Sabe como são as mulheres.

— Claro, é lógico.

— Em todo o caso, vim cá a pedido dela. Parece que teve um ataque de cálculo renal.

Agora passou; ela já está melhor mas ainda continua no Hospital São João e quer ler um pouco. A gente acaba por se cansar de assistir só à televisão.

— As pessoas estão a ler livros mais do que nunca, graças à televisão — concordou Fremont, muito sério. — Não há nada que se compare com a experiência de um bom livro, como decerto sua esposa sabe.

— Um bom livro — repetiu Kellog. — Sim, é isso que eu quero levar-lhe.

— Bem, olhe, nós temos algo para contentar todos os gostos. Se puder dar-me uma ideia...

Kellog aproximou-se mais do proprietário da livraria.

— A velha lê de tudo. Até sobre história. Mas a maior parte acho que é ficção, romances. Em todo o caso, para o hospital, não creio que precise ser profundo ou triste de mais. Talvez qualquer coisa rápida e fácil de ler, qualquer coisa que seja animada. E recente, tem que ser novidade, para eu não levar nada que ela já tenha lido emprestado. Ontem, à noite, eu perguntei o que é que ela

gostaria... mas apenas respondeu: "Otto, faz-me uma surpresa. E se de fato não conseguires lembrar-te de nada, passa lá pelo Ben Fremont e vê o que ele aconselha." Por isso eu vim.

— Ora, então, tenho a certeza de que se pode encontrar...

— Lógico — interrompeu Kellog, debruçando-se no balcão e baixando a voz —, não creio que ela se importe de que o livro tenha um pouco de realismo. Sabe como é, algo com um pouco de... ora...

— Ah, sim, claro, eu entendo.

— Não me leve a mal. Ela também gosta de coisa difícil, intelectual, mas divertiu-se a valer com o tal Lady Chatterley. Olhe, é este o tipo de assunto estimulante, de verdade mesmo, sabe o que quero dizer? E no entanto era um clássico, só que pelo menos não era uma chatice. Pois lá está ela no hospital e se tiver alguma coisa que seja quase tão boa e recém-publicada...

— Quase tão boa? — Fremont interessou-se logo. — No momento em que descreveu sua esposa, eu ia sugerir uma coisa. Olhe, tenho um livro recém-publicado, uma novidade ótima, que ainda nem foi lançado oficialmente e é dez vezes melhor que Lady Chatterley ou outro clássico no gênero. Talvez mil vezes melhor. Vivo repetindo isto a cada mulher que entra aqui na loja, e não é qualquer livro que eu recomendo. Daqui a duas semanas, sou capaz de apostar, todas as leitoras de Oakwood, de Los Angeles inteira, estarão encantadas com o livro. Fremont apanhou um volume na pilha ao lado da registradora. — Ei-lo. Ela está no hospital? Pois é exatamente o que o médico recomenda.

Kellog começou a tirar os óculos escuros.

— Que é que diz aqui na capa?

Fremont apontou o dedo para o título na sobrecapa.

— Os Sete Minutos, de J J Jadway. Isto é uma coisa que nenhuma mulher jamais há-de esquecer. Vai deixar sua esposa empolgada, totalmente empolgada... e, no entanto, tem valor literário.

— Ah, tem valor literário. Bom. Eu não sei, talvez não seja exatamente...

— Desculpe. Eu confundi-o com essa expressão. Só queria dizer que não é leitura de envergonhar quem está habituado a ler, uma

leitora esclarecida como sua esposa. Muita gente, não sendo esclarecida, não passando de ignorante ou puritana, seria capaz de se indignar com o assunto. Mas quando se conhece a vida, só se pode gostar de um romance como este. Na minha opinião, qualquer obra de Cleland, D. H. Lawrence, Frank Harris, Henry Miller fica parecendo água com açúcar comparada a *Jadway*. Eles não sabem absolutamente nada de sexo, aliás, ninguém sabia, até que *Jadway* aparecesse. Foi ele quem inventou. Inventou para *Os Sete Minutos*, com a diferença de que é um assunto autêntico, que tem mais realidade do que tudo quanto já li.

— O senhor leu o livro?

— Duas vezes. A primeira em Paris. Na edição *Étoile*. Os franceses não queriam que fosse publicado em francês, e os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não queriam que fosse publicado em inglês, de forma que só havia aquela pequena edição especial para turistas em Paris. Depois li esta primeira edição pública, a primeiríssima para o público em geral. Não viu o anúncio grande no jornal de domingo? O livro mais proibido de todos os tempos.

— Porque é que *Os Sete Minutos* foi assim tão proibido? — quis saber Kellog. — Por ser imoral? É esse o motivo?

Fremont franziu a cara.

— O livro foi proibido porque... sim, creio que se pode dizer que foi proibido em todos os países do mundo por ter sido considerado imoral. Até que um grande editor de Nova Iorque teve finalmente a coragem de afirmar: O mundo talvez já cresceu um pouco, ao menos certas pessoas, e já esteja na hora de publicá-lo... porque, seja qual for o epíteto que deram a este livro, imoral ou sei lá o quê, não impede que seja uma obra-prima.

— Como pode um livro ser imoral e, ao mesmo tempo, obra-prima?

— Este é. As duas coisas.

— O senhor considera-o imoral, Mr. Fremont?

— Quem sou eu para opinar? Trata-se apenas de uma palavra como outra qualquer. O que para muita gente é palavrão, outros acham bonito. Vá lá entender-se! Certas pessoas, a maioria talvez,

dirão que é imoral, mas haverá uma porção que achará que vale a pena.

— Leitores esclarecidos, quer dizer.

— exatamente. Que estão a lixar-se para a imoralidade se no fim for boa leitura que lhes dê novos esclarecimentos e compreensão da natureza humana.

— E este livro dá? — perguntou Kellog.

— Sem dúvida nenhuma.

— Apesar dessas proibições? O que é que ele tem? Quero dizer, de que se trata?

— Simples, simplíssimo, como toda a grande arte — respondeu Fremont. — Uma garota, uma moça, deitada na cama, pensando no amor. Em resumo é isto.

— Tanta celeuma só por causa disso? — estranhou Kellog. — Já estava quase a interessar-me, mas explicado desse modo... parece bem chato.

— Chato? Espere aí, ouça o resto. Eu disse que ela está deitada na cama, lógico, mas enquanto fica deitada está a copular, a copular mesmo. E durante o tempo todo ela fica deitada de costas, a pensar, e Jadway mostra à gente o que se passa na ideia dela a respeito do que lhe está a acontecer lá por baixo, e o que ela pensa dos outros homens que teve ou gostaria de ter tido. O modo de descrever... já dá para deixar a gente maluco.

Kellog sorriu.

— Agora melhorou muito. Parece mais plausível. E o senhor acha que é o tipo de coisa que minha mulher vai gostar?

Fremont retribuiu o sorriso.

— Ela nem vai ter tempo de se lembrar da pedra nos rins.

— Qual é o preço?

— Seis dólares e noventa e cinco cêntimos.

— Apre, é caro como burro. Um livrinho tão fino.

— A dinamite também se vende em pequenas embalagens- replicou Fremont. — Isto aqui é dinamite, garantido. O livro nem sequer estará à venda oficialmente antes da semana que vem. Nós recebemos as nossas encomendas aqui na Costa mais cedo e, por isso, tivemos de abrir os caixotes e expor logo os exemplares, devido

à enorme procura depois do anúncio antecipado. Jadway já encabeça a nossa lista de mais vendidos.

— Pode embrulhar. O senhor convenceu-me. — Kellog puxou a carteira. — Tem troco para dez?

— Sem dúvida.

Kellog ficou aguardando enquanto Ben Fremont registrava na caixa, lhe dava o troco e colocava a nota e o exemplar de Os Sete Minutos num saco de papel listrado.

— Desculpe a maçada — disse Kellog.

Fremont sorriu, entregando-lhe o saco listrado por cima do balcão.

— Gosto de compradores exigentes. E aprecio uma boa discussão. É bom para manter a forma. E não se preocupe com o livro. Vai até ajudar a convalescença de sua esposa, pode crer. Passe bem.

No momento em que se viu de novo na calçada, Kellog meteu a mão no paletó desportivo e desligou o botão da caixa debaixo do braço. Dirigiu-se rapidamente ao Ford coupê que o esperava, levantando ao mesmo tempo o saco de papel listrado acima da cabeça. Ike Iverson saltou imediatamente do carro, com um saco semelhante e apressou o passo para se encontrarem diante da joalheria.

— Como se saiu Eubank no banco de trás? — perguntou Kellog.

— O som estava perfeitamente nítido — respondeu Iverson. — Safa, como você se demorou lá dentro!

— Estas conversas literárias não são sopa — explicou Kellog, piscando o olho e sacudindo a compra. — Mas está no papo. Duncan vai ficar contente. Bom. Convém a gente comparar depressa.

Kellog tirou o seu exemplar de Os Sete Minutos do saco listrado. Abriu o livro, achou o papel solto nas primeiras páginas, apoiou a caneta e assinou-o cuidadosamente com as suas iniciais e a data. Quando terminou, Iverson estava a seu lado, segurando também um exemplar de Os Sete Minutos.

— Pronto? Então acabemos já com isto — disse Iverson. — Capa e título conferem, certo?

— Certo.

— Mesmo editor, data de publicação, direitos reservados, certo?

— Certo.

— Mesmo número de páginas impressas, certo?

— exatamente, certo.

— Vamos comparar os trechos marcados no meu livro com as mesmas páginas do volume que você acaba de comprar.

— Está bem — concordou Kellog. Em poucos instantes, os dois compararam meia dúzia de páginas.

— Os mesmos — concluiu Iverson. — Bem, Otto, os livros são idênticos, confere?

— Confere.

— Acho melhor a gente fazer outra visita a Mr. Fremont.

— Pois é — disse Kellog, guardando de novo o exemplar no saco.

— Otto, não se esqueça de ligar o aparelho.

Kellog pôs a mão por dentro do paletó desportivo, apalpou o microfone do gravador portátil Fargo F-600 e comprimiu o botão.

— Já liguei.

Em passo animado e certo, voltaram ao Empório de Livros Fremont e entraram na loja.

Já no interior da livraria, Kellog viu que Ben Fremont continuava atrás do balcão, ao lado da registradora, ocupado em despejar uma coca-cola num copo grande de papel. Kellog tomou a dianteira, com Iverson no seu encalço.

Fremont acabava de aproximar o refrigerante dos lábios quando reconheceu Kellog.

— Oh!, olá, de novo por aqui...

— Mr. Fremont — disse Kellog — ... o senhor é Ben Fremont, proprietário do Empório de Livros Fremont não é?

— Como assim? Claro que sou. O senhor bem sabe.

— Mr. Fremont, nós temos de nos apresentar oficialmente. Eu sou o sargento Kellog, funcionário do Departamento de Costumes da Delegacia Municipal de Los Angeles — mostrou o emblema e depois guardou-o no bolso. — O meu colega aqui é o agente Iverson, também do Departamento de Costumes da mesma Delegacia. O livreiro parecia atônito.

— Eu... eu não entendo — disse, deixando cair o copo e derramando a coca-cola no balcão. — Que aconteceu com...?

— Ben Fremont — continuou Kellog —, considere-se preso por infração do 2º parágrafo do artigo 311 do Código Penal da Califórnia. O Código declara que toda a pessoa que se encarrega intencionalmente de distribuir qualquer matéria obscena comete uma contravenção. De acordo com a alínea a do parágrafo 2º, “obscenidade” significa que, para a pessoa média, aplicados os critérios da comunidade contemporânea, o principal atrativo da obra em questão, tomada em conjunto, é o interesse libidinoso. O que equivale a dizer que a obra ultrapassa os limites costumeiros de franqueza e é totalmente destituída de importância social compensatória. O Promotor Público acredita que o livro Os Sete Minutos de J J Jadway seria considerado obsceno se fosse levado aos tribunais, e por conseguinte o senhor está preso por vender tal livro.

Ben Fremont, boquiaberto, lívido, agarrou-se à beira do balcão, procurando encontrar palavras.

— Espere aí, ora esta, vocês não podem prender-me. Sou apenas um sujeito que vende livros. Existem milhares iguais a mim. Vocês não podem...

— Mr. Fremont — continuou Kellog —, considere-se preso, sem discussão. Para seu próprio bem, não crie complicações. Entreguem-nos todas as faturas que a Sanford House lhe enviou pelos exemplares comprados deste livro. Precisamos de confiscar cada volume de Os Sete Minutos nas dependências da livraria e torná-los sob nossa custódia. Temos também de tirar aquele anúncio da vitrina, bem como qualquer outro material de publicidade referente à obra.

— E eu?

— Pensei que o senhor se lembrasse da maneira de proceder. Não faz mal. Estamos com o carro da Polícia lá fora. Terá de nos acompanhar para ser identificado na Delegacia de West Temple Street.

— Na Delegacia da Polícia? A propósito de quê... a propósito, que diabo, não sou nenhum criminoso!

Kellog ficou subitamente impaciente.

— Por vender uma obra obscena. O senhor mesmo não disse há dez ou quinze minutos...

Iverson adiantou-se à pressa, segurando Kellog pelo ombro.

— Um momento, Otto. Deixe-me explicar ao cavalheiro os direitos que lhe assistem — dirigiu-se ao livreiro. — Mr. Fremont, tudo o que o senhor disse antes de ser preso e tudo o que o senhor está dizendo agora está a ser registrado por um rádio transmissor de que é portador o sargento Kellog e ligado a um gravador de fita magnética que se acha lá fora, no carro da Polícia. O senhor não precisava de ser notificado das suas prerrogativas antes da voz de prisão. Agora, que já se acha preso, cumpro o meu dever de adverti-lo de que não precisa de responder a nenhuma pergunta, que tem direito a permanecer calado, que tem direito à presença de um representante legal. Portanto, agora já sabe. Se quiser fazer alguma pergunta ou responder, é problema exclusivamente seu.

— Não direi mais palavra a nenhum de vocês dois! Que merda!
— esbravejou Fremont.

— Não direi nada antes de consultar o meu advogado!

— Pode telefonar-lhe — avisou Kellog, controlado. — Pode chamar o seu advogado e pedir que vá procurá-lo na sede da delegacia.

A fúria de Fremont desapareceu como por encanto, restando apenas medo.

— Eu... eu não tenho advogado. Quero dizer, nem sequer conheço um. Tenho só contabilista. Não passo de um...

— Bom, o tribunal pode nomear... — começou Kellog.

— Não, não, esperem — interrompeu Fremont. — Agora me lembrei. O representante da editora, o distribuidor local da Sanford House, quando me vendeu os livros disse...

disse que se houvesse qualquer encrenca, era para o chamar no mesmo instante, porque eles iam defender o livro, e o filho de Sanford. o editor, intercederia, conseguindo representante legal para qualquer livreiro. Vou ligar para o distribuidor. Posso?

— Pode ligar para quem quiser-respondeu Kellog. — Mas ande depressa.

Fremont estendeu a mão para o telefone. Mas antes de discar o número, olhou fixamente para os dois agentes. Parecia que uma nova ideia lhe passara pela cabeça e refletia sobre a conveniência de revelá-la. Resolveu falar.

— Escutem cá — disse, com voz trémula —, será que vocês sabem o que estão a fazer?

Pensam que não é nada, não é? Que estão só a prender um pobre livreiro anônimo e que a coisa vai ficar por isso mesmo. Pois talvez se enganem. Sabem o que estão realmente a fazer?

Prendendo um escritor já falecido e o livro dele... prendendo um livro. Algo que um homem tinha que dizer. Estão a prender e a tomar as impressões digitais de uma liberdade, uma das nossas liberdades democráticas, e se julgam que não é nada, então esperem para ver o que vai acontecer...

Foi no percurso do Wilshire Boulevard, a meio caminho entre a banca de advocacia em Beverly Hills, que acabava de deixar para sempre, e o seu apartamento de três peças, em Brentwood, que a compreensão absoluta do que havia acontecido atingiu Mike Barrett com impato total.

Depois de todos aqueles anos de lutas, libertara-se.

Lograra a independência econômica. Estava feito.

Pelo rabo do olho, podia ver a caixa de papelão a seu lado no assento. Uma hora antes, enchera-a de documentos e objetos pessoais acumulados na escrivaninha de noqueira da firma — a escrivaninha que lhe servira de mesa de trabalho durante dois anos de serviço. O conteúdo da caixa, de certo modo, representava o saldo de uma carreira legal decepcionante, frustrada e de segunda categoria, abrangendo uma década dos seus trinta e seis anos de vida. A própria caixa, o simples ato de trazê-la, simbolizava uma vitória que (na mais negra das noites insones e de ódio de si mesmo) tinha quase perdido as esperanças de algum dia obter.

Aquilo pedia comemoração, desfile triunfal, um arco — ao menos uma grinalda. Pois nada disso lhe faltava — estavam ali presentes, na imaginação e no coração. Mas mesmo assim, requeria algum festejo exterior de independência ganha êxito conseguido. Mantendo

firme o volante do carro, com a mão livre desfez o nó da gravata e arrancou-a do pescoço.

A seguir, o colarinho da camisa. Desabotoou-o, abrindo bem as pontas. Sem gravata, em plena hora de almoço de um dia de trabalho. Crime de lesa majestade no reino da Ordem dos Advogados Americanos, a não ser que se seja a própria majestade. Então lembrou-se da frase latina: Rex non potes peccare. Ao rei tudo é permitido.

Deus, que dia lindo. O sol, que beleza. A Cidade dos Anjos, que beleza. O povo nas ruas, seus vassallos, que beleza. Osborn Enterprises, Inc., que beleza. Faye Osborn, que beleza. Todos os amigos, que bei... Não, talvez nem todos... não Abe Zelkin. Abe, que beleza, sim, a amizade de ambos, sim, isso também, excepto que possivelmente já não existiria dentro de algumas horas. Sentiu-se culpado, e uma súbita mancha empanou o rosto da alegria.

Deu-se conta de que Westwood passava do lado de fora do seu Pontiac descapotável, de capota baixa, e de que havia gente nas ruas, as calçadas estavam apinhadas, mas não eram seus súbditos, aplaudindo-o neste grande dia. Eram Abe Zelkin, recriminando-o pela traição.

O Honesto Abe. Que diabo, quem necessita de consciência incômoda quando tem um amigo como o Honesto Abe?

No entanto, por incrível que pareça, a verdade é que fora Abe Zelkin quem plantara a semente que hoje frutificava, a cisão entre Zelkin & Barrett, a união de Osborn & Barrett.

Buscou na lembrança as origens, reavivando-as aos poucos, para completar o sumário antes de pleitear o seu caso perante Zelkin, à hora do almoço.

Onde começara tudo? Na Universidade de Harvard? Não. Lá tinha sido a amizade com Phil Sanford, ao ocuparem o mesmo quarto. Não, em Harvard não, mas algum tempo depois, em Nova Iorque. Não naquele escritório jurídico imenso, mais semelhante a uma fábrica, onde se iniciara, porque não gostava daquela firma, ainda estava interessado em defender os direitos humanos e não os direitos de propriedade, em retrospecto um imaturo idealista, obtuso rústico forense, com uma mecha de cabelo em vez de cérebro. Fora

no lugar subsequente, aquela estufa para flores geradas pela jurisprudência, o Instituto de Utilidade Pública, em Park Avenue, onde o seu salário consistia em remendos de cotovelo para paletós puídos e citações de Cardozo e Holmes sobre a alta finalidade da lei. O Instituto de Utilidade Pública, fundação mantida por vinte grandes corporações industriais como lenitivo para as suas consciências pesadas, onde cada causa decorria da superabundância da União das Liberdades Civas Americanas e onde cada constituinte era o eterno oprimido. Seis anos daquilo, de vida apertada, porque você achava que estava a corrigir alguns males e muitos erros, iludido na ideia de que eram os verdadeiros inimigos, até aprender que não passavam de moinhos de vento artificiais para o conservar entretido em montar um espetáculo de relações públicas para os fundadores do Instituto. Seis anos para descobrir a identidade dos verdadeiros inimigos, para descobrir que o seu trabalho era uma fraude, que a benemerência era um embuste. Seis anos para descobrir a verdade sobre o modo de ser manipulado pelos poderosos. Quando ele e Abe Zelkin finalmente descobriram, retiraram-se da firma.

Tinham-se demitido com um mês de intervalo entre si. Barrett foi o primeiro. O seu desencanto com o Instituto atingiu o auge quando a mãe morreu. Verificou que o novo medicamento administrado para a salvar apressara-lhe realmente a morte. E, como possuía faro canino, não tardou em tomar conhecimento de outras mortes prematuras de anemia a plástica, um efeito secundário ocasionado por esse mesmo medicamento. Indignado, Barrett preparou o esquema de caso legal, encontrou um reclamante adequado e finalmente apresentou um memorando ao diretor-administrativo do Instituto. Nele acusava um dos laboratórios farmacêuticos mais famosos da América, solicitando fundos para uma investigação exaustiva e insistia, se porventura os resultados confirmassem as suas suspeitas, em processar legalmente a fábrica de remédios ou marcar audiência perante a Administração Federal de Comestíveis e Medicamentos. Estava certo de que seria encorajado a prosseguir.

Finalmente o diretor do Instituto mandou chamar Barrett para uma entrevista particular. O diretor falou e Barrett ouviu, assombrado. O seu pedido para se iniciar uma investigação, a ser

continuada por ação judicial ou audiência, fora rejeitado pela junta administrativa. As provas tinham sido consideradas demasiado inconsistentes e, ademais — oh, ademais, simplesmente não era a espécie de caso bem definido em que o Instituto desejasse ver-se envolvido. A incredulidade e espanto de Barrett duraram apenas quarenta e oito horas. Por fim, após discretas averiguações, descobriu a verdade. Um dos grandes patrocinadores e principais contribuintes do Instituto era o próprio laboratório farmacêutico que tentara denunciar.

No dia seguinte, Mike Barrett pedia a demissão do quadro de funcionários do Instituto de Utilidade Pública.

Abe Zelkin, que sofrera decepção semelhante, demitia-se pouco tempo depois.

E então cada um deles tivera de fazer a sua escolha. Barrett lembrava-se perfeitamente. Zelkin foi o primeiro: mudou-se para a Califórnia, sendo admitido na Ordem, e ocupando um cargo na sucursal de Los Angeles da União de Liberdades Civis Americanas.

Barrett, porém, tornara-se cínico de mais pelas realidades da vida, para seguir o exemplo de Zelkin. De modo que optou por algo bastante diverso. Quando não se pode lutar, a gente alia-se. Aliou-se ao mundo do poder, dos grandes negócios, das grandes administrações. Se queria continuar como benemérito, iria concentrar-se em praticar o bem de uma só pessoa: ele mesmo. O nome do jogo dos adultos era “dinheiro”. Também seria adulto. Significava dizer adeus a todos os salários de oito mil dólares anuais e às gratificações de seja-fiel-a-si-mesmo. E dar boas-vindas a uma nova vida de dezoito mil dólares anuais e a um objetivo diferente, que era: tornar-se, por todos os meios — por osmose, por prática, por associação — um dos Tais, um dos poderosos.

A vida nova começou com um cargo de sócio secundário de uma vasta banca de advocacia na Madison Avenue — uma colmeia de quarenta advogados — especialistas em tratar de sociedades anônimas. Tinham sido dois anos tediosos. O trabalho era técnico, pesado, monótono. Raramente encontrava oportunidade de falar com um constituinte e nunca entrara numa sala de tribunal, a arena que tanto apreciara em seus dias de Instituto.

Esperavam que aplicasse as suas horas livres em participar de atividades cívicas e culturais nova-iorquinas. como prescreviam os decanos da firma. As oportunidades de progresso econômico significativo eram escassas. E como se sentia miserável, irrequieto e mal-humorado, levava também uma vida social limitada e pobre. Tivera duas relações amorosas, a primeira com uma bonita morena divorciada, a segunda com uma ruiva inteligente, manequim de modas, e embora ambas houvessem sido fisicamente satisfatórias, não o satisfizeram em nenhum outro sentido. Como se entediava consigo mesmo, entediava-se também na companhia alheia.

A sua situação começou a ficar mais clara. Tentara passar para o outro lado — para parar de os combater, para se aliar a eles — para se transformar num deles. Ah, eles acolhiam cada Fausto de braços abertos, aliciando com deslumbrantes promessas, permitindo que todos comessem brioques em lugar de pão — e depois designavam-nos para trabalhos forçados na masmorra da lei das sociedades anônimas, consolidações de empresas e arrecadações de impostos; e jogavam a chave longe. Sim, ficou mais clara. Podia servir os poderosos, mas não era fácil aliar-se a eles — porque não havia lugar suficiente lá em cima. Porque alguém tinha de os servir e porque a magia que irradiavam era realmente inassimilável. Ou pelo menos assim parecia a Barrett, no auge do desespero, naquela época.

Precisava de uma mudança drástica e, um dia, a possibilidade de mudar apresentou-se. Numa das cartas que lhe escrevia mensalmente, Abe Zelkin mencionou os vários cargos bem remunerados que se ofereciam a advogados hábeis e experientes em Los Angeles. O próprio Zelkin recebera diversas propostas, sem aceitar nenhuma, embora reconhecesse que uma ou duas tinham sido magníficas e até fascinantes. A sedução da Califórnia, a partir de então, cresceu na imaginação de Barrett e, pouco tempo depois, tomava a decisão e fazia as malas.

Aprovado no exame da Ordem da Califórnia, em questão de meses encontrava-se instalado num pequeno, mas esplendidamente decorado gabinete, como um dos catorze advogados que trabalhavam para o êxito da firma de administração de empresas de

Thayer e Turner, em Rodeo Drive, Beverly Hills. Todos os clientes eram célebres ou ricos, ou as duas coisas juntas, e a proximidade do êxito mais uma vez deixou Barrett com esperanças de ganhar dinheiro a rodo. Contudo, depois de quase dois anos de trabalho duro, extenuante, no seu escritório, na biblioteca legal da firma, nos tribunais e nos gabinetes de constituintes opulentos — durante os quais se especializou gradativamente em leis de arrecadação tributária, Barrett chegou, aos poucos, à conclusão de que não pertencia ao número dos que estavam marcados para vencer na vida.

Possuía vários predicados e mostrava-se friamente objetivo sobre eles. Não era bonito na acepção clássica do termo, certo, mas tinha um rosto másculo, rude.

Descendente de polacos, irlandeses e galeses, tinha a cara áspera, marcada apenas por rugas severas, leves resquícios de cenhos franzidos e olhos espremidos, frutos de pessimismo e desenganos (como os de um ágil pugilista meio-pesado, ligeiramente envelhecido, que começasse a ser esmurrado com maior frequência e ainda estivesse nas semifinais). O cabelo era preto, emaranhado e fosco, os olhos inquietos e errantes, o nariz curto e recto, as faces cavas, o queixo quadrado. Media pouco menos de metro e oitenta, com ombros flexíveis e caídos, o corpo rijo de um nadador. De aspecto descontraído, negligente e despreocupado, representava a própria imagem da indolência, mas, como todo o homem, sabia que havia outro por dentro: alerta, tenso, agachado, um corredor à espera do tiro de partida. Só que o tiro nunca vinha.

No trabalho, Barrett era sério, esforçado, calmo, perseverante. Quando queria, sabia ser simpático (quando não carrancudo), pois era dotado de razoável senso do ridículo e com forte tendência para o humor sardônico, além de ter um instinto infalível para perceber as reações alheias e compreender os móveis dos seus comportamentos. Falava com facilidade e fluência, se o assunto lhe interessava, o que já não acontecia com frequência. Em matéria de cultura, ultrapassava o nível do leitor comum de Sir William Blackstone. Pretendera formar-se em literatura inglesa, mas também se inclinava para o lado prático, e o direito oferecia horizonte mais

amplo. Aliás, possuía duas qualidades raras, de grande utilidade no exercício da profissão jurídica. A primeira consistia numa memória quase anormal. A exemplo de predecessores mais ilustres, como o rabino Elias, da Lituânia, que decorou o texto completo de dois mil e quinhentos volumes eruditos, inclusive o Talmude e a Bíblia, e o Cardeal Mezzofanti, conservador da Biblioteca do Vaticano no século XIX, que aprendeu 186 idiomas e setenta e dois dialectos, o olho de Barrett parecia uma câmara escura, captando para sempre o sagrado e o profano, o importante e o trivial, e registrando-os no cérebro, guardados ali para referência e lembrança imediatas. Podia, se lhe pedissem, recitar a maior parte do Código de Hamurabi, a sentença de Dred Scott, o testamento de Shakespeare e o epitáfio de Sir John Strange (“Aqui jaz um advogado honesto, o que não deixa de ser estranho”) (O trocadilho é intraduzível sem sacrificar o nome próprio.). A segunda qualidade era um espírito ávido, artiloso, que apreciava mistérios, charadas, jogos, todos os fenômenos inextricáveis de Charles Fort. Sabia-se talhado para a profissão jurídica e sentia-se estimulado pela promessa de reptos imprevistos. Comparada ao direito, a literatura servia apenas de derivativo, um degelo do passado.

No entanto, embora os predicados superficiais fossem evidentes, as carências ocultas, ou certas deficiências, também o eram, sem discussão, sem sombra de dúvida, sobretudo quando refletia, a esse respeito, às três da madrugada. Ele tinha talento para as funções que exercia, faltava-lhe, porém, agressividade econômica e social. Apesar de criativo, não sabia impor-se com a autopromoção suficiente para reclamar os louros que lhe eram devidos. Tinha excesso de solicitude e inteligência, talvez até em detrimento próprio, para se definir publicamente como pessoa ou no papel que desempenhava. Nem extrovertido nem introvertido, mas ambivertido, revelava-se ao mesmo tempo intrépido e empreendedor, indeciso e retraído. Presumia que a queda que sofrera da sua árvore genealógica o deixara com a vaidade ferida.

Barrett duvidava de que os decanos da firma, Thayer & Turner, alguma vez o tivessem considerado como personalidade notável, como indivíduo insubstituível. E o pior — sim, o pior de tudo, o seu

segredo íntimo — era que não acreditava no que fazia. Não acreditava que fosse importante (além do sustento confortável que lhe proporcionava), e, secreta ou não, essa ausência de compromisso talvez houvesse sido captada pelos radares invisíveis dos empregadores. Era como se — ora, que inferno, como se Henry David Thoreau tivesse, finalmente, aceite um emprego de advogado em questões fiscais. Era exatamente isso. Assim mesmo.

Chegara à conclusão, há alguns meses, de que se achava num beco sem saída. O trabalho tornara-se tão cansativo e rotineiro como acordar todas as manhãs, e Los Angeles era, como alguma alma gémea certa vez definira, apenas uma maldita sequência ininterrupta de dias bonitos. Em desespero de causa, passou até quatro sessões consecutivas de cinquenta minutos cada uma no divã de um psicanalista, sem conseguir dissipar a sensação de futilidade. Não estava interessado em discutir a mãe e o pai já falecidos, nem tão-pouco esmiuçar o Id e o Ego feridos, e cancelou a quinta hora marcada.

Depois, da noite para o dia, como se o nevoeiro se houvesse desfeito para revelar um pote de esperança na ponta de um arco-íris, ocorreu um pequeno milagre. E, ao cabo de poucas semanas, surgiu uma revelação mais espantosa, um milagre ainda maior, e o pote de esperança transformou-se em mina de ouro.

O primeiro, a esperança, viera de Abe Zelkin. A essa altura, Zelkin já era elemento conhecido na comunidade local, com relações influentes, tendo decidido demitir-se da União de Liberdades Civis Americanas e abrir escritório por conta própria em Los Angeles.

Havia promessa certa de constituintes, o tipo de constituintes como Scopes e Vanzetti com que ele e Barrett outrora sonhavam, e casos que enriqueceriam suas vidas, embora não as carteiras, oportunidades importantes e inacabáveis de enfrentar a injustiça, a impiedade e a intolerância. Para abrir escritório, Zelkin precisava de um sócio. E escolheu Barrett.

A oferta para voltar a ser jovem, fazer boas obras, encher cada dia de significado empolgara Barrett. Seria independente. Estaria vivo. Ajudaria o próximo. Teria tudo — menos o que durante tanto

tempo julgara prezar acima de tudo: a riqueza, que também se traduz por poder.

Barrett mostrou-se interessado, muito interessado, mas ficou hesitante. Precisava de refletir. Não queria mais dar passos em falso e não podia enganar-se. No entanto, sim, a ideia de Zelkin & Barrett era boa. Zelkin & Barrett, Consultores Jurídicos, Especialistas em Idealismo — não custava tentar. Zelkin disse que não havia pressa, porque devia ainda liquidar uma série de causas. Quando estivessem solucionadas, perguntaria a Barrett de novo, e se Barrett aceitasse, mandariam fazer a plaquinha.

Este foi o pote de esperança de Zelkin. E quatro semanas depois, como uma visão inesperada, surgiu a mina de ouro de Osborn. Só então Barrett percebeu que triunfara finalmente.

Com surpresa, acordou das lembranças do seu passado recente, para descobrir que virara automaticamente a esquina do Wilshire Boulevard e entrara no San Vicente Boulevard, estando já quase em casa. Na Barrington Avenue, dirigiu o descapotável, rumo ao Torcello (o proprietário jamais conseguira esquecer aquela lua-de-mel na Itália), o prédio de seis andares construído ao redor de um pátio espanhol com piscina, onde tinha alugado um apartamento de três peças depois do primeiro ano em Los Angeles.

Chegando ao prédio, Barrett desviou o carro para a cavernosa abertura ao lado do caminho de entrada e desceu à garagem subterrânea. Faltava ainda uma hora para o encontro com Abe Zelkin. Dava tempo de sobra para tomar outro banho, vestir um fato mais leve e ensaiar o que pretendia dizer a Zelkin.

Desceu do carro, abaixou-se e tirou a pesada caixa de papelão que continha o seu passado e, com passo rápido, encaminhou-se para o elevador. Viu-se levado suavemente ao terceiro andar do Torcello. Cruzou o corredor, abriu a porta do seu apartamento, guardou a caixa num canto escuro do armário de hóspedes e depois ligou para a telefonista.

As persianas da sala estavam fechadas para não entrar sol, formando um ambiente agradável. O quarto parecia menos seu e menos confortável do que já fora, embora tivesse de reconhecer que ficara mais elegante. Por obra de Faye. Como tantas mulheres ricas

com tempo para perder, dedicava-se à decoração de interiores. Quando pusera os olhos pela primeira vez naquele apartamento mobilado, estremeceu. “O gosto que estes senhorios têm. Que nome deram a este estilo? San Fernando Valley primitivo?” Não tardou muito, o sofá sem graça, almofadado, do proprietário, foi substituído pela reprodução cara de um austero Chippendale com encosto que lembrava o dorso de um camelo. As paredes também foram revestidas de sisal, a iluminação ficou indireta, e uma escrivaninha de tampo corrediço dos últimos anos da era vitoriana, junto com uma cadeira rústica francesa, de nogueira e bambu, dominavam um recanto. Depois da primeira investida, a invasão do bom gosto continuara. Sujeitara-se a uma mesa de café de vidro-e-aço, baixa de mais para ter qualquer espécie de utilidade, a não ser como um objeto propício a esfolar-lhe as canelas e terminar de acordá-lo por completo de manhã. Em data mais recente, o telefone, de maneira totalmente inconveniente, sumira-se da vista, dissimulado por um escrínio de madeira entalhada que a Alameda dos Decoradores do Robertson Boulevard conseguira importar da Swiss Village em Paris. Em cima do escrínio havia um abajur e duas frágeis figurinhas de Limoges. Sempre que ficava sozinho, Barrett invertia a posição das estatuetas e do telefone.

Tirando o telefone do escrínio, Barrett substituiu-o pelas estatuetas, deixando-o encostado ao braço redondo do sofá, e discou para a telefonista da portaria.

— É Mike Barrett. Alguém ligou para mim?

— Ah, ainda bem que o senhor chegou. Mr. Barrett. Houve dois telefonemas interurbanos, urgentes, na última meia hora. Ambos da mesma pessoa. Um tal Mr. Philip Sanford, de Nova Iorque, Ele queria que o senhor ligasse para lá assim que chegasse.

Deixou o número do escritório e o da residência.

— Vejamos. São apenas três e vinte em Nova Iorque. Experimente o do escritório.

Levantando-se do sofá, despindo a camisa e atirando-a de lado, foi preparar um sumo de frutas na pequena cozinha. Enquanto enchia o copo, pôs-se a pensar em Phil Sanford. Estranhava duas coisas nos dois telefonemas consecutivos. Sanford passava muito

tempo sem comunicar com ele, e quando o chamava, poucas vezes por ano, era sempre à noite. Além disso, as ligações eram sempre despreocupadas, sem pressa: a necessidade de um amigo solitário de estabelecer contato numa reafirmação de amizade. O pobre Sanford contava com um mínimo de carinho da mulher e absolutamente nenhum do pai tirânico.

Mas os telefonemas desta manhã, pelo visto, não tinham sido por cortesia social. Diziam-se urgentes. E agora Barrett perguntava-se por quê.

Tomando o suco de frutas, Barrett pensou no velho amigo e na amizade que os unia, amizade mais antiga, mas menos agradável do que a que tinha por Abe Zelkin. Depois de Harvard, quando tanto ele como Philip Sanford tinham ido para Nova Iorque, ele para se transformar num benemérito desiludido, Sanford para se dedicar à famosa editora paterna, os dois ex-colegas de quarto costumavam encontrar-se com regularidade. Não só simpatizava com Phil como lhe devia muitos favores, por tudo que fizera durante o ano em que Barrett passara dificuldades com a mãe. Mesmo após o casamento de Phil Sanford, Barrett continuou a ver o amigo uma vez por semana, quando almoçavam juntos no Baroque Restaurant ou iam assistir, ocasionalmente, a algum acontecimento desportivo no Madison Square Garden. Mudando-se para a Califórnia, Barrett, desde então, encontrara-se com Sanford apenas meia dúzia de vezes. Essas ocasiões não lhe haviam causado nenhum prazer. Phil Sanford parecia sempre taciturno quando falava sobre a mulher e os dois filhos. Mostrava-se desalentado com a Sanford House, que o pai dirigia com mão de ferro.

Mas a última vez que Barrett conversara com Phil Sanford, há apenas três meses, mais ou menos, quando tivera de tomar o avião para Nova Iorque para tratar de um negócio urgente e os dois tinham jantado juntos no Salão de Carvalho, no Plaza, o encontro tornara-se mais alegre do que de costume. A vida de Sanford mudara radicalmente nos meses que antecederam essa reunião com Barrett. Pela primeira vez, viera-lhe uma oportunidade de provar o seu valor. Embora estivesse cheio de angústias, estava também cheio de entusiasmo.

Aquele gigante da publicidade, Wesley R. Sanford, pai de Philip, fora vitimado por um ataque súbito. Embora não houvesse sido violento, servira de advertência suficientemente forte para o obrigar a aposentar-se. Aos olhos do colosso grisalho abatido, a Sanford House, por tanto tempo descobridora e incentivadora de escritores agraciados com o Prêmio Nobel de literatura, com o Prêmio Pulitzer, o Prix Goncourt, era agora uma editora acéfala. Phil Sanford, o único herdeiro, fora sempre tratado com condescendência, e até desdém, pelo poderoso pai. Era como se o gigante que se fizera por si mesmo sempre houvesse sabido que não poderia engendrar outro à própria imagem e semelhança.

Considerava o filho como um pigmeu, pusilânime e incompetente, um fracasso total. Essa fora a Cruz de Phil, e o fato de ter sofrido semelhante tratamento durante tanto tempo sem tomar a iniciativa de se estabelecer por conta própria acabara por contagiar a esposa, que também passara a considerá-lo pusilânime e covarde.

O rumor de que Wesley R. Sanford deixara um próspero negócio editorial, sem herdeiro satisfatório, espalhou-se rapidamente pelos círculos editoriais até chegar aos ouvidos de Wall Street. Grandes complexos de comunicações, conglomerados em busca da diversificação dos seus valores mobiliários, mostraram interesse em comprar a firma, com o seu valioso acervo de autores e nome de prestígio. Restabelecendo-se apenas em parte do ataque, Wesley R. Sanford, segundo se dizia, estava disposto a vendê-la. Foi então que o filho se aproximou da cabeceira do pai e, pela primeira vez, implorou uma oportunidade.

Seja porque a doença privara o gigante convalescente de firmeza de ânimo ou seja porque estivera à espera de que o herdeiro fizesse um apelo desse gênero e ficara impressionado.

Wesley R. Sanford prometeu, em termos ásperos, conceder a oportunidade pedida.

Philip Sanford recebeu dois anos de prazo para provar que era editor capaz e independente. Se nesse período mantivesse a firma solvente, conservando e expandindo o seu prestígio, ela continuaria pertencendo à família, com Philip no cargo de presidente e eventual

proprietário. No entanto, se a sua orientação se manifestasse defeituosa, seria destituído da diretoria, e a casa editora vendida por completo, inclusive o acervo existente, a uma das indústrias de comunicações que a cobiçavam.

Desacostumado de tomar decisões e impor autoridade, Philip Sanford começou mal.

Dos vinte livros iniciais publicados sob a sua direção no primeiro ano, a maioria foi um fracasso, e o resto apenas deu para cobrir as despesas ou render um lucro irrisório.

Nenhum podia alegar qualquer mérito nem figurar na lista dos mais vendidos. Nenhum provocaria uma grande venda subsidiária capaz de atrair os clubes literários ou as reedições de bolso. Finalmente, com a coragem oriunda do puro desespero, Philip Sanford fez um esforço para fugir à sombra paterna e tornar-se dono do próprio nariz. Resolveu publicar o que lhe agradava e não o que julgava que o pai publicaria. Adquiriu os direitos de um romance que lera e admirara durante uma travessia marítima entre Le Havre e Nova Iorque, um livro que nunca tinha recebido licença para ser publicado abertamente em qualquer nação de língua inglesa no mundo. Era uma obra chamada Os Sete Minutos e da publicação e êxito desse romance dependia todo o futuro de Philip Sanford.

Quando Barrett jantara em sua companhia em Nova Iorque aquela última vez, Sanford mostrara-se maníaco sobre as possibilidades do livro. Pela primeira vez na história da literatura moderna, insistia, havia clima propício à aparição de tal obra. Um mundo ocidental que finalmente aceitara O Amante de Lady Chatterley e Fanny Hill estava suficientemente maduro para aceitar Os Sete Minutos. O livro já se achava no prelo. O interesse das livrarias crescia cada vez mais. Prometia ser um êxito louco. E então Sanford teria a sua casa editora, o seu refúgio, o seu futuro e seria, enfim, dono do próprio nariz. A maior parte da noitada fora consagrada a discutir a sobrevivência de Phil. Só nos últimos dez minutos é que se interessou pela vida de Barrett. Queixara-se da carreira rastejante que tinha com Thayer & Turner. E mencionara como únicos paliativos a proposta de Abe Zelkin e a afeição que sentia pela filha de Willard Osborn.

E agora, de repente. Philip Sanford queria falar-lhe urgentemente. Levando em conta o que sabia da vida de Sanford, que poderia haver de urgente que lhe pudesse dizer respeito?

O telefone a seu lado começou a tocar.

Tirou-o do descanso.

— Alô?

— Mike? — era a voz de Sanford. Nenhuma secretária ocupara antes a linha, o que indicava urgência. — É você. Mike?

— Quem mais havia de ser? Como vai, Phil? Desculpe por não me ter encontrado.

Cheguei mesmo agora. Como vão as coisas?

— Se você se refere à família, tudo na mesma, como sempre. Trata-se de algo diferente. É assunto de negócios. Mike. Não imagina o meu alívio por ter ligado em seguida.

Barrett notou logo o tom da voz de Sanford: nervoso, aflito.

— Você dá-me a impressão de que aconteceu qualquer coisa de grave. Se houver algo que eu possa...

— Pode, sim. Você pode ajudar-me.

— Então, fale.

— Mike, lembra-se quando estive aqui a última vez e eu disse que me estava a sair mal com a primeira lista de livros, os livros meus, não as sobras de estoque de Wesley R.?

Barrett lembrava-se de que Sanford sempre se referira ao pai, Wesley R. Sanford, como Wesley R. Jamais conseguira chamá-lo papá.

— Sim, mas você mostrou-se otimista...

— exato. Por causa de um livro que eu tinha no prelo. Os Sete Minutos, de J J Jadway.

Estava a arriscar tudo nele. Tudo ou nada. Lembra-se?

Barrett fez que sim ao telefone.

— Perfeitamente. O romance que ninguém se atreveu a publicar durante trinta e cinco anos. Vi o anúncio de lançamento no domingo passado. Tremendo.

A voz de Sanford tornou-se ansiosa.

— Você viu o livro, não foi? Mandei-lhe um dos primeiros exemplares por via aérea.

Com ar culpado, os olhos de Barrett percorreram rápido o quarto de dormir. Ele tinha recebido o exemplar antecipado de cortesia há cerca de três semanas e o livro continuava fechado em cima da mesa-de-cabeceira da cama de casal. Tencionava lê-lo, a fim de poder escrever ao amigo um bilhete de agradecimento e estímulo, mas tanta coisa se passara desde então que nunca chegou a fazê-lo. As eternas boas intenções.

— Recebi, sim, Phil. Está do lado da minha cama. Cada dia que passa prometo-me escrever para lhe agradecer, desejar felicidades, mas ando atolado num milhão de coisas. Li tudo meio à pressa, e acho que o livro é exatamente o que você disse. O assunto é brutal, vai ter um êxito doido.

— Vai mesmo — afirmou Sanford. entusiasmado. — Está a preparar-se para ser o maior êxito do ano, talvez da década inteira. Você não faz ideia, do que está a acontecer com os distribuidores e as livrarias. Faltam ainda vários dias para a publicação oficial e já estamos a tirar uma segunda edição. Temos duzentos mil exemplares no prelo e já despachamos cento e trinta mil. Compreende o que isso significa. Mike? Que diabo, você entende de sobra do comércio de livros de tanto me ouvir falar no assunto. Veja, por exemplo, o romance comum. Se for livro de estreia, e o de Jadway é-o, foi o único que ele escreveu, aliás, bem, talvez se imprimam quatro mil exemplares para começar, e talvez os distribuidores consigam colocar dois mil antes de a obra ser publicada, sendo despachados em consignação... se não forem vendidos, podem ser devolvidos... e talvez dentro de seis meses ou um ano a gente acabe por vender setecentos e cinquenta exemplares. Este é um aspecto do comércio de livros, por trás do alarido dos críticos e dos anúncios de que o público nem toma conhecimento. Mas de vez em quando, de tantos em tantos anos, se a gente tem sorte, pega-se num negócio de arromba, um romance de estreia que sai a chispar que nem avião a jato. É o caso de Os Sete Minutos. Claro que já vinha com toda a propulsão preparada. Aquela série de proibições sem fim. Essa conversa de ser imoral, o que ele não é. Agora, pela primeira vez em trinta e cinco anos, as pessoas poderão constatar por si mesmas. Portanto, temos

encomendas para cento e trinta mil exemplares e esperamos receber para o resto dos duzentos mil. uma semana depois que o livro tiver saído. E isto é apenas o começo, Mike. Quando estiver exposto em toda a parte. e à venda, e as pessoas passarem a comentar, a discutir, a propaganda de boca fará o negócio pegar fogo. Pode-se chegar a trezentos ou quatrocentos mil exemplares em poucos meses. E isso ainda não é nada. Vamos abrir concorrência para as reedições de bolso. Depois de o tornarmos respeitável, mostrando que foi aceite, vão disputar os direitos de reimpressão como se fosse leilão. O que talvez signifique um milhão de dólares para iniciar, sem contar as futuras vendas e direitos autorais, e não esqueça que Sanford House, a editora, fica com cinquenta por cento da renda das edições de bolso. Entende o que quero dizer, Mike? Não há limite.

Você sabe quanto já rendeu O Amante de Lady Chatterley, segundo as últimas estimativas?

Encadernado e em brochura, já se venderam mais de seis milhões de exemplares, e decerto anda próximo dos sete milhões nesta altura. Pois é o que temos nas mãos agora, talvez até mais, muito mais, com Os Sete Minutos. E você conhece a minha situação, Mike. Isto fará com que Wesley R. não se levante da cama, doente como está, e nunca mais interfira nos meus negócios. Sabe o que isso significa para mim, Mike. Fora da minha família não há ninguém que saiba disso melhor do que você.

A torrente quase histórica de palavras parou abruptamente. Ouvia-se apenas a respiração ofegante do outro lado do telefone transcontinental.

— Sei, sim — disse Barrett. Depois ficou em dúvida. — Parece que você está com um êxito certo nas mãos.

— E estou mesmo, Mike... se nada sair errado.

Sem refletir, quase automaticamente, Barrett começou: — Mas o que poderia eu...

— A censura — interrompeu Sanford. — Perco tudo, se a Polícia não deixar as livrarias venderem o livro, nem as pessoas comprarem. Se isso acontecer, não só não terei um êxito como será um desastre completo. Wesley R. me chutará daqui nessa mesma hora e a minha querida Betty fará o mesmo. Perderei o negócio e os meus filhos.

Não ficarei com coisa alguma, salvo o fundo de garantia que minha mãe me deixou e que não dá para manter um homem vivo, pode crer, Mike. Não dá.

Barrett começou a ficar levemente irritado com os presságios do amigo.

— Phil, você está com um ótimo negócio nas mãos. portanto para que antecipar desastre quando não há a mínima possibilidade de haver nenhum? Censura? Duvido.

Estamos vivendo hoje numa época diferente. Tudo é feito às claras, em cima da mesa.

Toda a gente sabe que a Rainha tem pernas. Para dizer a verdade, eles sabem que ela tem muito mais do que isso. Você pode comprar Fanny Hill em qualquer prateleira de drogaria.

Lembra-se quando alugávamos cópias mimeografadas no colégio? Lembra-se daquele trecho que dizia “essa deliciosa fenda de carne, onde se avolumavam agradáveis tufos de cabelo, repartindo-se e apresentando a mais sedutora abertura”? E Lady Chatterley, lembra-se de Connie “envolvendo as estreitas nádegas brancas do amante com os braços e atraindo-o para ela, de modo que os seios salientes, balouçantes, tocassem a ponta do falo excitado, erecto”? E disso venderam-se — quanto foi que você disse? — seis a sete milhões de exemplares. Hoje o negócio é assim e assim será durante muito tempo, talvez para sempre, a não ser que as pessoas se cansem da verdade e a gente retroceda à época do asterisco outra vez. Mas não agora. As pessoas não se assustam tanto com o sexo, especialmente quando é apresentado com talento...

— O livro de Jadway não foi proibido só por causa de sexo — interrompeu Sanford. — É que certas passagens fortes são sacrílegas.

— Se são ou não são, pouco me interessa — retorquiu Barrett. — Uma porção de gente que entende do assunto e leu o livro em segredo proclamou publicamente que é obra de arte. Não crie problemas que não existem.

— Espere aí, Mike, é justamente sobre isso que eu quero falar. Foi por isso que andei atrás de você. Imagine que...

Uma súbita desconfiança se apossou de Barrett. O seu amigo costumava viver no futuro, prevendo êxito futuro, problemas futuros, talvez aconteça isto, talvez aconteça aquilo, tal como muita gente vive no passado. Era um dos defeitos mais irritantes de Sanford, pois o impedia de falar francamente sobre o presente.

— Um momento, Phil — atalhou Barrett. — Você esteve a repetir, sem parar, que a coisa ia ser um estouro, se nada atrapalhasse.

Fez uma pausa.

— Há alguma coisa que atrapalhe? Houve um silêncio curtíssimo.

— Há — respondeu Sanford.

— Porque é que não disse logo?

— Eu estava a procurar explicar como tudo isso é importante para mim.

— O que aconteceu? — quis saber Barrett.

— Um dono de livraria aí em Los Angeles foi preso há duas horas, porque vendeu Os Sete Minutos, Talvez eu esteja a exagerar e a fazer estardalhaço, de puro nervosismo.

Provavelmente é uma coisa sem importância. Mas gostaria de me certificar de que é só isso e mais nada.

— Está bem. Conte.

— O nosso distribuidor aí na Costa recebeu um telefonema desesperado de um dono de livraria... deixe-me ver, tenho tudo anotado aqui... um tal Ben Fremont, proprietário do Empório de Livros Fremont em Oakwood, sei lá onde fica isto.

— Oakwood é um bairro residencial de classe média superior, mais ou menos grande, na parte oeste de Los Angeles, entre Westwood e Brentwood, e a cidade de Santa Mônica, a cerca de dez minutos daqui. Não está incorporado, nem faz parte da cidade, mas pertence ao município. Muito bem, que mais aconteceu?

— Fremont tem um bom contabilista, mas a livraria é modesta e ele não possui advogado. Por isso, telefonou ao nosso distribuidor para pedir ajuda, em busca de proteção e naturalmente temos de dá-la. O distribuidor ligou para mim e eu para você.

Parece que lá em Oakwood existe um grupo chamado LFD, a Liga da Força pela Decência... um desses nomes farisaicos... cujo presidente, uma tal Mrs. St. Clair, leu o livro e apresentou queixa

imediate ao Promotor Público de Los Angeles. Acho que pertence à jurisdição dele...

— exato. A Promotoria Pública e a Delegacia de Polícia de Los Angeles estão encarregadas das regiões não incorporadas.

— Pois o Promotor recebeu o protesto de Mrs. St. Clair e, por sua vez, mandou uma carta ao Delegado a solicitar investigação imediata e, depois que reuniu todos os dados, preparou a sua acusação criminal e pediu que dois agentes da Polícia de Costumes fossem prender Ben Fremont hoje pela manhã. Eles confiscaram todos os exemplares de Os Sete Minutos que Fremont ainda tinha à mão. Oitenta, mais ou menos.

— Continue. Houve mais alguma coisa?

Sanford recapitulou rapidamente os poucos fatos esparsos sobre a prisão que Fremont transmitira ao distribuidor da companhia.

— Há já várias horas que Fremont está na cadeia, à espera do pagamento da fiança —

prossegiu Sanford. — Farei tudo para que seja paga imediatamente. Pretendemos cobrir todas as despesas que surgirem. Eu poderia mandar um dos nossos advogados até aí, mas isso demora e, além do mais, eles não conhecem as leis da Califórnia. Preciso de alguém em Los Angeles que possa agir sem demora e que conheça os expedientes locais. E que compreenda o risco que estou a correr. Mike, não posso permitir que uma ninharia dessas atinja proporções calamitosas. Quero resolver tudo discretamente e sem perda de tempo.

Depois o comércio de livros ficará a saber que defenderemos cada livreiro e cada exemplar.

Aí então ninguém mais hesitará, vendendo o livro sem preocupações. Talvez ocorram mais uma ou duas prisões parecidas. O que nós temos de fazer é dar ao livro uma possibilidade de começar a vender-se nas grandes livrarias e filiais das maiores cidades. Depois de algumas semanas ou meses, quando já tiver ampla aceitação pública, nenhuma intervenção para obrigar o cumprimento da lei se preocupará em nos atrapalhar. Ficaremos garantidos.

É por isso que eu quero anular as pequenas prisões incômodas logo de início, antes que as principais livrarias entrem em pânico. Quero resolver isso de imediato, discretamente, com a menor repercussão possível pelos jornais. Lógico que pensei em você, Mike. Sei que tem um emprego, mas se pudesse...

— Larguei Thayer & Turner hoje de manhã, Phil. Ando com algo muito maior em vista. Noutra ocasião, pô-lo-ei a par. Acontece apenas que estou livre. E gostaria de deitar mãos à obra.

— Ótimo! Que bom, Mike. Precisava de alguém em quem pudesse confiar, alguém que compreenda a importância que o negócio tem para mim. Estou certo de que você resolve esse problema da noite para o dia.

Barrett tinha encontrado a caneta e um bloco de rascunhos.

— Você diz que o tal Ben Fremont está preso na cadeia do centro? Teremos de levantar a fiança para o tirar ainda hoje. O que é que pretende alegar?

— Quer dizer, culpado ou inocente?

— É. Se ele alegar inocência, isso implica um processo.

— Santo Deus, não. Quero tirá-lo da enrascada o mais depressa possível, com a maior discrição, para que os outros livreiros tenham a certeza de não precisarem de preocupar-se, e ao mesmo tempo evitar ao máximo qualquer tipo de publicidade.

— Então alegaremos que ele é culpado. Agora, ao que me lembro, quando se é condenado por distribuir material pornográfico na Califórnia, e se trata de primeiro delito, pratica-se uma mera contravenção. Pode-se ser multado em mil dólares, mais cinco dólares por unidade de material apreendido. Fremont tinha oitenta livros, o que portanto representa outros quatrocentos... mil e quatrocentos dólares. E ainda se pode apanhar seis meses de cadeia. A reincidência já implica em crime... dois mil dólares de multa, mais os quatrocentos, e ficar na prisão por um ano. É o primeiro delito de Fremont?

— O segundo, Mike, o segundo. Ele já foi preso uma vez... não sei há quantos anos, nem ele mesmo se lembra bem... quando tinha uma livraria menor, no centro de Los Angeles. Creio que era coisa de revista então. Se isso agora é crime, significa um ano inteiro na

cadeia? Eu não posso deixar que um livreiro que venda o nosso livro fique preso assim tanto tempo.

— Olhe, é isso ou alegar que ele está inocente e enfrentar julgamento público — disse Barrett.

Sanford gemeu:

— Pior a emenda que o soneto.

— Existe outra possibilidade — disse Barrett. — Se essa prisão não tiver excesso de publicidade...

— Não acredito que venha a ter.

— Pois se não tiver, posso solucionar o negócio todo com rapidez e discrição. Entro com a confissão de culpa, pago a multa e dou um jeito para suspender a sentença.

— Seria perfeito!

— Acho que se pode arranjar. Temos um Promotor Público aqui, agora, chamado Elmo Duncan... que é o tipo de pessoa decente, muito correto. Mas também é realista.

Sabe onde ceder e onde exigir, e por isso tenho a impressão de que é a espécie de homem com quem se pode falar. Conheço-o socialmente. Encontrei-o duas ou três vezes em festas em casa de Willard Osborn. Se o procurasse, ele lembrar-se-ia de mim. Como também se lembraria de que ando com a filha de Osborn. Creio que posso convencê-lo a ser razoável.

— Mike, não imagina quanto eu apreciaria esse favor...

Barrett sentiu vontade de interromper e dizer a Sanford que não se tratava de favor mas de mero e mínimo pagamento de uma dívida há muito tempo contraída, da qual se não esquecera. Mas não disse nada. Deixou que Sanford prosseguisse.

— ...porque estava realmente preocupado com o caso, mas agora já me sinto melhor, muito melhor. Mike, você é um sujeito miraculoso.

— Calma — replicou Barrett, irônico. — Ainda falta conseguir a cooperação do nosso Promotor Público. Acho que posso dar um jeito. Veja o que eu vou fazer. Telefonarei para Elmo Duncan, para ver se marco uma entrevista para agora de tarde. Depois procuro um prestador de fianças que conheço em Hill Street, para soltar o seu livreiro. Aí então terei uma conversa com... — estava tomando

anotações no bloco de notas a essa altura — ... Ben Fremont, em Oakwood, não é isso... para ver se apuro exatamente o que aconteceu, o que foi que ele disse, e tratarei de acalmá-lo. Por fim, se tiver sorte, falarei com o Promotor Público. Assim que souber qualquer coisa definida da parte dele, ligo-lhe para aí. Talvez não antes de amanhã.

— Você é quem manda, Mike. Contento-me em saber que você se encarrega da história.

— Já me encarreguei. Daqui a quarenta e oito horas poderemos conversar sobre outros assuntos.

— Obrigado, Mike.

— Espere o meu telefonema — disse Barrett.

Depois de desligar, terminou pensativo o seu sumo de frutas. Pondo de lado o copo vazio, percebeu que estava com fome. Então lembrou-se do almoço combinado com Abe Zelkin, Deviam encontrar-se no Brown Derby, em Beverly Hills, uma conveniência para ambos, pois ficava a vinte minutos do apartamento de Barrett e apenas a quinze do novo escritório de Zelkin, um conjunto de salas num edifício altíssimo, recém-inaugurado, na parte leste de Beverly Hills.

Antes de telefonar ao fiador e ao Promotor Público, Barrett resolveu ligar para a secretária de Zelkin. Pediria que ela fizesse Zelkin adiar o almoço para meia hora mais tarde e trouxesse junto uma fotocópia do artigo do Código Penal da Califórnia que tratava da distribuição de material obsceno. Pelo menos dar-lhe-ia o pretexto de conversar sobre outra coisa com Zelkin, antes de enfrentar o momento da verdade. Ia ser duro esse encontro. Gostaria de poder explicar simplesmente a realidade da vida a Zelkin: Abe, ouça, ser honesto e pobre é bom, muito bom, mas ponha-se no meu lugar. Abe, ser honesto e rico é melhor, muito melhor.

Ficou a imaginar se Zelkin seria capaz de compreender — ou, ao menos, de perdoar.

Estavam sentados num confortável reservado semicircular, debaixo das caricaturas de personalidades artísticas, terminando as suas bebidas e sem ter conversado muito ainda.

O Brown Derby estava apinhado e barulhento, e eles pertenciam à minoria silenciosa.

Mike Barrett, fingindo reler a fotocópia do artigo referente a censura no Código Penal da Califórnia, podia ver Abe Zelkin do lado oposto da mesa, saboreando um martini, absorto na vasta ementa. Parecia calmo e confiante, o que aumentou o sentimento de culpa de Barrett. Naturalmente, sabia que Zelkin sempre parecia calmo e confiante, com cara de inocente-o que era puro engano, pois dissimulava um tigre, quando recolhia provas para um caso em que fizesse fé. Certa vez Barrett comparara, e agora recordava-se, a cabeça de Abe Zelkin a uma minúscula abóbora satisfeita, se a abóbora fosse enfeitada com um tufo de cabelo preto rebelde, e um nariz que se assemelhasse a um ovinho, sobre o qual se empoleiravam óculos bifocais imensos, de aros negros. Baixo e barrigudo, trazia sempre traços de cinza de charuto nas lapelas. Despertava o instinto de proteção dos homens altos e o maternal nas mulheres avantajadas, inconscientes de que essa criatura do tamanho de um brinquedo tinha um cérebro misto de previsor de mísseis e lançador de foguetes.

Zelkin possuía duas excentricidades e uma obsessão. As excentricidades eram: honestidade absoluta — com os outros, consigo mesmo — a despeito de quaisquer consequências. e pureza total de linguagem; raramente praguejava (quando tirado do juízo, preferia recorrer a maldições rebuscadas da literatura barata). A sua obsessão fundamental era a Lei dos Direitos Humanos da Constituição dos Estados Unidos, e os abusos que vinha sofrendo. Gostava de ecoar os sentimentos do ministro do Supremo Warren, que certa vez comentou que se essa Lei fosse apresentada hoje como projecto legislativo, dificilmente seria homologada pelo Congresso.

Um criado aproximou-se.

— Os senhores já escolheram? Zelkin baixou a ementa.

— E você, Mike? Quer outra bebida?

Barrett cobriu o copo de uísque e soda com a mão.

— Para mim basta, Vamos comer. O que vai pedir?

— Se dependesse de mim, bem que eu sabia — contemplou pesaroso o ventre saliente. — Mas ontem de noite a minha filha mais nova subiu para o meu colo, espetou o dedo na minha barriga e perguntou: “Papá, está grávido?” Onde diabo aprendeu ela esta palavra...

jardins da infância progressistas ou televisão, naturalmente... mas eu percebi o que ela quis dizer.

Acenou com os ombros para o criado.

— Um bife na grelha, mais ou menos bem passado, sem batatas, sem nada. E um pouco de café.

— O café pode ser para dois — disse Barrett. — E uma salada especial para mim. Com molho francês.

O criado afastou-se. Ficaram sozinhos, E Barrett ainda não estava preparado para a verdade. Mencionara o telefonema de Philip Sanford, e a prisão de Ben Fremont continuava a fornecer assunto para cômoda tergiversação. Levantou as fotocópias de Zelkin.

— Esta definição estatutária de obscenidade é de deixar qualquer um zozzo. Não há diretriz nítida.

Zelkin sorriu.

— Richard Kuh... um assistente de promotor público em Nova Iorque... certa vez observou que tentar definir a obscenidade é tão impossível como pregar uma torta de creme em árvores. E o juiz Curtis Bok disse que era o mesmo que tentar segurar um porco besuntado de graxa. Mas eu ainda prefiro a do ministro Stewart, que disse qualquer coisa no sentido de que talvez não pudesse defini-la mas, por Deus, não tinha o menor problema em identificá-la quando a encontrava pela frente.

— Olhe, pode ser — retrucou Barrett, em dúvida. — Eu, por minha vez, prefiro a de Havelock Ellis... como definir uma noção tão nebulosa que reside não na coisa contemplada, mas no espírito de quem a contempla? Você mostra o retrato de uma mulher nua a um homem e ele diz que é Arte. faz o mesmo com outro e ele diz que é Postal Imoral.

— Meu caro Michael, mulher nua sempre é Arte. Barrett riu.

— Essa resolveu você. Quem dera que fosse tão simples assim com um livro. Aqui você tem Sanford, por exemplo, que apesar do

seu interesse comercial, realmente acredita que esse romance de Jadway é a essência da pureza e aqui tem Elmo Duncan, guardião da segurança pública, que pelo seu próprio ato de hoje de manhã declara o mesmo romance indecente. De um lado. Sanford afirmando que o livro possui importância social, e do outro. Duncan. insistindo que o seu apelo é exclusivamente orientado., onde está aquela definição?... sim, por um "interesse vergonhoso e mórbido-por nudez e sexo e "completamente destituído de qualquer importância social compensatória". E com aquele pobre livreiro sem defesa entre dois fogos!

Zelkin terminou o seu martini.

— Pois às vezes um bom processo... e as apelações que pode acarretar... é bem capaz de ser um passo decisivo na procura de uma definição mais satisfatória.

— Desta vez não — objetou Barrett. — Eu sei que Sanford não quer o processo, mas tão-pouco aprova a confissão de culpa. Ele quer apenas que a história toda seja abafada discretamente. Acho que ele tem razão. Seja como for, marquei uma entrevista com o nosso Promotor Público para as três e meia — fez uma pausa. — Espero que ele se mostre tão simpático por trás da escrivaninha como num jantar de cerimônia.

— Você conhece-o bem? — perguntou Zelkin.

— Não nos tratamos pelo nome próprio, nem nada parecido. Ele foi várias vezes convidado para casa dos Osborn quando eu estava lá com a Faye.

— Isso não o prejudicará a você?

— Não... não, creio que não. — Barrett olhou-o fixamente do outro lado da mesa. — E você, conhece-o bem?

— Duncan? Ah, mais ou menos. Não somos exatamente amigos do coração, mas depois que ele foi eleito, quando eu ainda estava na União das Liberdades Civas, tive várias ocasiões de o encontrar, dentro e fora do tribunal.

Zelkin desdobrou o guardanapo e estendeu-o no colo.

— Eu gosto dele. Não sei se estou em condições de lhe contar qualquer coisa útil.

Você quer a ficha do sujeito? Herói do Vietname, duplamente condecorado por bravura.

Trinta e dois anos de idade. Só vive para a família. Quatro filhos-Advogado competente, honesto, decente, convencional. Orador público dinâmico, maravilhosa personalidade na televisão, não brilhante, porém direto e convincente. Mas uma criatura política, por instinto. Ele sabe que é um vitorioso. Quando foi eleito promotor público, teve a maior avalanche de votos na história do eleitorado local. Elmo Duncan sabe que o seu cargo atual é insuficiente. Só que correm boatos que alguém mais. alguém que pesa na balança, também sabe. Já ouviu falar em Luther Yerkes?

— O sujeito das Indústrias Global? Aviões e eletrônica. Claro. Li uma vez a respeito dele na revista Fortune, Não havia grande coisa sobre ele. era mais sobre as ações que possuía e o quanto valia em matéria de dinheiro... milhões, bilhões, algo parecido. Não sabia que ele morava por aqui.

— Mora, sim — disse Zelkin. — Luther Yerkes tem uma casa em Malibu, um bangaló de trinta peças em Bel-Air, e um apartamento em Palm Springs. Você não sabia de nada disso porque Yerkes não gosta de publicidade. Ele gosta é de dinheiro. De poder. Pouco se importa com a fama. O que não deixa de ter certa lógica. Em todo o caso, segundo fontes seguras, Yerkes quer ter em Washington um senador escolhido por ele... não um senador que defenda os interesses da Califórnia, mas os do próprio Yerkes. Como você sabe, o nosso titular atual, senador Walter Nickels, breve terá de ser reeleito. O senador Nickels está em maus lençóis com o milionário Yerkes. Parece que o senador Nickels andou fazendo pressão para que o Congresso iniciasse uma investigação nas indústrias de aviação que. segundo se afirma, houvessem concorrido para cobrar de mais e ludibriar, de qualquer outro modo, Tio Sam em contratos governamentais excessivamente operosos. E Luther Yerkes tem mais contratos governamentais do que ninguém. E não gosta de arranjar encrenca com nenhum legislador irritadiço. Portanto, como impedir que se instaure uma investigação dessas? Eliminando o seu precursor, lógico. Livrando-se dele. Para servir de advertência às suas coortes do que lhes pode acontecer se saírem da linha.

Portanto, como livrar-se do Precursor dentro das devidas formalidades? Simplesmente encontrando alguém mais atraente, e emprestando-lhe o maior apoio para concorrer contra Nickels e derrotá-lo nas eleições. Quem é esse alguém? Você adivinhou. Elmo Duncan, o jovem Promotor Público de Los Angeles de brilhante futuro. Não tenho fotografias para provar. Baseio-me só em boatos. E note-se que o nosso Promotor Público desabrochou subitamente como uma autoridade em tudo quanto é assunto, de A até Z. Nestes últimos meses, sempre que se ouve falar em que alguém vai fazer discurso em público, pode-se ter a certeza de que é Elmo Duncan. Em suma, Mike, o nosso Elmo Duncan está empenhado atualmente em ser amado por toda a gente, especialmente pelos que pesam na balança. O seu amigo Willard Osborn II, por exemplo. E Faye Osborn é filha dele. E você está noivo de Faye. Agora quer um pequeno favor de Elmo Duncan. Na minha opinião, vai consegui-lo.

Portanto descanse.

— Já estou me sentindo melhor — disse Barrett.

Zelkin tinha tirado os óculos e estava a limpá-los com o guardanapo.

— De certo modo é uma lástima — resmungou — que você tenha de abafar a prisão de Ben Fremont. Se ao menos se pudesse levá-lo a julgamento, seria o caso perfeito para Barrett & Zelkin começarem a sua sociedade. É o tipo de coisa que nos convém, Mike, uma causa digna, um desafio, um “tiro e queda” publicitário, tudo. Mas que importa, não nos faltarão outros casos.

Zelkin tornou a enfiar os óculos e franziu os olhos para Barrett. — Você vai largar Thayer & Turner, não vai?

Barrett sentiu um nó na garganta. Engoliu em seco.

— Já larguei, Abe. Demiti-me hoje de manhã.

Zelkin bateu palmas.

— Ótimo! — exclamou. — Apre, porque é que você me deixou em suspenso? Porque não disse logo?

Barrett sentiu um calor na testa. Procurou não se remexer no assento.

— Olhe, Abe, primeiro deixe que lhe conte, deixe que lhe explique...

— Com licença, senhores.

Era o criado, aproximando o carrinho com os pratos do almoço.

— Desculpem a demora. O bife leva tempo. Está tudo aqui, bem quente; talvez até a salada especial também esteja.

Zelkin pôs o guardanapo de lado e começou a levantar-se.

— Espere aí, Mike — disse, com desenvoltura. — Antes de me contar a história, preciso de ir à casa de banho. Já volto. Quero saber tudo o que aconteceu.

Com ar desconsolado, Barrett acompanhou com os olhos até vê-lo sumir com passo firme em direção ao bar no fundo da sala.

Ignorando o criado que arrumava os pratos, Barrett recostou-se no assento estofado, fechou os olhos e tentou recapitular o que acontecera e avaliar o efeito que teria em seu amigo — ou ex-amigo.

Tudo começara com a conta de Osborn.

Willard Osborn II, presidente das Empresas Osborn. S. A., possuía ou controlava a maioria das ações de catorze emissoras de televisão e rádio em Los Angeles, Phoenix, Las Vegas, São Francisco, Seattle, Denver, e outras cidades do Oeste. Só os seus interesses nessas estações, sem incluir investimentos adicionais em companhias cinematográficas, fábricas de fitas de gravação, centros de diversões, hotéis, atingiam quarenta e dois milhões de dólares. Embora não fosse nenhum Luther Yerkes, nenhum super-magnata, Osborn vivia, como se diz, folgadoamente. Também era ambicioso. Persistindo em montar um império, envolvera-se num negócio intrincado em torno de uma nova e imensa aquisição possível. A transação parara porque o novo negócio apresentava um problema fiscal complicado. Num esforço para verificar se o problema podia ser resolvido, Osborn solicitara os serviços de administração de empresas de Thayer & Turner. E Thayer & Turner, como de costume, fragmentaram vários aspectos do difícil empecilho tributário, distribuindo essas partes entre os elementos mais jovens. Entre quantos, Mike não sabia, excepto que fora um dos designados para devotar tempo integral a um programa gigantesco, destinado a criar uma estrutura fiscal que tornasse praticável as negociações de Osborn.

O trabalho havia sido quase esmagador de tão difícil. Dias sem horário, fins-de-semana sem descanso, um projecto de vergar as costas e quebrar a cabeça. Do mesmo modo que viera a detestar a legislação fiscal, Barrett apaixonou-se pelo projecto Osborn. E

apaixonou-se porque o aproximava da dissecação da anatomia do poder. Pelo menos uma vez tinha oportunidade de vê-lo de perto — de maneira que os precedentes legais e as cifras de negócios se traduziam em mansões principescas e jardins opulentos — o que o deixava intrigado e lhe acicatava a criatividade. Mostrou-se relutante em ceder os papéis das suas descobertas, pesquisas e sugestões e voltar a viver no meio de pessoas e problemas inferiores, até que finalmente entregou a parte que lhe coubera no trabalho.

Só ouviu falar de novo no projecto de Osborn vários meses mais tarde, há cerca de quatro meses, quando o velho Thayer anunciou em assembleia geral que os seus relatórios haviam proporcionado às Empresas Osborn o bom termo de uma transação multimilionária, fadada a converter-se num marco da história das comunicações. Agora Thayer, em nome de si mesmo e de Turner, queria agradecer a cada elemento da firma que participara desse dedicado esforço conjunto.

Três dias depois dessa assembleia, o velho Thayer mandou que Mike Barrett comparecesse sozinho no seu gabinete: Ofereceu-lhe xerez. Era de estranhar. Por fim disse que Willard Osborn desejava falar rapidamente com Barrett naquela mesma tarde. Não, não no Edifício-Torre Osborn mas na sua residência, ao norte do Sunset Boulevard, em Holmby Hills. Quando Barrett perguntou por que motivo, Thayer hesitou, respondendo então que Osborn queria simplesmente conversar com ele. “Acho que vai achar interessante”, acrescentou com leve sorriso.

Findo o almoço, Barrett foi de carro à residência de Osborn na encosta de uma colina. Ainda que estivesse preparado para a opulência, pelos comentários de colegas que tinham tido a sorte de serem convidados para a mansão, a hacienda espanhola superou todas as suas expectativas. Sabia que Osborn a reformara para a tornar parecida com o Palácio Liria, a casa da cidade de Alba, próxima à Plaza de Espana em Madrid. Barrett havia visto fotografias

do original, e a réplica em ponto menor era igualmente impressionante. Jardins pitorescos ladeavam o sinuoso caminho de acesso. e sob o telhado as fachadas de tijolos crus estavam guarnecidas por colunas dóricas na frente de imponentes pilastras.

Pasmado, Barrett deixou-se conduzir por uma criada imaculadamente uniformizada, através do vasto átrio de entrada, passando por longo e amplo corredor, até chegar à biblioteca de altos muros. Ali, rodeado por pinturas flamengas, e com um magnífico quadro a óleo de Goya como pano de fundo, esperava-o Willard Osborn II, reclinado num sofá, perto da sumptuosa escrivaninha, brincando com um dócil cão pastor, quando Barrett apareceu. Osborn levantou-se imediatamente — era alto, curvado, aristocrático, de cabelo esbranquiçado, olhos de pálpebras caídas e feições angulosas — e apertou a mão de Barrett.

Convidou-o a instalar-se no sofá e depois sentou-se a seu lado.

Virou-se lentamente para Barrett e analisou-o.

— Bem, Mr. Barrett — disse, após uma pausa —, o senhor talvez esteja intrigado com o pedido que fiz a Thayer ;para mandá-lo vir aqui. Por um lado. queria agradecer-lhe pessoalmente. Por outro, queria ver de perto o jovem que me fez economizar dois milhões de dólares em impostos,

As sobrelhas de Barrett arquearam-se ao ouvir a cifra. Osborn não dissimulou um sorriso.

— é a pura verdade, Mr. Barrett — continuou. — Ah, não foi fácil apurar quem merecia o crédito. Thayer & Turner gostariam de ficar com as honras, ou tergiversar com trabalho de equipa, mas eu não quis saber de tolices. Apertei com eles. Resultou que, das muitas ideias propostas, a sua era a mais inédita e praticável, e fora em torno dela que tinham montado o esquema — fez uma pausa. — Um expediente legal inteligente... um recurso de rara imaginação. Numa época de mediocridades, não é frequente ter-se a boa sorte de encontrar alguém como o senhor. Eu ficaria fascinado em saber exatamente como foi que concebeu todo o arcabouço da ideia. Mas antes, não aceita uma xícara de café?

Durante o café uma terceira pessoa se juntou a eles. Fayee Osborn, a filha única do anfitrião, recém-chegada dos campos de

tênis, enfiara a cabeça na porta da biblioteca para lembrar ao pai um compromisso social qualquer. Tinha sido apresentada a Barrett.

Travando conhecimento com ele e sabedora da sua proeza, perguntou se não podia tomar café em companhia de ambos.

Durante a meia hora seguinte, tornou-se cada vez mais difícil para Barrett concentrar-se em questões fiscais. Os olhos de Faye não o abandonavam nunca. Ela parecia examiná-lo com a fria objetividade de uma amazona que analisa um cavalo vencedor de corridas prestes a ser leiloado como garanhão. Quanto a Barrett, distraía-se constantemente com a gélida beleza do rosto e a perfeição do corpo de Faye. Os cabelos louros descorados pelo sol estavam repuxados com firmeza para a nuca, presos por uma fita vermelha. As feições eram belas, perfeitas, gregas. A blusa branca, aberta na gola, oferecia relances dos declives dos seios protuberantes. As pernas graciosamente cruzadas eram longas e esculturais. Teria no máximo vinte e oito anos, calculou Barrett. Terminando o colégio na Suíça, talvez. E mimada, com toda a certeza.

Quando o café e a conversa acabaram, foi ela quem o acompanhou até à porta.

— Convidei um grupo interessante para um jantar informal no sábado à noite — disse. — Gostaria muito que você viesse.

— Com todo o prazer,

— ótimo — olhou fixamente para ele. — Não tem ninguém que quisesse trazer consigo?

— De modo especial, não.

— Então venha mesmo sozinho. Cancelarei o meu par Não se importa de assumir o posto?

— Estava à espera disso.

E assim foi. Durante os dois meses seguintes, Mike Barrett passou a frequentar a mansão dos Osborn com regularidade, sempre como par de Faye. Uma noite, ao voltarem do Auditório da Filarmônica para Holmby Hills. Faye pediu para ver o seu apartamento.

Depois de duas bebidas, toda aninhada nele, disse que o amava. Ele confessou que também a amava.

— Porque não demonstrou? — sussurrou ela.

— Como assim?

— Você nunca me convidou para vir cá. E ainda não vi O quarto de dormir.

— Eu estava com medo. Você tem dinheiro de mais. Cria uma situação de inferioridade.

— E se eu fosse caixeira de uma loja ou secretária de alguém?

— Ter-lhe-ia tirado a roupa na primeira vez que saíssemos juntos. A mão dela acariciou-lhe a coxa.

— Mike, seu veado esnobe, tire a minha roupa, por favor. A partir dessa noite, começou a encontrar-se com Faye quatro ou cinco vezes por semana. As vezes Willard Osborn II estava presente, e Barrett em geral sentia que o velho lhe avaliava a capacidade.

Frequentemente, na monotonia do trabalho jurídico, Barrett surpreendia-se sonhando de olhos abertos com o que talvez fosse possível. Eram esses sonhos, exclusivamente, que o tinham feito hesitar quando Abe Zelkin queria saber se ele já se decidira a respeito da sociedade, A princípio Barrett resolvera desistir da febre da ganância e unir-se ao amigo.

Agora hesitava. Podia ser que ele não passasse de um mero capricho de Faye e que estivesse equivocado sobre o interesse do velho Osborn por ele. Os sonhos de olhos abertos, porém, continuavam. Desculpava-se com Zelkin, dizendo que estava sobrecarregado de serviço no escritório. Havia também boas perspectivas de aumento e ainda não tinha a certeza se devia largar o emprego. Abe não podia esperar mais um pouco?

— Um pouco, mas não muito, Mike. Quanto a mim, não posso esperar. Já dei aviso prévio à ULCA. Vou largar tudo e montar o meu próprio escritório. E não posso fazer isso sozinho. Conheço vários sujeitos ótimos que querem ficar comigo, mas nenhum deles se compara a você, Mike. Olhe, arcarei com o peso durante um mês e deixarei a sua mesa pronta, à espera. Aí então conto com você. Fico aguardando o seu telefonema.

Barrett tinha continuado a protelar o tal telefonema. Mas três dias antes chegara quase a decidir que, embora a sua relação com Faye fosse para valer, as esperanças que alimentava em torno do pai

dela eram algo bem diferente e totalmente fantasiosas, e que devia ligar para Zelkin e aceitar a sociedade. Depois, no dia seguinte, Faye telefonara-lhe. O pai queria vê-lo na mesma noite, em seguida ao jantar. para tratar de negócios.

De negócios. A sua esperança bailou, até que a agarrou e a trancou no fundo da consciência.

E lá estavam, naquela noite, outra vez na biblioteca, ele e Willard Osborn I!.

— Michael — disse Osborn —, acho que você é bastante perspicaz para saber que o venho observando há certo tempo. Estava à espera do momento oportuno para tocar neste assunto. Agora a oportunidade surgiu e tomei a minha resolução. Tenho a certeza de que você me ouviu discutir aquela rede de televisão do meio-este que vai ser posta à venda.

Posso ficar com ela, se conseguir resolver alguns problemas fiscais. Preciso do homem indicado para fazer isso. Tive de escolher entre a promoção de um dos meus elementos mais antigos ou a nomeação de alguém totalmente novo. Optei pela última. Existe apenas uma condição. Esse novo elemento precisa estar disponível para assumir o cargo no princípio da semana que vem. Michael, você não gostaria de ser vice-presidente das Empresas Osborn, com um salário anual de setenta e cinco mil, para começar?

A mina de ouro, até que enfim!

Naquela noite, de pura agitação, não conseguiu dormir. A sua cabeça transformou-se num frenético Carnaval, perturbado apenas por um demônio bem real. Estava a trabalhar num projecto que talvez levasse semanas a resolver. Prometera aos chefes que não o abandonaria sem seu consentimento. Na véspera, de manhã, tinha ido bem cedo Para o escritório, para esperar a chegada de Thayer. Entrou para falar com ele, e, impulsivamente, revelou a fantástica proposta de Osborn. Thayer escutou, carrancudo. Quando terminou, Barrett sentiu que podia contar com resistência. Mas o velho Thayer limitou-se a endireitar a postura na cadeira e disse:

— Vou mandar Magill procurá-lo a você. Explique-lhe o projecto e ele se encarregará de tudo. Amanhã de manhã você já estará

dispensado. Felicidades. O nosso lema é nunca atrapalhar a vida de ninguém.

Pela ênfase que Thayer deu à “vida de ninguém”, Barrett percebeu que o velho não se referia à sua, mas à de Osborn. E hoje de manhã ficara livre.

Pensou em telefonar logo a Faye e depois ao pai, oficializando a decisão. Em vez disso, ligara para Abe Zelkin, marcando encontro à hora do almoço, sem ter coragem de lhe contar pelo telefone o que havia acontecido. Mesmo assim, queria telefonar aos Osborn, mas o senso da ordem, da cronologia, de dar prioridade às coisas importantes, terminou por vencer. Precisava de falar antes com Zelkin, liquidar aquela penosa obrigação, proceder a uma limpeza geral, para então se sentir verdadeiramente livre.

E aqui estava com Abe Zelkin.

Barrett abriu lentamente os olhos para o presente e, surpreso, deparou-se-lhe Zelkin, sentado à sua frente, sorrindo-lhe.

— Estava curioso de ver quando é que você sairia do transe — disse Zelkin. — Para um sujeito que só tem boas notícias para dar, não há dúvida que você parece acabrunhado. Ou era meditação ioga, uma expressão de êxtase? Pois vou dizer-lhe uma coisa, Mike: estou-me sentindo ótimo.

Pegou na faca e no garfo e atacou o bife.

— Apre, como a gente levou tempo para se encontrar, hem?

— Abe, deixe eu...

— Está bem, desculpe. Você ia contar-me como foi o negócio.

— Sim, deixe que eu lhe conte desde o início — remexeu a salada sem comer. — Tudo começou no dia em que conheci Faye Osborn. Lembra-se? Acho que lhe falei.

— Moça notável, a Faye.

— Sim, mas a história não é essa. É sobre o pai dela. Agora não interrompa, Abe.

Deixe-me contar-lhe tudo, porque foi para isso que aqui vim.

Cuidadosamente, selecionando e colocando em ordem os acontecimentos que acabara de recapitular de memória, Barrett começou a narrar o desenvolvimento da sua relação com Willard Osborn II. Aos poucos, chegou ao ponto em que Faye lhe dissera

que o pai queria falar com ele a sós. Depois, pôs-se a descrever o encontro com Osborn na biblioteca na ante-véspera, esforçando-se por não olhar para Zelkin ao mencionar a proposta de Willard Osborn para o cargo de vice-presidente com salário de setenta e cinco mil dólares anuais.

Procurou não olhar, mas não pôde deixar de perceber a cabeça de abóbora de Zelkin a levantar a vista do bife e ficar tensa sob a gordura. Parara de comer.

Não adiantava evitar os olhos feridos. Barrett encarou-os.

— Vou falar com Osborn amanhã à noite. Aceitei o cargo. Desculpe, Abe, mas tenho de aceitar. Acho que não há outra solução. Eu queria muito entrar como seu sócio, mas uma coisa como esta do Osborn só acontece uma vez na vida. Não posso deixar escapar uma oportunidade semelhante. Preciso aproveitar. Eu... eu espero que você compreenda.

Num gesto distraído, Zelkin levou o guardanapo à boca.

— Ora, que diabo, que posso dizer? Não vou pretender que o que eu lhe ofereci seja melhor sob o ponto de vista material. Afinal, o nosso escritório de advocacia só lhe daria migalhas, em comparação. Você é capaz de trabalhar trinta anos sem nunca receber setenta e cinco mil dólares em três anos, que fará num. E embora eu tenha arranjado umas salas bem bonitas, pareceriam quartos de depósito em relação às que Osborn lhe pode dar. E em matéria de constituintes... bem, você sabe, teríamos os desvalidos e os refugos perto dos maiores que você irá encontrar daqui para a frente. O problema é... o que você quer.

Barrett não se permitiu fraquejar.

— Eu sei o que quero, Abe.

— Sabe mesmo? Nunca achei que você tivesse a certeza, mesmo depois que largou o Instituto de Utilidade Pública para brincar de Enriquecer-Logo. Afinal de contas, Você chegou a pensar em se associar comigo.

— Cheguei, sim. Fui sincero. Mas isso foi antes de surgir este cargo com Osborn. Há anos que eu esperava por uma oportunidade destas.

Zelkin sacudiu a cabeça.

— Ainda não estou convencido de que seja o que você quer. Esquecer a parte benemérita que você tem. rigor, também pode fazer bem aos ricos. A. J. Liebling uma vez disse a respeito do colunista Westbrook Pegler: “Pegler é um valente defensor das minorias — por exemplo, da gente que paga muito imposto de renda.” Desculpe, Mike. Não disse isto para chatear. É que acho engraçado. Só que saiu meio cáustico. Deixe explicar-lhe melhor, Mike. Você é um advogado e o que vai fazer não é jurídico, é negócio. Vai-se converter num homem de negócios. Digamos que, na opinião do mundo, você tenha um êxito enorme. Mas na sua, Mike, terá de ver, mais cedo ou mais tarde, que os desafios não serão iguais aos que está acostumado. As pessoas não terão a mesma realidade, e não precisarão do tipo de auxílio que só você é capaz de proporcionar aos constituintes que nos procurariam. O que é que espera conseguir com isso?

— Dinheiro — respondeu Barrett, sem pestanejar. Ninguém, nem sequer Zelkin, ia obrigá-lo a fazer o papel de um mísero Benedict Arnold. — Dinheiro honesto, honestamente ganho. Como Milton disse: “O dinheiro traz honra, amigos, vitória e reinos.” Está no Paraíso Recuperado. Vem a calhar.

— Pois, como disse Thackeray — replicou Zelkin em voz baixa — “Às vezes paga-se um preço muito caro pelo dinheiro”.

De repente Barrett perdeu a paciência.

— Abe, para não citar ninguém a não ser eu mesmo, por favor, não me venha mais com essa baboseira. Deixe-me dizer-lhe uma coisa, uma coisa que nunca contei certo.

Minha mãe economizou e guardou cada tostão, privando-se de tudo para que eu fosse para Harvard, para a Faculdade de Direito. Ela e o velho vieram em navios de imigrantes em terceira classe, quando eram crianças, e cresceram assustados e sozinhos, e tinham de aguentar tudo por serem pobres. Depois que se conheceram e casaram em Chicago, meu pai trabalhava vinte e cinco horas por dia para manter a cabeça à tona d’água e poupar um dinheirinho para um aperto. E quando ele esticou a canela, havia aquela soma no banco, uma soma irrisória a nosso ver, para sustentar minha mãe e eu.

— Mike, eu conheço essas coisas — disse Zelkin. — Lá em casa não foi muito diferente.

— Está bem, então deve ser mais fácil para você compreender o resto. Porque quando eu terminei o curso secundário, minha mãe não quis arriscar o pouco dinheiro que tinha.

Ela sabia o que o que valia na mirífica América. O dinheiro fala, e se a gente quer aprender a linguagem, convém frequentar o colégio, de preferência o melhor que houver. E depois, vencer na vida, ser alguém e ser independente, sem que ninguém tire vantagem da gente.

Por isso ela aplicou todas as economias na educação do filho, para que ele pudesse frequentar Harvard e vencer. Até aí, tudo bem, e muita coisa você já sabia.

— Claro que sei, e posso avaliar...

— Você não pode avaliar completamente o que estou a dizer, Abe, porque há uma coisa que não sabe. E depois que souber, Abe, não me venha com tolices freudianas a respeito de mães e filhos, e porque é que minha mãe fez isso, e o efeito que causou em mim, e essas asneiras todas. Olhe, sou tão adulto como você e também acho o Freud o máximo, mas estou farto de uma geração inteira de gente pretensiosa que diz que se é uma espécie de louco neurótico quando se fala qualquer coisa de bom sobre a nossa mãe, ou se se defende, ou se diz que se lhe deve algo. Ora, porra, eu repito as palavras de Confúcio, devo-lhe muita coisa a ela. Ela não me fez nada, à espera de retribuição. Fez pelo prazer de saber que eu poderia ser mais do que ela e meu pai tinham sido, segundo o ponto de vista da sociedade. Mas eu devia-lhe uma porção de coisas e quando chegou a hora de retribuir, quando ela se achava necessitada, não pude pagar-lhe, porque não dispunha da moeda legal do reino. Tinha apenas a cédula falsa do idealismo.

— Mike, eu não pretendia...

— Deixe-me terminar — cortou Barrett, com dureza. — Serei rápido e ressentido. Depois da faculdade, perdi algumas boas oportunidades de aceitar aquele emprego no Instituto e tornar o mundo mais humano para a humanidade. Foi mais ou menos na época em que o conheci a você. Minha mãe apareceu com uma

doença grave, realmente grave. Poupo-lhe os pormenores médicos. Para continuar viva, precisava dos melhores cirurgiões, do melhor tratamento, tudo o que havia de melhor. Precisava de dinheiro. Onde encontrá-lo? O fundo para a hora de aperto tinha acabado. Fora aplicado em mim. E eu andava ocupado de mais em praticar o bem para poder economizar um tostão.

— Você andava ocupado em praticar o que devia praticar, começando a vida. Estava apenas no início.

— Abe, não me venha com desculpas pré-fabricadas para os meus erros. Eu estava a alienar-me, virando as costas à realidade e às responsabilidades, gratificando a minha pequena anarquia e fingindo que não havia um desmedido mundo verdadeiro lá fora, o qual tinha de ser enfrentado. Olhe, Abe, o que houve foi o seguinte: eu precisava de dinheiro e não o tinha. Eu tinha elogios e medalhas de mérito, mas que não serviam de moeda legal. Dinheiro era moeda legal, e resolvi consegui-lo. Sabe onde fui ver se cavava?

— Não tenho a mínima ideia, Mike-respondeu Zelkin em voz baixa.

— Eu só tinha uma ligação com o mundo da riqueza: Phil Sanford. Procurei-o. Muito antes disso, uma vez, ele convidou-me a ingressar na casa editora da família dele. junto com ele, para ganhar dinheiro, de fato, e eu reagi como se tivesse sido convidado a trabalhar num antro de perdição. Eu era advogado e pertencia ao lado de fora, ocupado em advogar.

Agora, eis que eu aparecia, de chapéu na mão. dizendo que havia mudado de ideia, e não me importava de aceitar um emprego mais bem remunerado na Sanford House. Bom, sempre hei-de ser reconhecido a Phil pelo que fez naquele dia. Ele pode ser leviano e insensível para certas coisas, mas, naquele dia que o procurei, ele estava com as antenas ligadas e com um poder de percepção infalível. Sentiu que havia algum problema e insistiu em saber o motivo dessa mudança radical de ideia na escolha da minha carreira. A princípio eu não quis revelar-lhe mas depois que saímos e enxugamos uns copos, desabafei tudo, contando tintim por tintim. Pois ele não quis que eu abandonasse a minha profissão por falta de recursos. "Ora, é apenas dinheiro", disse ele.,, apenas dinheiro... e

forçou-me a aceitar a quantia de que eu precisava. Um empréstimo. Com ele paguei aos melhores cirurgiões e eles salvaram minha mãe, e com ele pude dar-lhe o melhor tratamento possível para o resto da sua vida. Eu devia ter aprendido a lição. O dinheiro fala. O dinheiro salva.

O dinheiro deixa a gente livre. Mas quando a gente é moço, uma única lição não basta. Foi só quando a minha mãe teve outra crise... e essa parte você conhece-a... e começaram a tratá-la com aquele remédio que, depois descobrimos, devia ter sido proibido, que aprendi a segunda lição. Quando o remédio a matou, aprendi que os beneméritos não praticariam o bem se tivessem de combater uma das fontes do seu rendimento. E, só então, recebi a lição número dois e entendi tudo. Foi quando fiz um juramento. Sou um escravo, disse para mim mesmo, e só o dinheiro pode libertar-me, e se a Grande Sorte um dia vier, juro que me aproveitarei. É por isso que tenho de entrar para as Empresas Osborn.

Zelkin mantinha-se completamente imóvel, fitando a xícara de café vazia. Finalmente acenou com a cabeça.

— Entendo — disse. — Quero dizer, chega para entender.

— Só para me certificar de que você entendeu — continuou Barrett —, deixe-me acrescentar uma última coisa. Conheci o pessoal de Hollywood, e eles têm uma expressão popular, que é vulgar, mas que diz tudo numa única frase: "Você está com tudo quando tem dinheiro para mandar os outros levar no rabo." Está aí, em poucas palavras. Quando você tem bastante dinheiro para dizer: "Foda-se, velhão" para qualquer filho da puta deste planeta, então e só então você o dono do seu próprio nariz. E essa é a minha meta.

Zelkin sorriu desanimado.

— Eu compreendo-o perfeitamente, Mike, só que... só que existem várias maneiras de ser dono do próprio nariz.

— exato — Barrett tirou o cartão de crédito da carteira e colocou-o em cima da nota do restaurante. — Deixe que eu pago, Abe. Afinal de contas, vou ser vice-presidente.

— Está bem. A próxima vez é minha. De repente Barrett sentiu-se melhor.

— Ainda bem que você disse “a próxima vez”. Estava à espera que o dissesse. Eu não queria que isso prejudicasse a nossa amizade.

— Não se preocupe — retorquiu Zelkin. — Também gosto de amigos ricos.

Barrett assinou o canhoto, acrescentou uma gorjeta e consultou o relógio de pulso.

— Tenho de sair a correr. Só disponho de meia hora para chegar até ao centro do Palácio da Justiça, e falar com o nosso Mr. Duncan. Você não repara na pressa, não é, Abe?

Lembre-se, é o meu espetáculo de despedida como benemérito... um benemérito que também quer liquidar a sua última dívida.

Faltavam três minutos para a hora marcada, quando Mike Barrett se aproximou do prédio de meio século onde o promotor público Elmo Duncan tinha o seu centro de operações e exercia o controlo de 260 advogados em seu departamento. Acima da ampla entrada em arco, talhadas em pedra, estavam as intimidantes palavras PALÁCIO DA JUSTIÇA.

Empurrando uma das portas giratórias, Barrett desceu rapidamente o curto lance de degraus, atravessando a familiar galeria do átrio com as suas inúmeras máquinas automáticas de lanches-e-bebidas, e tomou o elevador. No sexto andar, encontrou o moderno balcão de recepção, em forma de S, e foi encaminhado diretamente para uma passagem que ligava com outro amplo corredor. Do lado oposto à sala de imprensa, deparou-se-lhe a porta de letras pintadas na parte envidraçada: “Elmo Duncan, Promotor Público.”

No interior havia uma saleta com duas escrivaninhas. Na que ficava à esquerda lia-se numa placa: “Ten. Hogan”, que Barrett sabia ser o motorista e guarda-costas do Promotor Público. A cadeira dessa escrivaninha estava desocupada. Do outro lado da sala, após uma série de cadeiras extras e junto de uma máquina copiadora, havia outra escrivaninha, com aspecto de grande atividade e que se achava ocupada. Somente quando Barrett chegou perto da ruidosa máquina de escrever foi que a recepcionista lhe notou a presença. Ergueu os olhos com ar humilde enquanto ele se identificava.

Consultando rapidamente a folha de entrevistas, acenou com a cabeça e disse que o promotor Duncan estava à sua espera no gabinete de Mr. Victor Rodriguez, seu assistente especial e chefe do Departamento de Apelações. O gabinete de Mr. Rodriguez ficava no extremo oposto do corredor. Ela ia tocar a campainha para avisar o Promotor de que Mr. Barrett estava a caminho.

Refazendo o mesmo trajeto, Barrett percorreu o corredor até chegar ao Departamento de Apelações. Ao entrar, a única ocupante da sala, uma bonita moça de cabelos castanhos, parou de datilografar e levantou-se.

— Mr. Barrett? Por aqui, por favor. O Promotor já vai atendê-lo.

Segurou a porta aberta de outra sala. Barrett agradeceu e passou por ela. Encontrou dois homens em pé junto de uma mesa encostada a uma escrivaninha, absortos em conversa. Barrett logo reconheceu Elmo Duncan. Era o mais alto dos dois e tinha, no mínimo, um metro e oitenta. O cabelo era liso e louro, tinha pequenos olhos azuis, nariz fino e queixo fendido. A pele era clara e levemente sardenta. Vestia-se elegantemente, com um fato de alpaca azul feito sob medida e camisa listrada azul e branco. O seu companheiro, mais atarracado, tinha cabelo crespo bem preto, o rosto moreno e um nariz proeminente sobre o bigode aparado mas basto.

No momento em que a porta se fechou atrás de Barrett. Duncan olhou, interrompeu a conversa e aproximou-se com vasto sorriso e a mão estendida.

— Prazer em vê-lo, Mr. Barrett. Desculpe tê-lo feito caminhar tanto. Só consigo fazer alguma coisa quando fujo do meu gabinete. Victor e eu... Ah, talvez vocês dois não se conheçam. Este é Victor Rodriguez, meu assistente.

Victor, apresento-lhe Mike Barrett, um dos nossos advogados de maior êxito.

Barrett apertou a mão de Rodriguez enquanto Duncan permanecia ao lado deles.

— Mr. Rodriguez já estava de saída... ele tem um compromisso na rua... a não ser que o senhor precise dele — disse Duncan. — O senhor disse que queria discutir o... o... como era o nome?

— Ben Fremont — respondeu Rodriguez.

— Sim, Fremont — disse Duncan. — Pois Victor Rodriguez é o encarregado dos nossos casos de pornografia. Naturalmente, como tudo mais. eu reviso-os, mas se prefere que Mr.

Rodriguez presencie o que tem a dizer...

— Não é necessário — retrucou Barrett.

Rodriguez despediu-se à pressa. Duncan indicou duas poltronas de couro diante da escrivaninha.

— Sente-se. Fique à vontade.

Barrett dirigiu-se para uma das poltronas e, afastando-a das prateleiras de livros jurídicos, aproximou-se da escrivaninha. Duncan passara para trás da escrivaninha coberta de vidro e instalara-se na cadeira giratória. Ofereceu uma jarra de água, mas Barrett sacudiu a cabeça, recusando também o maço de cigarros que lhe foi estendido.

— Prefiro o meu cachimbo, se não leva a mal — disse. Duncan acendeu um cigarro, enquanto Barrett se ocupava em encher o seu cachimbo decorado com urze branca inglesa, e depois riscou um fósforo.

— Creio que é a primeira vez que nos encontramos fora do pequeno palácio de Willard Osborn — comentou Duncan. — Como vai ele? Não tenho tempo para assistir à televisão, mas como toda a gente assiste, imagino que esteja passando bem.

Barrett sorriu.

— Eu diria que o único problema dele é o Imposto de Renda.

— Quem dera que eu pudesse dizer o mesmo — comentou Duncan, bem-humorado. — Sabe, Willard Osborn é um dos raros homens ricos que conheço com quem eu simpatizaria ainda que fosse pobre. É inteligentíssimo e muito divertido.

Barrett concordou. Sentia-se tentado a comunicar ao Promotor Público que, breve, seria o vice-presidente de uma das Empresas Osborn. para o impressionar ainda mais. Mas, à medida que Duncan prosseguia, Barrett percebeu que não havia necessidade de salientar a sua ligação com Osborn. Elmo Duncan encarregara-se de fazer isso por ele. O Promotor Público lembrava diversos jantares na mansão a que Barrett comparecera e não poupava elogios a Faye.

Depois mudou de assunto, contando uma longa anedota a respeito de uma ação legal em que Osborn estivera envolvido e que constituía um exemplo perfeito da astúcia do milionário.

O tempo foi passando e, de repente, Elmo Duncan parou, acendeu outro cigarro na ponta do anterior, puxou a cadeira giratória para mais perto da escrivaninha e disse: — Chega de conversa. Tenho a certeza de que o senhor quer entrar já no assunto. Em que posso servi-lo, Mr. Barrett?

Barrett tirou o cachimbo da boca, esvaziando-o no cinzeiro da escrivaninha.

— O senhor pode fazer-me um favor — disse.

— Diga qual é. Qualquer coisa... desde que seja razoável.

— Não vim aqui em nome de Willard Osborn. Estou representando outro constituinte, um velho amigo meu de Nova Iorque. Philip Sanford, o diretor da Sanford House, editora de Os Sete Minutos, aquele livro...

— Eu sei, A questão Ben Fremont.

— exatamente — Barrett analisou o belo louro atrás da escrivaninha. — Mr. Duncan, posso perguntar-lhe se já leu o livro?

— Para ser completamente franco... não.

— Nem eu tão-pouco — disse Barrett. — Mas uma quantidade de críticos e professores de renome leu e escreveu sobre ele muito antes que fosse publicado pela primeira vez nos Estados Unidos, encontrando consideráveis méritos nele. Não se trata de nenhuma obra de pornografia barata, feita com intuito comercial e jogada às drogarias e livrarias por algum reles tipógrafo de imoralidades lá por Reseda ou Van Nuys. É o único romance escrito por uma figura lendária da década de trinta, e está sendo editado por uma das firmas mais afamadas e influentes do comércio de livros, Essa pequena medida policial de hoje de manhã causou certo constrangimento ao meu constituinte e pode causar-lhe consideráveis prejuízos financeiros. Portanto, achei conveniente vir aqui e...

— Deixe-me ver — disse Elmo Duncan, erguendo um maço de pastas de arquivo da beira da escrivaninha. — Deixe-me ver bem como foi a história toda.

Pôs-se a verificar os indicadores das pastas.

— Cá está, “Fremont, Ben. Artigo 311”.

Separou a pasta e pôs as outras de lado. Antes de abri-la, disse: — Naturalmente, o senhor há de compreender que não efetuamos essas prisões sem refletir. São sempre precedidas por cuidadosa investigação. Sei inclusive que depois de recebida a queixa, Rodriguez e seu ajudante... que é Pete Lucas, especialista em pornografia, além de excelente advogado criminalista... leram o livro em questão com a maior atenção. Bem, vejamos.

Abriu a pasta, começando a examinar e a virar as páginas que continha.

Barrett manteve-se calado, ocupado em tornar a encher e acender o cachimbo. E esperou, fumando tranquilamente.

Por fim, Duncan terminou a pasta. Colocou-a em cima da escrivaninha e esfregou o queixo.

— Pois muito bem. O que lhe vou dizer agora é com caráter extraoficial, mas acho que se resume no seguinte. Mrs. Olivia St. Clair, presidente da L. F. D. em Oakwood, registrou a queixa. Pete Lucas, e depois Victor Rodriguez, como eu disse, leram o romance.

E não hesitaram em classificá-lo como pornográfico. O único problema foi determinar se era legalmente obsceno do ponto de vista da comunidade contemporânea.

— Desde que o livro foi apreendido que eu queria tocar nesse ponto — apressou-se a atalhar Barrett. — Uma vez, na época de Flaubert, Madame Bovary foi considerado obsceno. Hoje é apenas a história triste e inofensiva de uma esposa infiel. Ora, há bem pouco tempo, li as memórias dignamente publicadas de um cavalheiro anônimo da era vitoriana... chamava-se Minha Vida Secreta... nas quais o autor descreve minuciosamente como fodeu... a palavra é dele... mil e duzentas mulheres de vinte e sete países e oitenta nacionalidades. A única que lhe escapou, creio eu, foi uma lapônia.

Duncan estivera a remexer-se inquieto, mas agora soltou uma risada amarela.

— Isso mesmo — disse Barrett. — Quando esse vitoriano escreveu o livro, não conseguiu publicá-lo. Agora, na nossa época, converteu-se em best seller e não creio que tenha escandalizado

nenhum leitor. Por quê? Porque os tempos mudaram. O jogo agora é outro.

Como um professor frisou, a atividade sexual deixou de ser contrária à ética predominante. Portanto, porque não escrever sobre sexo de modo tão franco quanto se pratica? Acho que foi Anatole France quem disse... de todas as aberrações sexuais, a castidade é a mais estranha.

Duncan teve um leve sorriso mas não fez comentários. Esperou.

Como ainda continuava com a palavra, Barrett decidiu aproveitar-se da situação.

— Não acho também que essa franqueza em torno do sexo tenha prejudicado algum habitante do nosso país. O Dr. Steven Marcus certa vez escreveu sobre essa nova tolerância: "Para mim ela não indica lassidão moral, nem cansaço ou decadência por parte da sociedade. Sugere antes que a pornografia perdeu o perigo, a força que possuía antigamente." Concordo plenamente.

O Promotor Público agitou-se na cadeira.

— Bem, há boa dose de verdade em quase tudo o que o senhor diz, mas não posso concordar inteiramente. Talvez uma certa pornografia tenha perdido o perigo antigo, porém não toda, acho eu. Poderíamos passar um dia, e até uma semana, discutindo esse complicadíssimo problema.

— Desculpe — disse Barrett. — Eu não pretendia falar tanto como falei. Nós todos às vezes deixamo-nos arrastar pelo entusiasmo. Tencionava restringir-me ao livro de Jadway.

Reconheço que nas décadas de trinta, quarenta e cinquenta. Os Sete Minutos seria talvez considerado obsceno. Mas hoje...? Mr. Duncan, o senhor tem ido ao cinema ultimamente?

Não viu. pessoalmente, na tela, não só o ato da cópula, como também masturbação feminina, homossexualismo, ora, sei lá mais o quê? Sustento apenas que hoje, para pessoa média, do ponto de vista da comunidade contemporânea, o livro de Jadway não é nem mais nem menos explícito do que outras obras de mérito artístico muito inferior. Portanto, porquê a prisão?

— Sim, bem, de fato, esse era o ponto discutível. Mas o nosso pessoal chegou finalmente à decisão que tomou por dois motivos.

Um numeroso grupo de mulheres tipicamente médias, que reflete o espírito da comunidade, registrou a queixa, demonstrando, por conseguinte, que esse livro ultrapassara o que é aceitável do ponto de vista contemporâneo...

— O senhor considera como médio o tipo de mulheres que organiza uma legião de decência? — perguntou Barrett causticamente.

— Naturalmente que considero — respondeu Duncan, surpreso. — Elas não diferem das outras. Casam, têm filhos, fazem o serviço doméstico, cozinham, recebem visitas, lêem livros. Não há dúvida que não podem ser mais médias. Barrett sentiu vontade de desafiar o Promotor Público nessa questão, mas percebeu que Duncan estava sendo sincero — Abe Zelkin não o chamara de “honesto” e “convencional”? — e não lucraria nada em contrariá-lo.

Barrett preferiu manter a paz.

— E se senhoras como essas, uma organização enorme, das maiores... — prosseguiu Duncan.

Uma organização enorme traduzida numa porção de votos, pensou Barrett, lembrando-se que Zelkin também chamara ao Promotor Público “político”.

— ... sentem-se perturbadas com esse livro, isso revela que talvez haja mais pessoas em Oakwood com altos padrões de decência do que se evidencia pelas multidões que assistem aos filmes que o senhor mencionou. Foi a primeira coisa que levamos em conta. A segunda, mais importante, foi que nós achamos que toda essa enxurrada de literatura escandalosa, desse lodo repugnante sadomasoquista, estava aumentando e precisava de ser detida, sobretudo precisava de ser detida para não ficar ao alcance da juventude e das pessoas impressionáveis. Talvez, como o senhor disse, os tempos tenham mudado, as fronteiras da moralidade se tenham expandido, permitindo maior franqueza e tolerância.

Mesmo assim existem limites, tem de haver um paradeiro em algum lugar. Talvez, como exprimiu tão bem um pastor congregacionalista, este país esteja padecendo de uma orgia de compreensão. Lembro-me de que escutei um discurso pronunciado no Leste pelo ministro Michael Musmanno, do Supremo Tribunal da

Pensilvânia. Nesse discurso dizia ele: “Um vasto rio de imundícies está alastrando-se por toda a nação, enlameando as margens e espalhando por terra o seu fedor nauseabundo. Mas o que mais impressiona em tudo isso é que as pessoas cujos narizes deviam ser especialmente sensíveis a esse assalto ao olfato não notam absolutamente nada. Refiro-me aos Promotores Públicos e seus representantes no país inteiro.” Pois bem, Mr. Barrett. Nunca esqueci estas palavras. Pretendo ser um dos Promotores Públicos que realmente notam o fedor.

— Certamente — concordou Barrett. — Não há quem não queira exterminar o cheiro da pornografia barata comercializada...

Duncan levantou a mão.

— Não. Os reles vendedores de pornografia barata dos becos não são os que nos devem preocupar. O que nos preocupa é que esse mesmo tipo de material obsceno adquira respeitabilidade através de editoras ilustres como a Sanford House e se encontre à venda em qualquer livraria. É justamente devido à reputação de Sanford que escolhemos esse livro de Jadway, para prevenir os grandes editores de que a coisa passou dos limites e tem de acabar. Pois bem, foi esse o motivo da prisão de hoje de manhã. Mas na verdade, Mr.

Barrett, não quero exagerar a importância do caso nem da minha opinião a esse respeito.

Quero dizer, especificamente na questão de Ben Fremont, a minha posição não é assim tão radical. Ela é radical em relação à tendência em peso da literatura e dos filmes deste país, porém não tive intenção de transformar o processo do Estado contra Ben Fremont em uma cause célebre. Não. Temos crimes mais importantes em nossa agenda de investigações e no calendário do tribunal. Ela é, relativamente, uma coisa insignificante.

— Bem, então...

— São essas mulheres de Oakwood. Elas estavam a fazer pressão sobre nós, com certa justificação, e tivemos de atendê-las. Tenho a certeza de que o senhor compreende isso.

— E com a prisão de Fremont, foram atendidas — retorquiu Barrett.

— exato — disse Duncan. — Cumprimos o nosso dever. Mas agora, também, o senhor tem um constituinte e um dever a cumprir. Estou disposto a prestar cooperação, dentro dos limites do que já aconteceu. A prisão foi efetuada. O acusado já está identificado. O senhor retirou-o da cadeia mediante fiança. Qual é a próxima providência que pretende tomar?

Barrett deu uma baforada no cachimbo e ficou a olhar a espiral de fumo que levantou. Por fim encostou-se à escrivaninha.

— Eu também quero ser razoável, Mr. Duncan. Acho que o meu constituinte se contentaria com o seguinte. Gostaria que Ben Fremont se confessasse culpado, pagando a multa de dois mil e quatrocentos dólares, mas, em compensação, a sentença de um ano de prisão ficaria suspensa. Contentar-nos-íamos com essa permuta, se fosse possível.

— Hum. Bem, se isso for possível, o senhor compreende que entrar com uma confissão de culpa equivale a banir Os Sete Minutos por completo em Oakwood. Todas as outras livrarias locais ficariam com medo da LFD e também de serem processadas por nós.

— Estamo-nos lixando para Oakwood — disse Barrett. — Que não fique à venda lá.

Desse modo, vocês contentavam a LFD naquela comunidade. Uma vez que Oakwood não está incorporada no Município de Los Angeles, sendo área separada, muito embora pertença à sua jurisdição, isso significa que o livro seria proibido lá mas continuaria a ser vendido nas outras partes do Município de Los Angeles.

— Precisamente.

— Muito bem. O meu constituinte está interessado no resto do Município de Los Angeles e no efeito que qualquer medida repressiva sobre os livreiros locais possa ter sobre as demais cidades grandes do país. Se o livro pode permanecer à venda na maioria do Município de Los Angeles, isso é o que interessa. Quanto a Oakwood, nenhum habitante daquela comunidade será mais ultrajado pela presença do livro lá. E quem quiser comprá-lo, é só ir de carro a alguns quarteirões de distância, em Brentwood ou Westwood, ou qualquer bairro próximo de Los Angeles onde poderá fazê-lo. A questão resume-se a isso. E dentro de uma semana ou duas o livro será

posto à venda em todas as principais cidades do país, dentro da mais absoluta normalidade. O escândalo ficará atenuado pela aceitação geral, não havendo nenhum problema posterior em relação a ele. Eis tudo, Mr. Duncan.

Barrett esperou.

Elmo Duncan esmagou a ponta do cigarro, pôs-se em pé, pensativo, enfiou as mãos nos bolsos das calças e caminhou lentamente no espaço entre a cadeira giratória e as prateleiras de grossos volumes jurídicos que forravam a parede.

De repente parou.

— Mr. Barrett, o que o senhor sugere parece-me bastante razoável.

— Ótimo.

— Contentaremos aquelas senhoras. Quanto a Lucas e Rodriguez, andam tão imersos nessa espécie de coisa que às vezes me inclino a crer que eles sejam hipersensíveis a cada palavra que lêem. É compreensível, claro. Têm de atender queixas praticamente diárias.

Precisam de responder-lhes, como à do grupo em Oakwood, por exemplo. Mas sei que posso moderar os meus assistentes. Para dizer a verdade, eu poderia chegar a um acordo com o senhor desde já no sentido de reduzir as acusações. Só que devo aos meus auxiliares a cortesia de discutir o assunto antes com eles, uma vez que dedicaram tanto tempo ao caso. Porém concordo plenamente. Trata-se de um aborrecimento, de uma questão de rotina e que deve ser tratada de forma rotineira. Portanto, vamos esperar até amanhã, Mr.

Barrett. Deixe-me acalmar qualquer ânimo contrariado, e quando tiver feito isso, o senhor poderá entrar com a sua alegação de culpa, e prometo-lhe interceder junto do juiz para que o resultado se limite à multa e uma suspensão da sentença de prisão. Não lhe parece justo?

Barrett levantou-se.

— Parece, sim.

O Promotor Público contornou rapidamente a escrivaninha, apertou a mão de Barrett e levou-o até à porta.

— Não se esqueça de me telefonar amanhã mais ou menos a esta hora.

— Não se preocupe. Não me esqueço, não.

Ao abrir a porta, Duncan pareceu lembrar-se de alguma coisa.

— E, a propósito, quando falar com Willard Osborn...

— Vou jantar com ele amanhã à noite.

— Então não se esqueça de dizer que esteve comigo e que lhe mando lembranças e agradeço o tempo e atenção que a rede de televisão dele me vem dedicando ultimamente.

Pode dizer-lhe que me sinto extremamente grato.

É assim, pensou Barrett, que se age nos mercados de toda a parte.

— Fique descansado que direi — retrucou. Duncan estava a olhar para o relógio na parede.

— Agora acho bom pôr mãos à obra. Estou com a tarde toda tomada e a noite pior ainda.

Apesar do dia de Verão ter sido agradável, à chegada da noite, os ventos do oeste começaram a dar vergastadas e quando ficou bem escuro o tempo, já estava bastante frio.

Sobretudo nessa estrada à beira-mar.

Tiritando de leve com essa mudança brusca. Elmo Duncan encolheu-se a um canto do assento traseiro do Cadillac que Luther Yerkes enviara para ir buscá-lo depois do jantar.

Olhou as janelas para ver se os vidros estavam completamente fechados. Estavam. Pensou em pedir ao motorista para ligar a calefação, mas logo percebeu pelos marcos de referência que faltavam apenas cinco minutos para chegar à colônia de Malibu e em breve ficaria isolado do vento e do frio.

Após um dia interminável, exaustivo, que mal lhe deixara tempo suficiente para conversar com a esposa, dar atenção às crianças ou comer em paz, esse percurso entre a sua nova residência no bairro de Los Felices e a casa de praia de Yerkes parecia duplamente cansativo. Gostaria que Yerkes usasse outra moradia mais acessível, o vasto chalé de estilo rústico francês em Bel-Air, para essas conferências. Ou, ao menos, que as realizasse na casa do deserto em Palm Springs — nos fins-de-semana, quando a distância não

importava — porque a atmosfera era mais calma. No entanto, apesar da irritação, compreendia a prudência de usar a casa da praia. Ficava retirada. Yerkes dava muita importância ao seu direito de retraimento pessoal, ainda mais quando não queria que as suas atividades de bastidores se achassem expostas ao conhecimento e especulação públicos.

Estes encontros periódicos entre o Promotor Público de Los Angeles e um dos mais ricos industriais da Califórnia, que podiam ser considerados como suspeitos por muita gente, haviam começado alguns meses atrás como conferências semanais, mas agora que Harvey Underwood e Irwin Blair tinham sido contratados, passando a participar das entrevistas, efetuavam-se duas e até três vezes por semana. Mais tarde a aliança entre Duncan e Yerkes teria de ser revelada. Por enquanto ainda era muito cedo, e uma tática fundamental consistia em manter a oposição, a organização política do senador Nickels, na ignorância e, portanto, desprevenida. Nesta noite, além das que Duncan ia encontrar, apenas duas pessoas sabiam do seu paradeiro. Uma era sua esposa e a outra, o delegado de Polícia.

Ao contemplar despreocupadamente os chalés da praia que desfilavam rentes à Rodovia da Costa do Pacífico, ocorreu-lhe a ideia — como tantas vezes sucedia neste trecho da estrada — da extraordinária sorte que tivera em ser incluído nos grandes planos de um fazedor de reis. Muitas dessas casas de praia eram segundos lares, os lares de veraneio dos opulentos. Seria ótimo ter um para a sua família. Seria ótimo ter muito mais do que isso.

Melhor ainda, seria maravilhoso dispor de poder.

Elmo Duncan crescera em Glendale, em estrita classe média inferior, sem pobreza nem autênticas privações, mas também sem regalias ou privilégios. As pessoas mais velhas no sistema de castas da sua juventude tinham-no prevenido: nunca ultrapasse o orçamento, e conheça o seu lugar. Bom, talvez viver com essa ideia tivesse representado uma vantagem em si. Fermentara-lhe a rebeldia contra uma vida que girava em torno da poupança (pensava-se em dinheiro antes de mais nada, porque se era obrigado) e contra uma vida que exigia humildade (tinha-se de

escutar as pessoas economicamente superiores, ao passo que elas nunca escutavam o que se queria dizer). Pensando bem, percorrera longo caminho. A noite em que soube que fora eleito Promotor Público por surpreendente maioria, julgara ter alcançado o pináculo absoluto do êxito. Somente depois de dois dramáticos casos de julgamento, em que atuara com grande intensidade e proficiência, e que tornaram o seu nome conhecido em todos os lares de Los Angeles, ouvira os primeiros rumores do que era possível. Mesmo após descobrir que havia culminâncias além da já atingida, não se julgava capaz de galgar uma dessas posições altaneiras. Isto é, não se julgava antes que o fabuloso Luther Yerkes lhe estendesse a mão para sagrá-lo cavaleiro. E até Elmo Duncan sabia que Yerkes jamais escolhia perdedores.

Rememorando aquele fim-de-semana de ouro — tinha sido no último Inverno, no refúgio de Luther Yerkes no deserto em Palm Springs. — Duncan sentiu-se novamente reconfortado e liberto do cansaço. Quando chegara numa noite de sexta-feira para aquele fim-de-semana, Duncan tentara especular sobre o propósito dissimulado no convite.

Yerkes não precisava de favores de um mero promotor público. Yerkes não tinha interesse em colecionar nomes. Portanto só podia haver um motivo por trás do convite, e não podia ser social. No entanto, à medida que sexta-feira cedeu lugar ao sábado, e o sábado passou, e a maior parte do domingo, também, sem que o anfitrião fizesse nenhuma insinuação, as esperanças de Duncan esvaíram-se por completo.

Lembrava-se de que antes do jantar, naquele último dia no deserto — ele seria conduzido a Los Angeles logo em seguida — se odiara por ter sido visionariamente ambicioso, e detestara Yerkes por tê-lo feito servir de palhaço a seus próprios olhos.

Lembrava-se da primeira impressão que o milionário lhe causara. Fora de desagrado, uma heresia perante um fazedor de reis, que não confessaria a si mesmo antes do início da derradeira noite, quando o seu desencanto começara a manifestar-se gradativamente.

Luther Yerkes tinha a insignificância de um metro e meio de altura, porém pesava 90 quilos. A cabeça era redonda, coroada por

uma desconcertante peruca ruiva, e o rosto gordo, flácido, impassível, quase afável à primeira vista. Duncan achava que o aspecto roliço e as várias papadas, além dos acessórios externos de poder, contribuíam para ludibriar o visitante da corte. Mas depois de o conhecer melhor, surpreendendo-o a controlar as cotações da bolsa pela fita do telégrafo, presenciar um dos seus telefonemas, conversar com ele, os óculos de lentes azuis que sempre usava dentro de casa já não escondiam os pequenos olhos insensíveis, e o flácido rosto rechonchudo deixava de servir de máscara para o homem astuto, vaidoso e arrogante que realmente era. As mãos femininas cobertas de jóias e o passo afectado também eram mentiras, porque as mãos disfarçavam floridamente dedos de ferro e podiam assinar sentenças de morte, e o passo permitia-lhe manter o equilíbrio mesmo quando caminhava por cima de cabeças alheias.

Na última noite daquele fim-de-semana de Inverno no deserto, jantaram a sós. No momento seguinte ao prato de entrada, Luther Yerkes principiara a falar naquela voz incisiva, ligeiramente rouca e, salvo para engolir uma garfada de comida, não parara mais durante quase meia hora. Tinha convidado Duncan ali porque ouvira muitas coisas favoráveis a seu respeito. Antes de convidá-lo, investigara-lhe a vida e a carreira, passadas e presentes, inclusive da sua família, parentes afastados e amigos. Portanto já conhecia Duncan. Sabia de tudo a seu respeito. Mas não o vira em pessoa, em ação, nem escutara a sua voz. E nisso empregara a noite de sexta-feira, o sábado e a maior parte do domingo.

Em formar uma opinião sobre ele.

Agora queria dizer-lhe que já formara, e Duncan servia. Servia para quê? Ora, para ocupar o cargo de próximo senador dos Estados Unidos pela Califórnia. O senador Nickels? Certamente se candidataria à reeleição. Porém não adiantava. O sucesso subira-lhe à cabeça. Podia ser derrotado. Mas só pelo homem certo. Yerkes tinha decidido que Elmo Duncan era o homem certo. Se fosse suficientemente grande para aceitar orientação, seria suficientemente grande para o Senado dos Estados Unidos. Duncan sempre tivera inteligência aguda, e compreendeu que "orientação"

significava que, caso aceitasse e atingisse um dos maiores postos do país, esperavam que se lembrasse de quem o colocara no alto.

Duncan sempre sentira grande consideração, e orgulho, pela própria integridade. A vida também lhe ensinara que quem quer ser político precisa lembrar-se dos amigos e comprometer-se em ninharias, a fim de atingir os melhores objetivos. E de certo modo, a integridade pessoal permanece intata, ao menos a maior parte, o que já basta. E percebeu que Luther Yerkes sentia e suspeitava até que ponto ele estaria disposto a ser seu representante. Aos olhos de Duncan, Yerkes sofrera uma nova metamorfose. Yerkes era generoso, inteligente, bonito e paternal. E quando chegou a hora de Yerkes o acompanhar até ao carro, Duncan concordou em aceitar a orientação. Yerkes seria seu mentor e patrocinador.

Durante a viagem de três horas de retorno a Los Angeles, Elmo Duncan cantarolou em voz alta, radiante de alegria.

Somente mais tarde, poucos dias depois, resolveu investigar o seu protetor tal como o seu protetor o investigara. Duncan sempre soubera que Yerkes era rico e poderoso.

Agora, porque estava curioso e a sua esposa também, decidiu descobrir a extensão das riquezas e do poder de Yerkes. Thelma, a esposa de Duncan, encarregou-se da pesquisa. As ações aeroespaciais e eletrônicas de Luther Yerkes eram demasiado vastas e intrincadas para a compreensão de um leigo. Ele possuía o Centro de Acessórios Espaciais, avaliado em cinquenta milhões de dólares, empregando sete mil operários e técnicos, perto de São Diego. O seu Departamento de Propulsão Aérea, nos arredores de Pasadena, rendera um bilião de dólares no ano anterior. A sua Companhia Recomm, em Dallas, cobrira os lances da Lockheed Aircraft, Boeing e Douglas com a sua proposta de estrutura aérea para um novo avião supersônico de passageiros, de 290 toneladas, o que resultou num contrato que podia, com o tempo, dar-lhe vinte e sete biliões de dólares de vendas potenciais. Num lugar qualquer, exercia o controlo de um Departamento de Sistemas de Dados que fabricava computadores fiscalizadores de sistemas. Associara-se a firmas estrangeiras para financiar projetos no Oriente Médio e na América Latina.

Yerkes tinha sessenta anos de idade e nunca mais se casara, após um divórcio há quase quarenta anos. Em matéria de desportos, dedicava-se à pesca do macaíra e a um importante grupo de basebol de que era proprietário. Os seus passatempos consistiam em colecionar impressionistas franceses e arcaicos Rolls-Royces e Bentleys. O seu interesse pela política nunca se tornara público. Porém havia indícios de que apoiara financeiramente quatro candidatos à presidência, seis candidatos à senadoria e três candidatos a governador, e sempre contra adversários cujas plataformas ameaçavam os seus bens. Cada candidato que Yerkes apoiara, na medida em que Duncan conseguira apurar, fora eleito para o cargo.

A obsessão de Yerkes era o dinheiro. Em matéria de política não se filiava em nenhum partido, apenas na sua obsessão; e a sua única plataforma parecia ser: derrotar todo aquele que já impediu ou visa impedir o progresso da livre iniciativa privada.

Elmo Duncan teve uma sensação vertiginosa ao saber que Luther Yerkes estava a tomar não só interesse financeiro como também pessoal, ao prepará-lo como candidato ao Senado.

— Cá estamos, senhor — anunciou o motorista. Duncan percebeu que se tinham desviado da Rodovia da Costa do Pacífico e entrado no portão contíguo à prisão militar da colônia de Malibu, e aproximavam-se agora da frente da extensa casa de praia de Yerkes.

Quando a limusina parou, Duncan, sem esperar ajuda, abriu a porta do carro e pisou as lajes do passeio. O vento tempestuoso despenteou-lhe o cabelo louro e enroscou-lhe o impermeável nas pernas. Premiu a campainha e poucos segundos depois o mordomo escocês fazia-o entrar, segurando-lhe o impermeável.

— Estão à sua espera no salão de bilhar, Mr. Duncan.

— Obrigado.

Cruzou rapidamente a passagem gradeada, com a piscina térmica do feitio de rim a um lado, um par de vestiários e banhos de sauna no outro. Já dentro de casa, passou pelo piano de cauda do salão e desceu os três degraus que levavam à confortável sala de jogo, dominada não por uma mesa de bilhar, mas por uma imensa e ornamentada mesa antiga de bilhar inglês.

Harvey Underwood, que se assemelhava a uma garça pensativa, ostentando o costumeiro olhar contemplativo e o inevitável tweed inglês, dispunha de três bolas na mesa, enquanto Irwin Blair, com o cabelo crespo desgrenhado e o fato de dacron bege folgado, passava giz no taco e anunciava que só podia repetir a façanha em cada três jogadas. Luther Yerkes metia uma pastilha de hortelã na boca (deixara de fumar recentemente), observando-os com desinteresse. Yerkes trajava camisa desportiva xadrez, calças cor de barro e ridículas botas de camurça índia que lhe davam pelo tornozelo. Para um olho crítico, parecia o irmão gémeo de Hetty Green, caso ela tivesse irmão gémeo. Para Duncan, no entanto, parecia sensacional.

Duncan passou o pente no cabelo, guardou-o e depois tossiu teatralmente. Yerkes levantou a cabeça, olhou pelos óculos azulados e veio imediatamente ao seu encontro.

— Elmo, até que enfim que chegou.

— Fomos retidos pelo trânsito no Sunset — disse Duncan. — Detestei ter de fazê-lo esperar.

Os outros dois cumprimentaram-no e ele ergueu cordialmente a mão.

— Olá Harvey... Irwin.

— Vamos para o living tratar já do assunto — sugeriu Yerkes. — São dez e cinco. Não podemos perder a noite inteira.

O expressivo rosto marcado de espinhas de Blair mostrou-se consternado.

— Ei, não querem ver esta tacada de mestre?

— Sim — respondeu Yerkes com uma pitada de sarcasmo—, mas quero vê-lo dar uma no seu trabalho, não aqui. Ande, vamos.

Como um Polichinelo dançarino, Yerkes conduziu a procissão de degraus acima até o imenso living, cuja amplidão ficava asfixiada pela dispendiosa mobília antiga de estilo barroco, espelhos dourados e mesas, cadeiras esculpidas, uma velha escrivaninha deslumbrantemente marchetada de madrepérola. Os sons abafados das ondas, quebrando na areia lá fora, eram uma incongruência nesta sala repleta de tais móveis.

Havia duas poltronas fundas em frente de um sofá de três metros, com uma mesa baixa no meio que parecia uma arca de Sendai tolhida. Yerkes dirigiu-se a uma das poltronas, indicando a outra para Duncan, Underwood e Blair ocuparem automaticamente os seus lugares no sofá. Só então Duncan notou que Underwood sobraçava uma pasta de couro quase tão fina como uma hóstia e da qual retirava agora um maço de folhas amarelas.

O mordomo escocês entrou silenciosamente com uma bandeja de bebidas. Já conhecia as preferências dos hóspedes. Distribuiu os copos: uma pequena dose de conhaque armagnac para Yerkes; outra idêntica para Duncan, que pedira armagnac por ocasião da primeira visita só por espírito de imitação de Yerkes, com a diferença de que a sua dose tinha um copo de água ao lado; uísque JB com gelo para Underwood; Coca-Cola para Blair.

O ritual constava de um gole para cada um, e a reunião podia então começar. Yerkes pegou no seu armagnac e os outros estenderam a mão para as respetivas bebidas.

Duncan degustou a tepidez do conhaque e observou a dupla no sofá. Não havia dois homens mais diferentes. Underwood era calmo, positivo, o perfeito produto matemático de uma era de comunicações. Blair, extrovertido, estridente, vivia cheio de fantasias exageradas, o perfeito artífice de imagens para a mesma época. Fatos e cifras proporcionavam a exata informação semanal a respeito daquilo em que as pessoas lá fora estavam interessadas e preocupadas, informação que podia ser catalisada por fantasias e invenções para impingir às pessoas lá fora uma aproximação do que queriam. Os dois eram sócios. Representavam o cérebro de Underwood & Cia. Underwood era um dos diretores mais respeitados de levantamentos particulares de opinião pública contratados por políticos e industriais da América. Fundara Underwood & Cia. Mais tarde, compreendendo que o negócio precisava de um adjunto que implementasse os seus achados, proporcionando assim um serviço completo à rica clientela, tomara Irwin Blair por sócio.

Blair tinha começado como agente de publicidade em Hollywood, mas possuía demasiado talento e criatividade para se confinar no mundo artístico. Quando um ator para quem trabalhava resolveu

candidatar-se à Câmara de Deputados a despeito da zombaria dos colegas, Blair mostrou-se à altura do desafio. Como o ator era galã e bonito, um ator, Blair expô-lo a uma série interminável de aparições públicas e apertos de mão, e tendo o espírito lerdo e mal informado, de ator, Blair proibiu-o de abrir a boca, a não ser para sorrir. Blair havia inventado meia dúzia de divisas simplificadas, atribuindo-as ao candidato nos anúncios, panfletos e cartazes. Depois dedicou-se a destruir o adversário do cliente, adoptando técnicas brilhantes já usadas por uma firma conhecida como Campanhas, S.A., enquanto fora dirigida pela engenhosa equipa marido-e-mulher de Ciem Whitaker e Leone Baxter, que Blair idolatrava. Whitaker & Baxter tinha sido contratada para derrotar Upton Sinclair, quando ele se candidatou a governador da Califórnia.

Procuraram desviar a atenção do bonito programa de Sinclair, preferindo concentrar-se no que conseguiram apresentar como ameaças aparentes em suas obras publicadas há vários anos. Contrataram um humorista para desenhar trinta caricaturas, mostrando os aspectos mais atraentes do Estado da Califórnia; depois fizeram-no pingar uma gota de tinta preta em cima, cobrindo parte de cada uma das agradáveis cenas da vida americana, e dentro de cada mancha encaixaram uma citação truncada de Upton Sinclair que o transformava num monstro e anarquista. Upton Sinclair foi derrotado. Imitando Whitaker & Baxter, Irwin Blair demoliu o adversário do ex-ator, que se tornou congressista por um sufrágio total de três a um. A partir de então, Blair largou o emprego de agente de publicidade para personalidades do mundo artístico, promovendo-se a consultor de relações-públicas de políticos. Não tardou muito em associar-se com Harvey Underwood.

Há três meses, em troca de honorários astronômicos, Luther Yerkes contratara os serviços de Underwood & Blair, no interesse da candidatura de Elmo Duncan.

Observando-os agora, Duncan sentiu-se novamente inquieto, como sempre ficava desde o dia em que Yerkes os contratara. Detestava a manipulação de si mesmo por outras pessoas. Estes homens dedicavam-se a testar os sentimentos e desejos do público para depois explorá-los, e nessa conspiração Duncan desempenhava

apenas o papel de instrumento. A manobra não era desonesta mas dava a impressão de o ser. Ele detestava-a mas concordava em participar, porque até a própria esposa dizia que estava sendo reacionário de mais, como sempre, e porque queria ser algo mais que um mero promotor de comarca.

Underwood folheava as folhas amarelas, um prelúdio de leitura dos resultados das averiguações classificadas dos seus experientes entrevistadores que, por todo o Estado, questionavam milhares de pessoas — um mostruário estratificado, feito a esmo, cientificamente baseado no sexo, idade, religião, raça e ocupação de cada indivíduo interrogado. Nesses levantamentos de opinião popular, os quatro procuravam achar problemas que interessassem ao povo e aos quais Duncan pudesse devotar-se tanto no cargo atual como nos compromissos, cada vez mais frequentes, de discursar às multidões.

Quando concordavam em determinado ponto, tentavam resolver a maneira de Duncan fazer bom uso dele. Depois disso, cabia a Blair tornar o público ciente de que os interesses de Duncan coincidiam com a vontade geral e de que ele estava pronto a defendê-los e a solucionar os seus problemas.

O primeiro objetivo, lembrado por Yerkes três meses atrás, era tornar o nome de Elmo Duncan conhecido de todo o eleitorado estadual. Precisava de ficar tão popular como o adversário, o senador Nickels. Uma vez obtido isso, o trabalho resumir-se-ia em tornar a sua imagem mais atraente e a do atual titular menos. Mas a ampla divulgação do nome de Duncan continuava sendo o problema fundamental. Ele era relativamente ilustre no sul da Califórnia, em grande parte devido ao último caso de homicídio em que atuara de modo tão brilhante. Porém continuava sendo uma figura local, um “herói municipal”, como dissera Yerkes. Devia converter-se em herói estadual, tão conhecido e idolatrado em Fresno, São Francisco, Sacramento, em Salinas, Sonora e Eureka, quanto o era em Los Angeles.

— Elmo precisa de um julgamento que faça bastante barulho, que tome conta de todas as parangonas-ouvia agora Yerkes frisar a Underwood, repetindo o que vinha afirmando há semanas a fio. —

Vocês têm de encontrar alguma coisa, Harvey, algo que seja verdadeiro e funcional.

Quando viu Duncan sacudir a cabeça, concordando. Um grande julgamento, em torno de uma questão vital. Eis o ponto crucial.

Underwood consultou mais uma vez as folhas amarelas.

— Não posso alterar os fatos, Mr. Yerkes. Tenho aqui o nosso último levantamento.

Ainda não estamos a interrogar o público a respeito de problemas internacionais. Estamos a limitar-nos ao que os eleitores registrados neste Estado consideram de interesse doméstico. E devo comunicar novamente que a maior preocupação do povo, sem sombra de dúvida... numa percentagem superior a trinta por cento em relação aos impostos e à educação... é a violência nas ruas. Quer dizer, o povo está preocupado com a anarquia, o perigo, o tumulto, não só racial, não só do crime organizado, mas com a violência provocada pela juventude descontrolada. Não estou generalizando. O senhor sabe que nunca generalizo. As nossas perguntas secundárias sobre essa preocupação com a violência tentam apurar os motivos pelos quais os nossos entrevistados acham que esta situação existe. E continuamos a obter os mesmos motivos. Já nos concentramos em dois deles, sem conseguir desenvolver uma plataforma significativa para Mr. Duncan. Há duas semanas escolhemos um terceiro, a opinião de que grande parte dessa violência e ameaça da juventude provém da franca libertinagem ou é estimulada por ela no material de leitura e nos filmes exibidos em cinemas ou televisão. Pois bem. Concordamos em que essa ameaça pertencia à jurisdição de Elmo, sendo uma coisa que ele poderia desenvolver, e a nossa discussão coincidiu com a aparição daquele livro que foi levado à atenção de Elmo. Depois combinamos que ele deveria forçar o cumprimento do Código Penal da Califórnia na parte referente à censura, usar o livro como pretexto para criar um caso de repercussão estadual em que ele combateria a ...a...

— A Máfia editorial de moral subversiva — sugeriu Irwin Blair.

— É — disse Underwood —, e por esse ato e pelo possível processo subsequente, ele ficaria conhecido como o protetor da

mocidade e da velhice, e inimigo da literatura que incita à violência. Concordamos em procurar...

— Nós não concordamos — interrompeu Duncan. — Vocês três concordaram. Eu fui contra desde o início.

— Você aceitou — lembrou Yerkes, em tom brando, a Duncan. — No fim você concordou em tentar.

— Bom, naturalmente, mas... — protestou Duncan.

— E agora, ao que me consta, você realmente tentou — prosseguiu Underwood. — Mr. Yerkes disse que hoje de manhã, afinal, efetuou uma prisão. Você não acha que, antes de discutirmos quaisquer novas providências, se devia esperar que...

— Não — respondeu Duncan, categórico. — Vim aqui justamente para tratar desse aspecto da censura, e quero tratar disso de uma vez. Repito, não gostei da ideia desde o início, e continuo a não gostar. Agora a reação da imprensa mostrou que eu tinha razão.

Todos nós precisamos de nos convencer de que essa história é um fracasso. Portanto coloquemos uma pedra em cima e estudemos outra mais promissora.

Irwin Blair sacudiu a mão.

— Espere aí, Elmo. Você não está a ser um pouco, impaciente? Talvez esse truque do Artigo 311 acabe por dar certo. Reconheço que não partiu como um foguete, mas...

— Foi um fracasso, um fiasco e falhou mesmo — replicou Duncan com ênfase, levantando-se automaticamente, porque sempre era mais loquaz quando falava de pé. — Em matéria de fatos, Harvey, você é fantástico. Ora, eu também sou. Acusamos um livro de ser obsceno e prendemos um livreiro, de acordo com o Artigo 311, por distribuir uma obra imoral. Dos quatro jornais que eu vi desde hoje de manhã, três mal mencionaram a prisão, enquanto um nem se dignou fazê-lo. Dos três que a mencionaram, um publicou dois parágrafos na página seis e os outros um parágrafo num canto qualquer, perto dos anúncios classificados ou das notas necrológicas.

Irwin Blair deu um passo à frente com tal rapidez que tropeçou diante do sofá.

— Olhe, se você pensa que a culpa foi minha — disse, defensivo —, devo frisar que fiz tudo o que pude. Alertei a imprensa. Eles

prometeram publicar com destaque. Eu não posso controlar o que finalmente se passa na redação. Deve ter sido cortada ou preterida por notícias mais urgentes. Mas dois cronistas, no mínimo, falaram sobre o caso na televisão.

— Calma, Irwin — disse Yerkes. — Ninguém está a culpá-lo pela falta de atenção que deram ao caso. Nem Elmo, nem eu. Não percamos tempo e energias com brigas pessoais.

Elmo tem razão. Temos de nos restringir aos fatos.

Blair voltou a sentar-se descontente. Elmo Duncan passou por trás da poltrona que ocupara e depois virou-se para os outros.

— Sim, fatos, senhores. O duro fato é que a censura não é um problema dramático, porque o homem médio, ainda que resmungue sobre os perigos da bandalheira provocante, tem dificuldade em relacionar um livro com os crimes que ocorrem nas ruas. Um livro é um objeto inanimado. Para começar, poucas pessoas conhecem ou lêem livros. E quando lêem, dificilmente percebem que as páginas impressas podem, de algum modo, ameaçar-lhes a segurança ou a vida pessoal. Para dizer a verdade, há os que talvez até se indignem com a nossa interferência no seu direito de ler o que bem entendem ou de ficarem excitados com o que lêem. Interferindo desse modo, contentamos apenas um punhado de puritanos e retrógrados que não exercem a menor influência nos resultados de uma eleição.

Olhe, acredito piamente que boa parte da libidinagem que se encontra hoje nos livros com a desculpa de literatura seja nociva e corrupta, e o meu departamento esforça-se por esmagar o que ela tem de pior. Mas o que eu acredito não tem nada que ver com a possibilidade de transformar a censura, a censura de um livro, num problema de magna importância que apaixone a opinião pública. Além do mais, iniciar essa espécie de denúncia dificilmente propicia a criação de uma imagem. No máximo, o que se consegue? Colocar o Promotor Público de uma grande cidade contra um reles livreiro qualquer e contra uma série de obscuras palavras impressas que nem sequer uma pessoa entre mil jamais lerá ou ouvirá falar a seu respeito. Senhores, a desproporção é enorme, e deixa-me com cara de tirano. Felizmente, muita gente nem vai tomar conhecimento, porque foi uma notícia insípida de mais para ganhar destaque.

Afirmo que enfrentávamos um problema que já nasceu morto, e sugiro que o enterremos o mais depressa possível. Para ser franco, eu praticamente prometi ao advogado do tal livreiro que encerraria o caso com rapidez e discrição. Senhores, acreditem em mim, ninguém vai empolgar milhões de eleitores com a ideia de que um livro é capaz de lhe causar grave dano.

— Mas um livro pode causar grave dano.

Era Harvey Underwood, falando da extremidade oposta do sofá. Duncan olhou bruscamente para ele e os outros dois logo prestaram atenção. Underwood passou a mão pela sobancelha cerrada.

— Eu estava a pensar — continuou. — Enquanto você falava, Elmo, fiquei a pensar em livros que provocaram verdadeiros terremotos, deslocando massas humanas e civilizações inteiras para a prática do mal, para criar mudanças radicais, para fazer o bem. Quantos milhões não morreram por causa de um livro chamado *Mein Kampf*, de Adolf Hitler?

Quantas pessoas morreram ou foram escravizadas por causa de um livro chamado *Das Kapital*, de Karl Marx? Quanta violência foi instigada, para melhor ou para pior, por um panfleto ou livro chamado *O Bom Senso*, de Thomas Paine; por um ensaio contido num volume chamado *Desobediência Civil*, de Henry Thoreau; por um romance chamado *A Cabana de Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe? — Fez uma pausa. — Elmo. não menospreze o poder incendiário de um livro.

Duncan franziu a cara, crispando os dedos no encosto da poltrona.

— Não vou discutir com você a respeito desses livros, a respeito de certos livros. No entanto, você esquece-se de um fator. Esses livros que mencionou... mostraram-se eficazes para criar ou ajudar a criar violência, revoluções, guerras, protestos, porque cada um deles se ligava diretamente a uma necessidade imediata no seio das massas. Esses livros preencheram uma finalidade, agitaram ou inflamaram povos inteiros porque visavam problemas vivos. O livro de Hitler revelou aos alemães a origem das suas dificuldades, indicando-lhes uma saída. O de Marx deu a uma Rússia faminta, madura para a revolução, uma receita para comer novamente. Os

escritos de Thoreau forneceram a Gandhi uma arma nova, mais forte do que as inglesas, e libertou a sua pátria, e esse mesmo ensaio de Thoreau deu à juventude americana a mesma arma para usar na resistência contra a fação militarista nos Estados Unidos. Lógico que um livro explosivo pode ser usado como bomba de dinamite. Mas com o que estamos lidando? Que temos nas mãos? Um romance sexual obscuro, escrito por um autor que já morreu há muito tempo. Uma nação cheia de gente que teme por suas vidas por causa da anarquia e da violência. Podemos dizer-lhes: Vamos condenar este livro e outros congêneres, e depois que estiverem banidos, todos os temores de vocês não-de desaparecer, pelo menos a maioria, porque vocês ficarão mais seguros? Claro que podemos dizer isso e em parte seria provavelmente verdade, porém garanto-lhes que ninguém iria acreditar. E quando não se tem crentes, não se forma uma cruzada. E sem uma cruzada, não existem heróis. — Duncan voltou lentamente à mesa baixa e parou. — É para isso que estamos aqui, não é? — perguntou, meio na brincadeira, para diminuir o seu constrangimento. — Para transformar Elmo Duncan em herói, não é?

— Elmo, sente-se — pediu Luther Yerkes. — Você já disse o que tinha que dizer. Agora sente-se, termine a sua bebida e deixe-me falar.

Tirou os óculos azulados devagar e franziu os olhos para os outros.

— Eu escutei o ponto de vista de vocês, Harvey e Irwin. Também escutei o seu, Elmo.

Estou, portanto, em condições de julgar — dirigiu-se diretamente à dupla no sofá. — Elmo Duncan fez tudo o que pedimos que fizesse. Cooperou conosco. Sugerimos que iniciasse a questão da censura como uma espécie de balão de ensaio, para ver se a coisa pegava. Na qualidade de Promotor Público, Elmo agiu. Mas ficou seriamente tolhido, num sentido de relações públicas, pelo nosso Código Penal. Ele estava atirando contra um livro pornográfico, um livro de sucesso; porém a lei forçou-o a fazer mira contra o vendedor do livro, caça de menor importância. Os jornais não se impressionaram. Mesmo aquelas duas referências à prisão transmitidas pela televisão... para ser sincero, fui eu quem

conseguiu uma, deixando um recado pessoal com a secretária de Willard Osborn, no sentido de que gostaria que uma das emissoras dele divulgasse o fato. Quase mais nada, especialmente que tivesse um cunho espontâneo, aconteceu. Na minha ponderada opinião, o nosso Promotor Público está com a razão absoluta no assunto. Um ponto vulnerável numa campanha é como uma ação de valor inseguro. Não insista. Desfaça-se dela. Aceite o prejuízo provisório e troque por outra.

— Já que o senhor o diz, Mr. Yerkes — retorquiu Underwood.

— Digo, sim — afirmou Yerkes. — Devemo-nos guiar pelo instinto de Elmo. Ele é um político nato, e todo o político nato possui um instinto certo sobre o que lhe convém ou não, e esse instinto é mais útil para a compreensão do eleitorado do que qualquer computador deste planeta. Elmo acha que temos de desistir da história, encontrar algo que obrigue milhões de pessoas a prestar atenção, e eu concordo. O que despertará a atenção geral? Não um livro, sabemos. O quê, então? Agora me lembro de uma coisa que um escritor escreveu há tempo, não sei onde. Talvez seja esta a resposta. O tal escritor dizia que os romances policiais são populares e fascinam toda a gente porque o homicídio é o único crime irremediável. O homicídio é definitivo. Podem-se recuperar as jóias mas nunca a vida de um ser humano. De certo modo, isso também se aplica a nós. O Elmo, aqui presente, é um político e o nosso Promotor Público. Ele precisa de um problema público que possa ser dramatizado numa acusação pública. Precisa de um crime importante, irremediável, que pela sua própria natureza afecte e perturbe o homem na rua e a mulher na cozinha. Um crime semelhante ao homicídio. Sob esse aspecto, a censura de um livro constitui um crime insignificante e contingente, como o roubo de algumas jóias, afectando poucas pessoas, mas sem atingir, absolutamente, as massas. O nosso problema, hoje à noite, é encontrar a grande questão. Concordam comigo?

Duncan e Underwood acenaram com a cabeça.

— Voltemos de novo ao trabalho — propôs Irwin Blair.

— Muito bem — disse Yerkes.

Ergueu o copo e sacudiu delicadamente o conhaque no fundo. Por fim continuou: — O último levantamento de Harvey torna a sublinhar que a principal preocupação do povo é a violência nas ruas, as atividades e a péssima situação da juventude, e a inquietação que isso está criando entre os pais. Perfeitamente. Temos aqui uma cidade descomunal, onde fervilham todas as espécies e tipos de gente possíveis, e, como Elmo pode atestar, não se passa um minuto sem que um distúrbio, conflito, ou crime de violência aconteça. Quais foram as últimas estatísticas do FBI? Um estupro em cada trinta minutos nestes Estados Unidos. Isto para falar de um gênero de crime. Só Deus sabe quantos outros não ocorrem cada minuto, que dirá cada trinta. E esses crimes continuam a acontecer a todo o instante, agora mesmo, sem parar. Devemos concentrar o nosso ataque no que nos convém e no momento exato. Agarrar o incidente, entregá-lo a Elmo, e dizer: transforme isto num caso e nós tornaremos você famoso de ponta a ponta do Estado.

Portanto, Harvey, queremos saber, com minúcias, os resultados do último levantamento que fez. Depois necessitaremos de imaginação e senso prático, simultaneamente, para determinar um ato isolado que esteja a ocorrer Lá longe, esta noite, na cidade distante, que valha a pena ser tomado e convertido numa causa para o nosso Promotor Público de Los Angeles e numa demonstração para o próximo representante da Califórnia no Senado Norte-Americano. Um ato violento, na categoria de homicídio e não de roubo de jóias, é tudo o que precisamos...

Deus do céu, pensou ele, se alguém chegasse a saber a verdade, se alguém chegasse a descobrir, ele matar-se-ia.

Queria matar-se agora mesmo, neste instante.

Havia três horas que acontecera, e George tinha-se enganado, achando que ele logo se sentiria melhor, porque nada havia adiantado. A passagem do tempo não havia adiantado. O haxixe não havia adiantado. Ficar junto com os outros não havia adiantado.

Nada. Excepto, talvez, que agora estava menos nervoso e trémulo da cabeça aos pés. Agora sentia um entorpecimento completo, com aquela sensação de náusea no intestino e nos

testículos que dava até vontade de chorar, e queria o esquecimento absoluto, a inconsciência, adeus e nenhuma recordação.

Desviou os olhos da rua em frente para as suas mãos brancas, pregadas que nem ganchos brancos ao volante do Rover sedan.

Ouviu a voz de George Perkins no assento ao lado.

— Ei, tem a certeza de que você está bem?

— Acho que estou — respondeu Jerry Griffith. — Acho que agora estou.

— Pois não parece. Está com cara de enterro.

— Estou bem — insistiu Jerry Griffith.

Virou o carro para o quarteirão leste da Kelton Avenue, bem perto do campus da Universidade, onde o seu amigo George dividia o apartamento com dois outros indivíduos.

— Não há motivo para se preocupar-disse George, coçando por baixo da barba. — Não pense mais naquilo. Faça como se nunca tivesse acontecido. Se nunca aconteceu, então não aconteceu. Pense noutra coisa, como se estivesse a praticar ioga ou coisa parecida. Sabe como é?

— Estou bem — repetiu Jerry Griffith.

— Ei, calma, velho, você já passou da minha casa. Jerry pisou fundo no travão com o que parecia mais um tronco de árvore do que um pé, e a brusquidão da paragem fez-lhe bater o peito no volante. Mas não doeu.

— Desculpe — disse, enquanto George recuava do painel de instrumentos.

Esperou que George saísse do carro, mas George continuou no mesmo lugar. Notou que olhava fixamente para ele. George alisava as longas suíças ruivas e a barba, sem tirar os olhos dele.

— Jerry, velho, só mais uma coisa... — dizia George. Esperou para ouvir que coisa era.

— É como eu estou dizendo a noite toda. Não precisa de ter medo, você está livre.

Ninguém sabe que você esteve lá.

— Ela sabe.

— Ela não sabe o seu nome.

— Esquecime.

— Portanto, você está livre — repetiu George. — Mas há uma coisa. Se houver confusão...

— Você disse que não ia haver.

— E não vai mesmo, basta você não deixar — frisou George. — É como eu sempre lhe digo, você é o pior inimigo de você mesmo. Essa coisa de morar com a família, por exemplo.

— George, você sabe...

— Claro, eu sei de tudo sobre o seu velho e você. É a única coisa que me preocupa.

Você vai chegar lá com essa cara de doido, e ele vai fazer que você se cague de medo até descobrir o que é que você andou a fazer. E aquele pedaço de mulher que você chama prima... aquela tal Maggie...

— Pare de chatear, George.

— Eu preciso dizer-lhe o que estou pensando. Você se meteu numa enrascada, mas se confiar nela, é melhor ir já cavando a sepultura.

— Já lhe disse que isto vai ficar só entre nós dois.

— Então não se esqueça — advertiu George. — Porque se não ficar, e der chatice, lembre-se de uma coisa... você esteve lá sozinho. Eu não fui juntamente. Só você é que lá esteve. Porque, se algum dia você disser que eu estive lá, vou considerar um ato de traição, e terei de lhes dizer que foi você quem a feriu. De propósito ou não, foi você. Portanto a nossa combinação é esta. Eu não estive lá. Assim nunca posso dizer que você esteve.

Compreendeu?

— Okay, George.

George Perkins abriu a porta, depois hesitou e mostrou-se amigo de novo.

— Mas como lhe disse, não há nada para se preocupar. Não aconteceu nada.

— Okay.

— Fique só com a boa recordação, como eu. Você tem de reconhecer que foi uma grande foda.

— É.

— E agradeça-me por tê-la aberto para você. 'Stava mais apertada que uma concha quando eu meti. Mas depois que entrou, foi o mesmo que escorregar num trenó cheio de graxa, e com ela a esganiçar-se, a morder e a bater o tempo todo, quase gozei no mesmo instante. Foi bárbaro.

— É, foi bárbaro — concordou Jerry. — Só que...

— Esqueça o resto — atalhou George. — Você sabe qual é a minha filosofia. Fique com as boas recordações e deite o lixo fora. Lembre-se disso, velhão.

— Okay.

— Vá direito para casa!

— Vou.

— Então até amanhã. Eu falo-lhe quando você sair da aula de Literatura do Knight.

— Chau.

George Perkins saiu do carro, subiu os degraus do prédio de apartamentos de dois em dois e desapareceu no interior.

Jerry Griffith tirou o pé entorpecido do travão e pisou o arranque. Conduziu o Rover em direção à Veteran Avenue para tomar o Sunset Boulevard e rumar para casa, em Pacific Palisades.

Era o caminho mais curto, e ele queria chegar o mais depressa possível, porque estava sozinho e não suportava a solidão durante muito tempo. Especialmente hoje à noite, do jeito que se sentia, pior do que nunca e ainda por cima com tendências suicidas.

Mas ao alcançar o Sunset Boulevard, esperando que o sinal abrisse, e virando o carro à esquerda, rumo a Palisades, percebeu outra coisa.

Não estava sozinho.

Levava a garota com ele, aquela garota que se esganiçava toda, aquela Sheri Moore de dezoito anos.

Só que agora não se esganiçava, não. Estava imóvel, feita um cadáver, sem emitir um som, o menor movimento.

Jerry considerava-se um sujeito de memória visual, porque tudo o que imaginava ou lembrava ocorria de forma puramente visual, em quadros gráficos, não numa série de diálogos palavrosos, como acontece com outras pessoas. Bem que gostaria de estar sozinho

agora, mas não estava. Bem que gostaria de não possuir memória visual, mas possuía.

Lá estava aquele único quadro, continuando a projectar-se na tela do seu cérebro.

O único quadro que a memória registrara antes de se vir embora, antes que George de lá o arrastasse.

A garota deitada de costas, completamente nua, sobre o tapete ao lado da cama.

Estendida de pernas abertas, livres, as coxas carnudas e brancas afastadas e imóveis, de modo que o que mais se notava era aquela saliência cortada ao meio, à mostra entre os pêlos púbicos, que parecia o talho dos lábios franzidos de uma mulher. E com a mão encostada à mesa-de-cabeceira e a outra pousada no umbigo, os pequenos seios leitosos achatados, como se estivessem vazios, a boca caída, os olhos fechados, o sangue vermelho a escorrer da nuca e do cabelo emaranhado.

O quadro era este.

Tentou arrancá-lo da lembrança, e durante algum tempo conseguiu-o, mas logo outros se insinuavam, por ele ser tão visual.

Podia ver os dois, George e ele, com as suas Cocas, no Locomotiva Clandestina, o ponto onde costumavam dançar na Melrose Avenue, e George ouvindo a garota dizer para alguém que gostaria de encontrar uma boleia para voltar para casa, e George a puxar conversa e a dizer que o seu amigo tinha carro e onde é que ela morava, porque se não fosse longe de mais seria um prazer levá-la. Chamava-se Sheri e morava num apartamento com outra moça, Darlene; era logo acima do Santa Monica Boulevard, em Doheny Drive, de modo que não ficava longe.

Outro quadro. O carro estacionado diante do prédio, ela no banco de trás, com George, que não parava de apalpá-la, e a coxa dela a aparecer onde o vestido de algodão repuxara, e Jerry só a pensar em rasgar-lhe a roupa toda e copular a noite inteira, imaginando como seria, tudo visual, quando de repente George desce do carro e ela também, e George faz-lhe sinal a ele, dizendo que vão provar que são cavalheiros, acompanhando-a até à porta do apartamento.

Outro quadro, lá em cima, dentro de casa. Ela levanta-se para ir ao quarto de banho, que fica ao lado do dormitório. George a piscar-lhe o olho e a bater no pênis, dizendo que não há dúvida que ela quer, mesmo que não saiba, está na altura, assim talvez seja melhor esperar por ela já no quarto, e depois que ele acabar, então passa para Jerry.

Outro quadro, a porta do quarto a fechar-se nas costas de George. E ele a beber uma daquelas cervejas enlatadas que ela trouxe da cozinha. Dali a pouco a porta entreabre-se, e George ali parado, sem um fiapo de roupa no corpo, grandalhão e cabeludo, com aquela pica enorme caída no meio das pernas, George sorrindo e dizendo "É só para você saber que ainda estou à espera para lhe fazer a ela uma pequena surpresa". No mesmo instante, a voz dela, e George a entrar depressa no quarto, a voz dela protestando, dizendo qualquer coisa a respeito de Darlene, a companheira de apartamento, e barulho de luta. E depois ele próprio a pôr-se em pé e fechando bem a porta para não ouvir mais nada.

Outro quadro, confuso. Só que lá está ela, agora na cama, e ele nu, e a umidade no meio das coxas dela e a mão dele a tapar-lhe a boca.

E depois o quadro em que ele se levanta, pegando nas cuecas e nas calças, e ela corre atrás dele, que larga as roupas e tenta espancá-la, e ela a recuar num salto, o tapete a escorregar sob os seus pés, e ela caindo, esborrachando a cabeça contra a quina pontiaguda da mesa-de-cabeceira, encolhendo-se, resvalando no chão, procurando erguer-se de novo e rolando de costas.

E depois a montagem de vários quadros, desta vez com diálogo. George entrando a correr no quarto, dizendo para que diabo você foi fazer isso, e ele gaguejando, balbuciante, que foi um acidente. George dizendo para ele se vestir depressa. George debruçando-se sobre ela e dizendo que complicação e ela desmaiou mas graças a Deus está viva e respirando. Ele vestindo-se e querendo chamar um médico. George arrancando-lhe o telefone das mãos e perguntando se ele está doido, arriscar cadeia certa para os dois. Ele insistindo num telefonema anônimo para um médico e George teimando que não, obrigando-o a terminar de se vestir, dizendo-lhe que a outra

moça vai voltar a qualquer instante e chamará o médico e que a garota está bem e vamos sair fora daqui enquanto é tempo.

O primeiro quadro de novo. Contemplando mais uma vez o corpo nu, as pernas abertas.

O resto dos quadros sumindo-se aos poucos, cada vez menos nítidos. Quase só fragmentos de diálogo, com pedaços e trechos visuais. Já no carro, George dirigindo, e George dizendo que você não está em condições de ir para casa ainda, vamos lá à garagem, que de fato era uma garagem que George e a turma alugara e decorara como uma espécie de clube para a gente se reunir e fumar uma erva, e ele respondendo que tudo o que George quiser fazer ele aceita. Caminhando a pé para a garagem e George dizendo que decerto não ia acontecer nada de maior, porque se Sheri estava arrombada, sem piores consequências, não daria um pio, senão teria de explicar como aceitara o convite, pois afinal de contas não havia indícios de que alguém tivesse invadido o apartamento para violentá-la, e se o ferimento era sério ou coisa pior ainda, então ela não estaria em condições de falar e portanto ponto final. Na garagem havia três sujeitos e duas garotas, gente da casa, e erva à farta, e apesar do incenso, o cheiro estava forte de mais, mas ninguém fazia caso e até ele puxou um cigarro, tragando fundo, retendo o fumo e acalmara-se um pouco, só um pouco, mas não o bastante-Depois, ele e George foram dar outra longa caminhada, até que pudesse assumir a direção sozinho, e fez questão de mostrar que já se achava melhor e então levou George de carro até ao apartamento dele.

Um último quadro, de novo, de novo, o primeiro. A garota deitada de costas no chão, completamente nua sobre o tapete, ao lado da cama, com a saliência vaginal úmida e o cabelo manchado de sangue na cabeça.

Precisava de controlar-se, senão estaria a procurar sarna para se coçar. Olhou o relógio no painel de instrumentos. Quase meia-noite. A mãe e o pai já deviam estar a dormir. Maggie, provavelmente, também. Estava salvo.

Girou o volante ao chegar à bomba de gasolina da esquina e saiu do Sunset Boulevard, acelerando o carro, ladeira acima, até chegar

ao caminho de entrada da casa.

Deslizando entre as sebes, apagou os faróis e rumou lentamente para a ampla área de estacionamento de chão acimentado em frente ao abrigo de automóveis. O Bentley S3 do pai já estava no lugar do costume. Encostou o seu carro ao lado.

Só quando se afastou do abrigo, dirigindo-se à entrada da casa, foi que percebeu que havia luz por trás das cortinas do living. A mãe, que era inválida, podia estar a dormir, mas, no mínimo, o pai recebia alguns amigos. O mais provável é que fosse Maggie, que tivesse ficado acordada, a ler. Precisava de estar preparado para tudo. Teria de mostrar-se calmo e natural.

Os quadros haviam-se sumido da sua lembrança e sentiu-se mais seguro, mais garantido.

Alcançando a porta da rua, guardou as chaves do carro no bolso do sobretudo e remexeu nas calças à procura do chaveiro de prata com a placa que tinha o seu nome gravado, presente de Maggie no último aniversário. Tinha as chaves do carro e da casa em chaveiros separados, pois dividia o Rover com Maggie e ela esquecia-se sempre das suas nalgum lugar e pedia-lhe emprestado as dele.

Parado na porta, Jerry esmiuçou o fundo do bolso à procura do chaveiro. Não estava ali. Experimentou o outro bolso. Tão-pouco. Preocupado, revistou o paletó. Nada do chaveiro. Um calafrio de apreensão gelou-lhe o peito, e então sentiu pânico.

Ouviu um roçar de folhagem na sebe à direita e, de repente, o foco claro de uma lanterna iluminou-lhe o rosto e um guarda alto fardado agigantou-se a seu lado.

Com a mão livre, o guarda segurava uma placa brilhante de prata da qual pendia uma corrente, um aro de metal e um conjunto de chaves.

— Era isto que você estava a procurar, rapaz? — perguntou o guarda.

O foco da lanterna desceu para a placa e o aro, que tinha agora na concha da mão.

Jerry pestanejou ao ver o seu nome gravado em arabescos na placa.

— O seu nome é Jerry Griffith, não é?

— Sim.

Começou a tremer, descontrolado, estendendo a mão para apanhar as chaves, mas o guarda cerrou o punho. Jerry levantou a cabeça.

— Onde... onde estavam?

— Nós as encontramos, Jerry. Encontramos há duas horas. Estavam caídas no chão de um quarto de dormir em Doheny, bem perto do corpo da moça que você é suspeito de ter violado hoje à noite. Essa foi dura, Jerry.

— Não violei ninguém!

— Ah não? Pois a companheira de apartamento encontrou Miss Moore, e depois de telefonar, pedindo uma ambulância, Moore recobrou os sentidos por meio minuto e contou à amiga que ela tinha sido violentada, estuprada. Levaram-na em estado de coma para o hospital. Fratura de crânio. Ela está muito mal, Jerry.

— Foi acidente — deixou escapar Jerry. — Ela escorregou, caiu e bateu com a cabeça...

— Ou, quem sabe, alguém bateu na cabeça dela quando quis resistir, nem, Jerry? Não estou a perguntar nada. Você não precisa de responder enquanto os seus advogados não estiverem presentes.

O guarda olhou por cima de Jerry que ouviu então os passos de outra pessoa no cimento das imediações.

— Nat — chamou o guarda —, o rapaz está aqui. É melhor revistá-lo.

Os passos aproximaram-se por trás dele e depois um par de mãos começou a percorrer-lhe habilmente os bolsos.

O foco da lanterna caiu-lhe de novo em cheio sobre o rosto.

— Você estava sozinho? — perguntou o guarda.

— Eu... eu... Sim, estava. Olhe, deixe eu... O guarda olhava de novo por cima dele.

— Que é que você achou, Nat?

— Carteira. Troco miúdo. Outro jogo de chaves. Canivete de mola.

O guarda da lanterna sacudiu a cabeça.

— Canivete. É, já estava à espera de algo nessa base. Eles costumam andar sempre com uma coisa dessas quando querem

violar uma mulher sozinha.

Jerry corou e sentiu uma fraqueza nas pernas.

— Escutem... não... esse canivete é uma lembrança da Suíça, quando eu estive... Está cheio de macetes... tesouras e...

— E lâminas? — completou o guarda. — Para que serve o outro jogo de chaves?

— Pro... pro... pro carro. Pro meu carro.

— Ouviu, Nat? É bom revistar bem o carro dele. Agora vou levá-lo lá para dentro.

Nat, você procure-nos lá dentro depois de revistar o carro. — Agarrou Jerry pelo braço. — Vamos entrar, Jerry.

— Não!

— Chega de encrenca, rapaz. Você já está atolado para o resto da vida. A sua família está reunida aí dentro à espera de você e do advogado. Vamos depressa. Quando a acusação é de estupro, agravado por injúrias corporais, você precisa de todo o auxílio que puder obter. Portanto, entre já, Jerry. Para dentro.

Luther Yerkes abriu o fecho do pesado Rolex de ouro no pulso, tirou o relógio com a mão afectada e aproximou-o dos óculos de cor.

— Meia-noite e meia — anunciou. — Não pensei que fosse tão tarde. Acho que fizemos o máximo que se podia fazer numa só reunião.

Elmo Duncan pôs-se em pé, espreguiçando-se e bocejando.

— Estou esfalfado.

Underwood já guardara os papéis na pasta de couro.

— Bem, espero que tenhamos chegado a algum resultado.

— Porque é que a gente não se reúne de novo daqui a uns dias? — sugeriu Irwin Blair, levantando-se todo animado. — Há uma lista bastante grande de ideias novas que se podiam desenvolver.

— Estou zozzo de mais para saber se encontramos algo de aproveitável! — replicou Duncan. — Mas fico contente por ver como todos estamos a esforçar-nos.

Yerkes virou o último trago do seu terceiro armagnac.

— Nós não vamos desistir, Elmo. De repente, empinou a cabeça.

— É o telefone que está a tocar a esta hora? Ouviu-se uma campainha distante, vinda da sala de bilhar, e depois o som abafado

da voz do mordomo.

— No mínimo, é a minha mulher — disse Duncan, com uma risadinha. — Bem, senhores, acho bom eu...

O mordomo escocês apareceu à porta.

— Telefone prò senhor, Mr. Duncan.

— Viu? Que foi que eu disse? — comentou Duncan.

— É o Delegado Patterson que quer falar com o senhor, Mr. Duncan.

— Então é pior — suspirou Duncan. — É trabalho.

— Querendo poupar a caminhada, Elmo, pode atender aqui mesmo. A não ser que seja particular. Nós instalamos um microfone e altifalante para as nossas ligações durante as conferências.

Yerkes apontou duas pequenas caixas verdes, com as habituais perfurações para microfone e amplificador, pousadas em cima da mesa entre as poltronas.

— Não deve ser particular. Ligue pra gente ver, Luther.

Yerkes curvou-se e calcou um botão. Duncan agradeceu com um aceno de cabeça e depois falou ao microfone.

— Oi, Tim. é o Elmo. Que foi que houve?

A resposta veio como descarga através do altifalante.

— Não queria incomodá-lo, Elmo. Realmente, nada fora do comum. Estupro em Doheny, em West Hollywood. A vítima sofreu ferimentos na cabeça, está em estado de coma, foi levada prò Monte Sinai. Praticamente coisa de rotina, só que há gente importante envolvida; por isso, quando os guardas comunicaram a ocorrência achei que você talvez gostasse de saber.

— Que gente importante, Tim?

— Bem, esse garoto de vinte e um anos que violou a garota... confessou tudo, quanto a isso não há problema... mas ele é filho do... O pai dele é Frank Griffith.

— O das agências de publicidade? — perguntou Duncan.

— O próprio.

Luther Yerkes, de salto, pôs-se em pé, fazendo sinal com a mão para Duncan.

— Elmo, pergunte ao Delegado se ele tem a certeza absoluta. A Griffith Publicidade faz-me uma porção de anúncios. Conheço Frank

Griffith. É impossível que seja ele...

Duncan virou-se de novo para o microfone.

— Era Mr. Yerkes que estava a falar, Tim. Você ouviu? O altifalante estalou de novo.

— Ouvi. Sim, é o próprio Frank Griffith, cujo filho...

— Não posso crer — retrucou Yerkes. — Você sabe quem é Frank Griffith? Está no mesmo plano de Benton & Bowles, Young & Rubicam e Doyie Dane Bernach. Possui uma das melhores reputações do mundo. Não se lembra? Foi campeão olímpico de decatlo há alguns anos. Hoje é um dos homens mais respeitados da comunidade. Como podia o filho dele... não é possível.

Duncan debruçou-se sobre o microfone. — Você ouviu, Tim? Tem a certeza de que é o filho de Griffith?

A voz do Delegado voltou.

— Os meus agentes prenderam o rapaz quando ele chegou a casa. Frank Griffith estava lá e mandou chamar Ralph Polk, o advogado da família. E, como eu disse, o rapaz confessou o estupro.

Duncan olhou para Yerkes, depois para o amplificador.

— Confessou? ótimo. Alguma prova circunstancial?

— A vítima foi uma tal Miss Sheri Moore, de dezoito anos. A moça que mora com ela tinha saído, e quando voltou encontrou-a semiconsciente, dizendo que havia sido violada e a outra então chamou a Polícia. Jerry Griffith... é o nome do rapaz... as chaves dele, com uma placa com o nome, estavam perto da vítima. Ele disse que fez tudo sozinho. Achamos um canivete com ele, portanto talvez seja verdade. Recebemos um relatório do hospital. Os testes revelam que ela foi desflorada, sem sombra de dúvida. Revistou-se o carro do rapaz depois que o prendemos. Havia uma ponta de cigarro com marca de baton... o laboratório fará a análise amanhã de manhã... e, deixe ver... ah, sim, quatro livros na mala traseira, três de textos de aula e o quarto, encontrado debaixo do pneu sobressalente... um livro de libertinagem... até parece incrível, o mesmo que nos levou a prender aquele livreiro em Oakwood hoje de manhã... que diabo, como era o título?... ah, é, Os Sete Minutos... que estava lá, e depois havia...

— Tim, quer dizer que você achou esse livro no carro do filho de Griffith?

— Com certeza. Escondido por baixo do pneu sobressalente. Em todo o caso, julguei...

Avançando como uma flecha, Yerkes estendeu a mão e segurou Duncan pelo ombro.

— Elmo, até logo, despeça-se, diga-lhe que liga depois — cochichou ansioso. — Deixe desligar esse maldito aparelho.

Obedecendo, Duncan falou:

— Está bem, Tim. Obrigado pelo aviso. Contatarei com você. Muito obrigado.

Libertou-se da mão de Yerkes e desligou o microfone. Yerkes, que se comportava como se estivesse com a dança-de-são-vito, empurrava Underwood e Blair para a frente, um de cada lado. E agora olhava para Duncan, estranhamente agitado.

— Elmo, Elmo, você ainda não percebeu? — perguntou Yerkes.

— Creio que sim. O livro... o rapaz... mas não estou seguro se poderemos...

— Tenho a certeza! Absoluta! — bradou Yerkes. — O filho de Griffith, aquele pobre rapaz, não cometeu estupro com graves danos corporais. Não cometeu nem é responsável.

Sabe quem é o responsável? Sabe quem foi o verdadeiro criminoso? Aquele livro imundo, só de bandalheira. Os Sete Minutos. Eis aí o verdadeiro criminoso, o que incitou um rapaz decente, de boa família, a cometer estupro. Aí está a prova insofismável do tipo de coisa que está a deixar essa rapaziada alucinada, saindo pelas ruas como hordas de animais selvagens, perpetrando a pior espécie de ataques criminosos. Esse livro depravado, Elmo... eis aí o estuprador! Underwood e Blair meneavam a cabeça, concordando hipnotizados, e Duncan, quando viu, também fazia o mesmo, com fervor.

— Santo Deus, Luther, tem razão, você tem toda a razão — exclamou, com a voz entrecortada. — Acho que é possível...

Yerkes tirou os óculos de cor, mostrando os olhinhos fanáticos.

— Ótimo — disse ele, baixando a voz —, aquela prisão por causa da censura hoje de manhã... já não é roubo de joias... você sabe o

que é?... É o homicídio irremediável... o próprio ato capaz de sublevar milhões, não só no Estado como em todo o país. Elmo, esqueça o sono e a cautela. Corra já a casa de Frank Griffith e assumo pessoalmente o controlo da situação. Porque sabe de uma coisa... nós finalmente encontramos o trunfo que andávamos a procurar... o caso sensacional, o grande problema, o fantástico criador de imagem, o maior possível. Agarre-se a ele com unhas e dentes. Reduza a pó esses estupradores. Proteja o público desses livros de libertinagem que levam ao terror. Faça isso e o triunfo é certo... o triunfo de todos nós, senador Elmo-Duncan!

II

Sonhou que estava a lagartear-se ao sol da Riviera, no tombadilho do seu iate branco ancorado ao largo de Cannes. De repente, uma explosão desfez o sonho em pedaços, dissolvendo-o, e atirando-o de volta à sua cama em West Los Angeles.

De olhos cerrados, podia ainda ouvir os reflexos da explosão, próximos, mas em volume mais baixo.

A cabeça desanuviou, o som tornou-se mais nítido. Percebeu que era a campainha do telefone.

Abriu os olhos, virou a cabeça no travesseiro, e viu a hora: sete da manhã. Apoiou-se no cotovelo, e mais para silenciar a maldita persistência do telefone do que para atender a chamada, estendeu a mão para o aparelho e aproximou o auscultador do ouvido. Se fosse número errado, alguém sofreria as consequências.

Era o número certo.

— Mr. Michael Barrett?

Uma voz feminina, de secretária, distante. — Sim — resmungou em tom gutural de quem está em jejum.

— Mr. Philip Sanford, de Nova Iorque, quer falar com o senhor. Um momento, por favor.

Segurando o auscultador, atirou longe o cobertor e sentou-se à beira da cama.

Philip Sanford entrou na linha.

— Mike, desculpe acordá-lo. Esperei o máximo que pude.

Parecia agitado. Barrett ficou a imaginar vagamente porquê.

— Não faz mal, Phil. O que foi que...?

— Não sabe o que aconteceu aí ontem à noite? Já viu as primeiras páginas dos jornais de hoje?

— Não, ainda não.

— Deixe-me ler-lhe uma das parangonas. Não é a principal, mas saiu na primeira página, o que é já bastante ruim. Cá está. — Sanford deu a impressão de reter a respiração, e depois leu em voz alta: — Filho de Conhecido Publicitário Confessa Estupro: Atribui Culpa a Livro Pornográfico.” Você ouviu isto? É o nosso livro que ele culpa!

Agora Barrett estava bem acordado.

— Que história é essa?

— Todos os jornais deram um destaque enorme. E estou com a televisão ligada.

Todos os principais locutores já comentaram o fato. Até parece que é o primeiro estupro cometido em todos os tempos.

— Phil, você quer fazer o favor de me explicar?

— Desculpe. Ontem, eu pensei que estava preocupado, mas depois de um azar danado destes! Um rapaz aí arranhou uma garota de dezoito anos e deu-lhe uma boleia até ao apartamento dela, e depois foi atrás, ameaçou-a com um canivete e violentou-a. Consta que ela tentou resistir e ele bateu com a cabeça dela contra alguma coisa. A moça sofreu comoção cerebral e agora está no hospital, em estado de coma. Caiu qualquer coisa do bolso do rapaz quando ele estava a vestir-se, a Polícia localizou a pista e prendeu-o.

Adivinhe o que acharam escondido no carro do garoto? Pois é. Um exemplar da nossa edição de Os Sete Minutos. Depois o rapaz confessou o estupro e deitou toda a culpa sobre o livro. Num dos telegramas... onde foi que eu o meti?... Bom, não interessa, citavam as palavras dele: “Eu li e fiquei todo excitado. Aí então não sei que ideia me deu e acho que endoideci de vez.” E depois acrescentava: “Sim, aquele romance, foi aquilo que me incitou a fazer o que fiz.”

— Essas últimas palavras, tenho a certeza de que não são dele — observou Barrett. — “Incitou” não é termo do rapaz. É linguagem usada pela Polícia ou por agente de publicidade. Está-me a parecer que o garoto foi ensaiado.

— Mas o fato é que ele cometeu a coisa, quanto a isso não há dúvida, e lá estava o nosso livro no carro dele.

— Não estou a contestar isso. Referia-me a outra coisa. À maneira como os fatos estão a ser tratados. Não tem importância.

Seja como for...

— Mike, acho que estamos fritos. Estou preocupado. A publicidade prò livro até é boa. Que diabo, preciso dela. Mas não dessa espécie. Toda a gente vai ficar contra nós.

Wesley R. tem procurado falar comigo pelo telefone a manhã inteira. Uma das raras vezes que meu... meu... meu pai se lembrou de que estou vivo. Não atendo. Mando dizer que saí.

— O rapaz, o tal que violentou a moça, que nível de instrução tem?

— Nível ideal, o melhor tipo de educação possível. Quer que eu leia os artigos?

— Acho bom. Pelo menos os telegramas principais. Durante os cinco minutos seguintes, com a voz trémula,

Sanford leu as notícias dos jornais a Barrett. Quando terminou, disse: — Pronto, agora já sabe. Não atino com o motivo do destaque que estão a dar, a não ser talvez porque se trata do filho de Frank Griffith... família importante.

— Não — replicou Barrett —, não é isso. É a coincidência de um estupro logo após a prisão de um livreiro que distribuiu um livro pornográfico. Cada ato separado não seria notícia. Justapostos, ligados, parecem constituir matéria de sensação e refutar a famosa frase do prefeito James J. Walker.

— Que é que você quer dizer?

— Consta que Jimmy Walker certa vez disse: “Nunca soube que livro engravidasse mulher.” Para falar a verdade, acho que a versão literal era: “Nunca soube de nenhuma mulher que ficasse desonrada com um livro.”

— Sim, eu já conhecia.

— Pois aqui parece haver uma situação real que refuta essa frase. A imprensa criou um caso. Muito bem arrumado. A causa, um livro incita um rapaz a atacar uma moça. O efeito, uma moça desonrada por um livro. Isso é notícia.

Sanford mostrava-se cada vez mais agitado.

— A única coisa que me interessa é a repercussão que terá sobre o livro. Que vai acontecer com aquela prisão de Ben Fremont que você ia solucionar? Já falou com o Promotor Público, não falou?

— Falei, mas não faça duas perguntas ao mesmo tempo — respondeu Barrett calmamente.

Procurou raciocinar.

— Em primeiro lugar, quanto à repercussão que isso terá sobre os nossos esforços em relação a Ben Fremont e ao livro. Eu dizia há pouco que a imprensa estava a tentar juntar dois fatos distintos para apresentá-los como um só. Disse que é isso que o torna notícia.

— exato, E notícia mas não é prova. Um crime não tem nada que ver com o outro, no sentido estritamente legal. Esqueça a imprensa.

Preocupemo-nos com a lei. Ben Fremont foi preso por fornecer material de leitura obsceno. Isto é uma coisa. Jerry Griffith foi preso por estupro e danos corporais infligidos a uma moça. Isso é outra. Segundo a lei, os hábitos de leitura de Jerry Griffith nada têm que ver com as acusações contra Fremont. O fato de Griffith ter lido Os Sete Minutos possui apenas interesse libidinoso e, portanto, transgredir o Artigo 311 do Código Penal da Califórnia. O caso Fremont será julgado por seus próprios méritos, no que toca à lei.

— Mas nós não estamos a enfrentar unicamente a lei — protestou Sanford. — Que me diz da opinião pública?

Ali estava a grande pergunta, Barrett sabia, e já a considerara e antecipara. Mas era cedo de mais para atendê-la. Talvez tivesse de responder mais tarde, ainda hoje, mas por enquanto não estava com a resposta engatilhada.

— Não ponha o carro à frente dos bois — retorquiu. — De momento, conservemo-nos no terreno da lei, que é o que vamos ter de enfrentar. Isso traz-me à segunda pergunta que você fez há pouco. Se eu falei com o promotor público Elmo Duncan sobre o caso Fremont? Falei, Phil. Ele mostrou-se amável e compreensivo. Concordou em que essa história toda de censura e prisão era uma maçada, e deixou claro que tinha tão pouco interesse como nós num processo dispendioso que representava pura perda de tempo. Ele quis saber com o que nos contentaríamos, e eu disse. Considerou viável o nosso pedido.

Deveríamos fazer com que Ben Fremont se confessasse culpado e depois dar um jeito para que ele seja multado em dois mil e quatrocentos dólares e receba pena de um ano, que termina por

ficar suspensa. O seu livro não seria vendido em Oakwood, que é área não incorporada no Município de Los Angeles, mas você teria a liberdade de colocá-lo à venda em qualquer outro lugar de Los Angeles.

— Ficou combinado, então?

— Não, não totalmente. Foi por isso que adiei o meu telefonema para você. Eu queria ter a certeza. Está praticamente resolvido. Quando me despedi do Promotor Público, ele apenas solicitou um prazo para discutir, o que acertamos com os auxiliares dele, por mero gesto de cortesia. Pedi-me que lhe telefonasse hoje, quando tornaria o compromisso oficial. É nesse pé que as coisas estão.

— Ponha no passado, Mike — corrigiu Sanford. — Estavam... ontem. Talvez hoje as coisas tenham mudado.

— Philip só posso repetir: segundo a lei, nada mudou de ontem para cá. Duncan é certamente um advogado tão esperto como eu, quem sabe se não mais ainda. Não ignora que um caso de estupro é absolutamente irrelevante à acusação do 311 contra Fremont. Ele vai tratar do caso de Fremont de acordo com os méritos da questão. E se for assim, como eu acredito que seja, há-de respeitar o nosso acordo de ontem. Tenho bastante confiança nisso.

Ouviu-se um escape de ar no receptor do telefone. Sanford, evidentemente, soltara um suspiro de alívio.

— Obrigado, Mike. Sinto-me muito melhor... Só mais uma coisa. A minha secretária não pára de me esfregar memorandos no nariz. O nosso departamento de vendas está a começar a receber uma enxurrada de pedidos de informação de todo o país, perguntando o que pretendemos fazer sobre essa denúncia contra o livro. Eu gostaria de lhes dizer que não há motivo para preocupações, que libertamos Fremont sem problemas e que agora toda a gente pode continuar a vender o livro. Quanto mais depressa se puder dizer isto, melhor. Dá tempo para você resolver este assunto ainda hoje?

— É o que tenciono—" respondeu Barrett. — Eu devia telefonar pro Promotor Público.

Acho que seria melhor ir de carro à cidade e falar com ele pessoalmente por alguns minutos. Aliás, também me convém liquidar este assunto o mais rápido possível. Eu disse ontem que

larguei Thayer & Turner e que tinha algo muito mais importante em vista.

Pois bem, é uma vice-presidência nas Empresas Osborn.

— Ena, que sensacional, Mike! Parabéns.

— Obrigado. Seja como for, fiquei de decidir até hoje à noite, e parte da proposta é que tenho de assumir o novo cargo imediatamente. Portanto, tenho tanto interesse como você em terminar já com esta maçada da censura. E espero conseguir. Telefone mais tarde, assim que tudo fique solucionado.

Desde que viera morar com os Griffith na Califórnia, Maggie Russell tinha a impressão de que o mundo parara de girar no seu eixo. Parecia-lhe que tudo quanto era vivo se imobilizara por completo. Os dias sucediam-se com tamanha rapidez e suavidade, sem a menor alteração, cada um perfeitamente idêntico ao anterior, que mal se sentia a passagem de um mês ou a entrada de uma estação. Embora não significasse viver verdadeiramente, suspeitava ela, era um modo tranquilo de existir, bem-vindo nessa fase da sua mocidade. Depois do frenesi e insegurança dos primeiros anos, perdendo primeiro o pai e mudando de Minnesota, depois perdendo a mãe e mudando de Ohio, e depois morando com parentes no Alabama, e, por fim, procurando emprego que a pudessem manter e ainda dar-lhe tempo de frequentar o colégio na Carolina do Norte e em Massachusetts, foi maravilhoso encontrar um refúgio onde havia rotina, regularidade e os dias sucediam-se como manchas imprecisas, podendo acordar e dormir tranquilamente.

Era isso que tornava o choque mais forte, refletiu Maggie, sentada discretamente no banco da varanda fechada do living dos Griffith, observando a atividade e tensão que ocorriam diante dos seus olhos.

A mudança brusca, imprevista, na rotina e na vida da casa tinham-na apanhado de surpresa. Não que lhe tivesse sido sempre fácil adaptar-se aos outros, mesmo parentes, especialmente a alguém tão respeitado e exigente como seu Tio Frank (embora a Tia Ethel e o primo Jerry fossem modelos de amabilidade, por quem sentia uma afeição inabalável), mas em matéria de lares, pelo que ela conhecia, este havia sido um confortável casulo, com cada dia

risonho tão previsível como o próximo. E, no entanto, de uma hora para a outra, este mundo virara do avesso, começando a girar descontrolado.

Ontem, a esta hora, reinava calma e sossego naquele living. Hoje, transformara-se num hospício em miniatura, sobrecarregado de emoção e perigo.

Pôs-se a pensar se não teria sido sempre assim, pelo menos potencialmente, e se não fechara os olhos e o espírito à realidade, querendo que tudo fosse perfeito?

Além dela, havia cinco pessoas no living, sentadas num círculo desigual, conversando sem parar. Um pouco afastado, ao pé da escada e perto do elevador da casa, instalado há vários anos, depois que a Tia Ethel não pôde mais caminhar, via-se a cadeira de rodas vazia. Maggie deu graças a Deus que estivesse vazia e pelo fato de o médico ter mandado a tia deitar-se com forte dose de sedativos. Ela teria ficado ainda mais perturbada com esta cena — a noite precedente, com a Polícia, depois com o Promotor Público, já bastara — do que a própria Maggie, ao ver Jerry, tão inquieto e assustado, no meio de todos aqueles homens, voltando da primeira citação quinze minutos antes.

Maggie Russel analisou minuciosamente os homens presentes na sala.

Dois ela não conhecia, embora um tivesse um nome que já vira diversas vezes impresso e ouvira o tio mencionar. Fora apresentada a ambos logo que entraram, mas esta era a primeira vez que via qualquer um deles nesta casa. Um dos dois estranhos, cujo nome lhe era familiar, chamava-se Luther Yerkes. Ficara fascinada por aquela figura bizarra, que se vestia de modo tão extravagante — e pela auréola de lenda que trazia. Notou, também, a importância que o tio lhe atribuía pela forma com que Frank Griffith, geralmente brusco, autoritário e prepotente, agora mostrava deferência pelo industrial. Tentou avaliar os motivos por trás daquela subserviência. Seria porque Yerkes era um dos maiores clientes da Publicidade Griffith? Ou porque um homem de tanta riqueza e influência se apressara a prestar apoio a um amigo de negócios numa hora de aflição?

Para Maggie, que não tinha nada de Poliana, Luther Yerkes podia ser filantropo com o seu dinheiro, mas não parecia o tipo que fosse também filantropo com o seu tempo. No entanto ouvira-o dizer, há menos de dez minutos, que estava decidido a fazer tudo o que pudesse pelo filho de Frank Griffith e para denunciar o verdadeiro criminoso — ou seja, o tal livro indecente.

Sentado ao lado de Yerkes, sem pronunciar palavra mas tomando anotações numa agenda de capa preta, estava aquele que fora apresentado como o consultor de relações públicas de Yerkes. Ela não entendera o seu primeiro nome — julgava que fosse Irving ou Irvin, ou talvez Irwin — mas lembrava-se do sobrenome: Blair. O cabelo assemelhava-se a uma venda de liquidação. A voz era idêntica a um trombone. Era o outro estranho, e ela não lograva atinar com o papel exato que ali desempenhava.

Ao centro estava alguém que já tinha visto antes, de vez em quando: o advogado da família, Ralph Polk, que andava sempre de chapéu de feltro na Califórnia!), de gravata borboleta e colarinho duro, mostrando-se reservado e super-conservador.

Depois havia o Tio Frank, geralmente um dínamo, agora estranhamente quieto, mascando com firmeza a ponta do charuto apagado. Frank Griffith intimidara-a desde o primeiro dia em que pusera os pés naquela casa. Não se tratava apenas de respeito pelo seu triunfo na vida. Na família Russell — a Tia Ethel era Russell, sendo irmã da mãe de Maggie — sabia-se que Frank Griffith se lançara à estrada do sucesso com as economias bem investidas da noiva. Maggie há muito adivinhara que as economias da sua própria mãe tinham sido esbanjadas pelo pai, e o que sobrara fora mal aplicado, e quando Maggie ficou órfã a família Griffith teve de contribuir para as despesas do enterro materno. Mas Frank Griffith empregara bem o dinheiro da esposa, acumulando-o e capitalizando a sua fama de campeão olímpico para subir na vida e estabelecer a agência de publicidade que agora possuía sede principal na Madison Avenue e prósperas sucursais em Chicago e Los Angeles. Embora as funções de Maggie se limitassem praticamente a servir de secretária e companhia social à tia, de vez em quando batia à máquina, altas horas, para o tio, e sabia que a sua agência recebia anúncios de

valor superior a oitenta milhões de dólares anuais, sete dos quais provinham da conta de Yerkes.

Não era esse o aspecto de Frank Griffith, que intimidara Maggie desde o início. Era aquela energia hercúlea e a incrível segurança (ele podia convencê-lo a você de que tinha razão mesmo quando você soubesse que ele estava enganado). No seu ginásio particular, entre fotografias e trofeus que atestavam antigas proezas físicas, possuía conjuntos de halteres aos quais se dedicava religiosamente todas as manhãs. Depois havia o golfe, o tênis, os cavalos no rancho perto de Victorville e o avião Lear a jato particular. E um movimento constante: clube, banquetes e jantares sociais em Los Angeles, além de viagens permanentes a Chicago, Nova Iorque e Londres.

Já bastava para reduzir qualquer mortal, refletiu Maggie, à estatura insignificante de um Toulouse-Lautrec. Pelo menos fisicamente.

Observava-o agora, a basta cabeleira recém-aparada, o rosto musculoso e corado ainda rijo, o corpo forte num fato escuro de flanela leve, as mãos enormes, ostentando um anel de sinete de ouro. Ei-lo ali, o feitor severo e violento do seu próprio negócio, o proeminente cidadão de espírito cívico. A visão ideal que todo o mundo tem do homem que venceu por si mesmo, marido perfeito, pai exemplar.

Ei-lo ali, humilhado, contido, rebaixado por um herdeiro que se mostrara anômalo e pusilânime, comprometendo, não só a si mesmo, como todo o prestígio social da família.

Agora Frank Griffith era a própria imagem do acabrunhamento, e Maggie colocou a si própria certas perguntas socráticas: Estaria ele dominado por uma confusão de pai sobre o que havia de errado na educação que proporcionara ao filho? Ou seria uma preocupação pragmática, concentrada apenas nas prováveis consequências que o escândalo acarretaria para os seus negócios e a sua posição no país? Ou seria, enfim, um interesse puramente paternal e protetor pelo destino do único herdeiro?

Maggie conhecia-o bem mas não intimamente, e jamais o vira em crise, de modo que não podia saber a resposta exata.

E, finalmente, restava alguém sobre quem ela não formulara nenhuma pergunta.

O herdeiro.

Jerry, o Griffith que conhecia melhor e mais lhe importava, absorvia-lhe agora toda a atenção. Estava sentado numa cadeira à parte, perto da escada, ansioso e nervoso, cruzando e descruzando as pernas. Parecia tão lamentavelmente jovem e perdido. Ela sabia os dados, mas os dados mentiam. Jerry tinha vinte e um e ela vinte e quatro, mas para ela, ele era sempre dez anos mais moço e ela dez anos mais velha. Para ela, ele era um menino e ela uma mulher. Ele era inteligente mas tímido e reservado. Um labirinto de incertezas e problemas (como a maioria dos seus contemporâneos, costumava ela supor). A mãe dedicava-se de mais à própria doença e sofrimento, o pai vivia muito ocupado, os amigos eram volúveis, ninguém lhe proporcionava a confiança de que necessitava. Como Maggie era calma, compreensiva, tolerante, às vezes criteriosa e sempre pronta a festejar o seu estilo autodepreciativo e irônico senso de humor, tornara-se sua confidente e maior amiga.

Para dizer a verdade, não apenas amiga, uma espécie de mãe-pai, conselheira e caixa de ressonância.

Ela tinha julgado que o conhecia pelo avesso, melhor do que qualquer outra pessoa da face da terra, e no entanto achava-se totalmente desprevenida para o seu comportamento na véspera. Embora soubesse dos seus problemas, continuava sem poder imaginá-lo a brutalizar uma garota. Não que fosse um aborto da natureza, psicótico ou repugnante ao sexo feminino. Tinha um metro e setenta e três de altura e compleição franzina — dando a impressão de ser menor do que realmente era, em comparação com os gigantes rapazes bronzeados do sul da Califórnia, seus colegas de escola — mas, mesmo assim, podia ser considerado atraente.

Continuou a analisá-lo. O cabelo castanho estava mais bem repartido do que nunca.

O melancólico rosto ascético parecia agora mais pálido e definhado que de costume, consumido pela angústia. Mas podia ser considerado atraente, e realmente saía com garotas, em geral acompanhados de outro par. Portanto não era isso. Que espírito

diabólico o possuíra para agredir aquela criatura insignificante? Fora o livro, vociferara o pai na véspera. Fora o livro, concordara o Promotor Público na véspera. E Jerry finalmente confessara: o livro provocara-lhe fantasias libidinosas.

Era-lhe difícil crer que um livro, fosse qual fosse, mas especialmente esse, pudesse ser um Frankenstein, criador de tanta maldade. Havia, porém, o fato de Jerry ter lido o livro e admitido que o deixara superexcitado, e somente ele se encontrava em condições de saber a verdade nesse sentido. Assim, acreditava nele. Além do mais, a certa altura da reunião ficou patente que a influência do livro sobre Jerry seria capaz de lhe criar um clima favorável e atenuar a pena. Para Maggie, isso descartava todas as outras motivações possíveis e dissipava quaisquer dúvidas. Sentia dó de Jerry. Mas também sentia dó do livro que traía ambos.

Olhou bem para Jerry e continuou incrédula. Estupradores têm cara de estupradores, ela sempre deduzira das notícias de jornal e das fotografias granuladas. Um estuprador devia parecer o quê? — miserável, sórdido, doente, pervertido. No entanto Jerry ainda parecia o mesmo Jerry com quem se divertira em tantas brincadeiras domésticas e com quem lera e discutira Alice no País das Maravilhas, Herman Hesse e Vivekananda. Uma noite tinham discutido Thoreau e o não-conformismo, e Jerry citara de cor: “Se um homem não acerta o passo com os seus companheiros, talvez seja porque escuta um tambor diferente.” Contudo, se não em suas conversas particulares, pelo menos em seu procedimento público, Jerry nunca dera mostras de escutar um tambor diferente. Então, que tambor escutara ontem à noite? Um tambor chamado J J Jadway, dissera Jerry. Era esse o tambor.

Pobre Sheri não-sei-de-quê, pobre Sheri no hospital. E pobre Jerry, pobre Jerry.

Aquele era um caso sem criminosos. Só vítimas.

Ficou a pensar no que lhe aconteceria a ele, e então percebeu que se pusera a imaginar porque ouvira alguém na sala a especular sobre isso com uma pergunta retórica.

Era Ralph Polk, o advogado da família, quem falava. Maggie prestou a máxima atenção.

— Deixem-me resumir mais uma vez a situação – dizia Polk. — Ontem à noite, quando fomos à delegacia, Jerry foi identificado e pagou-se a fiança. Agora, a despeito de tudo o que ele disse até o presente momento em circunstâncias de intensa emoção, Jerry continua inocente até prova em contrário. O que estou a querer dizer é que a lei ainda nos faculta opções, escolhas, e que pretendo tirar partido disso e tomar todas as providências necessárias, antes de se ter a certeza absoluta de que Jerry quer, realmente, declarar-se culpado.

— Você está a dizer que ele ainda pode declarar-se inocente? — perguntou Frank Griffith.

— Perfeitamente. Eu explico. Em casos como este, existe uma primeira citação.

Graças aos préstimos do nosso obsequioso Promotor Público, conseguimos isso hoje de manhã. Vimos o que aconteceu. O representante da Promotoria leu as acusações contra Jerry, e marcou data para a audiência preliminar. Ora, a finalidade desse próximo passo, a audiência preliminar, é para o tribunal decidir se a instauração do processo dispõe de elementos suficientes contra o réu para justificar a sua presença num julgamento. Se tomarmos esse passo, o Promotor Público apresentará uma parte das provas que possui contra Jerry, trazendo certos fatos, provas circunstanciais, testemunhas, e assim por diante. Eu teria o direito de interrogar essas testemunhas se quisesse. Ora, nessa audiência, caso o juiz se declare satisfeito com as provas apresentadas, remeterá Jerry a julgamento. O terceiro passo seria uma segunda citação. Perguntariam a Jerry se ele se declara culpado ou inocente. Declarando-se culpado, recebe a sentença várias semanas depois. Declarando-se inocente, o caso entra na agenda do tribunal, aguardando julgamento. Como sabem, declarando-se culpado, a sentença pode variar de três anos de encarceramento à prisão perpétua, em penitenciária estadual. Nesse ponto o juiz dispõe de considerável margem de arbítrio. Em determinadas circunstâncias, a sentença pode ser mínima. Noutras, digamos na eventualidade de que a moça, Miss Moore, sofra lesões permanentes, a sentença, a pena, poderá ser máxima. Ora, então...

— Não farei isso! — gritou Jerry Griffith. — De que adiantaria? Eu já disse que fiz o que fiz!

Frank Griffith virou-se irritado para o filho.

— Quer fazer o favor de calar a boca? Não interrompa. Maggie pusera-se de pé, numa necessidade instintiva de intervir entre os dois, proteger Jerry, mas depois viu que ele olhava ofegante para o pai, os outros e finalmente recuperava o controlo de si mesmo.

Polk voltou-se um pouco na cadeira e começou a dirigir-se a Jerry, embora também parecesse abranger o carrancudo Luther Yerkes.

— Eu já ia explicar, como agora farei, porque havia sugerido que tirássemos partido de todas as medidas que nos estão abertas. Sei que a situação é difícil, Jerry, mas tenho motivos para proceder assim. Sou o advogado do seu pai, e agora seu, e quero fazer tudo o que puder para ajuda-lo. Deixe-me elaborar a minha estratégia. Em primeiro lugar, como advogado, já estive envolvido numa série inacabável de casos para não ignorar que o constituinte, no período de tensão que se segue logo a um ato aparentemente criminoso, movido pela confusão e pelo remorso, é capaz de confessar qualquer coisa e insistir que é culpado. Porém, quando recupera a calma, o constituinte sente-se frequentemente menos seguro ou chega até a perceber que não teve culpa. Então há uma possibilidade de...

— Eu tive culpa e disse que sou culpado — teimou Jerry.

— Jerry, eu estou a avisá-lo, se você não calar a boca... — começou Frank Griffith.

— Não tem importância, Frank — afirmou Polk, paciente. — Deixe-me procurar fazê-lo entender. — Agora falava diretamente para Jerry. — Sim, Jerry, boa parte do que estamos a discutir pode parecer uma tolice, que nem jogar uma partida perdida. Não estou a dizer que vamos declarar que você esteja inocente para o colocar em julgamento. Estava a tentar frisar que existe a opção e que vale a pena considerá-la. O Promotor Público também não quer o julgamento. Ele acha-se sobrecarregado de trabalho, e um julgamento significaria perda de tempo para ele e despesa prós contribuintes. Mas nós podemos aproveitar-nos dessa situação, fazendo-o crer que aceitaríamos o julgamento de bom grado, o que

nos deixaria em melhor posição para negociar uma sentença mais branda. Sim, eu concordo com você que, no pé em que estão as coisas, declarar-se inocente não só seria desonesto como inútil. Um julgamento seria puro desperdício e eu não o exporia a isso se não houvesse a possibilidade de ganhar. A verdade é... e isso cá entre nós... que tenciono declará-lo culpado na segunda citação. Porque a verdadeira razão para delongar a situação, fazendo que você enfrente uma audiência, baseia-se em estratégia completamente diferente, que surgiu de uma rápida conversa particular que tive ontem à noite com o Promotor Duncan e outra que tive com Mr. Yerkes hoje de manhã. E isso... isso é importante.

Yerkes acenou com a cabeça.

— É para seu próprio bem, Jerry. Seria bom que você escutasse.

— Sejamos francos — disse Polk. — Por trás de portas fechadas, o Promotor Público pode exercer grande influência sobre o juiz que emitir a sentença depois de uma declaração culposa de estupro. Ora, o Promotor Duncan e Mr. Yerkes são da mesma opinião... que você foi vitimado pela lascívia de Os Sete Minutos. Eles consideram que o verdadeiro criminoso é o livro, a influência que exerce sobre leitores jovens impressionáveis. Estão a processar este romance segundo a lei estadual da Califórnia. Acham que o público será capaz de verificar que, se livros dessa espécie não estivessem ao alcance de pessoas moças como você, muitos atos de violência, como esse estupro, talvez jamais fossem cometidos.

Em suma, você ficou temporariamente inflamado, incitado, por aquele livro. Ora, precisamos de tempo para que o público compreenda isso. Se compreender, criará uma atmosfera bem mais favorável e podemos alimentar esperanças de que venha a influenciar o juiz a emitir uma sentença mais branda em seu caso. É por isso que eu quero que você se submeta a uma audiência preliminar e a uma segunda citação... para nos ajudar a ganhar tempo.

Jerry endireitou o corpo e sacudiu a cabeça, sem parar.

— Mr. Polk... Mr. Polk, pouco se me dá a sentença ou o que acontecer comigo. Já não me importo mais.

Polk sorriu, compreensivo.

— Eu compreendo, Jerry. Você passou por uma dura experiência, e é natural que se sinta assim por enquanto — virou-se para Frank Griffith. — O que nos traz a outra questão, Frank. Considerando a disposição de ânimo de Jerry, eu recomendaria... oh, nós podemos deixar Jerry auxiliar-nos a decidir sobre isso, mas eu recomendaria que acrescentássemos mais um aspecto ao caso, para abrandar qualquer sentença futura. Eu gostaria de alegar que esse ato criminoso foi totalmente contrário à natureza de seu filho. Por conseguinte, eu gostaria de oferecer, como defesa, que Jerry não estava legalmente são quando supostamente cometeu o crime. Isto vai requerer os serviços de um grande psiquiatra... alguém como o Dr. Roger Trimble.

— Faremos tudo para ajudar o meu filho — declarou Frank Griffith. — Você acha que pode dar um jeito para o Dr. Trimble o examinar?

— O Dr. Trimble é amigo meu e de Mr. Yerkes. Creio que...

— Não! — era Jerry, desta vez de pé, trémulo. — Talvez eu concorde com o resto, mas não vou deixar nenhum médico de hospício...

Griffith levantou-se logo, aniquilando o filho com a sua altura imponente.

Ao ver isso, Maggie sentiu-se horrorizada. Mas, para sua surpresa, o tom de Griffith, pela primeira vez, era conciliatório.

— Jerry, nós estamos aqui para ajudá-lo de todas as maneiras humanamente possíveis — afirmou ele. — Estou decidido a tirar partido de tudo o que possa melhorar a sua situação.

— Sim, eu sei, papá, mas não posso...

— Ralph Polk conhece a lei. Se ele diz que consultar um psiquiatra pode ajudá-lo com o juiz...

Polk também se pusera de pé.

— Pode, Jerry — disse rapidamente. — O juiz levará em consideração o fato de que você nunca esteve anteriormente envolvido em qualquer tipo de crime. Portanto ele designará um funcionário encarregado de esmiuçar o seu passado, obter toda a espécie de informação que puder a seu respeito, através de sua família, amigos, professores. Quando esse funcionário comunicar

que o Dr. Trimble está a tratar de você... um analista com a fama que ele tem... isso aplainaria uma série de dificuldades e influenciaria o relatório do funcionário.

Jerry tornou a sacudir a cabeça.

— Não, Mr. Polk... Eu não posso... Não quero nenhum psicanalista. Pense o que quiser, mas não sou louco. Foi só uma... coisa passageira. O próprio Promotor Público admitiu isso ontem à noite. Ele concordou que tinha sido por causa do livro, mais nada.

Polk encolheu os ombros.

— Naturalmente, ninguém pode forçá-lo a consultar um analista, Jerry. Mas acho que seria uma medida inteligente.

Frank Griffith aproximou-se do filho, passando-lhe o braço pelos ombros enquanto se dirigia a Polk.

— Não se preocupe, Ralph. Tenho a certeza de que Jerry terminará compreendendo o que lhe convém. Procure entrar em contato com o Dr. Trimble e combine tudo da melhor maneira. Agora, Jerry, acho que já aguentou que chegue. Porque não vai lá para cima e se deita um pouco? Tome um sedativo e descanse. Nós saberemos fazer o que ainda é preciso ser feito sem o sujeitar a novos incômodos.

Jerry olhou fixamente para o pai, de repente afastou-se, e sem qualquer palavra para mais ninguém saiu à pressa da sala, em direção à escadaria.

O olhar de Maggie seguiu-o. Enquanto os demais presentes recomeçavam a acomodar-se em suas cadeiras, acendendo cigarros e charutos, Maggie esgueirou-se discretamente para o vestíbulo. Assim que ficou fora da vista, subiu os degraus o mais depressa possível.

Alcançou Jerry no patamar do andar superior.

— Jerry...

Ele esperou, tentou sorrir, não conseguiu.

— ...sinto muito que eles o tenham exposto a isso. Ele conservou-se calado.

— Estou certa de que estavam apenas a procurar ser úteis à maneira deles — continuou.

As mãos de Jerry repuxaram, nervosas, o suéter.

— Não me interessa se alguém quer ser útil. Fiz uma coisa errada, louca, e mereço ser punido; portanto que me punam. Mas não quero sofrer torturas extras além disso. Não quero ir mais a nenhum tribunal... hoje de manhã já chegou, foi a última vez... e aguentar advogados e juizes, expondo-me em raio-X prò mundo inteiro, e não quero nenhum psiquiatra a remexer no que me resta de cérebro. Só quero que me deixem em paz.

— Está bem, Jerry.

— Aquelas coisas... é o mesmo que obrigar-me a abrir a braguilha em público.

— Eu sei.

— Errei, portanto castiguem-me e deixem-me em paz. Só quero que me deixem em paz. Não me refiro a você, Maggie, mas a todos os outros. Quero apenas que me deixem em paz e me dêem o castigo que mereço — olhou-a bem e depois disse: — Você entende.

Seria capaz de fazê-los entender, Maggie?

— Eu... eu posso experimentar. Vou tentar. Talvez não hoje. Mas na hora exata.

— Obrigado... Acho que estou a sentir-me mal. Talvez fosse melhor deitar-me um pouco.

— Okay.

Virou as costas e caminhou para o quarto. Depois que entrou, Maggie voltou à escada. Lenta, pensativa, desceu.

Em baixo, podia ouvir a conversa que continuava no living. Viu-se atraída pelas vozes. Dirigiu-se na ponta dos pés ao limiar da sala e ficou parada, escutando. Achavam-se absortos de mais para notar a sua presença.

Ralph Polk sacudia a cabeça, concordando com alguma coisa que Luther Yerkes tinha dito, e depois Polk retrucou:

— Sim, Mr. Yerkes, não há a mínima dúvida. Esse livro pornográfico é o argumento mais eloquente que temos para a defesa de Jerry. Constitui, como o senhor observou, o fator principal desse caso. Só por isso, se não houvesse outros motivos, eu já insistiria em pôr o rapaz em tratamento com o Dr. Trimble. Em poucas sessões, tenho quase a certeza, o Dr. Trimble descobriria e classificaria o trauma que Jerry sofreu durante a leitura de Os Sete

Minutos e depois. O que seria precioso para nós — sorriu rapidamente para Yerkes. — E estou seguro de que seria precioso para o nosso Promotor Público, caso denunciasse o livro.

Os olhos de Yerkes estavam dissimulados pelos óculos azuis, e o rosto rechonchudo permaneceu impassível.

— Talvez tenha razão, mas não faço a mínima ideia do que Elmo Duncan planeia fazer. Em todo o caso — levantou-se, sendo imediatamente imitado por Blair —, posso dizer-lhe o que eu planeio fazer. Estando aqui nesta casa, vendo com os meus próprios olhos a devastação e a ruína que podem desmoronar sobre um adolescente, sobre uma família honrada, sobre a comunidade, por um punhado de lama disfarçado de literatura, convenci-me, mais do que nunca, a dedicar-me de corpo e alma à proposição de que necessitamos ter censura neste país, se não quisermos mergulhar no caos e na crescente violência. Conto com a sua garantia de que se aliará a nós nessa luta, não apenas porque é benéfica ao seu próprio caso, mas porque é benéfica ao futuro da nossa sociedade e à causa da justiça.

— Conte com a minha palavra — declarou Griffith com ardor.

— E você com a minha — retorquiu Yerkes. — Deste momento em diante, vou dedicar toda a energia e recursos à minha disposição para livrar a nossa comunidade e o país desses mascates da imoralidade corruptora do espírito e destruidora da alma. Sabe o que faremos juntos? Atiraremos o livro sobre eles... o próprio livro deles... e expulsaremos os contratadores gananciosos e propiciadores de estupros para sempre do templo!

De certo modo, Mike Barrett não se admirou de que o Promotor Público estivesse ocupado de mais para recebê-lo e que a entrevista seria curta e simples.

Elmo Duncan estabelecera claramente o limite de tempo poucos segundos atrás, ao tocar a campainha e avisar a secretária para protelar todas as chamadas durante três ou quatro minutos, dizendo às pessoas à sua espera que teriam de aguardar alguns instantes.

Rumando de carro para o Palácio da Justiça, Barrett sentira-se reanimado por uma vaga esperança, justificando o seu optimismo com Sanford no telefonema interurbano de horas antes. Confiava que Duncan mantivesse a promessa da véspera, e que os novos

acontecimentos em torno de Os Sete Minutos não influenciassem a atitude flexível que o Promotor demonstrara anteriormente em relação à instauração do processo contra o best-seller.

Barrett fora conduzido da sala da recepcionista, através da cozinha privativa do Promotor Público, até ao gabinete onde a secretária particular de Duncan o esperava. Ela fê-lo passar ao escritório espaçoso, claro e moderno de Duncan. Barrett tinha reparado que a porta que comunicava com a confortável saleta de descanso da Promotoria se achava aberta, e pôs-se a imaginar se Duncan não o convidaria para conversarem ali. Em vez disso, Duncan apontou para uma das duas poltronas de couro em frente à ampla e bela escrivaninha sueca. O Promotor não pretendia perder tempo com muita conversa. Nada de cortesias. As esperanças de Barrett começaram a vacilar e a apagar-se.

Agora Barrett podia ver perfeitamente que aquele não era o mesmo homem que o recebera tão amável na véspera. As feições de Duncan estavam tensas, como se reprimissem a impaciência. A bandeira americana desfraldada de um mastro atrás da cadeira giratória de encosto alto parecia brotar diretamente da sua cabeça.

Nervoso, o Promotor Público remexeu em alguns papéis em cima da escrivaninha, olhou de relance para o telefone e a garrafa de água a seu lado, depois para os livros magnificamente encadernados que se enfileiravam nas estantes mais além, e, finalmente, com relutância, concentrou a atenção em Barrett.

— Não esperava que viesse pessoalmente — explicou. — Pensei que fosse telefonar. Eu... eu creio que estou com o tempo um pouco tomado.

E não proferiu mais nada. Esperou.

— Julguei que assim ficasse mais fácil — retrucou Barrett. — Serei breve. Nós íamos resolver a questão de Ben Fremont.

— Sim.

O Promotor Público não estava a facilitar a situação e Barrett percebeu que teria de comentar os novos acontecimentos, tocando no assunto sem subterfúgios.

— Eu, naturalmente, li os jornais. A respeito do filho de Griffith. E do livro de Jadway. As notícias são exatas? Foi isso que aconteceu?

— São exatas.

— Compreendo. Pelo tom adoptado pela imprensa, podia deduzir-se que o fantasma JJ Jadway tivesse cometido o estupro.

Duncan achou um abridor de cartas espanhol na escrivaninha e pegou nele.

Contemplou-o. Tinha o formato de um sabre. Sem levantar os olhos, disse: — Nesta repartição, estamos a tratar do caso Fremont e do caso Griffith como questões à parte. Não é a imprensa que está a julgar estes casos, Mr. Barrett. Somos nós.

Barrett permaneceu cauteloso.

— Quer dizer, então, que a seu ver um não tem relação com o outro e que o senhor continua tão objetivo sobre a questão de Fremont como ontem?

A lâmina de Toledo do abridor de cartas cintilou ao girar lentamente na mão do Promotor Público.

— Não quero dizer nada disso — respondeu Duncan. — Estou a dizer-lhe que, segundo a lei, estamos a tratar cada caso separadamente e julgando cada um de acordo com as provas apresentadas. Sabemos perfeitamente que são questões diferentes. Reciprocamente, sabemos também que no tribunal da opinião pública podem transformar-se numa só.

— O senhor está a insinuar que a opinião pública possa prejudicar o tratamento desses casos como casos independentes?

Duncan inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos no mata-borrão da escrivaninha. Franziu os olhos.

— Mr. Barrett, deste lado, nós temos denúncias contra um rapaz que cometeu estupro e infligiu graves injúrias físicas e cujo ato criminoso foi incitado pela leitura do mesmíssimo livro. A reacção pública a este fato, não apenas local como nacional, foi instantânea e apaixonada. Embora um organismo executante da lei não precise mostrar-se sensível a todos os caprichos do povo, ele pode sê-lo quando as exigências populares coincidem com as suas próprias atividades. O senhor nunca deve esquecer, Mr. Barrett, que a lei é um instrumento do público, criada pelo público para se proteger. Eu posso ser tudo o que o senhor quiser, Mr. Barrett, mas sou um servidor público.

Barrett ficou sentado, completamente imóvel. A preleção, que lhe foi administrada como se fosse um colegial, tinha sido pretensiosa e até condescendente. Dissimulava qualquer motivo político possível. Era pura conversa fiada.

Barrett não se sentiu disposto a ser simpático.

— Ontem, Mr. Duncan, atuando como servidor público, prontificou-se a servir a lei e o público; tratando as denúncias contra Ben Fremont como uma infração menor, e mesmo discutível, da lei. O senhor praticamente me garantiu que se eu entrasse com uma declaração de culpabilidade em nome de Fremont, faria tudo para que ele fosse posto em liberdade com multa e suspensão de sentença, e que deixaria as coisas nesse plano.

Precisava apenas de tempo para explicar a situação aos seus auxiliares, por uma questão de cortesia. Agora vim aqui para ouvir a sua decisão oficial. Uma multa e uma suspensão de sentença. É essa ainda a sua intenção?

O Promotor Público largou o abridor com feitiço de sabre.

— Temo que não — respondeu. — Consultei os meus auxiliares. Desde ontem, colhemos novos indícios contra Os Sete Minutos. Examinei o livro mais detidamente e a acusação específica, iluminada como o foi por esses novos indícios, e fiquei convencido de que não estamos a tratar de um mero delito mas de um crime que pode ter vasto efeito, pondo em perigo a segurança pública.

— Refere-se a um vasto surto de estupros? — perguntou Barrett com ironia.

Duncan não achou graça.

— Refiro-me à distribuição de uma obra imoral e perniciosa intitulada Os Sete Minutos — contemplou-o friamente. — O senhor pode informar o seu constituinte que, se declararem Ben Fremont inocente, nós processaremos o réu até aos últimos limites da nossa capacidade. Iremos a julgamento e empregaremos todos os recursos à nossa disposição para provar ser o réu e o livro, se quiser, culpados da acusação. Entretanto, se preferirem entrar com uma declaração de culpabilidade, o réu então receberá a máxima pena possível por seu delito... a multa, bem como os doze meses de cadeia. Nada de acordos, nem compromissos, Mr. Barrett.

E tão-pouco qualquer medo da sua amizade com Willard Osborn II, pensou Barrett.

O Promotor Público falava alicerçado no poder. Obviamente, dispunha de protetor mais rico, influente e forte do que Osborn.

— E os dois casos — disse Barrett —, pretende ainda tratá-los separadamente?

— São casos separados — frisou Duncan, numa demonstração espetacular de cândida inocência. — Naturalmente — acrescentou —, se formos a julgamento por causa do livro, talvez sejamos forçados a chamar Jerry Griffith como testemunha circunstancial.

— Testemunha circunstancial, Mr. Duncan?

— Quando um rapaz em idade imatura é, por sua própria confissão, levado a cometer um crime atroz por causa do conteúdo de um livro que acaba de ler, eu considero isso relevante à nossa asserção de que o livro é nocivo e deve ser banido, e que distribuir um livro desse tipo constitui ato criminoso. Ah, sim, eu creio que tudo o que Jerry Griffith possa declarar sobre esse livro, o efeito que teve sobre ele, é perfeitamente relevante para o nosso caso.

Sem querer, Barrett sacudiu a cabeça. Sentiu vontade de protestar, mas não se encontrava num tribunal de justiça. E o Promotor Público, por meio de um circunlóquio, apresentava-lhe dois casos independentes que agora pareciam um só. Um servidor público, pensou Barrett causticamente, atendendo a vontade do povo, Ou, possivelmente, a de Luther Yerkes. Não, resolveu Barrett, ele não ia dar ao Promotor Público essa oportunidade de destorcer a lei em qualquer tribunal.

— Quer dizer, então, que essa é a sua última palavra?

— perguntou Barrett.

— Sim — respondeu Duncan. Mas não fez nenhum movimento para se levantar. — E agora eu gostaria de saber qual é a sua, Mr. Barrett. Que declaração o senhor pretende apresentar... culpado ou inocente?

— Se a decisão dependesse unicamente de mim, poderia torná-la agora mesmo — Barrett pôs-se de pé. — Mas tenho de consultar o meu constituinte em Nova Iorque.

Levantando-se, Duncan disse calmamente: — Estou certo de que o senhor há-de esclarecê-lo de que não pode haver compromisso. Se alegarem culpabilidade, Fremont apanha um ano de cadeia e o livro é condenado, não podendo ser vendido em Oakwood... para começar. Se alegarem inocência, então terão a única oportunidade de libertar o livreiro e... — frisou cuidadosamente— ...o livro. Mas, para isso, precisarão arriscar-se a enfrentar o tribunal.

— Não se preocupe — replicou Barrett. Aqui, oh, pensou, vou ser pedante para convencer Phil Sanford a dar a esses sacanas a oportunidade de fazer um carnaval e montar um circo de publicidade à nossa custa. Dirigiu-se à porta e abriu-a. — Mais logo telefono-lhe.

Parado de pé, atrás da escrivaninha, agora mais tranquilo, Elmo Duncan sorriu pela primeira vez.

— Ficarei à espera — disse.

Como não havia tempo a perder e como Phil Sanford estava à espera de suas notícias, Mike Barrett resolveu ligar logo para Nova Iorque. Não querendo confiar nos telefones do Palácio da Justiça, subiu rapidamente a Temple Street até chegar ao magnífico Arquivo Público e encontrar uma cabina vazia.

Embora não houvesse demora para completar a chamada interurbana e informassem Sanford imediatamente, o editor levou uma eternidade para atender. O tratamento moroso de um telefonema que Sanford antes considerara tão importante, primeiro desconcertou e depois irritou Barrett. Quando Sanford, afinal, pegou no auscultador do outro lado, desculpando-se distraidamente por fazer o amigo esperar e explicando que o seu escritório se tornara mais movimentado que a Grand Central Station, Barrett interrompeu-o, entrando direto no assunto.

Mal permitindo que Sanford atalhasse com perguntas ou comentários, Barrett lançou-se a um monólogo, comunicando os pormenores da conversa mantida com o Promotor Público e a perfídia da completa reviravolta de Duncan. Mais explicitamente que o próprio Duncan talvez houvesse esperado, Barrett articulou as alternativas e consequências legais das declarações de culpa e inocência.

Enclausurado na cabina telefônica, Barrett falou vários minutos sem parar e ainda estava longe de terminar.

— Portanto, em que pé ficamos? — perguntou Barrett, colocando a questão quase como se procurasse esclarecê-la para si mesmo. — Eu vou explicar, Phil, e dar-lhe um bom conselho. Duncan estava praticamente a babar-se todo para que eu lhe dissesse que iríamos alegar inocência e enfrentar julgamento. Ele quer transformar o tribunal num palco onde possa dramatizar o problema e inculcar no público a sua imagem de paladino da justiça. E já tem até o texto pronto. Um texto de enorme sedução para as massas. Não estou a dizer que Duncan seja apenas um impostor e mais nada. Quero ser justo com ele. Evidentemente é sincero em sua opinião de que um romance como Os Sete Minutos pode causar danos incalculáveis. É verdade que ontem não achava assim tanto. Mas ele considera o estupro praticado por Griffith uma demonstração prática da conduta anti-social capaz de ser provocada por um simples livro. Tenho a certeza de que acredita piamente nisso. Só Deus sabe como ele se julga íntegro. Ao mesmo tempo, você conhece o meu cinismo a respeito dessas integridades. Examine bem qualquer santo e no fundo você encontra interesse pessoal. O que não há dúvida é que, contando com o filho de Griffith como testemunha estrelar, Duncan dispõe de um julgamento que transcende o plano literário e intelectual para se converter num carnaval de emoções de vasto apelo popular. Ele pode transformar-se num nome famoso em todo o país com a sua atuação na sala do tribunal, se conseguir o que quer. E ele está certo de que conseguirá. E, para usar de franqueza, sinto-me inclinado a concordar com ele.

— Que é que você está a dizer, Mike? Quer dizer que você acha que ele pode ganhar?

Barrett falou ainda mais perto do bocal do telefone.

— Vou ser indelicado com você. Sim, baseado no pouco que sabemos por enquanto, as possibilidades inclinam-se fortemente a favor da acusação. Eu sei que hoje de manhã lhe disse que estávamos a lidar com um caso, um caso de censura, e que o estupro cometido pelo Griffith nada tinha que ver com isso do ponto de vista legal. O que continua a valer.

Duncan reconhece. Mas esta entrevista que acabo de ter com ele fez-me compreender até que grau existem outras forças em ação... opinião e pressão públicas... a determinação de introduzir o filho de Griffith no caso pela porta lateral, como testemunha... as ambições políticas do Promotor Público ou dos seus patronos. Neste clima, poderiam provavelmente conseguir juntar os dois casos num só. Se conseguissem, seria quase impossível obter veredicto de inocência de um juiz ou de um júri. Como é que se pode, pelo amor de Deus, defender um caso assim? Você diz que o tal livro é obra de arte e invoca a Constituição e a liberdade da imprensa para a obra de arte. Por sua vez, eles limitam-se a apontar para aquela moça patética, em estado de coma no hospital, estuprada por alguém que afirma que foi levado ao crime pela obra de arte. Como é que você iria julgar esses argumentos? Aceite o meu conselho. Você não pode, de modo nenhum, alegar inocência e arriscar um julgamento. A publicidade desfavorável e a perda quase inevitável da causa farão com que o livro seja proibido em todas as principais cidades da América. Você ficará liquidado, Phil...

— Espere aí, Mike, ouça, eu...

— Deixe-me terminar — cortou Barrett, incisivo. — Faça o que lhe digo. Explique a situação a Ben Fremont. Ele compreenderá. Não há-de querer passar por todas as preliminares do julgamento com a agitação e a notoriedade que o acompanham. Ele se sairá dez vezes melhor se se declarar culpado. Pagaremos a multa. E um ano na cadeia, ora, não é divertido, mas tão-pouco é a guilhotina e você pode compensar isso de uma maneira qualquer. Depois de apresentá-lo como culpado, desaba o toldo do circo de Duncan e garante-se algum futuro para o livro. A sentença de Fremont será comentada durante certo tempo pela imprensa, mas sem nada de novo para mantê-la à vista do público, ficará sepultada para sempre. Se ocorrerem outras acusações longe daqui, pelo menos não estarão relacionadas com estupro. Quando você tiver acabado com todas, poderá recomeçar a vender o livro em tudo quanto é lugar, menos em Oakwood. Tenho a certeza de que concorda comigo. É preciso que se alegue culpabilidade. Dá-me licença que eu telefone agora mesmo ao Duncan, comunicando a nossa decisão?

— Mike...

— Dá?

Ouviu-se um silêncio aparentemente interminável. Barrett ficou à escuta. Só podia distinguir a respiração pesada de Sanford, a mais de quatro mil quilômetros de distância.

Por fim, Sanford falou.

— É... é tarde de mais, Mike. Era isso que eu estava a procurar dizer-lhe. É tarde de mais.

— O que é que você está a dizer?

— Fiz uma declaração pública do que íamos fazer. Anunciei que alegaríamos inocência. Que iríamos aos tribunais defender Ben Fremont e... e Os Sete Minutos, Pronto, está feito.

Num gesto involuntário de descrença no que tinha escutado, Barrett tirou o auscultador do ouvido, olhou para ele, e aproximou-o de novo da orelha.

— Será que ouvi bem? Você não está a brincar, por acaso? Olhe que o caso é sério.

— Fiz uma declaração pública há menos de uma hora. Nós vamos aos tribunais, Mike, e precisamos de todas as...

— Quer saber a minha opinião? O que você precisa é de uma camisa-de-forças e de uma dúzia de psiquiatras.

— Mike, você não me deixa falar. Não sabe o que está a acontecer aqui, do contrário compreenderia — queixou-se Sanford.

— Depois que lhe telefonei hoje de manhã, vi-me cercado de telegramas e telefonemas dos quatro cantos do país. Têm chovido telegramas.

De todo o mundo. Da maioria dos nossos principais fregueses de livraria. De alguns dos maiores armazenistas... Baker & Taylor, A. C. McClurg, American News, Raymar, Dimondstein, Bookazine, nem sei mais quem... e tudo se resume na mesma pergunta. Que vamos fazer com Ben Fremont? Ninguém teve papas na língua. Se recuássemos no caso de Ben, significaria que recuávamos em Os Sete Minutos. Se reconhecêssemos que Ben estava culpado e merecia ir para a cadeia sem resistência nenhuma, então pareceria que estávamos a reconhecer que o livro é obsceno e não merece ser posto à venda. Para dizer a verdade, o fato de não apoiarmos Ben

Fremont redonda em expor cada livreiro, cada vendedor de livros, a novas prisões sem a mínima garantia de proteção. É como se a Associação de Livreiros Americanos me falasse em uníssono. Combata já os censores e impeça a disseminação da censura, ou esqueça o livro. Porque, se a Sanford House não lutar agora, ninguém se atreverá a tocar no livro.

“Olhe, nós sabemos o que aconteceu numa situação semelhante, Mike. Disseram-me que quando a Grove Press editou o Trópico de Câncer, de Henry Miller, houve mais de sessenta ações penais e cíveis instauradas contra livreiros. E apesar de que os editores concordaram em defender ou apoiar a defesa desses livreiros, outros ficaram suficientemente apavorados para devolver... devolver, mandar de volta, você está a ouvir?... setecentos e cinquenta mil exemplares dos dois milhões publicados. Quando editou Fanny Hill, não deram nenhuma garantia de proteção aos livreiros. Mas depois que viram a quantidade descomunal de proibições e interditos que se estava aproximando, compreenderam que poucos livreiros se arriscariam a vender o livro a não ser que ele fosse defendido. Assim escolheram três cidades chaves onde ele havia sido atacado...

Hackensack, Boston, Nova Iorque... e lutaram contra os censores. O resultado foi que o livro e a liberdade de vendê-lo, e lê-lo, sobreviveram. Em certo sentido, tivemos mais sorte, Mike. Até agora só deparamos com um caso imediato de censura instaurado contra o nosso livro, apenas um, talvez mais difícil e sensacional do que os outros, mas um caso que, se lutarmos e vencermos, desencorajará qualquer ação posterior, penal ou cível. Mas não tentar combatê-la? Ora, os armazenistas e proprietários de livrarias despejariam imediatamente milhares e milhares de exemplares de volta no meu colo. O nosso livro estaria morto antes de nascer. Foi o que me deram a entender hoje.

“Que escolha tinha eu, Mike? Fiquei desesperado. Tão desesperado que, finalmente, atendi as chamadas de Wesley R. Você sabe o que ele disse? Sabe porque me telefonou depois de ler as parangonas? Só para dizer que sempre soubera que eu era um parvo, mas agora vinha a confirmação alheia... não só era parvo como ainda por cima idiota por editar o Jadway. E quanto a dar-me

qualquer ajuda, qualquer conselho paternal, sabe o que ele deu? Uma receita. “Frite-se na sua própria banha”, disse. E depois que eu estivesse frito, acrescentou, esperava que sobrasse o suficiente da firma para vendê-la a alguém que soubesse dirigi-la. Portanto lá fiquei eu, sozinho, na panela de pressão, com todo o comércio editorial à espera da minha resposta. Ora, esperei quanto pude, contando que você entrasse num acordo com o Promotor Público; porém, sabendo que mesmo que entrasse já era tarde de mais, tarde de mais para alegar que o nosso livro fosse culpado do estupro. Por isso, finalmente, telefonei para meio mundo e redigimos uma minuta da declaração a ser telegrafada aos principais distribuidores e armazenistas e também publicada pela imprensa. Reafirmamos a nossa crença na honestidade e no valor literário de Os Sete Minutos. Comprometemo-nos a defender o livro contra as forças da hipocrisia. Anunciamos que apoiaríamos Ben Fremont e o livro de Jadway, e que alegaríamos inocência, recorrendo aos tribunais para provar a nossa afirmativa à população de Los Angeles, do país, do mundo inteiro. Dei a minha palavra... que havemos de combater com todos os recursos de que dispomos.

— Foi exatamente o que o Promotor Público acaba de me dizer, as próprias palavras que ele usou.

— O quê?

— Que havia de o combater a você com todos os recursos à disposição dele.

— Eu... eu já esperava por essa — disse Sanford, hesitante. — Você não estava a falar sério, há pouco, quando disse que não teríamos nenhuma possibilidade no tribunal, estava, Mike?

Barrett sentiu subitamente pena do amigo.

— Talvez fosse exagero meu. O que devia ter dito é que detesto ver qualquer pessoa exposta a julgamento. Esses processos são confusos, custam caro e podem ficar maldosos.

Às vezes, quando terminam, é difícil dizer quem ganhou ou quem perdeu, porque toda a gente fica com cara de derrotada. E esse caso é especialmente difícil. A acusação tem armas poderosíssimas. Claro que entre hoje e a data do julgamento podem-se conseguir também algumas defesas impressionantes.

Barrett começava a deixar-se vencer pelo cansaço.

— Bom, acho melhor eu telefonar pro Promotor Público para o avisar de que você quer que Fremont se declare inocente. É o tipo da coisa que me desagrada, mas tenho a impressão de que você nos deixou sem alternativa.

— Eu não tive outra — insistiu Sanford. — Se virasse as costas ao caso, isso abriria as comportas do dique. E causaria o fim da liberdade de expressão neste país.

— Era isso que o estava a preocupar, Phil?... A liberdade de expressão?

— Está bem, seu sacana. E a minha própria sorte. Isso também pesou na balança.

Barrett não pôde evitar um sorriso.

— Agora sim. Pois se você está preocupado com a sua sorte, deixe-me dar-lhe um conselho, e desta vez siga-o. Você está na linha de fogo. Precisa do melhor atirador que existe. Por outras palavras, precisa do melhor advogado de defesa de todos os Estados Unidos. Trate de consegui-lo.

— Mas eu já o consegui.

— Ah, já? ótimo. Quem é?

— Você, Mike. Eu contratei-o ontem. Não se lembra?

— Ah não, nada disso, Phil — retrucou Barrett, com franqueza. — Fui apenas um quebra-galho provisório para um editor em apuros. Tratava-se só de uma rápida alegação de culpa e depois pano rápido. Julgamento é assunto completamente diferente. Pode levar semanas ou meses e já estou comprometido.

— Você disse que largou Thayer & Turner. Eu não insistiria se você não estivesse livre.

— Phil. eu não estou livre — insistiu Barrett, exasperado. — Não ouviu quando lhe disse, não apenas uma, mas duas vezes, que larguei a firma para assumir um novo emprego nas Empresas Osborn? Uma oportunidade única na vida. E uma das condições do novo cargo é que tenho de começar em seguida. Eu disse isso hoje de manhã.

Mas então percebeu que teria de repetir tudo ao amigo, e com maiores e mais convincentes minúcias. Tentando dissimular o

cansaço, tornou a contar toda a aventura com Osborn e a oportunidade que lhe tinha sido oferecida.

— Agora sabe porque não posso ser seu advogado — concluiu. Sanford permaneceu inflexível.

— Você pode procurar Osborn e dizer-lhe que assumirá o cargo depois de o julgamento terminar.

— Não me vejo a fazer exigências a Osborn. Posso dar graças a Deus por me ter oferecido o cargo. Olhe, Phil, há trezentos mil advogados nos Estados Unidos e há, no mínimo, duzentos mil que adorariam aceitar o seu caso e que seriam muito melhores do que eu. Que diabo, Phil. Eu nunca tratei de um caso de censura.

— Você tratou de uma porção de casos amparados nas garantias da Primeira Emenda quando trabalhava para o Instituto de Utilidade Pública. Ora, este é um caso de Primeira Emenda, sem tirar nem pôr. Qual a diferença, se a questão é política ou literária? O que se continua a defender é o direito de liberdade...

Claro que ele sabia o que se ia defender. Sabia o que estava em jogo. Num relance, o cartaz dependurado no seu velho escritório no Instituto, citando um credo da União de Liberdades Civis Americanas, passou-lhe pelos olhos. Era uma advertência de que, numa sociedade viva, os princípios muitas vezes entram em conflito. Sobre certas coisas não podia haver conflito. Um homem não pode ter liberdade de ferir outras pessoas, caluniar, incitar a ação subversiva, criar o perigo de conduta sexual ilícita, revolução ou sabotagem.

Mas, agora lembrava-se com nitidez: “Dentro desses limites, todos têm o direito de dizer o que quiserem, por mais impopular, por mais irresponsável que seja. Do contrário, nunca se sabe quando a maioria é capaz de decidir que as nossas ideias, também, são ofensivas.”

Esse fora o seu critério ao defender aquelas opiniões políticas manifestas e Sanford tinha razão. Era também o critério aplicável à liberdade de escrever, falar e ler o que bem se entende. Havia adoptado a tática errada com Sanford e tornara-se vulnerável.

— Admitamos, Phil — disse. — Digamos que eu esteja habilitado. Isso não impede que eu não esteja disponível. Repito, você pode

achar um advogado, toda uma bateria de causídicos, não só habilitados como também disponíveis e ansiosos por ajudar. Portanto seja razoável. Deixe que eu lhe encontre alguém.

— Não — recusou Sanford categoricamente. — Você é o único em quem eu apostaria todo o meu futuro. Só você me conhece bem. Só você sabe o que está em jogo. Você interessar-se-ia. Defender-me-ia como se fosse a própria vida. Interessar-se-ia por mim como amigo e não como mero constituinte. Você entende tanto do mundo editorial de Nova Iorque quanto de leis californianas. E você entende de livros, é o único advogado que até hoje encontrei que gosta tanto de literatura como de direito.

Houve uma pausa significativa e depois Sanford acrescentou: — Mike, você deve isso a si mesmo... e a mim. Barrett hesitou. O seu amigo interpolara a palavra "deve". Barrett sabia perfeitamente as definições da palavra "deve".

"Contrair dívidas... Ter obrigação com alguém..." Sempre sofrera o peso da dívida não saldada com Sanford. Os anos tinham passado, mas a lembrança e a obrigação não se apagaram com o tempo. Quando ficara desesperado para salvar a mãe, somente uma pessoa se prontificara a socorrê-lo. Há muito tempo reembolsara Sanford do dinheiro que lhe devia. Porém nunca pagara os juros, que só se pagam na moeda da amizade, um favor pelo outro. Ninguém sobre a face da terra ajuda o próximo por puro altruísmo. Toda a gente espera uma retribuição qualquer, seja amor ou lealdade-ou conselho legal.

Mesmo assim, Barrett não se resignara a capitular. Sanford dissera que devia aceitar o caso tanto por si mesmo como em nome da sua amizade. Significando, talvez, que devia lutar por boa causa. Ou então, o que seria mais plausível, que devia auxiliar um amigo encurralado, mero eufemismo para atenuar uma dura imposição. Mas Barrett também sabia o que devia a si mesmo: o direito de ser dono do próprio nariz, de uma vez por todas, para se libertar de qualquer sentimento de culpa e repudiar juros fraudulentos reclamados por dívidas não saldadas. Devia rejeitar Sanford, tal como na véspera rejeitara Zelkin, e aderir a Willard Osborn II. Não se arriscava a pôr em perigo a situação oferecida por Osborn. Ao

mesmo tempo, não podia, pelo menos de momento, romper com um amigo.

Percebeu que Sanford estivera a falar-lhe, perguntando: — Você ainda está aí, Mike?

— Estou sim. Estava a tentar refletir.

A voz de Nova Iorque tinha-se tornado ferida e adúladora.

— Mike. você não me pode decepcionar numa crise destas. Eu preciso de você.

— Você está a colocar-me numa posição difícil, Phil — replicou.

— Mas deixe-me ver o que posso fazer. Façamos o seguinte. Vou experimentar o que me sugeriu. Hoje à noite tenho de falar com Osborn. Tenciono dizer-lhe que aceito a proposta para a vice-presidência. Ao mesmo tempo, pedirei um prazo. Explicarei o que se passa consigo, a nossa amizade, e a necessidade do julgamento, e depois, bem, depois espero que dê certo.

Mas tem uma coisa, Phil. Se ele se recusar a conceder-me um prazo, aceitarei o cargo de qualquer maneira. Tentarei encontrar-lhe um advogado de primeira. Se tiver de ser outra pessoa, sei que compreenderá.

— Compreenderei apenas uma coisa — retrucou Sanford, recorrendo à tirania dos fracos. — Que a amizade tem precedência sobre todo o resto. Se você estivesse a afogar-se e necessitasse do meu auxílio, eu não hesitaria. Faria qualquer sacrifício para lhe estender a mão.

Aquilo irritou Barrett. Procurou conter o ressentimento que sentia.

— Sabe perfeitamente que eu faria tudo para ajudá-lo, dentro do razoável. Eu disse que tentaria. E tentarei hoje à noite. A única coisa que não posso fazer, se não houver outro remédio, é deitar todo o meu futuro a perder. Se não compreende isso, Phil, sinto muito.

— Ficarei aguardando o seu telefonema — disse Sanford e desligou.

Furioso, Barrett pôs o auscultador no descanso. Queria fugir daquela cabina, cena da cilada. Mas faltava-lhe cumprir ainda um dever.

Depositando outra moeda, discou o número da Promotoria Pública. Pelos vistos, a chamada já era esperada. Ligaram para Elmo Duncan quase imediatamente.

Contou-lhe que discutira o assunto com o seu constituinte em Nova Iorque e que tinham chegado a uma decisão a respeito do que iriam alegar, e que agora rumaria para Oakwood a fim de informar o réu.

— Vamos entrar com uma declaração de inocência-anunciou Barrett.

— Inocência? ótimo, não podia ser melhor — exclamou Duncan, entoando as palavras como se fossem uma alegre canção de Natal. — Então, até ao tribunal.

Barrett sentiu vontade de responder que o Promotor Público encontraria alguém no tribunal, mas que era pouco provável que fosse ele.

— Até ao tribunal — ecoou.

Saindo da cabina, quase aderiu a que Wiliard Osborn lhe não concedesse nenhum adiamento para assumir a defesa do caso.

Para a defesa, num processo como aquele, o tribunal era um campo de batalha perdido, um cemitério indefensável.

Passara a vida inteira para escapar de emboscadas.

Não podia arcar com um Little Big Hom. (Rio ao sul do Estado de Montana, cenário da histórica derrota do General Custer.)

Barrett fora convidado a jantar cedo na mansão de Osborn, pois ia levar Faye ao Music Center, no centro de Los Angeles, para assistir ao corpo de dançarinos do Bolshoi numa récita de A Bela Adormecida, de Tchaikovsky.

A refeição na elegante sala de jantar, quase rústica, com as suas toscas vigas de madeira no tecto e os ladrilhos hexagonais no pavimento, tinha sido muito saborosa. Agora retiravam-se os últimos pratos servidos sobre a toalha castanha mexicana, tecida à mão, até que apenas o candelabro antigo, de ferro batido, permaneceu no meio da mesa. Um criado entrou com uma caixa de charutos aberta. Wiliard Osborn tirou um, mas Barrett recusou, indicando o cachimbo, que começou a encher com o tabaco do saquinho de couro.

Do outro lado da mesa, Faye enfiava novo cigarro na boquilha de ouro. Os cabelos louros repuxados para o alto acentuavam os fios de pérola em torno do alvo pescoço. Os seus olhos cruzaram com os de Barrett e piscaram, inclinando a cabeça ligeiramente para o pai, como para garantir a Barrett que o momento era propício. Barrett desviou a vista na direção de Willard Osborn, sentado à cabeceira.

Osborn cortara a ponta do charuto e esperava que o criado o acendesse.

Finalmente os três ficaram sozinhos. Durante todo o jantar, a conversa, orientada por Faye, girara principalmente em torno de mexericos sociais e arte em geral. Nada de negócios. Barrett contava, até certo ponto, que o assunto da sua posição seria tratado enquanto comiam. Mas fora intencionalmente evitado por Willard Osborn. Barrett, por fim, compreendeu que, segundo o código de Osborn, comida e negócios não se misturam, por uma questão de boas maneiras.

Agora o jantar terminara, e dali a vinte minutos ele e Faye teriam de sair para assistir ao espetáculo de balé.

Willard Osborn endireitou a magra silhueta e pôs-se a fitar Barrett por baixo das pálpebras caídas.

— Ora, muito bem — disse —, já falamos de tudo quanto foi assunto e agora eu diria que não há mais nada a comentar excepto o assunto mais importante de todos... o das vice-presidências. Presumo que esteja preparado para me dizer, Michael, se já tomou uma decisão e, caso seja favorável, se conseguiu largar o emprego atual. Está pronto para isso?

Barrett sorriu.

— Estava só à espera que o senhor perguntasse. Claro que a minha decisão é favorável. Foi favorável desde o momento em que me fez a proposta. O problema era Thayer & Turner. Folgo em dizer que consegui solucionar tudo. Demiti-me ontem.

— Que maravilha, Mike! — exclamou Faye, radiante.

— A única coisa...

— Estou absolutamente encantado — interrompeu Willard Osborn. — Sabia que você havia de encontrar um meio de resolver tudo. ótimo. Agora podemos prosseguir conforme planeamos.

Segunda-feira o escritório lá estará à sua espera. Quero que vá até lá, se familiarize com os arquivos; trave relações com os seus colegas e dentro de uma semana já se achará em condições de levar a nossa pequena legião de funcionários a Chicago para começar as negociações sobre aquela rede de televisão.

Incapaz de refrear o entusiasmo de Osborn, Barrett escutou tudo com uma sensação de naufrágio. Precisava de falar antes que o anfitrião continuasse.

— Há só um empecilho a atrapalhar, Willard.

— Atrapalhar o quê?

— Que eu comece a trabalhar já para você. Sabe, um amigo meu, um dos meus melhores amigos, quer que eu o represente num julgamento que será efetuado em breve em Los Angeles. Não pude convencê-lo a contratar outro advogado. Ele acha que, para esse tipo de caso, precisa de alguém que o conheça bem, alguém em quem possa confiar.

Eu nem levaria a proposta em consideração, só que o homem é meu amigo, sempre foi leal comigo, e devo-lhe uma série de coisas.

Osborn abaixou o charuto e aproximou-se mais da mesa.

— Acho que não estou a entender bem, Michael. Não posso imaginar que isso seja tão importante para permitir a espécie de prazo de que está a falar. O que é que esse caso tem de tão especial que só você, e mais ninguém, seja capaz de resolver?

— Bom... — Barrett retorceu-se, contrafeito, no assento. — É o tipo de caso... bem, toda a futura carreira do meu amigo depende do seu desfecho. Antes de entrar no assunto, bem, se não me leva a mal, acho conveniente explicar primeiro a espécie de relação que tenho com esse meu amigo.

Pousando os olhos no cachimbo frio que mantinha na mão, sem o levantar sequer uma vez, Barrett começou a contar em frases apressadas e curtas como conhecera Philip Sanford, os anos passados juntos no colégio, a assistência que recebera dele quando a mãe ficara gravemente enferma, as dificuldades do amigo com o pai célebre, a oportunidade que tivera de assumir a direção da Sanford House em fase de experiência para provar a sua capacidade. Depois, ainda mais rapidamente, Barrett intercalou Os Sete Minutos

na narrativa, descrevendo a prisão de Ben Fremont e a determinação de Phil Sanford em defender tanto o livreiro como o romance nos tribunais.

— Hoje fiz o que ele me pediu e o que talvez fosse necessário — acrescentou Barrett. — Informei o Promotor Público de que íamos entrar com uma declaração de inocência.

Prometi a Phil que tentaria, dentro do humanamente possível, representar a defesa.

Ao acabar de falar, ergueu os olhos para Faye, sentada a sua frente. Mas só pôde vê-la de perfil. Tinha o rosto Inquieto virado para o pai. Barrett forçou-se a desviar a vista para Osborn.

Se o semblante de um homem pode ser resumido numa só palavra, então as feições de Willard Osborn seriam sinônimo de “estarecidas”. A fisionomia aristocrática, geralmente pálida, estava espantada, consternada, aflita e levemente afogueada.

— Aquele livro — retorquiu Osborn, pronunciando “livro” como se fosse um palavrão escatológico. — Você pretende defender aquele livro infame? Não é possível que esteja a falar a sério!

Barrett sentiu-se abespinhado.

— Não tenho a menor ideia se o livro é ou não é infame. Foi só o nosso Promotor Público que disse que ele era infame. A outra parte ainda não foi ouvida. Não li o livro, mas mesmo assim ele merece...

— Não merece coisíssima nenhuma — atalhou Osborn. — Merece ser rasgado em frangalhos e lançado na lata do lixo. Você não tem a menor ideia se o livro é infame? Estou realmente surpreendido que um homem da sua inteligência faça uma observação como essa, Michael. Não é preciso ler um livro para saber que é infame. Sente-se pelo cheiro. Eu, por exemplo, sei o que é. Há indícios suficientes para emitir uma opinião. Conheço o nosso Promotor Público. Você mesmo já o encontrou nesta casa. É um homem honesto, um homem decente, e certamente nada puritano. Se ele julgou que Os Sete Minutos devia ser processado por obscenidade, eu confiaria no julgamento dele. Como se isso não bastasse, pense um pouco nos antecedentes desse livro. Os jornais publicaram fartamente hoje de manhã. Com exceção de uma mísera tipografia clandestina em Paris, nenhuma editora de nenhum país durante mais de três

décadas achou que esse livro devia ser publicado. E quanto a esse seu pretense amigo, cuja moralidade ficou evidentemente deformada pelo ressentimento psicótico contra o próprio pai... quando o seu amigo resolveu, oportunisticamente, editar o livro, qual foi a primeira coisa que aconteceu? O livro terminou por cair nas mãos do jovem filho de Frank Griffith, libertando as suas inibições anormais e provocando-lhe um ato de violência.

— Quanto a isso, contamos apenas com a palavra do rapaz — objetou Barrett, abalado pela veemência de Osborn.

— Para mim basta — afirmou Osborn. — Michael, tem de compreender o seguinte. Não sou nenhum estranho à família Griffith. Seguramente conheço bem Frank Griffith há muitos anos. Já me comprou uma quantidade infinita de horas de televisão para os seus numerosos clientes. A clientela dele é formada pelos maiores homens de negócios da América, e isso porque soube merecer-lhes o respeito. É destacado cidadão público e criou o filho à sua própria imagem. Nada podia ter corrompido o espírito de um rapaz como aquele a não ser uma obra criminosamente pornográfica. Você já me conhece um pouco, Michael-Difícilmente me chamaria puritano. Deve saber que sou contra quem restringe as nossas liberdades. Oponho-me a seus esforços diariamente na interminável batalha do nosso mundo de televisão. Mas até a liberdade precisa ter limites. Do contrário, os gananciosos, os corruptos hão-de usá-la contra nós mesmos e destruí-la, assim como destroem os nossos jovens e inocentes. Eu digo que se deve abrir a porta à nova franqueza realista quando ela é honesta e arejada, mas digo que se deve fechá-la na cara hedionda de um monstro como Os Sete Minutos. Para seu próprio bem, Michael, sem falar no nosso futuro juntos, mas sobretudo para seu próprio bem, só espero que você não esteja a falar a sério quando diz que pretende defender esse livro.

Enquanto ouvia, Barrett ficava cada vez mais apavorado. O seu medo não era um medo de Willard Osborn, mas da raiva temerária que sentia crescer no íntimo e que triunfaria sobre a razão, dominando-o e dando vazão a sentimentos há muito esquecidos que destruiriam o seu prodigioso futuro. Não sabia o que dizer, mas,

felizmente, não precisava dizer nada por enquanto, pois Faye estava a dirigir-se ao pai.

— Papá, não discordo do que o senhor disse, mas acho realmente que o senhor não está a entender o que Mike está a procurar explicar-lhe. Mike pode estar a falar sério a respeito de defender esse livro e pode não estar, mas a questão é que ele frisou desde o início que, se por acaso o defendesse, seria devido à lealdade a um velho amigo. Ele tentou explicar que está a pensar em tratar do caso por causa de Mr. Sanford, não por causa de Os Sete Minutos.

— Bom, pode ser, mas a simples ideia de Michael ficar envolvido... — Osborn virou-se mais uma vez para Barrett. — Quanto à lealdade entre amigos, compreendo perfeitamente. É uma coisa admirável. Contudo, por longa experiência, também sei que não se deve permitir que se torne avassaladora. Quase todos nós pagamos o nosso tributo à amizade. Mas nunca ao ponto de causar a nossa própria ruína. Não se esqueça disso, Michael. — Pegou no charuto e acendeu-o com um isqueiro de mesa. — Agora, pois, voltemos ao seu lugar nas Empresas Osborn. Eu disse que precisamos de você em seguida. É possível que se possa chegar a um meio-termo. Quanto tempo é que teria de consagrar a esse julgamento de que falou?

— Por enquanto ainda não posso saber — respondeu Barrett. — Diria que talvez um mês. Talvez um pouco mais.

Osborn sacudiu a cabeça.

— Impossível. Creio que você está a pedir de mais. Não posso deixar o cargo vago por um período assim tão longo. Teria de encontrar outra pessoa. Ademais, para ser absolutamente sincero, há outro aspecto do seu envolvimento com Sanford que seria desagradável. Isso está com aspecto de se tornar um julgamento sensacionalista e sórdido.

Um pouco dessa sordidez ficar-lhe-ia automaticamente ligada, e, se você viesse a ocupar uma das nossas vice-presidências, ficaria, por sua vez, ligada às Empresas Osborn. Deixaria você e a companhia mal vistos pelos conservadores mais impertinentes que anunciam nas nossas estações. Eu acharia extremamente difícil

justificar a sua função num julgamento desses e, até mesmo, o fato de lhe ter entregue um cargo tão responsável numa companhia envolvida em comunicações que influenciam tanto a juventude como a velhice.

De repente esmigalhou o charuto no cinzeiro.

— Ora que diabo. Você sabe aonde eu quero chegar. É bastante inteligente para isso.

Por isso é que me interessa que trabalhe conosco.

Osborn levantou-se da cadeira e empurrou-a para o canto. Parecia mais uma vez à vontade e afável. Sorriu de leve para a filha e depois concedeu um sorriso ainda mais amplo a Barrett.

— Sei que posso confiar no seu senso de valores, Michael — disse. — Pensando bem, esse julgamento não ocuparia o menor lugar no seu sumário de realizações. Há assuntos mais vitais, e mais atraentes, para se interessar. O meu conselho é: esqueça essa digressão de tribunal. Pode explicar ao seu amigo Sanford que fez uma tentativa em defesa dele, mas que eu fiquei totalmente irredutível. Pode dizer que não pude descobrir nenhum meio de o dispensar e que você teve de honrar o seu compromisso anterior com as Empresas Osborn. Depois de lhe explicar isso, e ele perceber que você está a falar sério, desistirá de qualquer novo esforço para se aproveitar da situação. Fará o que deveria ter feito logo.

Tratará de achar o tipo de advogado de segunda classe que se especializa em defender o que é imoral e licencioso, alguém que tenha menos integridade do que você.

Quanto a você, Michael, quero-o na nossa equipa, entre homens de categoria, onde é o seu lugar. Entre homens de futuro. Conto vê-lo segunda-feira de manhã bem cedo e animado. Portanto, rua com os dois, e divirtam-se. Afinal, vocês têm muita coisa para festejar.

O balé russo terminou com doze chamadas do público aos bailarinos em cena, antes das onze horas. Houve a enervante espera habitual para sair do parque de estacionamento e o costumeiro congestionamento de trânsito nas pistas, mas depois que Barrett conseguiu subir a ladeira pôde correr mais. Agora, à medida que o descapotável avançava por Sunset Strip, já eram onze e quinze.

Faye Osborn recomeçou a comentar A Bela Adormecida e a exaltar as maravilhas do conjunto Bolshoi. Ele notou que pouco se lembrava do que ela estava a descrever. Durante todo o bailado, mantivera-se desatento. Enquanto o corps de balé dava saltos de incrível leveza e traçava piruetas pelo palco, o pensamento de Barrett estivera repleto de imagens mais pesadas, mais inquietantes que faziam cabriolas e saltitavam na sua cabeça.

— Aquela nova bailarina — dizia Faye —, a que interpretou a Princesa Aurora... nunca consigo decorar esses horríveis nomes russos... você lembra-se como ela se chama, Mike?

— Não.

— Seja como for, creio que nunca vi desempenho mais maravilhoso. O programa dizia que é o papel que tornou Ulanova famosa da noite para o dia. Pois eu creio que esta moça vai ficar ainda mais famosa, não acha, Mike?

— Sim.

— Uma coisa positivamente estimulante. Deixa a gente com vontade de voar ou, pelo menos, dançar... Tem um Whisky a Go Go ali adiante. Você não está com disposição, Mike?

— Quê? Disposição para quê?

— Dançar. Você nem sequer ouviu o que eu disse. Acho que não está com vontade.

— Não, hoje de noite, não, meu bem. Na próxima vez. Tinham entrado em Beverly Hills e ele mergulhou em silêncio.

Ela estendeu a mão e apertou-lhe o braço.

— Mike, querido...

Olhou para ela. A testa perfeita de Faye estava enrugada de preocupação, estranha, como um delicado prato de porcelana rachada.

— Mike,, o que é? Você passou a noite inteira fechado em si mesmo. Que é que o preocupa? É o Papá? Ele aborreceu-o?

Era filha de Osborn, e ele sempre fora prudente ao referir-se ao pai. Não que tivesse muito motivo para criticá-lo anteriormente. Willard Osborn sempre o tratara de maneira simpática. Mas, num plano pessoal, conhecia Osborn apenas como o pai da noiva, o anfitrião, o benfeitor da sua carreira. O resto de Osborn, o Osborn

humano, somente o vislumbrara através do fio condutor que era Faye. Às vezes — raramente, mas acontecia — ficava pensando. Porque talvez não fosse Osborn mas apenas Faye. Era difícil separar uma linha consanguínea em duas identidades. Por isso, nas poucas ocasiões em que Faye fizera comentários ou demonstrara preconceitos que o incomodaram, não fornecendo nenhum indício que revelasse se a prevenção era dela ou provinha do pai, ele sempre se mostrara cauteloso.

Mas nesta noite ele tivera Osborn presente o tempo todo, sem diminuir o seu ressentimento. Queria dizer o que pensava, livrar-se daquele peso, e resolveu fazê-lo nesse instante. Não seria imprudente. Seria simplesmente franco. Afinal, existia uma intimidade entre Faye e ele, mesmo que ainda não fosse estreita. A intimidade sempre vale para alguma coisa.

— Então, ele o aborreceu? — insistiu Faye. — É isso que o preocupa?

— Sim, acho que é — respondeu. — Acho que estive a pensar no que ele disse depois do jantar. E isso fez-me pensar noutras coisas. Portanto, não se trata apenas de seu pai.

— Bem, o que tem ele?

— Creio que não esperava aquela espécie de ultimato. Ou você concorda ou senão, fim. Quando revelei todo o meu dilema, a minha amizade e dívida com Phil Sanford, julguei que ele compreenderia a minha situação. Mas não compreendeu. Ou pelo menos preferiu não compreender.

— Seja justo, Mike. Eu estava presente. Apesar da opinião dele sobre o tal livro, sobre o julgamento, sobre a pena que sentia de Frank Griffith, o Papá encarou com simpatia o seu problema. Mostrou-se pronto a moderar as condições, a ceder um pouco. Isso porque ele gosta de você e quer vê-lo alcançar o sucesso que merece. Mike, ele de fato perguntou quanto tempo é que você precisava prò julgamento.

— Era exatamente o que eu queria dizer — retrucou Barrett. — Ele prontificou-se a conceder-me somente o tempo que ele achava que eu precisava. Se o julgamento versasse sobre outro assunto qualquer, tenho a certeza de que se mostraria mais flexível. Como

era este processo, sobre este livro, ele traçou um limite à sua magnanimidade. Fez o gesto. Mas tornou as condições tão inaceitáveis quanto tinham sido desde o início. Ele sabia muito bem que não se pode preparar um processo, ir prò tribunal e liquidar tudo em questão de poucos dias ou de uma semana. Sabia que eu necessitaria de um mês ou mais. Quando eu disse isso, ele recuou e disse não. Por quê? Se realmente precisasse de mim na segunda-feira, e em Chicago uma semana depois, não me poderia dispensar absolutamente das negociações. Acontece que ele sabia, como eu sei, que não se promove um homem a vice-presidente simplesmente por causa de um projecto imediato. Se um homem é realmente valioso, então continua a sê-lo anos a fio, a vida inteira, leva-se tudo em consideração. É

por isso que digo que se lhe tivesse pedido um prazo para ajudar um amigo sobre qualquer questão cível, uma ação fiscal, uma causa de direito comercial, qualquer litígio limpo, prático, viril, petulantemente americano, ele teria demonstrado consideração e ter-me-ia dado uma oportunidade. O que ele não gostou foi da questão em que eu queria envolver-me. Assim tornou impossível que eu contestasse essa questão... a não ser que eu estivesse pronto a desistir do cargo que me ofereceu.

Faye escutou tudo, mordendo o lábio inferior, e quando ele terminou, disse assim: — Mike, você está agitado, e, portanto, com raiva, o que faz com que distorça a coisa toda. Ninguém conhece o Papá melhor do que eu. Pode acreditar, ele não estava a tentar obrigá-lo a respeitar o que ele respeita. Estava a pensar em você, no seu futuro. Ele sabe como as pessoas usam as outras e pode ser mais objetivo do que você, vendo nitidamente como Sanford está a aproveitar-se da situação. Não quer que você prejudique a sua reputação, permitindo associar o seu nome ao daquele livro indecente.

— Ora, eu não estou...

Cuidado, Barrett, cuidado, pensou consigo mesmo,, você já disse tudo o que queria. Agora prudência.

— Bem, talvez você tenha razão, Faye. Não é justo especular sobre os motivos alheios.

Digamos que o que me incomodou foi o forte preconceito de seu pai contra um livro que ele nunca leu, não sabe nada a seu respeito, excepto o que o nosso Promotor Público, louco por publicidade, achou conveniente declarar à imprensa.

— E você, Mike? Você confessou que não tinha lido o livro, e, no entanto, está emitindo uma opinião preconcebida sobre ele, não está? Emitindo uma opinião preconcebida a seu favor.

Tirou-lhe um chapéu imaginário.

— Acertou em cheio, meu bem. Retiro o que disse, embora apenas em parte. Seja como for, seu pai não conhece nada do livro, e por intermédio de Phil Sanford eu, ao menos, estou familiarizado com...

— Mike, ter ou não ter lido o livro não devia ser o problema. Estou admirada de você.

A gente sabe de certas coisas ou pela reputação que as precede ou porque as pessoas em quem confiamos nos previnem que não prestam. Se as pessoas informadas colocam um rótulo de “Veneno” numa garrafa, isso não basta? Será que toda a gente tem de provar o veneno para ficar convencida que não deve chegar perto dela?

— Não é a mesma coisa—replicou Barrett. — O veneno pode ser testado cientificamente e classificado como perigoso de antemão. Uma obra de literatura não pode, pelo menos, não de maneira tão simples.

— Ora, Mike, por favor. Esse livro corrompido foi testado cientificamente debaixo dos nossos próprios narizes. Utilizaram uma cobaia humana na experiência. Jerry Griffith.

E ele ficou envenenado.

— Você diz Jerry Griffith. Vamos dar uma olhadela mais minuciosa em Jerry Griffith.

Eu sou advogado, Faye. Aprendi a não me fiar no que as pessoas aparentam ou fazem. A gente examina, interroga, e na maioria das vezes encontra motivos bem diferentes dos que parecem à primeira vista. Talvez Os Sete Minutos tenha sido o único responsável pelo crime de Jerry. Mas talvez haja também outros motivos para a sua conduta e o livro fosse apenas o impulso final que accionasse o gatilho. À falta dele, qualquer outra coisa serviria para disparar o

tiro. Como é que podemos saber, como é que o próprio Jerry sabe, a não ser que examinemos mais fundo? Não me sinto preparado para julgar o livro, condená-lo, devido exclusivamente a esse único indício. E o que me surpreende, e aborrece, é a quantidade de pessoas cultas, como seu pai, você mesma, e milhares de habitantes espalhados por esta cidade, que estão prontos a reprimir a liberdade de expressão sem prova concludente.

Faye tirou da bolsa a boquilha de ouro e um cigarro.

— Olhe, se você está surpreendido connosco, francamente, Mike, eu estou surpreendida com você. Julguei que o seu motivo principal para defender aquele livreco indecente fosse prestar favor a um velho amigo. Isso poderia eu compreender. Agora, de uma hora pra outra, não se trata já de amizade, mas de liberdade de expressão.

— Tenho a impressão de que me inflamei hoje à noite. Há muito tempo que me esquecera de que já fui idealista. Não acreditava que ainda tivesse esses sentimentos.

— Pois eu gostaria que você os aproveitasse para algo mais digno, que valesse mais a pena. Não com um pedaço de lixo incendiário — ergueu a boquilha. — Já sei, já sei, não posso falar nisso antes de provar o veneno.

Ele tentou conter o ressentimento.

— Ou ao menos antes de ficar segura, Faye querida, de que não trocaram o rótulo da garrafa.

Um tom cáustico infiltrara-se na sua voz e apressou-se a adoçá-lo com sensatez.

— Faye, de uma coisa não resta dúvida. Como você mesma frisou, nenhum de nós leu o livro. Você não leu. Seu pai não leu. Portanto nenhum de nós sabe diretamente se é uma obra de pornografia barata ou de arte erótica. Portanto, como se pode continuar a discussão?

— Uma obra de arte! Pois sim. Se você quiser, leia. Eu não. Leia e depois conte-me.

Assunto encerrado. O balé foi mais divertido.

Reclinou-se no fundo do assento, fumando. Mas quando Barrett desviou o carro do Sunset Boulevard, Faye de repente espichou o pescoço e endireitou o corpo.

— Ei, aonde é que me leva, Mike? — Para casa.

Virou-se para ele.

— Que novidade é esta? Não íamos prò seu apartamento? Não vai dizer-me que ficou zangado comigo só porque discordei de você.

— Claro que não. Você sabe perfeitamente, Faye.

— Então porque não ficamos mais tempo juntos?

— Porque hoje de noite tenho outra companhia. Hoje de noite vou pra cama... com um livro — meteu o carro na alameda dos Osborn. — Vou praticar o que andei pregando.

Vou averiguar se trocaram o rótulo do veneno ou não.

— Bom, se é só isso — parecia aliviada, e subitamente alegre. — Lembre-se apenas de que, se ficar excitado de mais, não saia por aí a galope para atacar de surpresa e violar uma pobre garota qualquer. Estou sempre pronta, disposta e disponível.

— Lembrar-me-ei.

Aproximou o carro da magnífica estrutura espanhola, pôs a mudança em “ponto morto”, pisou no freio de emergência, mas não desligou o motor. Estava prestes a sair para acompanhá-la até à porta quando ela o deteve com uma pergunta.

— Mike, será que você pensa em rejeitar a proposta do Papá para aceitar o caso de Sanford?

— Não sei o que penso. Não, tudo indica que não vou sacrificar o cargo que o seu pai me ofereceu. Provavelmente não teria coragem para tanto. E aliás, não havia de querer perder a oportunidade de a manter a você no padrão a que se acostumou.

— Mas você ainda não recusou o convite de Sanford. E vai ler o livro.

— exatamente, meu bem — reconheceu. — Porque não quero ficar rico, gordo e velho a carregar sempre o mesquinho e talvez romântico arrependimento de que uma vez não fiz algo importante que deveria ter feito. Como disse um sábio há muito tempo, não há nada mais fútil do que o arrependimento. Outro sábio, ou seja eu, diz que não há carga mais pesada do que o remorso. Eu pretendo antecipar-me, derrubando esse albatroz, e juntando-me à equipa na segunda-feira de manhã, com a alma leve e vigorosa.

— Seu tonto — riu ela, e depois, voltando ao normal: — Não, falando sério, Mike...

— Muito bem, falando sério. Creio que não tenho grande escolha. Mesmo assim, existe um pedacinho da minha consciência, amedrontada em tenra idade por Clarence Darrow, que exige explicações minhas para certos atos que pratico. Não é vociferante o tal pedacinho, porém existe, e incomoda. Antes de recusar o convite de Phil Sanford amanhã, antes de encerrar por completo o assunto daquele livro, acho que ele merece uma leitura, uma ocasião de se defender, uma oportunidade de ser julgado com justiça. Então o meu pedaço de consciência ficará contente por eu ter concedido processo merecido ao réu.

Depois de eu ter lido Os Sete Minutos hoje à noite e ficar convencido de que é realmente pornográfico, escrito com o mero propósito de explorar a obscenidade e mais nada... quando chegar a essa conclusão, não terei dificuldade em rejeitar Phil Sanford.

— E se achar que se trata de algo mais que pornografia?

— Não deixarei que isso aconteça — sorriu. — Caso contrário, hei-de lutar com o meu pedaço de consciência e tentar ver se dá para fechar-lhe a boca.

Saiu do carro, passando rapidamente para o outro lado, e ajudou Faye a descer. Ela tomou-lhe a mão e caminharam em silêncio até à imponente porta de carvalho. Ela procurou a chave, entreabriu a porta, depois soltou-a e virou-se de frente para ele.

— Mike, estou certa de que não fará nenhuma asneira por causa daquele livro. Mas se... se por algum motivo irracional... não puder vencer o seu sentimento de culpa por não socorrer Sanford, se tiver de lutar com o seu pedaço de consciência e sair perdendo... bem, acho melhor deixá-lo prevenido, ficarei a seu lado — os braços dela enlaçaram-no e a cabeça pendeu contra o seu peito. — Sempre dou um jeito para forçar o Papá a fazer o que quero.

Se eu tiver de fazer isso, posso forçá-lo a manter aquela vice-presidência vaga para você...

até que termine o julgamento.

Beijou-a e ouviu as batidas do seu coração, aumentando-lhe o próprio desejo.

Separou-se logo, sussurrando:

— Obrigado, querida.

Depois voltou-a em direção à porta e incitou-a a entrar.

Quando a porta se fechou e ele se viu sozinho, hesitou um pouco, erguendo o olhar para a noite azulada, aquele céu iluminado por uma infinidade de estrelas, brilhando como jóias, tão deslumbrantes como os prismas puros cristalinos de um candelabro inestimável.

Lá em cima, nalguma parte, nasciam todos os pedaços de consciência. Em sua viagem vertical até este habitat do homem, tornavam-se frágeis e a armadura de proteção que envergavam era de carne tão fraca e delicada, e tão susceptível à extinção, que constituía um autêntico milagre que sobrevivesse qualquer pedaço de consciência humana sobre a face da terra.

Levara um choque nesta noite, ao descobrir que a pequena voz emudecida da consciência sobrevivente pudesse reclamar tempo igual às ambições mais fortes e dominadoras. E levou um choque ao reconhecer que cedera às reclamações daquele fragmento esganiçado de consciência.

Prometera-lhe uma audiência, que agora precisava de ser efetuada.

Barrett encaminhou-se para o carro.

Leria o maldito livro e liquidaria logo com aquilo, de uma vez por todas.

O relógio eléctrico na mesa-de-cabeceira marcava quatro da madrugada e Mike Barrett tinha quase terminado a leitura.

De pijama e roupão de flanela, recostado a dois grandes travesseiros, Barrett virou a última página de Os Sete Minutos, leu o parágrafo final e fechou o livro devagar. Ficou a olhar incredulamente o volume durante alguns momentos e depois, relutante, largou-o em cima do cobertor.

Sentia-se profundamente abalado. Só se lembrava de uma única vez em que ficara impressionado a tal ponto por um livro, e mesmo assim havia sido por uma obra que não era de ficção. Quando adolescente, no colégio, lera Uma Introdução Geral à Psicanálise, de Sigmund Freud, e apesar de não compreender todas as palavras do

livro, compreendera o suficiente para saber que sofrera uma revelação. Até então, Barrett aceitara a atitude dos contemporâneos mais conservadores de Freud, no sentido de que existia qualquer coisa de ligeiramente vergonhoso e indecente em torno do sexo. De um golpe só, ao abrir-lhe o entendimento, Freud quase conseguira libertá-lo de sentimentos neuróticos a respeito do sexo. Na ocasião, fora incapaz de definir exatamente o que tinha aprendido. Apenas mais tarde, num estudo de antropologia social feito por H. R. Hays, foi que se esclareceu a revelação juvenil: "Uma sociedade que cobria as pernas de pianos por pudor, aprenderia com Freud que a inocência das crianças e a pureza das mulheres, dois dos seus mitos prediletos, eram pura ilusão. Essa descoberta foi tão chocante como a invasão do Jardim do Éden feita por Darwin".

Agora, nestas horas matutinas, pela segunda vez na sua vida, outro livro criava um abalo sísmico nas convicções de Mike Barrett a respeito de sexo.

Permaneceu imóvel, recostado nos travesseiros, procurando avaliar as suas emoções.

Uma predominava entre todas. Ardia de desejo. Um desejo de correr pelas ruas em busca da primeira mulher que pudesse encontrar. A necessidade que sentia não era carnal, de satisfação da luxúria, porém de confessar e expiar a pecaminosa insensibilidade que a maioria dos homens adopta em suas relações com todas as mulheres. Queria proclamar-lhe que havia lido um livro e visto uma luz que iluminava por completo o verdadeiro espírito e coração femininos, uma luz que talvez lhe desse a ele e a outros homens uma nova percepção do sexo oposto. No clarão dessa impiedosa luz de purificação, os vermes da vergonha e do medo, da culpa e da ignorância, correriam a refugiar-se novamente nas trevas primitivas, incapazes de corroer por mais tempo as raízes expostas das relações humanas.

Ah, nesta noite, as suas ideias e esperanças eram imensas.

E todo esse desejo de espalhar a notícia da descoberta crescera nestas últimas horas, com aquele livro extraordinário. Não era o estilo do autor, nem os personagens, nem a história do romance que o impeliam a uma reação de fervor evangélico. Era a compreensão

que lançava no seio mais profundo, onde se originava o comportamento humano, e a fraqueza nua e crua do livro em expor cada aspecto da evolução desse comportamento.

Tentou controlar-se, recorrendo às suas faculdades críticas para definir o que tanto o impressionara. Afinal, era apenas um romance que tinha lido. Não era nenhum estudo profundo, filosófico ou psicológico, da humanidade. Simplesmente uma obra curta de ficção, escrita com o coração, não com o intelecto. E, se não fosse considerada em conjunto, mas trecho por trecho, se pudesse ser decomposta em pedaços, não deixava de apresentar inúmeras falhas. Evidentemente que, para os bravos caçadores brancos, os caçadores do obscuro, havia caça abundante — os palavrões, as frases grosseiras, as passagens de sexo anormal e sacrílego. Tomado, porém, como um todo, o livro não era pornográfico. Tinha beleza, a beleza da verdade que torna possível a descoberta e o conhecimento de nós mesmos.

Em resumo, *Os Sete Minutos* era — e por favor me perdoe, Faye — uma obra de arte.

Com respeito e carinho, Mike Barrett pegou no livro outra vez. Para a mão, parecia mais substancial que o seu tamanho sugeria. Consistia em apenas 171 páginas impressas.

Abriu o volume e examinou as guardas do livro. A parte interna da encadernação e a página oposta estavam ilustradas com uma reprodução fotográfica do rosto da edição parisiense original. Antes não havia lido, mas agora leu:

OS SETE MINUTOS

de JJ JADWAY

Editora L'Étoile 18, rue de Berri Copyright 1935

da Editora L'Étoile Paris

Impresso na França Todos os direitos reservados Paris

Comparando com o rosto mais atraente da edição americana, Barrett notou que só as letras e a informação editorial eram diferentes. O mesmo título, o mesmo autor, excepto que agora o nome do editor era Sanford House, Editores, Nova Iorque, e o ano de publicação o atual.

Não havia nenhuma indicação de outras obras de J J Jadway. Então Barrett lembrou-se de que a quarta contracapa explicava que este extraordinário tour de force tinha sido o primeiro e último romance do autor, e que uma carreira extremamente promissora terminara abruptamente com a morte prematura do escritor num acidente nos arredores de Paris. Jadway morrera com a idade de vinte e sete anos. O livro não trazia mais pistas sobre a vida do romancista.

A dedicatória resultava ainda mais enigmática. Compunha-se de apenas duas palavras: Para Cassie

A epígrafe na página seguinte, Barrett sabia, proporcionara ao autor a estrutura do romance. Releu o parágrafo:

Embora houvesse grande variedade de reações, a maioria das mulheres que tinham orgasmo, seja provocado manualmente, oralmente ou através do coito, atingia a fase climática em sete minutos.

— O Estudo Collingwood de 100 mulheres, de 18 a 45 anos de idade (Londres, 1931) Esses sete minutos, Barrett agora sabia, tinham sido representados por sete capítulos no livro de Jadway, cada um, por sua vez, representando um minuto no espírito de uma mulher deitada na cama, tendo relações sexuais com um homem anônimo, invisível. O romance todo era narrado através dos pensamentos dessa mulher, os seus sentimentos, as suas recordações, os seus sonhos, durante os sete minutos da cópula.

Essa era a estrutura e o método de Os Sete Minutos.

De repente Barrett pôs-se a imaginar se Jadway conhecera ou ao menos encontrara James Joyce durante os últimos anos de Joyce em Paris. E se lera a edição do *Ulisses* da Odyssey Press, que andava a circular por Paris naquela época. Jadway lera certamente o romance de Joyce, ou pelo menos a parte final de 25 000 palavras, a parte triste e alegre e supostamente lúbrica que compunha o brilhante monólogo interior de Molly Bloom.

As descrições dos sete minutos sensuais e reveladores no espírito da Cathleen de Jadway apresentavam certa semelhança com o encadeamento de ideias no espírito da Molly Bloom de Joyce. Teria Jadway baseado o seu livro em Joyce? Barrett ficou logo curioso.

Pulou da cama e correu de pés descalços à estante de livros, correndo os olhos pelos títulos, e em poucos segundos tinha Ulisses nas mãos. Folheou as páginas até encontrar a Molly de Joyce na cama, deitada ali, "satisfeita, recostada, cheia de esperma".

Leu mais adiante, acompanhando Molly que, deitada na cama, pensava em Blazes Boylan, no jovem Stephen Dedalus, no marido, Leopold Bloom, nos amantes que tivera e nos amantes que queria ter, no passado e no futuro.

O devaneio de Molly:

"Vou pôr a minha melhor roupa de baixo e calcinhas e deixá-lo com cada olho deste tamanho até ficar de pau duro aí eu conto-lhe que se era isso que ele queria que a mulher dele fosse fodida é isto mesmo e fodida para caralho até ao pescoço não por ele 5 ou 6 vezes uma atrás da outra olha ali a marca da porra dele no lençol limpo imagina se vou abalar-me para a tirar a ferro essa devia convencê-lo se você não acredita apalpe a minha barriga a não ser que eu o fizesse ficar ali parado de pé e o deitasse dentro de mim estou com vontade de lhe contar tintim por tintim e obrigá-lo a ouvir de frente para mim bem como a culpa é toda dele se sou uma adúltera..."

Mas no fim, o pensamento festivo de Molly:

"Quando eu puser a rosa no meu cabelo que nem as moças andaluzas ou será que vou pôr uma vermelha sim e como ele me beijou ao pé da parede mourisca e eu pensei ora tanto faz ele como outro qualquer e então pedi com os olhos que ele pedisse de novo e então ele perguntou-me se eu diria sim dizer sim minha flor montanhesa e primeiro passei os braços pela cintura dele sim e puxei-o para baixo para que ele sentisse os meus seios bem perfumados sim e o coração dele batia feito louco e sim eu disse sim eu quero sim."

Distraído, Barrett devolveu Molly Bloom à estante de livros e dirigiu-se de novo para a cama. Agora tinha menos a certeza de que Cathleen, a heroína de Jadway, fosse baseada, em qualquer sentido, na Molly de Joyce. Talvez, talvez, mas não fazia mal. Do que tinha a certeza absoluta era que Jadway não colhera praticamente nada no texto original de Joyce.

Esse lembrete fez Barrett pensar no fluxo ininterrupto de raciocínio com suas impressões calidoscópicas sempre mutáveis-de Joyce, como o juriconsulto Woolsey definira, em suas frases amontoadas e sem pontuação, nas palavras compostas e no obscuro uso do inglês, na poesia, na paródia, e no ouvido que Joyce tinha para o cômico. Os Sete Minutos de Jadway refletia pouco dessas inovações e propensões. Contudo, de certo modo, Jadway empreendera uma tarefa da mesma dificuldade. Pois, embora o seu romance inteiro fosse um monólogo interior, embora houvesse ocasionalmente trechos eficazes de livre associação de palavras, a maior parte do livro era controlada e formal em seu emprego da estrutura de frase convencional, e desenvolvia-se em ordem cronológica até atingir uma revelação dramática da trama. Enquanto Joyce procurara reproduzir o ponto de vista do personagem, tentando reproduzir os meandros disformes do pensamento de uma pessoa, Jadway procurara o do leitor, que sonda o espírito do personagem e traduz as eventuais acrobacias verbais do pensamento do personagem para a linguagem mais compreensível da fala convencional.

Barrett sentou-se na cama. Estendendo a mão para a mesa, apanhou a garrafa de conhaque e serviu-se de uma última dose antes de dormir. Saboreando a bebida, Barrett tentou descobrir por que motivo se dera ao trabalho de comparar J J Jadway com James Joyce. Encontrou logo. Não tinha sido um exercício literário, afinal de contas, e sim legal.

A obra de Joyce fora publicada em Paris em 1922, e desde então ficara sistematicamente proibida nos Estados Unidos como obscena, até ser levada a julgamento pelo Tribunal Regional de Nova Iorque, presidido pelo Juiz John Woolsey. Em 1933, Woolsey anunciava que, apesar da "insólita franqueza (do livro), não vejo em parte alguma o olho lúbrico do libertino. Considero, portanto, que não é pornográfico." E em 1934, o Juiz Augustus Hand, do Tribunal de Recursos, ratificava a mesma opinião.

Agora Os Sete Minutos deveria passar por julgamento semelhante, e talvez mais difícil.

Um juiz ou um júri não o considerariam pornográfico?

Ou seria condenado como absolutamente imoral?

Tentou resumir a história para si mesmo, colocando-se na posição da “pessoa média, segundo os critérios da comunidade contemporânea”. Recapitulou rapidamente as linhas gerais.

Começava dentro do pensamento dessa moça, Cathleen, deitada de costas, nua, na cama de um lugar ignorado. Começava com os seus raciocínios e sentimentos, enquanto o companheiro de leito, também nu, se introduzia nela e se punha lentamente a fazer-lhe amor. À medida que o ato sexual progredia, o espírito de Cathleen reagia à cópula em dois planos distintos. O primeiro registrava as sensações físicas imediatas. O segundo, inspirado pela paixão cada vez mais intensa, recordava-lhe fragmentos de experiências sensuais da juventude, projectando depois essas lembranças em fantasias violentamente eróticas de amores que não tinha experimentado mas procurava imaginar. A sua imaginação criava cenas de amor físico com Jesus, Júlio César, Shakespeare, Chopin, Galileu, Byron, Washington, Parnell. De permeio com essas fantasias, imaginava-se a fornicar com um negro africano, um asiático e um índio americano.

Evocando esses nítidos quadros mentais, revivia também momentos carnavais com três homens que haviam sido seus amantes. Os três variavam grandemente em matéria de dotes e proezas físicas, assim como nas suas atitudes em relação a mulheres e ao amor. Cada um oferecera-lhe, ensinara-lhe algo, e as experiências com todos os três juntavam-se para torná-la uma mulher completa. E a única história existente no livro descrevia a decisão de Cathleen em tomar um desses homens seu companheiro para o resto da vida, o que levava para a cama naquela noite, o mesmo que a possuía durante os sete minutos do título.

Somente na última página, ao ofegar de amor por ele no paroxismo final do orgasmo, é que exclamava o nome, revelando o escolhido.

Eis, em linhas sumaríssimas, o livro que Barrett acabava de ler.

Ainda na posição do “leitor mediano” e “segundo os critérios da comunidade contemporânea”, Barrett teve a certeza de que o resumo, em si, não podia ser considerado obsceno sob o ponto de vista legal, posto que o ato sexual, em si, não é legalmente obsceno.

Mas então percebeu que não analisara o livro de uma perspectiva totalmente honesta.

Substituíra eufemismos nela linguagem realista de cama que Jadway havia empregado. Ao esquematizar o fio da história essencial de Os Sete Minutos fora desonesto com o espírito de verdade de Jadway.

A seu ver, Cathleen entregara-se a relações sexuais, cópula, coito, fornicação, fazer amor.

No entender da Cathleen de Jadway, ela simplesmente foderá.

O velho palavrão, de per si, já não podia predispor um juiz ou um júri contra a obra de arte. O seu uso na literatura moderna era frequente e constante. A palavra, automaticamente, não tornava pornográfica a obra literária.

Conquistara o seu lugar natural durante uma discussão histórica que movimentara o Julgamento de Ulisses.

Barrett lembrava-se.

Debatia-se a linguagem do romance de James Joyce. E, em boa parte, o uso que ele fazia da palavra “foda”.

O advogado de Joyce disse ao juiz Woolsey:

“Meritíssimo, quanto à palavra “foder”, um dicionário atribui a raiz etimológica ao *facere* latino... fazer... Isso, Meritíssimo, tem mais integridade do que um eufemismo usado diariamente em tudo quanto é romance moderno para descrever exatamente o mesmo ato.

“— Qual? — perguntou o juiz Woolsey.

— Ora... “Eles dormiram juntos” — respondeu o advogado de Joyce. — Significa a mesma coisa.”

O juiz Woolsey sorria.

“— Mas, Doutor, em geral isso nem sequer é verdade!”

Naquela discussão, foder” fora admitido na página impressa.

Não, não era a linguagem de Os Sete Minutos que talvez criasse problemas perante um júri de cidadãos comuns. Era o contexto em que ela se inseria. Para Molly Bloom, foder com um chamado Boylan era uma coisa. Para a Cathleen de Jadway, imaginar uma foda com o Pai da Pátria ou com o Filho de Deus — talvez fosse algo bem diferente.

Depois havia outro problema: o problema do sexo explícito, de cenas que “Ultrapassavam, substancialmente, os limites habituais de franqueza ao descrever ou representar esses assuntos... assunto totalmente destituído de importância social compensatória”.

Tinha deixado um exemplar de O Amante de Lady Chatterley e da edição inglesa de O

Processo de Lady Chatterley na mesa-de-cabeceira, esperando passar de novo os olhos por eles depois de terminar a leitura do romance de Jadway. Agora já era tarde, mas não pôde resistir à tentação de pegar em O Amante de Lady Chatterley e folheá-lo. Procurou certos trechos, até se concentrar num. Mellors estava fazendo amor com a Lady. Desculpe, Mr.

Joyce. Mellors estava fodendo a Lady. Leu o trecho: “... e o contorno dos quadris dele pareceu-lhe ridículo, e a espécie de ansiedade do pênis em atingir a curta crise ejaculatória chegava a ser cômica. Sim, aquilo era o amor, esse ridículo vaivém das nádegas, e o amolecimento do pobre, insignificante, pequeno pênis úmido, era aquilo o divino amor!”

Barrett foi mais adiante, e aqui “ele apalpava de leve o declive sedoso das suas ancas, descendo cada vez mais, até chegar ao meio da cálida maciez das nádegas”, e ali “Ternura, mesmo — ternura de cona —, vulva, e ainda, — ela segurou-lhe o pênis delicadamente na mão”.

Barrett fechou o volume, colocou-o sobre a mesa-de-cabeceira e pegou no relatório do julgamento londrino. Abrindo-o, deparou-se-lhe um professor de Cambridge, biógrafo de D. H. Lawrence, que declarou ao tribunal: “— Creio que os trechos sexuais que causaram protestos não tomam mais de trinta páginas do livro inteiro — que possui cerca de trezentas... Nenhum homem em seu juízo perfeito se dá ao trabalho de escrever um livro de trezentas páginas como mero enchimento para trinta páginas de assunto sexual.”

Apenas trinta páginas de assunto sexual e 270 e tantas de outros assuntos. E no entanto a Lady de Lawrence provocara décadas de furor. Teriam os outros assuntos suficiente importância social para compensar as cenas sexuais explícitas? Barrett voltou às páginas da exposição inicial da defesa:

“— Deduz-se claramente do livro, que o autor também teve em mira certos aspectos da nossa sociedade — isto é, da nossa sociedade como era na época, na década de vinte, nos anos da depressão — que ele desaprovava por completo... Julgou... que os males de que ela padecia não seriam curados pela ação política; e que o remédio consistia na restauração de relações justas entre os seres humanos, e especialmente na união entre homens e mulheres.

Uma das coisas mais importantes da vida, a seu ver, era a relação de duas criaturas apaixonadas, e a união física de ambos formava uma parte essencial de uma relação normal e saudável e não algo de que deviam envergonhar-se, algo que podia ser discutido franca e abertamente.”

Importância social compensatória. E de cada dez páginas, apenas uma dedicada ao sexo explícito.

Entretanto, cá estava *Os Sete Minutos de Jadway*, um livro em que não apenas uma página em dez, mas, antes, página por página, 171 ao todo, dedicadas às relações sexuais.

Mas ora, que diabo, não era apenas disso que se tratava, apenas de fudas animais, mas também como se sentira tão purificado como pessoa, tão esclarecido em relação às mulheres, ao terminar o livro? A relação sexual prolongada tinha sido bela, e um artifício que servia para discorrer sobre a compreensão entre os sexos, sobre o amor, a paixão, a ternura, os sonhos, o significado da vida e da morte. A conduta de Cathleen não carecia de nenhuma compensação, mas se a lei exigisse que o retrato da sua paixão traçado por *Jadway* contivesse importância social compensatória, ora, ali estava, página após página.

Mesmo assim, percebeu Barrett, existiam outros problemas, inúmeros, inclusive o motivo e a intenção do autor. Como seria bom que *Jadway* estivesse vivo, para explicar não só porque escrevera o livro mas para solucionar vários mistérios em suas páginas. Mas restava apenas a herança de *Jadway*, o livro, para interceder por ele no julgamento. Sim, existiam sérios problemas, mas se o romance era obscenidade ou literatura não era um deles. Pelo menos para Barrett.

Se o livro não era imoral, tinha de haver alguém que se levantasse para protegê-lo.

Tal como tinha de haver alguém para se levantar e proteger a Constituição e a Lei dos Direitos Civis contra os que zombavam das suas garantias.

Lembrou-se da obsessão de Zelkin e da preocupação do ministro Warren do Supremo Tribunal, ambos temendo que a Lei dos Direitos Civis — inclusive a parte da Primeira Emenda: “O Congresso não aprovará nenhuma lei que restrinja a liberdade de expressão ou de imprensa” — se fosse apresentada hoje talvez não viesse a ser aprovada.

Depois lembrou-se do que outro advogado, Edward Bennett Williams, ilustre causídico, escrevera certa vez a este respeito. Williams achava não somente que a Lei dos Direitos Civis não seria aprovada atualmente, como também nem sequer chegaria a entrar em votação no Congresso, não passando da comissão do projecto.

“Nós permitimos que ocorresse um desgaste na independência e na liberdade individuais nas últimas três décadas”, declarara Williams, “não resultante do excesso de intromissão de governo autoritário, nem decorrente de agressões premeditadas de que foram vítimas a liberdade e a independência durante a última década, mas sim proveniente da letargia colectiva e de uma atitude sobranceira de desinteresse. Creio que efetuamos uma substituição na nossa hierarquia de valores nacionais — uma substituição gradativa que só agora atinge o seu clímax. Nós colocamos a segurança em posição de primazia e subordinamos-lhe a liberdade individual.”

Se hoje em dia não se podia falar em sexo, então no futuro não se poderia falar em religião, política, instituições públicas, pobreza, igualdade racial, representantes do povo e justiça. E então todos ficariam emudecidos. A Lei dos Direitos Civis seria suprimida, abolida e considerada sediciosa.

Podia começar com um livro.

Abalado, Barrett fitou Os Sete Minutos.

Tomara uma resolução.

Olhou para o relógio da cabeceira. Eram três horas mais tarde em Nova Iorque.

Seriam sete e meia na casa de Philip Sanford.

Phil já estaria acordado, e talvez à espera do seu telefonema.

Barrett tirou o auscultador do descanso, discou o número de código da zona de Sanford e depois o da residência.

Sanford estava bem acordado, mas com a voz quase inaudível de tanta ansiedade.

— Não sei como vou arranjar-me com Osborn — disse Barrett —, mas cheguei a uma opinião sobre Os Sete Minutos. Acabei de ler o livro agora mesmo Phil, e ele merece ser defendido. Não tenho a mínima ideia do que acontecerá com ele ou connosco, mas nós precisamos levantar-nos e enfrentar a acusação. Se nos curvamos desta vez, erguendo a bandeira branca prós censores, então não há futuro para a liberdade de expressão.

Liquidarão coma gente. Ficaremos calados para sempre. O momento é este, e sejam quais forem as consequências, estou pronto a ir até ao fim.

— Mike, eu gosto de você!

— Daqui para a frente, ou ficamos lado a lado ou nos separamos... portanto, apronte a mala. Conto com a sua presença aqui dentro de uma semana. De hoje em diante, está declarada a guerra.

Desligando o telefone, não se arrependeu. Talvez lhe custasse a grande oportunidade com Osborn. Mas era possível que não, pois Faye apoiava-o e prometera-lhe encarregar-se do pai. Assim, provavelmente, não se tratava de tanto sacrifício e não seria o advogado corajoso que imaginava. Porém estava a fazer o que queria. E, para variar, sentia-se bem.

Pegou no relógio e marcou o despertador. Sabia que dormiria bem esta noite e que acordaria descansado e forte, mesmo com apenas quatro horas de sono. Levantar-se-ia cedo porque precisava de fazer outro telefonema: para Abe Zelkin, anunciando-lhe que contava com um sócio, ainda que só para uma causa importante.

Em sentido figurado e efémero, haveria uma tabuleta: Barrett & Zelkin, Consultores Jurídicos e Benfeitores.

III

Quando Mike Barrett voltou ao Beverly Hills Hotel, acompanhado por Abe Zelkin, Philip Sanford já os aguardava no agradável vestíbulo. Como Zelkin e Sanford tinham conversado várias vezes pelo telefone interurbano nos últimos dez dias, Barrett não precisou de apresentá-los formalmente. Apertaram-se as mãos com cordialidade e passaram logo a tratar-se pelo primeiro nome.

— Leo Kimura chamou de Westwood — explicou Barrett ao editor. — Chegará com alguns minutos de atraso. Eu disse que estaríamos na piscina.

Depois, enquanto os três se dirigiam para a piscina do hotel, acrescentou: — Abe e eu sentimos maior segurança, quando Leo chega atrasado. Significa que encontrou uma pista. Não poderíamos, de modo nenhum, ter feito os preparativos do processo em tão pouco tempo sem um sujeito como ele.

— Contar com Kimura do nosso lado equivale a ter uma matilha de sabujos, só que todos eles juntos não se comparam com Leo — disse Zelkin com satisfação.

— E eu que pensava que a maioria dos japoneses na Califórnia fosse jardineiro ou proprietário de restaurante — comentou Sanford.

— Os pais dele eram — retrucou Zelkin. — Também fizeram parte dos cento e dez mil cidadãos americanos internados em campos de concentração depois de Pearl Harbor. A nossa pequena experiência nacional no gênero. O pai de Kimura ficou preso no Centro de Redistribuição de Tule Lake. E ainda se fala em justiça, hem? Pois a nossa geração de mísseis não se esqueceu disso. Em todo o caso, Leo Kimura pelo menos nunca se esqueceu, e tratou de providenciar para que nenhuma injustiça como aquela tornasse a acontecer. Trabalhou para pagar os estudos até se formar pela Faculdade de Direito da Universidade da Califórnia Meridional. No momento em

que comecei a entrevistá-lo, logo que abri o meu escritório, percebi que era ele que me convinha. Sabe, metade dos casos jurídicos que vão a julgamento são ganhos ou perdidos numa biblioteca jurídica ou na cidade, onde se faz o serviço de rua. Para você, eu estou encarregado da biblioteca e Kimura do serviço de rua. E aqui o nosso Mike faz um pouco de tudo, inclusive poupando as suas cordas vocais para o tribunal.

Desceram em fila para a piscina do hotel. Fazia um dia ameno, sem vento, e muitos dos hóspedes, evidentemente ricos, estavam sentados ao redor da água em traje de passeio ou roupa de banho, e da meia dúzia de pessoas que nadavam, três eram lindas garotas de biquíni. Embora Barrett usasse fato de linho listrado, sentiu-se vestido de mais. Mas afinal, lembrou-se, não se demoraria muito. Hoje, como vinha sendo a regra há mais de uma semana, teria um dia carregado de serviço.

Percebeu que Sanford e Zelkin iam sendo conduzidos à mesa reservada, um pouco afastada da piscina, protegida por um guarda-sol amarelo. Lado a lado, Sanford e Zelkin formavam um par incongruente. Zelkin era Zelkin — a cabeça de abóbora animada, por baixo da qual pendiam o paletó desportivo esverdeado, demasiado grande para ele, e calças sem friso. Philip Sanford era a alegria dos alfaiates, e até a roupa de veraneio que passara a usar depois de chegar do aeroporto — paletó de linho para praia, bermudas, sapatos sem salto feitos na Itália — tinha uma elegância impecável. Sanford regulava em estatura com Barrett, porém era mais magro, estritamente gênero clube atlético, mas toda essa robustez aparente se via debilitada pelo cabelo liso, sem brilho, e pela pele muito branca, que parecia eliminar a individualidade dos traços, dominados por uma permanente expressão de angústia.

Barrett alcançou os companheiros, aproximando-se da mesa a tempo de pedir a sua bebida. Preveniram o criado de que decidiriam sobre o almoço quando chegasse o quarto membro do grupo. Essa referência ao retardatário Kimura provocou uma nova série de perguntas nervosas de Sanford sobre os progressos realizados nos últimos dez dias, depois que Ben Fremont ingressara com uma contestação de inocência e Barrett, junto com Zelkin, assumira o

caso, fixando a data para o início do julgamento. Entusiasmado, Zelkin começou a expor em linhas gerais alguns dos preparativos da defesa.

Barrett enfiou os óculos escuros e ficou a contemplar fixamente a piscina. Teve a atenção fugazmente atraída por uma garota magra, angulosa, tipicamente californiana, que devia ter, no máximo, vinte anos, e estava a sair da água. Uma tira do soutien do biquíni retinha apenas uma parte dos seios abundantes, e Barrett tinha a certeza de que iam saltar fora a qualquer instante. Porém não saltaram e, parada de pé à beira da piscina, escorrendo água, endireitando triunfalmente o soutien, ela sorriu para Barrett, que retribuiu meio acanhado, fingindo-se atento à conversa da mesa.

— Assim, como vê, Phil, o principal problema é tempo — dizia Zelkin, todo sério. — Você logrou-nos em matéria de tempo. Eu entendo a necessidade disso, mas...

Os gim-tônica começaram a ser servidos. Barrett pegou seu copo e afastou ligeiramente a cadeira para apanhar um pouco de sol. Depois, sorvendo devagar a bebida, reclinou a cabeça para trás, deixando o sol banhá-la. Fechou os olhos.

Sabia que o problema era tempo, ou melhor, a falta de tempo nessa fase crítica de pré-julgamento. Tocara anteriormente no assunto com Sanford no aeroporto, mas não insistira por motivos completamente egoístas.

Já se encontrava no Aeroporto Internacional, uma hora antes do horário previsto para a chegada matutina de Phil Sanford de Nova Iorque. O que fora sorte, pois o jato de passageiros pousara com catorze minutos de antecedência. Barrett não perdera um segundo a expor o problema, exclusivamente porque Abe Zelkin lhe implorara que o fizesse.

O carregador depositara a bagagem de Sanford na calçada de cimento diante da terminal e os dois estavam à espera de que o encarregado do serviço de estacionamento trouxesse o carro de Barrett, quando este tocou no assunto.

— Phil, o julgamento está a assumir uma proporção fenomenal e Duncan, ou alguém que não sei quem é, está a fazer tudo para que fique mais sensacional ainda... para que se transforme num carnaval

semelhante aos julgamentos de Scopes ou de Bruno Hauptmann — começou Barrett.

— É incrível como a coisa pegou — disse Sanford com indisfarçável prazer. — Não só no Leste, em todos os jornais americanos, como no estrangeiro, na Inglaterra, França, Alemanha, Itália, em toda a parte. Nós assinamos um serviço de recortes, e...

— Eu sei o que está a acontecer, e isso é outro aspecto que também me preocupa — atalhou Barrett. — Como se não bastasse a desvantagem de lidar com um caso complicado, é infinitamente pior quando a maioria dos jornais, televisão e meios radiofônicos o transformam num acontecimento espetacular. Por isso, o que comecei a dizer é que vamos entrar nisso com pouco menos de duas semanas de preparativos. A única coisa que possibilita uma defesa é que estamos a trabalhar redobrado. Assim, talvez tenhamos o equivalente de quatro semanas de preparo antes de ir prò tribunal. Levando-se em conta o que está em jogo, podíamos facilmente empregar doze a dezasseis semanas.

— O Promotor Público dispõe do mesmo tempo que vocês — protestou Sanford — e ele parece ansioso por que o julgamento comece.

— À acusação sempre fica mais ansiosa de começar do que a defesa. O Estado é o agressor. Neste caso, a Promotoria estava agindo, preparando o ataque ao livro, antes que soubéssemos que haveria uma prisão. E já contam com uma testemunha estrelar. Ela tem toda a vantagem em montar o espetáculo agora, enquanto a opinião pública está do seu lado, enquanto continua a crescer a histeria em torno do estupro e do tal livro. Cada manhã somos saudados por um boletim médico de Monte Sinai, comunicando-nos a situação crítica de Sheri Moore, o seu prolongado estado de coma, e cada boletim vem acompanhado de uma reiteração do que a levou àquele hospital — não Jerry Griffth, mas JJ Jadway. Porém, como Zelkin não se cansa de me lembrar, é a defesa que tradicionalmente luta para conseguir mais tempo, pretextos, não só para permitir o arrefecimento de qualquer clima de histeria, como também para ganhar prazo para preparativos integrais.

Quanto à defesa, estamos a um passo atrás. Estamos contratando, e precisamos de tempo para diminuir a diferença e então tomar a iniciativa. Se houvesse menos pressão interna, poderíamos solicitar um adiamento atrás do outro, armar uma teia de requerimentos e petições antes do julgamento, atrasando a confrontação para daqui a seis meses ou mesmo um ano. Abe pediu-me que toque mais uma vez neste assunto. Você não concordaria em que tentássemos adiar o processo?

— Impossível — respondeu Sanford. — Qualquer adiamento prolongado seria tão desastroso como perder o próprio processo. Todos os exemplares do livro já foram distribuídos. Que fariam as livrarias com eles? Sentiriam medo de colocá-los à venda. Não teriam espaço para guardá-los se o desfecho do julgamento ficasse muito tempo em dúvida e tornasse a medida necessária. A maioria dos livreiros provavelmente entraria em pânico, devolvendo-nos todas as remessas. Daqui a um ano, é inverosímil que pudéssemos ressuscitar um cadáver. Não, a despeito do risco, teremos de seguir por diante.

Então o carro de Barrett aparecera e, enquanto a bagagem de Sanford era colocada no porta-bagagem, Barrett ficara a pensar como eram verdadeiras as razões invocadas por Sanford para querer um julgamento rápido. Ocorreu-lhe que Sanford, tanto quanto Elmo Duncan, queria tirar partido da publicidade que o livro e o caso estavam a receber.

Depois, ao instalar-se no assento da direção, Barrett percebera que parte da culpa era sua. Servira de emissário verbal ao desejo de Zelkin de obter um adiamento. Não fora mais persuasivo sobre a transferência de data, por motivos pessoais e egoístas. Faye, de fato, conseguira levar o pai a deixar a vice-presidência vaga por mais um mês. Barrett tinha ainda outra opção para um futuro de sucesso. Não se atrevia a deixá-la expirar.

Contudo, à medida que o carro rumava para a pista de alta velocidade, sentia a consciência perturbada. Comprometera-se a defender um livro em que acreditava. Ao mesmo tempo, era tão responsável como o seu constituinte, Phil Sanford, por não dar à sua parte os dias e semanas necessários à preparação de uma defesa

inexpugnável e bem armada. A sua posição não era apenas arriscada, mas positivamente perigosa.

Foi como se Phil Sanford adivinhasse o seu pensamento. Sanford estivera a meditar em silêncio, e quando se encontraram na rodovia de San Diego exprimiu o que o inquietava.

— Mike, você deixou-me meio nervoso com o que disse ainda há pouco. Parecia quase pessimista.

— Sou tudo, menos pessimista — replicara Barrett. — Estou resolvido a ganhar este desafio. Todos nós estamos. Só me preocupa ir prò combate com um rifle quando, se houvesse mais tempo, poderia ser um lançador de foguetes.

— Sempre que eu lhe telefonava ou a Abe, vocês davam a impressão de estar muito ocupados, como se estivessem a conseguir grandes canhões prò nosso lado.

— E estamos, sim, mas quero apenas ter a certeza de que são suficientemente grandes e os melhores que existem. De fato, antes de nos reunirmos prò almoço, convém deixá-lo atualizado.

Enquanto deslizavam pela rodovia, Barrett citara os nomes das testemunhas de defesa já arroladas. Começavam por Sir Esmond Ingram, o idoso, excêntrico e famoso ex-catedrático de Oxford, que anos atrás saudara Os Sete Minutos como “uma das obras de arte mais francas, sensíveis e extraordinárias criadas pela moderna literatura ocidental”, elogio que a Sanford House usara extensivamente na publicidade.

Ao aposentar-se, Sir Esmond dedicara-se a três casamentos e divórcios, com moças inglesas que tinham metade da sua idade. Empregara a sua energia em fundações que patrocinavam um calendário mundial, uma língua universal e uma cruzada vegetariana. Fora preso duas vezes, por pouco tempo, por se deitar na calçada do número 10 da Downing Street em protesto contra o armamento atômico. Devido à sua reputação cada vez maior de excêntrico, Barrett receara que o mérito da defesa que Sir Esmond faria do livro de Jadway perdesse todo o valor. Zelkin, porém, ressaltara que o velho inglês sempre fora considerado extravagante pelos americanos, e que um sotaque britânico no banco das testemunhas sempre era impressionante e eficaz, tendendo a

intimidar o júri, e, ademais, que diabo, quem é que jamais elogiara o livro e que tivesse tamanha reputação?

Sim. Esmond, localizado por telefone transatlântico no seu chalé em Sussex, mostrara-se mais entusiasmado pelo livro (embora Barrett alimentasse uma vaga suspeita de que o sábio inglês julgasse que estavam a falar sobre O Amante de Lady Chatterley) do que nunca. Sim, ficaria encantado em cooperar contra “os queimadores de livros”, desde que os seus patrocinadores pudessem convencer os agentes da imigração dos Estados Unidos de que ele não era um anarquista. Zelkin conseguira dar conta do recado, e Sir Esmond Ingram seria uma das suas principais testemunhas.

Barrett tranquilizara Sanford. Havia outras que estavam sendo convocadas com finalidades diferentes. Guy Collins, o popular expoente do romance naturalista, que tantas vezes escrevera sobre a forte influência que recebera do livro de Jadway, acedera em ser testemunha de defesa. Realizavam-se esforços para obter o apoio de dois ou três outros especialistas literários que admiravam Os Sete Minutos. Depois, antecipando-se à intenção do Promotor Público, que pretendia provar, por meio de Jerry Griffth e testemunhas secundárias, que o atrativo libidinoso do livro ameaçava a juventude americana, Barrett e Zelkin procuraram testemunhas que contrabalançassem essa acusação. Para a defesa, contrataram os serviços do Dr. Yale Finegood, autoridade psiquiátrica em violência e delinquência juvenis, e do Dr. Rolf Lagergren, especialista sueco em pesquisas sexuais, cujas descobertas lhe tinham granjeado renome internacional e um convite para leccionar no Reardon College em Wisconsin. Tanto Finegood como Lagergren atribuíam o crime juvenil a causas alheias à literatura pornográfica e ao cinema, e a adesão de ambos ao lado da defesa constituía motivo para certo optimismo.

— Mas não se engane a respeito de uma coisa — advertira Barrett, guiando o carro na pista que se desviava do Sunset Boulevard. — O verdadeiro réu neste julgamento não será Ben Fremont, mas J J Jadway. Em todo o caso importante deste gênero, sempre tem sido um problema fundamental o motivo e a intenção do autor ao escrever o livro, porque isso ajuda a estabelecer se a obra teve determinada importância social. Ora, trata-se de um

terreno perigoso e nós precisamos de resolver se nos atreveremos a atravessá-lo ou se convém tomar outro rumo, A escolha é nossa. Tal como a que enfrenta o Promotor Público. Cada lado tem de decidir como tenciona proceder, antes de começar o barulho.

— O que é que você está a querer dizer exatamente, Mike?

— Se não dispusermos de provas suficientes de que Jadway teve uma intenção irrepreensível ao escrever Os Sete Minutos, seria melhor afirmar que isso nada tem que ver com obscenidade, o que já foi feito com êxito anteriormente. Podemos defender-nos com a discórdia do ministro Douglas do Supremo Tribunal no caso Ginzburg. Douglas sustentou: “Um livro deve ser considerado pelos seus próprios méritos, independente dos motivos pelos quais foi escrito ou dos expedientes usados para vendê-lo”. Mesmo que nos agarremos a esse argumento, ainda podemos ser talvez atirados àquele terreno perigoso pela acusação. Se tal acontecer, sempre se pode recorrer ao ponto de vista expresso por Charles Rembar numa das apelações de Fanny Hill. Veja que, quando Rembar defendeu Lady Chatterley num processo anterior, não encontrou nenhum problema para provar que as intenções de Lawrence eram as melhores possíveis. Mas ao defender Fanny Hill, ele passou trabalho, porque o único Indício a respeito das intenções do autor demonstrou que ele tinha escrito o livro cinicamente, por motivos bem comerciais.

Lembra-se? John Cleland estava preso por dívidas. Precisava de dinheiro para sair da prisão. O editor procurou-o e ofereceu-lhe vinte guinéus, o suficiente para tirá-lo da cadeia, se ele escrevesse um romance pornográfico sob encomenda, que tivesse possibilidades de venda. Assim, presume-se, Cleland escreveu Fanny Hill por esse motivo, para conseguir dinheiro para ser posto em liberdade. Foi solto e o editor ganhou dez mil libras de lucros com as vendas posteriores.

— Exato — disse Sanford. — E que explicação deu o advogado de defesa?

— Rembar explicou tudo da maneira mais sensata. Insistiu que os motivos de Cleland eram um problema de crítica literária, não de direito. Conforme Rembar definiu: “Os tribunais simplesmente não

podem decidir, dois séculos e um quarto mais tarde, sobre o que passou pela cabeça de Cleland.” O que interessava era o resultado final, o livro, as suas ideias, a sua visão da vida, e não as razões pessoais que levaram o autor a escrevê-lo. Aliás, argumentou Rembar: “Seria não só fútil como inconveniente... que os tribunais indagassem as diversas causas do esforço artístico. O registro indigente que existe de artistas que fizeram críticas das suas próprias obras... as absurdas verbalizações que às vezes se escutam de gente talentosa em artes não-verbais... mostram que os planos que tiveram não têm a mínima importância. O que eles criaram é que importa”.

— Qual foi o veredicto final dos juizes?

— Negativo. Disseram que a defesa era admirável mas não suficiente — respondeu Barrett, mal-humorado. — Os juizes votaram três a dois, a favor da proibição, porque geralmente não aceitavam os argumentos de Rembar.

— Você entretanto disse que temos outra escolha.

— Temos: é enfrentar o que der e vier. A opinião legal em peso sustenta que o motivo e a intenção de um autor é uma das questões principais, ao julgar a obscenidade de um livro. Veja, por exemplo, o juiz Woolsey no julgamento de Ulisses. Ele observou: “Em qualquer caso em que se pretenda que um livro é imoral, precisa-se, em primeiro lugar, determinar se foi escrito com o que se chama, segundo o termo costumeiro, intenção pornográfica... isto é, com o propósito de explorar a imoralidade.” Mais tarde, o juiz van Pelt Bryan, num dos processos contra Lady Chatterley, acrescentou: “A sinceridade e a honestidade de propósitos de um autor, tal como vêm expressas no modo como um livro é escrito e como o seu tema e ideias são desenvolvidos, exercem extrema importância para determinar se possui mérito literário e intelectual. Aqui, como no caso de Ulisses, não há dúvida sobre a honestidade e sinceridade de propósitos de Lawrence, sobre a sua integridade artística e falta de intenção em apelar para o interesse libidinoso.”

Barrett fizera uma pausa e olhara de relance para o perfil preocupado de Sanford.

— Esse é o nosso problema, Phil. Jadway escreveu o livro honesta, sinceramente, com integridade artística? Eis a pergunta a que temos de responder pela afirmativa e sem reserva. É uma pergunta que estará na mente de cada jurado. Ou nós pisamos de leve e recuamos, ou nos dispomos a provar, sem a menor sombra de dúvida, que Jadway não escreveu Os Sete Minutos por motivos comerciais, mas artísticos e morais, de maneira que ele possui aquela importância social necessária. Seja como for, Abe e eu já decidimos.

Tentaremos provar as boas intenções de Jadway.

Sanford soltara um gemido.

— Como é que vão conseguir provar uma coisa dessas? Jadway morreu há um milhão de anos. Era moço, um pobre diabo, praticamente desconhecido, quando morreu. Não resta nada que prove as boas intenções dele. Você sabe quanto lutei para descobrir qualquer coisa do meu lado. Não consegui encontrar coisa nenhuma. Ele não deixou nada e não nos pode dizer nada. Os mortos, para usar de uma expressão conhecida, não falam.

— Mas os fantasmas sempre causam uma certa impressão — retrucara Barrett calmamente. Apontara para a direita. — A propósito aquilo ali é o campus da UCLA. A faculdade de Jerry Griffith. Acho que convinha fazer um pouco de pesquisa por lá.

Sanford não demonstrara nenhum interesse pela sede da Universidade da Califórnia em Los Angeles.

— Que quer você dizer com o fantasma de Jadway?

— São raras as pessoas que morrem sem deixar herança. Talvez seja apenas alguma coisa de si mesmas que revelam ou legam a amigos ou conhecidos. Estivemos a gastar um pouco da verba que você nos deu com investigadores europeus. Há uma porção deles que percorre Paris de ponta a ponta, e agora também outros lugares. Queremos ver se conjuramos o fantasma de Jadway. Descobriu a existência de um pintor italiano, chamado Da Vecchi, que sempre andava pelos cafés parisienses que Jadway frequentou na década de trinta. Sabe-se que está vivo e que certa vez pintou o retrato de Jadway. Se for assim, será a primeira representação pictórica que já apareceu dele. De qualquer maneira, estamos a

tentar localizar o pintor. Depois andamos no rastro de uma tal Condessa Daphne Orson. É uma mulher de Dallas que casou com um conde italiano rico. Logo depois que Jadway publicou o livro, passou férias em Veneza, e a Condessa, que tinha ouvido falar no romance "safado" que ele escrevera, convidou-o para um baile de máscaras em seu palazzo. atualmente ela vive na Espanha, parece que numa propriedade que comprou na Costa Brava. Mas para conjurar o bom fantasma, a nossa maior esperança continua concentrada no francês que publicou a versão clandestina de Os Sete Minutos...

— Christian Leroux — interrompeu Sanford. — Você soube de mais alguma coisa?

— Só as mesmas notícias que lhe dei há poucos dias. A Étoile Press já não existe, mas Leroux ainda continua perfeitamente vivo. Enquanto ele estiver vivo, podemos ressuscitar a sombra de Jadway. Se conseguirmos deitar mão ao editor francês, teremos também a nossa testemunha estrelar, de que precisamos para contrabalançar o depoimento do filho de Griffith. Afinal de contas, Leroux realmente publicou Os Sete Minutos, Deve ter acreditado no livro e conhecido o autor bastante bem. O nosso homem é ele. Estamos na pista dele e a ficar cada vez mais próximos. Kimura esperava descobrir algo a seu respeito ainda hoje.

— Temos de conseguir Leroux de qualquer modo — disse Sanford.

— Como se eu não soubesse — bufou Barrett. Poucos minutos mais tarde, deixava Phil Sanford no

Beverly Hills Hotel, onde Sanford reservara um bangaló, e depois Barrett dirigiu-se ao escritório no Wilshire Boulevard. Passou duas horas a conferenciar com Zelkin, fazendo telefonemas e ditando para Donna Novika, a secretária que atendia a ambos. Gostava de trabalhar com Donna. Era um monstro de feia, com cabelo cor de rena, olhos estreitos, rosto inchado, com excesso de pó-de-arroz, roupas deselegantes num corpo sem graça, mas um encanto de pessoa, digna de confiança como uma santa, ardentemente dedicada e leal, e com dotes tão espantosos nas máquinas de estenografia, de escrever eléctrica e de calcular, que Barrett às vezes

chegava a pensar que ela mesma estava ligada a uma tomada de eletricidade.

Depois que Kimura telefonou, avisando que chegaria atrasado, Barrett falou pelo intercomunicador com Zelkin, saindo finalmente juntos para o encontro com Philip Sanford, à hora do almoço.

E cá estavam agora. Barrett sentiu a testa ardente ao sol. O copo, na sua mão, ficara vazio. Zelkin apresentara Sanford a Leo Kimura. Puxando a cadeira para a sombra do guarda-sol, Barrett cumprimentou Kimura com uma reverência brincalhona, retribuída seriamente. Em seguida o nissei (Filho de pais japoneses nascido no Brasil. Também apresenta a forma "nissei".) ocupou o lugar que lhe fora reservado. Equilibrando a bojudá pasta de couro nos joelhos, já estava a abrir os fechos.

— Você quer uma bebida ou está esfaimado? — perguntou Barrett — Esfaimado — respondeu Kimura. — Seria capaz de comer todos os pratos da ementa de uma vez só.

Mas logo adoptou uma atitude humilde, como um empregado que houvesse pensado antes na própria conveniência do que na do patrão.

— Posso esperar, se preferem conversar primeiro. Barrett sentia grande afeição pelo advogado nissei.

Kimura usava o cabelo à escovinha, tendo um rosto cor de açafão com traços aparentemente impassíveis, e o aspecto frio e elástico do tipo de pessoa que disparam da boca de canhões.

— Preferimos comer e conversar — retrucou Barrett.

Zelkin fizera um sinal para que trouxessem as ementas, e depois que vieram, fizeram parcimoniosamente os pedidos.

Assim que o criado se afastou, todos se concentraram em Kimura.

— Então — perguntou Zelkin —, quais são as novidades, Leo?

Kimura acabava de tirar os papéis da pasta. Fechando-a, e escorando-a contra a cadeira, colocou o maço sobre a mesa e levantou os olhos.

— Acho que fizemos alguns progressos. Vou deixar o melhor pro fim. Em primeiro lugar, Norman C. Quandt.

Dirigiu-se ao novo constituinte da firma.

— Mr. Sanford, tenho aqui a informação, ditada pelo senhor, da maneira como adquiriu os direitos de Os Sete Minutos das mãos de Mr. Quandt. Agora que está aqui, pessoalmente, na minha frente, aproveito a oportunidade para lhe perguntar se não omitiu algum pormenor. Valeria a pena recapitular os fatos da aquisição mais uma vez?

Sanford encolheu os ombros.

— Duvido que haja qualquer coisa a acrescentar. Em todo o caso, terei prazer em repassar tudo de novo. Há dois anos, meu pai mandou-me como seu representante à Feira de Livros de Francforte. Uma noite, fui convidado para jantar com um velho amigo de meu pai, Herr Karl Graeber, que possui uma editora importante e muito conhecida em Munique. Começamos a comentar a nova liberdade de escrever e publicar, e Graeber disse que era uma boa coisa, porque em breve uma série de obras que mereciam publicação há anos poderiam ser entregues ao público. Mencionou diversas, mas a que ele mais admirava, acima de todas, era uma chamada Os Sete Minutos. Já quase a editara pessoalmente, exatamente no período em que Hitler estava a subir ao poder, mas fora impossível e tivera a sorte de escapar com vida. Uma vez que se restabelecera na Alemanha, perguntei-lhe porque não tentava de novo. Ele respondeu que a essa altura já se achava velho de mais para começar uma luta contra os espíritos conservadores de Bona e que, aliás, agora se especializava em livros técnicos e religiosos, e um romance como o de Jadway no seu catálogo talvez prejudicasse o resto da lista. Graeber era da opinião que existia uma liberdade bem maior na América, e por conseguinte seria mais plausível que o livro fizesse a sua primeira aparição pública no nosso país. Também julgava que a chancela de meu pai daria uma certa proteção à obra. Eu perguntei quem possuía os direitos de Os Sete Minutos.

Graeber disse que sabia que Leroux vendera os direitos a um editor qualquer, muito discutível, de Nova Iorque, chamado Norman C. Quandt. Graeber localizou um exemplar da edição Étoile e pediu que eu o mostrasse a Wesley R., meu pai. Eu já trazia uma porção de livros novos da Feira de Francforte, e assim juntei o de Jadway ao resto. Tomei o navio de volta, e como dispunha de tempo de sobra

para ler a bordo e o que Graeber me contara sobre o romance me deixara muito interessado, li-o. Mesmo antes de terminar a leitura, vi que não poderia mostrá-lo a meu pai. Não era, simplesmente, o tipo de literatura dele. Por isso mostrei-lhe todos os outros livros que encontrara, menos esse. Depois, no ano passado, como vocês sabem, o meu pai adoeceu e fiquei provisoriamente encarregado da Sanford House. Estava ansioso por descobrir algo fora do comum, provocante. Então lembrei-me do livro de Jadway. Achei a ocasião propícia. Foi então que procurei Norman C. Quandt.

— Ele estava em Nova York? — perguntou Kimura, empunhando uma caneta esferográfica.

— Tinha escritório na Rua Quarenta e Quatro. Foi lá que falei com ele. Quandt não passava de um editor de pornografia barata vendida por reembolso postal, brochuras originais que se especializavam em sadismo e masoquismo. E encontrava-se em apuros.

Acabava de ser processado por um tribunal regional dos Estados Unidos, por uma acusação apresentada pelo diretor-geral dos Correios de que ele andava a despachar material obsceno por via postal. E fora considerado culpado. Estava a apelar da sentença de primeira instância e esperava levar o caso até ao Supremo Tribunal. Precisava de dinheiro para continuar com a causa e ficou felicíssimo quando me vendeu os direitos de Os Sete Minutos. Em três dias, os contratos estavam prontos e assinados, e eu comprava o livro de Jadway por cinco mil dólares. É tudo de que posso informá-lo, Leo. Creio que não adiantei nada de novo.

Kimura tinha estado a conferir a narração de Sanford com as páginas à sua frente.

— E depois disso, nunca mais tornou a ver Quandt?

— Nunca — respondeu Sanford. — Acompanhei o recurso que apresentou ao Supremo, naturalmente. Como sabemos, o Supremo, baseado puramente num pormenor técnico, devolveu a questão ao tribunal inferior por uma votação de cinco a quatro. Quandt foi absolvido. Claro que ele levou uma surra horrível nas apelações. Ficou evidente que dirigia um negócio reles, servindo de instrumento às inclinações mais anormais, e creio que a lição serviu para nunca

mais se meter com autoridades postais. Seja como for, quando eu estava a aprontar-me para publicar Os Sete Minutos, e precisávamos de maiores informações sobre Jadway para incluir na capa, fichei que Quandt talvez nos pudesse auxiliar. Vocês sabem, eu julguei que ele poderia ter apurado alguma coisa por intermédio de Leroux. Por isso telefonei a Quandt. Não tinha já o escritório no mesmo lugar. Foi então que descobri que desistira de editar livros e se mudara para Pittsburgh...

— Aqui diz Filadélfia — observou Kimura.

— Desculpe. Sim, Filadélfia. Lá tão-pouco se conseguiu localizá-lo, e eu não tinha a mínima ideia da atividade dele na época.

— Ele anda agora metido em cinema e mora no sul da Califórnia — informou Kimura.

Barrett endireitou-se na cadeira.

— Está a brincar, Leo? Quando foi que descobriu isso?

— Hoje. Mas infelizmente não há nenhum Quandt na lista telefônica local.

— Se ele anda metido em cinema, não deve ser difícil encontrá-lo — opinou Zelkin.

Pela primeira vez, Kimura sorriu ligeiramente.

— Mr. Zelkin, existem filmes e filmes. Em todo o caso, temos certas pistas e espero que uma delas acabe por nos levar a Mr. Quandt.

Sanford virou-se preocupado para Barrett.

— Mike, você não está a pensar em pôr esse Quandt no banco de testemunhas caso o encontre, está?

— Deus me livre — respondeu Barrett. — Não. Mas ele pode dar-nos alguma informação essencial sobre a vida de Jadway. Até mesmo a própria informação que você esperava obter dele anteriormente, alguma coisa que ele talvez apurasse por intermédio de Leroux.

Barrett voltou a dirigir-se a Kimura.

— O que nos traz à testemunha mais importante. Quais são as notícias sobre Leroux?

— Christian Leroux — disse Kimura, caprichando na pronúncia. — Deixei-o por último de propósito. — Baralhou as notas, até localizar

o que procurava. — Christian Leroux. As notícias são otimistas. Acabo de recebê-las do nosso agente em Paris. Ele localizou Leroux num apartamento da Margem Esquerda. Uma gorjeta de cem francos à zeladora produziu a informação de que Leroux acaba de partir pra Riviera, tendo feito reserva no Hotel Balmoral em Monte Carlo. Devia chegar lá a qualquer... bem, já deve ter chegado. O nosso agente de Paris contratou um detective particular em Nice, um tal Monsieur Dubois, e deu-lhe todas as instruções. Esse Dubois foi de carro para Monte Carlo. Estará no Hotel Balmoral à espera de Leroux na portaria.

— Muito eficiente — comentou Barrett. — E muito otimistas, Leo, como você disse.

— Formidável, formidável — exclamou Sanford, tirando um cigarro do bolsinho do paletó de linho.

Kimura havia separado dos outros papéis um maço de notas presas por um clipe.

— Quanto à família Griffith, não consegui acrescentar nada de substancialmente novo à documentação que já havia. Alguns fatos a mais sobre os antecedentes de Frank Griffith e da mulher dele, Ethel Griffith. Nenhum dado inédito a respeito da sobrinha que mora com eles, Margaret ou Maggie Russell. Nenhuma fenda na armadura familiar... por enquanto.

— E quanto ao rapaz — indagou Zelkin.

— Já ia chegar a ele — disse Kimura, folheando as páginas. — Acho que precisamos insistir mais nas investigações. Tenho uma pista...

— Uma pista? — gemeu Zelkin. — Dentro de dois dias os jurados estarão escolhidos. No momento em que o júri estiver arrolado, e prestar juramento, o julgamento começa.

— Sem pista não se chega a lugar nenhum — retorquiu Kimura. — Desculpe, mas não é fácil fazer sindicâncias sobre alguém ainda em idade de frequentar o colégio. Uma vida curta não possui história longa. Certos fatos já nós sabemos. Jerry Griffith concluiu com distinção o curso secundário. Agora está no terceiro ano da faculdade e com resultados bem menos brilhantes. Hoje estive na UCLA. Lembrei-me que há mentores para os alunos.

Consegui encontrar a mentora de Jerry Griffith. Ela disse que não podia discutir a conduta dele... existe uma cláusula que proíbe o fornecimento de qualquer informação sobre alunos, a não ser que haja permissão superior. Assim passei por todas as formalidades regulamentares e finalmente obtive a tal permissão do Reitor da Faculdade de Ciências e Letras. A mentora foi notificada de que podia discutir Jerry com qualquer pessoa do nosso escritório. Daí partiu a minha pista.

A descrição laboriosa, pormenorizada, de Kimura começou a deixar Barrett impaciente.

— Que foi que ela disse, Leo?

— Depois que veio a permissão, ela mostrou-se ansiosa por cooperar em todos os sentidos. Contou que teve diversas entrevistas com Jerry e estava impressionadíssima com o que ele tinha feito. Como dispomos de fontes de informação muito escassas sobre Jerry, achei que ela era importante de mais para ser interrogada por mim. Seria preferível que o senhor, ou Mr. Zelkin, falasse com ela. Chama-se Mrs. Henrietta Lott. Marquei hora para ela se encontrar com qualquer dos dois, hoje à tarde. Mrs. Lott estará extremamente ocupada durante o resto da semana; portanto pareceu-me que se devia aproveitar a boa vontade dela em discutir hoje o assunto de Jerry.

— O nome, número do telefone do escritório... o departamento de mentores acadêmicos fica no Edifício da Administração... e a hora do encontro. Espero que um dos senhores...

Barrett apanhou a tira de papel.

— Deixe que eu vou — disse a Zelkin. — De qualquer modo, pretendia mesmo passar pela UCLA no fim da tarde. Eles têm um Departamento de Inglês competente e quero ver se algum membro da faculdade compreende bem o livro para falar dele com simpatia no tribunal. Antes, porém, vou procurar Ben Fremont.

— E eu também vou andar a bater a perna por aí — disse Zelkin.

— Leo — aconselhou Barrett a Kimura —, seria bom que ficasse no escritório ou, caso precise de sair, informasse Donna sobre o seu paradeiro, para a gente não perder aquele telefonema de Monte Carlo. Depois de conseguirmos o tal editor francês, a nossa sorte há-

de mudar. Aí vem o almoço... Então, Phil, meu caro, como está a sentir-se em pleno centro da ação?

Sanford espreguiçou-se e sorriu.

— Estou a começar a sentir-me bem, agora que posso ver o que está a fazer-se. Vou-lhe dizer uma coisa, se aquele Promotor Público... Duncan... se Duncan soubesse da metade do que estamos a fazer, desistiria da luta.

Barrett tirou os óculos escuros e fez uma cara irônica.

— Não tenha tanta certeza. Se nós soubéssemos o que ele está a fazer, talvez nos quiséssemos matar. Uma coisa pode você apostar. Elmo Duncan não está a coçar os tomates.

Para Elmo Duncan, o telefonema e o convite recebidos de manhã cedo tinham sido inesperados, e a sua presença aqui, neste início da tarde, no gabinete do famoso prelado, possuía um ar estranho e misterioso.

Aguardando agora no gabinete do Palácio do Arcebispado pela aparição de Sua Eminência, o Cardeal MacManus, o Promotor Público tornou-se de novo consciente da cadeira de veludo desocupada diante da fotografia do Papa pendurada na parede inteiramente nua. Quando o secretário cardinalício o acompanhara até à sala, Duncan soube que todo o príncipe da Igreja possuía uma cadeira semelhante debaixo de um retrato papal, sempre pronto para a eventualidade de Sua Santidade algum dia fazer uma visita imprevista em carne e osso. Tradição.

Elmo Duncan continuou a inspecionar o gabinete do Arcebispado. Cada decoração dava a impressão de antiguidade e continuidade veneráveis. De novo a tradição. Opulentas cortinas de damasco emolduravam as janelas. A lareira estava tostada, enegrecida por anos de fornecimento de calor. Sobre a velha escrivaninha, em cima de um pedestal, erguia-se um crucifixo de madeira escura, amparando o corpo suspenso do Salvador, um crucifixo que podia ter sido carregado por Junípero Serra nas suas andanças pela Califórnia.

Apenas um objeto destoava do conjunto. Achava-se também sobre a escrivaninha do príncipe da Igreja. Um flamante ditafone do último modelo. Idêntico ao que Duncan tinha no seu próprio escritório.

Apesar de um pouco tranquilizado por esse indício de que ele e o Cardeal talvez tivessem mais coisas em comum do que pensara, Duncan ainda se sentia contrafeito.

Ansiava por um cigarro. Mas como protestante no recinto da sede da diocese da Igreja Católica em Los Angeles, não tinha a mínima ideia das restrições ou, decerto, das idiossincrasias do Cardeal. Preferiu não arriscar.

E mais uma vez especulou sobre o convite matutino.

O telefonema fora dado pelo Reverendíssimo Monsenhor Voorhes.

— É o promotor público Duncan? — Monsenhor Voorhes apresentara-se rapidamente.

— Sou o secretário de Sua Eminência, o Cardeal MacManus, Arcebispo de Los Angeles.

Estou a telefonar-lhe a pedido pessoal do cardeal MacManus. É a respeito de um assunto pelo qual Sua Eminência tem um interesse considerável.

— Sim?

— Refiro-me ao iminente processo legal em torno do livro *Os Sete Minutos*, e a acusação que o senhor fará contra a obra. O Cardeal crê que o seu departamento cívico e a Igreja talvez tenham um objetivo comum no caso e possam beneficiar de uma cooperação mútua.

— Bem, eu... eu certamente aceitaria de bom grado qualquer espécie de cooperação.

Mas não entendo muito bem o que o senhor, ou melhor, Sua Eminência tem em vista.

— A Igreja gostaria de que essa obra fosse eliminada.

O Cardeal acha que ele pode conseguir essa finalidade, tornando-se útil à sua causa.

— O senhor tem alguma coisa específica em vista?

— Sim. Foi por isso que lhe telefonei, Mr. Duncan. Sua Eminência gostaria de falar com o senhor no primeiro momento que o senhor tivesse disponível, a fim de explicar.

— Teria o máximo prazer em falar com ele hoje.

— Excelente. Talvez fosse mais aconselhável que a entrevista se realizasse no gabinete do cardeal MacManus no Palácio do Arcebispado. Fica localizado no número 1519 da West 9th Street, perto do centro de Los Angeles. Poderia vir às duas da tarde?

— Darei um jeito. Diga a Sua Eminência que estarei aí às duas. E não se esqueça de lhe comunicar o quanto aprecio o seu... o seu interesse pelo caso.

Mais tarde, quando se encontrara com Luther Yerkes, Harvey Underwood e Irwin Blair para um almoço a fim de tratar de negócios no átrio do palacete de Yerkes, em Bel-Air, Duncan tocara no assunto do curioso telefonema, conjecturando sobre o que significaria.

Yerkes prevenira-o imediatamente de que não esperasse nenhum auxílio concreto do cardeal MacManus.

— A Igreja tem um interesse permanente na censura — afirmara Yerkes —, portanto, ele há-de garantir-lhe provavelmente que você terá a proteção do Senhor. Não espere mais do que isso.

Depois a questão da entrevista de Duncan com o cardeal MacManus fora posta de lado porque havia trabalho importante a ser feito. Nessa mesma noite uma festa para arrecadar fundos, patrocinada pela Liga da Força da Decência, estaria a ser efetuada no grande salão de baile do Beverly Hilton Hotel. O principal orador, por obra de Irwin Blair, seria o promotor público Elmo Duncan. O título do seu discurso? A Liberdade para Corromper. Os quatro consagraram o resto do almoço a revisar e reforçar o discurso programado.

E agora Elmo Duncan achava-se de pé, no gabinete da sede da diocese de Los Angeles, esperando para saber o que o Cardeal teria, para oferecer que pudesse ser "útil" ao seu caso. Seria a oferta, tal como Yerkes sugerira cinicamente, das bênçãos do Senhor? Ou algo mais substancial?

— Mr. Duncan, desculpe a demora. O senhor foi amabilíssimo em vir.

A voz partira do outro lado do gabinete, e Duncan virou-se para ver o cardeal MacManus a fechar uma porta atrás de si enquanto erguia a mão em boas-vindas. Duncan já vira o retrato do Cardeal

frequentemente nos jornais, e nessas fotografias demonstrara sempre a idade que tinha, setenta e oito anos. Agora, apesar do colarinho romano e fato preto em vez da elaborada vestimenta cerimonial, parecia-se com o rosto clerical das fotos —

o mesmo cabelo branco como algodão, os olhos empapuçados, a pele enrugada, as costas vergadas. O que não era igual, e ficava evidente quando visto em pessoa, era a vivacidade do prelado. Embora mancasse, cruzou rapidamente a sala, os olhos a brilhar, sumidos, uma mão ossuda a escovar vigorosamente a penugem do paletó preto, e a outra estendida.

Duncan apertou-lhe a mão.

— Cardeal MacManus, que prazer..

— O prazer é meu, Promotor. O senhor foi muito amável em me poupar, vindo aqui tão longe. Não foi a idade nem qualquer doença que me impediram de ir procurá-lo. Foi, realmente, a certeza de que não convém... podendo, até, ser mal interpretada em certos círculos... que a Igreja e o Estado fiquem associados na opinião pública, a despeito do truísmo de que o religioso e o secular podem ter um objetivo comum.

— Entendo perfeitamente, Eminência — disse Duncan.

— Fique à vontade — disse o Cardeal, encaminhando-o para o longo sofá castanho.

Cortês, Duncan esperou que o prelado se instalasse para então se sentar a poucos passos de distância.

— Não farei rodeios — anunciou o Cardeal. A voz era áspera e frágil, e soava como papel de embrulho ao ser amarrotado e transformado numa bola na mão. — Quando a gente é velho como eu, ou jovem como o senhor, aprende-se a não perder tempo nem palavras com intermináveis rapapés sociais. O meu secretário informou-o sobre o meu interesse no processo que o senhor vai encetar e sobre o desejo de a Igreja o auxiliar da melhor maneira possível.

— De fato, foi o que ele me disse, e nada mais. Portanto, não tenho muita certeza sobre o que...

— Sobre o que esperar, não? O senhor talvez esteja em dúvida sobre a espécie de auxílio que lhe posso prestar, e se for assim, é

compreensível. Talvez pense que pedi que viesse aqui apenas para abençoar a sua cruzada e prometer-lhe as minhas orações. Pois bem.abenção, realmente, o seu empreendimento e penhorolhe as minhas orações. Nós temos uma bastante boa em prol da literatura decente, uma que recebeu o imprimatur do Arcebispo de Cincinnati.

Imediatamente, de olhos voltados para o alto, as bochechas trémulas, pôs-se a recitar com voz grave e vibrante:

— “Oh Deus, Tu que disseste: “Deixai vir a Mim os inocentes”, protege e abençoa os nossos esforços para despertar a opinião pública, a fim de que possamos eliminar a literatura obscena e imoral das estantes de livros e das bancas de jornais. Que a Tua Divina Providência faça com que as leis sejam aplicadas para que esse tipo de literatura não possa mais existir no nosso país e no mundo inteiro.”

Tomou a respiração, ofegou, asmaticamente, e continuou: — “Virgem Maria, cuja vida é a inspiração de todos nós, zelai por nós e intercedei por nós, a fim de que os nossos esforços alcancem êxito, por Jesus Cristo, Nosso Senhor, Amém.”

Cheio de reverência, Duncan sussurrou:

— Obrigado, Eminência.

— Se fosse só isso o que tenho para lhe oferecer, o senhor não teria motivo para me agradecer. Não é só isso o que tenho para lhe oferecer. Tenho mais, muito mais.

Coçou a parte interna do colarinho duro, e a grande jóia engastada no grosso anel cintilou no dedo, ao recostar-se no assento, imerso em pensamentos, durante certo tempo.

Depois cruzou os braços, contemplou o tecto e começou a falar tranquilamente: — Eu disse que temos uma causa em comum. E de fato temos. Os nossos inimigos gostariam de crer que o único interesse da Igreja é a moralidade e a religião, à custa da liberdade de expressão. Não é verdade. Vivemos numa sociedade organizada. Para mantê-la em ordem e civilizada —, precisamos de autoridade e determinadas restrições. Sem restrições, não teríamos mais nenhuma liberdade democrática depois de certo tempo.

Teríamos uma sociedade ateia, pagã, onde reinaria a anarquia e somente o direito da força.

A Igreja quer a liberdade de expressão. Nós desejamos coibir apenas os que exorbitam dessa liberdade. Como um editor católico já observou, não pedimos o excesso de pudor mas somente a prudência. Não estamos, como esse editor reconheceu, a tentar impor-nos como árbitros do gosto nacional em matéria da liberdade de escolha de um adulto, mas apenas interessados em refrear a franca imoralidade, impedindo que corrompa a juventude.

Somos os defensores da autêntica literatura, e até mesmo da literatura vulgar, se possui valor social e é sincera. Somos só adversários da pornografia, da pornografia que se disfarça em literatura, mas cujo fito é arrastar a mocidade para a vida de pecado. É contra isso que a Igreja se levanta. Não posso acreditar que o seu departamento, cumpridor da lei do Estado, pense de modo diferente. Não foi um padre, pronunciando um sermão no púlpito, mas um porta-voz do Departamento da Polícia de Chicago que fez a declaração: "A literatura obscena é devassa, depravada, nauseante, desprezível, desmoralizadora, destrutiva e capaz de envenenar qualquer espírito em qualquer idade. As publicações imorais zombam dos votos nupciais, escarnecem a castidade e a fidelidade, e glorificam o adultério, a fornicção, a prostituição e as relações sexuais anormais." Presumo, portanto, Mr. Duncan, que compartilhamos da mesma opinião sobre livros como Os Sete Minutos!

— Realmente — concordou Duncan, com convicção. — Não queremos enfraquecer a liberdade mas antes fortalecê-la pela eliminação dos que a desejam corromper.

— Muito bem. Ora, em 1938, os bispos católicos dos Estados Unidos, incluindo-se na lista também os líderes de muitas outras fés, fundaram a ONLD... a Organização Nacional em prol da Literatura Decente... e assim procederam, conforme declararam: "para pôr em movimento as forças morais do país inteiro... contra o tipo lascivo de literatura que ameaça a vida moral, social e nacional". Normalmente, numa ação comunitária local, seria da sucessora da ONLD, a CLD... Cidadãos em prol da Literatura Decente... que o senhor podia esperar a cooperação da Igreja. No entanto, como a Igreja considera Os Sete Minutos uma força extraordinariamente pernicioso, como o

seu caso contra esse livro ultrapassa as nossas fronteiras, assumindo importância internacional, e como a Igreja está em situação privilegiada para lhe prestar apoio nesse processo, ela julgou por bem oferecer-lhe cooperação do mais alto nível.

— Do mais alto...? — repetiu Duncan, atônito.

— Do próprio Vaticano. Recebi instruções do cardeal que exerce a presidência da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé no Vaticano. Mr. Duncan, é atendendo a solicitação pessoal de Sua Santidade, o Papa, que a Sagrada Congregação coloca espontaneamente todos os recursos de que dispõe para serem usados no interesse do seu caso.

A confusão de Duncan foi total.

— O senhor quer dizer que o Papa... Sua Santidade... ouviu falar do nosso processo?

Estou surpreso... encantado, que ele esteja interessado, naturalmente... mas não posso compreender por que ele...

— Já explico — disse o cardeal MacManus. — E depois pretendo ajudá-lo.

— Por gentileza, sim? — perguntou Duncan.

— Para elucidar, para explicar quando foi implantada a semente do nosso interesse por um caso como o seu, devo começar bem do início. Logo depois que Gutenberg tornou possível o aparecimento de livros em grandes quantidades na Europa Ocidental... isto é, depois de 1454... o Vaticano percebeu que precisava de se adaptar ao novo fenômeno. O púlpito, até então, fora o meio primordial pelo qual o padre disseminava conhecimentos e fé. Agora os livros ofereciam-se para se transformarem num agente maior de transmissão do bem. Ao mesmo tempo, o Vaticano adquiriu consciência do poder que tinham os livros para espalhar o mal, subverter o espírito e o coração dos homens, provocando-lhes uma conduta perniciosa à sociedade e à religião. Em 1557, sob a orientação do Papa Paulo IV, a Igreja entrou em ação. Organizou uma lista de livros condenados por motivos de sensualidade, misticismo ou ideias heréticas, e publicou-a como o primeiro Index Librorum Expurgatorius, Durante os quatro séculos subsequentes à

publicação inicial, o Index tem sido atualizado e reeditado periodicamente. O senhor nunca viu um exemplar?

— Não — disse Duncan.

— Vou mostrar-lhe uma edição recente. — O Cardeal levantou-se, foi mancando até à escrivaninha, apanhou uma pequena brochura de capa cinzenta, e voltou com ela ao sofá. —

Cá está. Quinhentas e dez páginas, com a lista de mais ou menos cinco mil livros condenados, figurando cada título no índice na língua em que foi originariamente escrito.

Abriu o Index.

— Permita-me traduzir-lhe alguns comentários de um prefácio preparado para a edição de 1929, incluído nesta, mais recente, que apareceu em 1946. Começa assim. — O Cardeal traduziu lentamente: — “Durante toda a sua existência, a Igreja sempre sofreu tremendas perseguições de tudo quanto foi espécie, enquanto o número dos seus heróis e mártires crescia constantemente. Hoje, porém, existe uma ameaça muito mais perigosa, proveniente do inferno: a imprensa imoral. Não há maior perigo do que esse e por conseguinte a Igreja nunca cessa de prevenir os fiéis contra ele.”

O cardeal MacManus parou, leu em voz baixa para si mesmo e depois continuou; — Três ou quatro parágrafos adiante, o prefácio esclarece a posição da Igreja. “Seria erro dizer que a condenação de maus livros é uma violação da liberdade humana, pois está claro, acima de tudo, que a Igreja ensina que o Homem é dotado de liberdade por seu Criador e que a Igreja sempre defendeu essa doutrina contra todo aquele que ousou negá-

la. Somente os que padecem dessa praga chamada liberalismo podem dizer que essas restrições, impostas por um poder legítimo, constituem limitações ao livre arbítrio do Homem: como se o Homem, por possuir livre arbítrio, estivesse consequentemente autorizado a fazer sempre tudo o que quer.” Depois o parágrafo seguinte. “Está claro, portanto, que as autoridades da Igreja, ao impedir por meio de leis a difusão de equívocos, ao procurar retirar da circulação aqueles livros capazes de corromper a moral e a Fé,

não fazem mais do que salvar a frágil natureza humana desses pecados em que, por sua própria fraqueza, pode facilmente cair.”

Ergueu a cabeça.

— Até 1917, a autoridade para tratar da proibição de livros pertencia à Congregação do Index. A partir de então, essas funções foram assumidas pelo departamento da Cúria conhecido como a Seção da Censura de Livros, sob a autoridade da Suprema Congregação do Santo Ofício. Mas como o Santo Ofício esteve durante longo tempo associado no espírito de muitos à Inquisição, e a fim de apaziguar os nossos irmãos Protestantes, foi abolido em 1965 pelo Papa Paulo VI. O trabalho do index ficou então entregue à menos conservadora Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, e é desse departamento que estamos tratando. O senhor entendeu perfeitamente o que acabo de explicar?

— Entendi, Eminência.

— Mr. Duncan, existem dois motivos fundamentais para que um livro possa ser condenado pela Igreja e deste modo incluído no Index. Já em 1399, um manuscrito era proibido se ensinasse ou contasse histórias “sensuais ou relacionadas com assuntos carnis”, se “designado à destruição dos princípios básicos da religião” ou se “atacasse ou ridicularizasse os dogmas ou a hierarquia católica”. Em suma, até hoje, um livro pode ser condenado sob a alegação de imoralidade ou de heresia. Por causa de imoralidade, o senhor encontrará— nas páginas do Index autores como Casanova, por suas Memórias, e Gustave Flaubert. por sua Madame Bovary, assim como Balzac, D’Annunzio, Dumas père e fils por seus romances sensuais, e em data mais recente, 1952, Alberto Moravia por seus livros obscenos. Devido ao seu anticlericalismo, teologia malsã, franca heresia, o senhor encontrará no índice autores como Laurence Sterne por Uma Viagem Sentimental pela França e Itália, Edward Gibbon por A Decadência e Queda do Império Romano, Bergson, Croce, Spinoza, Kant, Zola, e mais recentemente, Jean-Paul Sartre, por seus comentários, histórias e filosofias irreligiosas. Mas pouquíssimos autores têm sido condenados por imoralidade e heresia ao mesmo tempo. Um dos únicos foi André Gide.

O Cardeal começou a folhear o exemplar do Index.

— E outro, um romancista cuja obra foi originariamente publicada em língua inglesa.

Ele foi o segundo romancista inglês a figurar no Index... o primeiro, por falar nisso, foi Samuel Richardson por Pamela, proscrito pelo Vaticano em 1744... mas o segundo romancista em língua inglesa a ser condenado por inclusão no Index, e que foi condenado tanto por imoralidade como por heresia, foi... bem, cá está, o senhor pode ver com os seus próprios olhos.

Duncan tomou o índice e seguiu o dedo do Cardeal até ao pé da página 239, e ali, entre "Ittigius, Thomas" e "Juénin, Gaspar", via-se o nome "Jadway, J J" e logo após o seguinte: "Os Sete Minutos. Decr. S. Of. 19 apr. 1937."

Duncan ergueu os olhos, admirado.

— Mas é mesmo, Jadway está incluído aqui. O cardeal MacManus concordou com a cabeça.

— De fato, está. O senhor não sabia?

— Tinha visto qualquer coisa... Em nossa exposição de motivos a respeito do autor, tenho a certeza de que existe uma referência... mas na ocasião não prestei muita atenção ao fato. Eu possuía poucos conhecimentos sobre o Index, embora me lembre que encarreguei o meu assistente de pesquisar mais nesse sentido, e não estava seguro de que isso teria grande relevância num tribunal. Julguei que faria uma rápida menção ao fato, depois de me certificar de que o Index ainda existia.

— Agora o senhor sabe que existe — retrucou o Cardeal. — E permita-me explicar-lhe porque Os Sete Minutos está condenado nestas páginas. Eu disse que ele era um livro proibido por causa da sua imoralidade e atitude herética em relação à fé cristã. Mas por volta da década de 30, a obscenidade sozinha não teria feito a Igreja condenar Os Sete Minutos, especialmente uma vez que a publicação obscura, a aparição num país que não era o mesmo do autor, e a proibição imediata lhe proporcionaram apenas uma circulação limitada. Se o senhor percorrer estas páginas, não encontrará nenhuma referência à edição da Obelisk Press de Fanny Hill, de John Cleland, ou aos livros escritos por James Joyce, Henry Miller e William Burroughs. Não, foi necessário mais que uma

simples acusação de obscenidade para merecer a condenação do Index em tempos recentes. Assim como o Decameron, de Boccacio, não foi colocado no Índice apenas por sua indecência, por sua imoralidade. Sob essa alegação, o Decameron talvez escapasse à censura. Foi a blasfêmia de Boccacio, os seus ataques ao clero, combinados com a obscenidade, que lhe granjearam um lugar no Index. Realmente, quando o Decameron foi reeditado, com os monges e freiras pecaminosos substituídos por nobres e damas, o Concílio de Trento contentou-se com o expurgo da blasfêmia. Sua Santidade, então, decidiu retirar a obra de Boccacio do Index.

Portanto, o senhor vê, Mr. Duncan, não é a imoralidade sozinha, mas a fusão da imoralidade com a blasfêmia que provoca fatalmente a condenação da Igreja. É essa fusão de licenciosidade com heresia que forçou o Santo Ofício a proscriver Os Sete Minutos, Sim, eu li o romance de Jadway, e não me sinto capaz de repetir o que senti a respeito do trecho em que o autor apresenta a sua heroína... heroína! prostituta ateia, eu devia dizer...

pecadora., a sonhar com Nosso Senhor e com os santos mártires da igreja, invocando o Seu nome e os deles em vão. Uma obra inspirada pelo Demônio, nada menos.

Respirando pelo nariz, o Cardeal tentou recobrar a compostura.

— Mas, apesar de infame, Os Sete Minutos talvez houvesse permanecido como uma relíquia nas listas do Index, esgotadas e esquecidas, sem maiores cuidados para a Igreja. Na época, em consequência do índice, ficou proibido em todos os países católicos, e, devido ao conteúdo obsceno, em outras nações também. Desfrutou do seu único momento de maldade e deixou de existir. No entanto, quando uma editora de Nova Iorque, até então conceituada, determinou ressuscitá-lo, a hierarquia da Igreja alarmou-se. Não posso afirmar que a Igreja teria agido sozinha. Talvez não o tivéssemos feito, por receio de provocar velhos ressentimentos em muitos lugares sobre a nossa suposta ação repressora em séculos passados. Felizmente, um homem, um instrumento do Estado, e alheio à nossa fé, teve a coragem de levantar-se acima do medo e atacar a horrenda besta, solta pelos

vendilhões de Nova Iorque. O senhor foi e é esse homem, Mr. Duncan, e sentimo-nos orgulhosos em apoiar a sua valente cruzada.

Duncan ficou radiante.

— Obrigado, Eminência. Estou comovido com as suas palavras.

— Prometo-lhe mais do que simples palavras — retrucou o cardeal MacManus. — Prometo-lhe auxílio.

— Tudo o que o senhor puder oferecer será bem-vindo.

— O Santo Padre autorizou-me a oferecer-lhe os préstimos do padre Sarfatti... um dos dois sacerdotes diretamente incumbidos do Index no Vaticano... como uma testemunha principal da acusação. Antes de banir Os Sete Minutos, os membros da Santa Ordem investigaram minuciosamente o autor, J J Jadway, enquanto ainda era vivo. Os achados de três décadas e meia atrás encontram-se em mãos do padre Sarfatti. Fui autorizado a informá-lo que o padre Sarfatti está pronto a tornar público, em prol da sua acusação, não só a experiência pessoal que teve com Jadway, como também todas as informações classificadas que a Igreja possui sobre o abominável livro e o seu igualmente abominável autor.

— Quanto a essa informação — interrompeu Duncan, ansioso — estou curioso por saber se o senhor não me poderia dar uma ideia da sua...

— Sabia que o autor, JJ Jadway, era católico quando escreveu o livro? Sabia que foi excomungado antes da sua morte por produzir essa obra? Sabia que a morte dele —, seguindo-se à excomunhão, não foi acidental, como disseram as notícias dos jornais, mas que morreu por suas próprias mãos, como suicida?

O queixo de Duncan caiu. Sentou-se aturdido no sofá.

— Jadway matou-se?

— Depois que o livro apareceu, suicidou-se e os seus restos foram cremados.

Duncan levantou-se, contorcendo as feições, enquanto os seus dedos procuravam, distraidamente, um cigarro.

— Não... eu não sabia nada disso. Fora desta sala, ninguém nos Estados Unidos sabe disso. Porém deveriam saber. Toda a gente deveria saber.

Com um grunhido, o cardeal MacManus ergueu-se do sofá.

— É a pura verdade. Há mais ainda. O senhor quer o padre Sarfatti como testemunha de acusação?

— Se quero? Sim, mil vezes sim, eu preciso dele.

— Quando quer que ele venha a Los Angeles?

— Dentro de três dias, quatro no máximo, se possível.

— É possível. Notificarei o Vaticano. O padre Sarfatti estará aqui.

E o Senhor abençoará a sua causa. Temos sempre presente a recomendação de Santo Agostinho: "Aquele que nos criou sem nosso auxílio não nos salvará sem o nosso consentimento."

Queremos que a América seja salva, e o senhor nos ajudará a obter o consentimento dos nossos cidadãos. Obrigado, Mr. Duncan.

— Eu é que agradeço, Eminência.

Saindo do Empório de Livros de Ben Fremont, Mike Barrett resolveu caminhar a pé os três quarteirões até à Biblioteca Regional de Oakwood.

Depois de colocar outra moeda no parquímetro, deixou o carro e saiu andando.

Como Oakwood ficava mais perto da praia do que de Beverly Hills, onde terminara o almoço há menos de uma hora, o ar era mais puro, menos abafado, mais revigorante e inalou-o profundamente enquanto passava pelo distrito comercial.

Barrett recapitulou a conversa que acabara de ter com Ben Fremont. Divertira-se com o fato de que o livreiro magro e míope estivesse agora menos desamparado do que no primeiro encontro que haviam tido, na tarde da prisão. Na ocasião, Fremont contraíra-se de medo e a sua fala ficara reduzida a um balbúcio. Mas a atenção que recebera subseqüentemente tinha-o envaidecido. Gostou de receber a solidariedade daquela minoria de compradores, amigos e concorrentes que o consideravam um mártir heróico. Deliciou-se ainda mais com o súbito papel de famigerado joguete de Satanás que lhe fora atribuído pela LFD e pelos sensacionalistas da imprensa e da televisão. Pelo seu tom de voz, Barrett notou um vago ressentimento por J J Jadway e Os Sete Minutos estarem a obter maiores atenções do que ele próprio. A certa altura, Fremont confessara timidamente que a sua esposa estava a colecionar um álbum de recortes. Além disso, o seu porte tornara-se mais erecto, a

maneira de falar mais autoritária, e as lamúrias e adulações tinham praticamente desaparecido. Barrett compreendeu e simpatizou com ele. A maioria dos homens, mesmo daqueles que passam a vida em calmo desespero, recebem apenas duas vezes o reconhecimento público: na participação de nascimento e na nota necrológica, nenhuma das quais chegam a ler. A vida tinha dado a esse livreiro obscuro um bônus inesperado. Ele era, inacreditavelmente, de modo fugaz, uma figura pública.

Mas sempre que Barrett falava com ele, Fremont, no fim, mostrava-se realista a respeito da situação. Ele era o réu, sob acusação penal. Havia a possibilidade de encarceramento. E assim, quando Barrett aparecia, Fremont mostrava-se solícito e logo realista, tal como se portara durante a última meia hora.

Barrett tinha chegado armado de perguntas. A Polícia confiscara oitenta exemplares de Os Sete Minutos, e as contas do departamento de vendas da Sanford House demonstravam que uma encomenda de cem exemplares fora remetida ao Empório de Livros Fremont. Essas cifras estavam certas? "Sim senhor, Mr. Barrett." Quer dizer então que Fremont vendera vinte exemplares antes de ser preso? "Sim senhor, só que, espere, não, eu tinha um volume em casa, que minha mulher andava a ler. Isso significa, portanto, que vendi dezanove, sendo dois aos agentes da Polícia que me prenderam." Não possuía nenhuma ficha dos outros dezassete compradores que haviam comprado o livro? "Só dos que mandaram pôr na conta, e isso leva algum tempo para verificar. A maioria dos compradores pagam à vista." Será que não se poderiam verificar as fichas de débito que abrangessem o curto período entre o recebimento da remessa e a prisão, ficando de sobreaviso para o nome de Jerry Griffith? "A essa pergunta posso responder imediatamente, Mr. Barrett. Nenhum dos Griffith mantém conta nesta livraria." Quem sabe se Jerry viera e comprara o livro à vista? "Duvido. Tenho boa memória para nomes e rostos. O retrato do rapaz saiu em todos os jornais, e não me recordo de jamais tê-lo visto na loja. Naturalmente, há uma centena de livrarias por toda Los Angeles onde ele poderia ter conseguido um exemplar." Sim, Barrett sabia, e já pusera Kimura e vários auxiliares a esmiuçar as

outras lojas com fotografias de Jerry Griffith na mão. “Ena, como invejo essas outras livrarias, Mr. Barrett. Devem estar a vender exemplares como burro, e tudo por minha causa.” Barrett duvidara que muitas lojas fora de Oakwood ousassem expor o livro.

A maioria estava à espera do desfecho do julgamento. “Nem todas, Mr. Barrett” — retorquiu Fremont, com conhecimento de causa.

A afirmação fizera Barrett pensar. Olhara fixamente para o livreiro. Fremont queria dizer que alguns dos seus colegas estariam a vender o livro às escondidas? “Alguns, alguns.” Lembrava-se do conselho anterior de Barrett? “Qual era ele? Ah, sim, agora me recordo, o senhor quer dizer que era para eu não tentar vender às escondidas? Não se preocupe. Não há perigo. Aliás, onde iria conseguir exemplares? Só Deus sabe como eu gostaria de poder vender o livro. Não faz ideia da quantidade de telefonemas que recebo diariamente, perguntando se está à venda. Olhe, sabe quem ligou para cá hoje de manhã?

Rachel Hoyt. Moça sensacional. Não conhece? Pois devia. É a diretora da Biblioteca Regional de Oakwood. Corajosa, que só vendo. Ela levantou-se contra Mrs. St. Clair e a LFD durante dois anos. Está absolutamente indignada com a minha prisão e essa tentativa de proibir Os Sete Minutos. Ela acha que esse é que é o verdadeiro crime. Está tão irritada que não quer sequer esperar para encomendar o livro através do departamento municipal de aquisições. Quer comprar pessoalmente um volume e colocá-lo logo nas prateleiras franqueadas ao público e ter um ajuste de contas com a LFD. Foi por isso que me telefonou, tentando conseguir um exemplar. Fiquei com medo de lhe dar o que a minha mulher está a ler. Mas a Rachel vai acabar por descobrir um exemplar nalgum lugar.”

E agora Mike Barrett tinha chegado à moderna estrutura térrea que servia para Biblioteca Regional de Oakwood e dava entrada no prédio, decidido a falar com Rachel Hoyt, a bibliotecária.

Havia muito tempo que ele não entrava numa biblioteca pública, e o aspecto físico do interior do prédio, assim como a atmosfera reinante, tomou-o de surpresa. As suas recordações juvenis de

bibliotecas estavam associadas a palavras como "escuras", "mofadas", "calmas", "silenciosas". A Biblioteca Regional de Oakwood era clara, nova, arejada e palco de contida vivacidade. Diversos rapazes e moças em Idade escolar achavam-se reunidos" em torno da mesa de Guias Periódicos, conversando em voz baixa, mas animada, e procurando abafar o riso. Outros visitantes estavam confortavelmente sentados em mesas longas, lendo sossegados ou tomando anotações. Um par romântico saiu das estantes bem iluminadas, o braço livre dele a levá-la pela cintura, e os dela carregados de livros. Perto da entrada, havia uma prateleira que ostentava um cartaz: NOVIDADES, assim como uma tábua de cortiça que exibia as capas das aquisições mais recentes. Barrett examinou rapidamente os títulos de ficção. Os Sete Minutos ainda não se encontrava incluído.

No balcão de informações, Barrett perguntou por Miss Rachel Hoyt, dando o seu nome e profissão. A pequena funcionária fitou-o com os olhos esbugalhados e depois disparou por uma porta ao fundo.

Quando voltou, Rachel Hoyt vinha logo atrás dela e Barrett teve uma segunda surpresa. Como a maioria dos adultos, a sua lembrança das bibliotecárias que tinham povoado os seus anos escolares confundira-se com o tempo, numa única bibliotecária estereotipada. Esse estereótipo possuía carrapito, óculos sem aro, nariz pontiagudo e desaprovador, e lábios finos, quase invisíveis. O estereótipo de uma afectada insensível, eficiente, sossegada, sem humor, ressequida.

E ali estava Rachel Hoyt, bibliotecária regional, linda como um quadro de Marie Laurencin, e no entanto tão colorida quanto um cartaz psicadélico. Trazia o cabelo repuxado suavemente para trás, preso à nuca por uma travessa laqueada. Um baton vivo pintava os lábios úmidos e uma blusa cor-de-rosa estava unida por um cinto grosso a uma mini-saia de lã cinza. Era baixa, compacta, bem feita, com uma expressão insolente e uma espécie de vitalidade explosiva. Devia andar provavelmente mais perto da casa dos quarenta que dos trinta, mas aparentava menos. Barrett não teve dúvida de que

ela possuía uma inteligência infernal. E também que não permitia que isso interferisse na sua vida social.

— A senhora é a diretora da biblioteca? — perguntou ele.

— Eu mesma — respondeu Rachel Hoyt, puxando uma coleção de pulseiras para cima do antebraço gracioso. Piscou-lhe um olho malicioso. — Que esperava... Minnie Mouse ou uma criatura do tempo da onça? Há anos que deitaram fora esse modelo. Mas lá por isso, Mr. Barrett, o senhor também não parece um desses advogados criminalistas que a gente lê nos romances ou vê na televisão. Nem um desses camaradas astutos que gostam de estalar os suspensórios ou que são bêbedos maravilhosos que resmungam enquanto defendem os oprimidos. Não se parece com Darrow ou Rogers... nem tão pouco com Howe ou Hummel, para usar de franqueza.

— Não? — queixou-se Barrett com mágoa fingida. — Por que não?

— Muito elegante e queixudo de mais. Os seus olhos nem sequer estão ligeiramente injetados. A sua gravata é cara. Charles Darnay, talvez. Sydney Carton, não.

— Se a senhora soubesse o que sacrifiquei para aceitar este caso, diria Sydney Carton, e olhe lá.

Rachel Hoyt soltou uma risada.

— Está bom, Sydney. Pode entrar.

Ele contornou o balcão de informações e seguiu-a até um escritório tão bem arrumado e exposto como a sua própria personalidade, excepto a mesa central que lhe servia de escrivaninha, atulhada de livros novos, e pilhas de Library Journal, Top of the News e Wilson Library Bulletin. Havia também em cima da mesa punhados de recortes três-por-cinco, presos por elásticos de borracha, um copo para lápis, um filtrador de café borbulhante e um prato de papel com um pedaço de sanduíche.

— Não se importa que eu termine o meu misto e o meu café? — perguntou ela, passando para trás da mesa e enchendo um copo de papel com café. — Quer um pouco?

— Não, obrigado.

— Então puxe uma cadeira e fique à vontade.

Era o que Barrett ia fazer quando um grande cartaz na parede lhe chamou a atenção.

Trazia os dizeres: BIBLIOTECA LEI DOS DIREITOS CIVIS. Fora preparado pelo Conselho da Associação de Bibliotecas Americanas.

— Os nossos seis mandamentos — proclamou Rachel Hoyt. — Veja o terceiro e o quarto.

Ele olhou o terceiro. Dizia: “A censura de livros, exigida ou praticada por árbitros voluntários da moral ou da opinião pública, ou por organizações que estabeleçam um conceito coercitivo de americanismo, deve ser contestada por bibliotecas em defesa da sua responsabilidade de proporcionar conhecimentos e instrução ao público através da palavra impressa.”

Desviou os olhos para o quarto: “As bibliotecas deveriam recrutar a cooperação de grupos aliados nos sectores da ciência, da educação e da publicação de livros para resistir a todo o cerceamento do acesso livre a ideias e à total liberdade de expressão que constituem a tradição do patrimônio dos Estados Unidos.”

Virou-se e aproximou a cadeira para uma posição defronte dela do outro lado da mesa.

— Acho que isso praticamente resume a questão — disse ele.

Ela terminou a última dentada na sanduíche.

— Nem tanto — objetou. — Eu diria que quase todo o bibliotecário adopta essas duas medidas, de fato todas as seis. Onde diferimos é na interpretação do que é ou não é “instrução através da palavra impressa”. Conscientemente ou não, o presidente Eisenhower certa vez destacou o problema num esplêndido discurso que pronunciou no Colégio Dartmouth há vários anos. “Não se aliem aos queimadores de livros —, recomendou ele à plateia. Ele achava que não se podem dissimular erros, escondendo a prova de que existem.

Não devíamos ter medo de ir a uma biblioteca e ler todo o livro que lá haja; desde que as nossas próprias ideias de decência não sejam ofendidas. “Essa deveria ser a única censura”, disse Eisenhower. Engoliu o café à pressa.

— Três vivas a Ike. Mas, realmente, o que deveria ser a única censura? Ora, aquilo que fere as nossas ideias de decência, lógico. Contudo, ideias de quem, exatamente? Tome um livro qualquer. Talvez um Eisenhower diga que é indecente, um ministro Warren do Supremo diga o contrário. Tome outro livro. Um comunista americano diz que, politicamente, é decente, um membro da Sociedade John Birch diz que é indecente. Tome Os Sete Minutos. O senhor e eu dizemos que é decente, mas Elmo Duncan e Frank Griffith gritam que é indecente. Sim, tome o próprio livro de Jadway. Eu digo que ele tem valor social e mérito literário, e tenciono comprá-lo e expô-lo nas prateleiras da Biblioteca Regional de Oakwood. Simultaneamente, os bibliotecários reunidos para escolherem livros na Biblioteca Livre de Filadélfia, Pensilvânia, podem achar que o livro possui atrativo libidinoso, além de estilo literário inferior, e talvez se recusem a comprá-lo e distribuí-lo. O

diretor de uma biblioteca pública qualquer no Alabama pode achar que o livro tem importância social, mas, com medo de alguma organização como a DAR (DAR — Daughters of the American Revolution.), fará a censura prévia do romance, não permitindo que bibliotecários dele o comprem-O que nos traz de volta à mesma pergunta... de quem seria a ideia de decência a seguir? Ser bibliotecário hoje em dia é uma posição quase tão delicada como a do político. É uma das ocupações mais arriscadas da face da terra. Não há lugar para ratinhos. Ah, isso não impede que ainda os haja, aos montes, na profissão. Mas existem mais tigres nestas abençoadas salas de leitura, muito mais, pode crer. E esta sua criada é um deles. Hei-de rugir, ficar de atalaia e lutar até à morte para proteger a minha ninhada, a minha coleção de livros, as minhas estantes livres e abertas. E agora, Mr. Barrett, que diabo o senhor veio fazer aqui?

— Miss Hoyt, vim pedir-lhe um favor. Não compre nem exponha Os Sete Minutos.

Ela arqueou logo as sobrancelhas,

— O senhor... a pedir-me isso? Está a brincar?

— Estou a falar absolutamente sério.

— Eu quero que esse livro fique ao alcance de quem quiser lê-lo.

— Não. Ainda é cedo para isso.

— Por quê?

Barrett remexeu no cachimbo.

— Eu explico. Nós já temos uma pessoa a reivindicar o direito de expor Os Sete Minutos. E perante a lei. Temos o nosso mártir. Dois já seriam de mais. É como se, bem, digamos, dois Cristos diferentes houvessem sido julgados por Pilatos e houvesse dois Messias crucificados aquele dia no Gólgota. Os cristãos poderiam inspirar-se em dois martírios? O cristianismo teria resultado disso?

— A analogia não convence — replicou Rachel Hoyt. — Quando se está a defender um baluarte da liberdade sitiado, a gente recorre a todos os voluntários disponíveis. Na minha opinião, quantos mais, senhor.

— Outra analogia mal escolhida — observou Barrett. — Olhe, um judeu é perseguido e trancado na ilha do Diabo, e pode-se bradar “J’accuse!” e sublevar o mundo inteiro por causa de uma única injustiça. O mundo pode identificar-se com um mártir desamparado.

Mas seis milhões de judeus foram perseguidos e assassinados na Alemanha e o mundo fica perturbado intelectualmente mas emocionalmente calmo, tratando da sua própria vida, porque, ora, que diabo, quem é que pode identificar-se com seis milhões de mortos?

Miss Hoyt brindou com o copo de papel. Depois amassou-o.

— Sim, compreendo — disse ela. — O que é que devo fazer exatamente?

— Deve dizer-me que está disposta a ser uma testemunha de defesa especializada em literatura. Não quer?

— Nem com metralhadora o senhor conseguiria manter-me afastada do banco das testemunhas.

— ótimo. Então já está na lista. Imagino que tenha lido o livro de Jadway, não?

— Três vezes. Parece mentira, hem? A primeira foi há uns seis anos, Eu estava num desses voos especiais de turismo. Acho até que o avião descolou impulsionado por elásticos de borracha... nós, as bibliotecárias, não ganhamos salários que permitam extravagâncias, sabe. Era uma espécie de excursão para visitar museus de arte, e

depois de três dias no Louvre tive um dia livre. Comecei a dar uma olhadela pelas bancas de livros na margem do Sena e deparou-se-me um exemplar velho e estragado da edição Étoile de Os Sete Minutos. Ouvira falar muito nele, fiquei curiosa, sentei-me num café e passei a manhã a ler. Pela primeira vez compreendi como era excelente ser mulher. Depois, quando soube pelo Publisher's Weekly que a Sanford House publicaria o livro aqui, entusiasmei-me.

Pensei, meu Deus, este velho país de pão-de-milho ficou adulto. Quando cheguei a casa, reli a antiga edição parisiense. A história continuava tão sensacional como da primeira vez.

Aí então, quando Ben Fremont foi preso, eu sabia que tinha de tomar uma decisão como bibliotecária responsável. Assim li pela terceira vez, com olho atento, sob a perspectiva da bibliotecária.

— E o que lhe disse ele?

— Sem pestanejar, confirmou que as duas primeiras reações estavam certas. O livro pertencia às prateleiras abertas, e sem tardar, ao menos para mostrar aos caçadores de feiticeiras que Ben Fremont não se achava sozinha. Agora o senhor convenceu-me a adiar esse gesto. Mas, seja como for, terei oportunidade de dizer ao mundo qual é a posição de uma bibliotecária inteligente.

— Já pensou nas consequências?

— Mr. Barrett, se eu me inquietasse com as consequências, nunca teria aceite este maldito cargo. Quando me olho no espelho todas as noites, não quero sentir vergonha do que vejo. Portanto, prò inferno com as consequências. O senhor faz ideia do que a bibliotecária comum precisa de enfrentar cada dia, não uma vez por mês ou por ano... não as grandes questões espalhafatosas, mas os problemas mesquinhos contra os quais ela luta todos os dias, todos os anos? Não estou a falar da mocidade. Os jovens são ótimos. São a nossa única esperança de salvar da extinção total esta bola de lama em que vivemos. São os pais e parentes deles. Os experientes, os mais velhos, que pretendem ter respostas para o que está certo e errado e que eles chamam de "senso prático". E que vem a ser o senso prático? Uma conglomeração de folclore, fábulas e preconceitos herdados de seus pais e parentes, e um montão de experiências, observações e pensamentos estreitos e mal

assimilados. São os pais que surgem nas bibliotecas, públicas e escolares, para protestar contra o modo como estamos a destruir os seus filhos com este ou aquele livro, pouco percebendo que são eles que subvertem a própria prole, por terem assumido a paternidade com crostas em torno dos cérebros. Essa gente está simplesmente com medo de tudo o que é novo.

— Sei perfeitamente como eles são — disse Barrett.

— Claro que sabe. No entanto temos de viver com eles, lidar com eles, e o senhor e eu conhecemos a sufocante limitação que resulta quando a sociedade espera que todo o livro satisfaça os critérios comunitários contemporâneos. A maioria das obras verdadeiramente grandes tornou-se grande porque uma vez desafiou ou ultrapassou a fórmula, a banalidade, a tradição da comunidade. Foram esses os livros que ousaram dizer algo novo ou dizê-lo de uma maneira nova. As obras de Copérnico, Newton, Paine, Freud, Darwin, Boas, Spengler, em ensaios, e de Aristófanes, Rabelais, Voltaire, Heine, Whitman, Shaw, Joyce, na ficção.

Esses foram os livros cheios de ideias meditas, às vezes chocantes. E hoje nós devemos apoiar textos semelhantes, custe o que custar. Mas como? Um diretor de biblioteca achou que deveríamos defender o critério de seleção, em oposição à censura... seleção dos melhores livros, baseada sobretudo na suposta intenção do autor e na sua sinceridade de objetivo. A seleção, disse ele, começa com um pressuposto em favor do controlo do pensamento.

Rachel Hoyt fez uma pausa, como se quisesse conter a indignação, e depois continuou mais calma.

— O senhor crê que alguma dessas pessoas que têm medo que o barco vire de uma hora para a outra compreende uma coisa dessas? Que esperança. Nós lutamos pela seleção, e elas pela censura. Precisava de ouvir as queixas diárias que presencio. Vêm de puritanos e fanáticos de toda a laia.

— Que espécie de queixas, por exemplo?

— Por exemplo, pediram-me que retirasse da circulação *A Letra Escarlate*, de Hawthorne, porque mostrava comportamento licencioso, *A Boa Terra*, de Pearl Buck, porque descrevia um parto. *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, porque continha blasfêmias, e até E

Tudo o Vento Levou, de Margaret Mitchell, por causa da conduta imoral de Scarlett. Li não sei onde que uma associação de pais e mestres queria excluir os Mitos Clássicos das prateleiras porque tratava de incesto... incesto entre os deuses. Os deuses! Em Cleveland, objetaram contra O Asno de Ouro, de Apuleio, por causa do título depravado (Trocadilhos intraduzíveis. O Asno de Ouro (The Golden Ass} também significa O Cu de Ouro) e noutra lugar qualquer objetaram contra A Outra Volta do Parafuso, de Henry James, por motivos óbvios (A Outra Volta do Parafuso (Turn of the Screw) podia ser livremente traduzido por A Vez da Pica.).

Mas o cúmulo do absurdo foi praticamente atingido em Doney, Califórnia, quando alguns vigilantes literários tentaram tirar o Tarzan, de Edgar Rice Burroughs, das estantes da biblioteca porque achavam que Tarzan e Jane nunca tinham casado e estavam a viver em pecado mortal. Pode imaginar uma coisa dessas?

Barrett sacudiu a cabeça.

— Oh, não.

— Oh, sim. E não pense por um minuto que sejam só os analfabetos, excêntricos e fanáticos que não nos dão trégua. Muita gente... Isto é, gente supostamente normal... quer instintivamente que todo o mundo se conforme com as suas próprias ideias sobre o que está certo e errado. E uma vez que a maioria... como foi mesmo que Freud definiu?... se perturba com tudo o que lhe recorde inequivocamente a própria natureza animal, ela fica inquieta com a franqueza literária e procura impor a sua inquietação aos outros. Assim temos o nosso quinhão de pessoas com diploma de normalidade que vêm aqui para nos dar trabalho. Até gente perfeitamente respeitável se mete nisso. Veja, por exemplo, os líderes da nossa comunidade... um homem como Frank Griffith, que anda agora a declarar pela imprensa que foi J J Jadway e não Jerry quem desflorou aquela pobre garota. Nem Jadway nem Jerry foram responsáveis pelo crime. Foi um homem como Griffith.

Barrett endireitou o corpo.

— Griffith? Por que diz isso? A senhora o conhece?

— Não, agradeço — respondeu Rachel Hoyt. — Só falei com ele uma vez e bastou. Jerry, o filho, sempre vinha aqui para buscar

livros ou usar a nossa seção de consulta. Cheguei a conhecê-lo ligeiramente. Um rapaz inteligente, calmo, muito simpático, mas reduzido a uma espécie de gago ambulante por um pai prepotente e metido a sabichão. A última vez que vi Jerry, talvez há um ano ou mais, tinha ele vindo fazer uma consulta qualquer sobre um trabalho que estava a preparar para uma aula de Literatura Americana. Estava a ter dificuldade para encontrar o que queria, e procurou-me. Eu sabia exatamente qual era o livro que podia ajudá-lo: o Dicionário de Gíria Americana, aquele publicado por Crowell.

Como já era tarde e Jerry não tivera tempo de procurar o que precisava, deixei que levasse o livro de consulta para casa por vinte e quatro horas. Quando vim, no outro dia de manhã, Frank Griffith estava ao telefone, chamando-me de tudo.

— Frank Griffith lhe telefonou?

— E como!

— Que foi que ele disse?

— Ficou apoplético. Como é que eu me atrevia a recomendar um livro daqueles ao filho dele? Respondi que o livro não tinha nada de mal... era um dicionário de referência comum, que vinha sendo usado há anos. Pois não para Frank Griffith, não senhor. Griffith disse que conhecia muito bem aquele livro imoral. Era um que, em 1963, um deputado estadual de San Diego chamara "imundo" e que o nosso Secretário de Educação tachara de "manual prático de perversão sexual", provavelmente porque continha definição de várias palavras fortes anglo-saxônicas. Griffith queria que o dicionário fosse retirado das prateleiras, e eu recusei-me, dizendo que não podia privar os estudantes de um instrumento de consulta respeitável e erudito. Ele então respondeu que, se tivesse tempo, havia de me meter numa enrascada por causa daquilo, mas como não tinha, só queria advertir-me para nunca mais recomendar nada duvidoso ao filho dele. Do contrário, prometia fazer-me perder o emprego. Infelizmente, jamais tive oportunidade de recomendar outra coisa a Jerry, porque ele nunca mais apareceu por aqui. Mandou um amigo devolver o livro, com agradecimentos e desculpas pelo que acontecera. Acho que ficou vexado de mais para devolver o dicionário pessoalmente, ou para vir aqui de novo. Sem dúvida que

tem usado as facilidades da biblioteca da UCLA deste então. Que tal esta?

— O amigo de Jerry — disse Barrett, subitamente alerta. — Lembra-se do nome dele?

— Do amigo? Não tenho certeza. Sabe, Jerry andava muito sozinho, com um amigo ou outro, mas esse rapaz barbudo foi o único que vi com ele mais de uma vez — fez uma pausa. — Acha que é importante, Mr. Barrett?

— Não sei. Talvez seja. Ela pôs-se de pé.

— Deixe ver se descubro.

Saiu apressada pela porta, chamando:

— Mary...

Barrett levantou-se, e mal enchera o cachimbo quando Rachel Hoyt voltou.

— Teve sorte? — perguntou ele.

— Tive. Uma das funcionárias lembrava-se do amigo de Jerry. O nome dele é George Perkins. Também estuda na UCLA. — Barrett tomou nota e guardou a agenda no bolso.

— Obrigado. Talvez seja útil. E agradeço-lhe por se alistar entre as testemunhas de defesa. Falarei com a senhora antes de chegar a sua vez de depor. Não se importa de repetir esse pequeno incidente com Frank Griffith no tribunal?

— Nada me agradaria mais.

— Miss Hoyt, em nome de Sydney Carton...

— Deixemo-nos de cerimônias. Eu, Jane. Você, Tarzan. Ele sorriu.

— Está bom. Eu, Tarzan, agradeço-lhe, Jane.

A Sala de Conselho que estavam a utilizar ficava situada no Prédio da Administração no campus da UCLA. Não passava de um cubículo vazio, à exceção da cadeira giratória, uma escrivaninha simples de aço com uma pasta de arquivo, telefone e uma planta verde, e duas cadeiras comuns para visitas. Mike Barrett achou-a lúgubre como uma sala de exame médico. Estava a entrevistar Mrs. Henrietta Lott há quinze minutos e o recinto tornava-se cada vez mais claustrofóbico e opressivo. Imaginou que talvez fosse devido à sessão com Mrs. Lott — até agora improfícua.

Henrietta Lott era uma mulher amável, de meia idade. tristonha, sobrecarregada de serviço, que parecia mais à vontade quando matraqueava informações sobre o currículo da Faculdade de Ciências e Letras. A percepção que tinha dos alunos, pelo que Barrett pôde verificar, era superficial. A sua maior virtude era, provavelmente, uma falta de qualquer noção de vício. E a sua seriedade também. Estava designada para mentora dos futuros bacharéis, cujo sobrenome figurasse entre as letras G e J. Griffith era G, portanto ela servia-lhe de mentora. Encontrara-o quatro vezes. A não ser pelo que constava da ficha que trouxera junto, não possuía nenhum conhecimento profundo de Jerry nem qualquer ideia nítida e imediata sobre ele (de per si um comentário, percebeu Barrett). Pediu desculpas da ignorância, mas é que havia tantos, tantos alunos, quinze mil só na Faculdade de Ciências e Letras.

Falara com Jerry nessa data, naquele dia, depois de novo. e ainda outra vez. As entrevistas tinham sido consagradas a conversas exclusivamente acadêmicas, a respeito de uma mudança de aulas, de notas e do ROTC (Reserve Officers' Training Corp (Centro Preparatório de Oficiais de Reserva). Uma ocasião, quando Jerry precisou de uma informação sobre o seu regimento em relação ao recrutamento, ela encaminhou-o ao Departamento de Serviços Especiais.

— Oxalá houvesse mais alguma coisa que eu lhe pudesse dizer — comentou Mrs. Lott com pesar —, mas creio que não me lembro de mais nada.

Barrett resolveu reformular uma pergunta que já fizera duas vezes.

— A senhora não tem nenhuma opinião sobre a personalidade de Jerry Griffith?

— Olhe, acho que ele era muito sério e meio retraído — contemplou vagamente a ficha que segurava na. mão, e depois a pasta aberta em cima da escrivaninha. — E... creio que posso dizer que ele carecia um pouco de estímulo, como a maioria dos adolescentes de hoje. Comparado com muitos alunos que vejo diariamente, posso dizer que Jerry era mais retrógrado do que os rapazes da mesma faixa etária.

— Nunca o ouviu falar da família, Mrs. Lott?

— Não, De fato, não. Bom, espere, houve uma única vez — agora parecia mais satisfeita. — Uma vez ele indagou a respeito do programa desportivo interno. É, lembro-me.

O pai dele tinha sido uma espécie de campeão olímpico... ou será que eu só li sobre isso nos jornais?... seja como for, o pai dele queria que praticasse desporto, achava que seria bom para ele apanhar ar puro e exercitar-se e não ser apenas um estudante aplicado e rato de biblioteca. Então Jerry achou que devia informar-se a esse respeito. Disse que não era muito bom em matéria de desporto, mas creio que disse qualquer coisa sobre umas lições de tênis que tivera durante o curso secundário. Quanto a clubes, pertencia a uma espécie de clube de bridge... ou seria de xadrez?... não, tenho a certeza que era de bridge... uma espécie de clube de bridge em Westwood.

— Soube que Jerry frequentou um curso de Literatura Americana há um ano mais ou menos. A senhora não podia fornecer-me alguns pormenores? Mrs. Lott curvou-se para a pasta.

— Para ser franca — disse —, aqui tem uma nota que diz que ele fez sete cursos de literatura... ou, melhor, fez cinco e agora está a fazer mais dois, ou estava, antes de ser...

quando ele se retirou da universidade. Quer o nome das matérias e dos professores?

Leu devagar, enquanto Barrett anotava tudo na agenda. Depois que ela terminou, Barrett levantou a cabeça.

— Esse último curso-disse —, Literatura de Expatriados Americanos, leccionado pelo Prof. Hugo Knight. Parece promissor. De que se trata?

Mrs. Lott agora estava no seu elemento, e de repente mais senhora da situação.

— É um curso muito popular, e o Prof. Knight ensina com grande entusiasmo. Sim, Jerry inscreveu-se nele, estava a acompanhar as aulas, até surgir o problema. É uma lástima que não pudesse continuar até o exame final, para receber o diploma.

— Em que temas se concentra o Prof Knight para dar as aulas?

— O sistema dele é muito interessante. O Prof. Knight faz conferências em que demonstra a experiência do expatriado, a sensação de alienação e também a assimilação de costumes e tradições estrangeiras, e como o fato de viver e criar no exterior influenciou a principal corrente da literatura americana, desde Nathaniel Hawthorne até Henry James e Ernest Hemingway. Os alunos parece que gostam, pelo que deduzo de minhas conversas com eles, porque o Prof. Knight menciona com bastante coragem a história e influências desses autores que eram de vanguarda e realistas de mais para serem publicados na sua América natal. Em vez disso, foram editados em Paris pela Obelisk Press de Jack Kahane, entre 1931 e 1939, e pela Olympia Press que o filho dele, Maurice Girodias, fundou em 1953. Os dois publicaram Frank Harris, Radclyffe Hall, Henry Miller, Lawrence Durrell, James Hanley, Jean Genet, William Burroughs, tudo numa época em que ninguém ousava publicá-los. O Prof. Knight, naturalmente, detém-se mais nos escritores americanos.

— A senhora por acaso não sabe se o professor inclui a Edições Étoile, fundada por Christian Leroux, e o livro que eu represento, Os Sete Minutos de J J Jadway, em suas aulas?

— Não vejo como poderia deixar de mencionar Jadway, pelo menos de passagem. O senhor realmente devia fazer essa pergunta ao Prof. Knight pessoalmente. Estou certa de que ele estaria disposto a cooperar. Posso marcar-lhe uma hora para conversar com ele no horário do expediente.

— Poderia ser hoje, talvez, Mrs. Lott? De tarde, enquanto estou na universidade? Tudo indica que o Prof. Knight tem todos os elementos para ser uma excelente testemunha.

Quase com alívio, Mrs. Lott estendeu a mão para o telefone, mas logo mudou de ideia.

— Preciso deixar a linha livre para uma ligação de que estou à espera — levantou-se da cadeira giratória e apressou-se a ir até à porta. — Não demoro nada. Vou ligar para a sala do Prof. Knight.

Barrett pôs-se de pé, fez massagem nas costas e esperou.

Em menos de um minuto, Mrs. Lott estava de volta.

— O senhor está com sorte, Mr. Barrett. Ele vai ficar livre dentro de meia hora.

Expliquei-lhe quem o senhor era e o que desejava saber, e ele disse que teria prazer em dedicar-lhe o intervalo entre as aulas. Espere aí, vou anotar onde fica a sala dele e farei um desenho para indicar o caminho mais curto até lá.

Enquanto escrevia e desenhava as indicações, ocorreu outra ideia a Barrett. Esperou que ela lhe estendesse o pedaço de papel.

— Só mais uma coisa, Mrs. Lott — disse ele. — Há outra pessoa com quem eu gostaria de falar, se possível... um acadêmico, amigo íntimo de Jerry Griffith. Se ele estiver na universidade, e eu pudesse descobrir onde, gostaria de conversar com ele na meia hora que falta para o Prof. Knight ficar livre ou então logo após. O nome do rapaz é George Perkins. Fico com pena de a incomodar, mas...

— Não é incômodo nenhum — afirmou Henrietta Lott-Deixe ver o que posso averiguar.

Voltou com a notícia de que George Perkins, como Jerry, era caloiro, estudante de Geologia e tinha aula naquele momento. Se estivesse a assistir a ela, seria fácil encontrá-lo.

Mrs. Lott escreveu um bilhete ao professor da matéria, solicitando que pedisse a George Perkins para esperar no fim da aula, e sugeriu enviar o recado através de uma secretária, que traria o rapaz à presença de Barrett.

Quinze minutos mais tarde, Barrett, parado à beira da Dickson Plaza, o pátio quadrangular a oeste do velho prédio da biblioteca da UCLA, dominando o declive aparentemente interminável de degraus de tijolos que levava aos pavilhões desportivos, tentava permanecer indiferente às garotas animadas e saudáveis que desfilavam, requebrando-se, enquanto ele se mantinha à espreita da volta da sua guia, na esperança de enxergar George Perkins.

De repente notou que a secretária subia pelo passeio de desenho decorativo antes do Royce Hall e, a seu lado num passo indolente, vinha um enorme rapaz desajeitado, com o cabelo ruivo muito crespo e um tufo de barba, vestido de suéter de gola roulê, calças de veludo e botinas militares de campanha. A moça parou e Barrett percebeu que o indicava ao rapaz. O rapaz fez que sim com a

cabeça. Então ela abanou a sua para Barrett, que retribuiu, enquanto ela se afastava à pressa.

O rapaz atravessou pesadamente o pátio quadrangular, dirigindo-se para Barrett.

Mudou os livros de aula de um braço para outro, e ao aproximar-se mais Barrett notou que o rosto apático estava intrigado.

— Oi — saudou. — O meu nome é George Perkins. Disseram-me que alguém queria falar comigo. Não me disseram sobre o que era.

— Eu chamo-me Michael Barrett. Já lhe explico do que se trata — à menção do nome de Barrett, George franziu a testa, como se tentasse localizá-lo na memória. — Talvez tenha visto o meu nome nos jornais — continuou Barrett. — Sou o advogado de Ben Fremont, o livreiro que foi preso por vender Os Sete Minutos.

— Ah, é — murmurou George Perkins. — Pois bem... Mas qualquer coisa lhe passara pela ideia, e a expressão ficou desconfiada.

— O que é que o senhor me quer?

— Respostas a algumas perguntas, nada mais. Julguei que talvez pudesse ajudar-me a esclarecer uma coisa. Estou a tentar preencher uma lacuna nos antecedentes de Jerry Griffith. Disseram-me que você é amigo dele.

— Tanto quanto uma porção de outros — replicou George, com um gesto precavido, desconfiado. — Conheço-o muito pouco. Quando aparece por aqui, a gente conversa um pouco. Já me deu boleia para voltar para casa. Mas é só isso.

— Soube que vocês dois eram íntimos.

— Pois informaram-no mal. Nada. Sinto muito — olhou de soslaio para o outro lado. — Bem, agora vai-me dar licença, as pessoas que me dão boleia estão à espera. Tenho de arrancar.

George Perkins começou a descer os degraus de tijolos que levavam à rua interna ao longo dos campos de atletismo, mas Barrett alcançou-o e depois manteve o passo a seu lado.

— Não se importa que o acompanhe? — perguntou Barrett. — Talvez possa dar-me alguma informação.

— Não perca o seu tempo.

— Bom, o tempo é meu, posso perdê-lo — retorquiu Barrett jovialmente, começando a descer a escada junto com George Perkins. — Quer dizer então que você conhece Jerry pelo menos um pouco. Nunca falou com ninguém da família dele?

— Não.

— Nunca ouviu Jerry discutir com o pai?

— Que esperança!

— Sobre o que é que Jerry costuma conversar? Tem algum assunto ou interesse favorito?

— Nada de especial. Ele só escuta. Todos nós só escutamos. Não sabia, moço? Somos a geração que fica a tirar uma linha do que as pessoas andam a dizer, só para ver o que se não deve fazer — lançou um olhar de troça para Barrett. — A gente deixa os outros falarem sozinhos.

Barrett sacudiu a cabeça, bem-humorado.

— Rendo-me. Mas talvez quem escute também leia. Soube que Jerry Griffith vive lendo.

— Todo mundo tem que ler se quiser continuar na escola.

— Nunca viu Jerry ler ou comentar Os Sete Minutos?

— Pode ser. Não me lembro. Ele é bom em Hesse, o Hermann. Mas esse assunto do Jadway saiu há pouco, não é? Acho até que não vi mais o Jerry depois que o livro saiu, portanto como é que vou saber se ele o comentou? O jornal disse que ele leu, de modo que o senhor sabe tanto como eu.

— Quando foi a última vez que falou com ele? George Perkins desceu o lance de escada restante em silêncio. Por fim respondeu.

— Mais ou menos uma semana antes de ele bater naquela mulher.

— Depois não falou mais com ele, George?

— Não. E também não andava muito interessado.

— Por quê?

— Porque ele se desmoralizou com esse negócio de sexo. Que espécie de sujeito... com tanta rapariga fácil por aí... vai tentar fazer a coisa em moça da sua classe?

— Isso é o que deixou muita gente intrigada.

— Pois olhe, eu tenho de concordar com o que Jerry disse. Ele disse que aquele tal livro de que o senhor falou o pôs em órbita. Oh, as pessoas estão sempre se envaidecendo com o poder da imprensa, muito bem está aí o poder. Pelo jeito o tal livro é melhor que LSD pró/ sujeito descolar numa ótima viagem.

Tinham chegado ao pé da escada. Barrett percebeu que era inútil continuar com a conversa.

— Acho que é só, George. Obrigado pela ajuda.

— Está a gozar-me? Que ajuda?

— Agora pelo menos eu sei que Jerry não tem amigos.

— Ah!

— Talvez um dos professores tenha mais para contar. Soube que ele assistia ao curso do Prof. Knight. Que tal é o Knigh?

— Efeminado. E chato, ainda por cima.

— Como é que a gente vai até à sala dele?

George Perkins assestou o polegar por cima do ombro.

— Pelo mesmo caminho que o senhor veio. Só que desta vez tem que subir. Acho bom depois tirar um cardiograma.

— Não se preocupe. Obrigado pelo incômodo, George.

— Olhe, espere aí... Barrett hesitou.

— Que é?

— O senhor fez uma porção de perguntas. Acho que eu também devia fazer uma ou duas. Por exemplo, quem foi que disse que eu e Jerry Griffith éramos amigos do coração?

Foi o próprio Jerry?

— Não. Nunca falei com Jerry. Nem o conheço pessoalmente.

Soube por intermédio de uma funcionária da Biblioteca de Oakwood, que o viu a você várias vezes em companhia dele.

George pareceu logo aliviado e pela primeira vez afável.

— Ah, então foi isso. Bem, assim fica explicado. Mas ela enganou-se. Olhe, desculpe a perda de tempo, mas em todo o caso boa sorte.

Barrett ficou a olhar enquanto ele se afastava naquele gingar indolente ao longo do ginásio masculino, chegando à conclusão de que não conseguiria apurar grande coisa a respeito de Jerry através dos seus amigos. Para alguém como ele, a União da Juventude

sempre continuaria de portas fechadas. Contemplou desolado o Everest de degraus que se perdia nas alturas à sua frente. Valeria a pena procurar um efeminado chamado Prof. Hugo Knight? Ora, não viera à UCLA em busca de conhecimentos de nível superior? Portanto compensava fazer, ao menos, mais um esforço acadêmico. Começou a subir penosamente a íngreme escada de tijolos.

Uma hora e meia mais tarde, Mike Barrett chegava ao seu escritório provisório no conjunto de salas alugado por Abe Zelkin. Ficava no quinto andar de um arranha-céu recentemente construído, situado entre o Robertson Boulevard e o La Cinega, pouco antes do Miracle Mile no Wilshire Boulevard.

O gabinete de esquina de Barrett, todo atapetado, dava uma sensação estimulante de coisa desocupada — ainda se sentia o cheiro da tinta fresca verde-clara nas paredes — e Barrett gostava da descomunal escrivaninha de carvalho, colocada próximo da ampla janela panorâmica, das esparsas cadeiras novas forradas de couro e, um pouco mais afastado, do sofá de almofadas com as duas clássicas poltronas cercando a vasta tampa circular de uma mesa baixa. Ainda não havia nenhum quadro com diplomas de formatura, condecorações cívicas, reproduções de pintores impressionistas ou fotografias de celebridades nas paredes.

Perto da escrivaninha, porém, mandara pendurar quatro citações emolduradas, tendo pago a um estudante de belas-artes para copiar em escrita cursiva. Figuravam entre as suas favoritas de longa data. A primeira servia para lembrar-lhe o inimigo externo: “A aplicação da injustiça está sempre nas mãos justas. — STANISLAUS LEC.” As duas seguintes eram amuletos contra a vaidade. Numa lia-se: “Abstenha-se de julgar, porque somos todos pecadores. — SHAKESPEARE.” A outra dizia: “Talvez com o tempo, o que hoje chamamos Idade-Média incluía também a nossa era. — GEORG C. LICHTENBERG.” A última, redigida recentemente, era para lhe lembrar o problema básico e insolúvel de toda a censura: — Quem montará guarda aos próprios guardas? — JUVENAL.”

Três portas quebravam a verde monocromia das paredes. Uma abria para o corredor que lhe trazia visitantes da espaçosa sala de recepção de Donna Novik. Outra conduzia a uma parte comum,

abrangida por casa de banho com duche, pequena copa e pequena cozinha. A terceira comunicava com a sala de conferências, que também tinha ligação com o gabinete de Zelkin, além da qual ficavam as dependências de Kimura, a biblioteca jurídica de Zelkin e um quarto extra utilizado como depósito.

No escritório de Barrett, apenas a escrivanhinha dava provas da atividade desenvolvida nesses últimos dias. Atulhada de pastas de arquivo cheias de notas e averiguações datilografadas sobre o caso de Ben Fremont, representava o arsenal de documentos de defesa contra o ataque preparado pela acusação. Mas o que também emprestava à escrivanhinha o aspecto de uma paisagem de montanha escarpada eram os traslados encadernados de casos prévios de censura inglesa e americana. Entre esses, todos repletos de uma floresta de marcadores de páginas, figuravam a Rainha versus Hicklin, Londres, 1868; a acusação da Coroa contra O Poço da Solidão, Londres, 1928; o processo do Governo dos Estados Unidos contra Um Livro Intitulado Ulisses, 1934; o processo da Grove Press contra o diretor dos Correios e Telégrafos Christenberry por causa de O Amante de Lady Chatterley, 1959; o processo do Estado da Califórnia contra o livreiro Bradley Reed Smith por causa de Trópico de Câncer, 1962; o processo de Fanny Hill em Massachussetts, 1964. Depois, as sentenças e pareceres integrais do Supremo Tribunal dos Estados Unidos: Roth versus E. U.A., 1957; Jacobellis versus Ohio, 1964; Ginzburg versus E. U.A., 1966, e inúmeros outros. Perdidos no meio do panorama da escrivanhinha estavam os autos das Audiências sobre o Controlo de Material Obsceno acumulados por uma subcomissão senatorial que investigara a delinquência juvenil em 1960.

Ao voltar da UCLA, Barrett encontrou, além dessa massa de matéria, diversos memorandos de Leo Kimura. Um era importante.

Havia chegado um telegrama de Monte Carlo, pedindo que Kimura telefonasse ao detective particular Dubois, no Hotel Gardiole, em Antibes, às cinco da tarde. Parecia enigmático, pois Dubois devia ter interceptado Leroux, o editor francês de Jadway, no Hotel Balmoral em Monte Carlo muito antes. Em seu memorando, Kimura não procurara especular sobre o significado do telegrama. Declarava

apenas que estava de saída para ir falar com Philip Sanford, a quem queria formular algumas perguntas, mas que faria a ligação transoceânica do próprio quarto de Sanford no hotel, e no momento em que soubesse de qualquer novidade, boa ou má, entraria em contato com Barrett.

Agora eram cinco horas, e Barrett resolveu ignorar o relógio e o suspense dos resultados do telefonema de Kimura para a Riviera, a fim de concluir o seu relatório verbal para Abe Zelkin. Durante os últimos quinze minutos, sentado à escrivaninha, tirando baforadas do cachimbo, Barrett pusera-se a resumir as entrevistas que efetuara à tarde para Zelkin, que caminhava de um lado para o outro diante dele. Barrett tinha recapitulado os seus encontros com Ben Fremont, Rachel Hoyt, Henrietta Lott, George Perkins e agora descrevia a entrevista com o Prof. Knight, do Departamento de Inglês da UCLA.

— Depois fiquei meio surpreendido quando o Dr. Knight me contou que Rodriguez, do escritório da Promotoria, já estivera lá à procura dele. Acho que foi ontem de tarde.

— Está a brincar? — disse Zelkin. — Irra, essa gente não dorme de touca. Imagino que Duncan queria o professor para testemunha.

— Bom, eles queriam descobrir qual era a atitude dele a respeito do livro — respondeu Barrett. — Rodriguez perguntou se o professor tinha lido o romance, o que achava dele, se havia encorajado os alunos a lê-lo. O Prof. Knight tinha lido, no exemplar do departamento de coleções especiais da biblioteca da UCLA. Nunca aconselhou os alunos a lê-lo porque, até Sanford decidir publicá-lo, não havia exemplares em circulação disponíveis. Quanto ao livro propriamente dito, o Prof. Knight tinha adorado. Portanto isso terminou todo o interesse que Rodriguez pudesse ter no professor como testemunha.

Havia mais uma coisa. O Prof. Knight disse que Rodriguez não parava de insistir em ver se Jerry Griffith demonstrara interesse especial por Os Sete Minutos. O Prof. Knight explicou que às suas aulas iam assistir tantos alunos... mais de cem em cada uma... que muitas vezes ele nem os conhecia pelo nome. Só depois que o retrato de Jerry saiu nos jornais é que se lembrou vagamente dele

como um dos seus alunos. Além disso, pelo que se recordava, Jerry nunca manifestara o mínimo interesse por aquele ou qualquer outro livro mencionado nas aulas. Pelo menos nunca levantara a mão ou se adiantara para fazer comentários. Seja como for, Rodriguez deixou claro que o escritório da Promotoria não tinha mais nenhum interesse nele.

Abe Zelkin, de mãos nos bolsos, parou ao lado de Barrett.

— E nós? Temos algum interesse no Prof. Knight? Parece que ele pode ser útil.

Barrett fez uma careta.

— Não sei. Aquele garoto, o George Perkins, tinha razão. O Dr. Hugo Knight é um pouco chato. Eu quis saber o que é que ele diz sobre Os Sete Minutos nas aulas. Pelos modos, não diz quase nada. Apenas menciona o livro como mais um exemplo das grandes obras produzidas por escritores americanos expatriados. Mesmo assim, parece estar pessoalmente muito bem informado sobre Jadway e o romance. Por isso lhe perguntei: “O senhor sabe alguma coisa a respeito de Jadway que não tenha saído nos jornais ultimamente?” Ele respondeu: “Muito pouca gente conhece Jadway tão bem como eu. Sei tudo sobre ele.” Olhe. Abe, vou contar-lhe, as minhas esperanças dispararam que nem um foguete. Mas em questão de segundos caíram por terra. Resultou que ele sabia de tudo a propósito de Jadway simplesmente através de uma interpretação do livro. O nosso professor encarava o romance como uma obra-prima de alegoria. Talvez seja, embora eu ache difícil acreditar que os personagens daquele livro de fato sejam retratos alegóricos dos Sete Pecados Capitais.

— Ele disse isso?

— Isso e mais ainda. Acho até que Leda e o Cisne terminaram por entrar na dança.

Zelkin soltou uma gargalhada.

— Já estou a ver doze homens sérios e honrados num júri a engolir essa.

— E não foi a pior. Quando contestei o simbolismo, tentando convencer o professor a considerar o livro como obra de realismo, ele olhou-me como se eu fosse um absoluto cretino. Ficou todo

desdenhoso e condescendente com a incapacidade de leigos ignorantes compreenderem as invenções artísticas utilizadas para revelar verdades intangíveis. Bem, aí desisti de discutir porque percebi que esses acadêmicos pernósticos não vivem sem a sua pequena reserva particular de superioridade e que não se ganha nada em contestá-la.

— O que é que você resolveu fazer a respeito dele?

— Abe, para quem é pobre, qualquer esmola serve. Nós precisamos de testemunhas que achem Os Sete Minutos excelente em matéria de literatura. Resolvi que, fossem quais fossem os defeitos do Prof. Hugo Knight... uns maneirismos que talvez provoquem desagrado, uma predileção por usar linguagem empolada... ele era um homem de ótimas credenciais que se entusiasmara com o livro. Perguntei-lhe se apareceria como testemunha de defesa. Ficou todo empolgado.

— Não me admiro — disse Zelkin. — O lema nas universidades sempre foi publicar ou perecer... agora parece que é depor ou definhar.

— A minha esperança é que se possa conversar bastante com ele antes do julgamento, para convencê-lo de que essa questão de simbolismo não funciona com o público...

A campanha tocou. Barrett encolheu os ombros para Zelkin e atendeu. Era Donna no intercomunicador. Philip Sanford estava na primeira linha.

Barrett calçou o botão aceso.

— Está, Phil.

— Boas novas, Mike! De primeira! Conseguimos a nossa testemunha estelar, o velho editor de Jadway! Já está no papo! Não é sensacional?

— Conseguimos Christian Leroux como testemunha? — repetiu Barrett, radiante, virado para Zelkin. — Formidável. Agora o que foi que ele...

— Espere, vou passar prò Leo. Ele dará os pormenores. Eu apenas queria ser o primeiro a dar-lhe a notícia. Cá está o nosso genial investigador.

A voz de Kimura fez-se ouvir.

— Mr. Barrett...

— Estou aqui com Abe. Ele vai ouvir na extensão do outro lado da sala. Pronto, não deixe nada de fora, conte todos os pormenores.

— Não são muitos — retrucou Kimura com aquela dicção impecável. — O que há para contar é extremamente favorável. Agora mesmo falei com Dubois em Antibes. Ele estava à espera no átrio do Hotel Balmoral em Monte Carlo quando Christian Leroux chegou de Paris e se apresentou na portaria. O nosso homem imediatamente abordou Monsieur Leroux e explicou porque estava lá... a finalidade exata do seu interesse. Monsieur Leroux deu logo a entender que lhe seria possível cooperar se dispusesse de informações mais amplas. Mas em seguida ficou evidente que o nosso editor francês não queria informações sobre o caso, e sim sobre o que estaríamos prontos a pagar-lhe para servir de testemunha.

Leroux faliu há muitos anos, quando os livros pornográficos ou proibidos, que eram a sua especialidade, começaram a ser publicados abertamente pelas editoras importantes e autorizadas do mundo inteiro. Desde então, tem feito de tudo para voltar à atividade, levantar fundos suficientes para iniciar uma nova editora em Paris que apresentasse uma linha de clássicos imorais comentados. Dubois, para começar, fez-lhe a oferta que combinamos... passagens e despesas pagas, ida e volta, até Los Angeles, e mais três mil dólares. Leroux rejeitou, resmungando que o tempo dele valia mais do que isso. Dubois imediatamente subiu ao nosso preço máximo, viagem e despesas e cinco mil dólares em dinheiro. Assim a coisa mudou logo de figura e Leroux concordou em servir como nossa testemunha.

— Você fisgou um peixe — comentou Zelkin.

— Há uma coisa — interpôs Barrett. — Leroux não disse se o que ele vai depor é favorável a nós?

— Dizer não disse. Mas Dubois está certo de que ele entendeu muito bem o motivo do pagamento. Quis saber o que se esperava dele. Afinal de contas, disse ele a Dubois. há fatos e fatos, e a verdade tem muitos aspectos. Com isso, insinuou que podia incluir ou omitir fatos, de acordo com as nossas conveniências. Então

Dubois explicou-lhe, com os poucos elementos de que dispunha, o que queríamos. Contou que esperávamos provar que J J Jadway não tinha escrito Os Sete Minutos meramente com intuito comercial, como um pornógrafo à cata de dinheiro fácil, mas, antes, como um artista que escreve com honestidade e integridade. Ao que Leroux respondeu: “Voilà, nesse caso posso fazer o que vocês querem, porque eu fui o único editor dele, não fui? Fui o único que acreditou no livro além dele, não fui? Fornecerei à defesa tudo o que for preciso.”

— Jadway — perguntou Barrett —, ele não disse nada sobre Jadway?

— Só que o conheceu intimamente...

— Fabuloso! — exclamou Zelkin.

— ...e que nos contaria tudo assim que chegasse a Los Angeles e recebesse o pagamento — disse Kimura. — Dubois achou a nossa testemunha mais esperta do que uma peixeira francesa.

— E depois? — perguntou Barrett.

— Sendo detective, Dubois é muito cauteloso, talvez mais do que o necessário. De qualquer maneira, como havia gente, amigos dele, que sabia que Leroux estava hospedado em Monte Carlo, Dubois resolveu tirá-lo de lá e escondê-lo noutra parte, num lugar em que ele fosse desconhecido. Assim Dubois convenceu-o a mudar-se para um hotel discreto, o Gardiole, em Antibes, e pediu que se registrasse só para uma noite, sob o nome de Sabroux.

Leroux concordou em permanecer fechado no quarto até que Dubois vá buscá-lo amanhã, entregando-lhe as passagens de ida e volta e a entrada do pagamento, colocando-o no Caravelle que parte de Nice para Paris e lá no avião que virá para Los Angeles. Dubois telegrafará a hora exata em que deveremos apanhá-lo no Aeroporto Internacional. De modo que teremos a nossa testemunha estrelar depois de amanhã. Acho que tivemos uma sorte danada. Depois de desligar, Barrett pôs-se de pé e começou a dar murros de alegria em Zelkin.

— Ei, pára, calma — protestou Zelkin, com largo sorriso —, senão você fica sem parceiro para ajudar a ganhar a causa.

— Por Deus, Abe — exclamou Barrett —, esta é realmente a primeira vez que eu senti de fato que temos sorte.

— Sim, agora temos uma oportunidade. Temos também o nosso primeiro pretexto para festejar alguma coisa. O que acha em eu telefonar a Sarah e dizer-lhe que deite mais dois bifés na grelha e um pouco de champanhe nacional no gelo para dois convidados hoje à noite... Phil e você?

— Seria... — começou Barrett, mas logo se lembrou e parou. — Mas não é possível.

Marquei encontro com Faye. Combinamos sair juntos. Quero dar uma olhadela pela festa beneficente que a LFD vai dar no Hilton. O orador principal da noite será o nosso caro adversário, Elmo Duncan. Abordará o tema A Liberdade de Corromper. Achei que devia tentar lá ir e sair sem ser notado. Julguei' que talvez fosse boa ideia inspecionar o território inimigo. Poderia dar-nos uma previsão do teor do ataque inicial que ele desfechará no julgamento e uma noção do seu estilo oratório.

— Está bem. Os bifés ficarão no congelador até à chegada de Leroux.

— Enquanto isso — disse Barrett, voltando à escrivaninha —, vou dedicar a próxima hora a um pouco de composição criadora.

— Qual?

— Conseguimos o astro do espetáculo — respondeu Barrett. — Agora convém escrever um papel inesquecível para ele.

Estavam atrasados, e Mike Barrett ficou consternado.

O comício beneficente, patrocinado pela Liga da Força da Decência, fora marcado para as oito e meia da noite, e faltavam dez minutos para as nove quando chegaram ao Beverly Hilton Hotel. Barrett tinha sido pontual, mas Faye, como de costume, ainda acabava de se vestir quando ele bateu na casa dos Osborn.

No Beverly Hilton, deixando o carro com os encarregados do estacionamento, Barrett empurrara Faye rapidamente pelas portas automáticas para entrar no imenso átrio.

Na precipitação, fizera-a tropeçar, e agora, ao ampará-la com os braços, mostrava-se momentaneamente contrariada.

— Para quê esta maldita pressa? — reclamou ela. — Você não é propriamente o convidado de honra ou coisa parecida. Porque precisa ser sempre assim tão pontual?

— Não é isso... — começou a explicar mas não terminou, porque ela não compreenderia, e, ademais, não tinha importância. Chegar à hora hoje à noite não tinha nada que ver com a sua proverbial pontualidade. Queria chegar quando toda a gente estivesse também, para ficar perdido no meio da multidão e tornar mais discreta a sua entrada e presença. Afinal de contas, achava-se em território hostil, e para a LFD ele era o odioso adversário. A única esperança agora era que os membros da plateia estivessem absortos de mais nos discursos para prestar atenção aos retardatários.

Continuaram a avançar pelo átrio, caminhando rapidamente, com Faye meio passo à frente e tomando a dianteira, como se lhe quisesse indicar que compreendera e agora lamentava o desabafo. Percorreram o amplo corredor, passaram a farmácia do andar térreo, e finalmente alcançaram o vestíbulo e o bar localizados diante do Grande Salão de Baile.

— Não somos os últimos — disse Faye.

Com alívio, viu que ela tinha razão. Meia dúzia de pessoas no mínimo desfilavam lentamente pelas duas mesas de recolhimento de entradas onde estavam sentadas várias matronas imponentes. Quando chegou a vez de Barrett, ele explicou logo que não tivera tempo de remeter o cheque para os bilhetes, e disse que esperava que ainda houvesse lugares à venda. De fato havia e a sua nota de dez dólares foi aceite.

Enquanto ele e Faye seguiam os demais rumo à porta do salão de baile, uma série de outros convidados convergia para a entrada procedente do bar. Faye acenou para alguém.

— Há uma pessoa que eu conheço — afastou-se de Barrett. — Olá, Maggie. Que bom vê-la por aqui.

Estava a falar com uma morena espetacular, que trazia na mão uma bebida da cor de ameixa.

— Que prazer encontrá-la, Faye — disse a morena. Levantou o copo, constrangida. — Não vá pensar que gosto de beber sozinha. É

que eu preciso de alguma coisa para aguentar discursos. Senão desidrato.

— Eu estava para lhe telefonar — explicou Faye. — Queria dizer-lhe como ficamos sentidos com o que aconteceu com o Jerry. Acho que o papá ligou pro seu tio. Em todo o caso, sentimos muito. Ah, desculpe... — tateou à procura do braço de Barrett e puxou-o para perto delas. — Não sei se já conhece o meu noivo..”. Maggie Russell... Michael Barrett.

— Prazer em conhecê-la, Miss Russel! — disse Barrett.

— Como vai? — cumprimentou Maggie Russell, analisando-o friamente. — Bem que achei que o tinha reconhecido.

— Quer dizer que aqueles retratos horríveis que saíram nos jornais me fazem justiça? — perguntou Barrett.

— Não, quero dizer que houve uma porção deles — respondeu, sem sorrir. — E acontece que tenho um interesse especial no seu caso.

Antes que ele pudesse replicar, virou-se para Faye.

— Você está maravilhosa, Faye.

— Não é para menos — retorquiu Faye toda alegre, estendendo a mão para pegar na de Barrett.

Não sabia porquê, mas não lhe agradava a ideia de ter uma bandeira plantada nele nesse momento. Aceitou a mão de Faye, apertou-a de leve e soltou-a.

Faye e Maggie Russell foram na frente, devagar, conversando a meia voz, mas Barrett permaneceu onde estava, de olho fixo na bela morena. Inexplicavelmente, queria ficar a sós com ela, tentar fazê-la entender — e ao mesmo tempo sentia-se confuso. Fazê-la entender o quê? Porque defendia um livro que ajudara a destruir parentes seus? Ou para... entender porque se achava em companhia de Faye Osborn?

Continuou a olhar fixamente para Maggie Russell. Era diametralmente oposta a Faye.

Faye era mais baixa, mais magra, talvez mais classicamente bonita, muito loura angulosa, a gélida perfeição. Mas Maggie Russell, de certo modo, indefinivelmente, era mais atraente.

Desviou a sua atenção para o copo, procurando descobrir a fonte daquela atração.

Quando ela virou a cabeça, ele reparou que os cabelos pretos e brilhantes tinham um jeito desganhado, negligente, talvez porque estivessem penteados com as pontas — como era mesmo que diziam as revistas de moda feminina? Sim — com as pontas travessamente encaracoladas sobre as faces. Os olhos muito separados eram cinza-esverdeados e francos, o nariz pequeno e largo, a boca úmida e entreaberta, de lábio inferior carnudo. Os contornos do rosto e da silhueta eram suaves e sensuais, e o que acentuava a curva dos seios e a opulência das coxas era a cintura fina e as pernas esguias. Ao lado de Faye, ela agora virara-se de perfil na porta, e ele percebeu o vestido curto de jérsei que parecia tão colado ao corpo que o desenho das calças de baixo ficava ligeiramente visível.

Reparou que ela espiara de repente por cima do ombro e surpreendera o olhar dele.

Depois desviou a vista para o outro lado, mantendo-a sempre em frente.

Embaraçado, com ar culpado, concentrou a atenção em Faye, que acabava de se virar para acenar-lhe.

— Mike, você não estava com pressa? Aumentando o passo, alcançou Faye, tornou-lhe o braço, e entraram juntos no Grande Salão de Baile, atrás de Maggie Russel. O vasto recinto estava em penumbra, para alívio de Barrett, e repleto de uma plateia que provavelmente atingia mil pessoas. Havia uma quantidade de cadeiras vazias dobradas ao fundo, e enquanto ele e Faye seguiam no encalço de Maggie Russell, pôs-se a imaginar se se sentariam lado a lado. Chegando, porém, a um corredor improvisado, Maggie encontrou um lugar desocupado na ponta de uma fila lotada. Decepcionado, Barrett levou Faye para um canto onde havia uma série de lugares vagos e dirigiu-a com firmeza para a segunda cadeira a partir do corredor, enquanto ele se sentava do lado de fora. Faye curvou-se para ele, pondo-lhe a mão em concha na orelha.

— Desculpe — sussurrou. — Eu não devia tê-lo apresentado, mas fi-lo sem pensar. Você ficou constrangido, não foi?

— Ora, porquê? — retrucou ele.

— Ela é sobrinha de Frank Griffith e muito íntima do rapaz.

— Tanto melhor — cochichou ele. — Talvez seja útil conhecer alguém que seja íntimo dele.

Faye tirou as luvas.

— Nem pensar — preveniu. — Você teve sorte em que ela não lhe cuspiu nos olhos.

Com esta, Faye recostou-se na cadeira e concentrou-se no palco. Pela primeira vez Barrett deu conta de que todos os olhares estavam fixados no orador.

Era a principal atração da noite: o promotor público Elmo Duncan. teso e imponente na plataforma, com as mãos apoiadas ao atril e inclinado para o microfone para frisar um ponto. Barrett endireitou o corpo e prestou atenção.

— Portanto, não nos enganemos acerca do próprio termo “pornografia” — dizia Elmo Duncan. — Não nos esqueçamos da etimologia do vocábulo. Ele deriva da palavra grega pornographos, que significa “o que é escrito por devassos”. Significa qualquer trabalho escrito ou a descrição das vidas sexuais de devassos ou prostitutas, um gênero especial de estilo literário que se destinava a ser afrodisíaco no conteúdo. Ou, como definiu um comentarista contemporâneo, a pornografia, no início, era “a descrição da vida das meretrizes com a intenção de provocar a concupiscência masculina e fazer com que o homem fosse procurar uma meretriz”. Passaram-se os séculos, mas o termo “pornografia” não mudou de sentido.

Afirmo isso embora as nossas cortes supremas tenham pedido que nós, que devemos aplicar as leis, acreditemos que nem todos os livros pornográficos sejam igualmente criminosos. Fomos informados de que um livro pornográfico que possua alguma narrativa não-erótica, certos trechos de pretense valor social, precisa de ser tratado com maior tolerância e benevolência do que outro, cujo conteúdo erótico não seja interrompido por digressões morais. Do meu ponto de vista pessoal, é tolice jurídica, equivale a procurar

agulha num palheiro, e é justamente o que tem retardado a aplicação de leis contra a obscenidade. A diluição do conceito de pornografia é o que faz os executantes da lei, para citar o ministro Black, do Supremo Tribunal, lutar desesperadamente num pântano.

“Eu, porém, amigos ouvintes, asseguro-lhes que não estou encurralado num pântano.

Para mim, um livro sujo, ainda que finja expressar ideias ou mensagens sociais, não é menos repugnante do que um livro de absoluta obscenidade barata. De fato, muitos juristas afirmam que a qualidade literária de uma obra escrita torna o livro obsceno ainda mais pernicioso. Para mim, imundície é imundície, por mais que se tente camuflá-la.

Sim, os gregos tinham um termo para isso, o termo exato, que significava trabalhos que excitassem pensamentos lascivos e ações libidinosas. Como um promotor público extraordinário, especialista no ramo da obscenidade, certa vez declarou: “O único objetivo dos livros pornográficos é estimular reação erótica. A pornografia encoraja o povo a chafurdar em fantasias mórbidas, de sadismo sexual...” E nós temos a prova, a prova concreta, de que a literatura pornográfica estimula mais do que fantasias. Agora sabemos que ela estimula crimes de violência.

“Os homens que mais convivem com o problema conhecem a verdade. Permitam-me citar-lhes o que disse o Dr. Frederic Wertham, antigo decano de psiquiatria no Hospital Bellevue de Nova Iorque e consultor psiquiátrico de uma subcomissão senatorial para o estudo do crime organizado. Segundo o Dr. Wertham, “as atitudes e subsequentes ações infantis são definitivamente influenciadas pela leitura sugestiva de uma combinação de sexo e violência. Estou convencido de que essa combinação está criando na mentalidade das crianças o ego ideal do bruto que, pela força física, executa a lei com as próprias mãos, estabelece as suas próprias regras e resolve todos os seus problemas pela força.” Em apoio dessa declaração, temos as estatísticas do nosso Bureau Federal de Investigações abrangendo um período recente de dez anos da nossa história, um período da maior produção de livros pornográficos, durante o qual o estupro aumentou em trinta e sete por cento nos Estados Unidos, e

o nível de idade dos estupradores que mais cresceu foi o dos adolescentes.

“No entanto ainda há mais que temer. Desde a época daquele grande juriconsulto inglês do século XVIII, Sir William Blackstone, até os dias atuais, temos sido advertidos de que a nossa sociedade pode sofrer uma morte espiritual, se os pornógrafos receberem licença ilimitada. Blackstone afirmou que punir escritos perigosos ou ofensivos “é indispensável à preservação da paz e ordem públicas, do governo e da religião, os únicos fundamentos sólidos da liberdade civil”. Agora, transcorridos duzentos anos, continuamos a ser lembrados do nosso dever. A antropóloga Margaret Mead revelou que toda a sociedade humana sobre a face da terra exerce alguma espécie de censura explícita sobre o comportamento, especialmente sobre o comportamento sexual. Na Inglaterra, Sir Patrick Devlin recomendou que não ousássemos tolerar a abertura total em relação à liberdade sexual. “Nenhuma sociedade”, disse ele, “pode dispensar a intolerância, a indignação e a repulsa; são as forças em que se escuda a lei moral.” O nosso próprio Juiz Thurman Arnold concordou e foi ao extremo de declarar: “O fato de que as leis contra a obscenidade não possuam base racional ou científica, mas antes simbolizem um tabu moral, não as torna menos necessárias. Elas são importantes porque os homens sentem que sem elas o estado carece de valores morais”. Em suma, haja ou não base científica para as nossas leis contra a obscenidade... e acontece que eu acredito que existe essa base... as leis devem ser observadas e aplicadas se quisermos que a nossa sociedade sobreviva aos efeitos corrosivos da imoralidade.

“Meus amigos, não tenhamos medo de sermos tachados de censores, e não tenhamos medo da censura justificada. A verdade é que a censura, tão antiga como a própria história, há muito que é reconhecidamente uma necessidade para o bem comum e a sobrevivência do homem civilizado. Já bem antes do nascimento de Cristo, o filósofo Platão fez a pergunta: “Permitiremos simplesmente, sem o menor cuidado, que as crianças ouçam qualquer história fortuita que possa ser inventada por qualquer espécie de pessoa, e recebam ideias, na maior parte exatamente opostas às que

desejaríamos que tivessem quando crescerem?” E o próprio Platão deu a resposta da civilização: “Então a primeira medida a tomar será estabelecer uma censura dos escritores de ficção, e deixar os censores aceitarem toda a história de ficção que for boa, rejeitando as más; e façamos votos para que as mães e amas contem a seus filhos apenas as que tiverem sido autorizadas.”

“Meus amigos, chegou a hora em que nós todos, individualmente, precisamos de enfrentar o fato de que a pornografia, seja qual for o disfarce que use, ainda continua a ser francamente obscena e uma ameaça para as nossas famílias, o nosso futuro e a pureza espiritual desta grande nação. Precisamos de dizer a nós mesmos, uns aos outros, ao país inteiro, que chegou a hora de resistir e deter a praga negra da pornografia. A hora chegou, a hora é agora, e, como concidadão e Promotor Público de todos vós, empenho todas as energias e recursos ao meu dispor para liderar esta cruzada!”

Elmo Duncan fez uma pausa, aguardando a reação esperada, que veio numa trovoadade aplausos. Enquanto a aclamação continuava, Barrett olhou para Faye a seu lado.. De olhos brilhantes, fixos na figura no palco, batia palmas Perturbado, Barrett virou a cabeça e olhou para o outro lado do corredor. Maggie Russell, o rosto pensativo e pálido, continuava sentada, imóvel. Conservava as mãos pousadas no colo. Estranho, pensou Barrett, mas a voz grave do orador logo se intrometeu, e ele voltou a sua atenção para o palco.

— Desde o ano de 1821 — dizia Duncan —, quando os Estados Unidos tiveram o seu primeiro processo por obscenidade, ano em que Peter. Holmes foi considerado culpado por publicar As Memórias de uma Mulher de Prazer.. nada mais nada menos do que Fanny Hill... vários editores,, que recentemente se transformaram numa legião, se aproveitaram das nossas franquias e liberdades para zombar da Constituição e dos instrumentos de justiça. Como resultado, hoje a publicação de imoralidade tornou-se um negócio de dois bilhões de dólares anuais.

“Culpo esses editores por apoiarem, e às vezes encorajarem, a produção de imundície, e culpo-os por promoverem a sua venda por

todo o país em nome da literatura, quando a sua única fidelidade é para seus lucros. Culpo também os livreiros, por falta de fibra moral para rejeitar esse lixo, por pensarem em proveito próprio em vez do bem-estar público. E culpo também os escritores dessa sujeira. Que nenhum escape, muito menos os criadores, esses degradadores da liberdade de expressão que se escondem debaixo da saia da própria Musa que mancham e profanam.

Na plataforma, Elmo Duncan fez nova pausa, sacudindo a cabeça.

— Escritores... escritores — repetiu tristemente — que traem não só a si mesmos, como uns aos outros, em prol de Mamona, seu verdadeiro deus. Permitam-me citar-lhes as palavras de um célebre escritor: “Mas até eu censuraria a autêntica pornografia, com todo o rigor”, escreveu ele. “A pornografia é a tentativa de insultar o sexo, de cobri-lo de sujeira.

Isso é imperdoável.” Imperdoável, realmente. E quem pronunciou essas palavras gloriosas?

Já lhes digo. D. H. Lawrence, o autor daquele hino à pureza: O Amante de Lady Chatterley!

Prorromperam as risadas e aplausos, e Elmo Duncan recebeu-os com um sorriso e ergueu a mão.

— Ainda não terminei — disse. — Ouçam esta. Quando James Joyce publicou *Ulisses*, em Paris, quem foi um dos primeiros a qualificá-lo de obsceno e pedir que fosse proibido?

Vocês já adivinharam. D. H. Lawrence, o autor de *O Amante de Lady Chatterley* e pseudo protetor da moral pública... protegendo-a da pornografia alheia, bem entendido!

Uma estridente explosão de gargalhadas saudou a tirada do Promotor Público.

Duncan voltou a ficar sério.

— Mencionei o *Ulisses*, de Joyce, porque traz à lembrança uma coisa que há muito eu queria dizer. Há anos que nos ensurdecem com a bravura do juiz John M. Woolsey por ter deixado entrar aquela obra pornográfica em nossa terra, e há anos que nos ensurdecem com a coragem dos juizes Augustus e Learned Hand, que mantiveram o veredicto de primeira instância de Woolsey ao julgar o

recurso de um juiz discordante. Mas, meus amigos, perdoem-me, nenhum Woolsey jamais conseguiu cegar os meus olhos, nenhum Hand jamais tapou os meus ouvidos, para impedir que eu reconhecesse e escutasse a única pessoa digna de crédito sobre todas as demais... porque a verdadeira bravura e coragem no caso de Ulisses foi a do único árbitro que discordou do veredicto de Hand naquele processo de apelação. Refiro-me ao juiz Martin Manton, há tanto tempo esquecido, e à sua discordância, que cada um de nós deveria trazer escrita em nossas bandeiras, nesta cruzada contra os corruptores da liberdade. "O Congresso aprovou esta lei estatutária contra a obscenidade para a grande massa do nosso povo", escreveu o juiz Manton, acrescentando que só a pessoa fora do comum pensa que pode proteger-se sozinha. Depois o juiz Manton continuou: "O povo não existe a bem da literatura, para dar fama ao autor, riqueza ao editor, e mercado ao livro. Pelo contrário, a literatura existe para o bem do povo, para reanimar o exausto, consolar o triste, encorajar o apático e desiludido, aumentar o interesse do homem pelo mundo, a sua alegria de viver, e a sua solidariedade com todas as espécies e condições de seres humanos. A arte pela arte é desumana e logo deixa de ser arte; a arte para o mercado público não tem nada de arte, é apenas comércio; a arte ao serviço do público é um elemento nobre, vital e permanente da vida humana... As obras-primas nunca foram produzidas por homens dados à obscenidade ou a pensamentos libidinosos...

homens sem Deus... O bom trabalho em literatura deixa marca permanente; como todo o bom trabalho, é nobre e duradouro. Requer um objetivo humano... animar, consolar, purificar ou enobrecer a vida do povo. Com esse objetivo, a literatura jamais errou uma flecha do alvo. É apenas através do bom trabalho que os homens de letras podem justificar o seu direito a um lugar no mundo." Estas são as palavras que espero que a LFD continue a apoiar, e a comunidade comece a prestar atenção...

Estas as palavras do juiz Manton. Escutando-as, a massa cinzenta de Barrett pôs-se a funcionar, e por fim laçou o juiz Manton na memória e fixou. O moralista juiz Manton, poucos anos após propagar essas nobres palavras, fora preso como cúmplice de uma

conspiração para impedir a justiça e terminara numa prisão federal por dezanove meses.

Barrett ficou a pensar se não devia oferecer esse pós-escrito à deslumbrada Faye. Decidiu que não. Ela estava enlevada de mais pela retórica do Promotor Público. Barrett recostou-se para continuar a ouvir.

— ...sim, prestar atenção a estes sentimentos do juiz Manton — dizia o Promotor Público —, pois se tivessem sido o critério pelo qual um editor e um vendedor de livros se basearam nas semanas recentes, garanto-lhes que a nossa cidade teria conhecido menos violência e o nosso próximo sofrido menos desgostos.

Elmo Duncan fez uma pausa e a onda de aplausos foi instantânea em relação à sua primeira referência indireta a Os Sete Minutos e ao caso de estupro que envolvia Jerry Griffith.

Mais uma vez Barrett pôde ver que Faye batia palmas com fervor e mais uma vez se voltou para observar Maggie Russell. Como antes, e como ele, abstinha-se de aplaudir. Pelo contrário, juntando o copo vazio e a bolsa, levantou-se abruptamente, cruzou o olhar com ele, depois tomou o caminho do corredor e dirigiu-se para a saída.

A sua súbita partida desnorteou Barrett. Era óbvio que ela viera a este comício porque se solidarizava com a LFD e Elmo Duncan, que estavam a procurar punir o livro que tinha, a seu ver, arrastado Jerry Griffith ao crime. E Jerry era parente próximo de Maggie Russell. Então porque, de súbito e sem finalidade aparente, resolvera ir-se embora antes que terminasse o discurso do Promotor Público?

Uma possibilidade remota passou pelo espírito de Barrett. Inexplicavelmente, essa moça virara as costas à acusação. Talvez, se tivesse uma oportunidade, se não virasse contra a defesa. Valia a pena tirar a limpo.

No palco, Duncan recomeçara a falar, e, ao lado de Barrett, Faye escutava com a máxima atenção. Barrett curvou-se para ela.

— Com licença, querida. Não demoro.

— Mike, aonde vai...?

— Ao lavabo — cochichou. — Preste atenção para depois me contar o que perdi.

Esgueirando-se da cadeira, subiu o corredor, passando por trás da última fila, e saiu.

No vestíbulo, viu Maggie Russel colocar o copo vazio no balcão do bar. Enquanto ela se encaminhava para o corredor do átrio, Barrett apressou-se a interceptar-lhe o passo.

— Miss Russel... — chamou.

Ela parou e esperou, sem surpresa. Alcançou-a.

— Já que tive esta oportunidade, gostaria de lhe falar. Continuou calada, esperando.

— É a respeito dos seus parentes, os Griffith. Soube que mora com a família.

— Sou secretária e dama de companhia de Mrs. Griffith.

— Faye mencionou a sua relação com Jerry.

— O que foi que ela disse?

— Que você era muito íntima do rapaz.

— Não somos apenas parentes, somos amigos — encarou Barrett e depois acrescentou, mordaz: — E estou pronta a defendê-lo contra qualquer pessoa que pretenda prejudicá-lo.

Barrett fez uma carranca.

— Se se refere a mim, está redondamente enganada. Não tenho nenhum motivo para querer prejudicar Jerry Griffith. Muito pelo contrário. Sinto pena dele e simpatizo com todos vocês. O único interesse que tenho por Jerry é profissional. Estou incumbido de defender um homem que vendeu um livro que Jerry afirma que o incitou ao crime. Pelo pouco que conheço de delinquência juvenil, não estou convencido de que material de leitura sozinho... e até de qualquer outro modo... possa ser considerado responsável por atos anti-sociais. Há muitos outros fatores que poderiam ser levados em conta mais seriamente, entre os quais a educação e a família de um rapaz. Eu estava interessado em que pudéssemos conversar sobre o assunto.

Os olhos cinza-esverdeados não pestanejaram. Analisou-o sem emoção.

— Estou admirada de mim mesma por lhe estar a dar atenção. O que o fez imaginar, por um momento sequer, que eualaria com o senhor sobre as questões íntimas da minha família?

— Por um lado a sua conduta há pouco no salão — respondeu Barrett. — O seu comparecimento a esta reunião parecia perfeitamente natural. Mas quando foi a única pessoa, além de mim, a não aplaudir o amontoado de asneiras de Duncan, e se levantou para se retirar acintosamente, ocorreu-me que talvez não simpatizasse totalmente com o ponto de vista dele. Talvez eu tenha interpretado mal as suas ações mas foi o que me ocorreu. Por outro lado, só em observá-la, eu... Bem, a menina parece franca, directa e inteligente, o tipo de pessoa que talvez compreendesse que cooperar comigo não prejudicaria Jerry de modo algum. e talvez até, de certa maneira, fosse útil para ele.

Ela cruzou as mãos calmamente sobre a bolsa à sua frente.

— Mr, Barrett, para começar pelo fim, sou franca e directa, e portanto posso dizer-lhe que tenho bastante inteligência para saber que qualquer conversa que viesse a ter com o senhor constituiria um ato de deslealdade para com aqueles a quem tanto devo. Quanto a Mr. Duncan, não sinto o mínimo interesse pelas opiniões dele a respeito da censura em geral. A única coisa que me interessa de momento é proteger Jerry. Vim aqui hoje à noite para ver e ouvir a atuação do Promotor Público perante uma assistência, uma vez que ao atacar o seu livro no tribunal ele estará atacando a causa do problema de Jerry. Nesse sentido, Mr. Duncan estará a apoiar e a explicar Jerry, ajudando assim a mitigar a culpa do meu primo. Eu retirei-me porque tinha visto e ouvido o suficiente — fez uma pausa e depois prosseguiu, em tom mais sério do que nunca. — Mr. Barrett, não tenho a menor ideia sobre até que ponto a pornografia sozinha contribuí para a delinquência juvenil. Apenas sei que alguém que me é caro confessou que lhe causou dano. Fora disso, detesto todo o tipo de censura, especialmente como está sendo recomendado nesta noite. Tão-pouco me interessa pelo gênero de pessoas que a censura atrai ou pela atmosfera que ela cria. Mas sou a favor de restrições limitadas sobre o que os jovens podem ter permissão para ler, sobretudo restrições sobre livros libidinosos escritos ou manufaturados para vender ou excitar/Deploro qualquer censura de obras dignas, obras instrutivas, por mais palavrões que possam conter, por mais explícitas que sejam a respeito de sexo.

Esses livros não podem prejudicar os jovens. Talvez os outros possam. E aí tem.

Barrett ficou suficientemente impressionado e encorajado com ela para formular a próxima pergunta.

— Muito bem, Miss Russel. Bastante razoável. Então pode dizer-me... supondo-se que tenha lido o livro... se considera *Os Sete Minutos* um livro digno ou um livro libidinoso?

Pronta para responder, ela hesitou e depois disse: — Não sinto a menor vontade de discutir as minhas opiniões literárias com o senhor de momento.

— Mas eu tenho a certeza de que concorda que mesmo que Jerry ache que o livro influenciasse o comportamento dele, talvez sofresse outras influências, mais fortes, de que não se deu conta, que o perturbaram. Não concorda?

— Mr. Barrett, eu não sou psicanalista. Não sei. O que sei é que já lhe disse que não tenho intenção de discutir os meus parentes com o senhor ou com quem quer que seja.

— Bem, talvez haja certas pessoas chegadas a Jerry que achariam que revelar toda a verdade a seu respeito, em seu próprio benefício, no de todos nós, no fim representasse uma vantagem para ele. Suponho que seria tolice perguntar se Frank Griffith falaria comigo?

— Creio que Mr. Griffith consideraria o senhor como algo que saiu debaixo de uma pedra. Se ele pudesse, tenho a certeza de que o esmagaria com o pé.

— Ao que me consta, Mrs. Griffith é mais pacífica.

— Evidente que é. Mas nesse assunto dá essa impressão só porque é inválida. O senhor está a ser tolo, Mr. Barrett. Não somos uma família desunida. Estamos juntos no mesmo barco. Não sei o que o senhor anda à procura.

— Ando à procura de Jerry. Gostaria de falar com ele, porque acho que ele pode ajudar-me, e desse modo ajudar-se a si mesmo.

— Está a perder o seu tempo e o meu. Jerry não falaria com o senhor nem daqui a um milhão de anos, e ainda que quisesse, nenhum de nós o permitiria. Devo confessar, Mr. Barrett, que a sua insistência está a ficar importuna.

Barrett sorriu à guisa de desculpa.

— Sinto muito, realmente. Mas a menina podia ter-me repellido, não é? No entanto não o fez. Suportou o meu interrogatório. Por quê? Por questão de boa educação, Miss Russel?

Ela não achou graça.

— Por boa educação, não, Mr. Barrett. Só queria ver se o senhor era de fato o tipo do filho da puta que toda a gente diz que o senhor é.

— E... eu sou?

— Não tenho a certeza, mas, pelo que vi hoje à noite, desconfio de que seja desumano e ambicioso, com menos consideração pelos sentimentos alheios do que para ganhar um processo para si mesmo. Pois eu não quero ter nada que ver com o senhor nem com o seu processo, Mr. Barrett. Estou-me lixando prò seu caso, excepto no que se refere a Jerry.

Portanto, se o senhor não for o que os outros dizem que o senhor é, pode prová-lo não me importunando novamente. Fim do interrogatório, Mr. Barrett. Boa noite.

E com esta, girou nos calcanhares e dirigiu-se rapidamente para o átrio.

Barrett seguiu-a com o olhar, e quando voltou outra vez para o salão de festas sentia apenas uma emoção por ela. Não de raiva. Nem de mágoa. Só de pena. Era uma pena que fosse tão linda — jamais encontrara mulher mais bela, excepto Faye, que era linda, mas não exatamente no mesmo sentido — e que a vida os tivesse colocado em campos opostos.

Regressou com tristeza ao salão de festas e ao seu lugar ao lado de Faye. Começou a desculpar-se, mas ela aproximou o indicador dos lábios e depois apontou para o palco. Ele olhou e percebeu que Elmo Duncan finalizava o seu discurso.

— E portanto, meus amigos — dizia o Promotor Público, recolhendo as folhas do texto —, nós sabemos que temos de lutar, e porque temos de lutar, e sabemos que só alcançaremos êxito se trabalharmos juntos, de mãos dadas. É enquanto nos empenhamos para atingir o nosso objetivo comum, lembremo-nos das palavras que Tocqueville pronunciou há tantos anos sobre a nossa pátria

amada. “A América é grande”, disse ele, “porque é boa e quando a América deixar de ser boa, deixará de ser grande”. Dediquemo-nos novamente à bondade da América, para que a sua grandeza nunca, jamais, diminua.

Muito obrigado.

Os mil participantes da assistência pareceram levantar-se ao mesmo tempo, como uma erupção gigantesca, batendo palmas em uníssonos, aclamando, bradando de entusiasmo.

Barrett inquietou-se ao observar o número, a solidez, a paixão da oposição. Pensou: se um número equivalente de pessoas, multiplicado por cada comunidade americana, estivesse tão unido e determinado a erradicar o cancro, a pobreza, a desigualdade racial ou mesmo a guerra, em vez de impedir discussões francas em torno do sexo, a terra da liberdade seria verdadeiramente livre e boa. Mas lutar por outras causas é menos divertido, no sentido mórbido, e menos terapêutico para a náusea calvinística do que combater o sexo. Gente doida. Que se danem.

Os vivas e aplausos continuavam, e Barrett percebeu que só ele permanecia sentado.

A fim de não chamar a atenção e acabar por ser linchado, apressou-se a levantar-se junto de Faye e os outros.

Notando que ele a observava, Faye parou de aplaudir.

— Creio que me deixo empolgar pela oratória — desculpou-se. — Você tem de concordar que, seja lá o que ele for, o nosso Elmo é bem eficiente, ainda que seja um agitador público.

Mas quase todos os políticos têm de ser, não é assim? Não faça essa cara, Mike. Você é dez vezes mais esperto do que ele, e o reduzirá a estilhaços no tribunal. Eu quis apenas dizer que me surpreendeu o modo como se conduziu perante a assistência.

— A assistência já lhe pertencia antes que ele abrisse a boca — replicou Barrett. —

Mesmo que tivesse a língua presa, tê-lo-iam aclamado como o próprio Demóstenes. Venha, vamos dar o fora.

Faye apontou para o palco.

— Espere aí, acho que vai haver mais alguma coisa. Elmo Duncan não descera da plataforma. Parado ao lado do átrio,

prestava atenção a um homem moreno que surgira de um canto qualquer e que Barrett reconheceu. Era Víctor Rodriguez, o assistente do Promotor Público. Ao lado de ambos havia uma mulher alta, com cara de cavalo, vestida com um traje cor de malva, caro, mas que não lhe ficava bem. Barrett supôs que fosse Mrs. Olivia St. Clair, presidente da LFD. Rodriguez entregara a Duncan uma folha de papel, e parecia explicar alguma coisa escrita nela. Depois a mulher com cara de cavalo fez uma pergunta a Duncan, respondida com vigoroso aceno de cabeça enquanto lhe passava o papel.

O barulho começou a diminuir, mas quando Elmo Duncan se preparava para deixar o palco, seguido por Rodriguez, irromperam novos aplausos. Duncan sorriu, radiante de gratidão, acenando e descendo do palco para ser tragado por uma massa de admiradores.

Enquanto isto, a mulher com cara de cavalo encaminhou-se para o microfone. Ergueu os braços, pedindo silêncio, com o pedaço de papel ainda seguro na mão enluvada.

Para acalmar a assistência, a mulher gritou ao microfone: — Atenção, por favor... peço-lhes um minuto apenas de silêncio... Acabamos de receber uma notícia sensacional... uma notícia que interessa a todos os presentes!

Num instante o salão de festas ficou quieto e uma tonalidade qualquer de triunfo na voz estridente da líder da LFD deu a Barrett uma vaga premonição de desastre.

— A notícia mais sensacional que possam imaginar! — vociferou a mulher ao microfone, brandindo a folha de papel com a mão que ficara erguida. — Antes de comunicá-

la, senhoras e senhores, caros colegas da Liga da Força da Decência, quero falar-lhes como sua presidente, para todos vós...

Tratava-se, positivamente, da temível Mrs. St. Clair, tal como Barrett adivinhara.

Tinha sido ela a instigadora das ocorrências que levaram à denúncia de Ben Fremont e de Os Sete Minutos. Barrett ficou a imaginar que espécie de calamidade estaria ela a preparar para desabar agora sobre ele.

— ...a fim de agradecer ao nosso ilustre e eminente Promotor Público pelo discurso edificante e inspirador que pronunciou aqui

esta noite — continuou Mrs. St. Clair. — Com servidores públicos como Mr. Duncan para executar o nosso trabalho, sabemos que haveremos de obter vitória muito em breve. E agora...

Ela aproximou a folha de papel à altura do microfone.

— ...agora novos indícios vieram à tona, da maneira mais dramática, que reforçam a nossa campanha para aumentar cada vez mais a vigilância no controlo da matéria de leitura e que dão ao nosso Promotor Público a munição final de que necessita para derrotar as forças da pornografia.

Aproximou dos olhos a folha de papel, examinou-a, e depois levantou a cabeça.

— A rigor, trata-se de uma comunicação que merecia ser feita pelo nosso Promotor Público. Contudo, como se refere e afecta directamente a sua acusação de Os Sete Minutos, fui informada de que não seria ético para Mr. Duncan tecer qualquer comentário público sobre o julgamento antes que esteja concluído. Embora Mr. Duncan se tenha referido e pode continuar a referir-se ao próprio julgamento iminente, ele acha que não pode discutir fatos que possam ser considerados como parte das provas desse julgamento. Por outro lado, uma vez que a LFD possui interesses idênticos aos da Promotoria Pública a respeito de pornografia de modo geral e de Os Sete Minutos de modo particular, sinto-me na obrigação, como presidente da LFD, de mantê-los informados sobre os mais recentes acontecimentos relacionados com a acusação de Os Sete Minutos.

O público no salão de festas permanecia de pé, e agora aguardava a comunicação de Mrs. St. Clair com discrição entremeada de curiosidade.

Barrett sentiu o coração bater, e também aguardou.

Mrs. St. Clair ergueu os olhos do papel que segurava na mão.

— Senhoras e senhores, caros colegas, como muitos de nós sabemos, o primeiro editor clandestino de Os Sete Minutos foi um francês, Christian Leroux, que conheceu o falecido JJ Jadway pessoalmente e era o único homem sobre a face da terra que poderia, talvez, esclarecer várias perguntas que continuaram sem resposta a respeito desse livro e do seu autor. Todos nós nos interrogamos — que espécie de homem poderia escrever um livro

como esse? Quais os motivos que o levaram a escrevê-lo? Que aconteceu com ele mais tarde? O que provocou a sua morte prematura? Hoje à noite finalmente temos as respostas, e diretamente dos lábios de Christian Leroux, o editor francês de Jadway.

O coração de Barrett pulsou mais forte. Trocou um olhar mudo com Faye, dedicando depois toda a sua concentração ao palco.

— Há menos de uma hora, na França, Christian Leroux, após profunda meditação, saiu do seu esconderijo para oferecer os seus serviços ao povo da Califórnia, da América, do mundo, na acusação de Os Sete Minutos. Christian Leroux confessou o seu pecado original, que consistiu em publicar o livro infame. Foi, declarou, um erro composto de juventude, imaturidade e ganância. Agora, porém, para não ver o seu pecado repetido por outros que corromperiam a humanidade com essa obra maligna, preferiu expiá-lo, trabalhando para nós na tentativa de proibir Os Sete Minutos.

Uma chuva de aplausos tinha começado, mas Olivia St. Clair gesticulou para interrompê-la, a fim de se fazer ouvir.

— As perguntas sem resposta agora estão respondidas, e pela única pessoa sobre a face da terra que pode falar por J J Jadway. Segundo o editor francês, Jadway escreveu o livro porque andava desesperado com a falta de dinheiro. Jadway vivia uma vida dissoluta e imoral na Margem Esquerda de Paris, esbanjando as suas economias em bebidas, tóxicos e a sua amante mais recente. Sim, ele tinha amante, a quem só conseguia satisfazer com presentes. Segundo Leroux, o pornógrafo retribuiu-lhe os favores, utilizando-a como modelo para a heroína lasciva, indecente e descarada de Os Sete Minutos. O verdadeiro nome da infeliz criatura era Cassie McGraw, e ela converteu-se na Cathleen daquele romance imundo. Quando Jadway ficou totalmente na miséria, improvisou essa narrativa de ininterrupta devassidão para a editora clandestina, para deitar a mão a dinheiro rápido e fácil. Mas como possuía formação religiosa, depois que o livro foi publicado, percebeu o mal que estava a causar a pessoas inocentes. Por fim, compreendeu o abismo da sua depravação e a extensão do seu pecado mortal. E hoje à noite Christian Leroux confirmou o que o nosso Promotor Público já sabia

por outra fonte fidedigna... que nos seus derradeiros momentos de lucidez J J Jadway se deu conta do pavoroso crime que cometera contra os seus semelhantes, e viu que a sua alma somente seria salva se renunciasse ao repugnante e perigoso livro. E assim, com o remorso pelo que havia feito, J J Jadway suicidou-se!

Irromperam exclamações de espanto e murmúrios por todo o salão de festas.

Mrs. St. Clair levantou ainda mais a voz:

— Se o autor do livro pôde matar-se de vergonha por tê-lo escrito, ele merece que dediquemos as nossas energias para exterminar essa obra monstruosa, a fim de lhe obter a salvação eterna. Para nos auxiliar nessa empresa, para auxiliar o nosso Promotor Público a fazer isso, Christian Leroux acha-se a caminho de Los Angeles para aparecer como testemunha de acusação. A sua coragem e a sua aparição garantem-nos uma vitória histórica no tribunal da justiça, e homenagearemos Mr. Leroux como orador especial do nosso próximo comício de vitória. Obrigada, amigos e colegas!

O salão de festas converteu-se numa balbúrdia de gritos e aclamações.

Mike Barrett escutara a comunicação completamente aturdido. Cada palavra das frases pronunciadas no palco caía sobre ele como o cutelo de um açougueiro. Agora, praticamente arrasado, descobriu o seu instinto de sobrevivência, escorando a sua resistência à comunicação, insinuando-lhe a impossibilidade de que fosse verdade. Mas precisava de saber com certeza. Agarrou Faye pelo braço.

— Venha — disse rudemente.

Abriram caminho entre a multidão aglomerada até saírem no vestíbulo.

— Aonde é que vamos? — quis saber Faye.

— Não posso acreditar no que ela disse — respondeu Barrett, arrastando Faye em direção ao átrio. — Não é possível. Há seis horas tínhamos conseguido o auxílio de Christian Leroux como nossa testemunha, pronto a defender os motivos de Jadway e o livro, e de

repente Duncan pretende tê-lo descoberto, para caluniar Jadway e o livro.

Preciso de apurar a verdade.

Tinham chegado ao centro do átrio.

— Olhe, Faye — disse ele —, espere aqui, fume um cigarro, que eu volto já. Tenho de telefonar para Abe Zelkin. Ele é quem pode confirmar ou desmentir.

Barrett apressou-se à procura de uma cabina telefônica, e quando a encontrou, fechou-se por dentro, depositou as moedas necessárias e discou o número de Abe Zelkin.

— Eu estava acordado, à espera de que você chegasse a casa — respondeu Zelkin, com voz tão agitada como a do próprio Barrett. — Precisava de lhe falar. Acabamos de receber notícias daquele tal detective Dubois, de França. Ele há pouco ligou para cá. Sabe de uma coisa? A nossa testemunha estrelar, o nosso Christian Leroux, desapareceu. Ninguém sabe onde diabo se meteu.

Barrett fechou os olhos e apoiou-se à parede da cabina. Então era verdade.

— Abe, eu sei onde o sacana se meteu. Está a caminho daqui, para se encontrar com Elmo Duncan.

— Você está a brincar? Ah, não, não diga uma coisa dessas.

— Estou a dizer-lhe, Abe. Ainda estou aqui no Hilton. Sabe o que acabo de ouvir?

Com dor na alma, contou todos os pormenores da declaração pública de Olivia St.

Clair. Ao terminar, acrescentou abatido:

— Não sei como foi que aconteceu uma coisa destas. Nós estávamos com o sujeito escondido, e sob outro nome, e ele concordara com as nossas condições. Só me ocorre uma possibilidade: A nossa oferta fez Leroux perceber o valor que tinha no mercado. No momento em que o nosso agente o deixou sozinho, Leroux provavelmente entrou em contato com Duncan e ofereceu-se à venda pelo maior lance.

— Não, Mike. Dubois foi bastante esperto e logo se lembrou disso. Verificou com o porteiro do hotel, com a telefonista, com o gerente. Desde o momento em que Dubois o registrou naquele hotel

de Antibes, Leroux nunca saiu do quarto, não mandou nenhuma carta, recado, telegrama, não fez nem recebeu chamadas telefônicas. Tudo o que o hotel soube dizer foi que poucas horas antes de Dubois passar por lá para o ir buscar, um francês pediu para falar com Leroux no seu quarto. Logo depois disso, Leroux retirou-se do hotel, junto com o visitante, e desapareceu.

Barrett teve outra ideia.

— Então só há uma explicação: Dubois. O nosso detective particular. Ele sabia que havia mercadorias de valor. É capaz de nos ter traído.

— De modo nenhum, Mike — afirmou Zelkin. — Mencionei isso a Phil Sanford e a Leo, pouco antes de você ligar para cá. Os dois disseram que não. Sanford tinha-nos dado o nome do representante de seu pai em França e foi ele quem recomendou Dubois. Garantiu que o sujeito era de toda a confiança. Um homem de integridade de longa data.

Incorruptível. Não, duvido que fosse Dubois.

— Foi alguém, alguma coisa — protestou Barrett. — Numa hora ele está lá. Um passo de mágico. E desfaz-se como fumo. Numa hora ele é nosso, na outra passa prò lado deles.

Tem de haver uma explicação. Não me importo de lidar com ocorrências que posso ver e tocar... ganhar, perder ou empatar... mas sinto-me impotente quando tenho de lidar com fantasmas.

— Não vale a pena gastar energia em especulações. Não estou interessado no que aconteceu depois do fato. Aconteceu. Perdemos uma vaza.

— Mas essa vaza era fundamental, Abe.

— Não era, não. Vamos tratar de dormir um pouco e amanhã se vê o que se há-de fazer.

Quando Barrett voltou abatido para o átrio, Faye esmagou o cigarro e levantou-se do sofá para se reunir a ele. Olhou-o preocupada.

— A comunicação de Mrs. St. Clair era verdade, Mike?

— Era.

— Que lástima, Mike. É muito mau para você?

— Um desastre.

— Deixa sem esperanças o seu caso?

— Do modo que as coisas ficaram agora... sim... sim... creio que deixa.

Faye enfiou o braço no dele.

— Então, Mike? Você vai me escutar? Sou a única pessoa que pode ajudá-lo. Por favor, ouça.

— O quê?

— São só três palavras — ela fez uma pausa. — Dê o fora.

Ele afastou-se e baixou os olhos na direção dela.

— Dar o fora? Você quer dizer, desistir?

— Quero dizer: dê o fora enquanto é tempo. Sou mais capaz de admirar um homem que tem a sensatez de abandonar um navio que naufraga do que o que insiste cegamente que ele não está a afundar-se e depois vai ao fundo com ele. Você sabia desde o início que tanto o Papá como eu achávamos que você tomara o lado errado, imiscuindo-se com toda aquela publicidade suja e toda a espécie de gente pegajosa e sem princípios. Você não tem nada que fazer nesse gênero de casos. Eu queria, porém, que você saldasse a sua dívida, ficasse satisfeito, por isso me calei. Agora acho que já fez tudo o que podia fazer. Saldou a sua dívida com Sanford. Há um limite prò que você lhe deve. Não precisa de se suicidar por causa dele. Você mesmo reconhece que é um caso perdido. Portanto, por mim, pelo Papá, mostre que é homem bastante grande para saber quando deve repudiar uma causa irremediável. Prometa que fará isso, antes que comece esse horrível julgamento.

Olhou-a por um instante e depois disse:

— Não, Faye.

— Mas que teimosia mais absurda! Não ouviu o que eu disse? Você já pagou a sua dívida com Sanford...

— Pouco me importo com Sanford. É por causa de Jadway. Eu li o livro dele, entendeu? E sei que Jadway não pode ter sido todas essas coisas que Leroux diz que ele foi. Estou convencido de que Leroux é um impostor e mentiroso. Existe apenas um problema, minha querida. Como é que eu vou conseguir provar isso?

IV

Mike Barrett dirigiu o seu descapotável para a entrada do parque de estacionamento atrás do Hospital Monte Sinai, parou o carro para colocar uma moeda de 25 cents no parquímetro, esperou que o portão listrado se abrisse com um rangido e depois entrou no estacionamento. Era a hora de visitas à tarde, e o local estava quase totalmente lotado. Bem no fim da pista, Barrett viu um carro a recuar, rumou a toda a velocidade para lá e acomodou o descapotável no lugar vazio.

O relógio do painel de instrumentos marcava três e dez. Não tinha pressa. Havia bastante tempo para saber mais pormenores sobre Sheri Moore, a vítima do estupro, que continuava em estado de coma num leito do quinto andar do hospital.

Barrett queria um intervalo para se concentrar. Tirou o cachimbo do bolso, encheu-o de tabaco, acendeu-o e permaneceu sentado ao volante, fumando, pensando, à procura de um pouco de optimismo. Enquanto o seu espírito voltava à noite anterior, a sensação de tristeza permanecia imutável. A perda de Christian Leroux fora um golpe terrível, do qual ainda não se tinha restabelecido. Como ninguém, aliás.

Em geral, a manhã de um novo dia sempre lhe trazia a promessa de alguma esperança alegre e animada. Mas se tivesse sido despertado de madrugada pelo Dr. Pangloss e Mr. Micawber juntos, importunando-o com comprimidos O Dr. Pangloss, professor de Cândido no romance de Voltaire, e Mr. Micawber, personagem de David Copperfield, de Dickens, são dois protótipos estimulantes, sabia que não teria melhorado de disposição. O seu estado de espírito, como o próprio dia gélido, estava sombrio e anuviado. O jornal da manhã pouco contribuíra para erguer-lhe o ânimo.

Havia um artigo de primeira página, comentando o discurso de Duncan e a sensacional revelação de Mrs. St. Clair, além de notícias mais recentes: Leroux chegaria de França amanhã para aguardar a sua aparição como testemunha do Estado.

No escritório não se tinham registrado ideias nem indícios novos. Prosseguindo nos esforços para averiguar algo de proveitoso sobre o autor de Os Sete Minutos, Kimura comunicara que continuava no encaço de Norman C. Quandt, o especialista em pornografia que adquirira de Leroux os direitos de publicação do romance, revendendo-os a Phil Sanford. Apesar de ciente de que Quandt se estabelecera ao sul da Califórnia, Kimura não lograra descobrir mais nada a seu respeito.

O almoço fora melhor. Para Barrett, havia imprimido ao dia, senão esperança, pelo menos um sentido.

Tinha comido no restaurante Bistro, fervilhante e repleto de celebridades, em Beverly Hills, em companhia do Dr. Yale Finegood, psiquiatra jovem e vivaz que já pertencera ao Centro de Puericultura Reiss-Davis; porém agora mantinha consultório particular.

Finegood, especialista dos problemas de angústia da adolescência, era de opinião que não havia nenhuma relação entre a leitura de um livro ou a visão de um filme e a prática de um ato de violência. De fato, frisara, muitos dos seus colegas atribuíam aos livros pornográficos a repressão do índice do crime, pois a leitura fornecia vazão, em forma de fantasias dos desejos sexuais que de outro modo talvez precisassem de expressão concreta.

O Dr. Finegood citou a análise empreendida por um casal de criminologistas dedicado à pesquisa, Eleanor e Sheldon Glueck, uma análise de mil rapazes delinquentes na cidade e nos arredores de Boston. Os Glueck descobriram que os verdadeiros fatores que contribuíam para a delinquência dos jovens analisados eram os desentendimentos familiares, a falta de instrução, conflitos com a cultura dominante, problemas psicológicos intrínsecos, e maus hábitos sociais, tais como o vício de entorpecentes, o consumo de álcool e a promiscuidade sexual. A leitura de pornografia não constituía fator significativo.

— O que é que pode levar, especificamente, um rapaz quieto, tímido, de vinte e um anos, pertencente a uma família de classe superior, à violência sexual? — repetira o Dr. Finegood, ecoando a pergunta de Barrett. — Isso varia, conforme cada caso individual, mas a violência sexual, de modo geral, é um reflexo da incompetência sexual. O estupro afasta o constante complexo de inferioridade do estuprador. Um rapaz saído da classe média ou superior, que comete estupro, pode estar simplesmente a rebelar-se contra anos e anos de ressentimento recalcado contra a mãe ou o pai. É bem provável que o estuprador tenha tido um pai ou pais dominadores, ou, vice-versa, pode ter tido um pai ou pais indiferentes ou ineptos. Mostre-me um garoto que se tornou submisso a um pai prepotente e eu mostrar-lhe-ei um rapaz com o potencial para se afirmar futuramente através de um ato de violência em que possa degradar a vítima.

Quando o almoço terminou e saíram do Bistro, o Dr. Finegood deu um último conselho a Barrett:

— Posso avaliar a importância da informação sobre Jadway prò seu caso. Ao mesmo tempo, não menospreze a importância dos participantes desse caso de estupro. Sei que fracassaram os seus esforços no sentido de obter maiores pormenores a respeito de Jerry Griffith, da família dele, dos amigos. Apesar disso, eu aconselhá-lo-ia a redobrar de pertinácia para conseguir mais informações. Se lograr êxito, tenho a certeza de que há-de descobrir outros motivos prò comportamento de Jerry... e, aí então, talvez possa convencer o júri de que o livro de Jadway não foi a força motriz do impulso criminoso do rapaz. E eu, no seu lugar, iria ainda mais longe. Trataria logo, sem perda de tempo, de averiguar algo sobre a vítima, essa moça de dezoito anos que Jerry desflorou. Ficaria assombrado com as revelações que surgem na investigação de um caso de estupro. Não estou a vaticinar que isso levaria a alguma coisa. Aconselho-o apenas a não deixar pedra sobre pedra. Bem, felicidades. Mantenha-me sempre informado de tudo, por favor. Não chega a hora de prestar depoimento neste processo, embora, ao que me conste, a acusação conte com um psiquiatra famoso como o Dr. Roger Trimble para me contradizer. Mas creio que não farei má figura.

Depois do almoço, Barrett resolveu seguir o conselho do Dr. Finegood. efetuar um rápido exame à vida e ocupações dessa moça, Sheri Moore, de dezoito anos. Duvidava de que chegasse a algum resultado mas precisava ver o que havia debaixo daquela pedra.

O arquivo de recortes de jornal do escritório forneceu-lhe apenas informações esquemáticas sobre a vítima. Sheri Moore era a mais nova de uma família de cinco filhos.

Os pais tinham-se divorciado há muito tempo. O pai, Howard Moore, trabalhava como engenheiro na North American Rockwell Corporation e residia em Santa Mônica. Sheri era calouira na faculdade local. Dividia um apartamento com outra amiga, Darlens Nelson, no Doheny Drive, em West Hollywood. Os dois últimos fatos, por si só, intrigaram Barrett.

Porque morava ela em West Hollywood se frequentava a faculdade em Santa Mônica? Era uma longa viagem de ida e volta para ser feita diariamente, sobretudo para uma moça que não possuía automóvel. A solução do mistério, assim como maiores minúcias biográficas, talvez se encontrasse na própria faculdade. E Barrett, portanto, dispôs-se a ir até lá.

Houve apenas uma única surpresa, procedente da folha de registro no departamento administrativo. Apesar do que a imprensa publicara, Sheri Moore deixara de ser uma aluna que gozava das boas graças da faculdade. Depois de aprovada no primeiro semestre do seu primeiro ano de curso, tornara-se cada vez mais omissa no comparecimento regular às aulas e na prestação de trabalhos, e durante o segundo período lectivo as provas que fizera, conseqüentemente, haviam sido péssimas. Um mês antes do estupro, abandonara por completo a Faculdade de Santa Mônica.

Barrett fora apresentado a uma dúzia de ex-colegas de Sheri, rapazes e moças reunidos em barulhentos grupos, conversando no bar da faculdade, à porta da biblioteca, ou lagarteando ao sol sobre o relvado espalhado pelo campus. Nenhuma das suas perguntas obtivera resposta objetiva ou pormenorizada. Uma aluna, premiada com distinção, lembrava-se de que Sheri se aborrecia na escola e falara em seguir a carreira de manequim ou atriz, e que depois tinha

deixado a faculdade para se mudar para West Hollywood, onde esperava encontrar emprego de meio turno que a ajudasse a pagar futuras aulas de interpretação. Um jogador de futebol resmungava qualquer coisa a respeito de Sheri ser “amiga da farra, da agitação”. Mas se fosse levar em conta o que diziam os outros estudantes, seria capaz de pensar que se referiam a Joana D’Arc. O fato de uma colega ter sido vítima de um crime, estar gravemente ferida e ainda em situação crítica, parecia causar na maioria o efeito de falar dela com veneração, exaltando-lhe as virtudes. Talvez, disse Barrett consigo mesmo ao ir-se embora do campus, estivesse sendo injustamente cínico.

— Talvez Sheri Moore fosse, realmente, a personificação de todas as virtudes.

Agora, na etapa final das investigações sobre a vida e ocupações de Sheri Moore, chegava ao Hospital Monte Sinai.

Depois de trancar a porta do descapotável, Barrett atravessou o parque de estacionamento, subiu rapidamente a escada e entrou no corredor da parte do fundo que conduzia ao átrio térreo e aos elevadores. Tomou o que servia o quinto andar e encaminhou-se diretamente ao balcão das enfermeiras.

Uma enfermeira preta atendeu-o.

— Queria saber notícias de Sheri Moore — explicou Barrett. — Sou amigo dela.

— Ela está a passar relativamente bem—respondeu a enfermeira. — Continua em estado de coma.

Por um momento, procurou o diagrama, mas logo desistiu.

— Ela teve uma noite tranquila. O senhor quer vê-la? Porque nesse caso devo dizer-lhe que as visitas estão restritas a uma lista de nomes que o médico deixou. Quer que eu verifique se o seu está incluído?

— Não, obrigado. Só queria saber como é que ela ia — hesitou. — Tem muita gente na lista?

Desta vez foi a enfermeira quem hesitou.

— O senhor não é da imprensa, é?

— Da Imprensa? Que lembrança! Sou um amigo que...

— Todo o cuidado é pouco. Os jornalistas não arredam pé do hospital. Bom, creio que não há nada de mal em lhe dizer que só os parentes e a única amiga íntima de Sheri têm permissão para a visitar. Por sinal que o pai e aquela moça que morava com ela, Darlene Nelson, estão agora mesmo no quarto.

— Ah — fez Barrett. — Será possível avisar-me quando Miss Nelson sair? Vou sentar-me na sala de espera.

— Olhe, nem é preciso. Darlene está lá sem nada que fazer. Posso perfeitamente ir chamá-la, Mr... — Ela sublinhou o “Mister”, transformando-o num ponto de interrogação.

— Barrett — completou ele. — Mr. Barrett. Fico-lhe muitíssimo grato.

Passou pelo corredor e entrou na sala de espera das visitas, pequeno quarto com móveis de chita e vime e um aparelho de televisão. Não havia ninguém. Barrett parou diante de um cinzeiro, esvaziou o cachimbo, tornou a enchê-lo, e pôs-se a andar de um lado para outro, fumando e recapitulando a ligação de Darlene Nelson com o caso de estupro. Fora ela, lembrava-se, que regressara ao apartamento em Doheny Drive e encontrara Sheri Moore estendida no soalho do quarto, ensanguentada e quase inconsciente. Só então Darlene ouvira Sheri murmurar que tinha sido violentada, desmaiando logo em seguida. E fora Darlene quem mandara chamar a ambulância e a Polícia.

Do recanto da sala de espera, Barrett ouviu duas vozes femininas, cada vez mais próximas. Girou nos calcanhares a tempo de ver a enfermeira e uma moça de corte de cabelo masculino com as pontas da blusa a saírem das calças de algodão. As duas estavam absortas no diálogo.

— Apre, como te invejo, Darlene — dizia a enfermeira. — O Locomotiva Clandestina é o meu ponto de diversão favorito, sempre que estou de folga. Não sei o que não daria para estar lá nessa estreia.

— Aquilo vai estar uma loucura esta semana e a outra, de modo que qualquer noite há-

de ser tão boa como a de hoje. Pena é que a coitada da Sheri ainda não esteja boa. O conjunto de que ela mais gosta vai lá tocar.

Ela tem todos os álbuns do grupo.

— Não demora que ela fique boa.

— Tomara!

A enfermeira retirou-se e Darlene Nelson aproximou-se de Barrett com uma expressão intrigada.

— O meu nome é Darlene Nelson — disse. — O senhor queria falar comigo?

— exato. Eu...

— Nós conhecemo-nos?

Ela tinha o tique nervoso de passar a mão pelo pescoço como se quisesse afastar o cabelo do ombro, gesto inútil, pois estava cortado curto. Talvez o penteado fosse ideia recente, pensou Barrett.

— O meu nome é Michael Barrett — explicou, sem causar a menor reação. — O advogado que representa Ben Fremont, o proprietário da livraria que...

Identificação instantânea.

— O livro imoral — disse ela. Tomou um ar de desconfiança. — O que é que o senhor quer de mim?

— Apenas respostas a uma ou outra pergunta — respondeu Barrett. — Não quer sentar-se?

Ela não se mexeu. As mãos afastaram o cabelo invisível.

— Que perguntas?

— Bem, por um lado, se Miss Moore ou a menina, qualquer das duas, conhecia Jerry Griffith antes da noite em que ele...?

— Não — respondeu.

— Muito bem — disse Barrett. — E os amigos de Jerry? Conhecia algum?

— Como posso conhecer? Mesmo que por acaso conhecesse, não saberia se era amigo dele.

— Bem, Miss Nelson, estou a pensar num determinado amigo que estuda na UCLA e mora em Westwood. O nome dele é George Perkins. Nunca ouviu Miss Moore... Sheri... falar nele?

— Não.

— E a menina? Conhece George Perkins?

— Não. Não conheço, não.

— Há outra coisa que eu esperava que me pudesse dizer. Na noite em que encontrou Sheri...

— Mr. Barrett, creio que não devo falar com o senhor. Não posso dizer-lhe coisa nenhuma. Aliás, não há nada para dizer. Já disse tudo à Polícia e saiu tudo deturpado nos jornais. Acho melhor ir-me embora. Com licença.

Aos poucos, Darlene Nelson fora recuando. De repente, saiu a correr da sala.

Barrett encolheu os ombros e esvaziou o cachimbo. Guardando-o no bolso, dirigiu-se ao elevador.

Minutos mais tarde, descia a escada das traseiras do hospital e chegava ao parque de estacionamento. Ao encaminhar-se para o seu carro, escutou um tropel de passos nas suas costas.

Virou-se e deparou-se-lhe um sujeito moreno, de corpo atarracado, mais velho do que ele, de cabeça grande e quase sem pescoço, que se apressava para o alcançar. O sujeito chegou perto, todo ofegante, com a cara lívida e os punhos cerrados.

— É você que é o tal Barrett? — indagou. — O advogado que está a defender aquele livro miserável?

Retrocedendo diante da fúria do indivíduo, momentaneamente estupefato, Barrett confirmou com a cabeça.

— Sim, eu...

— Então ouça o que lhe vou dizer! — vociferou o sujeito, atirando as mãos para a frente e agarrando com raiva as lapelas do paletó de Barrett. — Ouça bem o que lhe vou dizer, seu filho da puta de uma figa. Fique sabendo de uma coisa...

E então puxou Barrett contra ele. Para se defender, Barrett esmurrou-lhe os braços, tentando desenvencilhar-se. Por um breve instante, ficaram separados, mas logo em seguida o agressor, possesso, atacou de novo. Barrett empurrou-o para longe, mantendo-o a distância, mas o outro armou um violentíssimo soco com a direita, fazendo mira contra o rosto da vítima. Barrett saltou para a retaguarda, procurando desviar-se daquele punho que avançava em arco, raspando-lhe pelo queixo. Sentiu os dentes rangerem, perdeu o equilíbrio e acabou por rolar de costas, e cair no chão.

O imprevisto da agressão, mais do que a força empregada, deixou-o aturdido por alguns instantes. Ficou sentado sobre o asfalto do parque de estacionamento, esfregando o queixo. Parecia um paraplégico, impotente para se pôr de pé. Curvada sobre ele, assomava a cara intumescida do agressor.

— Fique sabendo de uma coisa, seu sacana — bufava o homem, com os punhos ainda cerrados. — Sou o pai de Sheri, entendeu?... O meu nome é Howard Moore... e isto foi só uma amostra, está entendendo? Foi só para começar. Assim talvez aprenda a não meter esse maldito bedelho na vida alheia. A pobre da minha filha está numa situação desesperadora, e tudo por culpa de um canalhinha de merda que ficou todo assanhado por causa daquele maldito livro de bandalheira... e quem se mete também a defender aquela imundície vai ter de se haver comigo. Portanto não se esqueça, seu fulano... não enfie esse nariz ranhento onde não é chamado... afaste-se do meu caminho... senão da próxima vez eu deixo-o todo moído de pancada, em pior estado do que agora está a coitada da minha filha.

Estou a preveni-lo!

E virando as costas, Howard Moore afastou-se com passo enérgico.

Já com as ideias mais claras, Mike Barrett procurou levantar-se. Indignado com a agressão, com a total iniquidade e injustiça de que fora vítima, trémulo de alto a baixo, só sentia vontade de sair a correr atrás de Moore e retribuir na mesma moeda. Depois, porém, contemplando aquela figura patética que diminuía o passo à porta do hospital, vendo o homem mais velho pender por um momento a cabeça e apoiá-la à parede, a raiva de Barrett transformou-se numa onda de piedade e compreensão. Aquele pobre coitado era um pai indefeso, e cinco andares acima estava a sua filha, a garotinha que tinha criado desde pequena, agora estuprada e inconsciente. Ora que diabo, era natural que sentisse ganas de esmurrar alguma coisa, alguém.

Barrett puxou o lenço e passou-o de leve pela boca. Uma mancha quase imperceptível de sangue apareceu no linho branco. A parte interna do lábio inferior estava ferida. Bem, paciência.

Caminhando devagar, limpando a poeira da roupa, dirigiu-se ao carro.

Somente uma hora depois, quando já se achava mais seguro no escritório e Donna voltara da farmácia do andar térreo do edifício, trazendo um desinfetante, foi que lhe fez a pergunta que esperava fazer-lhe na primeira oportunidade. Lembrava-se da conversa que tinha ouvido entre Darlene Nelson e a enfermeira negra no corredor do hospital, e eis aqui Donna, uma secretária sempre ávida pela leitura das páginas de diversões e das colunas de mexericos, esforçando-se ao máximo por permanecer jovem e mantendo-se em dia com o que se publicava a respeito das atividades da juventude.

— Donna, meu amorzinho, parece que já ouvi qualquer coisa, mas simplesmente não consigo lembrar-me bem onde... sem falar na Guerra Civil, quero dizer, atualmente, agora, hoje... que lugar é esse chamado Locomotiva Clandestina?

— Eh, chefe, que coisa mais devagar. É o lugar mais falado da geração jovem. Fica lá no Melrose. Só dá conjunto de rock, dança e bebida sem álcool.

— Soube que hoje à noite estreia lá um novo grupo.

— Ora viva, até não é assim tão devagar. O Cântico Gregoriano.

— Gregoriano? Não estou a falar de música nem de coro de igreja medieval. Eu refiro-me a...

— Eh, já ficou devagar de novo, chefe. Cântico Gregoriano. Eles chamavam-se A Melopeia dos Esquis antes de se associarem aos Quentes de Los Angeles. É o grupo de rock mais falado atualmente no país. Vão estrear-se no Locomotiva às sete da noite. Que é que quer fazer?

— Diminuir a brecha entre as gerações. Diga-me uma coisa, Donna. Qual é o contrário de ser devagar? Ser ligeiro?

— Não. Ser pra frente.

— Pois é o que eu vou ser logo, às sete e meia. Mesmo na escuridão do parque de estacionamento, atrás da gigantesca loja de ferragens convertida em santuário da música jovem, Mike Barrett podia ouvir a cacofonia incessante que retumbava de cada janela e parede do Locomotiva Clandestina.

Ao parar debaixo do lampião da Melrose Avenue, verificou a hora no relógio de pulso. Eram sete e vinte. Do outro lado da rua havia outros dois bares de garotada, um chamado O Limbo e o outro O flock Rasgado, mas hoje à noite estavam praticamente desertos. A verdadeira explosão demográfica ocorria a trinta passos de Barrett, onde duas filas disciplinadas de adolescentes, com os trajes mais bizarros, avançavam firmes para o Locomotiva Clandestina.

Barrett aproximou-se e entrou no fim de uma delas, sentindo alívio por ter seguido o conselho de Donna e não ter vindo de paletó e gravata. Para ser franco, aquele pulôver de algodão sem gola e as calças cotelê eram ainda bastante conservadores para o classificar —, ah, ele andara a pesquisar por contra própria — pelo menos como antiquado até certo ponto.

Mas o fato é que sabia que não era o traje que o deixava constrangido, mas a idade: pela primeira vez achou que metade de toda a população da América tinha menos de vinte e cinco anos.

Acompanhando a fila sinuosa de jovens em direção à exígua entrada de madeira rústica, ficou contente por não ter dito a Faye aonde ia. Ela haveria de querer vir juntamente com ele, como se vai ao zoológico, e aí então seria de rachar. Esta era uma das noites em que tinha compromisso de sair com Faye, a mais especial da semana, a da relação física, e não achara coragem para a cancelar ou adiar. Em vez disso, telefonara-lhe para explicar que teriam de sacrificar o jantar habitual, por causa de uma pista promissora que surgira. Prometera esperá-la no apartamento às onze horas.

Claro que não havia pista promissora nenhuma. O que acontecia era que hoje havia noite de alegria e confusão no Locomotiva Clandestina, onde Darlene Nelson certamente estaria presente, sendo provável que um dos happenings fosse George Perkins. Mero palpíte, nada mais. Caso George aparecesse, teria amigos que podiam, também, ser amigos de Jerry Griffith. E quanto maior a lista de amigos de Jerry, melhor para Barrett.

— Pode largar a massa, camarada — ouviu alguém dizer-lhe acima da cabeça e percebeu que o dono da voz (que seria extremamente parecido com Lincoln, se Lincoln tivesse sido negro)

estava à porta, cobrando o dinheiro da entrada. Entregou-lhe dois dólares e foi entrando.

Viu-se imediatamente cercado por um enxame de pessoas que tagarelavam e cantavam, todas à procura de mesa, e então sentiu-se perdido.

Tentou orientar-se no meio daquela balbúrdia e ajustar-se ao ambiente. À sua frente estendia-se uma espécie de manicômio de mesas, apinhadas de "amantes da música".

Depois avistou a pista de dança, movimentada como um balde cheio de minhocas a retorcerem-se em frente da plataforma dos músicos, sob a luz de um gigantesco calidoscópio que girava no tecto sem parar. Mais além havia outra série de mesas.

A iluminação que caía do alto produzia um arco-íris de cores psicadélicas que varria a sala de ponta a ponta. Os dançarinos, moças e rapazes, brancos, pretos, mulatos, amarelos, vestidos de mini-saia, capas, fardas de hussardo, não estabeleciam relacionamento mútuo mas sim com a música dissonante, fazendo ondulações frenéticas extremamente individuais. Um movimento único, entretanto, obedecia ao rito tribal: cada nativo contorcia o pélvis e o torso, e cada nativa impelia o busto para diante, requebrando as cadeiras, prestando homenagem às vozes ululantes e às guitarras eléctricas do Cântico Gregoriano.

Barrett concentrou a atenção no conjunto instalado sobre a plataforma dos músicos.

Era composto por quatro rapazes com trajes de escravos colhedores de algodão, sendo a parte gregoriana, presumivelmente, formada por três brancos de cabeleira felpuda, mais ou menos independentes, que dedilhavam as guitarras e de vez em quando entravam em coro com o solista, jovem negro gordo a quem chamavam Cântico.

Encurralado por todos os cantos, Barrett começou a sentir-se tonto. Os seus tímpanos quase rebentavam. E o coração implorava pela doce segurança de Dave Brubeck, Gerry Mulligan e Davey Pell.

Precisava de um posto de observação mais isolado. Então deparou-se-lhe o longo bar de madeira de carvalho, à esquerda, do outro lado do corredor. Ali estaria relativamente livre da

humanidade. Virando-se, empurrando, desculpando-se, aos poucos conseguiu aproximar-se do balcão e, ao cabo de alguns minutos, alcançou-o.

— Uísque com soda — pediu ofegante.

— Desculpe, moço — respondeu o rapaz de grande bigodeira que atendia o bar. — Só temos bebidas sem álcool. Pode pedir qualquer refrigerante.

Barrett tinha esquecido a observação de Donna.

— Está bem, dê-me um então.

Enquanto o rapaz foi buscar o refrigerante, Barrett examinou a cena. O conjunto atacara novo número, menos dissonante, menos onomatopaico, menos atordoante, menos estridente. Parecia ter saído ; diretamente da música étnica de Bessie Smith, uma espécie de lamento e cântico religioso negro, meio misturado com música caipira. Era triste e tinha mensagem: ecoava a desilusão, a cepticismo, a protesto de toda uma geração, pedindo que o homem amasse o seu semelhante. E Barrett logo acolheu de bom grado aqueles sons e visões de crianças amorosas perdidas na pista. Havia lido, não se lembrava onde, a explicação de Bob Dylan: a única beleza é a feiura, camarada. Sim. Mas mesmo assim era beleza, uma beleza toda especial.

Estendeu a mão para o copo. Bebeu devagar, ergueu os olhos para os imensos cartazes na parede do bar — Harriet Beecher Stowe, o cadáver de John Brown, Dred Scott — e ficou a ouvir a música.

Depois de breve pausa, largando o copo sobre o balcão, examinou outra vez toda a sala, resolvido a procurar a sua presa. Em poucos instantes percebeu que empreendera uma tarefa impossível. O número de rapazes era simplesmente excessivo, a maioria parecida com o barbudo George Perkins e nenhum dava para identificar como o próprio George.

Decidiu-se a esquadrihar a boite pela última vez, da entrada até aos últimos confins da sala. Os seus olhos desviaram-se para a porta, onde, para sua surpresa, estava parado de pé um recém-chegado que identificou em seguida.

O recém-chegado era um rapaz magro, desfigurado, bem penteado, pele macilenta e traços estiolados, de paletó, camisa desportiva e calças passadas a ferro. Barrett nunca o encontrara pessoalmente, mas já o conhecia bem pelos numerosos retratos publicados nos jornais. Cheio de espanto, tolhido pela confusão, Barrett olhou-o fixamente. Ali, ao alcance da sua voz, estava Jerry Griffith, passando a boate em revista, tal como ele mesmo fizera momentos antes. Barrett pôs-se a imaginar. Que diabo viera fazer aquele rapaz, apesar da liberdade sob fiança, a um lugar público como este? Não podia supor que Maggie Russell, e muito menos Frank Griffith, lhe permitissem sair de casa para vir até ali. Ou será que não sabiam? Teria Jerry escapado às escondidas?

Eis a oportunidade perfeita para o abordar, falar-lhe com simpatia, interrogá-lo. E no entanto Barrett não se movia. Como pessoa, conservava-se em seu canto por uma espécie de decoro, e como advogado, sentia-se retido por um instinto que farejava a boa sorte possível. Continuou a observar Jerry Griffith com indefinível expectativa.

Barrett tentou decifrar o olhar do rapaz. A princípio era furtivo e receoso, como o de um foragido com medo de ser reconhecido. Depois, como se percebesse que aquela aglomeração de gente lhe dava segurança, confundindo-se com a massa, perdeu o medo e transformou-se mais no de caçador do que no de acossado. Estava, evidentemente, à procura de alguém, de alguma determinada pessoa.

Colocado na ponta dos pés, examinava os ocupantes de cada mesa. De repente, teve um movimento brusco de reconhecimento e pôs-se a acenar com a mão, mas logo, pelo jeito, mudou de ideia. Toda a sua expressão se alterou por completo, ganhando um objetivo. Tinha encontrado quem procurava.

Começou a vir na direção de Barrett, desviando abruptamente de rumo entre duas mesas e depois, com presteza, abriu caminho no meio de outros frequentadores sentados, rumo ao seu objetivo. Prosseguindo em frente, diminuiu a marcha e parou numa mesa de três rapazes e duas moças. Estendeu a mão para o rapaz de ombros

largos que estava de costas para ele, e bateu-lhe no ombro. O rapaz virou a cabeça, e o perfil barbudo revelou que era George Perkins.

Franzindo a vista na luz sempre cambiante, Barrett tentou verificar a reação de George. Ao todo houve três, cada uma a seguir-se à outra com rapidez assombrosa.

Primeira, de surpresa. Segunda, de inquietação. Terceira, de contrariedade.

Da distância do bar, Barrett continuou a acompanhar aquele drama mudo.

Jerry procurava falar com George Perkins. E George não queria nada com ele. Jerry segurou George pelo ombro diversas vezes, cochichando-lhe, mas George sempre se desenvencilhava. Finalmente, a insistência de Jerry acabou por vencer: George pôs-se de pé, furioso, e avolumando-se ao lado do amigo, sacudiu a cabeça, recusando-se a dar-lhe mais atenção. Mesmo assim, Jerry continuou a lutar por se fazer ouvir acima do alarido, até que, afinal, exasperado, George concordou com um aceno e olhou em torno. No momento exato em que a música parou e um membro do conjunto anunciou o intervalo, George apontou ao longe para um par que saía da pista de dança, dirigindo-se a uma mesa da ponta do corredor.

A atenção de Barrett foi automaticamente desviada para o par. Por um instante, o rapaz impedia a visão da sua acompanhante. Estava bem barbeado, tinha suíças longas e era corpulento. Depois, a moça ficou visível. Era nada menos que Darlene Nelson, ainda com as mesmas calças de algodão e a blusa de pontas soltas da sua visita ao hospital.

Depois, uma terceira figura invadiu subitamente o ângulo de visão. Era Jerry Griffith outra vez, quase derrubando os frequentadores ao esforçar-se por abrir caminho entre os casais que voltavam à pista de dança, lutando para alcançar Darlene Nelson. Quando ela já se aproximava da cadeira à sua espera, Jerry Griffith interceptou-a.

De novo, para Barrett, um espetáculo de pantomima.

Jerry, diante da cadeira, parecia estar a apresentar-se à jovem, procurando dirigir-lhe a palavra. O descontentamento de Darlene foi ainda mais flagrante que o de George Perkins instantes atrás. Tentou

ignorar Jerry, empurrá-lo para o lado e chegar à cadeira, mas ele persistia em impedi-la de avançar enquanto não escutasse o que tinha para lhe dizer. Num derradeiro esforço, ela passou na sua frente. Ele dispôs-se a segui-la, sempre falando. Então ela estacou e virou-se. Parecia que estava a dizer qualquer coisa áspera, cortante, em voz baixa, com o rosto bem perto do dele. Fosse lá o que fosse, causou o efeito de uma bofetada. Jerry primeiro recuou, com ar ferido. Depois tentou articular uma frase quando ela se sentou, mas pelo modo não encontrava palavras. Em vez disso, fez apenas uma espécie de esgar mudo, gesticulando por falta de melhor meio para se exprimir.

De repente deu a impressão de estar paralisado, com os traços lívidos. Ficou a olhar para ela, que recomeçara a conversar alegremente com os companheiros. Por um segundo, Barrett chegou a pensar que Jerry seria capaz de agredi-la ou estrangulá-la, mas o rapaz não fez nada disso. Baixou os braços devagar. A sua fisionomia murchou. O corpo parecia ter encolhido. Atônito, retrocedeu, virou as costas, meteu-se pela passagem entre as mesas, até que, aparentemente, atinou com o lugar onde estava e quem ele era.

Depois, como que galvanizado, de súbito lançando-se contra uma série de recém-chegados, arremessou-se para a saída e desapareceu.

Observando a partida frenética de Jerry, Barrett permaneceu pregado ao seu lugar no bar. Uma coisa era óbvia. O amigo de Jerry, George, conhecia Darlene, pelo menos de vista. Jerry, em compensação, evidentemente que jamais vira a amiga de Sheri. Mas o que lhe teria dito e a resposta que recebera indignaram-no tanto, a ponto de ficar arrasado e sair a correr da boate? Nesse momento, Barrett decidiu que precisava de descobrir. Uma confrontação com Jerry não se fazia apenas necessária: era essencial.

Afastou-se do bar, mas antes de dar três passos viu-se detido por uma ruidosa aglomeração de adolescentes que acabava de entrar. Apanhado no laço, não foi fácil escapar. Ainda por cima, uma loura de short e camisa olímpica, que lembrava uma boneca de celulóide, tinha-o descoberto.

Puxou-o pelo braço.

— Meninas — gritou, estridente —, olhem só o que eu achei... o autêntico homem milenar, o elo que faltava! Não é uma graça? — e pregou-lhe um beijo no queixo, implorando: — Vem dançar comigo, elo, anda, vem dançar.

— Meu bem, eu ia agora à retrete — protestou Barrett.

— Tem dó.

Ela sorriu.

— Você prefere ir lá a ficar comigo? — soltou-o. — Bom, na sua idade, parece que sim.

Barrett afastou-se. Quando chegou à calçada, ofegante, sabia que tinha perdido cinco minutos. Olhou para todos os lados na Melrose, mas não viu ninguém que se parecesse com Jerry Griffith. A fila de jovens continuava firme, esperando para entrar. Barrett aproximou-se deles. Explicou aos primeiros da fila que andava à procura de alguém que saíra da boate há poucos minutos. Tentou descrever Jerry Griffith. Percebeu que não era nada fácil. O único traço marcante que ele possuía talvez fosse o cabelo bem penteado.

Mas mesmo isso não ajudou a identificá-lo.

— Bem, ele saiu a correr da boate — acrescentou Barrett.

— Isso não lhe diz nada?

— Ele estava a correr? — chilreou uma garota de trança comprida. — É, um garotão saiu desabalado, ainda me lembro que disse: “Parece que levou um susto com o Cântico”. — A gente da fila pôs-se a rir e a garota disse a Barrett:— Acho que ele foi por ali.

— E apontou para o oeste, como fazem nas fitas de far-west, e os outros riram ainda mais.

Barrett agradeceu-lhe e começou a subir a Melrose, rumo ao La Cienega Boulevard.

Caminhou e caminhou, espiando no interior das lojas abertas, cruzando a rua a cada instante, mas não encontrou rastro de Jerry Griffith. Depois de quinze minutos, estava de volta ao ponto de partida.

Desolado, confessou-se vencido. Dirigiu-se para a escuridão do sujo parque de estacionamento. Já perto do descapotável, deu conta de que, na sua frustração e pressa, se esquecerara da pista mais óbvia do paradeiro de Jerry: o próprio parque de estacionamento.

Se Jerry não tivesse deixado as cercanias à pressa, o seu carro ainda devia estar guardado ali quando Barrett saíra da boite. Ele poderia ter esperado à entrada do parque de estacionamento até que Jerry viesse buscar o carro e se fosse embora para casa. A esta altura provavelmente já há bastante tempo que isso acontecera.

Mas sabe-se lá, a esperança é a última coisa que morre, talvez o carro do rapaz continuasse ali estacionado. Barrett tentou lembrar-se da marca do veículo. Tinha-a visto anotada na pasta de arquivo do escritório referente ao filho de Griffith. Era um automóvel inglês. Positivamente. De repente lembrou-se. Um Rover sedan branco do último modelo.

Parou e olhou em torno. Havia um Thunderbird cinzento, um velho e imundo Jaguar branco e um Rover sedan branco do último modelo. As suas esperanças cresceram.

Decerto existiam dúzias de Rovers sedans brancos novinhos a circular esta noite em Los Angeles. De qualquer maneira, aquele talvez fosse o de Jerry.

Barrett aproximou-se do carro. Ao chegar pela retaguarda, mesmo neste recanto mal iluminado do parque de estacionamento, pôde ver que havia alguém no banco da direção.

Deu a volta com o máximo cuidado, para a eventualidade de que fossem duas pessoas e estivessem a copular.

Espiando pelo vidro fechado da porta da frente, verificou que havia apenas uma. Era um rapaz, caído sobre o volante, completamente imóvel, como se estivesse adormecido. O cabelo, o perfil foram suficientes: era Jerry Griffith.

Primeiro Barrett hesitou; depois, uma ideia terrível passou-lhe pela cabeça, e não vacilou mais. Bateu no vidro. A figura agarrada ao volante não se mexeu.

Experimentou a porta da frente. O trinco cedeu, ela abriu, e a forma inerte de Jerry Griffith desencostou-se do volante e começou a escorregar de lado. Barrett amparou-o e, com esforço, empurrou-o de novo para o assento. Inconsciente, de olhos fechados, o rapaz estava com o rosto pálido como a máscara da morte.

— Jerry — sussurrou Barrett-. Jerry, está-me a ouvir?

Não obteve resposta.

A forma inerte permaneceu sem vida.

Barrett curvou-se e entrou no carro, procurando verificar se o rapaz estava a respirar e se o pulso continuava a bater. Ao fazer isso, percebeu que a porta aberta iluminara o interior do carro, e pela primeira vez pôde ver o que havia no banco da direção ao lado de Jerry: um frasco de comprimidos vazio. No chão do carro, a garrafa de mineral, também vazia, que ajudara a ingeri-los.

Jerry Griffith tentara suicidar-se.

Teria conseguido?

Ainda na dúvida. Barrett encostou o ouvido ao peito de Jerry para escutar se o coração estava a bater. Não distinguiu nada além dos sons de Mr. Tambourine Man, de Bob Dylan, provenientes das traseiras do Locomotiva Clandestina. Barrett concentrou-se de novo no pulso. A princípio, os seus dedos não registraram nada, mas depois sentiu uma leve vibração, e não soube dizer se vinha da pulsação do rapaz ou das extremidades nervosas dos seus próprios dedos.

O cérebro de Barrett recebeu e escolheu instantaneamente as alternativas para o seu próximo ato. Podia chamar o Corpo de Bombeiros ou tentar reanimar o rapaz pessoalmente, erguendo-o de pé e provocando-lhe o vômito, ou então sair com ele a toda a velocidade, em busca de um médico particular.

Cada possibilidade envolvia um risco. O Corpo de Bombeiros oferecia o socorro mais eficiente — e a garantia de um segundo escândalo a desabar sobre o rapaz, uma segunda morte em vida, presumindo-se que ainda estivesse vivo. A tentativa de reanimá-lo pessoalmente era o tipo de primeiro socorro mais rápido, mas também o mais amadorístico e inadequado. O médico particular, embora mais lenta, seria a solução mais segura — e Barrett optou logo por esta, lembrando-se de um clínico que morava perto e resolveria o caso. O Dr. Guigley, o seu próprio médico particular desde que se mudara para Los Angeles, residia em North Arden Drive, em Beverly Hill Is, a curta distância dali.

Telefonara-lhe há apenas uma semana, combinando um jantar, pois queria fazer-lhe algumas perguntas acerca da patologia do estupro. Guigley marcara a data, embora andasse muito ocupado,

trabalhando até altas horas numa tese profissional que precisava de apresentar brevemente. Era bem provável que o encontrasse em casa. E, acontecesse o que acontecesse, mostrar-se-ia discreto.

Barrett revistou à pressa os bolsos do paletó do rapaz inerte, até achar finalmente a chave do carro. Afastou rápido o corpo de Jerry do volante para o lado oposto do assento.

Assim que ele tombou pesadamente de encontro à porta, Barrett instalou-se na direção e ligou o motor.

Foi só ao sair do sujo parque de estacionamento e tomar a Melrose que Barrett começou a pensar se não estaria a levar um cadáver para o Dr. Guigley — ou uma testemunha estrelar ressuscitada para o promotor público Duncan.

Tinham-se passado quarenta minutos desde que Barrett e o Dr. Guigley haviam transportado o corpo de Jerry Griffith para o interior da casa do médico em North Arden Drive. Barrett explicou em que circunstâncias encontrara Jerry, e o médico não fez nenhum comentário.

Após deixar o rapaz no divã do gabinete, Barrett mostrou o frasco de comprimidos vazio.

O Dr. Guigley deu uma olhadela.

— Nembutal — murmurou.

Pegou na maleta preta ao lado da escrivaninha e puxou uma cadeira para perto do rapaz.

— Ele está vivo, doutor? — perguntou Barrett. O Dr. Guigley não levantou a cabeça.

— Veremos. Pode esperar no living, Mike.

Isto fora há quarenta minutos, e Barrett, sentado tenso no sofá, a folhear sempre a mesma revista que tentava ler, sem êxito, deduziu que a demora era bom sinal. Se Jerry estivesse morto ao chegar, já teria sido informado há muito tempo. A demora significava que o doutor estava a trabalhar para salvar o paciente.

Barrett procurou concentrar-se de novo na leitura. Ouviu então a tosse do Dr.

Guigley. Levantou-se quando o médico, ainda de roupão azul, entrou cansado na sala, tirando os óculos e esfregando os olhos.

— Ele está bem, Mike — anunciou.

— Graças a Deus... e ao senhor.

— Os soporíferos que tomou davam para matar um batalhão. Você deve tê-lo encontrado no momento exato em que ele perdeu os sentidos. Foi uma sorte tê-lo trazido em seguida. Mais cinco minutos e estaria morto. Apliquei um antídoto forte. Ele reagiu e agora já deitou tudo para fora.

— Voltou a si?

— Completamente. Mas está fraco, muito fraco. Em todo o caso, a hospitalização não será necessária. Especialmente em vista da sua situação atual. Acho que pode ser levado para casa daqui a uma hora, mais ou menos. Uma noite bem dormida, um pouco de repouso amanhã, e ficará completamente curado. Esta rapaziada tem um poder de recuperação extraordinário.

Enfiou a mão no bolso do paletó e tirou um papel de receita.

— Aqui tem um número para você chamar. Ele diz que a única pessoa que ele quer que saiba o que aconteceu é uma prima chamada... está escrito aqui... Maggie Russell — entregou o papel a Barrett, acrescentando: — Este é o número do telefone dela, um número particular que ela tem no quarto de dormir. Jerry disse que é para insistir até ela atender.

Disse que ela virá buscá-lo.

— Deixe por minha conta.

— Muito bem. Acho melhor eu voltar para o meu paciente — hesitou. — Frank Griffith deve-lhe um favor enorme, Mike. Pode contar com a gratidão dele.

— Ele nunca ficará a saber — retrucou Barrett. — De qualquer maneira, o meu único interesse é o rapaz.

— Como queira — o médico tossiu na palma da mão.

— Há uma extensão na sala de jantar.

O Dr. Guigley retirou-se. Barrett foi à sala de jantar; acendeu a luz do tecto, tirou o telefone de cima da tampa de mármore do aparador e levou-o para a mesa de refeições.

Colocou o papel da receita ao lado do aparelho, examinou-o e depois discou o número particular de Maggie Russell.

O telefone tocou várias vezes, sem que ninguém atendesse. Resolveu esperar alguns segundos para depois tentar de novo. Mais

cedo ou mais tarde ela teria de voltar ao quarto.

Enquanto escutava, o sinal contínuo de repente parou. Uma voz feminina e ofegante atendeu.

— Alô?

— Miss Russell?

— Ela mesma.

— É Mike Barrett. Desculpe incomodá-la, mas...

— Já não lhe disse que não quero mais falar com o senhor?

— Espere. Não fui eu quem quis telefonar. Foi a pedido de Jerry.

— De Jerry?

— Do seu primo. Estou aqui com ele agora. Eu...

— Não compreendo. Não pode ser. Ele está proibido de sair de casa.

— Sejam quais forem as ordens que lhe deram, o fato é que ele saiu logo no começo da noite. Para não perder tempo, deixe-me explicar-lhe o que aconteceu. Mas antes seria bom que me dissesse se alguém pode escutar o que se fala nesta linha.

— Não... não, é só minha — a voz estava ansiosa. — O que aconteceu? Houve alguma coisa?

— Jerry já está bem, mas a coisa esteve por um fio durante certo tempo. Vou resumir.

Pouco depois das sete horas, eu tive de passar por um bar de adolescentes na Melrose Avenue...

Descreveu em poucas palavras a chegada de Jerry ao Locomotiva Clandestina, o que testemunhara das confrontações de Jerry com George Perkins e Darlene Nelson, e a sua descoberta do corpo desfalecido de Jerry dentro do Rover. Depois deu-lhe as boas novas do Dr. Quigley.

— Jerry queria que alguém entrasse em contato com a menina. Não queria que ninguém mais soubesse.

— Ninguém pode ficar a saber — replicou logo, nervosa. — Mas ele está bem, mesmo. O médico disse que estava, não disse?

— Totalmente. Quando chegar aqui, Jerry já poderá acompanhá-la de volta para casa.

— Irei em seguida.

— Tome nota do endereço. disse qual era, e depois desligou.

Devolvendo o telefone ao aparador, Barrett ficou a pensar se lhe convinha esperar pela chegada de Maggie Russell. Não havia motivo senão o de tornar a vê-la e insinuar-se em suas boas graças. A ideia desagradou-lhe. Tão-pouco desejava embaraçá-la ainda mais com a sua presença. Apesar do que fizera pelos Griffith nesta noite, continuava sendo o inimigo.

Então lembrou-se do processo iminente. Havia tanto que fazer e o tempo era tão curto. Faye Osborn só chegaria ao apartamento às onze. Restava-lhe um período de várias horas úteis, durante as quais poderia pesquisar os precedentes legais em julgamentos de censura anteriores.

Avisaria o Dr. Guigley de que Maggie Russell viria dentro de poucos minutos e que ele estaria à disposição do médico em seu escritório para qualquer eventualidade. Aí então, depois de chamar um táxi para o levar de volta ao parque de estacionamento onde deixara o seu carro, pôr-se-ia a caminho.

Na quietude noturna do escritório, Mike Barrett tinha-se dedicado, não ao estudo da jurisprudência em processos anteriores de censura, mas a uma pasta que continha artigos e ensaios sobre o assunto, publicados em revistas americanas e inglesas durante os últimos doze anos. Eram, na maioria, escritos por autores, críticos, editores e autoridades no assunto, colecionados por Leo Kimura, para lhe dar e a Zelkin um panorama atualizado dos argumentos sobre censura no campo literário.

Tinha lido nove ou dez desses artigos e estava a passar os olhos por um, da autoria de Maurice Girodias para a publicação londrina *Encounter*, quando um determinado parágrafo lhe chamou a atenção. Girodias dizia que quase todos os seres humanos nasciam de um ato de luxúria pouco romântico, que a espécie ainda continuava a propagar-se através da luxúria, e que quase todos os seres humanos viviam tão preocupados com o sexo como com a comida e o sono; no entanto, embora o sexo fosse fundamental para a vida de cada indivíduo, a sua prática tornara-se complicada e a sua imagem distorcida pela hipocrisia convencional. Para ser franco, prosseguia Girodias, todo o homem e toda a mulher se envolvem

diariamente em atos de estupro. Foi esse parágrafo que Barrett releu com a maior atenção.

“O estupro”, escrevia Girodias, “é considerado a forma de agressão mais incivilizada ao recato de uma pessoa. E no entanto, o pacato homem de família, o marido cordato e fiel cuja única conquista feminina memorável se efetua através do casamento, geralmente estupra dezenas de raparigas por dia. A posse, naturalmente, é apenas visual; um rápido olhar de admiração, eis no que se resume esse micro-estupro, sempre furtivo, e muitas vezes até insciente. Mas a ação está aí mesmo e de fato fornece uma dose mínima de satisfação sexual... Quanto à esposa fiel do mesmo indivíduo, ela recorre à moda, jóias e perfumes, para seduzir o próprio marido? Absolutamente: ela usa todos esses artefatos porque quer oferecer-se a toda a espécie de machos, seduzir e ser violentada por todos — visualmente, lógico. Os vestígios dos impulsos do homem pré-histórico ainda estão em funcionamento.”

Como isto é verdade, pensou Barrett.

Os seus próprios sentimentos o atestavam. Possuía uma mulher em todos os sentidos, menos legalmente: Faye. No entanto, ontem o bárbaro íntimo, culto por baixo do verniz civilizado, forçara-o a cometer estupro pelo menos duas vezes — primeiro contra uma moça de biquíni que saía da piscina do Beverly Hills Hotel, e mais tarde contra uma bela mulher chamada Maggie Russell, que tinha seguido até ao bar do Beverly Hilton Hotel. A única diferença entre ele e Jerry Griffith, entre Jerry e a maioria dos homens, era que Jerry tinha violado uma mulher à força com o pênis, ao passo que Barrett e os outros violavam com os olhos. O ato de Jerry era criminoso, ao passo que o seu era inofensivo, não resta dúvida. Mas ambos os tipos de estupro inspiravam-se no mesmo ímpeto selvagem e natural. A diferença residia apenas no fato de que Jerry se vira impotente para controlar o próprio impulso, enquanto a vasta maioria dos homens era bastante racional para canalizar esse impulso de uma ou de outra maneira socialmente aceitável. O que importava é que nenhum homem podia julgar-se superior aos seus semelhantes na sua atitude perante o sexo, ou acreditar que estivesse totalmente isento de culpa.

Quantos estupros visuais não cometeria Elmo Duncan, o protetor da moral pública, cada dia, todas as semanas?

Sacudindo a cabeça, Barrett retomou a leitura. Terminado o artigo, já se preparava para iniciar o seguinte, quando o telefone tocou a seu lado.

Atendeu.

Era Maggie Russell.

— Esperava encontrá-lo quando cheguei a casa do Dr. Quigley — disse ela. — Ele contou-me que o senhor tinha ido prò seu escritório.

— Ficou tudo resolvido?

— Jerry já está bem. Entrei em casa com ele sem ninguém notar. Deixei-o a dormir.

Eu... eu gostaria de saber se poderia falar-lhe por um instante pessoalmente.

— Pois não — concordou Barrett com evidente entusiasmo. — Só que não há necessidade de vir tão longe até este lugar abafado.

Para falar a verdade, eu ia voltar daqui a pouco prò meu apartamento, e pensei em parar em Westwood para comer uma sanduíche e tomar uma xícara de café. Acha que pode encontrar-se lá comigo?

— No lugar que o senhor quiser. Não tomarei muito tempo.

— Deixe-me ver. Eu conheço... bem perto do Westwood Boulevard há um restaurante, onde servem café com sanduíches, chamado Ell's. Fica a...

— Sei qual é.

— Então, digamos, dentro de quinze minutos. Dezasseis minutos mais tarde, precisamente, Mike

Barrett encostava o carro no posto de gasolina ao lado do Ell's. Deu instruções para que enchessem o tanque e pusessem um quarto de óleo, se fosse preciso, e apressou-se a entrar no restaurante.

Ela já tinha chegado. Estava sentada a uma mesa ao fundo, a fumar pensativa, e não o viu entrar.

Passando pelas banquetas do balcão, Barrett aproximou-se, sem despregar os olhos dela. Os cabelos escuros, luzidios, os olhos cinza-esverdeados bem separados, sedutores, o lábio grosso inferior

continuavam mais atraentes do que nunca. Tudo o que conseguia enxergar do trajo por cima da mesa era a diáfana blusa de seda branca que Maggie vestia, colada, provocante, aos seios pontiagudos, deixando entrever os contornos do soutien.

Outro estupro, pensou. E não pôde evitar um sorriso.

Mas depois, chegando ao lado da mesa, viu como ela estava séria e, lembrando-se do que sucedera no início da noite, e o quanto aquilo devia tê-la afectado, também ficou sério.

Vindo aqui, não especulara muito sobre o motivo que ela teria para querer falar-lhe, embora adivinhasse. E segundos após cumprimentá-la, ocupando a cadeira vazia no lado oposto da mesa e pedindo sanduíches de queijo quente e café para ambos, Maggie confirmou o que ele adivinhara.

— Precisava falar com o senhor, desculpar-me por ter sido tão rude ao telefone — disse ela —, e agradecer-lhe, coisa que na ocasião me esqueci de fazer, pelo que fez por Jerry e... por mim. Não sei como poderemos algum dia retribuir-lhe.

— Miss Russell, eu apenas fiz o que qualquer outra pessoa no meu lugar teria feito.

— Qualquer outra pessoa não, e ainda mais um advogado — insistiu. — Tenho a certeza de que existe uma porção de colegas seus, desonestos, que desviariam os olhos noutra direção, deixando uma testemunha da oposição morrer numa situação semelhante, só porque reforçaria a posição deles no tribunal. Aposto que há uma porção desse gênero.

— Miss Russell, a menina está a falar de criaturas, sub-humanas. Eu estava a falar de gente.

— Sim — disse ela, esperando que a criada servisse o café, depois continuou: — De qualquer modo, peço-lhe perdão pelo meu comportamento ao telefone. Meti-me num táxi para ir a casa do Dr. Guigley e no caminho dei conta da frieza com que o tratara. Esperava encontrá-lo lá para lhe pedir desculpas e revelar a minha gratidão pessoalmente. O Dr. Guigley disse que o senhor tinha ido prò escritório. Por isso, depois de levar Jerry, sem ninguém ver, pra cama, tomei coragem, e olhe que não foi fácil, para lhe telefonar.

— Foi bom que telefonasse. Já lhe contei o que vi no Locomotiva Clandestina. Ainda não sei o que fez Jerry sair a correr daquela maneira. Ele não disse nada?

— Não. Estava muito doente e cansado para dizer coisa alguma. Duvido que tocasse no assunto comigo. Só sei que não lhe vou perguntar nada.

— Não quis insinuar isso. Mas é que se trata de um assunto muito sério. Quando um rapaz tenta matar-se, acho que convém descobrir o motivo. Suponho que ele tão-pouco disse qualquer coisa sobre isso?

— Não disse nada. Nem sequer explicou como conseguiu os comprimidos.

— Pode ser que as complicações e problemas dele tivessem atingido um ponto de ebulição e terminassem por explodir. Eu só queria saber o que teria provocado essa explosão. A maneira com que George Perkins o tratou? Alguma coisa dita por Darlene Nelson? Ou algo que aconteceu durante o dia, de manhã, ou de tarde?

— Não sei — replicou Maggie. Os olhos de ambos cruzaram-se por um momento e depois ela pousou os seus na mesa. — Ou talvez saiba. Houve uma coisa que aconteceu hoje.

Creio que devia contar-lhe. O senhor interessou-se o suficiente por Jerry para., para salvá-lo, portanto acho que merece saber. Mas antes, eu... eu tenho uma pergunta para lhe fazer.

— Diga.

— Gostaria de saber porque é que o senhor foi àquela boate, com tanto lugar para ir.

Andava a seguir Jerry... a sombra dele? Suponho que seja uma das coisas que os advogados têm de fazer para obter provas.

— Não acredite em tudo o que vê na televisão, Miss Russell.

— Não, mas...

— Para ser franco, eu não andava a seguir Jerry. Nunca me passou pela cabeça que ele fosse atrever-se a sair de casa enquanto estivesse em liberdade sob fiança. Eu andava a seguir outra pessoa. Ou, antes, procurava encontrar outra pessoa. Soube que Jerry tinha um amigo chamado George Perkins. Cheguei até a falar com ele. Eu esperava encontrá-lo com alguns amigos, que contava que fossem

também amigos de Jerry. Soube que o Locomotiva Clandestina era o lugar favorito da maioria da garotada. Hoje à noite era lá dia de grande estreia. Achei que George Perkins talvez se interessasse. Como de fato aconteceu. Nunca imaginei que também pudesse atrair Jerry Griffith. Quando ele apareceu, eu... eu nem me aproximei de Jerry... resolvi não importuná-lo até àquela pequena cena incrível com Darlene, quando ele me deu a impressão de ter ficado arrasado, antes de sair a correr.

Depois decidi que seria melhor ir atrás dele, para ver o que estava a acontecer. Bem, não há dúvida de que o encontrei.

— Graças a Deus — murmurou ela.

— Satisfeita com a explicação. Miss Russell?

— Desculpe. Não tencionava exigir-lhe explicações. Há-de pensar que desconfio de cada movimento que faz. Ontem, à noite, eu desconfiava. Mas pode crer, Mr. Barrett, hoje, já não desconfio.

— ótimo.

A criada trouxe as sanduíches. Depois que ela se retirou, Barrett começou a comer.

Erguendo os olhos, percebeu que Maggie Russell não tinha tocado em nada à sua frente.

Olhava para ele, preocupada.

— Prometi contar-lhe algo que aconteceu hoje e que podia ter... bem, podia ter abalado Jerry sem motivo.

— Não precisa de contar-me coisa alguma. Miss Russell.

— Não me considero desleal por lhe falar nisso. De todas as maneiras, terminará por saber mesmo, e talvez forneça uma explicação para o comportamento de Jerry hoje à noite.

Mr. Yerkes, Luther Yerkes... não sei como ele se imiscuiu nos nossos problemas, a não ser que seja pelo fato de ser um dos maiores clientes de meu tio, mas desconfio de que ele possui certo interesse político em apoiar o Promotor Público para um cargo mais elevado,, e acha que Jerry possa ser uma testemunha importante contra Os Sete Minutos... pois bem, ele esteve lá em casa diversas vezes, e hoje, logo depois do meio-dia, foi até lá, levando consigo o psicanalista que o advogado de meu tio, Mr. Polk, havia sugerido. O Dr. Roger Trimble. — Luther Yerkes a visitar os Griffith — Barrett

estalou a língua. — Bom, eu não me devia admirar. É lógico. Até agora sabia só de boatos, sem confirmação, de que Yerkes apoiava Duncan pró Seriado. O que me está a dizer parece confirmá-lo. Também explica a quantidade de publicidade que Duncan está a receber antes do julgamento. Desculpe a interrupção. Continue, por favor.

— Jerry devia iniciar tratamento com o Dr. Trimble, contra sua vontade. A primeira sessão foi hoje, lá em cima, no quarto de Jerry, só com o Dr. Trimble e ele. Mais ou menos uma hora depois, o Dr. Trimble desceu e fez uma espécie de diagnóstico do estado de Jerry. Sem entrar em pormenores, não me importo de repetir o seguinte. Ele disse que Jerry andava extremamente perturbado. Disse que Jerry se mostrava completamente ambivalente a respeito do estupro. Por um lado, detestava comentar o incidente. Por outro, quando comentava, revelava certo orgulho pela façanha. Ele disse que Jerry sofre de um impulso de autodestruição, possivelmente real, mas sendo mais plausível que fosse fantasia. Julgava que Jerry precisava de submeter-se ao menor número de imposições possível. Aí então Mr.

Yerkes quis saber como Jerry reagiria se fosse chamado a depor pela acusação contra o livro. O Dr. Trimble tergiversou. Achou que era cedo de mais para opinar. Era verdade que Jerry se considerava vítima do livro, e se conservasse essa atitude, podia ser uma testemunha de peso, articulada. Ao mesmo tempo, Jerry estava assustado e apreensivo com a ideia de falar em público, e se se retraísse ainda mais, tornar-se-ia inútil para a acusação.

Depois o Dr. Trimble prometeu a Mr. Yerkes e ao Tio Frank que tentaria conversar uma hora diariamente com Jerry, até ao início e durante o julgamento. Nenhum deles parecia compreender, como eu compreendo, o estado de nervosismo de Jerry por ter de ser examinado por um psicanalista. Ele deseja apenas que o deixem em paz... apesar da louca incursão em público que fez hoje à noite... e ofende-se com qualquer intrometimento médico na sua vida íntima. Sou bastante objetiva para reconhecer que ele realmente necessita de tratamento. Só que o momento me não parece apropriado.

— Tenho a certeza de que o Dr. Trimble já percebeu isso — afirmou Barrett. — Creio que o auxílio dele será sobretudo uma espécie de apoio, para dar forças a Jerry de enfrentar o julgamento.

Maggie Russell mordiscou a sanduíche, tornando a largá-la no prato e afastando-a para o lado.

— É, suponho que sim. Se fosse só o Dr. Trimble, não me preocuparia. O que me preocupa é essa pressão toda que Mr. Yerkes e Tio Frank estão a exercer sobre Jerry. O senhor devia ter visto o que aconteceu depois que o Dr. Trimble se foi embora. Mal ele virou as costas, Mr. Yerkes anunciou que tínhamos sorte em que a imprensa e o pessoal da televisão estivessem tão interessados em Jerry. Mr. Yerkes acha que eles precisam de ser cortejados, porque dará ao público uma oportunidade de ver, ouvir e ler em primeira mão a respeito dos perigos que um livro pornográfico pode ter sobre um adolescente, o que criaria simpatia em torno de Jerry. Mr. Yerkes disse que havia tomado a liberdade de convidar Merle Reid para entrevistar Jerry. E de fato, Merle Reid já estava à espera do lado de fora.

— Reid? — perguntou Barrett. Estivera a tomar o café. Baixou a xícara. — Refere-se àquele comentarista da televisão?

— O que tem programa todas as noites, de costa à costa.

— É nojento. Uma coisa pior que novela. Outra noite assisti à entrevista que ele fez com um condenado à cadeira eléctrica. Dava a impressão de que estava num bate-papo de baile de formatura.

— Ainda bem que concordamos. Porque aquele cretino insensível também me deixa doente. Mr. Yerkes foi buscá-lo lá fora, junto com dois técnicos, um carregado de uma câmara manual e o outro dos refletores. Tio Frank pediu-me que trouxesse Jerry à sala.

Recusei-me. E Tia Ethel apoiou-me. Será preciso dizer mais? Jerry ficou feito um pobre cachorrinho encolhido de medo. E quando Merle Reid, com aquela câmara de televisão a zumbir, lhe perguntou qual fora exatamente o trecho de Os Sete Minutos que o levava a sair correndo para violentar a moça... meu Deus, foi uma coisa horrível. Jerry teve simplesmente uma crise, começou a soluçar, e eu, sem ligar ao que pudessem dizer mais tarde, arranquei-o no mesmo instante daquela sala. Ninguém tentou impedir-me. Mas

Luther Yerkes pôs-se a festejar o acontecimento como se tivesse sido um triunfo. Repetia sem parar a Reid: — “Está a ver? Viu o que um livro imoral pode causar a um rapaz?” E o burro do Reid só dizia: — “A cena em que ele não aguentou mais foi sensacional, absolutamente formidável.” E continuaram deste modo, como se estivessem a referir-se a um autómato. Seja como for, Mr. Barrett, basta para fazer uma ideia da situação emocional de Jerry antes de se escapulir de casa.

Parecia aliviada por se ter livrado de um peso, e terminou o café com mais calma.

Barrett olhou-a pensativo durante alguns segundos. Finalmente falou.

— Sabe, Miss Russell? Eu tenho de fato a impressão de que toda a gente naquela casa tem medo de Frank Griffith. Acertei?

Ela franziu as sobrancelhas e contemplou a xícara vazia.

— Eu... eu realmente não saberia dizer. Mesmo que soubesse, não diria. Talvez eu já lhe tenha dito mais do que devia. Mas se me tivesse calado, não seria justo.

— Muito bem, Só me admiro que Mr. Griffith, conhecendo as condições precárias do filho, lhe faça tantas exigências.

— Ele não faz por mal, tenho a certeza. Acho que procura realmente ajudar Jerry... mas à maneira dele.

Barrett concordou com a cabeça.

— É possível. Prometo não lhe fazer mais perguntas sobre os Griffith. No entanto, preciso de mais uma resposta, esta já em terreno pessoal, se não se importa.

— Depende.

— A menina é bonita, jovem, inteligente. O tipo de pessoa que conseguiria tudo o que quisesse tentar, E mesmo assim, confinou-se à casa dos Griffith, a um trabalho que não lhe exige muito. Parece meio limitado para uma jovem com os seus predicados. Já me perguntei porquê. Agora reuni coragem para lhe perguntar. Porquê, Miss Russell?

— Não há nenhum mistério. É bem simples. Estou a fazer o que gosto de fazer, — Não posso crer que a explicação seja assim tão simples.

Mostrou-lhe um sorriso hesitante.

— Agora é o senhor que está a ser desconfiado — voltou a ficar séria. — Sim, suponho que o motivo seja mais complicado. Deixe-me ver. Para começar, sempre senti necessidade de possuir uma família, ter alguém perto de mim. Os meus pais morreram quando eu era muito criança. Havia uma porção de parentes, e fui passando de um para outro, mas sempre com a sensação de ser uma estranha no ambiente. Quando completei a maioridade, fugi e tratei de ter vida própria. Primeiro fui pra Universidade de Boston. Foi lá que me formei.

— Em quê?

— Psicologia. Fiz também um curso de literatura inglesa. Mas nada disso interessa.

Todas as jovens só pensam numa espécie de formatura... o casamento.

— Já foi casada?

— Não. Andava muito ocupada em busca de mim mesma para me preocupar com a procura de outra pessoa.

— Isso ainda vale para hoje em dia?

— Mais ou menos. O senhor está a ser curioso de mais, Mr, Barrett. De qualquer modo, voltando à odisséia que me trouxe a Los Angeles. Minha mãe tinha sido sempre mais apegada à sua irmã mais velha, Ethel... Ethel Griffith... e Tia Ethel gostava muito da mamãe e, conseqüentemente, sentia certa responsabilidade por mim. Vivia sempre a mandar dinheiro, o que me ajudava a pagar o colégio. Sem ela, provavelmente, nunca me teria formado.

O pensamento de Barrett voltou à sua relação com Phil Sanford e ao teorema que daí tirara. Toda a gente deve algo a alguém. Toda a gente se endivida. Toda a gente, cedo ou tarde, tem de ressarcir a dívida. Não existe homem livre em parte alguma. A linha da vida de toda a gente não era infinita mas um círculo, um círculo fechado, com uma jaula.

Olhou para Maggie Russell.

— Por isso achou que tinha de reembolsá-la?

— Não só isso. Foi também por necessidade de um convívio familiar. Eu queria conhecer a Tia Ethel e descobrir como seria

transformar-me em membro da família.

Assim, quando me ofereceu um emprego de secretária social e dama de companhia, aceitei logo. Além do mais, fiquei empolgada com a ideia de conhecer Los Angeles. Para falar a verdade, nunca pensei em ficar mais do que um ano em companhia de meus tios. Vim com essa condição. Mas tornei-me parte da família e, quando vi até que ponto a Tia Ethel necessitava de mim, e Jerry também dependia de mim, bem, simplesmente fui ficando. O que me traz à segunda, e principal, razão de morar com os Griffith. Conforme já lhe disse ontem, é Jerry. Gosto imensamente dele, É muito meu amigo. Admira a minha parca independência. E na fase transitória de crescimento em que está, acho que significo muito para ele. E agora, naturalmente, confia em mim mais do que em qualquer outra pessoa. Não sei se me fiz entender.

— Sim, entendo perfeitamente porque vive lá. E deixe-me reiterar-lhe uma coisa: Yerkes, Duncan, Frank Griffith, todos me colocaram no papel de inimigo de Jerry, por defender o livro que eles supõem que o arruinou. Mas, torno a repetir-lhe, esse papel não me serve. Sinto pena de Jerry. Não pode imaginar a pena enorme que ele me deu há horas atrás. Era como se fosse meu próprio filho ou irmão mais novo. Seria incapaz de fazer qualquer coisa neste mundo para prejudicá-lo. Pode crer quando digo que não estaria a defender Os Sete Minutos, se julgasse que este houvesse sido responsável pela desintegração de Jerry. Jamais pensei numa coisa dessas. Acho que se trata de um livro excelente e muito bonito.

O seu olhar cruzou-se com o dele, e depois declarou calmamente: — Eu também acho.

— Quer dizer que o leu?

— Li.

— E gostou?

— Adorei. Comovi-me com cada palavra. Não faça essa cara de espanto. Não há nenhuma incongruência. As pessoas possuem estruturas neuróticas diferentes. Podemos ser postos diante de um determinado objeto, que alguns acharão bonito e outros feio. Achei o romance bonito. Jerry achou-o feio, e por ser ele do modo que é, comoveu-o de uma maneira terrível. Mas isso não influencia a minha

opinião literária sobre o livro. Apenas prova que as pessoas são diferentes e reagem à mesma coisa de modo diverso. Eu quero crer que seja verdade o que o senhor estava a dizer, que Os Sete Minutos não é responsável pelo crime de Jerry. Porque concordo com o senhor a respeito do livro e da censura em geral. Ao mesmo tempo, o que o senhor diz não ficou comprovado. E a única evidência que tenho é a palavra de Jerry de que o livro o abalou. Se isso for um fato, então a minha opinião sobre o livro não tem a mínima importância. Se ele prejudicou Jerry e, por intermédio de Jerry, Sheri Moore, se pode prejudicar outros, qualquer pessoa, seja lá quem for, então deve ser condenado e suprimido. Sei que isso está confuso, Mr. Barrett, mas como posso explicar os meus sentimentos de outra forma? Deixe ver se consigo colocá-los em outros termos. Sou a favor do livro, porém contra tudo ou quem quer que seja que possa causar mal a Jerry. Se o livro lhe causou algum dano, então tenho de modificar a minha crença estética nele. Então quero que seja retirado imediatamente da circulação.

Curvando-se para a frente, Barrett disse seriamente: — Miss Russel, se um livro é capaz de levar um indivíduo à violência, então eu também quero que o retirem da circulação. Esse foi o único critério que o Juiz Curtis Bok estabeleceu no caso Roth. “Um livro somente pode ser constitucionalmente condenado como obsceno quando existe causa razoável e demonstrável para acreditar-se que um crime... tenha sido cometido... como resultado palpável da publicação e distribuição da matéria escrita em questão.” A União de Liberdades Civis Americanas fixou o mesmo critério: “Toda a restrição ou punição governamental de qualquer forma de expressão sob o pretexto de obscenidade requer prova que elimine qualquer dúvida em contrário de que essa expressão seja capaz de provocar diretamente num adulto normal uma conduta que possa ser considerada validamente como criminosa por lei.” Nós dois concordamos com isso. A questão é: pode um livro pornográfico levar uma pessoa a cometer um crime sexual? Quase todos os psiquiatras afirmam que não. Eles dizem que os delinquentes sexuais já padecem de outras enfermidades antes mesmo de pegar num livro pornográfico. O Dr. Wardell Pomeroy,, sucessor de Kinsey

no Instituto de Pesquisa Sexual, fez um estudo de delinquentes sexuais, e concluiu: “Não há nenhuma evidência de que a pornografia instigue atividades anti-sociais.”

“Desculpe-me estar a falar que nem um advogado, mas acontece que é o que eu sou.

E devo frisar que Mrs. St. Clair, da LFD, leu Os Sete Minutos. Não ficou corrompida por isso. Elmo Duncan leu o livro. E não se depravou. A menina também leu, Miss Russell, e não vejo nenhum ato anti-social que tenha cometido. Portanto porque será que somente Jerry foi influenciado? Não, Miss Russell!, nada me há-de convencer, nem mesmo o próprio Jerry, de que esse livro o incitasse a cometer um ato criminoso. E compreenda o seguinte... não ando atrás de Jerry ou de sua credibilidade como testemunha. Ando atrás da verdade a respeito de Jerry. atrás das verdadeiras causas do seu comportamento. Quero saber quais foram os outros fatores da vida dele que contribuíram para fazer esse rapaz quieto, decente, correr feito louco pelas ruas à procura da primeira jovem que pudesse violar. Quero a verdade a respeito das motivações mais profundas que impelem a juventude à violência. Nós sabemos que existem inúmeras causas. Uma delas é a família, as relações familiares, ou a falta dessas relações. São esses os fatos de que eu ando à procura. Se puder achá-los, não só provarei que o livro está inocente desse crime, como ainda prestarei um serviço a Jerry e a todo o garoto como ele, expondo os autênticos culpados responsáveis pelas explosões de violência que sentiram.

Ela conservou-se calada um instante. Depois perguntou: — Ainda não encontrou nada?

— Nos antecedentes de Jerry? Pistas, talvez. Nenhuma prova. Nada que pudesse ter serventia num tribunal de justiça.

— Mas se encontrasse algo... além do livro, digo... que explicasse a conduta de Jerry, isso não prejudicaria o próprio caso dele?

— Miss Russell, isso só poderia ajudar o caso dele. Quando chegar a hora em que ele for receber a sentença, talvez fornecesse circunstâncias atenuantes mais humanas e compreensíveis do que a influência perniciosa da página impressa. Creio que aí então o juiz ver-se-ia obrigado a impor sentença mais leve.

— Acredita mesmo que sim?

— Com toda a sinceridade.

— Bem... — disse ela, e parou, analisando-lhe o rosto.

— Talvez eu esteja a começar acreditando no que o senhor diz. Ou talvez seja uma tonta, deixando-me lograr. Porém... — hesitou.

— Embora me pareça que não deva dar-lhe informações pessoais diretamente, é possível que haja outras pessoas dispostas a falar com mais liberdade. Quer conhecer os antecedentes de Jerry?

— Quero.

— Sabe, antes de eu vir para cá, minha Tia Ethel tinha outra mulher que estava com ela havia um ano ou dois. Servia-lhe apenas de dama de companhia e como uma espécie de enfermeira eventual, que não se envolvia em nenhum trabalho de secretariado como eu.

Depois que se foi embora, ou foi despedida, ou sei lá o que aconteceu, é que minha tia me propôs o emprego. Ela talvez pudesse esclarecer-lhe alguma coisa.

— Como se chama?

— Mrs. Isabel Vogler. Acho que morava em Van Nuys. É o máximo que posso oferecer-lhe para demonstrar gratidão pelo que fez hoje à noite.

— Obrigado.

Ela apanhou a bolsa.

— O senhor esteve a fazer-me perguntas, Mr. Barrett. Eu também tenho algumas, sabe?, que gostaria de lhe fazer.

— Porque não faz? Gosto muito de falar de mim mesmo.

— Não. Pensando bem, prefiro não fazer. E aliás agora já é muito tarde. Tenho de dormir um pouco, se pretendo tomar conta de Jerry.

— Nem ao menos uma?

— Ia perguntar-lhe a respeito de Faye Osborn. Conheço-a ligeiramente. Agora conheço-o um pouco também. Fiquei meramente curiosa.

— Sobre o que ela vê em mim, ou vice-versa?

— Essa pergunta foi sua, Mr. Barrett, não minha. Sobre o vice-versa, sinto-me curiosa mas não é por maldade. Não, eu estava apenas curiosa por saber como se conheceram e tudo o mais. Mas isso pode esperar — ergueu-se. — Agora preciso de ir a correr.

Barrett pôs-se de pé.

— A menina disse que a sua pergunta ou perguntas podiam esperar. Quer dizer que está disposta a encontrar-se de novo comigo?

— Ah, eu não pretendi...

— Pois então eu pretendo. Eu gostaria de vê-la outra vez. Não para me intrometer, prometo-lhe. Estritamente social.

— Não me tente, Mr. Barrett. Mas receio que seja impossível. Se fôssemos vistos juntos em público e a família viesse a saber que ando a encontrar-me com o senhor, interpretariam mal. Não, deixemos as coisas do jeito que estão. Masse... se eu puder auxiliá-lo de alguma maneira, seja qual for, quero dizer, de maneira que não prejudique a minha relação com a família, bem, nesse caso o senhor tem o número do meu telefone particular.

— Não esquecerei.

Aprontou-se para sair da mesa e, quando ele se levantou para acompanhá-la, ela estendeu-lhe a mão.

— Não, acho mais prudente que me vá embora sozinha. Boa noite, e obrigada pelo convite.

— Boa noite, Miss Russell.

Observou-a até que desapareceu e, depois, ao apanhar a conta, viu ao lado o guardanapo onde rabiscara o nome da antiga empregada de Griffith, Mrs. Isabel Vogler, de Van Nuys.

Uma possível fresta para espreitar o passado dos Griffith.

A dádiva de gratidão de Maggie Russell.

Era uma autêntica pista e, apesar da hora tardia, decidiu segui-la imediatamente.

Deixando a gorjeta, foi até à caixa, pagou a conta e depois voltou ao posto de gasolina.

Entregou o seu cartão de crédito ao encarregado e perguntou se não havia uma cabina telefônica. O homem mostrou onde era. Ao ver-se no interior da cabina, Barrett ligou para o número de informações e teve o alívio de saber que existia uma Mrs. Isabel Vogler na lista de Van Nuys. Separou logo o troco, depositou as moedas necessárias e discou o número que lhe fora dado.

O receptor foi retirado ruidosamente do descanso em Van Nuys. Ouviu-se aguda, a voz sonolenta de um garotinho:

— Alô?

— É aí que mora Mrs. Isabel Vogler?

— É. Mas a mamãe não está em casa. Foi à vizinha. Ela disse para receber os recados. Disse para ver quem era e tudo o mais. O senhor está a telefonar porque tem um emprego pra mamãe?

O motivo por que estava a telefonar a Mrs. Vogler seria complicado de mais para explicar a uma criança. Resolveu simplificar o recado.

— Sim, é sobre um emprego. Você tem lápis e papel? Diga-lhe que quem telefonou foi um senhor chamado Mike Barrett — soletrou devagar o nome. — Compreendeu? Barrett.

— Sim, senhor.

— Diga a sua mãe que eu gostaria de entrevistá-la amanhã às dez horas a respeito de um emprego. Vou dar-lhe o meu endereço, e se ela não puder vir na hora marcada eu deixo o meu número de telefone — ditou cuidadosamente o endereço, o número do apartamento e o do telefone. — Diga a sua mãe que eu espero que ela possa vir. E diga-lhe que pagarei a passagem de ônibus.

— Eu digo, Mr. Barrid.

— Barrett. Com dois tês. — Soletrou o nome de novo. — Compreendeu agora?

Saindo da cabina, Barrett parou para assinar o canhoto da conta e recolher o cartão de crédito. Dirigindo-se ao descapotável, surpreendeu-se a pensar em Maggie Russell.

Deliciou-se com a visão que a memória lhe trazia: os lábios úmidos entreabertos quando ela escutava, o movimento dos seios por baixo da blusa quando se animava, o meneio das coxas ágeis quando caminhava. Sim, estupro visual. Sentiu-se fraco.

De pé, ao lado do carro, pôs-se a imaginar as perguntas que ela realmente pretendia fazer-lhe a propósito de Faye.

Faye.

Deus do céu, quase a esquecera. Consultou o relógio de pulso. Passavam dezoito minutos das onze. Faye estaria à espera meia hora antes que chegasse ao apartamento. Não estava acostumada a

esperar e criaria problemas. Precisava inventar um pretexto plausível para explicar o atraso. Sem mencionar Maggie Russell, lógico. Uma testemunha, uma testemunha masculina, de quem precisara seguir o rasto e entrevistas. Talvez servisse.

Mas talvez não houvesse necessidade de nenhuma desculpa imediata. Porque, na sua irritação, era bem provável que Faye tivesse saído a bater com a porta do apartamento e ido para casa. Depois percebeu que essa hipótese não tinha cabimento. Esta era a noite da semana que ela chamava de sua "noite de gueixa". Jamais permitiria que não se consumasse. Ela adorava aquilo. E ele geralmente também a antecipava com ansiedade, só que hoje estava exausto. Já tivera uma mulher. Não se achava com disposição para outra.

Entretanto teriam de ser duas.

Entrou no carro. Já vou indo, Faye. Partiu rápido, para aderir à noite de gueixa.

Ela engoliu a desculpa e não criou o menor problema. Durante a primeira meia hora em que ficaram juntos, preparou duas bebidas para ele e duas para ela e depois recostou-se no seu braço no sofá, tagarelando sem pressa, provocando-o com beijos e fazendo tudo para o deixar contente. E não demorou muito que se mostrasse impaciente em ir para a cama.

Agora, pouco depois da meia-noite, ele estava de pé, descalço, ao lado da cama, tirando a camisa e as calças. Estava só de cuecas quando a ouviu sair da casa de banho.

Faye Osborn foi ao gira-discos portátil e encontrou a sua música de alcova favorita: A Dança Ritual do Fogo. de Manuel de Falia. Colocou o disco no prato, ligou o aparelho, deixando em volume baixo. Observando-a a ouvir a música, ondulante, depois deslizando para o lado oposto da cama, Barrett novamente deu conta de como se tornava muito mais suave e atraente quando despia os trajes de rua. Como sempre, vestia apenas um négligé transparente, desta vez cor-de-rosa, atado frouxamente ao pescoço. Os cabelos louros estavam soltos, arredondando-lhe as angulosas feições do rosto, e o ténue négligé revelava os mamilos escuros dos seios em forma de

lua e o umbigo cravado no ventre recto e o osso pélvico triangular que apontava para baixo, para a estreita parte vaginal.

O seu desejo aumentou, e começou a tirar as cuecas antes de se sentar na beira da cama.

— Mike, você deixa sempre isso do lado da cabeceira como se fosse a Bíblia? — perguntou ela, em tom despreocupado.

Ele olhou por cima do ombro.

— O quê?

Ela levantou o exemplar de Os Sete Minutos.

— Isto. Estava bem aqui, debaixo do abajur.

— Deixo sempre à mão. Consulto a toda a hora. Faz parte da preparação do julgamento. E, para ser franco, nunca me canso de lê-lo — atirou as cuecas para uma cadeira e meteu-se na cama. — Meu bem, eu também acho que você devia ler o volume que lhe dei.

Ela largou o livro em cima da mesa e depois reclinou-se sobre a cama, ajeitando o négligé enquanto se acomodava no travesseiro. Virou a cabeça para ele e disse com doçura: — Eu li, Mike. Terminei de ler ontem à noite.

— Então porque não disse logo? — rolou para o lado dela e apoiou-se ao cotovelo. — Pois agora que você já leu, não concorda com a minha opinião?

Ela estendeu a mão e tocou-lhe no peito nu.

— Mike, deitados assim aqui, é o tipo da hora em que a gente deve ser completamente sincero um com o outro, não é?

— Sinceros a respeito de quê? Refere-se ao livro?

— Sim, porque...

— Meu amor, isso não pode ficar para depois? Depois a gente conversa. Agora...

Começou a abraçá-la com o braço livre, mas ela levantou a mão para o impedir.

— Não, por favor, Mike. Agora, só por um instantinho, quero conversar. Porque o livro está ligado com... com tudo o mais que se relaciona connosco. Você não se importa?

O seu desejo sumira-se. A raiva começou a tomar o lugar da paixão.

— Importar-me? Ora, por quê? — tentou eliminar a irritação do tom da sua voz. — Você quer conversar primeiro, portanto vamos conversar. O plenário cede a palavra a Faye Osborn, a deslumbrante, irresistível...

— Mike, eu estou a falar sério. Ele sacudiu a cabeça solenemente.

— Sou todo ouvidos.

— Você não concorda que devemos ser completamente sinceros?

— Completamente sinceros.

— Muito bem. Então, Mike, vou dizer-lhe o que penso do seu precioso livro. Não, não acho que você tenha razão. Acho que você está enganado — pegou-lhe pelo ombro. — Mike, sejamos honestos, vamos falar claro. Eu li o livro. Detestei-o. É uma verdadeira droga, um lixo, vulgar, indescritivelmente nojento e totalmente desonesto. E eu sei que no fundo, bem no fundo, você concorda comigo. Aqui não há ninguém a escutar. Esqueça o seu compromisso com o caso. É ou não é um fato, Mike?

Ele sentou-se na cama, inflamado.

— Não, porra, não é um fato, não. Foi a beleza do livro que me fez aceitar o caso e não o contrário, como você parece pensar. O que é que está a dizer, Faye? Não posso acreditar no que estou a ouvir. Não posso mesmo. Como é que você disse que o livro era?

— Eu li, e depois tive vontade de me lavar toda com água e sabão. Disse que ele é vulgar, nojento, desonesto, um lixo. Se soubesse como era, nunca teria permitido que você se expusesse a defender em público uma indecência dessas. Você concordou em que podíamos ser sinceros, Mike. Eu estou a sê-lo.

— Okay, você está a sê-lo. Mas eu estou a procurar entendê-la. O que você leu em Os Sete Minutos que seja diferente do que nós fazemos todas as semanas e que estávamos prestes a fazer esta noite? Você considera vulgar e nojento o que fazemos?

Ela endireitou imediatamente o corpo.

— Mike, como é que ousa estabelecer uma comparação dessas! O que fazemos é decente. A nossa linguagem é decente. O nosso amor é sincero. Mas, mesmo assim, não creio que o que fazemos na

intimidade precise de ser alardeado em público. O sexo deve ser uma questão privada.

— Talvez ele tenha sido mantido privado de mais por um tempo excessivamente longo, e que seja por isso que tanta gente se aflige a esse respeito — retrucou Barrett. — E quanto ao nosso amor ser sincero, muito bem... mas porque é que o amor no livro há-de ser menos sincero?

— Porque é falso — insistiu Faye. — A heroína. Cathleen... todos aqueles pensamentos que ela tem durante a cópula foram imaginados apenas para excitar. Não têm nada que ver com a realidade. Quando na vida real uma mulher está a fazer amor, não é assim que ela pensa e sente. Isso é só a maneira que o autor, um homem, acha que uma mulher sente ou deve sentir. Até o Dr. Kinsey apoiaria o que estou a dizer. Você está sempre a lançar-me especialistas em rosto. Deixe que eu lance o Dr. Kinsey no seu. Ele diz que as mulheres desses livros pornográficos exaltam sempre o tamanho genital e a capacidade copulativa do macho, e que esses livros exageram sempre a reação e a insaciedade sexual feminina. No entanto, essa espécie de heroína retrata apenas o tipo de fêmea que a maioria dos homens gostaria que todas as mulheres fossem. Na vida real, porém... e agora não estou a citar ninguém a não ser eu, Mike... as mulheres não pensam nem sentem assim. Nunca. Só os Jadways. É ridículo e degradante. Mike, vá por mim, eu sei. Sou mulher.

O seu pensamento voltara-se para Maggie, uma mulher que ele também conhecia.

— Você é uma espécie de mulher, Faye — disse —, e sabe como se sente quando está a fazer amor. Mas há outras que talvez sintam de modo diferente, muito diferente.

— Que nem essa puta do livro?

— Que nem essa mulher decente do livro, cujas lembranças, desejos, pensamentos, sentimentos provavelmente se aproximam de uma reprodução do que quase todas as mulheres pensam e sentem no íntimo, mas têm medo de confessar.

— Nenhuma mulher respeitável sobre a face da terra jamais permitiria que essa espécie de lixo lhe enchesse a cabeça. E

nenhuma mulher sobre a face da terra, a não ser talvez uma prostituta de rua, imaginaria ou usaria semelhante linguagem.

— Que linguagem? A que linguagem você está a referir-se?

— Estou a referir-me a palavras. Todas aquelas palavras. Como a que ela usa para descrever quando se sente sensual, prostituta ou seja lá o que for, a palavra que ela usa para aquilo e para... pras partes íntimas dela.

— Que palavra? — perguntou ele. — Qual é a palavra tão repulsiva assim?

— Por favor, Mike, você sabe que eu não posso usar uma palavra dessas. Eu detesto... é indecente.

— Você quer dizer quando Cathleen faia que se sente como uma cona de alto a baixo?

— Mike.

— É isso, não é? A palavra "cona"?

— Mike, pare com isso.

— Escute uma coisa, meu bem. Essa palavra existe desde a Idade Média. É uma palavra que corresponde ao *cunnu* latino, que significa fenda ou vulva. *Jadway* não foi o primeiro a usá-la. *Geoffrey Chaucer* usou o seu equivalente em inglês medieval. *Laurence Sterne* usou-a. *John Fletcher* usou-a. *D. H. Lawrence* usou-a. Claro que é uma expressão de baixo calão, mas é um termo que uma infinidade de homens utiliza coloquialmente e uma porção de mulheres tem na cabeça. Que há de mal em que um escritor tenha a coragem de descrever o que se passa realmente na cabeça de uma mulher? — tentou acalmar-se, mantendo a discussão num plano de sensatez. — Faye, essa palavra está em *Os Contos de Canterbury*. A esposa de *Bath* diz: — "Então com licença, velho gagá. Logo mais cona não lhe faltará". Só que *Chaucer* usou a grafia medieval (A grafia moderna dessa palavra em inglês é *cunt*. No texto de *Chaucer* está *queynte*.). Você expulsaria *Chaucer* das escolas e bibliotecas por tê-la usado?

A indignação de Faye não diminuiu.

— Mike, eu não sou criança. Não me venha com aulas, nem tente desarmar-me com pedantismos. Estou simplesmente a dizer que sou uma mulher, parecida com a maioria, e sei o que me

escandaliza. Pouco me interessa quem usou a palavra... Chaucer, Lawrence, qualquer deles... a palavra continua nojenta, É desonesta e todo o escritor que a emprega não conhece nada sobre as mulheres, é hostil com elas, quer degradá-las e prega o desrespeito feminino em cada leitor masculino, moço ou velho. Não adianta você torcer o nariz, Mike. Sei quando estou certa e você está errado. Abomino essa espécie de linguagem e não quero que tome parte nessa imundície. Agora vejo como o Papá tinha razão em querer afastá-lo desse tipo de caso. Ele sabia que corromperia e deformaria quem se envolvesse nele. E já está a fazê-lo você dizer e fazer coisas que sei que são contrárias à sua verdadeira natureza. A referência ao pai tornou a desanimá-lo. Os últimos resquícios de raiva bateram em retirada, e só sobrou uma pequena parcela de ressentimento.

— Pois eu continuo no caso e não pretendo sair dele — afirmou, com voz tensa. — Quanto ao julgamento de Jadway, ou meu mesmo, sobre o que ocorre secretamente no espírito das mulheres, talvez nós dois estejamos enganados.

É possível que nunca se venha a saber. E que as próprias mulheres o não saibam. Mas ao menos, estejamos certos ou errados, o emprego de determinada linguagem como recurso literário para mostrar os mistérios do subconsciente talvez constitua defesa suficiente dessas expressões de baixo calão.

Durante estas últimas frases, a cabeça dela entortou um pouco para o lado enquanto o escutava, observando-o — tentando avaliar o seu grau de aborrecimento, calculou ele — e agora estava sorridente, abrandando-se, pronta a chegar a um compromisso. A sua mão primeiro tocou e depois cobriu a dele.

— Ainda bem que você compreende um pouco o meu ponto de vista. Tentarei compreender o seu. Sei apenas que sou mulher e rebelo-me contra tudo o que me degrada.

Sou mulher e quero respeito e amor. Você sabe disso. Mike.

— Claro que sei.

A mão de Faye subiu-lhe pelo braço e, à medida que ela tombava lentamente sobre o travesseiro, puxava-o delicadamente para baixo até que ele se deitou a seu lado. Correu-lhe os dedos pelo cabelo.

— Desculpe, Mike — disse baixinho. — Não quero brigar por causa de toda essa parvoçada. Quero amá-lo a você.

Aproximou-se ainda mais, encostando-lhe a cabeça ao peito.

— E eu sei o que me passou pela ideia nestes últimos minutos. Não era nenhum palavrão. Apenas uma palavra: “amor”. Não paro de pensar no quanto lhe quero e preciso de você, e como só desejo o que for melhor para você e para nós dois.

— Sim — disse ele.

Corneille sugeriu-lhe a próxima deixa: “Oh céus, quantas virtudes me fazes odiar.”

Guardou-a para si mesmo.

— Não seja frio, Mike, não me castigue — continuou ela, com voz abafada —, ainda mais quando eu lhe quero tanto assim.

Abraçou-a com mais força, estendendo a mão para o seio e acariciando-o por baixo da roupa.

— Eu também te quero.

— Então esquece os livros e o faz-de-conta — sussurrou ela —, e vamos nos entregar ao amor.

Mas embora continuasse a acariciá-la, não fez nenhum outro gesto. Um rancor persistente contra a atitude dela, contra a sua hipocrisia, pairava entre ambos como uma ténue cortina, separando-os, e ele não conseguia forçar-se a empurrar a cortina para o lado para encontrar o desejo.

Sentiu-lhe os longos dedos gélidos a percorrerem-lhe as costelas, descendo até aos quadris e depois passando pelo meio das pernas, tocando no que ainda estava flácido. Os dedos crispavam-se em torno, dedicando-se a uma massagem; a respiração e roucas palavras dela penetraram a ténue cortina.

— Eu amo-te aqui em baixo. Mike, eu amo-o... faz com que ele me ame... não o retenhas... fá-lo crescer, quero senti-lo ficar grande.

Quis resistir, mas a resistência enfraqueceu e sumiu-se enquanto aquilo aumentava cada vez mais na mão dela.

— Está bem — gemeu —, está bem. E a cortina rompeu-se.

Ela desprende a fita que segurava o négligé, e agora a vestimenta desligava-se do corpo, os seios tremiam e o torso contorcia-se enquanto ele passava por cima dela e lhe beijava os

seios, fechando os lábios sobre os rígidos mamilos, indo com a boca de um para o outro.

Sentiu a perna esquerda dela deslizar por baixo do seu corpo, enquanto a mão fria lhe afastava a cabeça dos seios, e ouviu-a dizer: — Vem, querido. Agora. Vem.

No curto momento em que ficaram separados, ele recuando, ajoelhado, ela arqueando as pernas longas e mantendo-as bem abertas, lembrou-se como Faye sempre resistia ao ardor dos preparativos prolongados, incitando-o a introduzir o membro assim que notava que estava em ereção. Sentiu a momentânea tentação de modificar aquilo, de alongar o prelúdio do amor, provocando-lhe uma paixão comparável à sua, forçando uma entrega e desejo animal à altura dos seus, porém hesitou o tempo suficiente para mais uma vez se curvar à sua vontade.

Aquelas mãos firmes apertavam-lhe as costas, os dedos cravados na carne, obrigando-o a abaixar-se sobre ela, a aproximar-se do meio das suas pernas. Apoiou-se aos cotovelos, até tocar os mamilos com o peito, cingindo os quadris na parte interna das coxas, e a sua rígida dureza, novamente orientada pela mão dela, penetrou devagar as dobras da fenda macia, cálida, úmida — a sua parte mais cálida, a ideia ia-lhe e vinha-lhe, mais cálida, mais cálida. E agora estava bem no fundo, dentro dela, e quase fora, e de novo bem no fundo, e para a frente e para trás e em torno, em torno. E sentia-lhe os lábios na orelha, a respiração ofegante, e quis que ela gemesse e se entregasse, abrindo-se mais, vibrando, mas ela permanecia imóvel e sem reação, excepto em baixo, onde as nádegas respondiam ao ritmo dos movimentos dele, não desvairada nem totalmente, mas agradável e correto como numa dança de salão, apenas isso, aquele movimento de resposta que fazia parte de um ritual e nada mais.

Se ela não podia, então talvez ele pudesse, talvez finalmente pudesse trazer a paixão dela à intensidade da sua. Introduziu com mais força e rapidez como que tentando consolidar ambos num só, e a pelve dela erguia-se e tombava junto com ele, e girava com ele, e mais nada.

Aos poucos começou a diminuir o movimento. Ouviu-a murmurar: — Que é, querido?

— Quero demorar mais. Quero dar-te uma oportunidade de... Ela agarrou-se a ele.

— Não... não... não demores. Goza agora, goza de uma vez.

E cravou-lhe os dedos nos ombros, apertando as coxas com força em torno dele, espremendo-se contra o seu corpo. No mesmo instante ficou reestimulado e já sem controlo da situação.

— Assim, sim, querido, melhorou — ouviu-a dizer baixinho. E depois: — Está contente, querido? Está contente? Está a gostar?

Depois não ouviu mais nada, porque estava a dizer-lhe lá dentro como é que era, estava a explodir dentro dela, estremecendo, explodindo, irrompendo, sufocando-a com a sua nudez.

Tinha acabado e continuava dentro dela, mas a santidade já estava a voltar e em breve estaria pronto para a realidade.

Abriu os olhos e olhou-a. Continuava imperturbável, equilibrada, sorrindo calmamente, como se satisfeita com o prazer dele e consigo mesma pelo que fizera por ele.

A comissura dos lábios anunciava que se sentia orgulhosa de tê-lo servido e, ao mesmo tempo, humilhado por poder prosseguir, mantendo uma atitude que ultrapassava por completo essa cópula mesquinha, acima desse ato necessário que somente podia ser descrito em livros mediante o emprego de palavras.

E de repente a cortina que ele tinha rompido, tentando afastar há pouco, tornava a surgir. Através dela, enxergou-a com maior nitidez, com maior franqueza. E o que viu foi o que ela guardava com inabalável orgulho num recanto do cérebro: que fazer amor, para ela, era uma coisa que se fazia por ser uma maneira biológica de verificar a própria saúde e normalidade, e a que se submetia porque no fim lhe proporcionava uma vantagem. Tinham feito amor e, por trás da cortina invisível, ela emergia da fornicção tão ilesa e imaculada como se houvesse sido espetadora num circo sexual, a circunstante, a observadora, alguém superior ao ridículo, indefeso, descontrolado, ofegante espécime masculino que precisava de indulgência nessa função. Como sempre, sobrevivera à imundície para conservar na frente a tiara do pudor e da dignidade civilizados.

E não foi só isso que Barrett percebeu da sua mentalidade secreta nesses momentos fugazes. Não havia apenas o aspecto moral do triunfo, havia também o comercial. Ela pouco investira na sua atuação, e no entanto lucrara muitíssimo. Não tivera a mínima ideia de transação justa. Era o sistema paterno de fazer negócios. Descobria-se o ponto fraco ou susceptível dos outros, tomava-se conta deles, absorvendo-os, oferecendo-lhes praticamente nada, apenas o bastante para retê-los pelas próprias carências, e depois assumia-se o controlo e o poder da sociedade. Era, em suma, digna do pai. E ele tornar-se-ia o complemento indispensável à filha.

Nunca percebera com tanta clareza o que se passava na mentalidade de Faye. Mas agora sabia como era, tinha uma nova percepção, pois lera Os Sete Minutos, tal como ela, e isso transformara-se no papel de tornassol que revelava a verdade na sua verdadeira cor.

Contudo, apesar da descoberta, sentia-se desamparado. Ficou consciente da carne exposta de ambos, à qual faltava beleza e romantismo nesta noite. Servira de garanhão para a realeza. A sua recompensa seria uma minúscula fatia do império. E essa recompensa era a mais intrigante de todas as seduções.

— Então, Mike? — estava a perguntar-lhe. — Você realmente gostou?

— Bem sabe que sim.

— Eu sempre gosto quando me ama. Você ama-me?

— Mostrei-lhe como me sentia, não mostrei? Não se pode chamar a obrigação ao que eu estava a fazer.

— Escute, Mike... Será que já chega? As minhas pernas estão a começar a doer. Você não se importa?

Ele retirou o membro, e no momento da separação as pernas dela abriram-se bem e o que pôde ver era a única coisa que ela tinha de suave, cálida, sincera e natural. As pernas abaixadas cobriram rapidamente a visão do que possuía de válido, puxando logo o cobertor para tapá-la até aos seios. O melhor ficou escondido, guardado longe dos olhos por outra semana, restando apenas a elegante cabeça desapaixonada e o sorridente rosto glacial, não-participante.

Os lábios incrustados no rosto da cabeça desapaixonada moveram-se.

— Está a ver, Mike? O amor pode ser decente e limpo. Agora vê, não é?

Ele via, sim. Ele via. Com a mais absoluta nitidez. A sua memória evocava quadros projectados por J J Jadway e Geoffrey Chaucer, e todos revelavam Faye Osborn na sua essência mais simples, evidente e sem retoques.

Cona, mostravam eles.

Por dentro e por fora. Cona. Nada mais, nada menos.

A clareza dos quadros, a nítida exposição assustaram-no. Ali estava a realza, e os pensamentos dele eram sediciosos. Caiu de costas sobre o travesseiro. Expulsar a sedição.

No entanto, a que Faye chamara puta, Cathleen, a Cathleen de Jadway, também estava ali, olhando-o, e o seu rosto lembrava estranhamente o de uma moça chamada Maggie.

Expulsar a sedição, expulsá-la.

E conseguiu. Evocou à força outros quadros, dos bons tempos de segurança que tinha pela frente, vislumbres da casa imponente em Bel-Air, o corpo de empregados domésticos, o Bentley com motorista, o jato Lear particular, a vila em Cap Ferrat, as celebridades, as temporadas sociais, Faye tão majestosa, tão bonita, tão complementar a seu lado. A vida cauterizada de toda a mesquinhez e livre de vulgaridades. A boa vida. A melhor.

Que mais podia querer?

Virou a cabeça no travesseiro e também sorriu para Faye.

— Amo-te, querida — disse.

V

Na manhã seguinte, às dez em ponto, a campainha da porta tocou. Mike Barrett atendeu e conduziu Mrs. Isabel Vogler ao interior do seu apartamento.

Ela mostrou ser uma mulher corpulenta, à beira provavelmente dos cinquenta, e usava na cabeça grisalha um chapéu domingueiro, guarnecido de flácidas flores artificiais.

Os olhos eram vincados por duas bochechas gordas, que caíam sobre o lábio superior, e tinha papada ou bócio, mas o vestido preto estava novo e limpo, e ela locomovia-se com notável agilidade para uma pessoa tão obesa.

Plantou-se no meio do living, examinando tudo rapidamente.

— Bem, não me parece um emprego muito complicado — disse.
— Acho que não vai haver problema. Como eu disse no anúncio que deitei no jornal, tenho longa experiência como arrumadeira. Quantas peças tem o senhor?

— Fora esta, há o quarto e a casa de banho — explicou Barrett.

— Podia mostrar-me?

— Depois — respondeu Barrett, fazendo um gesto para que se sentasse.

Mrs. Vogler instalou-se na poltrona com um resmungo.

— Até que eu gosto de me sentar quando encontro uma oportunidade — disse. — Quando se faz o que eu faço, passando o dia todo de pé, sentar é o mesmo que tirar férias.

Barrett ocupou um canto do sofá diante dela e pegou no cachimbo de cima do cinzeiro.

— Não a incomoda?

— Absolutamente. Mr. Vogler, que a terra lhe seja leve, fumava cachimbo, mas o cheiro horrível do sabugo de milho dele era preferível a esses homens que fumam charutos.

Pode fumar o seu cachimbo à vontade, Mr. Barrett. Não se preocupe comigo. O cachimbo fica bem ao homem, ainda que deixe uma porção de buracos na mobília.

Barrett acendeu o cachimbo. Pela porta entreaberta do quarto, podia ver a cama ainda desfeita que Faye deixara às duas da madrugada, depois de lhe arrancar a promessa de que jantariam juntos à noite. Voltou a atenção para Isabel Vogler. Não tinha a certeza sobre a melhor forma de proceder com essa possível testemunha sugerida por Maggie Russell, uma vez que atraíra Mrs. Vogler à entrevista sob falso pretexto.

— Encontrou dificuldade para obter transporte de Van Nuys para West Los Angeles? — inquiriu.

— Nenhuma. Tenho o meu próprio calhambeque... meu filho não lhe disse? Estas crianças, quando estão em frente do espelho de televisão, não se lembram de coisa alguma.

— Pois achei que o seu garoto se saiu muito bem ao telefone. Agora, quanto ao anúncio que a senhora pôs, Mrs. Vogler. Não se importaria de fornecer mais pormenores?

— Em que sentido...?

— No sentido de me proporcionar mais informações sobre o que lhe interessa fazer e onde já trabalhou.

— Conforme lhe disse, tenho um bocado de experiência e sou de toda a confiança, se é a isso que o senhor se refere — respondeu Isabel Vogler. — Desde que Mr. Vogler me deixou viúva e sem vintém, há oito anos, com um filho para criar, tenho trabalhado praticamente sem parar. De arrumadeira. Mas também sei cozinhar, se não for de grandes exigências. Quando o meu filho era menor, eu concordava em morar no emprego, arranjanado alguém para cuidar dele, mas depois da última família para quem trabalhei, uma vez que o garoto estava a crescer, achei que ele pelo menos devia saber que tinha lar, por isso passei a aceitar só serviço avulso. Mas assim não é tão bom, porque não se tem regularidade. Quero um emprego onde sei que posso vir três ou quatro vezes por semana ou, melhor até, a semana inteira, das nove às cinco, e contar com uma renda mais ou menos certa. Ando a fazer o possível por economizar um pouco.

— Precisa de dinheiro, então?

— Tenho um pequeno depósito no banco, mas quero mais para facilitar o futuro.

Porque no ano que vem, talvez, ou no outro, quero ter o suficiente para voltar pra cidade do onde vim, onde tenho amigos e parentes, e posso encontrar colocação melhor para mim e para o meu filho. Fica em Topeka... no Kansas... estou a pensar em voltar para lá, e se algum dia conseguir fazer isso como quero, vou precisar de dinheiro para roupas, passagens e o tempo que leva pra gente se instalar. De modo que é disso que eu ando à procura, Mr.

Barrett. Um emprego, regular.

— O que eu tenho na ideia é capaz de lhe proporcionar uma boa soma de dinheiro prò seu depósito no banco — disse Barrett. — Diga-me uma coisa. A senhora falou no último emprego em que morava na casa. Quando foi isso?

— Há um ano e meio, acho eu.

— Quem era o seu patrão na época?

O rosto dela deu a impressão de se afundar na papada ou bócio.

— Era Mr. Griffith... Mr. Frank Griffith.

— O nome é-me familiar — retrucou Barrett.

— Ele é muito conhecido. Tem essas agências de publicidade, e...

— Sim, claro, Frank Griffith. Quanto tempo a senhora ficou lá empregada, Mrs. Vogler?

— Quase dois anos.

— O que já é boa referência. A senhora tem alguma carta de recomendação dele, ou crê que possa consegui-la?

O semblante de Mrs. Vogler adquiriu uma expressão lamentável. Retorceu as mãos gordas.

— Não, não tenho nenhuma recomendação dele, nem posso consegui-la. Tem sido o meu problema desde então, o que me parece muito injusto. Toda a vez que digo Isso a quem me propõe emprego... bem, eles ficam a olhar para mim como se eu fosse mentirosa, assim como quem diz, quem é que vai acreditar na palavra de uma pobre criada contra a de um homem importante como Mr. Griffith. Mas o senhor pode crer, Mr. Barrett, juro pelo meu filho único que não estou a mentir de maneira nenhuma.

— Mentir a propósito de quê?

— A propósito de Mr. Griffith me despedir sem justa causa e se recusar a dar referências minhas ou qualquer outro tipo de recomendação. Não há direito. E só me tem arranjado complicações desde então.

Barrett acendeu o cachimbo de novo. Agora estava a chegar mais perto, a aproximar-se do fim do seu subterfúgio.

— Asseguro-lhe, Mrs. Vogler, que o fato de ter sido despedida sem referências não me predispõe contra a senhora. Em todo o caso, fico curioso por saber o que foi que houve. Estou inteiramente pronto a ouvir a sua versão da história — fez uma pausa. — Espere aí, lembrei-me agora de uma coisa. Frank Griffith. É aquele cujo filho é comentado a toda a hora na televisão e mencionado em tudo quanto é jornal?

As feições suínas de Mrs. Vogler sacudiram-se como geleia, confirmando a identificação de Barrett.

— Ele mesmo — afirmou —, e o filho chama-se Jerry. Está aí uma coisa que não vou conseguir entender nem daqui a cem anos. Nunca. Porque eu conheço aquele rapaz como se fosse meu filho. Ou pelo menos conhecia, mas não há tanto tempo assim, e ninguém me venha dizer que a natureza humana muda em ano e meio. Ele era um bom menino, a pessoa mais simpática de toda a casa, muito parecido com a mãe, embora ela fosse meio horripilante. O velho é que era impossível. Isso é do que ninguém fala. Se as pessoas ao menos soubessem...

— Soubessem o quê, Mrs. Vogler?

— Mr. Barrett, não vá imaginar que sou dessas que andam por aí com mexericos, falando mal dos meus antigos patrões, mas esse tal Mr. Griffith, aquele homem, é simplesmente de morte. O modo com que ele mandava dentro daquela casa, e isso embora não andasse muito por lá, mas mandando na mulher quando aparecia, deixava a gente com vontade de subir pelas paredes, mandando no filho e em mim, tratando-me como se eu fosse uma vagabunda ou coisa parecida. Mas o que mais me irritava era a maneira como ele esmigalhava o rapaz. Aquilo incomodava-me o tempo todo, mas tinha de me controlar, lembrando a minha posição e tentando não me meter, até que um dia não aguentei mais e disse o que tinha de

dizer, e o senhor pode apostar que Mr. Griffith não estava acostumado com gente respondona. e então pôs-se a falar e dali a uma hora eu fiquei no olho da rua como se nunca tivesse trabalhado lá tanto tempo. E recomendação, bem, como é que eu ia arranjar uma?

— Não a podia conseguir de Mrs. Griffith?

— Ela não teria coragem. Concorde com tudo o que o marido faz, queira ou não queira.

Barrett conservou-se um instante calado, tirando baforadas do cachimbo. O próximo lance seria crucial. Precisava de encontrar a deixa adequada.

— Hum, Mrs. Vogler, até agora não vejo o menor problema em aceitar a sua palavra de que foi tratada injustamente. No entanto, para usar de toda a franqueza, isso não combina com a reputação pública de Frank Griffith... que é das melhores, absolutamente impecável... as queixas que tem contra ele talvez não se apoiem em nenhum fato real. Não me leve a mal. Sinto-me disposto a aceitar a sua palavra contra a dele, porém receio que terei de saber um pouco mais de pormenores — observou uma pausa e depois continuou, enfático: — Olhe, de um lado, temos um famoso campeão olímpico, publicitário conhecido no país inteiro, figura cívica de projeção. Do outro, temos a senhora, com a sua declaração de que esse homem não é nada do que se imagina. Agora, qual...?

— Ele não é o que aparenta! — exclamou Mrs. Vogler. quase derrubando a cadeira ao deslocar, agitada, o próprio peso. — Mr. Barrett, quando o senhor quiser saber exatamente como uma pessoa é, devia trabalhar na casa dele. Só então é que a gente descobre o que ninguém enxerga do lado de fora. Esse tal Frank Griffith não é o que o senhor talvez pense que ele seja. Ele bebe, bebe sem parar a noite inteira, e não existe nada mais desagradável do que um bêbedo mesquinho. E o filho dele, em geral, Frank Griffith nem lhe liga, mas já o vi esbofetear o rapaz, imagine, um rapaz daquele tamanho. E também o vi ser muito duro com a mulher, principalmente levando-se em conta que é uma inválida que sofre permanentemente de reumatismo articular crônico, e ele com aquelas violências, maltratando-a, e o que é pior... humilhando-a

sempre do jeito mais vergonhoso. Quer saber de uma coisa? Ele não tem relações com a mulher, nem nunca teve, mesmo antes de ela ficar doente, porque ele tinha uma secretária à-toa qualquer no escritório, se é que o senhor entende. Podia contar-lhe muitas coisas mais, mas já dá para fazer uma ideia, e não estou inventando nada, posso até provar se o senhor quiser.

Estava sem fôlego, e recostou-se na cadeira, ajeitando o chapéu de flores na cabeça.

— Não sou de mexericos, Mr. Barrett, mas o senhor queria saber como é que podia aceitar a minha palavra contra a dele, por isso soltei a língua. Em geral não falo assim tanto.

Mas aquele homem custou-me caro e tenho o direito de me defender. Tomara que não pense que fiz mal em fazer isso, e tomara que não tenha prejudicado a minha possibilidade de arranjar o emprego.

Barrett olhou-a bem nos olhos. Ela era ouro puro. exatamente o que a mísera defesa precisava. Seria tiro e queda, uma pobre coitada de quem o júri se apiedaria. Devia ser prudente e tratá-la como convinha. Não podia dar-se ao luxo de perdê-la. Mas a verdade tinha de vir à tona.

— O emprego — disse ele. — Mrs. Vogler, não tenho nenhum emprego para lhe oferecer, no sentido que a senhora esperava. Mas há outra coisa que lhe posso propor.

Posso oferecer-lhe dinheiro — levantou-se. — Eu sei. A senhora está perplexa. Pensa que fiquei maluco. Deixe-me explicar, porém. Vou demonstrar como a senhora pode servir-me de ajuda, e como posso retribuir-lhe. Em primeiro lugar, sou o advogado de defesa do livro supostamente imoral que tanto Jerry como Frank Griffith responsabilizam pela desgraça de Jerry. Pois muito bem...

Durante cinco minutos, de pé a seu lado, Barrett descreveu a uma Mrs. Vogler, a princípio atônita e depois fascinada, toda a história da iminente batalha judicial e os meios pelos quais o Promotor Público contava usar o crime de Jerry Griffith como uma denúncia de Os Sete Minutos. Simplificando a gíria psiquiátrica e sociológica ao máximo, procurando traduzi-lo em voglerês, Barrett tentou explicar como a vida de Jerry no lar dos Griffith, aliada a

outros fatos externos, podia ter contribuído para influenciá-lo e impeli-lo a um ato anti-social, ao invés de qualquer leitura que pudesse ter feito. Barrett esforçou-se muito, pois a não ser que essa ideia fosse entendida por Mrs. Vogler, ela não teria nenhuma compreensão do que ele queria saber e da serventia que poderia ter para ele no julgamento.

Quando terminou, procurou no rosto suíno algum sinal de entendimento.

Respirou aliviado. Ela havia compreendido.

Agora o último passo.

De repente, ela sorriu com largueza e sacudiu a cabeça.

— Mrs. Vogler, a senhora sabe do que eu ando à procura. Quero a sua cooperação.

Preciso do seu depoimento no banco das testemunhas. Tudo o que espero da senhora é a verdade a respeito do que viu e ouviu pessoalmente durante o tempo em que esteve empregada na casa dos Griffith. Quero que vá ao tribunal, não em busca de vingança pessoal mas para me auxiliar a fazer justiça com a exposição dos fatos verdadeiros. Pagaremos pelo seu tempo e informação, lógico. Embora não seja uma fortuna, certamente será o equivalente do que poderia ganhar em três ou quatro meses de serviço avulso. O bastante para levá-la um pouco mais perto de Topeka. Que lhe parece? Quer ajudar-me?

— Antes acho bom perguntar... a minha aparição lá não me vai meter nalguma espécie de apuro?

— Não, se a senhora se limitar a contar a verdade. Não, Mrs. Vogler, o pior que lhe pode acontecer é que Frank Griffith jamais pensará provavelmente em torná-la de novo como empregada.

Ela soltou uma sonora gargalhada, sacudindo bochechas e papadas.

— Essa é muito boa! — pôs-se de pé, o rosto corado de entusiasmo. — Estou a gostar dessa história, Mr. Barrett. Não tem dúvida de que lhe servirei de testemunha. Estaria até pronta a fazê-lo de graça, mas a questão é que preciso de dinheiro. Mal posso esperar para fazer o meu discurso em público sobre o que aquele

santarrão do Griffith fez com o filho dele. Para mim será um grande dia.

— Ótimo, Mrs. Vogler. A senhora não se há-de arrepender-tomou-a pelo braço roliço. — Vou levá-la ao elevador. Neste meio tempo, como já lhe disse, o julgamento está para começar. Portanto seria melhor marcarmos um encontro, para combinar tudo bem, por uma ou duas horas, amanhã ou depois de amanhã. Eu telefono-lhe antes para ver se a senhora está em casa. A senhora estará, Mrs. Vogler?

— Só terei de sair uma vez, Mr. Barrett. Tenho de comprar um chapéu novo pra minha primeira aparição em público. Vou à loja do Ohrbach procurar o chapéu mais honesto que até hoje foi feito.

Logo após à saída de Isabel Vogler, Mike Barrett apressou-se a voltar ao apartamento e ao telefone do living. Sentia vontade de cantar. Pela primeira vez em vários dias, tinha motivo para optimismo. Agora estava ansioso por transmitir a notícia do recrutamento de Mrs. Vogler a Abe Zelkin, cujo estado de ânimo andava a precisar de incentivo.

Ligou para o escritório e quando pediu para falar com urgência com Zelkin reparou no assombro de Donna.

— Mr. Barrett, onde está a sua memória? — perguntou ela. — Já se esqueceu? Mr. Zelkin foi prò Tribunal de Justiça... Sala 101 do Supremo Tribunal... gabinete do juiz Nathaniel Upshaw. Eles andavam a proceder à escolha do júri através de sorteio. Mr. Zelkin telefonou para cá durante o último intervalo e pediu para que eu não me esquecesse de o informar de que está tudo a correr bem. Ele acha que terão a lista e o compromisso de todos os jurados amanhã à tardinha, o que significa que o julgamento começará segunda de manhã.

É claro que Barrett se esquecera. Ele e Zelkin tinham passado uma longa reunião a debater as vantagens de dispensar um júri e deixar que o caso todo dependesse de uma audiência e decisão do juiz. No fim, ambos concordaram que teriam melhores possibilidades se apresentassem a questão perante doze homens e mulheres diferentes e não a um único indivíduo, porque dessa maneira se tornava possível um veredicto suplementar. Com um juiz haveria a

possibilidade de apenas uma sentença alternativa, inocente ou culpado. Com um júri de doze cidadãos, não só havia a possibilidade dessas duas como também de uma terceira, a da discórdia — um júri dividido, de que certo modo representaria uma vitória para a defesa.

Tornando a prestar atenção a Donna, à medida que ela relatava os telefonemas, cartas e visitantes da manhã, Barrett percebeu que a sua carga de trabalho praticamente duplicara. Nos próximos dias, além das suas, teria de cumprir as obrigações de Abe Zelkin.

Talvez pudesse repartir uma parte com Kimura, mas não muita, pois Kimura já tinha bastante com que se preocupar.

Então escutou Donna mencionar o nome de Kimura.

— Ele telefonou, pedindo-lhe prò avisar que se hoje o senhor não viesse ao escritório, nem mesmo na hora do almoço, então ele queria saber onde poderia encontrá-lo em caso de urgência.

— Ele descobriu alguma coisa?

— Parece que está na pista. Não disse do quê.

— Bom, daqui a pouco estarei aí. Vou almoçar no escritório.

— Mais uma coisa, Mr. Barrett. Miss Osborn ligou para cá há uns quinze minutos.

Pedi que telefonasse para ela assim que ficasse livre.

— Está bem. Vou ligar agora. Depois sigo para aí.

Ao desligar, ficou a imaginar porque Faye lhe teria telefonado. Tencionava ligar para ela a fim de adiar o jantar combinado. Com Zelkin ocupado em eliminar jurados suspeitos, com o julgamento cada vez mais próximo, teria de passar as noites a trabalhar, hoje, amanhã e todo o fim-de-semana.

Discou o número da residência de Osborn, e foi Faye quem atendeu a chamada.

— Eu sabia que andava ocupado, mas só queria ouvir a sua voz, Mike.

— A minha voz? Será que pretende aproveitar-me para alguma audição?

— Não, sério, querido, eu apenas queria ver se você estava com um tom zangado.

Quero dizer, por causa daquelas coisas que eu disse ontem à noite sobre o tal livro.

— Toda a gente tem o direito de dizer o que bem entende sobre qualquer livro.

— Esse é especial, e trata-se de nós dois. Talvez eu tenha escolhido a hora errada e me tenha expressado com excesso de rigor. Sobretudo, quando você se acha envolvido de maneira tão emocional nessa maldita questão. Fiquei com medo de o ter aborrecido. Mas depois eu compensei-o, não foi, meu bem?

— Não fiquei aborrecido — mentiu.

— Mas eu demonstrei que o amo, não foi? Você pode ver que o que eu sinto a respeito do livro nada tem que ver com a minha opinião sobre fazer amor — baixou a voz. —

Talvez hoje à noite possa provar isso de novo.

Ele lembrou-se do motivo do telefonema.

— Você é um encanto, Faye, mas receio que vá ter de ficar para outro dia. Abe está preso no tribunal, escolhendo o júri, e eu sinto-me como se estivesse enterrado por uma avalanche. Só há papelada, entrevistas, telefonemas. A minha libido vai ficar inteiramente tomada por Assuntos Legais, hoje e durante as próximas noites. Você perdoa-me? Tentarei compensar na semana que vem.

Na outra extremidade da linha fez-se silêncio. Depois Faye falou: — Eu estava apenas a pensar se você não estaria a querer faltar ao encontro marcado hoje por causa do seu trabalho ou porque estivesse irritado com a minha opinião crítica a respeito de Jadway.

— Meu bem, já esqueci a nossa discussão. É trabalho, acredite. Posso dizer, felizmente, que as perspectivas estão mais animadoras. Hoje de manhã conseguimos uma testemunha de arromba, um verdadeiro êxito, alguém que pode ser de grande serventia para neutralizar a alegação de Duncan de que o livro foi o único responsável pelo ato de violência do filho de Griffith.

— Fico contente por sua causa, Mike, porém não compreendo. Que outra coisa pode ser dita para explicar porque Jerry Griffith cometeu aquele estupro? Ele próprio disse que foi o livro.

— Isso não prova absolutamente nada, Faye. A maioria dos homens não chega a entender bem as influências que os arrastam numa ou noutra direção. Eles podem pensar que sabem, mas são apenas causas superficiais. As verdadeiras influências permanecem sufocadas no fundo do subconsciente. Olhe, meu bem, eu ando ocupado de mais para lhe explicar Freud de momento. Basta dizer que surgiu alguém do meio da embrulhada... da própria embrulhada dos Griffith, note-se... com provas diretas de que Frank Griffith é tudo menos um paradigma de virtudes no lar. O velhote é bem capaz de ter causado involuntariamente mais dano a Jerry do que uma dúzia de livros pornográficos. Sei que Griffith é amigo de seu pai, porém, garanto-lhe que nem seu pai, nem qualquer outra pessoa possui a mínima ideia de como Frank Griffith é na intimidade.

— Parece horrível. Quem teria tais pensamentos e a ousadia de fazer intrigas sobre a família? Só pode ser aquela Maggie Russell. É ela a sua testemunha vira-casacas? Deve ser.

Não existe mais ninguém que passe o tempo todo na casa.

Tornou a aborrecer-se com ela.

— Porque é que está a meter Miss Russell no meio da história? Claro que não foi ela.

Outras mulheres moraram na casa antes dela. Como Isabel Vogler, por exemplo.

— Aquela gorda? Lembro-me de a ter visto por lá há uns dois anos. Livra, mas que mexeriqueira!

— Toda a pessoa que, para variar, tem alguma verdade a revelar, a meu ver não se pode chamar mexeriqueira. Você pode crer que não serão as nossas testemunhas que irão esgotar as possibilidades do mercado em matéria de mexeriqueice. Espere para ver os tipos que o nosso impoluto Elmo Duncan apresentará ao público na semana que vem.

— Você é capaz de confiar numa pessoa dessa laia?

— Refere-se a Mrs. Vogler? Porque não? Tanto como em qualquer outra testemunha.

Ela sabe que estará sob juramento. Uma só mentira e podem processá-la por perjúrio.

— Mentiras não, mas...

— Exageros? Não se preocupe, Faye. O nosso Promotor Público está tão interessado em descobrir a verdade, quando lhe convém, como eu. E tanto quanto você está neste momento, para ser franco. Porquê esse súbito interesse pela minha testemunha, Faye?

Você teme que o desmascaramento do verdadeiro Frank Griffith vá afligir seu pai ou abalar os alicerces das instituições públicas?

— Não seja antipático, Mike. Não é nada disso e você bem sabe. É você, o tipo de pessoa desagradável em quem se está a transformar, cada vez mais envolvido com uma ralé ordinária que não merece a sua atenção. Pronto, lá recomeço eu. Desculpe, mas estou apenas preocupada com você... e conosco. Não suporto vê-lo, logo você, atolado nesse chiqueiro e rodeado por essa escória miserável da humanidade.

Ele conteve a irritação.

— Faye, não existe nada que me contamine. Mas obrigado pelo seu interesse.

— Lá vem você. Estou sentindo no ar. Ah, meu bem, por favor, vamos parar com essas picuinhas. Porque não pode ser como era antes que esse maldito livro se intrometesse na nossa vida? Mike, eu precisava tanto de falar com você hoje à noite. Sei que nós dois nos vamos sentir muito melhor depois de estarmos juntos.

— Faye, sinceramente, não posso. Agora tenho de ir pro escritório. Tentarei ligar-lhe mais tarde. Amanhã sem falta.

A crescente irritação que sentia por Faye não lhe deu trégua durante o percurso até ao escritório. Espantava-se com o fato de que a aparição de um único objeto nas suas vidas — no caso atual, um simples livro — tivesse deixado à mostra, de maneira tão flagrante, a diferença dos seus temperamentos. Até então, sempre considerara Faye e ele mesmo como compatíveis, com um tipo de relação harmoniosa. Os dois representavam a propaganda viva do lugar-comum de que haviam sido feitos um para o outro. Mas recentemente, e com maior segurança na noite anterior e agora de manhã, mostrava-se bem menos certo disso.

Ao volante do carro, continuou a ruminar sobre a questão de Faye e ele. Ela amava-o ou julgava amá-lo. Era mais provável que não conseguisse amar nenhum outro homem mais do que o próprio

pai, e depois de uma série de tentativas, enquanto experimentava vários candidatos, optara por Barrett como o único por quem poderia sentir afeição (o ponto culminante da sua paixão jamais ultrapassava a afeição) e o melhor capacitado para reunir (como marido) as necessidades restantes que completavam a sua vida. Quanto a Barrett, ele amava-a ou julgava amá-la. Era mais provável que, posto que as suas relações com as mulheres tivessem sido até então superficiais e instáveis, fosse capaz de gostar mais dela do que tinha gostado das anteriores e de amar certas coisas que Faye encarnava: posição, cultura, riqueza e todos os outros estúpidos bezerros de ouro, diante de quem ele se ajoelhou durante a sua transição da pobreza à opulência.

Era estranho, pensou, como o livro de Jadway, que para muitos não passava de uma insignificante centelha erótica, se tornara para ele uma luz tão intensa para ajudar o exame de consciência e revelação de si mesmo. Sob o seu clarão impiedoso, nenhuma ilusão íntima podia dissimular a verdade. Para Faye, decerto desmascarara pela primeira vez a sua incapacidade de dar amor. Incapaz de enfrentar essa verdade, ela voltara-se contra o instrumento de desmascaramento e repudiara-o como defeituoso e deformado. Para Barrett, revelara a terrível verdade de que em Faye ele não procurara amor, mas êxito, e a verdade ainda mais terrível de que o seu objetivo na vida era inválido e que ao atingi-lo não encontraria nada que pudesse sustentá-lo com dignidade até ao fim da vida. Ao contrário de Faye, fora capaz de enfrentar as suas verdades, porém não tomara nenhuma das providências que exigiam.

Maldito livro filho-da-mãe, pensou, não é que era pernicioso mesmo! Pelo menos para a paz de espírito. Se um homem não tem licença para ignorar certas verdades, e viver certas mentiras, onde irá encontrar essa paz de espírito? Justamente o que Mike Barrett queria, acima de tudo, encontrar neste dia.

Demorou no mínimo uma hora, após chegar ao escritório e instalar-se à escrivaninha, para ficar, finalmente, bastante absorvido pelo trabalho e esconjurar os incômodos espetros de amor por Faye e ódio de si mesmo.

Estava mergulhado numa súmula jurídica quando a campanha insistente de Donna o tirou da concentração, devolvendo-o ao mundo quotidiano da comunicação.

Quem o procurava era Leo Kimura. A falta de exatidão na sua maneira de falar traía um entusiasmo fora do normal.

— Boas notícias, Mr. Barrett, muito boas notícias — dizia Kimura.
— Encontrei o homem. Localizei Norman C. Quandt.

— Quandt? — repetiu Barrett, a cabeça ainda cheia da súmula jurídica que andara a estudar. Depois lembrou-se. Quandt tinha sido o editor de pornografia barata por reembolso postal, o sujeito que adquirira os direitos originais de Os Sete Minutos, de Christian Leroux, revendendo-os mais tarde a Phil Sanford. Após ter sido processado e condenado por remessa de matéria obscena pelo correio, Quandt escapara de uma sentença de prisão quando o Supremo Tribunal devolvera a decisão à primeira instância. A partir de então desaparecera por completo, até Kimura descobrir que se dedicava atualmente à indústria cinematográfica no sul da Califórnia. As suas esperanças estavam em que Quandt pudesse fornecer alguma informação de valor a respeito do carácter de Jadway e do motivo por que escrevera o romance. E agora Quandt fora encontrado.

— Leo — disse Barrett —, quer dizer que você sabe onde ele está?

— Acabo de falar com ele — respondeu Kimura, triunfante. — Procurei a correr o primeiro posto de gasolina para ligar para aí. Ele dirige uma organização chamada Companhia Cinematográfica de Artes e Ciências. Que tal a pompa?

— De se tirar o chapéu.

— É, mas não se deixe enganar — continuou Kimura. — Este imponente eufemismo esconde uma fábrica que roda filmes de baixo orçamento só de garotas... todas em pêlo. O nome de Quandt não está publicamente associado à companhia. Encontrei por acaso o nome dele no registro da escritura do prédio onde fica situado o estúdio. Ele é, de fato, o proprietário da firma. Tivemos uma entrevista e não posso dizer que me tenha recebido de boa vontade. Quando comecei a explicar o motivo da minha visita, Quandt não se

mostrou nada solícito. Era óbvio que queria a mínima publicidade ou divulgação pública possível das suas atividades ou mesmo da sua ligação com o negócio. Admitiu com toda a franqueza que caso mencionássemos o nome dele no tribunal, o Promotor Público mandaria agentes para vigiar qualquer movimento que fizesse a partir daquela data. Não queria ter nada que ver com o julgamento. Apesar disso, não parei um só instante de falar e, quando menos esperava, Quandt mostrou-se interessado.

— Que é que você lhe disse, Leo?

— Disse que não pretendíamos envolvê-lo de forma alguma, nem através de referências nem para lhe pedir que aparecesse pessoalmente. Quando Quandt percebeu que não o queríamos como testemunha e que não tínhamos a menor intenção de andar a ventilar o nome dele, ficou logo mais camarada. Resultou daí que ele detesta a tal Mrs. St.

Clair e a LFD em peso, assim como Elmo Duncan e o departamento dele, e está disposto a ajudar qualquer pessoa que se prontifique a combater essa gente. Concordou em falar com o senhor, Mr. Barrett, mas com tempo limitado e em absoluto sigilo. Não se cansava de protestar que dirige um negócio legal, que os seus filmes de mulheres são suficientemente decentes para serem exibidos em duzentos cinemas espalhados por todo o país, mas que mesmo assim precisava de tomar cuidado, porque a lei e as pessoas retrógradas gostam de perseguir homens como ele, que já tinha ido ao Supremo Tribunal para derrotar os seus censores. Cá entre nós, o meu palpite é que ele está louco por manter sigilo por um motivo bem diferente. Esses filmes de nudismo que ele faz são perfeitamente legais, embora escapando por um triz, mas não creio que seja o que lhe dá o verdadeiro lucro. Tenho o palpite de que servem de camuflagem para outra espécie de atividade a que ele se dedica de portas fechadas.

— Por exemplo?

— Filmes só para homens, talvez. Sei lá. Eu disse que era palpite.

— Pelos vistos, o nosso Mr. Quandt não é flor que se cheire — opinou Barrett.

— Sim, mas bem que nos pode salvar — contrapôs Kimura. — Porque ele está pronto a informá-lo sobre tudo o que sabe a respeito de Leroux e do livro de Jadway. Não tenho a mínima ideia até que ponto essa informação poderá ser útil. Sei apenas que ele é a única pessoa com quem o senhor queria falar, e agora tem essa oportunidade.

— Quando?

— Não acabo de lhe dizer, Mr. Barrett? Agora, neste instante. O senhor tem de ir imediatamente se quiser apanhá-lo. A partir de amanhã ele vai passar cinco semanas fora do país. Portanto tem de ser já. Mr. Quandt sabe que o senhor vai lá e já está à sua espera.

Barrett empurrou o trabalho para o lado e pegou no lápis e no bloco.

— Okay, Leo, dê-me o endereço. Se a coisa se gorar, pelo menos terei uma oportunidade de ver como são feitos esses tais filmes de nudismo.

O endereço da Companhia Cinematográfica de Artes e Ciências ficava num prédio de apartamentos de dois andares, castigado pela ação do tempo, no quarteirão da Vermont Avenue entre os Boulevards Olympic e Pico.

Intrigado, Barrett parou ao lado do cartaz rasgado “Não há vagas”, perto da entrada e examinou a fachada de estuque. O nome da firma não figurava em parte alguma, nem havia o menor indício do estúdio de cinema de Quandt. Barrett pôs-se a imaginar se não teria anotado o endereço errado.

Retrocedeu um pouco para averiguar se o negócio não estava localizado ao lado do prédio. A direita, um chalé abrigava uma escola de dança, e à esquerda a entrada para automóveis conduzia aparentemente a uma garagem nas traseiras, onde os inquilinos do prédio guardavam os seus carros. No lado oposto dessa passagem, via-se a loja vazia que recentemente servira de escritório a um corretor de imóveis.

Barrett, resolveu que seria melhor telefonar a Kimura e conferir de novo o endereço, mas depois ocorreu-lhe que um dos locatários

do prédio talvez conhecesse a Companhia Cinematográfica de Artes e Ciências.

Entrando no vestíbulo central, deparou-se-lhe um aviso de papelão pregado ao corrimão da escada que levava ao segundo andar. Dizia INFORMAÇÕES, com uma seta a designar uma porta comum perto da escada.

Cruzou o vestíbulo e bateu na porta.

— Pode entrar! — gritou uma voz de homem.

Barrett abriu a porta e achou-se num cubículo escuro e sem janelas, à excepção de uma pequena lâmpada que projectava um raio de luz sobre um rapaz pálido, ocupado em datilografar uma carta, pelo sistema de catar-milho, numa daquelas máquinas manuais antigas. A mesa ao lado estava coberta com o que pareciam ser catálogos para reembolso postal. O rapaz não levantou os olhos antes de terminar a linha que estava a bater. Ao retirar a folha da máquina, acolheu o visitante com um sorriso de dentes serrados.

— Desculpe — disse. Pondo-se em pé, largando a carta em cima da mesa, analisou Barrett cuidadosamente. — Em que lhe posso ser útil?

— Ando à procura de uma firma chamada Companhia Cinematográfica de Artes e Ciências. Um amigo deu-me este endereço, mas acho que se enganou. Julguei que talvez alguém aqui no prédio pudesse orientar-me.

— Depende. Posso saber do que se trata?

— Tenho um encontro marcado com o diretor da companhia que mencionei... Mr. Norman C. Quandt. O meu nome é Michael Barrett. Os dentes serrados voltaram a surgir.

— Talvez possa ajudá-lo. Trouxe alguma identificação? Cada vez mais curioso, pensou Barrett.

— Claro.

Tirou a carteira do bolso e mostrou a licença de motorista.

O rapaz examinou-a, coçando o queixo, e depois sacudiu a cabeça.

— Creio que está em ordem. Todo o cuidado é pouco — foi ao telefone. — Vou avisar Mr. Quandt de que o senhor chegou.

Só então Barrett compreendeu. Há filmes e filmes, dissera Kimura dias atrás. Há filmes autênticos e há — a imaginação de Barrett grifou a palavra — filmes artísticos. Para determinados filmes, feitos a preços de uva mijona, não havia necessidade de estúdio nem de publicidade. O prédio de estuque de apartamentos servia de fachada de Potemkin para Norman C. Quandt.

— É, isso mesmo. Creio — disse o rapaz ao telefone. — Vou levá-lo.

Desligou e encaminhou-se para a porta.

— Mr. Quandt irá recebê-lo neste instante. Ele está a assistir a uma filmagem e disse que é para levar o senhor até lá. Venha comigo, por favor.

Foram ao vestíbulo, depois contornaram a escada e passaram por um corredor mal iluminado. Nas traseiras do prédio, a porta que comunicava com o vestíbulo estava aberta.

O rapaz empurrou a tela e apontou para baixo.

— Cuidado.

Havia três degraus de madeira, e o do meio estava quebrado. Barrett desceu com toda a cautela. Havia um pequeno quintal, com duas laranjeiras, cercado por um muro alto coberto de hera que lhe resguardava a intimidade. O guia de Barrett tomou a dianteira e dirigiu-se ao que parecia ser a garagem de quatro carros, embora não houvesse nenhum à vista porque as portas achavam-se fechadas. O rapaz abriu uma porta lateral, acolchoada.

— Vou deixá-lo aqui. Pode entrar. Mr. Quandt é o que está a fumar charuto.

— Obrigado.

Barrett entrou. A porta acolchoada fechou-se nas suas costas. A princípio a brusca mudança da luz solar para a escuridão fê-lo pestanejar. Tentou habituar os olhos. Em poucos segundos recobrou o senso de direção e viu que o interior da garagem tinha sido transformado numa cópia barata de palco de filmagens. As janelas e as paredes eram revestidas de estofos cobertos de lona e folhas de material perfurado à prova de som. Quase perdidos na penumbra, viam-se utensílios de uso doméstico e pilhas de cenários teatrais.

Traçando uma diagonal a partir do ponto em que se encontrava até o canto mais afastado, havia um quadrado brilhantemente iluminado.

Avançando naquela direção, Barrett pôde distinguir as luzes dos refletores e uma câmara surpreendentemente pequena colocada no alto de um tripé com rodas que corria por cima de trilhos. Ao lado da câmara, três homens confabulavam-um puxando uma pala sobre os olhos, outro amarrando o roupão; e o terceiro acendendo o charuto com um isqueiro. Atrás deles, dentro do quadrado iluminado pelos refletores, havia um cenário mobilado como se fosse um grande dormitório atapetado.

— Tudo entendido, então? — perguntava o gordo do charuto. — Vamos deixar de perder tempo e tocar o barco pra frente. Harry, não se esqueça de passar espuma no rosto de novo. Onde diabo se meteram essas malditas mulheres? Ainda estão na latrina? Vá até lá e arraste-as para fora, nem que seja à força. Será que não tinham outra hora para ficar com diarreia, Santo Deus? Ande depressa... mexa-se!

Com as mãos nos quadris, virou as costas repugnado, e então percebeu a presença do visitante. Adiantou-se.

— Barrett?

— Sim, eu... Estendeu a mão.

— Sou Norman Quandt.

Apertaram-se as mãos. De estatura pouco abaixo da mediana, atarracado e musculoso, Quandt vestia camisa desportiva xadrez e calças de couro de corça. Por trás da calvície incipiente, os cabelos restantes estavam fortemente besuntados num esforço infrutífero para mantê-los lisos no lugar. Dava a impressão geral de ser todo maciço e nodoso. A testa era larga, os olhos quase unidos sobre o nariz achatado e curto. Dos lábios grossos escorria um pouco de saliva do canto da boca que prendia o charuto. O queixo saliente precisava de ser barbeado. Aparentava pouco mais de quarenta anos.

Quando Quandt tornou a falar, Barrett notou que o homem tinha o hábito de não olhar para o interlocutor e que a sua voz possuía

uma aspereza que irritava os nervos, semelhando uma unha a riscar o quadro-negro.

— Hoje não tenho muito tempo para ver ninguém — dizia ele —, mas aquele japonês vivaço forçou-me a marcar uma entrevista com o senhor, e eu aceitei porque qualquer sujeito que pretende dar um pontapé nos colhões daquele ordinário do Duncan merece ao menos dez minutos do meu tempo.

— Fico-lhe grato, Mr. Quandt.

— É. Bom, assim que acabar esta interrupção a gente conversa — examinou o cenário. — Nunca assistiu às filmagens de um destes curta-metragens de nudismo?

— Creio que não.

— Iria assombrar-se com o mercado que existe para isso. Há talvez uns duzentos cinemas públicos onde nós os passamos. Nada de imoralidade, se é o que o senhor está a pensar. Só esse negócio de exploração sexual pras plateias que gostam de ver mulher boa nua. Estamos também a fazer fitas com as mulheres de pernas abertas... sabe como é, quase só primeiros-planos de putinhas a retorcerem-se... que são a coqueluche dos bares e boîtes de todo o país. Existe um grande público, já pronto à espera, gente respeitável, portanto, porque não dar ao público o que ele quer? Não há nada de mal nisso, há?

— Claro que não.

— Sempre procuro fazer os meus filmes com um pouco mais de classe do que os meus concorrentes. Não poupo despesas. Estes curta-metragens de vinte minutos levam no máximo cinco dias a filmar, e o orçamento fica por volta de vinte mil dólares cada um. Nós filmamos em dezasseis milímetros, o que já dá prò gasto, e tentamos obter um som de excelente qualidade. A maioria dos "nossos rivais não cuida do aspecto e as histórias não têm o mínimo enredo. Mas nós usamos gravador eléctrico e eu escrevo sempre uma espécie de argumento com antecedência. Rende mais na bilheteira.

— Deve render, mesmo.

— Rende, sim — limpou a saliva do canto da boca e olhou em torno. — Onde diabo andam essas malditas mulheres? Apre, até que

enfim, aí vêm elas. Agora vai ver o que entendo por não poupar despesas, Barrett. Certos concorrentes meus usam umas prostitutas a cair aos pedaços, com cada cara de meter medo, com as tetas caídas, nádegas achatadas e varizes nas pernas, só para não terem de pagar muito. Eu não. Não, Norman C.

Quandt. Eu guio-me pelo meu gosto em matéria de mulher. Gosto de mulher alinhada, da cabeça aos pés. Escolho o elenco baseado unicamente no meu pau. Se chega uma boneca que é um verdadeiro estouro e eu sinto alguma coisa no pau, então já sei que é assim que toda gente na plateia se vai sentir. É o que me serve. A maioria das minhas garotas ambiciona ser modelo de modas ou estrelinha. Uma porção delas são adolescentes ou têm pouco mais de vinte anos, recém-saídas do colégio ou trabalhando para pagar a universidade, e tão limpas que até dá para comer — soltou uma gargalhada vulgar. — E às vezes eu como mesmo.

Barrett não fez comentários. A sua reação inicial ao produtor tinha-se solidificado.

Decididamente não simpatizava com Norman C. Quandt.

— Veja estas duas mulheres — disse Quandt. — Pago cento e vinte e cinco dólares por dia a cada uma delas. Cite qualquer outra mulher que ganhe isso só para tirar a roupa durante seis horas. — Usou a mão como megafone — Nancy! Linda! — gritou. — Os lugares de vocês já estão marcados a giz. Comece exatamente do momento em que você chega.

Linda! Está bom, Sim, pode rodar!

A atenção de Barrett fixou-se no cenário. Uma moça alta, madura, de cabelo preto despenteado e feições arrogantes, vestindo blusa curta com babados, entrou em cena, parando diante de um espelho de toucador, onde se espreguiçou com indolência. Logo após uma loura baixinha e roliça, mais jovem e voluptuosa, envergando o uniforme tradicional de camareira francesa, com saia curta preta, própria para balé, apareceu por trás da morena, trazendo uma caixa de uma loja que, pelo jeito, acabava de lhe ser entregue.

A patroa, sempre na frente do espelho, disse à criadinha que pusesse a encomenda em cima da cama, e depois a ajudasse a

vestir-se. A lourinha largou a caixa na cama, saindo rápida da cena, fora do alcance da câmara, e voltou com a raqueta e a roupa de tênis. Languidamente, a patroa baixou as mãos, puxou para cima a camisola, e com extrema lentidão tirou-a pela cabeça.

Barrett escutou a seu lado a câmara aproximar-se mais da cena, enquanto a estrela nua se virava de perfil, pondo as mãos em concha por baixo dos pequenos seios rijos. Em seguida, ela disse qualquer coisa à criada, que lhe deu o saíote de tênis. A morena vestiu o saíote, e depois, tomando a raqueta da empregada sopesou-a, chegando ainda mais perto da câmara e, de seios de fora, começou a praticar saques e golpes. Por fim, trocou a raqueta por um colete, enfiou-o, pedindo à empregada que arrumasse as novas compras, e retirou-se à pressa.

A voluptuosa camareira esperou que a patroa saísse e depois foi rapidamente até à cama, abrindo a caixa que acabava de ser entregue. Levantou três pares de calcinhas e deteve-se a admirá-las. Estendeu-as, relutante, em cima da cama e depois foi buscar o aspirador de pó. Ligou-o na tomada, passando-o pelo tapete em direção à câmara e em seguida empurrou-o para trás, de costas voltadas para a objetiva, curvada para remover o saco colector. Ao abaixar-se, a saia curta arregaçou bruscamente, revelando as róseas nádegas nuas.

Barrett notou que Quandt virara a cabeça por cima do ombro para lhe piscar o olho.

Tentou retribuir com um fraco sorriso de aprovação.

A cena continuou. A camareira loura, novamente atraída pelas recentes compras da patroa expostas na cama, segurava um par de calcinhas contra o peito. De repente resolveu experimentá-las. Com dedos ágeis, correu o fecho do uniforme, despindo as mangas da roupa e baixando-a pelos quadris até cair no chão. Livre dela, ficou alguns segundos imóvel, nua em pêlo, cobrindo habilmente com a mão a vagina raspada. Depois, de perfil para a câmara, pegou nas calcinhas e vestiu-as. Aí então, imitando a morena, colocou-se diante do espelho e desfilou pelo cenário enquanto a câmara se aproximava cada vez mais.

As sumárias calcinhas pretas acentuavam a brancura dos seios redondos, enormes e oscilantes. À medida que fazia a sua pantomina pelo quarto, irrompia o patrão com o rosto coberto de espuma, pincel da barba na mão, esperando encontrar a esposa e se deparando com o agradável espetáculo. Recuando um pouco, deteve-se a observá-la com olhar lúbrico. A camareira, sempre dançando, viu-se subitamente cara a cara com o dono da casa. Cobriu a boca aberta com as mãos, que em seguida desceram para as calcinhas, os seios a estremecerem sem parar. Assustada, correu a empurrar de novo o aspirador de pó com uma das mãos, ao mesmo tempo que se punha a baixar as calcinhas e a enfiar outra vez a roupa de empregada.

— Corta! — berrou Quandt. — Está ótimo! Os críticos do país em peso vão dar cotação de quatro pontos. Okay, pessoal. Cinco minutos de intervalo e depois a gente continua.

Tenho de tratar de um negócio, mas volto já.

Agarrou Barrett pelo braço.

— Venha, vamos tomar um pouco de sol.

Saíram da garagem para a luz do dia. Quandt apontou em direção à mesa esmaltada de branco no pátio, toda enferrujada, com diversas cadeiras de lona ao redor, colocada entre dois pés de laranjeira.

— Nada mau, hem? — disse Quandt quando se sentaram.

— Sim, para quem gosta de mulher, como eu — concordou Barrett, pondo os óculos escuros e tirando o cachimbo do bolso.

— Bom, O que é que você quer saber? — perguntou Quandt, lançando fora o toco do charuto e tirando o celofane de outro. — Como foi que Os Sete Minutos veio parar às minhas mãos, não é isso?

— É, principalmente isso. Já ouvi a versão de Philip Sanford.

— Quem é esse diabo de Philip Sanford?

— O editor a quem o senhor acabou por revender o romance, e a quem eu defendo no...

— Ah, é, sim, agora me lembro. Aquele boa pinta diplomado, todo cheio de nove horas.

— Hoje dirige a Sanford House.

— Grande vantagem — rosnou Quandt, mascarando o charuto. — Deixe ver. É. Já há um bom tempo. Naquela época eu estava a apurar um lucro firme com as minhas edições de bolso. Eu nunca tinha ido à Europa, por isso resolvi tirar um mês de férias e dar uma olhadela no panorama. Não quero dizer à Torre Eiffel e àquela asneirada toda, meu caro. O que eu pretendia era passar uma revista em regra às prostitutas francesas e italianas de que a gente vivia por aí a falar.

Teve um sorriso, tirou o charuto do meio dos dentes e limpou o canto da boca.

— Vou-lhe contar, só depois que uma mulher de Paris cai de boca na vara da gente é que se fica sabendo o que é cama. Aquelas franguinhas de lá são de gritos! Mas do que é que eu estava a falar?

— Estava a falar em “broche” — retorquiu Barrett secamente.

Quandt lançou-lhe uma mirada penetrante e depois continuou.

— Ah é, o tal livro. Então achei que se eu queria descontar a viagem no imposto de renda, convinha provar que tinha sido para tratar de negócios. Assim parei a perguntar a toda a gente se não havia algum livro do meu gênero. E o porteiro de não sei que hotel disse que conhecia um editor francês, famoso antigamente pelos livros de libertinagem que publicava, e que se aposentara há poucos anos. Era o tal Christian Leroux. Fui procurar o tipo. Quase tudo o que ele me ofereceu era droga, não valia nada, tudo cheio de palavras difíceis, frases muito compridas, uma chatice. Mas no meio tinha Os Sete Minutos, que logo me pareceu um negócio. Então fiz uma proposta a Leroux. Quem sabe, setecentos e cinquenta cruzeiros pelos direitos mundiais? Ele aceitou. ‘Stava nas lonas, fingindo que estava por cima, mas não chegava para disfarçar os buracos na roupa puída e que não tinha que comer. Enquanto ele fazia corpo mole, como quem pretende regatear, vi logo que aceitaria a minha proposta e de fato foi o que aconteceu. Quando falei com ele de novo, o contrato estava pronto para assinar, o que se fez na Embaixada Americana, para ficar logo registrado com firma reconhecida. Está aí a história toda.

— Como é que era esse tal Leroux?

— Um sapo como outro qualquer. Bem, talvez um pouquinho melhor. Dava a impressão de ser um sujeito que já tivesse andado de monóculo e polainas. Sabe como é, desses de rabo apertado. Vasta cabeleira grisalha. Nariz de tucano. Com um inglês muito bom. Chiava um pouco, asmático. Só conversei com ele duas vezes.

— Ele nunca falou sobre o autor de Os Sete Minutos... sobre J J Jadway?

Quandt puxou pela memória. Segurou o charuto no ar.

— Uma vez. É, uma vez. Foi quando me entregou o contrato original. Não estava assinado por Jadway mas por uma mulher chamada Cassie McGraw, eu até perguntei quem era a diaba. Leroux disse, bom, ele disse, para falar a verdade, que nunca tinha tratado pessoalmente com o autor, Jadway era tímido e não gostava de falar com ninguém., sabe como são esses escritores amalucados... ainda mais a respeito de negócios, e que por isso tinha entregue tudo a essa mulher com quem vivia, essa tal Cassie McGraw, uma moça americana, e ela assinou o contrato, recebeu o dinheiro e coisa e tal porque tinha procuração dele para tratar da venda. De modo que quando eu verifiquei que o contrato antigo estava cem por cento, aceitei o novo.

— Mas Leroux chegou a dizer-lhe que nunca falara pessoalmente com Jadway?

— Olhe, para ser franco, não tenho a certeza. Talvez tivesse falado com ele uma ou duas vezes, mas foi só.

— E essa Cassie? Tem a certeza de que Leroux lhe contou que ela era amante de Jadway?

— Sim, lembro-me disso. Ele disse... não com estas palavras... que Jadway tinha encontrado a tal americana em Paris e já andava enrolado com ela há um ano ou até mais.

Porque me lembro que Leroux disse que essa McGraw era um espetáculo de mulher e que Jadway havia tido uma sorte danada. E acho que Jadway a empregou como modelo dessa assanhada do livro dele, porque me recordo de ter lido numa das cartas de Jadway que ele devia a sua heroína à única mulher que tinha amado na vida.

— Cartas — disse Barrett, endireitando bruscamente o corpo. — Cartas de Jadway? Quer dizer que chegou a ler cartas escritas pelo próprio Jadway?

— Sim, lógico, não mencionei já? Vou-lhe contar como foi. Mais ou menos um ano ou ano e pouco depois que comprei Os Sete Minutos, achei que, cortando os trechos mais chatos, deixando só a parte de sexo, o negócio ia ser uma loucura. Então comecei a pensar em publicar o livro em edição de bolso. Aí percebi que tinha de pôr alguma coisa na contracapa sobre Jadway e não tinha porra nenhuma. Eu precisava de certos dados pra publicidade, sabe como é. De modo que escrevi a Leroux, pedindo informações. Sabe o que aquele pica de sapo fez? Respondeu-me dizendo que tinha um pequeno arquivo com alguns recortes sobre o livro de Jadway, quando tinha sido publicado e que possuía três ou quatro cartas de Jadway onde ele contava um pouco sobre a sua vida de escritor em Paris...

como ele escreveu o romance, qual era a sua intenção, coisas que havia incluído a pedido de Leroux e que tinham sido entregues em mão pela tal Cassie McGraw. Leroux disse que eu podia ficar com a papelada toda, mas que primeiro teria de pagar. Pagar? Que sacana de merda. Que tal esta? Deu-me gana de o mandar levar no rabo... mas eu precisava daquele negócio. Então o que foi que fiz? Ofereci-lhe vinte cruzeiros, e ele aceitou. Mandei-lhe um cheque e ele enviou-me o arquivo com os recortes e as cartas de Jadway.

Um frêmito de expectativa correu pelo corpo de Barrett. De repente, o rosto de Quandt parecia-lhe um mapa da Terra Prometida.

— Mr. Quandt, essas cartas, poderia mostrar-mas? Quandt mexeu-se com um jeito contrafeito.

— Olhe, vou-lhe contar o que houve com as tais cartas — disse ele. — Quando vendi o livro ao Sanford, esqueci-me de lhas entregar. E quando me mudei para cá, depois da minha encrenca com o tribunal, tirei os meus arquivos do depósito e pedi que mandassem de Filadélfia. Num deles estava uma pasta com as tais cartas. Bom, não me preocupei mais com aquilo, tinha mais que fazer. Aí então, há poucas semanas, quando esse miserável

Promotor Público fodido prendeu o tal livreiro por tentar ganhar a vida à custa do livro, e aquele fedelho meio-amalucado desflorou a tal pequena, de uma hora para a outra o livro e Jadway saíram em tudo quanto foi jornal e televisão, e houve toda aquela publicidade sobre Jadway e o mistério de Jadway, aí então me lembrei das cartas. Depois lembrei-me de outra coisa... um camarada de Nova Iorque que andava sempre a deitar anúncio no New York Times dizendo que se alguém tinha cartas autênticas, autografadas, de figuras históricas ou famosas para vender, ele pagaria muito bem. Então pensei e disse comigo mesmo, arre de vida, esse Jadway deve ser uma celebridade, não custa nada ver se as cartas valem alguma coisa. Afinal, não sou um sujeito rico. Um dinheirinho extra nunca é de mais. De modo que me meti a procurar as cartas, tive um trabalhão danado para as encontrar, mas no fim encontrei. Aí escrevi ao tal comprador de autógrafos, contando o que eu tinha, e recebi um telegrama a dizer que queria comprar tudo e mandava-me o preço. Não valiam grande coisa, mas sempre dava para tapar um buraco. Terminei por mandar tudo e recebi um cheque.

Barrett ficou de cara no chão.

— Não estão em seu poder? Nem sequer tirou fotocópias?

— Ora, que é que eu ia fazer com fotocópias? Simplesmente mandei o pacote, peguei na massa e arranquei.

— Quando foi isso?

— Há uma semana, talvez... não, há quase dez dias, É.

— O que é que estava escrito nas cartas? — perguntou Barrett ansioso — Não se lembra de nada?

— Rapaz, tenho até vergonha de confessar, mas nunca me dei ao trabalho de lê-las, a não ser para verificar se estavam assinadas, "Atentamente J J Jadway", o que estavam. Não vê que quando as recebi de Leroux, já havia começado aquela minha encrenca com a justiça. O que significa que nunca cheguei a publicar o livro de Jadway'. já andava frito que chegava. Só pensava no meu julgamento perante o tribunal de justiça federal e mais tarde no recurso ao Supremo Tribunal e depois em procurar uma nova maneira de ganhar a vida.

Portanto quando eu tinha as cartas, elas não me interessavam e simplesmente deixei tudo guardado. Quando comecei a remexer nelas há poucas semanas, antes de escrever prò tal comprador de autógrafos, estava com uma pressa danada e só verifiquei se tinham a assinatura de Jadway, quantas páginas havia, o que já dava para escrever ao homem. De modo que não sei de nada. Porque está a fazer essa cara de enterro? Aquelas cartas interessavam-lhe?

— Sim, Mr. Quandt, como o senhor nem faz ideia. Leroux está na cidade para depor no julgamento e pronto para declarar ao tribunal que Os Sete Minutos é pura pornografia barata, escrita por um autor pornográfico que só queria ganhar dinheiro com o livro. Por outras palavras, a imoralidade pela imoralidade. Aquelas cartas podiam desmentir o testemunho dele. Tenho a certeza disso. Serviriam de ponta-de-lança pra nossa defesa contra a acusação pública, Mr. Quandt.

— Quer dizer, contra aquele crápula do Elmo Duncan?

— Exatamente.

Quandt cerrou os punhos.

— Que merda. Para que é que eu fui desistir delas? No mínimo, agora, o senhor comprá-las-ia pelo dobro do preço.

— Nem tem dúvida — afirmou Barrett. — Só que... — hesitou. — Escute... o senhor disse que vendeu as cartas a um comprador de autógrafos muito conhecido em Nova Iorque, não foi? Pois o que é que ele havia de querer com as tais cartas senão colocá-las no mercado, revendendo-as com lucro? Claro. E se até agora não as vendeu a nenhum colecionador... o senhor mesmo disse que há apenas dez dias que as mandou... então ainda posso dar um jeito para as recuperar. Como é o nome dele?

— Do comprador de autógrafos?

— Sim.

Quandt bateu na testa com os nós dos dedos.

— O nome dele, o nome dele? Meu Deus do céu, que memória danada... `Spere aí. Lá em cima devo ter alguma coisa. O anúncio que recortei ou a cópia da carta que lhe escrevi, oferecendo a correspondência de Jadway. O meu arquivo de cartas fica lá em

cima, na sala de reembolso postal. Vamos até lá para ver se a gente encontra.

Deixaram o quintal. Barrett seguiu Quandt pela porta de serviço do prédio de apartamentos, cruzando o corredor até ao vestíbulo de entrada, onde subiram a escada que conduzia ao segundo andar.

Parando diante de uma porta nas traseiras, Quandt anunciou por cima do ombro: — A sala é esta aqui.

Abriu a porta e entrou, com Barrett logo atrás. A primeira coisa que Barrett viu deixou-o pregado no chão. Esbugalhou os olhos. Não podia acreditar.

Deitada de costas, numa cama bege encostada à parede oposta, estava uma ninfa completamente nua, que tinha, no máximo, vinte anos de idade, de cabelo ruivo-dourado, seios fartos de mamilos rubros protuberantes, corpo e pernas esguios e sinuosos, e que se retorcia de prazer.

Com uma das mãos entre as pernas, estimulava evidentemente o clitóris, de olhos fechados e com um esgar de êxtase masturbatório no rosto.

No mesmo instante apareceu outra moça, totalmente vestida com blusa branca colante e saia curta pregueada, caminhando entre Barrett e a que se retorcia nua em pleno onanismo estendida na cama. A recém-chegada usava uma franja lisa, carrapito severo, óculos de aros grossos, e trazia lápis e bloco de taquigrafia. Enquanto passava, notou de repente a atividade que havia na cama. Parou, tão espantada que deixou cair o bloco e o lápis no chão. Ao ajoelhar-se para apanhá-los, mirou, fascinada, a moça a seu lado.

Deixando o bloco e o lápis no chão, tirou os óculos devagar, rastejando para mais perto da cama, e curvou-se, colocando os lábios abertos num dos mamilos vermelhos da beldade de cabelos ruivos. A que ficara deitada de costas abriu os olhos, cessou a atividade, e abraçou fervorosamente a secretária totalmente vestida.

— Que merda — resmungou Quandt —, esqueci-me de que hoje o escritório estava a servir de cenário.

Pela primeira vez, Barrett desviou a vista da cena que tinha diante de si, e então, à direita, enxergou a câmara de filmagem sobre um tripé, tendo atrás um velhote barrigudo, de olho grudado à

objetiva, concentrado na tomada. A seu lado, um refletor poderosíssimo reforçava as lâmpadas do tecto do escritório para iluminar a cena.

Quandt lançou uma mirada de esguelha para Barrett.

— Adivinhou — murmurou com voz rouca, justificando-se. — É um filme só para homens, um ramo subsidiário das minhas atividades, do qual não faço publicidade.

Barrett sacudiu a cabeça, estupidificado.

— Nós produzimos estes filmes mudos de mil e duzentos metros, dando para fazer um por dia e são bons como burro — explicou, ainda na defensiva. — Temos uma clientela que é o fino... organizações patrióticas, grupos de veteranos, até universidades, o que você quiser... e eles gostam de coisa de bom gosto, que é o que a gente fornece.

Franziu o cenho para Barrett, pronto para reagir a qualquer sintoma de censura, porém Barrett sabia que uma expressão impassível lhe petrificara o rosto.

— Estão a usar o meu escritório para este filme, e aquilo ali atrás da escrivaninha da secretária é o meu arquivo, mas não convém aproximar-me antes que a cena termine — avançou um passo. — Deixe ver se ainda falta muito.

A atenção de Barrett voltara-se para a ação em frente da câmara.

A moça nua em cima da cama havia desabotoado a blusa colante da secretária, que agora, de joelhos, já se desenvencilhara da blusa, atirando-a para longe, erguendo-se de pé, desabotoando e puxando o fecho da saia, e pondo-a de lado. Com dedos ágeis, abriu os grampos do soutien, chutando fora as chinelas de salto alto, tirando a alça das ligas, das meias e das calcinhas. Depois começou a fazer piruetas diante da moça do sofá e da câmara,, enquanto desfazia o carrapicho e soltava o cabelo sobre os ombros num gesto de libertação e abandono. Os seios em forma de pêra arfavam, as grandes nádegas, onde se via um sinal que parecia um morango, tremiam, e quando ela passou perto, de novo, deslizou a mão por baixo da cicatriz do apêndice e pôs-se a traçar círculos provocantes em torno da parte escura da saliência vaginal.

Completando o segundo círculo, olhou para o cineasta, que levantou a mão, indicando-lhe o sofá. Ela fez um aceno imperceptível. Num segundo, abraçava a moça de cabelos ruivos, de vez em quando parando para beijar os seios ofegantes e a barriga contorcida da outra, prolongando ao máximo esses preâmbulos do orgasmo.

O alvo dessas homenagens amorosas usava agora as mãos para orientar a cabeça da parceira, e ao fazer isso fechou bem os olhos e começou a suspirar. Barrett ficou a imaginar se ela estaria representando ou a tornar-se de fato sexualmente excitada. Chegou à conclusão de que mulheres daquele tipo não seriam capazes de representar de modo algum, e que o caso era para valer. E, seja como for, que espécie de mulher eram elas?

Virou-se para Quandt e notou que a testa larga do pornógrafo reluzia, os olhos muito unidos faiscavam, enquanto ele não parava de mascar, com o charuto apagado e a saliva a escorrer do canto da boca. A sua concentração era intensa e absoluta. Meu Deus, pensou Barrett, ele está-se a refastelar com este espetáculo. Meteu-se neste negócio por amor e dinheiro, o voyeur profissional, autêntico, que sente prazer em olhar os órgãos e atos sexuais alheios. Que festança a Associação de Psiquiatras Americanos não faria com um indivíduo deste tipo. Segundo certos psicanalistas, os homens escolhem as suas carreiras por motivos inconfessáveis e ocultos. O cirurgião que toda a gente considera um benemérito, esconde subconscientemente o sádico que descobriu uma solução no bisturi.

O dedicado assistente social, a benfeitora de liga feminina e o santo da igreja escoram subconscientemente os seus sentimentos neuróticos de inferioridade na conquista da dependência alheia, e assim se proporcionam sensações compensatórias de superioridade.

O próprio psicanalista, ouvinte circunspecto do paciente mentalmente enfermo no divã, seria, em algum recesso sombrio do seu ego, um voyeur e nada mais. Portanto que impulso desconhecido teria levado Quandt a dedicar-se a esse mórbido e estranho comércio clandestino de promover a excitação sexual por intermédio de uma fita de celulóide? E, realmente, pensou Barrett, porque diabo também tinha permanecido nesta sala, assistindo ao

que devia ser um ato íntimo, encenado sob a luz dos refletores por motivos comerciais?

Impossível deixar de ver, mais uma vez, o que estava a ocorrer na cama. A moça de cabelos ruivos, deitada de costas, prendendo os seios com os dedos, o torso retesado em arco no ar, aguardava ansiosa a consumação, enquanto a outra mulher nua, no meio das suas pernas e debruçada sobre ela, a acariciava com um falo duro de borracha de vinte e cinco centímetros, a versão manufaturada do pênis artificial de milhões de imaginações.

Quando a moça ajoelhada se achava prestes a amarrar o falo na devida posição, Barrett notou a presença de um terceiro ator, na sala. Um sujeito possante, o protótipo do estivador, com um pouco mais de trinta anos, visivelmente contrafeito no seu fato de corte conservador, estava a tirar o chapéu-de-coco e a observar a cena com evidente aborrecimento. As moças subitamente haviam notado a sua presença e parado com a atuação, ficando intimidadas com a sua indignação. Ele apontava para o relógio na parede.

Barrett ouviu Quandt abafar uma risadinha ao lado. Quandt curvou-se, ainda a rir, e cochichou: — Um pequeno toque que eu acrescentei. O chefe chega ao trabalho, encontra as duas secretárias de rabo de fora, afagando-se voluptuosamente no sofá e a única coisa que reclama é que elas estão a perder tempo em vez de trabalhar. Nada mau, hem? Espie só.

Barrett espiou. Furioso, o chefe lançara o chapéu numa cadeira, aproximando-se das moças aterrorizadas e arrancando o falo das suas mãos. Fez um gesto de desprezo e depois apertou-o contra as calças, indicando que não se comparava com o verdadeiro. De repente, convidou-as a escolher o que preferiam. O medo histriônico de ambas transformou-se em alegria: enquanto o chefe largava o falo e o paletó no chão, a moça ajoelhada estendeu o braço para ajudá-lo a tirar as calças.

Quandt soltou uma gargalhada, que logo procurou reprimir, e no mesmo instante a cena inteira parou. O ator, que ficara só de cuecas, virou-se ao ouvir a gargalhada, e olhava para Quandt com exasperação.

— Meu Deus, Norman, como é que você espera que eu vá...? — começou a queixar-se.

— Desculpe, Gil, desculpe. Não foi por mal, muito pelo contrário. Não pare por minha causa. Nós vamos lá pra fora. Continue, continue, não interrompa a cena, não podemos perder tempo.

Tomando Barrett pelo braço, Quandt empurrou-o para fora do escritório, rumo ao corredor, fechando a porta de mansinho e sacudindo a cabeça.

— Gil é um desses tipos que desistem se há alguém a olhar. Muito temperamental.

Agora ele já se acostumou com o cineasta e nem se incomoda. Mas se houver na sala uma pessoa que não faça parte do elenco, ele desiste. Mas eu gosto de o empregar. Já o usei em dez fitas. Se o talento se medisse em termos de ereção, Gil já devia ter ganho mais de dez prêmios da Academia. Quando aquelas sirigaitas terminarem de se esfregar nele, o instrumento de interpretação do Gil vai deixar aquele consolador parecer um substituto ridículo. Que pau... deixa o da gente com cara de palito. — Olhou bem para Barrett. — É a primeira vez que assiste a uma coisa destas?

— Bom, é a primeira vez que assisto a uma filmagem. Quando eu era mais moço, na faculdade, vi alguns filmes de libertinagem no nosso grêmio, mas foi só — disse Barrett.

— Mas nunca viu uma filmagem? Então o que achou?

— Cada qual com a sua mania — replicou Barrett. — Não é o tipo de coisa de que eu gosto.

— Quer dizer que acha anormal — retrucou Quandt com um resquício de malevolência na voz.

— Não foi isso que eu disse — contrapôs logo Barrett.

— Olhe, vou-lhe dizer uma coisa que talvez lhe ensine um pouco da vida com a experiência que tenho neste negócio. E com o que leio, também. Eu leio como burro.

Chego até a ler esses livros do Kinsey. O senhor talvez não leia, mas eu sim. E sabe uma coisa? Naquelas entrevistas ficou provado que setenta e sete por cento dos machos que eles testaram haviam tido tesão com fotografias de atividade sexual. E quanto às mulheres, trinta por cento delas chegaram a confessar que os filmes

de libertinagem e fotografias comuns as deixavam no cio. O que eu estou a dizer é que há uma necessidade saudável pra este tipo de estimulante, compreende? Nunca viu reproduções daqueles frisos de escultura nos templos sagrados da Índia, feitos há nove séculos? Aquilo era pura bandalheira e estava lá porque eles tinham necessidade disso. Este filme que estou a fazer lá dentro da sala de reembolso postal. A Secretária Modelo, para quem o senhor acha que é? Para mim, para me dar tesão? Nada. É para as festas dos melhores grêmios universitários, e tudo quanto é espécie de sociedade, Legião Americana, Rotary, Kiwanis, onde respeitáveis homens de negócios se reúnem para uma noitada de descanso. É preferível que eles se excitem sem compromisso do que sair por aí para arranjam prostituta na rua e apanharem gonorreia.

Mas não é só isso. Eu não faço estas fitas para divertir. Também faço por motivos científicos, para as grandes universidades que guardam coleções eróticas para mostrar todos os aspectos da vida na nossa época. Sabia que o Instituto Kinsey de Pesquisa Sexual na Universidade de Indiana tem uma coleção de filmes de libertinagem que abrange mais de meio século? O nosso melhor freguês é um professor da Faculdade Reardon em Wisconsin, o Dr. Rolf Lagergren, especialista em pesquisa sexual...

— Sim — interrompeu Barrett. — Falei com ele pelo telefone. Ele há-de vir cá para servir de testemunha.

— Ah é? Pois pode apostar como ele passará por aqui para visitar o estúdio. Ele e os outros professores são capazes de pagar cinquenta a cem cruzeiros por cópia de um desses mil metros de bandalheira e ficam felizes por conseguir esse preço, porque é para fins científicos. Como é que vão conseguir um material desses pra ciência, se não houver alguém que faça esse tipo de coisas? Agora diga-me o que é que isso tem de mal.

Embora ele fosse um advogado da liberdade em todas as artes, Barrett sentiu vontade de dizer uma porção de coisas sobre o que aquilo tinha de mal; porém sabia que se o fizesse seria um desastre. Não devia ofender Quandt de modo algum, e sabia disso.

Esquivou-se à pergunta agressiva, procurando distraí-lo com uma manifestação de interesse simulado.

— Os filmes de garotas ou nudismo que o senhor está a fazer lá em baixo, acho fácil compreendê-los — disse Barrett. — é uma coisa legal e fácil...

— E ideal para deixar o sujeito nas lonas — replicou Quandt. — Não há bastante lucro, considerando-se o investimento. Os de libertinagem são mais fáceis e não falham e, além disso, não oferecem risco. A plateia é selecionada. São vendidos e exibidos em sigilo. De modo que não há protestos públicos. E a renda é garantida. Se a gente quer continuar no ramo, com leis idiotas ou não, tem de se fazer os de libertinagem também.

— Mas como faz para conseguir os... atores para esse tipo de filme?

— Nada mais fácil. Há tanta mulher moça atualmente que anda a dá-lo de graça que chega um dia em que ficam espertas e vêem que podem ganhar dinheiro fazendo a mesma coisa. Claro que nós usamos algumas prostitutas, mas só as novatas, que ainda são bonitinhas. Na maior parte, conseguimos as garotas que não têm sorte nos grandes estúdios, mesmo nos sofás de quem escolhe o elenco, e alguns modelos de modas, que são mal pagas, e algumas garotas da vizinhança, que ficam todas excitadas por se despirem diante de milhares de homens de todo o país. Aquelas duas que estão lá dentro, pago eu cento e cinquenta cruzeiros a cada uma, só pelo episódio de hoje. E Gil, esse mantém a sua condição de amador, representa de graça. Ele gosta de copular. E porque não? O único defeito dele é o pênis. Grande de mais. Muita gente na plateia não gosta, dá complexo de inferioridade. Eu gosto que os meus atores não ultrapassem uns treze centímetros... para que o público possa identificar-se. Mas Gil é um grande fodedor, quando representa é a valer, por isso é que o emprego. Em todo o caso, um dia gostaria de conseguir alguém que se tornasse um nome importante em show business. Aí então a gente pode tornar a exhibir o mesmo filme, especialmente alugado, durante anos. Como aquele produtor lá do sudoeste, que agarrou aquela famosa dançarina de strip-tease, aquela do busto enorme, conhece, Candy Barr. Pegou nela no começo da carreira, há uns vinte anos, lançou-a num filme de libertinagem chamado O Vivaldino, filmado num motel do Texas a

preço de uva mijona, e depois Candy ficou famosa e o tal filme passa todos os anos. — Quandt fez uma pausa, consultou o relógio. — Hei! não tenho mais tempo. Vamos ver se eles já terminaram lá dentro. Se não, bem, vou procurar o nome daquele negociante de autógrafos e depois mando-lhe pelo correio.

— Mr. Quandt, eu daria tudo para conseguir isso ainda hoje. O julgamento está a começar e qualquer arma que tivermos contra Duncan...

Entraram, Para alívio de Barrett, a cena já tinha acabado. As duas moças estavam sentadas no sofá-cama, uma acendendo um cigarro, a outra enxugando-se com uma toalha.

O ator enfiava as calças. O cineasta aproximou-se, dizendo: — Assim que o senhor estiver livre, direi o que vamos filmar agora. É aquela em que Gil tenta fechar negócio com o grande comprador do Texas.

Barrett ficou para trás, enquanto Quandt atravessava a sala, dizendo qualquer coisa à moça de cabelos ruivos e batendo de leve no mamilo escuro da que usava franja, que sufocou um risinho. Nervoso, Barrett esperou que Quandt abrisse uma gaveta do arquivo e corresse o dedo pelas pastas de manilha. Por fim, tirou uma e pôs-se a examinar o que continha. Devolveu a pasta ao arquivo.

De repente, assustadoramente, ouviu-se um zumbido agudo e estranho na sala. Uma luz vermelha em cima do relógio começou a acender e a apagar, e Quandt fechou a gaveta do arquivo com estrondo, gritando:

— O alarme, puta de merda! Vocês sabem o que têm que fazer!

Barrett não só ficou espantado com o alarme como também com o pandemônio que se formou no escritório. A porta atrás dele foi escancarada, e dois homens baixos e morenos entraram a correr. Uma parede corredeira junto do sofá-cama também se abriu e as moças nuas passaram apressadas por ela, seguidas pelo cineasta com o seu equipamento, enquanto os dois morenos pegavam no refletor e nos outros vestígios de filmagem. No meio disto tudo, dirigindo os movimentos, Quandt examinava a sala para ver se tudo estava em ordem. Em questão de poucos segundos, o cenário

cinematográfico convertera-se, mais uma vez, em escritório de reembolso postal.

Barrett viu que Quandt vinha na sua direção, com o semblante e os punhos crispados de raiva.

— Seu filho da puta — rosnou para Barrett —, foi você quem...!

— Não sei do que está a falar. Que está a acontecer?

— Não é um aviso lá de baixo. A Polícia está aí a perguntar por mim. Provavelmente os guarda-costas à paisana do Promotor Público. Foi você quem deu à dica...

— Ficou maluco, Quandt? Você leu nos jornais. Eu estou do outro lado.

— Pois esta é a primeira vez que eles aparecem por aqui, e, puta de merda, é uma coincidência danada que você também esteja aqui. Até agora eles nem sequer sabiam que eu era do ramo... Ocorreu uma ideia a Barrett.

— Escute, Quandt, preste atenção e acredite em mim. Aquele sacana do Duncan mandou certamente alguém seguir-me e eles vieram até cá. Mas não é atrás de você que eles andam. É de mim! Eu sou o inimigo agora. E se eles me encurralarem no seu estúdio...

com os filmes de bandalheira... os nus... eu, o grande defensor da arte, ligado a pornógrafos ilegais... pode imaginar o Carnaval que não fariam pela televisão e pelos jornais?...

difamando-me antes de eu aparecer no tribunal...

Quandt olhou freneticamente para os lados.

— Sei lá. Talvez você esteja a ser sincero comigo, talvez não. Mas acho que está contra Duncan, e tenho de aceitar o que diz. Okay, siga-me. Há uma saída pelas traseiras, que passa por baixo da garagem. Uma das pequenas vai-lhe mostrar. Você dará o fora sem o menor perigo.

Estendeu a mão para a parede ao lado do sofá, tocou no painel, e a parede corrediça abriu de novo, revelando uma passagem estreita.

— Suma-se daqui — mandou Quandt —, e nunca mais apareça perto deste lugar.

— Não se preocupe — retrucou Barrett. Meteu-se pelo túnel. Viu Quandt estender o braço para fechar a parede. — Mr. Quandt...

— Não tenho tempo para nada. Preciso de ir falar com aqueles polícias lá em baixo.

— Mr. Quandt — tornou a chamar Barrett, o negociante de autógrafos, aquele a quem o senhor vendeu as cartas de Jadway...

A parede já estava a ser corrida.

Foi então que Barrett ouviu a voz de Quandt.

— Olin Adams Autógrafos... Olin Adams... Rua Cinquenta e Cinco... Nova Iorque.

A parede fechou-se e Barrett virou as costas. Ao longe, finalmente, avistou uma claridade.

Hora e meia mais tarde, na acolhedora segurança do seu consultório jurídico, Mike Barrett tinha recém-terminado de contar a sua aventura com Norman C. Quandt. Abe Zelkin caminhava de um lado para o outro diante da escrivaninha.

— E o tal Quandt fumava um charuto igual ao que você está a fumar — acrescentou Barrett. — Só que você não se baba todo como ele.

Zelkin olhou para o charuto.

— Não tenho nenhum motivo para me babar. Ele sim.

— Que sujeito horrível! — Barrett sacudiu a cabeça. — Que negócio nojento. Close-ups de “broche”, cunnilingus, coito, sodomia, orgasmos, sem falar nos falos de borracha, É

tudo em nome da liberdade sexual e da exaltação da ciência. Pode ser que esses filmes de libertinagem não prejudiquem mais do que os filmes ou livros concebidos e executados honestamente, mas há qualquer coisa sobre os homens que os produzem, os Quandt deste mundo, que me deixa doente. Talvez pareça incongruente, Abe, mas não deviam deixar que um sujeito como Norman C. Quandt continuasse no ramo.

— Se chegarem a prendê-lo, apanha cinco anos.

— Ninguém o apanhará. Ele é viscoso e escorregadio de mais. Estes são os tipos que transformam o sexo em palavrão, e tornam a coisa difícil para gente como nós. Eu fico danado... isso é que é triste, Abe... quando defendemos a liberdade de expressão e a liberdade da imprensa, também defendemos os direitos de toda uma

comunidade subterrânea de répteis, de gente como Quandt. Eles não prestam porque são desonestos.

No entanto somos forçados a tê-los no nosso batalhão. Se a gente é contra a censura, fica obrigado a ser contra toda a espécie de censura. Eu só queria que houvesse uma forma de traçar um limite, de selecionar os que merecem ser defendidos daqueles que não o merecem. Mas quem fará a seleção, quem há-de separar os que têm mérito dos que são meretrícios? Onde encontrar esse supremo árbitro e juiz?

Zelkin tinha parado de caminhar. A cara de abóbora estava grave.

— Deixe isso para lá, Mike. Não estamos a defender Quandt. Estamos a defender Jadway. Sem querer, é possível que Quandt tenha servido a causa da liberdade, por mais pomposo que soe. Ele deu-lhe o nome do tal negociante de autógrafos... Olin Adams, não é?... muito bem, isso talvez seja o nosso maior trunfo contra Duncan até agora. E bem na hora. Antes do tribunal suspender a sessão hoje, concordamos em oito jurados. Ficaram mais quatro para se resolver amanhã. Se conseguirmos, estaremos prontos para começar segunda. Por um lado, dou graças a Deus por este novo adiamento. E por a Polícia não o ter encontrado em companhia de Quandt e de todas aquelas garotas nuas.

— Tem toda a razão. Já pensou nas parangonas? “Advogado de Defesa Surpreendido em Orgia Sexual com Belezas Sem Nada em Cima... e Sem Nada em Baixo...” Isso significaria o fim para nós, sem apelação.

A campainha do telefone tocou e Barrett levantou o auscultador. Era Donna.

— Consegui Nova Iorque, Mr. Barrett. Por sorte apanhamos o Mr. Adams no momento exato em que encerrava o expediente por hoje. Ele está na linha. Na primeira.

— Obrigado, Donna. Caso a nossa sorte continue, verifique os próximos voos para Nova Iorque — ergueu os olhos para Zelkin. — Estamos com Olin Adams na linha, Abe.

Cruze os dedos.

Barrett accionou a tecla acesa.

— Mr. Olin Adams?

A voz era distante e amável.

— Sim. Em que lhe posso ser útil, Mr. Barrett?

— Soube que o senhor adquiriu um maço de cartas autênticas de cerca de dez anos...

escritas na década de 30 por J J Jadway, o autor de Os Sete Minutos. Fui informado disso hoje pela pessoa que as vendeu ao senhor.

— As cartas de Jadway. Sim, lembro-me. O senhor acertou.

— Ainda as tem à venda? — perguntou Barrett, e depois esperou ansioso.

— Se as tenho? Ah, claro que sim. Mal tive tempo de as desempacotar, para colocá-las em ordem e incluí-las no meu próximo catálogo. Temos andado ocupados, examinando duas grandes coleções, uma de manuscritos de Walt Whitman e a outra da correspondência de Martin Luther King, que chegaram antes do material de Jadway.

Fazendo um rápido sinal de vitória com os dedos para Zelkin, Barrett voltou a concentrar-se na conversa.

— Mr. Adams, folgo muito em saber que o senhor ainda está de posse do material de Jadway, pois estou interessado em adquiri-lo. Pode dizer-me exatamente em que consiste?

— De momento não, Mr. Barrett. As cartas ficam trancadas no cofre durante a noite.

Eu estava mesmo a sair neste instante para ir para casa. Quem sabe, amanhã...

— Bem, quem sabe se não podia dar-me uma ideia geral, de memória?

— Como já disse, desembulhei a pasta que as continha há uma ou duas semanas, e só tive tempo de autenticar as cartas. Se me lembro bem, havia quatro, três do próprio punho, assinadas por Jadway, e outra datilografada, com a assinatura de Jadway batida à máquina, cujo verso trazia a firma reconhecida de uma tal Miss McGraw, a apaixonada de Jadway, segundo sei. Ao todo, mais ou menos nove páginas de texto.

— E o que diziam, Mr. Adams?

— De momento não me recordo. Mal passei os olhos pelo texto. É quase tudo sobre literatura... comentários sobre o modo dele escrever o romance e um punhado de dados autobiográficos destinados à contracapa de um livro. É difícil lembrar-me de tudo, com esta história de Walt Whitman e...

— Mr. Adams, eu gostaria de comprar o material de Jadway à vista, mesmo sem ver como é.

— Eu não queria que o senhor fizesse isso. Seria muito imprudente.

— Pouco importa. Preciso das cartas. O senhor pode dizer-me o preço?

— Bem, eu não tive tempo de avaliar...

— Estipule uma quantia, e se cobrar de mais por elas. prometo não reclamar.

— Hummm. Assim é difícil, Mr. Barrett. Estas são as primeiras cartas de Jadway que aparecem em circulação, ao que me consta, e não houve nenhum leilão do conjunto até agora.

— Mas o senhor deve ter alguma ideia, Mr. Adams — insistiu Barrett, contendo a impaciência. — Diga um preço que sabe que o contentaria.

Fez-se um silêncio e depois tornou a ouvir-se a voz do negociante.

— Olhe, nós cobramos cinquenta dólares por uma carta de Sinclair Lewis e às vezes duzentos e cinquenta por uma de Whitman, e apesar de Jadway não ser nenhum dos dois, sempre é uma raridade, e a sua fama recente talvez um dia empreste interesse especial a certos colecionadores. É remotamente possível que o nosso maço de Jadway possa algum dia valer, hummm, digamos talvez, talvez até oitocentos dólares.

— Negócio fechado — replicou Barrett imediatamente. Do outro lado da linha fez-se novo silêncio, e quando

Olin Adams recuperou a voz, parecia confuso.

— Eu... o senhor disse...?

— Disse que compro as cartas de Jadway por oitocentos dólares. O senhor está satisfeito com o negócio?

— Pois... pois já que o senhor quer... sim.

— Quero, sim.

— Muito bem, Mr. Barrett, ótimo. São suas. Se o senhor mandar um cheque com essa importância pelo correio e puder esperar que seja descontado, enviar-lhe-ei as cartas por via aérea.

— Não. Preciso delas com a maior urgência, Mr. Adams. Hoje à noite vou tomar o avião para Nova Iorque. A que horas o senhor abre o expediente de manhã?

— Às nove.

— Passarei pela sua loja entre as nove e as dez. Não haverá cheque a descontar.

Pagarei à vista. Não se esqueça de deixá-las à mão.

— Estarão à sua disposição, Mr. Barrett. E obrigado, muito obrigado.

— Até amanhã, então.

Barrett colocou o telefone no descanso e sorriu radiante para Zelkin.

— Excelente — disse Zelkin, esfregando as mãos. — Agora conseguimos algo. Jadway a falar do túmulo, talvez para refutar a afirmativa de Leroux de que ele só visava o lucro e a pornografia. Isabel Vogler para refutar o testemunho de Jerry Griffith de que foi o livro sozinho que o transtornou. As coisas estão a melhorar.

— Ah, por falar nisso, Abe, não não seria bom você ligar para Mrs. Vogler dizendo que estou de partida para Nova Iorque, mas que lhe telefonarei assim que voltar amanhã à noite? Preciso de falar com ela amanhã sem falta. Peça-lhe que me espere.

— Deixe por minha conta.

A campainha tocou outra vez. Era Donna.

— Duas coisas, Mr. Barrett. As suas reservas de passagem para Nova Iorque. Fiz duas, em voos que saem do Internacional às oito e às nove. Com este último, o senhor vai chegar muito tarde a Kennedy.

— Não posso arriscar-me. Marque no das oito. E ligue de novo prò interurbano e fale com o Plaza. Preciso de um quarto de solteiro para logo.

— A outra coisa, Mr. Barrett. Enquanto o senhor estava ao telefone com Mr. Adams, houve uma chamada de Miss Osborn. Ela

disse que era urgente e quer que o senhor lhe ligue já.

— Urgente? Está bem. Disque para lá antes de fazer o resto — levantou os olhos para Zelkin. — Tenho de falar com Faye. Qualquer coisa urgente, não sei o que será.

— Eu deixo-o — disse Zelkin. — Estarei no meu gabinete, para telefonar a Mrs. Vogler.

Procure por mim antes de se ir embora.

Momentos após a saída de Zelkin, Barrett falava ao telefone com Faye Osborn.

A tensão da voz dela tornou-se imediatamente evidente.

— Mike, eu sei que cancelou o encontro que tinha comigo hoje à noite porque está cheio de trabalho, mas preciso de lhe falar. É tremendamente importante.

— Faye, sinto muito, agora não é apenas trabalho... é trabalho em Nova Iorque. Vou tomar o avião das oito. Mas amanhã estou de volta.

— Mike, simplesmente não posso esperar. Preciso de falar com você hoje à noite.

— Mas já lhe disse... — hesitou. — Não pode falar agora? Sobre o que é?

— Não, agora não pode ser.

— Então a caminho do aeroporto. Você pode levar-me de carro.

— Não. Mike. Isso requer um lugar tranquilo, e não sei quanto tempo vai levar. Talvez necessitemos de umas duas horas. — Depois, com ênfase, acrescentou: — Mike, trata-se de todo o seu futuro, do seu e do meu.

Aquilo parecia urgente e perturbou-o.

— Bem, já que é assim, façamos uma coisa. Donna pode trocar a minha reserva, tentando conseguir-me o voo que parte do Internacional à meia-noite, e eu posso dormir um pouco a bordo. Levarei a maleta de mão no carro, e talvez seja melhor deixar uma margem de uma hora para ir da cidade ao aeroporto. Quer encontrar-se comigo às oito e meia ou às nove?

— Preciso de tempo para falar com o Papá antes de me encontrar com você.

Deixemos para as nove. Onde?

— Digamos no Century Plaza. Há uma sala de visitas no andar térreo. O Granada Bar.

Quer encontrar-se lá comigo?

— Às nove em ponto — concordou Faye. — Lá estarei. E desligou.

Barrett ficou sentado, pensando.

Faye havia dito, "Trata-se de todo o seu futuro, do seu e do meu." E também: "Preciso de tempo para falar com o Papá antes de me encontrar com você."

Completamente enigmático, e, no entanto, vagamente ameaçador.

Após alguns instantes, ainda inquieto, tocou a campainha para pedir a Donna que trocasse a reserva da passagem.

Ele conseguiu uma mesa nos fundos do Granada Bar. À sua frente tinha o uísque com gelo em que ainda não tocara. O bar do hotel estava por metade, mas ele mal dava conta da ininterrupta tagarelice dos turistas e caixeiros-viajantes em trânsito. Estava preparado para Olin Adams em Nova Iorque. Deixara a maleta de mão no carro e os oitocentos dólares em cédulas num sobrescrito no bolso interno do paletó, junto com a carteira. Não estava preparado para Faye Osborn. Chegara finalmente à conclusão de que ela havia adiado a sua partida por algum motivo pessoal e frívolo, e sentia-se levemente ressentido.

Ainda por cima estava atrasada e ele achava-se impaciente.

Após quinze minutos de espera, quando já começava a tomar o uísque, viu-a chegar.

Vestia o casaco bege-claro de seda. Enquanto procurava localizá-lo no meio dos frequentadores do longo balcão do bar, ele levantou-se um pouco, acenando, tentando chamar-lhe a atenção, e por fim conseguiu. Faye encaminhou-se rapidamente para ele, que terminou por se levantar por completo para recebê-la.

— Querida — saudou.

Ela ofereceu a face que ele beijou, e depois ela esgueirou-se por trás da mesa e ele instalou-se a seu lado.

— Quer que vá guardar o seu casaco? — perguntou.

— Não, vou ficar com ele nos ombros.

Ajudou-a a despi-lo e ajeitá-lo em torno dos ombros. O vestido de seda para cocktail era novo.

— Bonito vestido — comentou.

— Obrigada, Mike — disse ela, mas sem lhe dar nenhum sorriso de reconhecimento. O

rosto estava magro e contraído, quase tenso. — O que é que está a tomar? Uísque? Não, obrigada. Vou beber uma menta.

A criada de uniforme mostrou-se alegre e graciosa, e ele pediu a menta e outro uísque.

— Desculpe a demora — disse ela. — Tive de falar com o Papá de novo e ele chegou tarde não sei de onde, e conversamos durante todo o jantar e até depois ainda, e por isso não deu para sair tão cedo como eu pretendia.

Mais enigma, pensou Mike.

— Temos tempo de sobra — disse ele.

— Porque é que vai a Nova Iorque assim de repente?

— Ando na pista do passado de Jadway. Talvez haja lá alguma informação vital que possa ser útil no tribunal.

— Julguei que talvez tivesse encontrado outra testemunha.

— Não, desta vez não. A não ser que surja algum imprevisto, acho que temos todas as testemunhas necessárias...

Ela ia dizer algo mas esperou que a criada terminasse de servir as bebidas e colocasse o prato de castanhas em cima da mesa.

— Mike... — disse ela.

Barrett já havia levantado o novo uísque.

— À nossa.

— Sim à nossa — repetiu, erguendo a bebida verde e sorvendo de leve nos dois canudos curtos espetados no gelo moído. E pousando o copo, acrescentou:— Pelo menos, espero.

— Espera o quê?

— Que continuemos alegres... depois desta conversa.

— Faye, eu gostaria de que você dissesse já do que se trata.

Ela virou-se para o encarar.

— É sobre as suas testemunhas — disse. — Pelo menos, uma delas.

— Como assim?

— Quando conversamos hoje à tarde, ou seja lá quando foi, lembra-se?... você disse que tinha descoberto uma nova testemunha para defesa. A tal mulher, Isabel Vogler, que já trabalhou para família Griffith.

— Exato.

— E estava todo entusiasmado porque aquela mulher horrorosa ia aparecer no banco das testemunhas e provar... como foi mesmo que você disse?... que Mr. Griffith podia “ser tudo menos um paradigma de virtudes” e que prejudicara o filho mais do que uma dúzia de livros. Creio que foi isso que você disse.

— Sem tirar nem pôr.

— E você disse qualquer coisa mais ou menos assim, que nem o Papá nem eu fazíamos a menor ideia de como Frank Griffith era na vida íntima.

— E você considerou Isabel Vogler uma delatora por expor os fatos a respeito do ex-patrão no banco das testemunhas.

— Mais do que delatora. Completamente imoral e ordinária.

— Ao passo que não acha imoral nem ordinário que o promotor público Duncan faça desfilar testemunhas que difamarão um autor morto que não pode defender-se pessoalmente-revidou cáustico —, e não vê mal nenhum em proporcionar diversão pública em levar ao banco das testemunhas um rapaz perturbado emocionalmente, que nada tem que fazer neste julgamento, mas está a ser usado da mesma maneira que Hitler usou aquele pobre holandês demente, van der Lubbe, para alcançar poder político pessoal — fez um esforço para se controlar. — Você considera isso moral e decente?

— Mike, por favor, pare com isso — disse Faye exasperada. — Porque é que você faz sempre isso? Não suporto esse seu hábito de reduzir sempre tudo o que a gente diz a argumentos de advogado, obscurecendo constantemente a verdade com cortinas de fumo de frases de duplo sentido. Será que você não pode, ao menos uma vez, deixar o seu diploma de direito no escritório e falar comigo como um ser humano? O expediente já encerrou, sabe? Se quer dobrar-me com o seu argumento, nada mais fácil. Esse tal escritor

de que você vive a falar, o Jadway, está morto e enterrado, e nada do que Duncan disser pode prejudicá-lo. E quanto a Jerry, ele é um tarado confesso, ficou arruinado e irá pra cadeia, e tudo o que Duncan fizer com ele não poderá causar-lhe dano maior. Mas você, recorrer a alguém como Isabel Vogler... que pode ser nociva a uma pessoa viva, cuja reputação é impecável... Como toda a pessoa de vida pública, Frank Griffith expõe-se a um ataque de mentiras. A sua reputação e negócios são capazes de se danificarem sem remédio por uma vulgar doméstica que ele se viu na obrigação de despedir e que agora encontra oportunidade para se vingar. Essa mulher é má. Eu admiro-me de que você tolere e, o que é pior, apoie e estimule que ela profira essas falsidades. E a troco de quê? Eu sei, eu sei.

Para provar um pormenor qualquer no tribunal, que talvez não tenha sido aquele livro objecto o culpado do ato de Jerry, que talvez, pelo contrário, fosse culpa do pai.

Francamente, Mike, conhecendo-o como eu o conheço; preocupando-me por você como me preocupo, custa-me acreditar que seja você quem esteja a fazer uma coisa dessas.

— Custa a acreditar? — repetiu irritado.

— Custa. Porque você vale mais do que isso. Ah, que inferno, vamos mudar de assunto. Parece que ultimamente só vivemos a brigar, e não quero saber mais de discussões-inclinou a cabeça e sorveu um gole de menta. — Como foi que desviamos deste jeito o fio da conversa?

— Será que desviamos mesmo, Faye? — retrucou ele mais calmo.

Ela olhou-o demoradamente nos olhos e depois franziu a testa.

— Não, talvez não. Muito bem. Vou dizer porque precisava de falar com você. Hoje de tarde você ligou de novo para mim e mencionou Isabel Vogler. Ora, o Papá estava em casa e talvez tenha escutado por acaso parte da nossa conversa, antes de eu lhe contar a ele a respeito da última testemunha que você conseguiu. Achei que devia falar, pois queria saber a opinião dele sobre o assunto. Você sabe perfeitamente que o Papá e Frank Griffith vêm mantendo uma longa e compensatória relação de negócios. Respeitam-se mutuamente e gostam muito um do outro, e Mr. Griffith é responsável pela colocação de uma vasta quantidade de anúncios

dos seus clientes no horário nobre das estações de televisão do Papá. Portanto, naturalmente, você há-de compreender como o Papá se sentiu quando soube que você ia usar uma testemunha para caluniar Frank Griffith.

— E como foi que o Papá se sentiu? — perguntou ele, arremedando-a.

As feições dela alteraram-se.

— Você está a ser sarcástico?

Eh, a filhinha do papá, pensou. Mexera no ninho de vespas. Mudou de tom.

— Só quero saber qual foi a opinião do seu pai, — Ainda bem. Vou dizer-lhe o que ele achou. Ficou tão preocupado que saiu à procura de Mr. Griffith, para lhe participar o que você pretendia fazer... para prevenir um amigo, para deixá-lo de sobreaviso contra qualquer injúria que Mrs. Vogler seja capaz de proferir contra ele. Depois o Papá telefonou-me do escritório de Griffith, frisando que Griffith estava furioso com Mrs. Vogler e com você também por pensar sequer em usar aquela megera publicamente no tribunal. O Papá está convencido, depois da conversa que teve com Frank Griffith, que Mrs. Vogler é uma mentirosa psicopática, uma pessoa verdadeiramente perigosa para se ter perto... indigna de confiança, zaragateira, encrenqueira, ressentida contra qualquer patrão que a tenha despedido por causa desses defeitos, e que, a exemplo de todas essas domésticas que estão sempre a queixar-se da sua falta de sorte na vida, é uma paranóica que só quer tirar desforra de gente de categoria superior à dela.

— Entendo — disse Barrett. Começava a entender uma porção de coisas, inclusive a importância deste encontro com Faye. — Quer dizer que seu pai acredita em Frank Griffith e você também, não é?

— E você não, depois de tudo o que acabo de contar? Quando se trata da palavra daquela infeliz contra a de uma" pessoa da integridade de Mr. Griffith, pode haver dúvida?

— Só porque ele pertence a uma categoria superior à dela?

— O que foi que disse, Mike? Não ouvi bem.

— Nada. Não era nada.

— Seja como for, depois que o Papá falou com Mr. Griffith e ligou para mim, ele pediu-me que lhe telefonasse. Queria que eu lhe contasse a história toda. Aí, então, quando tornei a ligar para ele, dizendo-lhe que você tinha concordado em adiar a viagem para se encontrar comigo, o Papá disse que precisávamos de conversar antes de eu me encontrar com você. De modo que isso aconteceu durante o jantar e mais tarde, e por isso me atrasei.

— E agora contou-me — completou Barrett.

— Não exatamente, Mike. Ainda não contei tudo. Falta dizer-lhe o que o Papá discutiu comigo durante o jantar.

Barrett pegou no seu uísque, quase esvaziando o copo e preparou-se.

— Muito bem. Pode dizer.

Ela sentou-se perfeitamente ereta, com um ar muito prático, idêntico ao que Willard Osborn II costumava adoptar.

— Mike, nós somos íntimos de mais para andar com rodeios. Sempre fui totalmente franca com você, e presumo que você sempre se tenha portado da mesma forma comigo.

Portanto direi simplesmente o que vim aqui para dizer, e sei que aceitará isso com a intenção com que é dito, porque sei que é intrinsecamente responsável e tem um forte sentido da decência. E sei que posso falar com toda a franqueza, porque o Papá simpatiza com você, eu gosto de você, e nós acreditamos que você sinta a mesma coisa por nós.

— Nós. Ele ouviu o nós. Muito bem, nós, desembuche depressa.

— O que é que me quer dizer, Faye?

Ela mexeu os canudos ao redor do gelo moído que se derretia na bebida.

— Resume-se no seguinte — disse ela. — O Papá quer que eu lhe diga que qualquer ideia de usar Isabel Vogler como testemunha está fora de cogitação. Ele simplesmente não pode permitir que você continue com esse plano, não só por causa de Mr. Griffith mas por causa de você mesmo. Ele disse que tinha a certeza de que você haveria de compreender, e eu prometi-lhe que faria tudo para que você compreendesse. O Papá achou que, ao concordar com ele, você estaria a fazer apenas o menor compromisso, do tipo que as

peças metidas em grandes negócios estão acostumadas a fazer a toda a hora, diariamente. Quando a gente ocupa a direção, são os outros que fazem concessões. Quando a gente não ocupa, então é a nossa vez de se curvar. Tudo faz parte do mesmo jogo de conseguir as coisas com jeito, e tocar o barco pra frente. Isso faz parte do negócio, disse ele, e em breve você será uma peça importante da organização, e, portanto, tem toda a vantagem em não hostilizar, e muito menos crucificar, um amigo de cuja boa vontade você e Papá tantas vezes hão-de depender. O Papá tinha a certeza de que você se mostraria razoável a esse respeito, e eu garanti-lhe que assim que eu falasse com você não haveria mais problemas.

Pronto.

E agora que fazer?

A memória levava-o de volta ao segundo ano da faculdade, quando colecionava epigramas, aforismos, citações, achados inteligentes para o aconselhar, orientar e tornar mais criterioso. Sentira um prenúncio de realidade ao anotar, tomando de empréstimo a Juvenal, que a integridade recebe elogios mas passa fome. E tinha havido uma compreensão final de si mesmo ao perceber que, tal como o Velho Marinheiro de Coleridge, ele era

Como aquele, que numa estrada solitária,
Caminha com medo e temor,
E depois de voltar-se uma vez, segue em frente, E nunca mais
vira a cabeça,
Porque sabe que um inimigo terrível
Lhe acompanha os passos de perto.

Finalmente avistava o inimigo. Mais uma vez, como há tanto tempo, caminhava com medo e temor. Ousaria seguir adiante, certo de que nunca, nunca mais tornaria a virar a cabeça?

Olhou fixamente para ela. O rosto calmo e presunçoso dos superiores. Recordou a sua ordem, a ordem da filhinha de papá, de que usar Isabel Vogler como testemunha estava fora de cogitação. O Papá tinha a certeza de que ele se mostraria razoável. A filhinha havia garantido ao papá que não haveria mais problemas.

— Mas há um problema, Faye — replicou. — Então, feito o Velho Marinheiro, seguiu em frente e não virou mais a cabeça. — Porque sabe de uma coisa? Vou pôr Isabel Vogler no banco das testemunhas.

Um pequeno abalo, um ligeiro tremor, e a compostura artificial de Faye partiu-se ao meio.

— Mike, você não pode estar a falar a sério, não, depois do que acabo de lhe dizer. O

Papá frisou que isso está fora de cogitação. Ele não quer aquela mulher no banco das testemunhas.

— Mas eu quero.

O sismógrafo dos superiores oscilou, e a fenda na compostura de Faye transformou-se em franca incredulidade.

— Você está a provocar-me, não está? Se estiver, é uma crueldade, mas basta dizer que é brincadeira para lhe perdoar. Isso é sério, Mike. Você não imagina quanto.

— É por isso que estou a falar a sério.

— Mike, você tem uma dúzia de testemunhas para aquele julgamento... todas as de que precisa, como você mesmo o disse. Porque é que lhe é tão importante tentar opor-se ao Papá e destruir Mr. Griffith? Aquela bruxa de faxineira não é digna disso.

— Mas a verdade é, a verdade é digna disso, especialmente neste julgamento.

— Este julgamento — repetiu, com raiva impotente. — Estou para além de farta desse julgamento, desse livro, do que eles fizeram de você. Estou farta, entendeu? — agarrou-o pela manga. — Mike, escute uma coisa, porque é a última vez que direi isto. Desde o início o Papá mostrou-se totalmente contrário a que você se envolvesse no caso. Simplesmente ele não queria. E sei que ele tinha razão. Ele sempre está com a razão em assuntos dessa espécie. No entanto, fiquei tolhida no meio dos dois, e embora soubesse que era um erro, quis ajudá-lo a você. Foi por isso que convenci o Papá a deixar a vice-presidência aberta e permitir que você cumprisse o compromisso de defender o livro de seu amigo editor.

Agora arrependo-me. Concordando com você, simplesmente deixei que se afundasse cada vez mais na lama. Eu devia ter batido o pé desde o início, concordado com o Papá e teríamos impedido todo este desgaste, e toda a gente estaria mais contente. Mas ainda é tempo. Não posso viver em paz comigo mesma se não agir por sua conta. Mike, por favor, faça o que lhe peço. Não deixe que se cometa esse assassinio moral de Frank Griffith.

Ponha de lado a tal Vogler e eu prometo-lhe que tudo continuará como antes entre você e o Papá.

Continuou a olhar fixamente para ela. Quando afinal falou, as suas palavras foram medidas.

— Fico-lhe grato pelo que quer fazer por mim, Faye. Compreendo o motivo por que seu pai quer que me force a recuar em relação a Griffith. Mas creio que ele está, enganado...

sei que ele está... e acho que você também está. Não vou subverter a verdade para dar auxílio e alívio a dois parceiros de negócios, nem tão-pouco aderir a qualquer cabala para solapar uma defesa da liberdade de expressão.

O rosto dela tinha avermelhado.

— Odeio quando se põe a falar como escuteiro, alardeando medalhas de mérito. Não gosto do jeito depreciativo com que se referiu a meu pai e a Mr. Griffith.

— Isso é problema seu, Faye, a opinião que você tem a respeito de seu pai.

— E o seu é a opinião dele a seu respeito, quando eu parar de o defender a você. E é o que vou fazer a partir deste momento, Mike. Você acaba de sair do escutismo, e seria melhor preparar-se para o que existe lá fora, no mundo dos adultos. Caso não saiba, posso informá-lo, porque me força a ser rude. Vou-lhe contar o que me contive para não dizer até agora. E que é o resto do que o Papá me disse hoje à noite.

— Você podia poupar-me isso.

— Não lhe vou poupar coisa alguma — retrucou Faye. — O Papá disse que se você se recusasse a mostrar-se sensato e cooperante sobre a questão da Vogler, então não seria o tipo de pessoa indicada

pras Empresas Osborn — fez uma pausa significativa. — Desta vez, Mike, concordo com ele.

O medo passara. Tinha deixado o inimigo ao longe.

— Talvez eu não seja a espécie de pessoa que devesse envolver-se jamais com as Empresas Osborn — disse calmamente.

— Mike, avalia o que está a dizer e a fazer? Se você for suficientemente cabeçudo para repudiar o pedido do Papá, para lançar fora a posição que ele lhe reservou, então não há dúvida de que também me repudia. Está a tornar impossível a nossa relação, e qualquer futuro que pudéssemos ter juntos. Se você quer ser teimoso e repelir o Papá e Mr. Griffith, então é melhor eu avisá-lo de que faço parte daquele todo. Simplesmente, não poderia continuar com você.

— Sempre julguei que tinha uma namorada e não uma namorada juntamente com o pai.

— Estou a falar a sério. Não poderia continuar com você.

— Pois eu sentiria muito, Faye.

— Então você recusa-se a mudar de ideia?

— Recuso-me a ser coagido. Se eu abrir mão da minha independência, do meu privilégio de pensar e agir como creio que devo nas presentes circunstâncias, se eu fizer qualquer concessão para agradar a você e ao seu pai neste momento, não farei outra coisa pelo resto da vida. Não seria muito honroso para um homem, não acha?

Faye ficara lívida.

— Para um homem? Você considera-se homem? Ora, você está-se a portar como um idiota, como uma criança, um pateta, e perdeu toda a graça que tinha para mim. Mas mesmo assim não desisto. Não posso acreditar que você seja capaz de sacrificar tudo para defender a sua pequena editora de imundície e lodo. Eu não aceito.

— Pois devia, porque é assim que vai ser. Não posso concordar com as suas condições, Faye.

— Você é um idiota — recolheu a bolsa e as luvas. — Se você rompeu com o Papá, eu rompo com você. E você não vai ganhar aquele processo, sabe? Vai ficar sem nada. Será apenas um pobre advogado de causas insignificantes e de punhos puídos, que uma

vez, quando teve oportunidade, a deixou passar por falta de coragem e imaginação. Nunca vi nada semelhante, mas estou a ver agora. Você é de segunda categoria, Mike, e eu só tenho tempo para quem é de primeira.

Levantou-se, porém não se foi embora. Baixou os olhos para ele.

— Vou-me embora, Mike. Depois que eu tiver ido, nunca mais hei-de voltar. Se você quer ter uma última oportunidade de vir comigo, eu talvez lha dê. Não estou muito segura de lha dar, mas é possível que dê. Tem mais alguma coisa que me queira dizer?

Ele soergueu-se e fez uma reverência de menosprezo.

— Querida, a defesa nada mais tem que dizer.

Mais tarde, depois de tomar mais uma bebida como despedida, e pagar a conta, percebeu pela primeira vez como se sentia completamente livre, livre e aliviado. Graças a Deus, romperá com Faye. Quanto às Empresas Osborn e ao seu futuro abortado, tinha menos certeza. Mas de uma coisa não lhe restava a mínima dúvida. Já não sentia medo.

Havia voltado a cabeça.

O inimigo tinha-se sumido.

Estava preparado para Nova Iorque e para tudo o que o futuro lhe reservava.

VI

Depois, à medida que continuava a percorrer a Quinta Avenida, preso entre as sombras dos gigantescos arranha-céus, acotovelado, detido, apressado e retardado pelo frenético movimento do trânsito de pedestres e veículos, Mike Barrett compreendeu o que estava a acontecer-lhe.

Fora definido por Emerson, que nem sequer havia visto o imenso edifício da General Motors, o da Seagram, o Rockefeller Center, ou os táxis inclinados, os autocarros a soltarem fumo e o aperto dos transeuntes apressados. Emerson descrevendo aquilo. As cidades grandes provocam-nos choques, e uma cidade como Nova Iorque faz um homem deixar de ser tolo. Foi nesse momento que Nova Iorque fez com que Mike Barrett deixasse de ser tolo.

E foi então que o impacto de Manhattan o atingiu por completo, como que pela retaguarda, catapultando-o com rumo ao seu destino na Rua Cinquenta e Cinco, impelindo-o a apressar o passo e alertar os sentidos, revitalizando-o com a apreensão do significado da sua missão imediata.

Desde o instante, na noite anterior, em que Faye Osborn o deixara para sempre, sentira-se livre, mas apenas para flutuar num vácuo interior.

Durante a maior parte da longa noite escura, reclinado no assento do avião a jato que o arremessava de Los Angeles, recente centro da esperança, para Nova Iorque, velho cenário do fracasso, reconsiderara o seu comportamento com Faye e Willard Osborn II, perguntando-se se não fora precipitado. Claro que sempre haveria a tabuleta com os dizeres: "Zelkin & Barrett, Consultores Jurídicos", mas a promessa daquela carreira tremulava baixinho e oferecia pouquíssima luz para um futuro mais luminoso.

Faye não estava indicada para ele, sabia subconscientemente disso, pelo menos não de uma maneira perfeita, porém havia sido estimulante, encantadora, divertida, a própria presença dela na sua vida constituía uma lisonja, e habituara-se a ela e ao róseo paraíso que simbolizava. E agora também a perdera. E não possuía nenhum antídoto contra a solidão.

Naquelas horas a bordo do avião, pensara em Maggie Russell, naturalmente, sentindo prazer em visualizá-la, embora não lograsse apossar-se por completo da sua lembrança. Ela mostrara-se reservada, esquiva, recusando-se a aceitar-lhe a companhia, voltando sempre ao campo inimigo, onde estava proibido de entrar. Imaginou que decerto toscanejara no avião, já que evocara todas essas imagens confusas e incertas.

Mas a questão era que, durante o voo inteiro, não pensara sequer uma vez no objetivo da sua missão nem no julgamento do tribunal em que devia desempenhar papel preponderante.

No táxi que o levou do Aeroporto Kennedy ao Hotel Plaza, sentira-se incapaz de refletir sobre o processo. Estava sonolento, lógico, mas mesmo a luz do dia matutina e a vitalidade da cidade acordando em seu redor não o tinham despertado. Tomara o elevador do Plaza para subir ao sétimo andar, dirigira-se ao seu quarto, tirara a roupa, marcara a hora no despertador e caíra na cama feito um poste. Talvez a campainha houvesse tocado, ou se esquecesse de dar corda ao relógio. O fato é que não escutara nada e dormira além da conta. Pretendia dormir um pouco e chegar à loja de autógrafos de Olin Adams às nove horas, mas terminou por acordar poucos minutos depois das dez.

Debaixo do chuveiro, disse consigo mesmo que não havia motivo para ter pressa.

Tinha comprado as cartas de Jadway, e poderia lê-las com calma durante a viagem de volta a Los Angeles mais tarde. Só que ele queria regressar ao campo de batalha quanto antes, para dispor de bastante tempo para conversar com Isabel Vogler e para os preparativos finais do julgamento em companhia de Abe Zelkin durante o fim-de-semana, antes que o juiz Nathaniel Upshaw e o oficial de diligências instaurassem o julgamento na segunda-feira de

manhã. Em todo o caso, indo para o Oeste, teria a vantagem de recuperar três horas perdidas. E assim, mais descansado após o duche, barbeado e vestido, descera ao átrio, comprara o New York Times na banca de revistas, e entrara na Sala Eduardiana para uma rápida colação de sumo de laranja, torrada com manteiga e café. A sua única concessão à pressa foi sacrificar o habitual presunto com ovos.

Correra os olhos pelo jornal, lendo minuciosamente apenas a história publicada em destaque na terceira página, que descrevia a escolha do júri no caso do estado da Califórnia contra Ben Fremont, e que resumia as questões em jogo no caso e trazia o seu próprio nome mal escrito duas vezes. O que mais o consternara não fora a menção textual de Christian Leroux a respeito do afã pecuniário de Jadway, nem a de Frank Griffith sobre a necessidade de se resguardarem jovens impressionáveis, como o seu filho, da literatura perniciosa, e sim o fato de que não havia nenhuma citação de Zelkin ou dele mesmo. Essa omissão, que refletia a sua carência de testemunhas importantes de defesa, estava manifesta nos noticiários menores. No entanto, Barrett lembrava-se de que dispunham de uma arma que havia permanecido sigilosa, sem divulgação. Agora contavam com Isabel Vogler para contrapor ao filho de Griffith — e com Jadway a falar por si mesmo no maço de cartas, a cinco quarteirões de distância. Apesar dessas reflexões, quando chegou à página desportiva o julgamento não tinha mais realidade do que um sonho. Entre o cartaz dos jogos de basebol da véspera, distinguia apenas a ruína em que se transformara a sua Grande Oportunidade e um futuro de pagamentos a prazo de empréstimos, terminando sempre em quarto lugar no bridge.

A um quarto para as onze, saíra do Plaza para a umidade singularmente sufocante desta cidade hostil e dirigira-se à Quinta Avenida, a fim de percorrê-la até chegar aonde pretendia ir.

E foi então que o impato de Nova Iorque o atingiu. A própria qualidade do lugar, que a princípio, como via de regra, lhe parecera opressiva — o excesso de tudo, a indiferença geral, a desumanidade reinante — que de repente o reavivava e estimulava, Esta era a outra singularidade de Nova Iorque, o seu milagre, finalmente. Que

aqui, no auge do dia, não houvesse tempo para tolices, trivialidades nem introspeção. Para sobreviver àquela enorme frieza, tinha-se de se mexer, ir, conseguir. Se não se ficasse atento, combatendo a cidade, até dominá-la, elevando-se à altura da sua imensidade, ficaria soterrado e perdido. Já conhecia essa experiência. Agora sabia como superá-la. Subitamente, reagira ao desafio e libertara-se de todas as espécies de tolice. Era um homem com identidade, objetivo, com uma causa e sabia aonde tinha de ir.

Em breve abandonava a Quinta Avenida e encaminhava-se energicamente para a loja que abrigava os Autógrafos Olin Adams. A partir dali, armado com o seu tesouro, ir-se-ia embora para casa para enfrentar uma luta, uma batalha em que seria observado pelos milhões de habitantes da terra, numa luta justa contra os cavaleiros negros da opressão. Era um futuro e um compromisso. Faye, o seu róseo paraíso e o seu curto período de luto tinham desaparecido.

Sentia-se vivo e empolgado.

Em largas passadas pela Rua Cinquenta e Cinco, contando os números das lojas e prédios comerciais, percebeu que o seu destino ficava a um quarteirão de distância.

Atravessou rapidamente a Madison Avenue antes que o semáforo mudasse e prosseguiu adiante até chegar, inúmeras portas antes da Park Avenue, a uma vitrine que exibia o letreiro em caracteres alongados: AUTÓGRAFOS OLIN ADAMS. FUNDADO EM 1921, COMPRAM-SE E VENDEM-SE. A vitrina estava repleta de cartas hológrafas, manuscritos e outras miudezas de celebridades, em atraentes molduras, mas ele não perdeu tempo em examiná-las. Estava ansioso de mais por Jadway.

Abriu a porta e uma campainha tilintou ao alto. Entrou na ampla sala que parecia a reprodução em miniatura de um departamento de manuscritos do Museu Britânico. Por todos os cantos havia mostruários cobertos de vidro e atrás deles as paredes estavam cobertas por cartas originais autografadas, fotografias ou retratos dos autores daquela correspondência. Cada carta ficava ao lado do retrato do autor, pendurados em moldura dupla. Um cartaz azul dizia: "Os exemplares expostos estão à venda. Queiram ter a bondade de se informar sobre os preços." Numa mesa rectangular,

autêntica antiguidade, uma jovem atarracada, que parecia ter frequentado Vassar e se tinha destacado em lacrosse (Jogo de origem índia, semelhante ao hóquei e que consiste em dois grupos de doze jogadores que usam raquetas de cabo longo), O concentrava-se em separar uma pilha de cartas raras, fechando cada uma numa pasta individual de acetato transparente.

Barrett dirigiu-se a ela.

— Desculpe, Mr. Olin Adams está? Ele já sabe que eu vinha.

— Creio que ainda está ao telefone. Deixe-me ver.

Entrou rapidamente por uma porta que revelava um canto de escritório espaçoso, embora o próprio Olin Adams não estivesse visível. Barrett esperou que voltasse.

— Ele está terminando — anunciou a jovem, indicando uma cadeira de encosto de bambu. — Esteja à vontade.

— Obrigado.

Mas Barrett sentia-se irrequieto de mais para permanecer sentado. Perambulou pela sala do mostruário, ficando logo absorto nos exemplares emoldurados ao longo das paredes. Ao pé de cada quadro havia uma tira de papel escrita à máquina, descrevendo a raridade à venda. Tinha um "Kennedy, John F., T. L. s, 1 p., 4to; Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Deputados, Washington, 12 de Dezembro de 1951. Ao Oficial Administrativo do Consulado Americano em Hong-Kong". Ao lado, um "Douglass, Frederick, A. M.s, 1 p., 8vo; escritor e conferencista negro americano. Washington, 20 de Outubro de 1883." Depois, "Toulouse-Lautrec, Henri de, A. L. S. em francês, a lápis, 2 pgs., 8vo; pintor francês, Paris, 11 de Novembro de 1899". Havia também um cheque autêntico, de cinquenta libras, em favor de Leigh Hunt, assinado por Percy Bysshe Shelley em 1817, uma receita em alemão, de Viena, datada de 1909, trazendo a assinatura, "Dr. Sigmund Freud", um manuscrito em papel azul, da pena de Alexandre Dumas Pai, em 1858, uma carta sem data, indecifrável, rabiscada por Sir Walter Scott, um documento assinado "A. Lincoln", um poema-autógrafo de S. Scott Fitzgerald, o fragmento de um manuscrito de Jean-Jacques Rousseau e parte de uma composição anônima, mas atribuída a Ludwig van Beethoven.

Para Mike Barrett, a experiência era nova e eletrizante. Sabia que manuscritos, documentos, cartas, escritos ou assinados por homens e mulheres célebres em todos os tempos da civilização tinham sido colecionados e preservados nos recessos remotos de intimidantes bibliotecas e museus. E embora tivesse ouvido falar em colecionadores particulares e negociantes de autógrafos, jamais pensara na possibilidade que os preciosos papéis de presidentes e reis, autores e pintores, cientistas e sábios estivessem sendo negociados como Kleenex, cigarros ou ervilhas enlatadas. No entanto, cá estavam eles, ao alcance de qualquer, numa loja pública da Rua Cinquenta e Cinco, onde podiam ser adquiridos e realmente levados para casa em troca de modesto pagamento. Se alguém quisesse a companhia de Paul Gouguin, Johann Wolfgang Goethe ou Henrique VIII, nada mais fácil do que ter aquela intimidade de outrora, só para si e em seu próprio lar. Era incrível, e, mais incrível ainda é que, nesta loja, ele pudesse apalpar a história, e saber que fora verdade.

Havia qualquer coisa de inacreditável a respeito de heróis, governantes, criadores artísticos e mártires de outros séculos. Pareciam invenções do folclore, mitos sem atributos humanos próprios; e, embora as suas histórias fossem conhecidas e divulgadas, era como se os compêndios, biografias e museus os houvessem simplesmente mumificado e solidificado em lenda. Mas aqui nestas paredes, eles tinham carne — a palavra mal escrita, a página manchada de tinta, a inserção de última hora, o grito de angústia — e, fossem do punho de Lord Byron ou da mão de Sarah Bernhardt, constatava-se, finalmente, que a história não se compunha de monumentos e estátuas mas de gente tão frágil como nós mesmos.

E naquele momento, nesse panteão de comércio, a pessoa de J J Jadway tornou-se realidade para Barrett pela primeira vez em todas aquelas semanas. Dali a pouco veria o que a própria mão de Jadway confiara às folhas de papel(e seguraria essas folhas, escutando a própria voz de Jadway e tocando-o através do papel que ele tinha tocado, e Jadway seria transformado em testemunho vivo, pronto para defender Os Sete Minutos perante o cepticismo do mundo.

Virou as costas, mais ansioso do que nunca por encontrar Jadway, e deparou-se-lhe um típico, e desengonçado habitante da Nova Inglaterra, surgindo do escritório do fundo e aproximando-se. O cabelo grisalho do proprietário estava arrepiado como uma crista de galo, os olhos eram de um cinzento aquoso e o nariz era comprido. Usava colete, corrente de relógio e tinha um ar de tímida cortesia.

O proprietário esboçou um sorriso.

— Meu nome é Olin Adams — disse, com voz mais apropriada para uma alcova. — A minha assistente disse que o senhor desejava falar comigo. Tem alguma coisa que...?

— Sim, eu telefonei-lhe ontem da Costa Ocidental. Discutimos as cartas de J J Jadway que o senhor adquiriu recentemente. Combinamos que as venderia por oitocentos dólares e eu prometi passar por aqui para levá-las hoje de manhã. Michael Barrett, lembra-se?

Os olhos aquosos de Olin Adams vacilaram, confusos. Abriu a boca, sem emitir palavra, parecendo um peixe fora de água.

— Como foi que o senhor disse...? — perguntou.

— O meu nome é Michael Barrett e acabo de chegar de avião de Los Angeles. Tenho a certeza de que o senhor se lembra da nossa conversa sobre as cartas de Jadway.

— Sim, naturalmente, mas...

Barrett estendeu a mão cordialmente e sorriu.

— Pois cá estou eu para as levar.

O negociante de autógrafos tentou encontrar o foco no meio do nevoeiro.

— Mas, meu senhor, Mr. Barrett já veio buscá-las.

— Mr. Barrett já veio...? — agora era a vez de Mike Barrett ficar confuso. — Não estou a compreender.

— Meu senhor, um cavalheiro chegou aqui um ou dois minutos depois que abrimos a loja às nove horas e levou as cartas.

— O senhor deve estar enganado. Eu vou explicar-lhe. Ontem eu telefonei para cá...

— Eu recordo-me perfeitamente. Mr. Barrett telefonou de Los Angeles, dizendo que tinha tomado conhecimento por intermédio de

Mr. Quandt de que eu possuía as cartas de Jadway. Pedi oitocentos dólares por elas e Mr. Barrett respondeu que estaria em Nova Iorque e passaria por aqui para buscá-las entre as nove e as dez horas da manhã. Hoje, quando cheguei, deixei as cartas prontas. Depois, antes de sair para o café, preveni Mildred... a minha assistente... que Mr. Michael Barrett ficara de vir, e que ela lhe entregasse as cartas em troca do pagamento de oitocentos dólares à vista. Fui para o café, e vinte minutos mais tarde, ao voltar, Mildred disse que Mr. Barrett tinha vindo, pago e ido embora.

Durante toda a última parte, Barrett pôs-se a sacudir a cabeça como se tivesse sido acometido por algum ataque.

— Mas não pode ser! — exclamou. — Posso provar quem eu sou! Veja!

Puxou a carteira do bolso e mostrou a sua carteira de identidade ao atônito negociante de autógrafos e em seguida abriu o sobrescrito que trouxera junto, com oito notas de cem dólares novinhas em folha.

— Agora o senhor acredita-me, Mr. Adams? O homem não sabia que fazer.

— Acredito, sim, Mr. Barrett, porém... mas, que diabo, então quem foi que veio cá e levou a sua encomenda hoje de manhã?

— É isso que eu quero que o senhor me diga. Quem foi?

— Eu... eu não tenho a mínima ideia. Nenhuma. Sei tanto como o senhor. Foi apenas uma coisa natural, do jeito que aconteceu. Nós esperávamos que um tal Mr. Barrett viesse buscar o material de Jadway. Chegou um cavalheiro, disse que era Mr. Barrett, pediu a encomenda, pagou a importância, pegou no embrulho e foi-se embora. Não havia motivo para desconfiar de que se tratava de um impostor.

— Que aspecto tinha ele? — perguntou Barrett. — Parecia-se comigo?

Olin Adams virou-se.

— Mildred, você viu o freguês...

A jovem com pernas de jogadora de lacrosse já estava ao lado de ambos.

— Não se parecia nada com o senhor — afirmou. — Era bem mais alto e cerimonioso, todo digno. Não prestei muita atenção. Há tanta gente que entra e sai sem comprar nada.

Ele vestia um fato castanho... uma espécie de gabardina... lembro-me. Acho que tudo não levou mais de um minuto. Ele entrou e disse qualquer coisa assim: “Creio que tem umas cartas autografadas para mim. São de J J Jadway. Gostaria de levá-las agora. O meu nome é Mr. Barrett”. Ora, eu já tinha as cartas prontas numa caixa e ele nem se preocupou em examiná-las. Disse que estava com pressa. Pagou, apanhou a caixa e saiu logo. Não tenho a certeza, mas acho que havia um carro à espera dele, em estacionamento duplo, e que não era táxi, mas carro particular. É só do que me lembro. Como podia eu saber que não era ele o verdadeiro comprador?

— Evidente, a menina não tem culpa — concordou Barrett.

Olin Adams fez sinal para a jovem se afastar.

— Isto jamais aconteceu em todos os meus anos de experiência neste ramo.

— Como foi que ele pagou as cartas, Mr. Adams? Será que possivelmente não teria sido em cheque?

— Não, foi à vista. Quando voltei do café, Mildred mostrou-me o dinheiro na gaveta.

Barrett sacudiu a cabeça, penalizado.

— Não me admiro. Qualquer pessoa que soubesse que eu tinha combinado a compra das cartas de Jadway e que tencionava vir aqui hoje de manhã cedo, pronto para pagar oitocentos dólares por elas, também saberia que eu pretendia pagar à vista. Aliás, quem quisesse fingir que era eu, obviamente não poderia pagar em cheque.

— Gostaria de poder fazer algo pelo senhor, Mr. Barrett — retrucou Adams. E deu de ombros. — Mas creio que não adianta. Apenas posso prometer-lhe que, se aparecer mais material desse autor, já sei a quem avisar e oferecer.

— Não vai aparecer mais nenhum material de Jadway, Mr. Adams.

— Compreendo o que está a sentir, Mr. Barrett. Sei perfeitamente o interesse que os colecionadores têm por cada aquisição. Mas, se me permite, posso dizer-lhe que não precisa de ficar muito desiludido com essa perda. Não discuto o gosto dos meus fregueses, mas neste caso devo dizer que Jadway, como figura literária, ainda permanece uma incógnita e é bem possível que nunca ultrapasse a sua condição de escritor de um único livro, autor de uma obra que representou mera curiosidade e alcançou notoriedade efémera.

O senhor poderia empregar a mesma quantia que destinava a Jadway mais proveitosamente em., bem, se o seu interesse é por autores americanos da década de 30. eu recomendaria as cartas e souvenirs de Faulkner, Hemingway e talvez Fitzgerald. Creio que o senhor encontrará, como colecionador...

— Mr. Adams, eu não sou colecionador. Não estou interessado em colecionar Jadway. Estou apenas interessado em defendê-lo. Sou o advogado que representa a Sanford House e Ben Fremont...

Olin Adams tornou a abrir a boca como um peixe.

— Meu Deus — exclamou.

— exatamente. Portanto a perda é irremediável. Não sabemos quase nada a respeito de Jadway, e essas cartas poderiam ter... — fez uma pausa. — Mr. Adams, ontem eu perguntei-lhe sobre o conteúdo delas. O senhor não sabia porque não havia tido tempo de lê-las. Será que, por acaso, hoje de manhã...?

O negociante de autógrafos sacudiu tristemente a cabeça.

— Sinto muito, mas não. Abri a loja e separei o pacote, para a eventualidade de que o senhor passasse por aqui antes que eu voltasse do café. Se ainda não tivesse passado no momento que eu chegasse, pretendia dar uma olhadela nelas.

— Mas tem a certeza de que eram autênticas, mesmo apesar de nunca ter visto antes a caligrafia de Jadway?

— Eu já a tinha visto antes, Mr. Barrett. Antes de receber as cartas de Mr. Quandt, eu adquirira cópias fotostáticas das guardas de vários exemplares da primeira edição de Os Sete Minutos, que Jadway inscrevera em Paris. As inscrições não traziam nada de significativo, eram uma simples saudação ou assinatura, porém suficientes para que eu pudesse reconhecer a autenticidade da

correspondência. Sim, aquelas cartas eram do próprio punho de Jadway — o semblante de Olin Adams parecia a própria imagem da tristeza. — Que lástima, especialmente porque me sinto solidário com o caso legal. Não lhe servi para nada.

E peço-lhe desculpas por não ter reconhecido o seu nome nem ontem nem hoje.

— Em compensação, há gente de mais que sabe quem eu sou... e as atividades que exerço — comentou Barrett causticamente. — E alguém parece inclinado a frustrar todos os esforços da defesa. Simplesmente não entendo como conseguiram aplicar este golpe.

— O senhor tem a certeza de que não falou com ninguém sobre a sua tentativa de adquirir as tais cartas de Jadway?

— Com exceção de Quandt, que foi quem me falou no senhor, os meus sócios e a secretária, ninguém, que eu me lembre, sabia disso.

Então ocorreu-lhe outra ideia. O seu cérebro estava a funcionar com mais clareza, agora que o choque inicial da perda começava a decrescer. Tomou-se novamente de um propósito desesperado.

— É o senhor, Mr. Adams? Pense um pouco. Falou a alguém, além de mim, a respeito dessas cartas de Jadway?

— Sim, lógico. Nós mantemos um ficheiro dos fregueses habituais, das suas especialidades e interesses. Quando adquiri as cartas de Jadway... não esqueça que isso foi há dez, onze dias... Mildred revisou a lista. Havia um senhor, uma espécie de poeta, que costumava passar por aqui de vez em quando, dar uma olhadela, conversar um pouco, no fundo mais para tentar vender alguns de seus próprios manuscritos originais, que não possuíam o mínimo valor, já que ele não tinha fama nenhuma. Mas Mildred lembrou-me que, certa ocasião, no meio de reminiscência sobre a sua juventude, o tal sujeito falou que já tinha sido um expatriado literário em Paris, onde havia conhecido JJ Jadway. Isso não me causou a menor impressão, porque naquela época o nome de Jadway era praticamente desconhecido, a não ser entre os colecionadores de erotismo. Quando foi que isso aconteceu, Mildred?

— Há mais de um ano — respondeu ela. — Talvez quase dois anos, quando comecei a trabalhar aqui.

— É — concordou Olin Adams. — De qualquer maneira, quando adquirei as cartas de Jadway, o nome do autor tinha-se tornado mais famoso, e Mildred lembrou-se do tal poeta que havia conhecido Jadway. Na hipótese remota de que esse poeta pudesse ter melhorado de vida, e de que talvez estivesse interessado em possuir o material, entrei em contato com ele. Recebi de volta um lacônico postal que dizia apenas o seguinte: “Muito caro para mim.” Depois... Deus do céu, já tinha quase esquecido... ontem, depois que o senhor telefonou, Mr. Barrett, esse mesmo sujeito ligou para cá. Eu já estava de saída, na porta da rua, mas voltei para atender a chamada. Ele disse que havia conseguido um pouco de dinheiro e achava-se interessado nas cartas, para que passassem a fazer parte da sua coleção, não sei em que universidade. Eu respondi que sentia muito, mas que” por cinco minutos ele chegara tarde de mais. Expliquei que acabara de vendê-las a outro colecionador de Jadway, um tal Mr. Michael Barrett, de Los Angeles, e que de fato Mr. Barrett iria chegar de manhã a Nova Iorque, para as buscar. O nosso poeta ficou desapontado e obrigou-me a prometer-lhe que se o senhor não viesse buscar as cartas ou mudasse de ideia, eu o avisaria.

— Esse poeta — disse Barrett, encontrando a agenda e o lápis —, como é o nome dele?

— Hum, deixe-me ver... irlandês... ah, sim... Mr. Sean O’Flanagan. Isso mesmo. Barrett anotou o nome.

— O número do telefone dele?

— Ele não tem telefone.

— O endereço, então. Gostaria de lhe fazer uma visita.

— Também não sei onde mora. Sempre usei o da Posta Restante, Queens, correio central. Foi assim que entrei em contato com ele. Se acha que ele pode ajudá-lo, não custa mandar-lhe um bilhete para lá.

— Sou bem capaz — disse Barrett, guardando a agenda no bolso. Olhou por cima do ombro de Adams para a jovem chamada Mildred. — Mildred, o sujeito que veio buscar as cartas hoje de manhã, usando o meu nome, tem a certeza de que não era esse tal Sean O’Flanagan?

Ela sacudiu vigorosamente a cabeça.

— De modo nenhum. Eu conheço o nosso Sean. Ele anda mal vestido, parece tão suspeito como um vagabundo de Bowery e cheira a uísque. O que esteve aqui hoje... nunca se sabe, mas parecia um homem de respeito.

— Depois houve outro telefonema — lembrou-se Adams de repente. — Começo a achar que a minha memória anda fraca. Hoje de manhã, quando abri a loja, o telefone estava a tocar... foi pouco antes de eu ir tomar café. Era alguém que disse que soubera, por intermédio de Mr Quandt, que eu tinha algumas cartas de Jadway à venda. Respondi que não, que já haviam sido vendidas. Ele praguejou contra o seu azar, pois fora avisado das cartas ontem e não conseguira falar comigo antes daquele momento. Aí então desligou.

Não disse o nome, nem nada.

— Era ligação interurbana?

— Acho que não. Creio que foi local. Naturalmente é difícil dizer nesta época de discagem directa.

— Bom. Tudo o que nós sabemos é que houve um verdadeiro rebuliço em torno das tais cartas depois que eu julguei que as tinha comprado. Talvez Quandt tivesse espalhado a notícia, logo que me contou. Embora eu não atine com nenhum motivo para ele fazer uma coisa dessas. — Barrett estendeu a mão e apertou a do negociante de autógrafos. — Em todo o caso, obrigado e desculpe o incômodo. A você também, Mildred.

Olin Adams acompanhou-o até à porta.

— Sinto intensamente, Mr. Barrett. Felicidades. Novamente na Rua Cinquenta e Cinco, Barrett consultou o relógio de pulso. Faltavam ainda duas horas para a partida do avião e sentia-se muito deprimido para voltar ao hotel. Resolveu dar uma caminhada, para ver se o movimento da cidade poderia, mais uma vez, revigorar-lhe a disposição abatida.

Pretendia ir ao Museu de Arte Moderna, mas verificou que não estava com ânimo para contemplar esculturas e abstrações quando os seus próprios negócios se achavam em tal confusão. Sem rumo, tomou a direção oposta, cruzando a Park Avenue, prosseguindo até

a Lexington e finalmente, dobrando à direita, desceu a Rua Cinquenta e Quatro e adjacentes.

Olhou distraído as vitrinas, andando sem parar. Tentava solucionar o mistério dessa nova derrota matutina. Riscar Faye, a impossível, de sua vida era uma coisa. Não dispor de meios de conseguir Maggie, a intocável, era outra. Mas ver Jadway, a testemunha de além-túmulo, arrebatado por um ladrão de cadáveres, constituía o pior e mais espantoso de todos os fracassos, quase que a última gota, pois equivalia praticamente a perder a própria esperança.

Procurou desvencilhar-se da ideia de desespero, e tornou a olhar as vitrinas. Havia um mostruário de roupas infantis. Outro de porcelanas de Dresden. E um de rádios e engenhocas eletrônicas, onde se via um imenso cartaz de propaganda. Passou a vista por este último sem se fixar, mas logo foi obrigado a concentrar-se nele de novo, lendo-o uma, duas e três vezes. Havia qualquer coisa com aquele cartaz. Retrocedeu devagar e parou diante da vitrina.

O cartaz dizia:

**O SHERLOCK ELETRÔNICO QUE ESCUTA SEM NINGUÉM SABER!
IDEAL PARA HOMENS DE NEGÓCIO, INVESTIGADORES E
ADVOGADOS!**

**UM MONITOR PARTICULAR QUE PODE SER ADAPTADO A
QUALQUER TELEFONE!**

Instale este transmissor invisível, menor que um dedal, em qualquer telefone. Ele retira a sua energia do próprio telefone. Fica imperceptível à vista. Colocado dentro do receptor, irradiará cada palavra pronunciada no aparelho, inclusive do interlocutor, transmitindo essas conversas a outro receptor de frequência modulada, situado do lado oposto da cidade, onde podem ser gravadas. Preço a retalho, \$350.

Como num transe hipnótico, Barrett ficou com os olhos pregados no cartaz.

Aos poucos, afastou-se da vitrina. A sua cabeça parecia uma roda gigante, girando sem cessar, carregando os seus pensamentos

para cima e para baixo, e depois, abruptamente, parando e descarregando um só. De uma hora para a outra compreendia tudo. Tinha a certeza. Os mistérios das últimas semanas, as frustrações e desapontamentos, finalmente se explicavam.

Na sua imaginação, como um fortíssimo olho de Ciclope interno, podia visualizar o telefone preto na escrivaninha do seu escritório em Los Angeles. Fora nele que escutara o relatório de Kimura a respeito do esconderijo de Christian Leroux em Antibes. E depois, por coincidência, alguém se aproximara de Leroux e desaparecera com ele. Fora nele que soubera onde Norman C. Quandt estava secretamente localizado e à sua espera. E depois, por coincidência, alguém alertara a Polícia para fazer uma batida no local enquanto se achava lá. Fora nele que comprara a Olin Adams as preciosas cartas de Jadway e informara a hora em que passaria pela loja para buscá-las. E, por coincidência, alguém visitara Adams primeiro, arrebatando essas cartas à defesa.

Coincidência? Uma merda!

Microfone eletrônico — isso sim!

Como não lhe ocorrera antes essa explicação tão flagrante? Ele podia ser tudo, menos burro. E no entanto lá pensara nisso, pelo menos reconhecera anteriormente essa possibilidade, só que havia sido há muito tempo, e fora isso que o apanhara desprevenido.

Agora lembrava-se do momento exato em que o transmissor lhe fora mencionado pela primeira vez: na manhã em que visitara o conjunto de salas alugado por Zelkin, Abe mostrara-lhe todas as dependências e, ao chegarem à imponente sala destinada a servir de escritório a Barrett, Zelkin, com satisfação idêntica à do Cortez de Keats num pico em Darien, anunciara: "Cá está, Mike, toda sua... novinha em folha, pintada de fresco, repleta de dispositivos eletrônicos, tudo em ordem. Olhe, chegamos até a contratar os serviços de um equipamento para localizar microfones ocultos. De fato, passaram metade de um dia a verificar o conjunto inteiro, a fim de descobrir qualquer aparelho transmissor. Toda a segurança é pouca, você sabe. A melhor ofensiva é uma boa defesa."

Essa precaução inicial desarmara Barrett. Tinha imaginado que uma vez que estavam protegidos, a intimidade deles ficara garantida

para sempre daquela data em diante.

Esquecera-se de que os microfones dissimulados podiam ser instalados secretamente em ocasião posterior.

Sim, apostava que havia sido um transmissor eletrônico. Mas usado por quem, exatamente?

Não podia tratar-se de uma autorização pessoal de Elmo Duncan, quanto a isso tinha a certeza. Duncan não só era o Promotor Público, como também o mais retrógrado dos retrógrados. Um entusiasta do Matriarcado, da Torta de Maçãs e da Minha Pátria. Acima de Tudo, não se entrega à gravação ilícita de conversas telefônicas. Ainda que Duncan sentisse vontade de fazer isso, não se arriscaria a tanto. Não era meramente um oficial encarregado da execução da; lei. Era um político em perspectiva. Não se atreveria a ser desmascarado.

Não, Duncan não, mas alguém que sabia o que convinha a Duncan, e que pudesse sentir-se livre para agir em seu nome sem conhecimento de Duncan. Alguém que sabia a respeito de espionagem industrial e aparelhagem eletrônica moderna. Alguém que estivesse apostando tudo em transformar Duncan num vitorioso. Alguém que se colocasse acima da lei ordinária e da moralidade. Alguém que estava nos bastidores.

O Richelieu e Rasputin de Duncan.

Por outras palavras — Luther Yerkes.

Barrett olhou em torno e concentrou-se na placa da rua. Estava na esquina da Lexington Avenue com a Rua Cinquenta e Dois. Conhecia Nova Iorque e sabia onde encontrar uma cabina telefônica.

Dobrando a Rua Cinquenta e Dois e avançando em direção da Park Avenue, Mike Barrett caminhou rapidamente até metade do quarteirão e entrou no Restaurante Four Seasons.

Junto à parede da direita do vasto átrio havia uma fileira de cabinas telefônicas.

Barrett fechou-se na primeira e fez uma ligação a cobrar em Los Angeles.

Na outra extremidade da linha, Donna, que estava a trabalhar durante todo o fim-de-semana, atendeu, ansiosa por saber o conteúdo das cartas de Jadway.

— Não há nenhuma carta de Jadway — respondeu Barrett —, e não quero entrar agora nesse assunto. Informe Abe e Leo, e digalhes que explicarei tudo quando chegar aí dentro de seis horas.

— Um lembrete, chefe. O senhor ia procurar Isabel Vogler assim que descesse do avião.

— É o que farei. Vou explicar, porque telefonei, Donna. Tenho uma pergunta a fazer.

Ouçã bem, por favor. Depois que eu comecei a trabalhar com Abe neste caso do Fremont... de qualquer forma, desde que o telefone particular do meu escritório foi instalado... não estive aí nenhum funcionário a consertar o seu ou o meu?

— No meu não estive nenhum. No do senhor... um momento, vou dar uma olhadela nas minhas anotações. — Donna saiu da linha, mas menos de um minuto depois já estava de volta. — Para falar verdade, sim, chefe. Aqui diz que no mesmo dia em que o senhor foi ao Aeroporto Internacional para buscar Philip Sanford, dois homens da Telefônica vieram examinar o seu aparelho. Lembro-me deles. Disseram que um cliente qualquer se queixara de que não conseguia ligação para cá, e por isso queriam passar uma vistoria ao seu telefone.

— Você ficou junto deles, Donna, enquanto estiveram a examiná-lo?

— Não, não tive tempo, chefe. Precisava de cuidar da minha mesa. Dei só uma espreitadela para perguntar se estava tudo em ordem. Eles haviam tirado a tampa plástica debaixo do aparelho e disseram que tinham encontrado e consertado o defeito. De modo que deixei que terminassem o serviço.

— Quanto tempo levaram para consertar?

— É difícil lembrar-me. Não foi muito. Dez minutos, talvez. Até menos. Por quê? Que foi que houve?

— Houve uma porção de coisas, e não só com o meu telefone. Está bem. Você já me disse o que eu queria saber. Agora vou-lhe dizer uma coisa, e nada de perguntas, por favor, até eu voltar. Depois lhe darei todos os pormenores. Nestas próximas horas faça apenas o que eu mandar, Donna. É uma ordem. Ninguém, mas ninguém mesmo, deverá fazer qualquer chamada para fora ou

atender a campainha do telefone no meu escritório antes da minha chegada. Compreendeu? Se você, Abe ou Leo estiverem lá por acaso quando o telefone tocar, não mexam nele. Atendam noutro aparelho. Se Phil Sanford aparecer por aí e quiser usar a minha sala...

— Ele está em Washington, D. C, a assistir à convenção da Associação de Livreiros Americanos no Shoreham.

— Ah, é isso. Perfeito. Nada de tocar no meu telefone hoje, e isso também vale para qualquer funcionário da Telefônica que possa aparecer de novo.

— Okay, chefe. A sua sala hoje à tarde é território proibido.

— Falarei com você no fim do dia, Donna.

— Quer dizer então que quer que eu fique aqui até que o senhor volte? Por mim, não faz diferença.

— Esquecime. Tenho de visitar Mrs. Vogler. Não, você não precisa de ficar aí até à noite. Vou chegar muito tarde. Já basta o seu sacrifício, acorrentada à escrivaninha o dia inteiro, sábado e domingo, para eu lhe exigir coisa pior. Não, quando terminar o expediente vá para casa. Deixe os recados que houver em cima da minha mesa. Passarei por aí antes de ir pro apartamento. Uma última coisa. Dê-me o endereço de Mrs. Vogler de novo.

Anotou-o e depois desligou.

Saindo da cabina, ficou tentado a desistir da comida do avião e entrar no salão de refeições do Four Seasons e almoçar ao lado do espetacular chafariz interno. Aquilo era sempre um estímulo — dispendioso, mas que deixava a gente com uma sensação de superioridade. E era o que ele precisava naquele instante. Porém constatou que lhe sobrava pouco tempo. Ainda tinha de ir até ao Plaza, arrumar a mala, pagar a conta e fazer o longo percurso do Aeroporto Kennedy. Mal dava para chegar à hora do avião descolar. O almoço podia esperar. Tinha muita coisa mais para digerir.

Mike Barrett estava de volta a Los Angeles, mas bem mais tarde do que pretendia, e a maior parte do dia havia sido desperdiçada.

Tinha ocorrido um contratempo no Aeroporto Kennedy, quando um dos motores a jato do avião causara certa preocupação, tendo de ser inspecionado de novo, e a partida sofrera um atraso de quase uma hora. O voo de costa a costa fora completado nas cinco horas e

meia previstas. Depois Barrett encontrou o seu descapotável, que deixara no parque de estacionamento do Aeroporto Internacional, inclinado para um lado. O pneu vazio levava meia hora a consertar.

Depois disso, o trânsito congestionara-se na Rodovia de San Diego em toda a extensão norte do Vale, e só ao desviar pela rampa de Van Nuys foi que recobrou a marcha normal.

Agora, ao parar diante do modesto bangaló cinzento que Mrs. Vogler alugara, faltavam dez para as seis. Desligando o motor, pisou a calçada e dirigiu-se à porta de entrada. Rezava para que ela estivesse em casa. Não tivera tempo de lhe telefonar para justificar o seu atraso. Provavelmente devia estar em casa, decidiu, pois já era quase hora de jantar e ela realmente possuía um filho de dez anos para alimentar.

Na varanda, premiu a campainha. Ouvia alguém a correr lá dentro, a porta escancarou-se e um garotinho com capacete de astronauta encostou-se à parede do alpendre.

— Olá, muito bem — saudou Barrett —, quando é que vamos para a Lua? Que capacete mais bonito tens!

— Isto não é nada — esganiçou-se o menino em êxtase. — Precisava de ver o que a mamãe me comprou hoje. Até uma arma aérea e três jogos para brincar.

— Que beleza — disse Barrett. — A tua mãe está em casa?

— Em casa não. Nas traseiras.

— Como é que faço para...? — olhou para o lado. — A entrada da garagem é por ali?

— Por ali o senhor vai zunindo prò Cabo Kennedy. É por ali, sim.

— Obrigado, astronauta Vogler.

Barrett desceu os degraus, atravessou a relva mal cuidada e caminhou pela superfície de cimento rachada em direção ao velho Ford estacionado diante da garagem em ruínas.

Espremeu-se entre o lado do carro e as sebes da passagem, abaixando-se para não esbarrar na roupa pendurada no varal, e deparou-se-lhe Isabel Vogler.

A princípio não podia vê-lo. Estava com o rosto coberto por uma caixa de papelão —

atulhada de roupas na maior desordem — que havia tirado da garagem e carregava na direção de várias outras, cheias de touca e acessórios domésticos, empilhadas perto da porta das traseiras. Viu-a gingar até ao lado oposto do quintal, baixar a caixa de papelão e equilibrá-la em cima de outra. Só quando ela se virou para refazer o caminho foi que o enxergou.

Pôs a mão em pala na testa e entrecerrou os olhos.

Ele percorreu rapidamente a distância que os separava. Mrs. Vogler estava com a testa e o buço a gotejarem suor. Secou as mãos roliças no avental já sujo. Não parecia tê-lo reconhecido.

— Lembra-se de mim? — perguntou. — Mike Barrett Eu disse que vinha hoje falar com a senhora. Desculpe o atraso. Barrett, lembra-se?

— Ah, é. Como vai? Alguém deixou ontem de tarde um recado a meu filho de que o senhor ia aparecer. Se tivesse deixado o número do telefone, eu teria ligado para lá.

— Ligado para lá? — repetiu Barrett. — Para que é que a senhora queria ligar para lá, Mrs. Vogler?

— Para saber se o senhor tinha tido tempo de pensar melhor sobre o emprego que me ofereceu. Porque agora já não pode ser. Acabei com esse negócio de trabalhar a dias ou morar no serviço. Deixei de ser criada, graças a Deus.

Mais perplexo do que nunca, Barrett retrucou: — A senhora entendeu mal, Mrs. Vogler. Jamais pensei em pedir-lhe que fosse minha empregada. Será que...

— Ah, eu sei que o senhor não pensou — atalhou ela, beligerante, com as mãos nos quadris. — Sem referências, nada de emprego, eu não me esqueci. Mas achei que talvez tivesse mudado de ideia, só isso. Se não mudou, veio fazer aqui, afinal?

Teria ficado amnésica? Ou simplesmente enlouquecera?

— Mrs. Vogler, pelos vistos a senhora esqueceu-se, e depois que me procurou para aquela entrevista... Espere, a senhora lembra-se bem de que nós conversamos ontem de manhã no meu apartamento, não se lembra?

— Foi justamente o que eu disse. Mas como o senhor não me queria dar emprego sem referências, a coisa ficou nisso.

Decidiu que estava completamente doida. Ou então aquilo era um pesadelo.

— Mrs. Vogler, não é possível que se tenha esquecido. Nós falamos sobre Frank Griffith, o último patrão que a senhora teve com caráter permanente. A senhora disse que havia tido uma briga com ele, e que ele a despediu, negando-se a dar-lhe uma recomendação depois disso. Eu contei-lhe que não estava interessado em empregá-la como doméstica, mesmo que tivesse referência. Queria utilizá-la como testemunha de defesa no nosso julgamento e pretendia recompensá-la por isso. A senhora ia testemunhar sobre a espécie de canalha que Frank Griffith realmente é, e como o tipo de ambiente que ele proporcionava ao filho podia tê-lo prejudicado mais do que o livro que eu represento. Lembra-se, agora?

Ela ficou parada, sólida como o Rochedo de Gibraltar.

— Lembro-me que lhe contei que tinha trabalhado para Griffith, sim, e que ele nunca foi muito de dar recomendações por escrito, mas não me recordo de nenhuma outra palavra do que o senhor está a dizer, porque nada disso é verdade. Onde é que o senhor arranjou essa história? Deus do céu, à saúde do que é que eu ia algum dia testemunhar contra um homem tão bom e direito como Frank Griffith? Ele foi sempre bom para mim e eu só saí de lá porque Mrs. Griffith queria que a sobrinha se mudasse para Los Angeles para lhe fazer companhia, mais nada. Ele não queria que eu me fosse embora de modo nenhum. Sempre o tive na maior consideração, como o homem mais bondoso com a esposa, o filho e toda a gente. Jamais tive um patrão que fosse mais amável ou generoso.

Olhou boquiaberto para Isabel Vogler, estupefato. Tinha a impressão de haver caído na toca do coelho e de se ter encontrado frente a frente com o Chapeleiro Louco.

— Escute, Mrs. Vogler...

— O senhor é que vai escutar. É preciso muito atrevimento para vir aqui e tentar meter-me nas suas trapacices de advogado, fazendo tudo para pôr os amigos de Frank Griffith contra ele. Sabe que mais? Estou até a pensar em telefonar pra Polícia a seu respeito. Deixe Frank Griffith em paz, é um conselho que lhe dou. Ele é um

homem bom, e ainda que tenha as suas esquisitices, como não dar referências para ex-empregados, sempre esteve pronto a ajudar qualquer um deles numa hora de aperto. Assim como eu.

Ele soube que eu estava a ver-me mal, procurando criar o meu filho. Então sabe o que aquele homem bom fez? Ele não telefonou, nem mandou alguém aqui, mas veio pessoalmente falar comigo hoje de manhã, hoje de manhã mesmo. E sabe a primeira coisa que ele me disse? “Isabel”, disse, “ouvi dizer que você anda meio atrapalhada. O que é, afinal? Vim cá para ajudar uma velha amiga”. E quando lhe contei os meus problemas, não hesitou em me ajudar. O senhor pode ver com os seus próprios olhos, estou a arrumar tudo para me ir embora. Mr. Griffith disse que eu sempre havia merecido um prêmio, e que agora ele me dava para eu poder voltar com o meu filho para Topeka, de onde nunca devia ter saído. Nós vamos embora na segunda-feira.

Barrett continuava boquiaberto, mas não era de espanto, apenas de surpresa.

A vida imitava a arte. Lembrou-se de uma história desconcertante e aterradora que lhe tinham contado na juventude. Era a respeito de uma senhora idosa que viajava com a filha desde Bombaim, via Paris, para a sua aldeia natal na Inglaterra. O modelo original de todas as damas desaparecidas. Como por passe de mágica. A velha e a filha tomaram acomodações no Hotel Crillon, em Paris, para passar a noite. Como a mãe se sentisse mal, a filha tivera de ir a um bairro distante para comprar um remédio especial numa farmácia.

Isso acontecera em 1890, na época da Exposição Mundial em Paris, e as ruas fervilhavam de gente, e a moça encontrara uma série de obstáculos pela frente. Finalmente, após uma demora de quatro ou cinco horas, regressou com o medicamento. Na portaria, o funcionário não a reconheceu. Não havia nenhuma senhora registrada no hotel que correspondesse àquela descrição, afirmou ele. Ninguém no hotel, na Embaixada Britânica, na Sureté pôde ajudá-la. A tal senhora não existia. Como por passe de mágica.

Ontem, de manhã, Barrett tinha conhecido Isabel Vogler, inimiga de Frank Griffith, amiga da defesa. Hoje, de tarde, essa Isabel

Vogler havia desaparecido, e em seu lugar surgia Isabel Vogler, defensora de Frank Griffith, inimiga da defesa.

Barrett lembrava-se de que tinha havido, eventualmente, uma solução para o mistério da senhora inglesa que desaparecera do Crillon em 1890: morreria de peste bubônica, e se a causa da sua morte fosse divulgada, mesmo à própria filha, e se tornasse do conhecimento público, não só o hotel ficaria arruinado como a fantástica Exposição teria terminado e Paris ter-se-ia convertido numa cidade fantasma. Por isso precisaram de abafar a verdade, redecorando o quarto com papel novo em questão de horas, e toda a gente negou a existência da referida senhora.

De modo que houvera explicação para aquilo, e Barrett sabia que agora também devia haver uma. O desaparecimento da Isabel Vogler que ele tinha encontrado e conhecido podia ser um passe de mágica para os membros da plateia. Mas não para os participantes dos bastidores, cientes do arsenal de truques do mágico.

Frank Griffith primeiro tentara fazer desaparecer a mulher da maneira mais fácil.

Pedira a Willard Osborn II para convencer Faye a pressionar Barrett até que ele desistisse dessa testemunha hostil. Barrett recusara-se. Frank Griffith então resolveu eliminá-la por um processo mais arriscado. Procurou-a pessoalmente sob o pretexto de ajudá-la. Depois de diagnosticar as suas dificuldades ofereceu-se para remediá-las. Hoje de manhã, operara uma lobotomia financeira. Os lobos pré-frontais tinham sido cortados. Sob a mão habilidosa do cirurgião, a hostilidade fora extirpada, e o que restava era doçura e reconhecimento. Por Frank Griffith, bem entendido. Até segunda-feira, o dia do julgamento, a operação já estaria encerrada. A testemunha desapareceria por completo do cenário de Los Angeles. Um quarto do passado havia sido redecorado e forrado com papel novo.

— Mrs. Vogler — disse Barrett, desesperado —, eu sei o que a senhora me prometeu ontem e sei o que está a dizer agora. Para mim é óbvio o que aconteceu nesse meio tempo.

Mas ainda que Frank Griffith tenha procurado suborná-la...

As feições suínas pareceram inchar.

— Não me fale desse modo! Seja lá o que está querendo inventar, já lhe disse tudo o que tinha a dizer.

— Mrs. Vogler, eu podia intimar a senhora — advertiu debilmente.

— Que história é essa?

— Fazer o tribunal intimar a senhora, o que a obrigaria a aparecer em juízo no banco de testemunhas e contar o que sabe a respeito de Frank Griffith.

— Pois então experimente — retrucou ela. E acrescentou com ar zombeteiro: — Porque tudo o que eu diria sobre Mr. Griffith e o modo como ele educou o filho seria favorável, totalmente favorável.

Barrett suspirou e sacudiu a cabeça.

— A senhora ganhou, Mrs. Vogler. Reconheço, quando sou derrotado.

— Ainda bem que tem um pouco de juízo, moço.

— E faça votos para que tenha uma boa viagem — disse ele. Fez menção de se ir embora e depois perguntou: — Onde é que eu posso encontrar um telefone na vizinhança?

— Se está a referir-se ao meu, prefiro não emprestá-lo. Tem um na drogaria da esquina. E, Mr. Barrett, quanto a Frank Griffith, eu, se fosse o senhor, não perdia mais tempo com ele, porque o senhor não vai encontrar nada contra ele.

Conselho de amigo, pensou ele, e dirigiu-se à drogaria da esquina.

Ali, perto do balcão de sorvetes, havia um telefone público pendurado na parede.

Em poucos instantes, Maggie Russell atendia no seu número particular. Reconheceu-lhe a voz, ficando um tanto surpreendida.

— Maggie — disse, percebendo depois que no seu novo mundo sem Faye era a primeira vez que a chamava pelo nome de baptismo. — Preciso de conversar com você umas coisas.

Talvez mas possa esclarecer.

— Não pode dar-me uma ideia?

— Frank Griffith, por exemplo.

— Entendo. Certos assuntos são difíceis de conversar pelo telefone.

— Então que tal se a gente se encontrasse?

— Eu... eu não sei.

— Maggie, eu conheço as regras. Mas preciso de falar consigo. Tenho algumas perguntas para lhe fazer. Talvez me possa dar as respostas, talvez não. Só conversar comigo já me ajudaria bastante. Não lhe quero causar problemas. Mesmo assim, se pudéssemos jantar sossegados logo mais...

— Hoje? Bem... — a palavra pairou no ar e em seguida ela continuou: — Acho que pode ser. É só questão de negócios... ou também de prazer?

— Em parte, de negócios, mas apenas vê-la já é um prazer.

— Faye Osborn não se vai importar?

— Que Faye Osborn? Não, aquilo já acabou.

— Ah... Onde é que você está agora?

— Em Van Nuys, mas vou prò escritório. Tenho de verificar lá uma coisa. Faz parte da história.

— Encontrar-me-ei com você no seu escritório — disse ela. — Às oito horas, está bem?

— Estarei à espera, Maggie.

Agora já era noite e faltavam vinte e cinco minutos para as oito quando Mike Barrett entrou no imponente edifício do Wilshire Boulevard. Dirigindo-se aos elevadores, escutou o eco dos próprios passos naquela caverna futurística.

Sendo sexta-feira, tudo estava deserto, à exceção dos zeladores esparsos, perdidos em algum lugar bem acima do andar térreo. As paredes de mármore pareciam gélidas e indiferentes. Nos elevadores não havia ascensoristas.

Dali a pouco, consolou-se, Maggie Russell chegaria, trazendo-lhe humanidade e calor.

Dentro do elevador, premiu o botão do quinto andar e foi levado vagarosamente para cima. A perda das cartas de Jadway, logo seguida pela de Isabel Vogler representavam um golpe tremendo. Pôs-se a imaginar porque se lembrara instintivamente de Maggie Russell. Ao falar com ela, dera a impressão de que tinha um problema específico que talvez pudesse auxiliá-lo a resolver. No entanto, na realidade, não estava bem seguro do que queria dela.

Talvez fosse que o verdadeiro inimigo, para ele invisível, não tivesse segredos para ela, que poderia oferecer-lhe algum esclarecimento sem necessidade de comprometer a sua lealdade. Isso era a parte de negócios. Talvez fosse apenas o fato de ela ser quem era.

E isso equivalia à parte de prazer.

O elevador parou aos poucos, as portas abriram-se sem ruído e Barrett saiu, caminhando pelo corredor.

A medida seguinte seria a primeira na sua contra-ofensiva à oposição escondida. As constantes frustrações, somadas à descoberta fortuita de transmissores eletrônicos e à informação de que "funcionários da companhia" lhe tinham desmantelado o telefone, enquanto se encontrava fora do escritório, levavam-no agora a buscar a confirmação final da devastadora espionagem do inimigo. Precisava de examinar o aparelho. Se estivesse de fato ligado a um microfone oculto, então revelaria essa descoberta sensacional à imprensa e ao público. Ao desmascarar, não denunciaria ninguém pelo próprio nome. As implicações, contudo, ficariam absolutamente claras. Seria o início de uma conquista da opinião pública, alertando-a contra a natureza implacável das forças da acusação, talvez até mesmo uma conquista da solidariedade pública em prol da defesa, e o início do contra-ataque da defesa na arena crítica longe do tribunal. Muito embora, conforme sabia, a revelação possivelmente chegasse tarde de mais.

Barrett enfiou a chave na fechadura, abriu a porta do gabinete escuro de Donna e acendeu a luz do tecto. Deixando aberta a porta da sala de recepção para Maggie, foi até à escrivaninha de Donna. Não havia nenhum recado. A máquina de escrever eléctrica IBNA achava-se coberta com a capa cinzenta. O ditafone descansava em silêncio.

Sentiu logo vontade de examinar o telefone do seu escritório.

Cruzou o corredor interno, abriu a porta da sala sem luz, entrou e apalçou com a mão esquerda, à procura do interruptor. De súbito, ouviu um estalo, um movimento, uma respiração atrás de si, e o calafrio que no mesmo instante o envolveu paralisou-lhe os dedos acima do interruptor.

Havia alguém.

Começava a virar-se quando subitamente um braço o agarrou pela frente, fechando-se sobre o seu pescoço. Sufocado, levantou as mãos para se desenvencilhar daquele abraço estrangulador, para se libertar. Um torno apertava-lhe a garganta, enquanto cravava as unhas no braço, e a sala escura se enchia de loucos pontos luminosos, meteoros e estrelas.

Ferozmente, ofegante como um animal encurralado, libertou-se do laço musculoso e tentava retorcer-se para pegar no agressor invisível pela frente, quando um punho cerrado lhe desfechou um murro na parte lateral do crânio, e os joelhos vergaram. A mão estendida encontrou a escrivaninha e impediu-o de cair por completo e depois, desesperadamente, arquejando, conseguiu erguer-se vacilante, investindo contra o vulto gigantesco que enfrentava. Agora agarrava-se ao assaltante, tentando sujeitar aqueles braços de malho e punhos de martelo, lutando por derrubar o monstro no chão. Os braços do outro, porém, tomaram um impulso para cima, rompendo o jugo de Barrett e obrigando-o a recuar, cambaleante, de encontro à escrivaninha.

A negra silhueta avançou e Barrett deu-lhe um pontapé, errando o alvo. Procurou esgueirar-se ao longo da escrivaninha. O vulto prosseguiu, sem oferecer trégua, e de repente encontrou voz.

— Agarra nele — rosnou.

Instintivamente, Barrett quis virar-se, para se proteger do desconhecido nas suas costas. Nessa fração de segundo, notou outra massa volumosa que levantava o braço e lhe desferia uma cutilada. Tentou desesperadamente desviar-se, enquanto a coronha de um revólver lhe passava a raspar pelo rosto, tingindo-o em pleno peito.

A dor abriu como um guarda-chuva por todo o corpo e foi refugiar-se no alto da cabeça. Tudo começou a girar, os joelhos amoleceram e, ao ver a sombra do braço de novo erguer-se, caindo sobre ele, fez o que pôde para proteger a cabeça, mas um peso esmigalhou-a e ele mergulhou de cara no chão.

Sentiu a felpa áspera do tapete no rosto, um córrego pegajoso deslizou-lhe pela face, cores vivas rodopiaram atrás das pálpebras

cerradas, e vagamente, distante, ouviu uma voz esganiçada a repetir: vamos embora, vamos embora, vamos embora.

As cores dissolveram-se. A vida morreu.

Escuridão. Vácuo absoluto.

O cérebro despertou num mundo caliginoso, tentando livrar-se do fundo daquele lago infernal e gradativamente, com exasperante lentidão, flutuou até à superfície.

Uma frieza úmida banhava-lhe a testa e o rosto. Por fim, o ar refrescante e a fragrância de perfume.

Inalando profundamente, abriu os olhos a medo.

Havia um rosto debruçado sobre o seu, indistinto, trémulo, que aos poucos se foi definindo. Cabelos negros sedosos, olhos verdes e lábios vermelhos.

— Maggie — murmurou.

— Sim, Mike.

— O que é que você está...?

Para certificar-se de que não era sonho, desviou o olhar para a guarnição do tecto e em seguida para o sofá da sala, as poltronas, a porta aberta. E voltou a fixá-lo em Maggie.

Tinha a cabeça reclinada no colo dela. Estava sem paletó e sem camisa, estendido no soalho. Ela, sentada sobre as próprias pernas em cima do tapete, amparava-lhe a cabeça, acariciando-lhe a testa com uma das mãos enquanto a outra segurava um lenço úmido manchado de sangue.

— Você está bem, Mike? — perguntou, ansiosa. — Sente-se melhor?

— Não sei. Acho que sim — aproximou a mão da têmpora. — Parece até que alguém andou a fincar uma estaca de construção aqui em cima e contra o meu peito.

— Não me admiro. Você ficou com um galo do tamanho de um ovo na nuca. E quando cheguei aqui, o seu pescoço sangrava. Agora já limpei. A pele estava arranhada, um pouco dilacerada. Tirei-lhe a camisa. A outra coisa que pude encontrar foi uma escoriação feia nas costelas. Quer que chame um médico?

— Não... não... Acho que não é preciso. Espere, deixe-me levantar.

Fez esforço, auxiliado por ela. Ao pôr-se de pé, o cérebro ficou confuso e a vista turvou-se novamente, mas, depois, em seguida, começou a melhorar, recuperando a clareza de raciocínio e visão.

— Que foi que houve, Mike? Cheguei há cinco minutos. Encontrei a porta do escritório escancarada e luz na sala de recepção. Todas as outras lâmpadas estavam apagadas. Não sei o que se passou. Chamei por você. Não tive resposta. Depois escutei o que me parecia ser um gemido. Vinha daqui. Então entrei, acendi as luzes e deparou-se-me você. Foi uma coisa horrível. Ia telefonar para pedir uma ambulância, mas logo achei que primeiro devia ver como é que você estava. Tem a certeza de que se sente melhor?

— O pior já passou. Acho que uma codeína resolve o resto.

— Você tem cá?

— Na casa de banho. Eu vou buscar...

— Deixe que eu vou.

Ela pôs-se de pé, num salto, olhou em redor e seguindo a direção indicada, desapareceu na casa de banho.

Após um instante, Mike Barrett conseguiu levantar-se. Quando Maggie Russell voltou com o comprimido branco e um copo de água, ele engoliu tudo logo.

— Obrigado, Maggie.

— Agora lembra-se do que aconteceu? Lembrava-se nitidamente.

— Depois de lhe telefonar, vim de carro lá do Vale. Subi até aqui, e no momento em que entrei na minha sala, antes que pudesse acender a luz, um sujeito enorme saltou nas minhas costas.

Consegui soltar-me dele, mas depois ele gritou para outro, de modo que estavam dois. Esse outro começou a bater-me com o revólver. Eu caí e acho que ouvi dizerem que era melhor fugir depressa. Aí então parece que desmaiei.

— Mas quem foi? E por quê?

— Não sei quem foi. Estava escuro. Entrei e não deu tempo de acostumar os olhos.

Calculo, porém, quem esteja por trás de tudo isto e talvez até porquê.

O telefone.

Virou-se. A escrivanhinha dava a impressão de ter sido varrida por um pequeno tufão.

O tapete estava coberto de papéis e havia uma cadeira virada no chão. O telefone continuava no lugar de sempre, porém com a parte de baixo desmantelada e o revestimento removido, deixando exposto o mecanismo interno.

Com a cabeça ainda dolorida, o peito latejante, aproximou-se penosamente da escrivanhinha e examinou o aparelho.

— Conseguiram o que queriam — disse por fim.

— O que era?

— Eu vim cá porque tencionava certificar-me e agora tenho a certeza, a não ser que a Companhia Telefônica esteja a oferecer um novo serviço de judo aos seus usuários.

Alguém instalou um monitor no meu telefone, e depois decerto descobriram que eu sabia... o que significa que o telefone da minha secretária também foi controlado, porque eu insinuei sobre o assunto com muita insistência quando liguei de Nova Iorque... de forma que eles voltaram depois do expediente para eliminar as provas. Por acaso, deparei com eles — apontou para o telefone. — Desmontaram isso aí, tiraram o dispositivo, mas eu cheguei antes que pudessem remontar tudo de novo.

— Mas quem havia de...? Você devia chamar a Polícia.

— A Polícia?

Ela pareceu ficar intrigada com o seu tom, mas logo uma vaga compreensão lhe passou pela fisionomia.

— Ah — fez ela.

— Daqui a pouco já lhe explico tudo — prometeu Barrett. — Mas primeiro acho bom avisar o meu sócio.

Dirigiu-se à sala de recepção, mas antes de discar o número examinou o telefone de Donna. Passou a unha do polegar pelo revestimento. Estava frouxo. Sim, eles tinham vindo logo depois de Donna se ter ido embora — decerto haviam esperado que ela saísse, o que pelos vistos fora bem tarde-e aí então retiraram o microfone eletrônico do telefone dela antes de começarem a trabalhar no seu.

Levantou o auscultador e discou o número da casa de Abe Zelkin. Mal terminara de dizer alô quando Zelkin perguntou inquieto: —

Mike, que negócio é esse que Donna me contou? Ficamos sem as cartas de Jadway?

— Abe, é uma história muito comprida, mas vou resumi-la, deixando os pormenores para amanhã.

Descrevendo o que acontecera na loja de autógrafos de Olin Adams, apressou-se a explicar como não haviam notado o que era óbvio desde o momento em que tinham perdido Christian Leroux para a oposição. Finalmente Barrett relatou o assalto que sofrera no seu escritório, e o estado do seu telefone.

— Isso não tem importância — retorquiu Zelkin. — Quero saber sobre o seu estado.

Tem a certeza de que se está a sentir bem?

A codeína começava a surtir efeito.

— Estou a sentir-me ótimo, Abe. Amanhã de manhã é que eu vou ver. Talvez vá consultar o Dr. Guigley. Que dia é amanhã? Sábado. Passarei por casa dele.

— É preciso que você esteja em plena forma prò julgamento na segunda-feira de manhã.

— Hei-de estar — disse Barrett, soturno. — Talvez o nosso caso não esteja, mas eu estarei. Por falar nisso, lembrei-me agora de outra má notícia. Fui diretamente do aeroporto para Van Nuys. Abe, dá-me raiva contar uma coisa destas, mas nós perdemos Mrs. Vogler.

Pôde ouvir a brusca falta de fôlego de Zelkin.

— Não brinque. Como foi que aconteceu? O transmissor do telefone de novo?

— Não, desta vez o dispositivo foi outro. Chama-se o Estratagama de Osborn. Para lhe dar uma ideia rápida...

Narrou que fizera a Faye, de passagem, uma referência a Mrs. Vogler. Que diabo, quando a gente está de namoro firme com uma garota, é normal que se pense que ela seja capaz de guardar um segredo. Enganara-se com Faye. Subestimarás os seus laços de fixação paterna. Ela havia sido o dispositivo pelo qual a sua intenção de Usar Mrs. Vogler fora transmitida ao pai, que, por sua vez, passara a informação a Frank Griffith. E depois, simplesmente, descreveu a cena com Faye na noite anterior, quando se recusara a

participar do jogo de Osborn. Em consequência, perdera Faye e, como o dinheiro geralmente corrompe os princípios, fracassara em reter Isabel Vogler.

— Portanto, Abe, acho que na segunda-feira teremos de enfrentar um obuseiro, munidos com um arco, apenas um arco, sem as flechas.

— Não se preocupe com isso. Faremos o possível — Zelkin hesitou ao telefone. — Quanto a você e Faye, é uma pena.

— Faye é o menos. Não ia dar certo. Eu já o pressentia. Quanto à vice-presidência...

sejamos francos... eu ficaria horrível em traje de iate. Uma vez sofri enjoo só de ler As Vinte Mil Léguas Submarinas. Ademais, recebi uma proposta de sociedade permanente de um amigo chamado Abe Zelkin. Vou escrever-lhe e perguntar-lhe se ainda está de pé a proposta.

— Pare com isso. Se eu não estivesse tão preocupado por sua causa, este seria um dos momentos mais felizes da minha vida.

— Então somos sócios, Abe. Daqui por diante, sucesso ou fracasso, vai ser Zelkin & Barrett.

— Barrett & Zelkin. Amanhã coloca-se a placa.

— Faremos questão de destaque. Então a primeira ordem do dia é a seguinte. Aqueles especialistas em eliminar microfones ocultos que você chamou logo no início, aquela equipa que localiza os tais transmissores minúsculos. Vale a pena mandá-los vir de novo?

— Claro que vale... vou mandar.

— Tem a certeza de que são bons?

— Mike, são o que há de melhor. Quando tiverem terminado, estaremos garantidos outra vez, com todos os microfones exterminados. Eles trazem duas coisas. Uma chamada Sentinela 101, que ligam em cada telefone, e o mostrador informa se existe alguma tomada.

Depois utilizam outra, chamada a Vassoura. É uma caixa com antena e mostradores que indica qualquer equipamento transmissor escondido. E desta vez pediremos que coloquem um aparelho de interferência ao lado de cada receptor. Custam mais ou menos duzentos e cinquenta dólares, mas a gente pode alugá-los e são

uma garantia para truncar qualquer tomada sem fio que seja posta no futuro.

— Formidável. Acho que o meu e o de Donna agora estão livres. Mas em todo o caso convinha mandar vasculhar o escritório inteiro. Inclusive o seu, a sala de Leo e até o apartamento de Phil Sanford no hotel. É preciso revistar tudo e eliminar os microfones ocultos. Poderia você conseguir a tal equipa para segunda?

— Vou pedir que venham no sábado.

— Não que ainda nos sobre algum segredo. Eu praticamente esgotei todas as pistas.

Mas nunca se sabe o que pode acontecer. Se chegarmos a conseguir outra oportunidade, faço questão de ouvir primeiro no tribunal.

— Mike, você já pensou quem é que está atrás de tudo isso?

— Tenho um bom palpite. A gente fala sobre esse assunto sujo depois de passar a vistoria.

Concluído o telefonema a Zelkin, Mike Barrett voltou à sua sala.

Maggie Russell pusera tudo em ordem e estava a juntar o último papel do soalho.

Observou-a em silêncio enquanto ela se levantava e ia até à escrivaninha. Tinha os cabelos desfeitos de modo atraente e meneava suavemente os quadris por baixo do vestido curto e ondulante de chiffon.

Surpreendeu-o de olhos fixos nela, e corou.

— Obrigado, Maggie — disse. — Bem, agora já estou pronto. Prometi que ia levá-la para jantar. Do que é que você gostaria?

Ela não respondeu logo.

— Mike — disse finalmente —, não fiz por querer, mas não pude deixar de ouvir parte da sua conversa ao telefone.

— Não havia nada íntimo.

— A parte sobre Faye Osborn.

— Eu já lhe tinha dito, não tinha?

— Julguei que fosse apenas parte do engodo. Para me convencer a encontrar-me com você e deixar-me mais à vontade.

— Eu jamais faria isso, Maggie.

— Não que Faye tenha alguma coisa que ver com o nosso... o nosso encontro para tratar de negócios. Só que, ora, se as coisas continuassem do jeito que estavam e alguém me visse a jantar com você, podia haver um mal-entendido. Quero dizer, as mulheres são muito possessivas... não sou exceção à regra... e eu não queria ser surpreendida em nada que fosse sórdido ou pérfido.

— Quando você falar em Faye, use o tempo pretérito.

— Bem... já que você o diz.

— Para ser franco, não falemos mais nela. Vamos falar sobre nós. Eu estou com fome, o que significa que me estou a sentir melhor. E você?

— Também estou.

— Ainda não conheço o seu gosto, Maggie. Cozinha francesa, italiana, mexicana, chinesa, vegetariana?

— Italiana.

— Perfeito. Que me diz de um lugar realmente ótimo? Já estive no La Scala em Beverly Hills?

— Creio que não. Exigem traje a rigor?

— exatamente como você está.

— Não me refiro a mim. Eu refiro-me a você. Mesmo sem camisa, não devia pôr gravata?

Ele olhou para o peito nu e os dois caíram na risada.

— Tenho uma camisa limpa no armário — disse ele. — Volto num instante.

Embora as duas salas de refeições do Restaurante La Scala fossem contíguas e os reservados e as mesas parecessem aglomerados, os casais e grupos de pessoas, jantando em recantos diferentes, não perturbavam a intimidade alheia. A atmosfera e o ambiente do restaurante eram de tal índole que um homem e uma mulher a jantarem juntos, cercados por outros comensais, podiam desfrutar de uma sensação de isolamento dos restantes.

Sentado perto de Maggie Russell, numa mesa de parede ao fundo, Mike Barrett prezava essa intimidade que não dependia de isolamento. A codeína fizera efeito, e as duas bebidas antes do jantar tinham ajudado. A garrafa média de chianti que viera após a

sopa de minestrone, acompanhando o prato de fettuccine, estava quase vazia. Não sentia já dor.

Durante a comida, em resposta às perguntas de Maggie, Barrett repetira, em maiores pormenores, o que já tinha contado a Abe Zelkin uma hora antes. De olhos arregalados, Maggie Russell escutara atentamente a sua descrição do sumiço de Leroux em Antibes, os polícias à paisana que apareceram por coincidência no estúdio de filmes pornográficos de Quandt, as cartas de Jadway escamoteadas por um impostor, a estranha amnésia e mudança de opinião de Isabel Vogler em Van Nuys.

Agora, concluída a descrição, Barrett pegou com o garfo no último talharim amanteigado e devorou-o.

Maggie pousou o copo de vinho na mesa.

— É inacreditável — disse ela. — É o tipo da coisa que a gente vê ou lê em histórias de mistério mas sabe que é ficção. Até quando se ouve falar nesses dispositivos eletrônicos nos noticiários, é difícil aceitar a realidade de seres humanos como nós entrarem furtivamente em escritórios ou casas alheias e dissimularem esses aparelhos, enquanto alguém, noutra lugar qualquer, fica à escuta de conversas que deviam ser particulares. É

difícil acreditar que isso realmente aconteça.

— Pois aconteceu-Não é apenas imoral mas indecente, tão indecente quanto um voyeur que se esconde de noite na janela de um quarto de dormir alheio para espiar um casal a copular na cama.

— O voyeur de que você fala age assim por próprio prazer sexual. Yerkes é sócio do Clube-do-Vale-Tudo, e age assim por questão de poder.

— O poder também pode proporcionar prazer sexual — disse Maggie. — Se você já tivesse visto Luther Yerkes, seria capaz de crer que é o único tipo de prazer sexual que ele conhece. Chego a ficar toda arrepiada. E ele nunca é tão óbvio como quando pensa que está a ser subtil. Precisava de ver o modo como manobra o Tio Frank. Você não ia acreditar, o jeito com que Tio Frank concorda com tudo o que Yerkes diz, julgando até que foi ele próprio quem teve a ideia de fazer coisas que Yerkes lhe sugeriu.

— Frank Griffith tem de acreditar em tudo que Yerkes aconselha. Afinal de contas, no mundo em que o seu tio vive, os valores e as regras que ele respeita atingem o seu ponto culminante na pessoa de um Yerkes. Para os meramente ricos, Luther Yerkes é um marajá.

— Mas você não acha que foi Yerkes quem subornou Isabel Vogler?

— Não — respondeu Barrett. — Para essa artimanha não era necessário o poder supremo. Foi exatamente Frank Griffith. Tenho quase a certeza.

— E não acha que o Promotor Público tomou parte nisso?

— Realmente, acho que não. Talvez eu tenha vocação de escuteiro, que nem disse à minha ex, ontem à noite, quando tivemos a menos doce das despedidas. Não, creio que Elmo Duncan não foi o instigador do que aconteceu. Pode ser que ele saiba do que se está a passar, consentindo em silêncio, e deste modo tornando-se cúmplice posterior ao fato.

Mas tenho a certeza de que não é o instigador, apenas o beneficiário. Quando Elmo Duncan iniciar o seu bombardeio pesado na próxima segunda-feira, quase toda a gente vai pensar que foi ele quem nos reduziu a frangalhos. Ninguém saberá que é Yerkes quem dirige a linha de provisões, com a assistência de Willard Osborn, Frank Griffith e sabe Deus mais quem. Confesso que as nossas defesas estão danadas de fracas... especialmente depois de toda a sabotagem... para se levantarem contra uma frente única tão esmagadora como essa. Impulsivamente, Maggie estendeu a mão e cobriu a de Barrett com a sua.

— Mike, não me inclua nessa frente única, mesmo sendo parenta de Frank Griffith.

— Você não é parenta consanguínea. Nem de longe tem qualquer coisa parecida com Griffith.

Sentiu vontade de pegar naquela mão macia, segurá-la, mas já havia sido retirada.

— Não tenho mesmo — concordou ela —, e consanguíneo ou não, tão-pouco o próprio filho se parece com ele. Já lhe disse antes que eu achava que não nos devíamos encontrar, porque não posso ser desleal às pessoas com quem moro ou a quem estou ligada.

refleti sobre isso, e agora posso dar-lhe um quadro mais nítido do que sinceramente penso. Não é propriamente a família Griffith que me sinto na obrigação de proteger. É somente Jerry, apenas ele. É o único a quem devo lealdade. Tia Ethel... bem, ela não pode fazer nada e dá-

me pena. Nada do que eu faça ou deixe de fazer pode causar-lhe qualquer dano. Quanto a Tio Frank... depois do modo como ele se portou e continua a portar-se, cada vez me interessa menos. Isso também não é lá muito verdadeiro. Interessar-se menos por alguém significa que a gente já se interessou antes em alguma ocasião. E eu nunca me interessei por ele de modo algum. Tenho-o tolerado, sobrevivido e, à minha maneira felina, protegido Jerry dele. Estou-me lixando para Frank Griffith. Tenho a certeza de que é um crápula hipócrita, tudo aquilo que Isabel Vogler disse antes que ele era, e muito mais ainda.

— Maggie, não há nenhuma necessidade de você...

— Deixe-me desabafar enquanto posso. Veja só um exemplo. Yerkes quer que Duncan use Jerry como testemunha contra o seu livro. Isso transformou-se num grande problema. E embora Jerry se negue a comentar a noite em que tentou matar-se, ele não pára de me dizer que tentará de novo antes de comparecer ao julgamento. A simples ideia o apavora. Jerry não é capaz de resistir ao pai, por isso só fala comigo e com o psicanalista a respeito do seu medo. E não pense que Tio Frank não sabe o que está a fazer com o rapaz.

O Dr. Trimble já o preveniu de que a exibição pública num tribunal representaria uma provação para Jerry. E mesmo assim, Tio Frank continua inflexível. Ora que diabo, ele vive a repetir, seu filho vai portar-se como um adulto, aparecer lá como um homem e revelar ao mundo o que este seu livro fez com ele. Tio Frank finge que está exigindo isso de Jerry para salvar o rapaz da acusação de estupro. Mas eu acho que tudo o que Tio Frank anda a fazer, conscientemente ou não, é salvar a própria cara e imagem que criou de si mesmo, desviando a atenção de todos da sua responsabilidade pessoal pela conduta de Jerry. Acho que é um ato egoísta e não paternal. Ele sacrifica o próprio filho para se salvar. E eu simplesmente não posso permitir que isso aconteça.

— E como é que você o vai impedir, Maggie?

— Sei lá. Talvez encontre um jeito. Jerry não precisa de aparecer como testemunha se não quiser, precisa?

Barrett sacudiu a cabeça.

— Não. Oh, Duncan poderia intimá-lo. Mas não se arriscaria, se visse que Jerry não ia cooperar. Não, depende exclusivamente de Jerry se ele quer aparecer ou não.

— Não depende só dele. Depende do pai. E depende de mim fazer que o pai dele não o arraste a isso... e até do limite da sanidade mental. Estive tentada a tomar as dores de Jerry uma dúzia de vezes durante os últimos dias. Senti medo, confesso. Medo de talvez pôr em perigo a minha própria segurança. Mas o que você me contou sobre a manipulação de Tio Frank com Isabel Vogler deixou-me furiosa. Estou quase disposta a dizer o que penso, sejam quais forem as consequências. Tomara que me embriague bastante uma noite para fazer isso. De quanto tempo disponho?

— Provavelmente até à metade da semana que vem.

— Eu ainda faço isso.

— Você acha que pode dizer alguma coisa que faça Frank Griffith mudar de ideia?

— Acho — fez uma pausa. — Contar que Jerry tentou suicidar-se, talvez adiante.

— Crê que podia contar isso a seu tio? — Barrett não dissimulou a dúvida.

— Eu... eu creio que sim. Não tenho a certeza. Só sei que se o Tio Frank soubesse e percebesse que a pressão que está a fazer pode levar Jerry a outra tentativa, talvez Parasse de insistir. A possibilidade de um escândalo desse gênero poderia sobrepujar seja lá o que for que o está levando a pôr o filho no banco das testemunhas.

— Maggie, muito embora você esteja a fazer isso por Jerry... e eu também lucraria com o fato de Jerry não servir de testemunha contra nós... eu pensaria bem antes de me meter com Frank Griffith.

— Por quê?

— Porque, ganhando ou perdendo, você tornaria insustentável a sua própria posição em casa dele. E não tenho a certeza de que

esteja pronta para sair de lá. Você mesma disse que precisava da família. É por isso que lá mora.

— Pois eu já não tenho tanta certeza de que preciso daquela espécie horrível de incubadora. Talvez esteja pronta a arriscar-me a voar sozinha. Estou aqui em público com você, não estou? Já é um passo. Um pequeno desafio. Um fiapo de coragem.

— Eu fiquei a pensar.

— Em quê?

— No motivo de você se ter arriscado.

— Você perguntou-me — respondeu simplesmente. Afastou dos olhos uma mecha de cabelo. — Gosto de você, esse foi o motivo principal.

— E eu interessei-me por você, Maggie. Isto já deve ser para lá de óbvio para você.

— Oh, isso. É que você levou o fora.

— Eu senti atração por você antes de levar o fora.

— O polígamo — disse ela. Porém tinha sorrido. — Para que esconder? Estou contente por que tenha terminado com aquela outra mulher. E você, não?

— Se estou contente ou se terminei? Ambas as coisas. Sim, sobretudo contente por ter terminado. Já lhe pus uma pedra em cima.

Ela brincou com um anel no dedo indicador.

— Existe outro motivo para eu estar aqui. Apesar do que possa ter causado a Jerry... e, conforme você diz, não se pode ter a certeza de que fosse só isso... sou a favor de Jadway e a favor de Os Sete Minutos. Já lhe disse isso antes. Eu queria levantar-me com você em público e ser julgada.

Naquele momento ele sentiu vontade de dizer: Maggie, amo-te.

— Isso é maravilhoso da sua parte — disse.

— Agora que perdeu Mrs. Vogler, eu gostaria de encontrar outra pessoa que o ajudasse a provar que o livro sozinho não pode ser culpado pelo que Jerry fez. Mas não há mais ninguém que pudesse dizer a verdade... a não ser... eu mesma. E... e eu podia ir muito longe, mas não tanto assim, não até ao banco das testemunhas. Você compreende, não é?

— Eu não permitiria que fosse uma testemunha de defesa, mesmo que você quisesse.

— Acho insuportáveis as grosserias que ouço e leio contra o livro de Jadway. Penso o tempo todo na heroína, Cathleen, e na verdadeira mulher, a amante de Jadway, a que dizem que inspirou Cathleen...

— Cassie McGraw.

— Como a invejo por ter sido tão livre em relação ao amor, por ter conhecido uma liberdade tão grande a ponto de experimentar o amor absoluto. Quase todas as mulheres passam a vida inteira, até ao próprio túmulo, sem sequer saber como é o amor ou ter a capacidade de aceitar ou apreciar o pouco amor que recebem.

— E você, Maggie? — perguntou Barrett baixinho. — Sentiria por um homem o mesmo que Cassie sentiu... ou digamos, o mesmo que Cathleen sentiu na história?

Maggie desviou os olhos.

— Eu... eu não sei. Quando penso em Cathleen naquele livro, às vezes parece-me que talvez pudesse ser assim. Quero dizer, que eu possuo tudo trancado no meu íntimo e que poderia abrir e dar a alguém, ao parceiro certo, tudo o que tenho, da cabeça aos pés, e, em troca, ser capaz de aceitar e acolher o amor que me é dado. Espero que um dia possa ter os meus próprios sete minutos.

— Se você quiser mesmo esse amor, um dia o terá — disse ele seriamente.

Ela encolheu os ombros, sem jeito.

— Veremos... Está a ver que horas são? Se tenciona estar em forma na segunda-feira, já deveria estar na cama há uma hora, especialmente levando em conta o que lhe aconteceu.

Espero que tenha juízo e descanse amanhã.

— Receio que nem amanhã nem qualquer outro dia até o fim do julgamento.

Conseguimos um pintor italiano, de Vecchi, que pretende ter conhecido Jadway e pintado um retrato dele, que vai chegar de Florença amanhã. E mais meia dúzia de testemunhas para interrogar.

— Então trate de descansar um pouco.

Barrett levantou-se e recuou a mesa para que ela pudesse sair.
— E pense bem antes de se meter com Frank Griffith — disse ele.

— Só se ele der o braço a torcer — retrucou Maggie. — Talvez eu experimente primeiro com o Dr. Trimble. Meu Deus, como sou covarde. Mas alguma coisa tem de ser feita.

Barrett apanhou o troco e depois alcançou Maggie que já o esperava no corredor entre o bar e a saída. Tomou-a pelo braço e então notou que ela havia reconhecido alguém que estava no balcão.

Do meio do balcão cheio de gente, um rapaz de cabelo crespo desgrenhado que necessitava de uma visita ao barbeiro, mas vestindo um dispendioso fato de seda, acenava vigorosamente para Maggie.

— Olá, Miss Russell! — chamou.

Ela ergueu a mão enluvada, um pouco constrangida.

— Olá — respondeu sem entusiasmo.

Depois virou rapidamente as costas e desceu logo os degraus que os separavam da rua. Mais uma vez Barrett teve de correr para alcançá-la.

Na calçada em frente ao La Scala, Barrett examinou-a. Ela estava a morder o lábio inferior e o rosto empalidecera.

— Quem era aquele? — quis ele saber.

— Irwin Blair — respondeu ela. — É um relações-públicas. Pertence à equipa de Luther Yerkes e está a fazer um pouco da publicidade de Duncan.

Sorriu meio sem graça.

— Onde quer que Yerkes esteja, você pode ter a certeza de que Frank Griffith não anda longe.

— Lamento profundamente o que aconteceu, Maggie. Eu não devia tê-la trazido aqui — franziu a testa. — Será que vão incomodá-la por causa disso?

— Não sei e tanto se me dá.

Desta vez o sorriso foi amplo e verdadeiro. Tomou-lhe a mão.

— Aconteça o que acontecer, valeu a pena.

Era tarde, e Elmo Duncan já começava a pensar que essa era uma maneira infernal de passar uma noite de sexta-feira.

Pior, amanhã estaria mais ocupado ainda, e domingo não seria dia de descanso. Todo o fim-de-semana, de madrugada até altas horas da noite, Duncan efetuaria reuniões no Palácio da Justiça com os seus auxiliares, investigadores, Leroux e as outras testemunhas de acusação. Finalmente, com a chegada de segunda-feira de manhã, a roda da roleta começaria a girar e ele arriscaria a sua carreira e o seu futuro na sorte.

No entanto, muito embora estivesse agora exausto até à medula dos ossos, Elmo Duncan sabia que quando o juiz empunhasse o martelo segunda-feira de manhã, dando início ao julgamento, ele sentir-se-ia revigorado e forte. Sempre fora assim nas suas experiências anteriores. Toda a vez que entrava no tribunal, sofrendo cansaço mental e físico, bastava começar o julgamento para que tivesse a impressão de que uma espécie de reservatório oculto se pusesse a nutri-lo com o seu estoque de energia, revitalizando-o e reanimando-o. Boa parte disso, supunha, provinha do fato de ter uma plateia.

espetadores, a imprensa, o público anônimo além dos limites da sala do tribunal, sempre o estimulavam, e talvez nunca viesse a possuir uma plateia maior do que a de segunda-feira de manhã e dos dias subsequentes. Outra parte do processo de rejuvenescimento resultava do alvoroço do desafio, ao qual ele sempre reagia como se a sua preservação, a sua vida e a da família estivessem em jogo. Gostava de um adversário que ele pudesse ver e odiar, e atribuía a esse inimigo o papel de um assassino empenhado em destruí-lo, de modo que se via forçado a matar para não ser morto. Ultimamente começara a considerar Michael Barrett, o advogado de defesa, como esse inimigo. Uma terceira parte do vigor renovado de Duncan provinha de uma dedicação à própria causa. Precisava de acreditar que a acusação era justa, que a luta era sagrada, e que, se não vencesse, então a grande massa da população que dependia dele seria exterminada pelos bárbaros. Raramente acreditara antes de forma tão absoluta numa causa que representasse. Sabia que as-hordas inimigas da lascívia e da

decadência tinham de ser detidas (era como se fosse o guardião das portas de Roma enquanto a devastadora cavalaria núpida do exército cartaginês se aproximava), se a civilização, ou seja, a lei, a ordem e a moralidade quisessem ser preservadas.

Entretanto, acima de tudo, o que provocava a secreção das suas glândulas supra-renais, a faísca que lhe dava vida numa sala de tribunal, era a segurança de estar mais bem preparado e mais bem armado do que o inimigo. E nunca, em época alguma, se sentira tão seguro como nesta noite. Escaramuças fundamentais tinham sido vencidas antes que a batalha final sequer houvesse começado, e o exército inimigo ficaria seriamente enfraquecido, para não dizer dizimado. Registaram-se graves deserções do lado contrário.

Por que meios, ele não sabia nem queria saber. Podia imaginar, mas não procuraria confirmação. Luther Yerkes era o protetor da magia. Na guerra, como no amor, tudo é permitido, e estava em guerra, numa guerra pela sobrevivência. No livro-razão que guardava no cérebro, o inimigo não possuía testemunha estrelar. Ao passo que ele, Elmo Duncan, não só tinha uma como até duas: Christian Leroux e Jerry Griffith, o que equivalia a um excesso de riquezas.

Contudo, apesar dessas garantias de que estaria pronto e apto na segunda-feira, ainda era noite alta de sexta-feira e sentia-se exausto.

Distraíra-se, mas ao ouvir nova referência a Jerry Griffith no lado oposto da mesa baixa, Elmo Duncan procurou prestar a máxima atenção aos outros dois ocupantes das fundas poltronas. Lá estava Luther Yerkes, resplandecente como sempre com os seus óculos de lentes azuladas, seu plastrão e seu smoking, acariciando a peruca e depois gesticulando com a minúscula mão feminina para Frank Griffith. Lá estava Griffith, na poltrona em frente. o gordo semblante absorto e o corpo atlético apoiado ao lado da poltrona, a fim de não perder a mínima palavra que o seu superior lhe dirigia. Que Duncan soubesse, essa era a primeira vez que Griffith havia sido convidado a comparecer a uma reunião na casa de praia de Yerkes, na colônia de Malibu.

Horas antes, a outra dupla de frequentadores habituais estivera presente. Irwin Blair, o nervoso publicitário, pouco se demorara. Já completara a parte mais difícil do seu trabalho, fomentando o interesse local, estadual, nacional e finalmente mundial pelo próximo julgamento. Depois que fosse instaurado, a publicidade seria perpetuada espontaneamente. Esta noite Blair aparecera só para constar e logo se escapulira para comparecer a um jantar em Beverly Hills em companhia de vários jornalistas recém-chegados de Nova Iorque e Londres, para dar cobertura ao processo. Harvey Underwood chegara antes dele e permanecera bastante tempo, combinando sobre pormenores do seu depoimento e as testemunhas-surpresas que ia apresentar. Fora-se embora há apenas trinta minutos. Agora restavam Yerkes, Griffith e ele, e Duncan pôs-se a especular até quando a conferência ainda continuaria.

Começou a sentir uma pontada nas costas, na região do sacrilíaco, e rezou para que não se transformasse num espasmo muscular antes de segunda-feira. Retesou-se à medida que a dor lhe subia pela espinha, e então lembrou-se de que (como a esposa sempre lhe fazia ver) era o sintoma que sempre se manifestava nessas ocasiões que precediam um julgamento. Depois que estivesse no tribunal, senhor da situação, as costas não o trairiam.

Yerkes e Griffith estavam entretidos na conversa. Duncan aproveitou a oportunidade para sair do centro do sofá de três metros e buscar apoio para o dorso dolorido. Ao levantar-se, ouviu um telefone a tocar noutra peça. Espreguiçou-se cuidadosamente, fazendo massagem nos músculos das costas, e procurou uma cadeira de encosto recto.

Nesse instante percebeu que o mordomo escocês de Yerkes estava na sala.

— Mr. Yerkes, com licença... — começou o mordomo. Yerkes ergueu a cabeça, ligeiramente aborrecido.

— Que é?

— Telefone prò senhor. Mr. Irwin Blair deseja falar-lhe.

— Blair? Não pode esperar que... Ah, paciência, eu atendo.

Desculpe, Frank. Vejamos o que é que Irwin pensa que é assim tão importante.

Yerkes afastou-se do fundo da poltrona, colocando-se diante das caixas verdes em cima da mesa e premiu o botão que ligava o telespeaker.

— É você, Irwin? — perguntou ao aparelho.

A voz de Irwin Blair grasnou pelo amplificador.

— Mr. Yerkes, desculpe interromper, mas acabo de ver uma coisa que achei que o senhor e Mr. Griffith, se ele ainda estiver aí, gostariam de saber.

— Mr. Griffith está aqui, sim. E Elmo Duncan também. Pode falar. Estamos a ouvir.

— Estou a telefonar do Restaurante La Scala em Beverly Hills — a voz de Blair assumiu o tom conspiratório de alguém prestes a transmitir um trecho escolhido de boato pernicioso. — Adivinhem quem eu vi aqui há poucos minutos? Eu estava sentado no bar, à espera daqueles jornalistas convidados, olhando para a porta para os ver quando entrassem, e nisto quem é que sai do salão de refeições senão Maggie Russell, a sobrinha de Mr.

Griffith. Só que o que eu julguei que vocês deviam saber é que ela não se achava sozinha, não senhor. Miss Russell tinha um acompanhante. Preparem-se para a surpresa. Era nada mais nada menos que o nosso prezado membro da oposição, o advogado de defesa, o próprio Michael Barrett, em pessoa.

Ao ouvir isto, Elmo Duncan aproximou-se rapidamente de Yerkes, que se inclinou mais para o microfone.

— Miss Russell e Michael Barrett? — perguntou ele. — Tem a certeza de que estavam juntos?

— Absoluta — exultou Irwin Blair. — Creio que jantaram aqui e depois ela saiu do salão de refeições primeiro, e ele veio atrás. Chamei por Miss Russell para lhe dar um olá, ela reconheceu-me e cumprimentou-me. Não pareceu muito contente de me ver. E quem estava com ela era Michael Barrett. Eu não o conheço, mas já o encontrei por aí antes. Para me certificar de que não me enganara, procurei o maître depois que eles se foram embora e indaguei se tinha sido Michael Barrett, o advogado, e ele disse que era. De qualquer maneira, Miss Russell e Barrett deixaram o La Scala juntos, tal como se fossem velhos amigos.

Prestando atenção, Duncan percebeu Frank Griffith, a bater as mãos grandes nos joelhos, com ar apoplético.

— Não posso acreditar! — exclamou Griffith.

— Você acaba de ouvir Mr. Griffith — informou Yerkes no amplificador. — Ele acha difícil de acreditar.

— Pois só sei que é a pura verdade — respondeu Blair. Yerkes sacudiu a cabeça.

— Está bem, Irwin. Obrigado por ficar de sobreaviso. Depois a gente fala. Boa noite.

E desligou o telespeaker.

— Desgraçada! Que história agora é esta? — rosou Griffith, levantando-se da poltrona.

Yerkes fitou demoradamente o especialista em publicidade.

— Você não sabia de nada, Frank? Tem a certeza de que isso não vinha acontecendo há mais tempo?

— Para mim é completa novidade. Eu não podia ficar mais abalado — cerrou o punho.

— Maggie. Raio, como é que essa cretina se foi meter com Barrett? Logo quem...! Será que perdeu o juízo?

— Eu só quero saber de uma coisa — disse Yerkes calmamente. — Você conhece bem a moça? Há quanto tempo mora ela em sua casa?

— Há um ano e meio, talvez. Mais ou menos isso. Quando despedi a tal Vogler, minha mulher achou mais cômodo mandar buscar a sobrinha ao Leste, para lhe servir de dama de companhia e secretária. Confesso que a ideia de uma parenta a estorvar em casa não me agradava muito. É mais difícil dar ordens a parentes do que a estranhos. Mas Ethel alegou que, fazendo parte da família, Maggie pelo menos seria de confiança. Por isso concordei.

— E Maggie é de confiança? — quis saber Yerkes.

— Sempre acreditei que fosse, até este momento. Tem sido ótima para Ethel. Talvez exagere um pouco nos mimos que dá a Jerry. Mas nunca interferiu em nada. É eficiente, discreta e decorativa.

— Bastante decorativa, por sinal — observou Yerkes. Virou-se para Duncan. — Você não concorda, Elmo?

— Já notei — disse Duncan. — É bonita, sim.

— E uma moça bonita deve ter muitos namorados, não é? — retorquiu Yerkes. Voltou a dirigir-se a Griffith. — Que é que você me diz, Frank? Que é que sabe da vida particular dela?

— Olhe, nunca prestei muita atenção — confessou Griffith. — Ela tem a chave da casa e entra e sai à hora que bem entende. Fez um pequeno círculo de amigas e sempre a ouço falar em conferências, concertos, filmes. Creio que volta e meia sai com algum namorado.

Quando a levam a casa, um ou outro é convidado a entrar. Mas não são muitos e não acontece com tanta frequência.

— E agora Michael Barrett — frisou Yerkes pensativo. — Elmo, o que é que você acha?

Duncan dedicara um pouco de reflexão ao caso.

— A explicação, a meu ver, é óbvia. A defesa está a ficar cada vez mais desesperada.

Provavelmente andavam à procura de uma brecha nas nossas trincheiras. E encontraram essa possibilidade em Maggie Russell. Imagino que Barrett se tenha empenhado em travar relações com ela. É solteiro, bonitão, e lá estava essa moça, também solteira, talvez à espera de um pouco de diversão. Há-de ter sido isso que os aproximou. E pelos vistos com resultados positivos. Não imagino o que Maggie lhe possa ter contado. Ela já nos encontrou a todos em casa, provavelmente ouviu as nossas conversas e suponho que pode ter repetido certas coisas. Não estou a insinuar que fosse intencionalmente desleal. Mas é capaz de ter revelado, ou de vir a revelar, alguns dos nossos planos e táticas. Mesmo sem querer. Barrett é esperto. Longe de mim subestimá-lo. Somando tudo, que resulta? Um perigo potencial, a meu ver.

Griffith, avermelhando-se, colocara-se entre Yerkes e o Promotor Público.

— Quero explicar-lhes o que resulta para mim. É o mesmo que ter um cavalo de Tróia em minha própria casa. E isso é uma coisa que não posso tolerar. Vou agora mesmo para lá, para pôr aquela pequena de joelhos e exigir uma confissão completa. Se eu verificar que a história de Blair é um fato, digo-lhe que se não pára de se

encontrar com esse chicaneiro, ela vai prò olho da rua. Para ser franco, estou com vontade de expulsá-la de qualquer jeito.

— Espere aí, calma, Frank. — Yerkes abaixou-se e pegou no seu conhaque. — Que pressa é essa?

Sorveu pensativo o armagnac.

— Sejamos sensatos. Pesemos as consequências de uma ação semelhante. Vamos supor que a expulse de casa por andar de namoro com a oposição. Não creio que uma ruptura dessas fosse exatamente amigável.

— Pode ficar certo de que não seria mesmo.

— Você, portanto, ralha com Maggie, põe-na no olho da rua, e o que é que consegue?

Lança uma nova antagonista ao colo da oposição, quer dizer, uma sua antagonista e da nossa causa. E o que é que calcula que aconteceria então? Toda a inibição que ela possa ter a respeito de ficar calada deixa de existir. E ainda mais: haveria de querer vingar-se de você.

O que há de mais natural para ela do que aliar-se a esses piratas da defesa? Tornando-se uma testemunha deles contra nós? Fazendo vir a público... ora, qualquer pormenor íntimo sobre a sua vida e sobre a vida no seu lar.

— Não tenho segredos, nada a esconder-afirmou Griffith hipocritamente.

— Evidentemente que não, Frank, claro. Mas tem uma vida particular, uma vida íntima, como todos nós, como qualquer homem. Essa moça acompanhou-a de perto.

Inúmeros atos inocentes que você praticou, os comentários desprevenidos que fez, isolados do contexto, são capazes de ser torcidos, exagerados, deturpados, podendo ser nocivos a você e a nós quando ditos no banco das testemunhas — observou uma pausa e os seus olhinhos arredondaram-se por trás dos óculos azulados. — Afinal, Frank, nós acabamos de passar pelo mesmo tipo de experiência com a tal Vogler. Veja as mentiras que ela estava pronta a inventar no tribunal. Por pura e simples vingança. Não há coisa mais infernal do que a fúria de uma mulher posta no olho da rua. A tal Mrs. Vogler achava-se preparada para ajudar Barrett, para o

arruinar a você, até que ficasse... hum... em condições de atender as exigências dela. Felizmente que nos descartamos de Mrs. Vogler. E ninguém quer criar um obstáculo desse gênero na pessoa de Miss Russell. Percebe aonde quero chegar? Virou-se.

— Elmo, você percebe, não?

O respeito de Duncan pela argúcia de Yerkes ficara novamente reforçado.

— Tem toda a razão, Luther. Está tudo a ir tão bem até agora, na véspera do julgamento. Para que fornecer armas à oposição?

Griffith bufou.

— Está bem. Talvez vocês dois estejam com a razão. Mas isso não resolve nada. Não podemos ficar de braços cruzados enquanto a sobrinha de minha mulher, uma moça que faz parte da família, continua a encontrar-se com um advogado que só nos quer difamar e arruinar.

— Porque não? — retorquiu Yerkes de repente. — Porque não deixar que Maggie continue a encontrar-se com Michael Barrett? É o menor dos dois males. Talvez até se transforme numa vantagem para nós. Ouçam. Digamos que continuem amigos. Digamos que ele esteja a utilizá-la, embora não tenhamos a certeza disso. Francamente, o que é que ele pode ficar a saber por intermédio dela? Até agora, ela não viu nem ouviu nada de muita importância. Se você tomar cuidado na presença dela, se for prudente, precavido, pouco lhe restará para confiar a Barrett. Ao mesmo tempo, Frank, se você não ligar, permitindo simplesmente que ela continue a sair com ele, ou até reconhecendo que está ciente da história e mostrando a sua confiança e generosidade, não se intrometendo... de fato, subtilmente encorajando... tenho a certeza de que poderíamos tirar partido da situação.

— Tirar partido? — ecoou Griffith, incrédulo.

O próprio Duncan achava-se pessimista, mas conhecendo a inteligência de Yerkes, esperou pela continuação.

— Tirar partido, sim — insistiu Yerkes. — Repare. Em troca de uma brecha insignificante nas nossas trincheiras, conseguimos uma visão melhor do campo da defesa. Você bem sabe que isso nos faz falta. Não temos nenhuma. Acha que seria precioso para Elmo saber

o que Barrett e Zelkin pretendem, nos bastidores, à medida que corre o julgamento. Sou como Elmo, nunca subestimo a oposição. Esse jovem Barrett não possui grande experiência, mas está disposto a criar fama e já provou que é bastante cheio de expediente, original e persistente. É bem capaz de surgir com alguma novidade no tribunal e não creio que nenhum de nós gostaria de surpresas. Com uma brecha na linha de defesa, não correríamos tal perigo. Ora, a sua bela sobrinha oferece um meio perfeito, mas só se for manobrada com cautela. Você entende desse negócio de manobrar produtos, Frank. De agora em diante trate Maggie como se fosse um artigo de consumo.

Começara a conversação de Frank Griffith. Mostrava-se mais calmo, interessado, embora ainda confuso.

— O que é que você sugere que eu faça com ela?

Yerkes terminou a bebida e afastou o cálice. Duncan percebeu que ele estava encantado com a situação.

— O que eu sugiro é o seguinte — respondeu Yerkes, — Amanhã... ou talvez depois de amanhã... com toda a naturalidade... diga a Maggie que você soube que ela foi vista em público com Barrett. Ela há-de contar com uma explosão. Em vez disso, terá uma manifestação de compreensão. Você será compreensivo ao máximo, o que a desarmará por completo, dócil à sua primeira chamada. Deixe que ela explique. Aceite a explicação.

Convença-a de que não tenciona interferir na sua vida íntima, que realmente não se importa com quem ela saia, desde que proceda com discrição enquanto a família for alvo da curiosidade alheia... frise que ela deve proceder com extrema discrição durante o julgamento, a fim de proteger o futuro de Jerry.

Griffith concordou com a cabeça.

— Jerry. Sim, é uma boa ideia.

— Depois, sempre que surgir ocasião na próxima semana, no fim do dia, comente o processo com ela, o que aconteceu no tribunal e assim por diante. Nada mais natural. Se tiver sorte, ela é capaz de deixar escapar algumas das coisas que Barrett lhe contou, ou certas atividades da oposição que ela descobriu. Por outro lado, se percebermos que Barrett não lhe revelou grande coisa ou que ela se

negue a dizer o que sabe, então restará outra alternativa, que podemos utilizar em caso de necessidade. Sempre haverá meio de você inculcar uma informação falsa ou errônea em Maggie... por exemplo, permitindo que escute o que você diz ao telefone... ou esquecendo um memorando num canto qualquer da casa, a respeito de certa estratégia fictícia que Elmo estiver arquitetando, ou uma nova testemunha inexistente que irá depor no processo... informação que ela pode transmitir que irá depor no processo... informação que ela pode transmitir a Barrett, deixando-o na crença de que vamos fazer uma coisa que nunca nos passou pela ideia. Isso serviria para desequilibrá-lo. E ainda mais: depois de receber essa informação, Barrett seria capaz de confiar tanto em Maggie que terminaria por contar-lhe os verdadeiros planos da oposição.

Eu creio realmente que vale a pena tentar, Frank. Você acha que dá conta do recado?

Nervoso, Frank Griffith manuseou o charuto no bolso interno do paletó.

— Não sei. Vou ver. Mas continuo a não gostar da ideia de ter alguém a morar em minha casa e que passe as noites com um advogado que está a tentar difamar-me... e não só a mim, você compreende, mas a meu filho, a meu filho também. Agora, se você e Elmo...

— Faça um esforço — disse Yerkes com firmeza. — Não se meta na vida amorosa de Maggie. Deixe que ela ajude a cavar o túmulo de Barrett. Aja a seu modo.

Duncan fez um aceno de admiração ao seu patrono e virou-se para Griffith.

— Eu aprovo, Frank. É a melhor técnica para você, para seu filho e pra nossa causa comum.

Frank Griffith recobrou a sua segurança de velho membro do clube.

— Muito bem, cavalheiros. Negócio fechado. Patrocinarei o programa de Romeu e Miss Judas.

VII

Era segunda-feira de manhã, dia 22 de Junho deste ano de Nosso Senhor, finalmente, e Mike Barrett, sentado à cabeceira da mesa do conselho de defesa, nervoso de impaciência, aguardava ansiosamente o início do julgamento.

Olhando por cima do ombro para o relógio redondo na parede, muito acima da entrada da Sala 803 do Tribunal da Comarca de Los Angeles, Mike Barrett verificou que o ponteiro pequeno marcava nove horas e o grande recém-passara das quatro. Eram nove e vinte e dois da manhã.

Dentro de oito minutos, o oficial de justiça daria o aviso formal e depois, por fim, travar-se-ia a batalha.

Os olhos de Barrett desviaram-se do relógio para o espaço reservado ao público, aglomerado de espetadores, logo abaixo. Não só estavam ocupadas todas as poltronas castanhas de assento móvel, como filas de cadeiras desmontáveis de madeira tinham sido trazidas do corredor e encostadas às paredes, defronte às cortinas cor de chocolate que cobriam as janelas de cada lado dos aparelhos de ar condicionado, todas tomadas por parte da multidão. Com excepção de um ou outro rosto conhecido que identificava aqui e ali — Philip Sanford, Irwin Blair, Maggie Russell (cujo olhar não logrou surpreender) — era uma massa de estranhos, aqueles membros da plateia, os curiosos, os preocupados, os implicados, a espécie de Homo Sapiens que o Promotor Público precisava de proteger da depravação, que ele próprio precisava salvar de uma sentença que prometia mudez, surdez e cegueira.

Ficou a pensar, por um momento, na quantidade de gente que queria entrar na sala do tribunal e não conseguira.

Quando ele, em companhia de Zelkin, Kimura, Sanford, Fremont e Donna, haviam chegado ao oitavo andar do Palácio da Justiça

quarenta e cinco minutos antes — Kimura e Donna tinham vindo para ajudar a trazer as enormes pastas e a caixa de papelão contendo o sumário da defesa, os instrumentos de prova, livros de consulta, notas de pesquisa —

Barrett espantara-se com a agitada turba que se comprimia e atulhava por todo o corredor que conduzia ao Tribunal Superior no outro lado do prédio. Calculava que trezentas pessoas, no mínimo, lutavam para entrar na sala. E apenas um terço conseguira.

Lembrava-se do momento em que cruzara a barreira de luzes ofuscantes que acompanhava as câmaras de televisão logo do lado de fora da entrada. Um comentarista havia reconhecido Ben Fremont e tentara arrastá-lo para uma entrevista em frente da objetiva, mas o livreiro não esquecera as instruções da véspera e recusara-se. Diversos jornalistas tentaram encurralar Zelkin e Barrett, crivando-os de perguntas absurdas, mas Zelkin respondera rudemente que tudo o que a defesa tinha para dizer estava reservado para os anais do tribunal.

Detidos brevemente, enquanto os guardas procuravam abrir-lhes caminho, Barrett observara e escutara o que dizia o famoso comentarista Merle Reid, que já encontrara inúmeras vezes em casa dos Osborn. Reid estava parado diante de uma câmara, segurando um maço de notas e descrevendo a cena.

É incrível o espetáculo que estamos a presenciar no oitavo andar do Palácio de Justiça — dizia Reid ao microfone pendurado no pescoço, encarando a objetiva —, uma cena para a qual as autoridades se encontravam totalmente desprevenidas. Certos julgamentos atraem a atenção internacional porque focalizam grandes nomes e celebridades, e que abrangem desde o processo de dois dias de Mary Stuart, Rainha da Escócia, no Castelo de Fotheringay em 1586, ao julgamento de Bruno Hauptmann, em Flemington, Nova Jersey, pelo rapto e assassinato de Charles A. Lindbergh Jr., em 1935. Outros processos despertam a atenção internacional porque se referem a escândalos. Por exemplo, o adultério do Reverendo Henry Ward Beecher, no Tribunal Municipal de Brooklyn em 1875, sob a acusação de alienação de afecto. E, por exemplo, o de Oscar Wilde, em Old Bailey, em 1895, sob a acusação

de homossexualidade. Alguns despertaram a atenção mundial por focarem controvérsias políticas. Já houve julgamento desse tipo na América... o de Mary Surratt e seu companheiro de conspiração, processados no velho prédio da Penitenciária de Washington pelo assassinio do Presidente Lincoln, e Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, processados no Tribunal de Dedham, Massachusetts, como anarquistas que cometeram um crime. Houve julgamentos desse tipo na Europa... Émile Zola sendo processado em Paris por caluniar o Ministério da Guerra na defesa que fez do capitão Alfred Dreyfus, e o cardeal Joseph Mindszenty, processado pelo Tribunal Popular de Budapeste por tentativa de derrubar o Governo comunista húngaro.

“E depois há julgamentos que despertam a atenção internacional, por se relacionarem com o direito humano à liberdade de expressão e à liberdade da imprensa. Como, por exemplo, o de John Peter Zenger, editor do New-York Weekly Journal, que foi acusado de difamar o tirânico Governador real em seus artigos e que enfrentou julgamento na Prefeitura de Nova Iorque em 1735. Zenger tinha escrito: “A perda da liberdade geral viria logo após a supressão da liberdade da imprensa... nenhuma nação, antiga ou moderna, jamais perdeu o privilégio de falar, escrever ou divulgar com franqueza os seus sentimentos sem imediatamente perder a liberdade geral e tornar-se escrava.” No entanto, só a defesa heróica do seu idoso advogado, Andrew Hamilton, conseguiu a absolvição de Zenger...

obtendo para a liberdade de expressão americana uma importante, porém efémera, vitória.

“Desde o memorável processo de John Peter Zenger nenhum outro julgamento relacionado com a liberdade de expressão ou imprensa foi considerado tão importante como esta ação penal instaurada pelo Estado da Califórnia contra um livreiro desconhecido, chamado Ben Fremont, acusado de distribuir obscenidades sob a forma de um pequeno romance clandestino, Os Sete Minutos, escrito por um expatriado americano morto há mais de três décadas.

“Porque este julgamento, que poderia ter sido relegado para a obscuridade de um debate provinciano em torno de apenas mais um livro pornográfico, em que as autoridades ameaçariam o réu com uma mera acusação de crime... porque este processo despertou a

atenção de gente de toda a parte, não só dos Estados Unidos mas também da Grã-Bretanha, Escandinávia, França, Alemanha, Itália, Espanha, México, América do Sul, Japão e outros países?

“A explicação que este repórter lhes pode dar não é simples. Nenhuma pessoa com quem comentei o fenômeno foi capaz de explicá-lo. No máximo, podem-se conjecturar várias respostas. O julgamento principia num momento decisivo da história da civilização, quando o futuro da moralidade humana se encontra em jogo. Por intermédio de livros, jornais, televisão, teatro, filmes, a liberdade de expressão ultrapassou todas as velhas fronteiras de decência aceitáveis, numa tentativa de encontrar os últimos limites da arte ou de assaltar e destruir a integridade do lar, da família e da sociedade, na forma em que as pessoas de todas as terras civilizadas preferiram que existisse. Ao mesmíssimo tempo, a autoridade religiosa das nações do mundo inteiro tem sido desafiada e enfraquecida por aqueles que põem à prova os limites externos da liberdade e as definições estreitas do que está certo e errado, do que é moral e imoral.

“Talvez seja que neste momento o Estado e a Igreja prevejam a sua possível ruína, se não se unirem para conter os destruidores da moralidade estabelecida, se não punirem os que avançaram longe de mais, e se não criarem novos limites para reprimir os abusos e excessos da liberdade anárquica.

“E como derradeiro campo de batalha, escolheram este tribunal desta vasta cidade do sul do Estado da Califórnia. O objeto causador deste ajuste de contas é um que possui raro atrativo internacional e estímulo idêntico. Apesar de escrito por um homem, o romance que levantou toda a tempestade é inteiramente feminino, girando em torno das atitudes e sensações de uma única mulher fictícia em relação à sua psique e à sua vida sexual. Uma vez que as mulheres de todos os países são mulheres em primeiro lugar e cidadãs em segundo, o seu interesse pelo destino de Cathleen nesse livro ultrapassa as fronteiras nacionais. Além do mais, a explícita sexualidade que ele descreve, insistindo que é dominante no espírito feminino, parece preocupar e perturbar as mulheres de tudo quanto é parte, e preocupar e inquietar os homens de tudo quanto é parte.

Acima de tudo, devido a certos trechos que expoentes das religiões ocidentais consideram perigosos... não só personalidades católicas da França, Itália e Espanha, mas também líderes protestantes dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha... trechos que mostram figuras sagradas de cada religião envolvidas em atos sexuais... as Igrejas do mundo aliaram-se discretamente às autoridades seculares numa tentativa para banir Os Sete Minutos e, com esse exemplo, estabelecer novas limitações à liberdade de expressão e moralidade vigente.

“Além dessas razões, talvez haja outras menos práticas, mais românticas, para a atração que vem despertando...”

Mas Mike Barrett, embora fascinado, não prestou mais atenção. Zelkin fizera-lhe sinal e ele apressou-se a seguir os demais para a sala adentro, para ajudar a abrir as pastas e a caixa de papelão, aprontando-se para a batalha iminente.

Agora, mais uma vez, examinando o público da sala do tribunal nas suas costas, finalmente surpreendeu o olhar de Maggie Russell. Acenou-lhe com a cabeça. Bem séria, ela retribuiu o cumprimento da mesma maneira.

Depois Barrett passou rapidamente em revista os elementos da imprensa. Ocupavam cadeiras desmontáveis — sem lugar para mesas — de um lado a outro da sala, atrás da grade, nas suas costas, que separava os espetadores do tribunal propriamente dito. O rosto e a roupa dos jornalistas confirmavam o que o comentarista da televisão dissera à porta de entrada: que aquilo se convertera num julgamento não apenas de interesse local ou nacional, mas numa verdadeira atração internacional. Ali estavam os periodistas evidentemente americanos, conversando, rabiscando em seus blocos, revisando material anterior, mas também havia jornalistas cujos diários ou sindicatos se localizavam em Londres, Paris, Milão, Munique, Genebra, Cidade do México, Barcelona e Tóquio.

Do sector da imprensa, a atenção de Barrett passou para a mesa do conselho, dupla e rectangular, de mogno, reservada à acusação, e que naquele espaço exíguo quase parecia uma extensão da sua. Olhando por cima da cabeça de Zelkin, podia ver o promotor público Duncan, ora correndo os dedos pelo sedoso cabelo louro, ora

esfregando a covinha do queixo, enquanto prestava atenção a qualquer coisa dita pelos seus assistentes, o moreno Victor Rodriguez e o bronzeado Pete Lucas.

Barrett notou que a sua mesa de mogno também tinha três participantes, mas dos quais apenas dois eram advogados da defesa: o próprio Barrett, na cadeira da ponta, vizinha do compartimento de jurados, usando camisa branca de colarinho abotoado, gravata azul e fato de Dracon azul-marinho. A seu lado, ainda esvaziando uma pasta, achava-se o atarracado Abel Zelkin. Na extremidade oposta, o réu, Ben Fremont, com o seu melhor fato domingueiro, espremia os olhos no fundo dos óculos de aro metálico para as seis lâmpadas fluorescentes/embutidas, dependuradas no tecto pomposo.

Pela última vez, Barrett inspecionou o campo de batalha que se estendia imediatamente à sua frente. A extrema direita, um pouco além da mesa da acusação, via-se o oficial de justiça, grisalho e espadaúdo, homem que valia por uma equipa de defensores da ordem, encarregado do decoro do recinto, e que servia de ama-seca masculina aos doze jurados. Ele havia ficado de pé, escutando vários representantes da imprensa, mas agora ocupava a sua posição atrás de uma pequena escrivaninha.

Do oficial de justiça, Barrett passou a sua atenção, além das cabeças da oposição, para a escrivaninha de tampa corrediça, que escondia parcialmente o magro escrivão do tribunal, alto como uma girafa, debruçado sobre as suas minutas. No fim da sexta-feira, na presença do juiz e de alguns curiosos, recebera o compromisso dos jurados, advertindo-os de que deviam “julgar a causa com justiça e serenidade”, e dentro em breve, como secretário do juiz em questões atinentes ao tribunal, iria redigir os seus apontamentos dos trâmites, assim como receber e juntar todos os instrumentos de prova.

No centro da sala, imponente e temível, erguia-se o assento do juiz, austero, malgrado o microfone sobre a escrivaninha, os lápis, o bloco de anotações, a garrafa de água, o martelo e uma coleção do Código Penal da Califórnia em oito volumes. Atrás, a poltrona da

justiça, de couro, de alto espaldar, colocada diante de uma porta coberta por cortina e ladeada pelas bandeiras nacional e estadual.

Logo abaixo, entre Barrett e o banco das testemunhas, apenso ao assento, estavam a cadeira giratória, a máquina de estenotipia, em cima de uma mesa trípode, e a escrivaninha pertencentes a Alvin Cohen, o relator forense incumbido de registrar os trâmites e depoimentos do processo a ser instaurado. Naquele momento, Cohen, apoiado a um joelho, regulava a mesa trípode à máquina de estenotipia, parecendo o jovem assistente de um catedrático à procura da abotoadura perdida.

Acima do relator via-se o banco das testemunhas, o lado aberto a formar um acesso de degraus que conduzem à cadeira forrada e ao microfone. Barrett olhou tristemente Para esse banco, lembrando-se como ele e Zelkin estavam mal preparados para enfrentá-lo, e logo impeliu a sua própria cadeira giratória para o canto oposto, a fim de contemplar a parede baixa do compartimento alongado do júri a apenas poucos passos de distância do seu cotovelo.

Os lugares dos jurados continuavam vazios.

A memória de Barrett retrocedeu à manhã da véspera, quando Abe Zelkin se esforçara em preencher-lhe aqueles lugares, descrevendo biografias e traçando o retrato das personalidades dos doze jurados escolhidos.

Zelkin provara astúcia ao selecionar entre os sobreviventes das impugnações e recusas fundamentais pelo Promotor Público. Não eram unicamente a ocupação e o gênero de vida de cada um que tinham influenciado a seleção, mas os maneirismos, o uso da linguagem e inflexões de voz ao responder a perguntas, até mesmo o jornal ou revista que traziam debaixo do braço. Aqui tratava-se de um caso de censura, e o conhecimento da experiência pessoal, grau de instrução e interesses literários de um jurado exerciam extrema importância.

Zelkin achava que no grupo de doze, pelo menos cinco demonstravam indícios positivos de empatia pela causa, e somente torcia para que os outros sete se mostrassem honestamente imparciais em relação à matéria em julgamento. Zelkin era de opinião que o júri era bom. Mas nesse sentido, pensou Barrett, não

havia dúvida de que Duncan se sentia igualmente satisfeito com a sua própria aprovação desses jurados.

refletindo sobre os preparativos da última hora da véspera, a atenção de Barrett voltou a fixar-se no banco das testemunhas, e lembrou-se de que tinham passado toda a tarde de sábado a entrevistá-las no escritório, discutindo em particular o depoimento que iriam prestar, fazendo sugestões e tomando notas. Pensou no desastre suplementar que ocorrera. Kimura, no sábado, entregara-lhes, vinda diretamente do Aeroporto Internacional, uma testemunha em quem depositavam considerável esperança: Da Vecchi, o pintor florentino que conhecera Jadway em Paris em 1935 e pretendia tê-lo retratado certa vez em Montparnasse. Era um italiano raquítico e idoso, com olhos inquietos de carteirista romano. Para aparecer no banco das testemunhas, Barrett sonhara com um modelo de Ticiano ou Carpaccio, e em vez disso dispunha de alguém que lembrava um gárrulo sapateiro do Velho Mundo, que sempre se esquecia de dar o troco certo.

Da Vecchi, conforme se apurou, tinha visto Jadway apenas três vezes — mas, embora a sua memória estivesse anuviada, lembrava-se efetivamente de vários comentários feitos pelo escritor enquanto escrevia o romance, que atestavam a integridade de Jadway — e numa delas pintara o retrato de Jadway. No escritório de Zelkin, Da Vecchi prontificou-se a exibí-lo. Para Barrett fora um momento de suspense: ia ver pela primeira vez o verdadeiro réu do processo. Da Vecchi levantara a serapilheira para mostrar o óleo e o entusiasmo de Barrett ruiu por terra. O quadro não passava de uma pintura abstrata, cubista, um quebra-cabeças ridículo de cones, quadrados, linhas perpendiculares e horizontais, salpicadas de azul, amarelo, vermelho e castanho. Se a tela representava qualquer espécie de rosto, era a de uma cabeça de centauro predominante, construída com blocos de jardim-de-infância. A pintura não possuía o mínimo valor, o mesmo, a rigor, podendo-se dizer de Da Vecchi.

Barrett soltou outro suspiro — quem recebe esmola, não tem direito de reclamar. Da Vecchi ocuparia o banco das testemunhas na ocasião aprazada.

Preocupado, lançou mais um olhar de soslaio ao adversário. O Promotor Público examinava a plateia e acenava para alguém. Barrett pôs-se a imaginar de que modo Duncan passara o domingo. Sem dúvida em companhia de Christian Leroux, o difamador de Jadway, e provavelmente com Jerry Griffith. Depois pensou se Jerry Griffith realmente falara com Duncan. Maggie, naturalmente, devia saber, mas não queria perguntar-lhe.

Olhou fixamente para o rival, invejando-lhe, a riqueza de testemunhas, e por fim virou-se novamente para ver a hora.

O relógio da parede marcava nove e meia.

Duas campainhas tocaram na sala e Barrett viu o corpulento oficial de justiça pôr-se de pé num salto e apressar-se a subir os degraus que levavam à sala dos jurados. Logo percebeu que tanto a imprensa como os espetadores tinham compreendido, porque as conversas diminuíram de volume e toda a gente ficou alerta.

De repente os doze jurados, oito homens e quatro mulheres, entraram em fila no tribunal, começando a ocupar os seus lugares no compartimento que lhes era reservado.

Enquanto isto, Abel Zelkin puxou Barrett pela manga, pondo-lhe a mão em concha no ouvido.

— Tire uma nota dos cinco de que eu lhe falei, os que me dão esperanças — cochichou.

Zelkin havia seguido, certa vez, um curso de memorização, numa tentativa de ficar à altura dos dons naturais de Barrett, e agora punha em prática um dos seus exercícios para fixar os cinco da lembrança do sócio. — O jurado número dois, a mulher que parece Mao Tsé-tung é ótima. O número três, o banqueiro que tem cara de Tio Sam, também dá para apostar. A número sete, a moça com ar de Greta Garbo, é tiro e queda. Número dez. O tipo de Joe Louis. É professor. Doze. O presidente do júri. Gémeo de Albert Schweitzer. Chama-se Richardson. Arquitecto famoso. Apanhou todos?

— Apanhei — respondeu Barrett.

Os seus olhos seguiam o júri e formulavam, em silêncio, a velha pergunta de Shakespeare: "Serão vocês homens probos e honestos?"

Os jurados tomaram os seus lugares e, da sua escrivaninha, o oficial de justiça dirigiu-se aos espetadores reunidos na sala.

— Queiram ter a bondade de levantar-se — pediu — e fitar a bandeira da nossa pátria, reconhecendo os princípios que ela defende... liberdade e justiça para todos.

Barrett, como todos os presentes, também se pôs de pé, permanecendo nessa posição enquanto as cortinas atrás do assento elevado se abriam e o juiz Nathaniel Upshaw dava entrada no tribunal. Franzindo parte da toga preta com a mão, o magistrado aproximou-se e assumiu o posto da presidência. Tinha figura majestosa: cabelo branco hirto, olhos atentos amortecidos por olheiras, longo rosto macilento enrugado, enérgico e sereno. Levemente parecido com a figura clássica de um juiz inglês numa caneca de cerveja.

De ombros caídos, os nós dos dedos apertando o assento, esperou que o oficial de justiça terminasse.

— A Divisão 101 do Tribunal Superior do Estado da Califórnia, Comarca de Los Angeles, declara aberta a audiência — entoou o oficial. — O Meritíssimo Juiz Nathaniel Upshaw presidirá à sessão. Sentem-se, por favor.

Ouviu-se um arrastar de pés por toda a sala e o público, a imprensa e os representantes legais ocuparam os seus respetivos lugares. Barrett entrelaçou os dedos, sentindo um aperto nervoso no peito e na garganta.

O juiz Upshaw já se instalara. Empunhando o martelo, bateu uma vez.

Olhou para o relator forense, logo abaixo, cujos dedos pairavam sobre a máquina de estenotipia. E dirigiu-se-lhe pelo microfone da escrivaninha.

— A ação proposta pelo Povo do Estado da Califórnia contra Ben Fremont está pronta para julgamento. — A voz do magistrado, ressonante e grave, retumbava em cada canto da sala. — Registe-se nos anais que o Povo é representado por Mr. Elmo Duncan, e o réu pelo seu advogado, Mr. Michael Barrett, e que o júri se acha presente.

O juiz Upshaw virou-se para a mesa da acusação e analisou-a. Finalmente tornou a erguer a voz:

— O senhor deseja fazer alguma exposição inicial, Mr. Duncan?

— Sim, Meritíssimo. Gostaria de fazer uma exposição de motivos.

— Prossiga, por favor.

Elmo Duncan atravessou a sala com passo ágil. Passando pela mesa da defesa, não desviou os olhos da sua frente. Ao chegar perto dos jurados, segurou-se à balaustrada, fazendo-lhes um aceno de boas-vindas com um sorriso discreto. Depois, soltando-se, recuou e cruzou os braços, começando a falar com voz tensa e empostada.

— Senhoras e senhores jurados — disse Elmo Duncan —, como sabem, ao instaurar-se o julgamento de ação penal, tanto o Promotor Público como o advogado do réu têm o privilégio de fazer uma exposição inicial. A finalidade dessa exposição é apenas fornecer-lhes as linhas gerais do que cada um de nós pretende provar na nossa apresentação dos fatos. O que podemos dizer fica limitado por um único preceito. As nossas exposições iniciais têm de restringir-se aos fatos que tencionamos deduzir por meio de provas. Em nenhuma ocasião temos permissão para defender o caso. Em suma, como disse certo magistrado, a exposição inicial pode ser comparada ao “sumário de um livro, para que se possa localizar o capítulo e saber do que trata”.

“De maneira que, neste breve intróito, não apresentarei provas. Mais adiante, hoje, e durante a duração do processo, as provas serão dadas dali...”

Duncan apontou para o banco das testemunhas.

— ... do banco onde as testemunhas, sob o juramento solene de observar completa fidelidade à verdade, plenamente cientes que se expõem à acusação penal de perjúrio, caso se desviem da verdade, testemunharão sobre fatos, exclusivamente sobre fatos. Em geral, o depoimento de testemunhas num processo penal deve limitar-se ao que presenciaram com os próprios olhos, escutaram com os Próprios ouvidos, ou cheiraram, tocaram e sentiram através dos seus sentidos físicos. Só muito raramente recebem Permissão para apresentar testemunho de outiva... ou seja, boatos ou notícias de segunda-mão, relacionados com os litigantes da ação. Normalmente, num

processo penal, as Testemunhas não são encorajadas a emitir opiniões ou tirar conclusões. Entretanto, num caso de obscenidade, como o presente, estou certo de que o tribunal há-de concordar que podemos abrir exceção à regra. Ao julgar se uma obra é imoral ou não, as opiniões abalizadas de pessoas qualificadas a emitilas são, em virtude de precedentes, geralmente admitidas como prova de fatos concretos.

“Tendo isso em mente, senhoras e senhores jurados, peço-lhes a indulgência de acompanhar o esboço que farei do que se convencionou chamar resumo do pleito do Povo.”

A voz do Promotor Público tinha começado a libertar-se dos efeitos estranguladores da tensão inicial. Era como se houvesse usado esses instantes preliminares não tanto para informar os jurados acerca dos procedimentos básicos mas para convencer-se de que se mostrariam receptivos à acusação e de que dali por diante tudo correria bem.

Quando recomeçou, estava calmo, seguro, confiante.

— Estamos reunidos aqui porque nós, os advogados do Povo, acusamos o réu, Ben Fremont, livreiro, de violar o Artigo 311, parágrafo 2º, do Código Penal do Estado da Califórnia. O referido parágrafo estabelece o seguinte, que será repetido muitas vezes no decorrer deste processo... estabelece que... “Toda a pessoa que conscientemente remete ou fornece os meios de remessa, ou traz ou proporciona o transporte, para este Estado, com intuito de venda ou distribuição, ou neste Estado prepara, publica, imprime, exhibe, distribui ou se oferece para distribuir, ou tem em seu poder com intenção de distribuir ou exhibir ou se oferece para distribuir, qualquer material obsceno, torna-se Culpado de contravenção.”

“E cumpre acrescentar que, se uma pessoa é considerada culpada de fornecimento de material obsceno... e “material” vem definido no nosso Código Penal como sendo “livro, revista, jornal, ou outro material impresso ou escrito”... se essa pessoa é considerada culpada de reincidência no fornecimento de material obsceno, torna-se culpada não de contravenção, mas do crime mais grave de delito culposos.”

Enquanto Duncan martelava nessa tecla, Barrett viu Ben Fremont retorcer-se contrafeito, o que sublinhava a sua própria reação instintiva à referência injustificada de Duncan a respeito de reincidências.

Barrett pôs-se de pé.

— Protesto, Meritíssimo. Protesto pelo motivo de que o nobre colega da acusação não está a limitar-se a expor o que tenciona provar, e sim a entrar no mérito da ação que promove contra o réu.

O juiz Upshaw sacudiu a cabeça em aprovação.

— Protesto aceito. Dirigi-se ao Promotor Público.

— Mr. Duncan, creio que o senhor está a ultrapassar o escopo da sua exposição inicial.

Duncan sorriu à guisa de desculpas para o juiz.

— Obrigado, Meritíssimo. Desculpe-me — voltou o sorriso para os jurados. — Tenho a impressão de que me deixei empolgar.

Tornando a sentar-se, Barrett ouviu Zelkin murmurar: — Não há que negar que o nosso irresistível Promotor acertou em cheio no alvo...

reincidente, delito culposo. Espero que você retribua na mesma moeda.

— Não se preocupe — retorquiu Barrett baixinho, sempre com o olhar fixo no Promotor Público.

Duncan continuou a exposição inicial.

— O ponto crucial do parágrafo do Código Penal em que acusamos o réu de violar resume-se numa única palavra do mesmo parágrafo... a palavra "obsceno". E quanto a ela, o Código Penal é expresso. No Artigo 311 encontramos a seguinte definição: "Por obsceno entende-se que para a pessoa comum, segundo o critério contemporâneo, o principal atrativo do material, considerado em conjunto, é o interesse libidinoso, isto é, um interesse vergonhoso ou mórbido por nudez, sexo ou excreção, que ultrapasse substancialmente os limites habituais de franqueza na descrição ou representação de tais materiais e constitui matéria totalmente destituída de importância social compensatória."

"Ora, as palavras "obsceno" e "libidinoso" serão ouvidas com frequência no decurso deste julgamento. Os senhores acabaram de

ouvir as suas definições legais. É útil tomar conhecimento dos seus conceitos nos dicionários. No Dicionário Inglês de Oxford, assim como em outros, "obsceno vem descrito como algo que significa repulsivo, imundo, indecente. E material de interesse "libidinoso" é o que contém ideias lúbricas, lascivas ou malévolas, que dá aos leitores um prurido impuro pelo que é sórdido.

O Estado acusa uma obra de ficção que tem por título Os Sete Minutos, da autoria de um certo JJ Jadway, de apelar para o interesse predominantemente libidinoso, sendo por conseguinte, criminalmente obscena e que, por tal motivo, o réu, Ben Fremont, ao distribuir conscientemente essa obra obscena, torna-se culpado de crime perante a lei.

"Nesta ação, provaremos, irrefutavelmente, três aspectos da transgressão legal do réu.

"Em primeiro lugar, provaremos que Ben Fremont, na qualidade de livreiro desta comarca, expôs e distribuiu o livro chamado Os Sete Minutos.

"Segundo, provaremos que estava ciente. Ou, por outra, que o réu, Ben Fremont, distribuiu esse livro obsceno, apesar de estar perfeitamente cômico do seu conteúdo. A fim de estabelecer isso, forneceremos o testemunho de funcionários ligados à Divisão de Costumes do Município de Los Angeles que, agindo como polícia secreta, compraram um exemplar da obra das mãos do réu. Reforçaremos esse testemunho com a apresentação de gravações em fita magnética das vozes da conversa dos investigadores e apreensores da Polícia com o réu, Ben Fremont, o que demonstrará amplamente que o réu tinha plena consciência do conteúdo do livro, reconhecendo que era obsceno.

"Terceiro, provaremos sem sombra de dúvida que, para o homem ou para a mulher comuns, segundo os critérios comunitários contemporâneos, Os Sete Minutos é obsceno dentro da definição legal da palavra e que é obra totalmente destituída de qualquer importância social compensatória. A fim de estabelecer estes fatos, apresentaremos testemunhas numa série de categorias. Uma delas, consistente de especialistas literários ou pessoas que travaram relações com o autor do livro, testemunhará que a obra em questão

é obscenidade escrita com essa mesma intenção e destituída de qualquer mérito literário ou valor social. Os referidos especialistas também revelarão que o autor criou a obra com a única finalidade de explorar o interesse libidinoso de leitores susceptíveis em proveito do seu lucro pessoal. A segunda categoria de testemunhas, formada por respeitáveis cidadãos da comarca de Los Angeles, testemunhará que a pessoa comum na nossa comunidade concordaria que o livro explora vergonhosamente o interesse mórbido do leitor pela nudez, sexo ou excreção. A última categoria de testemunhas virá depor, à base de conhecimento pessoal, que o livro é obsceno e que o seu estímulo de interesses libidinosos entre os imaturos causou desequilíbrio emocional que resultou em violência.

“Permitam-me acrescentar que nunca será de mais sublinhar a importância da relação entre causa e efeito da pornografia com a violência. As maiores autoridades jurídicas do país não se cansam de repetir que caso se possa comprovar que um livro carregado de sexo incita uma conduta anti-social, esse livro tem tanto direito de circular livremente no seio de uma sociedade civilizada como um louco ou um assassino. O Estado propõe-se fornecer essa comprovação. Apresentaremos especialistas psiquiátricos...” Barrett levantou-se no mesmo instante.

— Protesto, Meritíssimo. O representante do Povo está-se a exceder na sua exposição inicial.

— Protesto aceito — disse o juiz Upshaw. Dirigindo-se ao Promotor Público: — Mr. Duncan, queira restringir-se a fatos de que tenciona aduzir provas, abstendo-se de comentários que pertencem à esfera das suas considerações finais.

Duncan recebeu, aparentemente, a repreensão de bom grado.

— Obrigado, Meritíssimo — tornou a dedicar atenção aos jurados. — Deixem-me dizer-lhes que as nossas testemunhas especializadas incluirão psiquiatras familiarizados com os efeitos dos materiais pornográficos sobre a mentalidade da juventude. As nossas testemunhas também incluirão, talvez pela primeira vez em tribunal americano, uma vítima concreta dessa literatura de sarjeta.

“Ao provar o referido ponto... na realidade, todos os três pontos que acabo de lhes apresentar... não só provaremos que o réu

transgrediu a lei e merece ser considerado culpado das acusações, como também provaremos, como se deve, que a obra de ficção obscena que o réu distribuiu era igualmente culpada e precisa, por conseguinte, de ser banida das vistas do público.

— Sim, senhoras e senhores, banida! Para vencer a nossa causa, comprometemo-nos a provar, e provaremos, que invocar a censura de obras imorais priva tanto os direitos e liberdades humanos como invocar a prisão e confinamento para indivíduos que causaram danos às nossas comunidades por atos de violência. Mostraremos porque, ao condenar uma obra de obscenidade, não transgredimos nem cerceamos os direitos individuais protegidos pela Primeira Emenda da Constituição, que promete que o Congresso não homologará nenhuma lei “privando da liberdade de expressão ou da imprensa”.

“Senhoras e senhores do júri, nos dias vindouros procuraremos demonstrar que este livro, Os Sete Minutos, é totalmente obsceno e destituído de qualquer importância social compensatória, encontrando-se, portanto, fora da proteção garantida pela Primeira Emenda da nossa Constituição. Provaremos que esse livro merece ser censurado.

Tentaremos provar a premissa expressa com tanta clareza por Norman Thomas, candidato socialista à Presidência dos Estados Unidos... sim, por Norman Thomas, um radical na luta constante para preservar as nossas liberdades... que declarou a uma subcomissão do Senado dos Estados Unidos em 1955: “Não estou nada impressionado pelo grau com que os defensores de pornografia... pura e simples, querem forçar a Primeira Emenda. Não creio que a Primeira Emenda ofereça qualquer garantia aos homens para seduzir inocentes, explorar o tipo de mentalidade imatura e as emoções inexperientes de crianças e adolescentes... Não creio que para proteger as liberdades fundamentais da imprensa tenhamos de submeter os nossos filhos, que são, em certo sentido, a custódia de toda a nossa sociedade, ao gênero de exploração visual de baixas emoções, e ao incitamento dessas baixas emoções, para os quais, evidentemente, essa literatura pornográfica... e todo o resto se dirigem”.

Enquanto escutava, Mike Barrett sentiu que Zelkin o acotovelava.

— Pelo amor de Deus, Mike — cochichou Zelkin, veemente —, ele está a antecipar-se e a refutá-lo a você. Você não vai...?

Durante os últimos comentários de Elmo Duncan, Barrett havia-se preparado instintivamente para o interromper com um protesto. O Promotor Público estava de fato a apresentar dados sem cabimento numa exposição inicial. O que dissuadira Barrett de intervir fora o desejo de limitar os seus protestos a observações totalmente desvantajosas.

Sabia que um número excessivo de protestos muitas vezes aliena a simpatia dos jurados.

Contudo Zelkin tinha razão. Duncan estava a ultrapassar as medidas.

Barrett levantou o braço e pôs-se de pé.

— Protesto, Meritíssimo. O Promotor Público está a entrar no mérito da questão e a apresentar provas na sua declaração inicial.

— Protesto aceito — replicou logo o juiz Upshaw. Olhou irritado para o Promotor.

— Mr. Duncan, o senhor conhece perfeitamente os limites de uma exposição inicial.

Torno a adverti-lo para que se contenha dentro deles.

— Obrigado, Meritíssimo—disse Duncan. — Desculpe. Para Barrett, porém, observando o seu rival da mesa de defesa, Elmo Duncan parecia tudo menos arrependido. Pelo contrário, mantinha-se num comportamento satisfeito e descontraído. Era como se soubesse que, apesar das censuras do magistrado, conquistara os jurados e estava agora para as observações finais.

— Senhoras e senhores do júri — continuou Duncan — na apresentação das nossas testemunhas e provas, provaremos que é o homem comum e o meio em que ele vive que se sentem ultrajados e prejudicados pelos ingredientes deste livro. Afirmaremos que é o homem comum, e não o excepcional, o erudito, o liberal, o intelectual, que deve interpretar as nossas leis sobre a censura. Pois, tal como um juiz do Supremo Tribunal de Nova Iorque, ao considerar “O Trópico de Câncer”, de Henry Miller, como obra obscena, explicou...

isso não implica “que só porque uma pretensa obra literária não desperta interesse libidinoso num reduzido grupo de intelectuais, não seja obscena sob o ponto de vista interesse libidinoso ou mesmo de qualquer outro teste legal de obscenidade. Isso redundaria na substituição das opiniões de autores e críticos por aquelas da pessoa média na comunidade contemporânea.” Não, é o homem comum...

Barrett já aguentara o suficiente. Aquilo era nocivo à defesa. Meio levantado, ergueu o braço para o juiz Upshaw.

— Vejo-me forçado a protestar, Meritíssimo. Mr. Duncan não só está a entrar no mérito da questão, em vez de apresentá-la em linhas gerais, como passou agora a debater com as testemunhas de defesa antes que lhes fosse dada oportunidade para depor. O meu protesto fundamenta-se no fato de que o Promotor Público está a aduzir as suas considerações finais em lugar de fazer uma exposição inicial.

— Protesto aceito! — afirmou o juiz Upshaw enfaticamente.

E dirigindo-se ao Promotor:

— Mr. Duncan, o senhor ultrapassou os limites da exposição inicial não apenas uma mas diversas vezes. Apresentou provas, entrou no mérito da questão, desrespeitou a regra processual. Advirto-o energicamente que se abstenha de usar no início fatos que pertencem propriamente ao seu resumo final.

Duncan parecia genuinamente contrito.

— Peço-lhe desculpas, Meritíssimo. Espero que me perdoe o excesso de entusiasmo.

Sentime ansioso por desenvolver, tanto quanto possível, os pontos legais que tentaremos provar.

O juiz Upshaw não se aplacou.

— Mr. Duncan, em relação ao protesto a que acabo de dar acolhida, o senhor não estava a tentar provar um ponto legal... o senhor estava a tentar advogar em causa própria.

Isso eu não posso permitir. Queira continuar.

Momentaneamente desalentado, Duncan fez visível esforço para recobrar a firmeza enquanto tornava a virar-se para o júri.

— : Senhoras e senhores jurados, direi simplesmente que procuraremos substanciar, através da apresentação de depoimentos e provas, o fato de que o conteúdo de Os Sete Minutos seria considerado como aliciador de interesse libidinoso pela pessoa média da comunidade.

“Sustentaremos a afirmativa de que o livreiro e réu sob julgamento, Ben Fremont, distribuiu esse romance nocivo perfeitamente ciente de que grande número de leitores o compraria, não porque seja uma obra literária, mas sobretudo porque é uma obra da mais reles pornografia... forjada, como também provaremos, por um autor dotado do olho lúbrico do pornógrafo e comerciante profissional, que jamais teve qualquer intenção de imprimir a essa obra a mínima importância social.

“Se me permitem concluir com uma nota de frivolidade, lembro-me da ocasião em que O Amante de Lady Chatterley foi defendido como obra de pura arte, sem nenhum atrativo para o interesse libidinoso, o que fez com que um juiz da corte de recursos, o juiz Leonard P. Moore, comentasse com certo sarcasmo: “Quanto ao interesse libidinoso, ninguém pode dar-se ao luxo de ser tão ingênuo a ponto de acreditar que a avalanche de vendas foi consequência de uma súbita curiosidade por parte do público americano em conhecer os problemas administrativos de um guarda florestal profissional de uma herdade inglesa”.”

Os jurados acharam graça e Duncan notou-o com um sorriso de satisfação. Depois, passando a mão pelo cabelo, fez uma massagem na nuca e preparou-se para continuar.

Na mesa de defesa, Barrett tinha pensado em protestar contra essa irrelevância, mas, legal ou não, os jurados tinham-se divertido, e levantar um protesto contra o que lhes dera prazer talvez os hostilizasse, deixando-os surdos para a defesa. Toda a vantagem legal nesse terreno, decidiu Barrett, implicava numa possibilidade de perda. Com dificuldade, conservou-se em silêncio.

Duncan já recomeçara.

— Como Promotor Público — dizia —, pretendo dedicar-me, neste julgamento, à proposição de que Os Sete Minutos, de J J Jadway, não foi escrito, editado, vendido e comprado, porque o

público leitor americano quisesse saber como uma moça pode ficar deitada na cama durante sete minutos sem camisola e não morrer de frio... ou imaginar o que ela se põe a pensar durante sete longos minutos, quando não consegue contar ovelhas para vencer a insônia. Não, eu não creio que tenha sido por causa disso.

Vários jurados abafaram perceptivelmente o riso, mas Duncan fingiu não notar. O sorriso desaparecera do seu rosto. Estava intensamente sério.

— A Promotoria afirma que este livro não foi escrito, editado, vendido e se destinava a ser comprado exclusivamente como obra obscena, apelando para um interesse vergonhoso ou mórbido por nudez, sexo e excreção. Isto é o que eu, o que nós, afirmamos, e isto, senhoras e senhores jurados, é o que provaremos neste tribunal de justiça. Muito obrigado.

Elmo Duncan afastou-se do compartimento dos jurados e por um instante o seu olhar cruzou-se com o de Barrett, e os seus lábios viraram-se ligeiramente para cima — de pena, julgou Barrett — encaminhando-se depois para a sua mesa na extremidade oposta da sala.

— Mr. Barrett... — a cabeça de Barrett ergueu-se, percebendo que o juiz Upshaw se lhe dirigia —, ... o senhor está pronto a fazer a exposição inicial agora ou deseja adiá-la?

Barrett levantou-se logo.

— Gostaria de fazê-la agora, Meritíssimo.

— Queira prosseguir.

Com rápido olhar para Zelkin e Ben Fremont, Barrett empurrou a cadeira para o lado, abandonou a segurança da mesa de defesa e aproximou-se dos jurados. Pôde verificar que muitos deles o examinavam ou avaliavam com curiosidade, e conjecturou sobre o que estariam a pensar. Ainda sob a influência da exposição — discussão, mais propriamente-inicial de Duncan, decerto se diziam que tudo o que poderia ser dito já o fora, tentando adivinhar o que restava para este desconhecido lhes revelar.

Barrett consolou-se com a ideia de que é sempre isso que acontece quando o adversário toma a precedência da Palavra e que a situação se agrava ainda mais se o primeiro orador causou algum

impato. Os ouvintes, então, sofrem uma lavagem cerebral, sentindo-se saciados e conquistados, e renitentes, incrédulos ou desatentos a tudo que for novo ou se quiser acrescentar. Como segundo colocado, tem de se fazer duro esforço até alcançá-lo. É preciso lutar e suar a despertar-lhes o interesse, e, depois de consegui-lo, proceder a uma nova lavagem cerebral, só então lhes fornecendo imagens inéditas, na esperança de que tenham a capacidade de as aceitar.

Esfregando despreocupadamente a lapela com a mão, Barrett lembrou-se de que existia um meio de lhes conquistar a atenção imediata. Assombrá-los. Surpreendê-los, sem insultar nem hostilizar. Não era fácil. Porque não se achava ainda empenhado em debate, o toma-lá-dá-cá trocado entre a acusação e a defesa durante a inquirição de uma testemunha específica. Por enquanto, não convinha chocar o espírito dos jurados, opondo-se ou refutando alguma coisa que Duncan ou as suas testemunhas tivessem metido nas cabeças deles. Era-lhe impossível argumentar contra as afirmativas da acusação, a fim de as demolir para abrir caminho às suas. Podia apenas declarar que havia um segundo aspecto sobre essa questão de censura, um aspecto vital e coercitivo. Não seria tão eficaz como debate, e portanto não se tornaria fácil deslocar os preconceitos já arreigados do júri ou erradicar essas opiniões.

Ali estavam eles, todos os doze, à espera das suas palavras. Aquelas fisionomias gordas, magras, abertas, fechadas, carnudas, ossudas não ofereciam amizade, além de uma cortesia formal, não ofereciam nada, excepto branda curiosidade e desafios à sua habilidade. Mas tentaria.

Muito bem. Exposição inicial. Sem entrar no mérito da questão.

— Senhoras e senhores jurados — começou Barrett —, o nobre colega sentado a meu lado à mesa mais próxima, Mr. Abraham Zelkin, e eu representamos a defesa neste complexo caso de censura. Uma vez que Mr. Duncan, o ilustre representante do Estado, apresentou com tanta competência a lei sobre obscenidade criminosa do Código Penal da Califórnia, assim como definições legais das palavras “obsceno” e “libidinoso”, não vejo razão para sobrecarregá-los com repetições do que ele já disse.

“Entretanto, ao definir essa lei, ao interpretá-la, ao examiná-la para verificar se ela é aplicável ao réu, Mr. Ben Fremont, ou a Mr. Jadway, autor do livro em julgamento, ou ao próprio livro, deparemos com um problema. Mr. Duncan deixou bem claro que só procura a verdade neste caso. Acredito. Estou certo de que os senhores também. Posso afiançar-lhes que o meu colega e eu, igualmente, procuramos unicamente a verdade neste caso.

Tenho a certeza de que Mr. Duncan acredita em mim, e espero que os senhores também.

Em suma, ambas as partes procuram a verdade, e acreditam tê-la encontrado. Mas, por estranho que pareça, essas verdades não são idênticas. Existem duas, e no entanto os senhores e eu fomos criados na crença de que só pode existir uma. Avaliar ambas, sem resolver qual a autêntica e qual a impostora, já que as duas são autênticas, é esse o problema, o problema dos senhores... descobrir qual a verdade mais aplicável a este caso que diz respeito à venda que Mr. Fremont fez de exemplares de Os Sete Minutos, de JJ Jadway.

“Eu simpatizo com o problema dos senhores. Afinal de contas, o mais americano de todos os ensaístas e filósofos americanos, Ralph Waldo Emerson, já advertiu no século passado que a verdade é um artigo tão leviano, tão velhaco, e tão impossível de se transportar e guardar em qualquer recipiente, que fica mais difícil de apanhar do que a própria luz. Contudo, ao expor-lhes o plano e certos pormenores das nossas alegações de defesa, permitam-me que tente apanhar a luz, a fim de lançar um pouco da sua claridade sobre a nossa própria imagem do que constitui a verdade final deste caso.

“Já sabem o que diz a lei do Estado no que toca à obscenidade. Ouviram Mr. Duncan afirmar que ela corrobora a verdade e as alegações da acusação. Agora permitam-me definir a nossa verdade em nome da defesa.

“O ponto primordial em que a defesa se apoiará, durante todo este julgamento, é que a palavra “obsceno” e a palavra “sexo” não são sinônimas, nem se confundem.”

Barrett escutou o arrastar de uma cadeira do outro lado do tribunal, e virou-se para ver Elmo Duncan pôr-se de pé.

— Protesto, Meritíssimo — disse Duncan. — O nobre colega da defesa está indubitavelmente a entrar no mérito da questão.

Barrett olhou para o juiz Upshaw, que tinha a testa franzida.

— Não creio que ele esteja a fazer isso, Mr. Duncan. Ele está definindo. Uma definição pode originar-se numa premissa negativa. Devo indeferir o protesto, permitindo que o advogado de defesa desenvolva a definição... Mr. Barrett, queira prosseguir nessa linha, mas com prudência. Tome cuidado para não ultrapassar os limites de uma exposição inicial.

Por um instante, as esperanças de Barrett haviam quedado em suspenso, ameaçadas, prestes a ficarem fora do seu alcance. Agora quase desfalecia de alívio, agarrando-se novamente a elas. Virou-se cheio de optimismo para o júri.

— Senhoras e senhores — disse com serena insistência —, no decurso deste julgamento, a defesa tentará provar que só porque o livro Os Sete Minutos desenrola o seu drama dentro da estrutura do ato sexual, isso não o torna automaticamente uma obra de obscenidade. Um estudante de censura, Robert W. Haney, escreveu: "A lei, tal como é concebida na Declaração de Independência, não é expediente social para propagar a causa da virtude. Ela é um expediente protetor que assegura a liberdade e as oportunidades de que os homens necessitam para a sua felicidade e evolução. A liberdade não é o direito de ser virtuoso; é o direito de fazer o que se quiser... limitado apenas quando o seu exercício individual arrisca a liberdade alheia, ou quando resulta em ações públicas que a sociedade considera ruinosas para os seus próprios objetivos."

"Senhoras e senhores jurados, nunca será de mais sublinhar essa interpretação da nossa lei. Nenhuma legislação federal ou do estado da Califórnia foi promulgada no intuito de promover a virtude, e sim de proteger a liberdade. A lei de obscenidade que instigou este julgamento não foi colocada no Código Penal, a fim de inibir a escritura e leitura a respeito de sexo ou fomentar o puritanismo. Ela está no Código Penal apenas para proteger os cidadãos contra a

distorção inescrupulosa e a deturpação de atos sexuais puros e sadios.

“O método da defesa neste caso será orientado pela sabedoria de alguns dos espíritos legais mais eminentes da nossa época. Foi o juiz Jerome Frank que uma vez incluiu o seguinte numa sentença: “Creio que nenhum homem sensato julga socialmente perigoso o incitamento de desejos sexuais normais. Conseqüentemente, se a leitura de livros obscenos tem esse mero resultado, o Congresso, ao que tudo indica, tanto pode, constitucionalmente, proibir livros como poderia impedir a remessa postal de muitos outros objetos, como perfumes, por exemplo, que produzem sabidamente o mesmo resultado.”

“Sim, com efeito, se um livro deve ser censurado por despertar o desejo, quando submeteremos Arpège a julgamento?”

Apesar de vários jurados sorrirem, e alguns até soltarem gargalhadas, Barrett pôde ouvir o protesto retumbante do Promotor Público nas suas costas.

Barrett virou-se a tempo de ouvir o juiz Upshaw concordar com Duncan.

— Protesto aceito... Mr. Barrett, o senhor está-se a exceder. Devo adverti-lo... o senhor ultrapassou os limites da exposição inicial.

Barrett curvou ligeiramente a cabeça.

— Desculpe, Meritíssimo — lembrou-se das palavras anteriores de Duncan e repetiu-as.

— Espero que me perdoe o excesso de entusiasmo.

Pôde ver a carranca de Duncan, depois o largo sorriso de Zelkin, e mais uma vez enfrentou o júri. O seu adversário tinha aberto a porta para entrar no mérito da questão.

Ele tirara partido disso para invadir as ideias do júri. Certificava-se, finalmente, de que o aceitavam em termos de igualdade com o Promotor Público. Ainda bem.

— Senhoras e senhores jurados — prosseguiu Barrett. — O ilustre Promotor Público disse-nos que em casos de censura, concentrados no mérito ou falta de mérito social de uma obra literária, o testemunho não pode consistir inteiramente de fatos mas deve, por necessidade, incluir também a opinião de especialistas.

Sobre isso concordamos. Sempre que pudermos, apresentaremos fatos em defesa de Os Sete Minutos e do direito de Mr. Fremont vendê-lo. Com maior frequência, uma vez que a importância social do livro... uma vez a história de sexo que ele retraía... uma vez que o seu valor... dependem da opinião humana, apresentaremos como prova do seu valor especialistas típicos que prestarão depoimento sobre os motivos do autor e do significado da sua obra criadora, e também apresentaremos a suposta pessoa média em cuja sociedade contemporânea o livro está a ser vendido.

— O primeiro precedente para admitir a opinião de especialistas num julgamento ocorreu no passado ano de 1917, durante um processo de censura em Nova Iorque em torno do clássico francês *Mademoiselle de Maupin*, de Gautier. Nesse julgamento os juizes aceitaram, em apoio ao clássico, testemunhos literários com citações de Henry James e outras famosas personalidades da literatura. Depois, em 1938, quando a revista *Life* foi levada aos tribunais por publicar um artigo ilustrado com o título *O Nascimento de Uma Criança*, que uma organização religiosa condenou e os servidores da lei em Nova Iorque acusaram de obsceno, indecente, lascivo e nojento — o nascimento de uma criança lascivo e nojento — só então é que a opinião de especialistas que compareceram para prestar depoimento se transformou em fator decisivo para resolver um processo penal de obscenidade. Disse o juiz, ao pronunciar o veredicto de absolvição, que a defesa havia apresentado como testemunhas autoridades responsáveis pela saúde pública, funcionários da assistência social e educadores que atestaram a sinceridade, honestidade e valor educativo do artigo ilustrado, objeto da queixa. Embora a acusação protestasse contra o depoimento dessas testemunhas, e o tribunal concordasse que a acusação tinha razão de registrar tal protesto, o juiz acrescentou: “Uma prova desse gênero é, entretanto, racionalmente útil e nos últimos anos os tribunais têm acolhido opiniões de pessoas qualificadas.”

“E assim a defesa se apoiará decididamente na opinião de pessoas qualificadas.

Através delas, provaremos que *Os Sete Minutos* foi concebido com integridade artística, sendo aceite em muitos sectores como

obra-prima literária e tendo sobrevivido para se tornar um marco de ilustração na nossa compreensão das relações entre os sexos e do sexo propriamente dito. Por intermédio dessas pessoas qualificadas, provaremos que os critérios da comunidade contemporânea não são estáveis, não sendo hoje os mesmos de uma década, meio século ou um século atrás, e que J J Jadway foi profeta quando produziu há mais de trinta anos uma obra que está em sintonia com a mudança e o progresso de critérios contemporâneos tal como os conhecemos atualmente. E haveremos de provar que, ainda mesmo que parte do livro esteja adiantada para a nossa época, merece contudo ser conhecida.”

Sentia-se seriamente tentado a elaborar.

Ganhando tempo para determinar se valeria a pena correr o risco de ultrapassar as restrições da sua exposição inicial, Barrett afastou-se dos jurados e tomou um demorado gole de água do copo em cima da mesa da defesa.

Pensou em tentar incluir uma citação do ministro Douglas do Supremo Tribunal: “O Governo devia preocupar-se com a conduta anti-social e não com declarações públicas.

Desse modo, se a garantia da liberdade de expressão e de imprensa da Primeira Emenda pretende significar algo nesse sector, deve permitir protestos até contra o código moral que o critério da época estabelece para a comunidade. Em outras palavras, a literatura não deve ser proibida apenas por ofender o código moral do censor.”

Isto, naturalmente, constituía prova inadequada, mas ele podia encontrar um modo de incluí-la antes de ser detido por algum protesto, tal como Duncan havia conseguido fazer durante a sua própria exposição.

Ponderou sobre o que deveria talvez dizer logo em seguida. Quem sabe: “Também será nosso argumento, apoiado pelo depoimento de testemunhas, que Os Sete Minutos precisa de ser julgado exclusivamente pelas manifestações do autor. Qualquer prova que alegue que a leitura desse livro provocou uma conduta anti-social, afirmaremos que é legalmente inadmissível e, se por acaso for considerada de maneira contrária, provaremos que não se

baseia em fatos. Segundo uma definição do Código Penal da Califórnia, fundamentada na ação de Roth contra os Estados Unidos em 1957: "A punição por obscenidade não depende de demonstrar que o material obsceno cria perigo nítido e iminente de conduta anti-social ou probabilidade de que induza os seus portadores a semelhante conduta." Sustentaremos, até ficarmos convencidos do contrário, que a conduta resultante da leitura de um livro não recebe apoio legal neste julgamento de censura. Se o Meritíssimo decidir que de fato recebe, então provaremos, pela introdução de autoridade especializada, que... nas palavras de um ministro do Supremo Tribunal... a matéria escrita não representa fator significativo, em comparação com outros fatores, para influenciar um desvio individual dos critérios da comunidade."

Se essa declaração não fosse contestada, Barrett achou que poderia tentar esclarecê-la ainda mais: "Em caso de necessidade, provaremos que a leitura erótica não gera violência."

O Dr. Wardell B. Pomeroy, quando associado com o Instituto Kinsey de Pesquisa Sexual, participou de entrevistas coletivas que abrangiam mais de dezoito mil pessoas. Ele descobriu que as obras pornográficas representavam estímulos sexuais insignificantes.

Neste julgamento, estamos preparados para substanciar essa descoberta com o depoimento das nossas próprias testemunhas. E onde as obras pornográficas de fato produzem, no leitor, fantasias sexuais, estamos preparados para provar não só que isso é inofensivo como até, geralmente, possui efeito salutar. Segundo o Dr. Sol Gordon, de Nova Iorque: "Em treze anos de prática de psicologia clínica, nunca encontrei um único adolescente que ficasse prejudicado, em qualquer sentido, Pela leitura de pornografia. A minha convicção pessoal, baseada na experiência, é que as pessoas que organizam cruzadas contra a pornografia são, via de regra, as mesmas que se opõem à educação sexual e que espalham a noção neurótica de que um pensamento pode ser nocivo. Se essas pessoas pudessem ao menos compreender que os Pensamentos, devaneios, fantasias e desejos em si não são criminaíveis, obter-se-ia uma grande vitória para a saúde mental." efetivamente, anos atrás.

Havelock Ellis sugeriu que assim como as crianças encontram refúgio nos contos de fadas, os adultos encontram alívio semelhante na leitura de ficção sexual. Mais recentemente, dois psicanalistas eminentes, os Drs. Phyllis e Eberhard Kronhausen, chegaram à conclusão de que tanto a leitura do realismo erótico como da obscena constitui prática aconselhável, porque proporciona uma válvula de segurança aos sentimentos antissociais, desviando-os para atos de mera fantasia.”

Elaborar ou não elaborar, eis o dilema íntimo de Barrett. O que podia ser tentado passara-lhe pela ideia em questão de segundos. Agora procurava resolver mentalmente o dilema. O juiz Upshaw havia tolerado o empenho de Duncan, e o seu, em incluir considerações finais na exposição inicial, e a essa altura o magistrado provavelmente não toleraria mais. Uma repreensão severa ou cáustica do juiz anularia tudo o que Barrett conquistara para a defesa. Era inútil. Precisava de ater-se às regras.

O olhar de Barrett deteve-se em Zelkin. Parecia que o sócio entendera o que lhe passava pela cabeça, porque lhe fez um aceno quase imperceptível. Tranquilizado, Barrett largou o copo e virou-se para os jurados.

— O ilustre Promotor Público — prosseguiu — vê neste caso um composto de três problemas. Como advogado da defesa, vejo nele apenas um... nem três, nem dois, mas apenas um. O primeiro apresentado pelo Estado, a saber, se Ben Fremont distribuiu ou não um livro chamado Os Sete Minutos, não representa problema para a defesa. Nós admitimos que Mr. Fremont expôs e vendeu tal livro. O seu negócio é vender livros. Ele não é um árbitro da literatura. É o proprietário de uma livraria na comunidade de Oakwood, e a sua atividade e sustento são a venda de livros durante o ano inteiro. É membro daquela nobre profissão que Thomas Jefferson defendeu em 1814 ao escrever a um livreiro perseguido em Filadélfia: “Sinto-me realmente mortificado por saber que nos Estados Unidos da América... uma questão referente a um livro pode ser levada perante o magistrado civil.”

“Quanto ao segundo problema apresentado pelo Estado, de que Mr. Fremont vendeu conscientemente um livro obsceno, achamos

que esse pretendo problema não constitui um problema propriamente dito, mas apenas parte do problema maior que reconhecemos como fundamental para este julgamento. Porque, para a defesa, o único problema que resta é determinar se Os Sete Minutos de J J Jadway é legalmente obsceno.

Toda a questão, no nosso entender, se resume no que é e no que não é obsceno.”

Mais uma vez, Barrett ficou tentado a pisar areia movediça, num esforço de frisar o seu ponto.

Estava doido por contar uma anedota que talvez obtivesse efeito seguro. Queria dizer: “Pode alguém ditar preferências, quando os gostos e tabus diferem tanto? Diferem de estado para estado desta União, e em cada país deste mundo. Basta lembrar a história de Sir Richard Burton sobre um grupo de ingleses que foi visitar um sultão muçulmano no deserto. Sob os olhos da comitiva em peso, a esposa do muçulmano caiu do camelo que montava. Na queda, o vestido abriu e as suas partes íntimas ficaram expostas a todos. O

Sultão perturbou-se com aquilo? Muito pelo contrário, achou ótimo... porque a esposa manteve o rosto coberto durante o acidente.”

Barrett tinha a certeza de que os jurados gostariam da anedota e que teria provado o que queria dizer. Entretanto sabia que a esposa do sultão não teria tempo de cair do camelo. O protesto de Duncan antecipar-se-ia à queda. Não havia vantagem nenhuma em desperdiçar a mulher do sultão nessa altura.

Com imperceptível suspiro, Barrett resolveu seguir pelo caminho recto e estreito da prática forense.

— Senhoras e senhores jurados, se pudermos provar, como é nosso intuito, que esse livro foi escrito com honestidade, que o seu conteúdo não ultrapassa os limites de franqueza, segundo os critérios da comunidade contemporânea, que a história que narra é artística e de ampla importância social, então teremos provado que essa obra não transgrediu o Artigo 311, parágrafo 2º do Código Penal da Califórnia. E se não é, por conseguinte, obsceno, então Mr. Fremont, forçosamente, não pode ser acusado de haver distribuído conscientemente uma obra obscena. Por outras palavras, se

pudermos provar satisfatoriamente aos excelentíssimos membros do júri que Os Sete Minutos não é obsceno, então será evidente que teremos provado que Ben Fremont é inocente de qualquer crime.

Mike Barrett hesitou. Antes tinha planeado terminar com uma observação diferente.

Com uma figura de retórica, mesmo. De fato, chegara a ensaiar de manhã, antes de vir Para o tribunal:

“Certa vez, da suprema magistratura do país, o ministro Frankfurter emitiu a seguinte opinião ao votar contra um recurso a favor da censura. “O Estado”, disse ele, “insiste em que, pondo assim de quarentena o público leitor em geral contra livros não excessivamente escabrosos para homens e mulheres adultos, com o fito de resguardar a inocência juvenil, está a exercer o seu poder para promover o bem-estar geral. Não há dúvida que isso equivale a queimar a casa para assar o porco.”

“Senhoras e senhores jurados, nesta homilia a defesa encontrou o lema para colocar na bandeira que será levantada bem alta durante todo este julgamento, e é ela que nos levará aonde precisamos de ir.

“Recusamo-nos a queimar a nossa casa... a nossa e a sua... apenas para assar um porco.”

Bonito. Positivo. E agora, nesta atmosfera cada vez mais intolerante, totalmente inadmissível.

Maldição.

O que era que acabava de dizer ao júri? Ah, sim. Se pudermos provar que Os Sete Minutos não é obsceno, teremos provado que Ben Fremont está isento de qualquer crime.

Convinha mais terminar com esse acorde perfeito do que com a dissonância de um protesto de Duncan.

Barrett fixou o olhar nos jurados.

— Os senhores ouviram a nossa promessa — disse. — Em breve ouvirão as nossas provas — fez uma pausa. — Senhoras e senhores jurados, muito obrigado.

Voltando à sua cadeira atrás da mesa da defesa, Barrett sentiu que tinha esgotado cada músculo, filamento e tecido nervoso do seu organismo. Parecia-lhe que se havia reduzido a um mero feixe de

ossos. Observando, porém, as expressões fisionômicas de Abel Zelkin e Ben Fremont, percebeu que o esforço valera a pena.

Ben Fremont, limpando os óculos, entusiasmado, curvou-se para ele.

— O senhor fez-me sentir muito melhor, Mr. Barrett.

— Ótimo, ótimo — Barrett olhou para Zelkin. — Como foi que eu me saí, Abe?

— Magnificamente. Conseguiu afinal que prestassem atenção. Acho que você se pôs à altura de Duncan. Eu diria que o primeiro assalto terminou empatado. O que a meu ver é para lá de bom.

— Para mim também é — concordou Barrett. Sacudiu a cabeça. — Daqui para a frente, a não ser que caia algum maná do céu. creio que nos vamos enrascar e rolar até ao fundo da ladeira.

— Não coloque o carro à frente dos bois — preveniu Zelkin.

Barrett notou que uma cortina de silêncio envolvia a sala.

O juiz Upshaw tinha terminado de tomar algumas anotações e dirigia-se agora ao Promotor Público.

— Queira chamar a sua primeira testemunha — ordenou.

— Obrigado, Meritíssimo — disse Duncan, já de pé. Olhou rapidamente para o público.

— O Povo chama o guarda Otto Kellog, por favor.

Em poucos segundos, Kellog, corpulento polícia à paisana, de fato escuro, apressou-se a cruzar a grade, atravessando o tribunal e colocando-se em posição de sentido diante da cadeira das testemunhas. O altíssimo escrivão galopou feito girafa ao seu encontro, estendendo-lhe logo a Bíblia encadernada de couro preto.

— Ponha por favor a mão esquerda sobre a Bíblia e depois levante a direita.

O guarda Kellog pôs a manápula sobre a Bíblia. A voz esganiçada do escrivão matraqueou como metralhadora.

— Jura por Deus que o testemunho que irá prestar na ação em julgamento perante este tribunal corresponderá à verdade, a toda a verdade e nada mais que a verdade?

— Juro.

— Declare o seu nome, por favor.

— Otto C. Kellog. K-e-l-l-o-g.

— Pode sentar-se.

Kellog sentou-se com toda a calma e ficou na expectativa, como alguém já acostumado àquele papel. O escrivão do tribunal desaparecera silenciosamente com a Bíblia e o seu lugar agora estava tomado pelo Promotor Público.

— Agente Kellog, o senhor quer ter a gentileza de nos informar qual é a sua ocupação?

— perguntou Duncan.

— Sou agente policial. Sargento destacado para a Divisão de Costumes da Delegacia Municipal de Los Angeles.

— Sargento, no seu trabalho na Divisão de Costumes, costuma andar sempre à paisana?

— Costumo.

— Agora diga-me, na data de dezanove de Maio do corrente ano, o senhor tinha motivo para visitar as dependências situadas no número 1301 da Rua Três Norte em Oakwood, no município de Los Angeles, Califórnia?

— Tinha, sim senhor.

— E nessa ocasião, vestia o seu habitual fato à paisana?

— Sim, senhor Promotor.

— Pode dizer-me exatamente o tipo de construção situada no número 1301 da Rua Três Norte em Oakwood?

— É uma loja. Alugada por Ben Fremont, dono do Empório de Livros.

— E o senhor visitou essas dependências. Chegou sozinho ao local?

— Não senhor. Cheguei com os meus companheiros, o agente Izaak Iverson e o agente Anthony Eubank. O senhor perguntou se entrei sozinho na livraria?

— Não, o senhor já respondeu ao que eu queria saber. Quero saber agora se os seus companheiros o acompanharam ao interior da loja.

— A primeira vez entrei sozinho, Sr. Promotor.

— Estava sozinho da primeira vez. Que pretendia fazer lá dentro?

— Dar a impressão de que era um comprador comum, que desejava comprar um livro pra esposa.

— E comprou?

— Comprei. Mr. Ben Fremont, o proprietário, vendeu-me um exemplar de um livro chamado Os Sete Minutos, de J J Jadway.

— Mas isso foi da primeira vez. O senhor entrou na livraria segunda vez?

— Sim, logo depois que comprei o livro. Fui lá fora, conversei um pouco com o meu companheiro, o agente Iverson, e depois voltamos juntos para a livraria.

— E qual foi a finalidade dessa segunda visita?

— Prender Mr. Fremont, Sr, Promotor, por transgressão do Artigo 311, parágrafo 2º do Código Penal da Califórnia.

À mesa da defesa, Mike Barrett escutava conscienciosamente o depoimento da primeira testemunha, mas agora o seu interesse começava a diminuir. Tudo aquilo lhe era familiar, já ouvira e lera antes a respeito. Ficou meio distraído, desenhando caricaturas dos jurados numa folha de bloco, poupando a concentração para a caça mais suculenta que ainda estava por vir.

Só uma vez, vinte minutos depois, Barrett se tornou totalmente alerta.

Duncan tinha perguntado à testemunha se Ben Fremont admitira que o livro de Jadway posto à venda era obsceno. O agente Kellog, referindo-se à sua gravação em fita da conversa, insistia em que o livreiro confessara que o romance de fato o era.

— Ele disse que era o livro mais proibido de todos os tempos — afirmou o agente Kellog. — Ele disse: “Foi proibido em todos os países do mundo porque foi considerado obsceno”. Essas foram as próprias palavras de Mr. Fremont.

Aquilo marcara um tento com os jurados, observou Barrett, começando imediatamente a rabiscar numa folha nova de rascunho, no mesmo instante em que Zelkin se pôs a procurar a cópia que tinham do traslado que fora feito da fita gravada pela Polícia no Fargo F-600 portátil que o agente Kellog levava escondido debaixo do braço.

Depois, fechando os ouvidos à interrogação contínua da testemunha, Barrett concentrou-se no único ponto chave que precisava refutar na sua inquirição. Acompanhou o dedo indicador

de Zelkin à medida que avançava pelo traslado da gravação e sublinhava cada palavra da conversa de Ben Fremont com o agente Kellog antes da voz de prisão.

A pressa, Barrett tomou as suas anotações. Fremont realmente tinha dito ao agente naquela manhã de Maio: “É literatura”. Mais tarde o livreiro dissera: “Seja qual for o epíteto que lhe deram, obsceno ou sei lá o quê, não impede que seja uma obra-prima.” E quando o agente lançara a isca a Fremont, perguntando-lhe se ele considerava Os Sete Minutos obsceno, Fremont recusara-se — graças a Deus — a classificar o livro assim. “Quem sou eu para opinar? Trata-se apenas de um termo como outro qualquer. O que para muita gente é palavrão, outros acham bonito. Vá-se lá entender. Certas pessoas, a maioria talvez, dirão que é imoral... mas haverá uma porção que achará que vale a pena.” E depois: “Que se estão lixando pra imoralidade se no fim for uma leitura ótima, que lhes dê novos esclarecimentos e compreensão da natureza humana.”

Sorrindo consigo mesmo, Barrett largou finalmente o lápis.

Levantou os olhos. Sob a orientação de Duncan, o agente Kellog continuava a demonstrar as suas qualidades, dirigindo-se ao microfone e ao tribunal com segurança cada vez maior.

Você não perde por esperar, agente Kellog. Vai ver quando chegar a sua hora, pensou Barrett.

A hora de Kellog chegou trinta minutos depois.

Barrett tinha realmente pouca coisa a perguntar à testemunha durante a inquirição.

Ressaltou o fingimento “O polícia em passar por freguês. Ressaltou o gravador de fita magnética que levava escondido. E as tentativas para apanhar no laço um pobre livreiro com perguntas capciosas.

Mas explorou ao máximo o fato de que a conversa de Ben Fremont, quando ouvida na íntegra, provava que o livreiro considerava o romance uma obra-prima literária, não o chamando obsceno em nenhuma ocasião.

Vitória modesta. Um simples equilíbrio dos pratos da balança da justiça. E do outro lado da verdade. Deixando tudo em seus devidos lugares, mais nada.

Aqueles eram meros figurantes, um coro grego, preparando a cena. Os intérpretes principais, as estrelas luminosas, não tardariam a fazer a sua entrada. Aí então nenhuma vitória seria modesta. E nenhuma derrota tão-pouco. Cada testemunha significaria, para a defesa, para a acusação, vida ou morte.

Mike Barrett tinha terminado com o agente Kellog. Duncan tornou a levantar-se para uma reinquirição, num esforço para proteger o depoimento enfraquecido pelas perguntas do antagonista. Essa tentativa foi curta e redundante. Barrett resolveu abrir mão do mesmo privilégio. Poupar-se-ia para o momento oportuno. E agora, aliás, estava com fome, o que era bom sinal.

O promotor público Duncan completara a reinquirição.

O juiz Upshaw girou a cadeira e pôs-se de frente para o banco das testemunhas.

— Sr. Agente, o senhor já está dispensado. Pode passar defronte do júri.

Enquanto a primeira testemunha deixava o banco, o juiz Upshaw expôs minuciosamente as suas instruções aos doze jurados.

— Agora suspendemos a audiência para o almoço, senhoras e senhores. Durante este intervalo, previno-os de que não podem conversar entre si, nem com outras pessoas, sobre qualquer assunto referente a esta ação. Tão-pouco exprimir ou formar opinião a seu respeito enquanto a questão lhes não for submetida in totó.

Bateu de leve com o martelo.

— Suspensão até às duas horas.

Depois do almoço, o juiz Upshaw, os jurados, os funcionários do tribunal ocupavam os seus lugares, e mais uma vez a imprensa e os espetadores apinhavam cada polegada disponível da sala.

Pondo-se de pé, o oficial de justiça declarou: — Queiram permanecer sentados. O tribunal acha-se novamente em sessão.

O juiz Upshaw separou alguns papéis à sua frente e falou pelo microfone da escrivaninha.

A testemunha seguinte era o agente Izaac (“Ike”) Iverson, que estivera presente no Empório de Livros de Ben Fremont quando Kellog tinha prendido o livreiro. O Promotor Público orientou-o rapidamente durante o depoimento, que pouco mais fez do que

corroborar o que o seu colega já mencionara sobre a prisão propriamente dita e o diálogo trocado com Fremont.

Na inquirição, percebendo que não havia quase nada no depoimento de Iverson que a defesa pudesse utilizar, Mike Barrett reduziu as perguntas ao mínimo. Abordou os antecedentes do agente Iverson como polícia e o tipo de missões que empreendera anteriormente para a Divisão de Costumes. A tática de Barrett consistiu numa tentativa de mostrar ao júri como a lei era injusta em sujeitar um livreiro respeitável ao mesmo tratamento imposto a alcaïotes e prostitutas.

Com a apresentação da terceira testemunha do Povo, Barrett viu maiores possibilidades.

A terceira testemunha era o agente Anthony Eubank, que havia ficado no despercebido carro da Polícia do lado de fora da livraria, durante a compra do romance por Kellog e da prisão, subsequente. O tarefaado agente Eubank resumira-se em operar o aparelho Fargo F-600 que recebera e gravara as conversas no interior da loja. Interrogando-o, Duncan esforçou-se apenas em obter confirmação de que o emprego de gravadores em prisões desse gênero era rotineiro, e que o receptor e a fita magnética tinham registrado com exatidão e correção tudo o que fora dito por Ben Fremont e pelos dois agentes policiais.

Na sua inquirição, Barrett demonstrou pertinaz curiosidade sobre certos aspectos do aparelho Fargo F-600: os meios usados para dissimulá-lo, a maneira de apanhar o diálogo, o receptor com Kellog na loja e o gravador com Eubank no banco de trás. A determinada altura, Barrett sugeriu que trouxessem o equipamento ao tribunal, a fim de elucidar o júri sobre o modo de utilizá-lo. E, apesar de Duncan protestar debilmente que tal demonstração era irrelevante ao julgamento, o juiz Upshaw achou boa ideia.

Ao terminar a inquirição, Barrett notou que não fizera nenhum progresso. Tentara dar aos Jurados a impressão de que um cidadão ingênuo e desamparado fora vítima de uma conspiração policialesca. Tentara insinuar, sem jamais declarar, que Ben Fremont, comerciante sem malícia e pai de família comum como tantos membros do júri, se vira acossado por forças sinistras agentes policiais disfarçados de

compradores de livros, dissimulando equipamento de recepção e gravação, um técnico eletrônico escondido num automóvel que parecia tudo menos um carro da Polícia. Fracassara em influenciar os jurados porque a testemunha não se achava talhada para o papel que Barrett lhe reservara.

O agente Eubank mostrou-se cheio de entusiasmo por tudo o que se referisse à eletrônica.

Tinha tanto orgulho no seu aparelho Fargo F-600 como uma criança ao ganhar um novo jogo de construção na véspera de Natal. Foi franco, ardente, cativante: a última pessoa sobre a face da terra que se poderia associar a uma conspiração sinistra. Barrett chegou à conclusão de que, para a defesa, ele não servia para nada.

Bem, paciência, pensou Barrett, ao voltar para a sua mesa, por enquanto não se perdeu nem ganhou coisa nenhuma. O agente Eubank, como Kellog e Iverson que o tinham precedido, não possuía importância. Estes agentes eram apenas a carta preliminar.

O principal ainda estava por vir.

Ou será que não? Elmo Duncan não se abraçaria logo ao problema fundamental, começando imediatamente a grande luta? Barrett olhou o relógio. Quatro e pouco.

Resolveu que era improvável que a acusação fosse desfechar uma cartada de vulto a esta hora. A eficácia de uma testemunha-chave ficaria enfraquecida pelo intervalo iminente. No entanto, sabe-se lá.

— Mr. Duncan — dizia o juiz —, pode chamar a sua próxima testemunha.

Elmo Duncan tinha-se levantado e segurava um exemplar de Os Sete Minutos na edição da Sanford House.

— O Meritíssimo permite que nos aproximemos?

O juiz Upshaw concordou com um aceno de cabeça.

— Pois não, certamente... Mr. Barrett... Sr. Escrivão. Barrett reuniu-se rapidamente a Duncan e ao escrivão do tribunal, Alvin Cohen, perante o assento do magistrado. Barrett e Duncan estavam lado a lado, e o juiz Upshaw curvou-se ao máximo para a frente, de modo que os jurados não escutassem nada daquela conferência íntima.

— Meritíssimo — começou Duncan em voz baixa — . longe, da presença do júri, eu gostaria de propor que o Instrumento de Prova número Três... o número Três do povo...

que é este exemplar de Os Sete Minutos comprado pelo agente Kellog, fosse acolhido como prova, mas com uma modificação. Não concordamos que a capa do livro seja incluída como instrumento.

— Um momento, Meritíssimo... — começou Barrett a protestar. O juiz Upshaw ergueu a mão nodosa.

— Mr. Barrett, queira permitir que o Promotor Público termine o que está a dizer. Mr. Duncan, o senhor já terminou?

— Ainda não — respondeu Duncan. — Achamos que o livro deve entrar como prova sem a capa, porque estamos a tratar aqui do conteúdo do livro e não da publicidade que a capa contém, que não representa o que Jadway escreveu.

Virou o livro para mostrar o dorso da capa branca.

— Como o Meritíssimo pode ver, a contracapa contém, além de breve biografia do autor, uma série de citações a respeito do conteúdo do romance, extraídas de vários periódicos internacionais. Sustentamos que, já que essas citações representam, com efeito, declarações de outiva de inúmeros escritores, críticos e editores, e já que não temos oportunidade de intimar essas pessoas e trazê-las perante o tribunal para serem inquiridas, os seus supostos comentários na capa do livro não são admissíveis num julgamento que determinará se Os Sete Minutos é ou não obsceno.

— O senhor terminou? — perguntou o juiz Upshaw. — Muito bem. Agora deixe-me ver se entendi direito, Mr. Duncan. O senhor propõe que o tribunal aceite como Instrumento de Prova número Três do Povo um exemplar do livro Os Sete Minutos, sem a sobrecapa, que é como creio que é chamada. Confere?

— Perfeitamente, Meritíssimo.

O olhar do juiz Upshaw passou para Barrett.

— Agora dou-lhe a palavra, Mr. Barrett. Tem algum Protesto a fazer contra essa proposição?

— Sim, tenho. Protesto veementemente contra a proposição de Mr. Duncan — disse Barrett. — A acusação de Mr. Duncan baseia-se

na compra de um romance supostamente... obsceno. Concordamos em que Mr. Fremont vendeu um livro ao agente Kellog.

Concordamos em que o agente Kellog comprou e pagou pelo livro em moeda corrente.

Concordamos em que o livro, tal como Mr. Duncan o tem agora na sua mão direita, com a sobrecapa é a compra em litígio nesta ação. Os Sete Minutos saiu da oficina de encadernação no Leste com essa capa por cima. O livro e a capa constituem uma só unidade. O livro foi despachado do depósito para os revendedores e livrarias como a de Mr. Fremont nessa mesma embalagem, e Mr. Fremont pô-lo à venda dessa maneira. Foi assim que o agente Kellog o adquiriu. Acredito piamente que o tribunal e o júri têm todo o direito de considerar como prova qualquer parte da compra. Não acredito que só porque uma determinada porção da compra não convém ao Promotor Público, ele disponha de licença para removê-la, como tão pouco acredito que ele possua o direito de tirar aqueles trechos do texto do livro que não têm interesse para ele porque não reforçam a sua acusação de imoralidade. O tribunal permitir-lhe-ia arrancar páginas...?

— Isso é ridículo — interrompeu Duncan irritado. — O nobre colega sabe perfeitamente que...

— Espere, Mr. Duncan — atalhou o juiz Upshaw. — Permita que Mr. Barrett complete o seu argumento. Prossiga, Mr. Barrett.

— Quanto a saber se as referências na capa são irrelevantes — disse Barrett —, há cinco citações escritas por cinco pessoas na década de trinta. Três são atribuídas aos periódicos em que foram publicadas, mas os escritores eram evidentemente membros da redação das referidas publicações. Gostaria que tivéssemos tempo e dinheiro para identificar e intimar esses redatores mas não temos. Possuímos, contudo, cópias fotostáticas das publicações originais, para provar que as citações da capa do livro são autênticas. Com respeito às duas citações atribuídas a críticos, um deles já morreu há muito tempo, mas o outro continua vivo: é Sir Esmond Ingram, da Inglaterra, e a seu devido tempo ele se apresentará a este tribunal para submeter-se à inquirição. Quanto à natureza parcialista das citações, se o Meritíssimo as examinar, há-de certificar-se de que

não são meros exageros, que algumas são favoráveis ao livro e outras não descontentariam totalmente a acusação. A do jornal do Vaticano, por exemplo, classificando-o como o livro mais proibido de todos os tempos. E também a do jornal francês, que diz que, embora brilhante, também é a obra mais obscena que se conhece. Em suma, tanto prós como contras. Se a defesa não se importa com os contras, porque há-de a acusação importar-se com os prós? Sustentamos que, a instigações de Duncan, um agente da Polícia comprou um objeto que estava à venda, objeto que o seu superior considerava obsceno, e se esse objeto é aceite como prova, insistimos em que deve ser aceite na sua totalidade, não em partes, mas como um todo.

O juiz Upshaw olhou para Duncan.

— Muito bem, Mr. Duncan, o senhor tem alguma coisa a acrescentar?

— Sim, Meritíssimo. Eu comparo o livro, se for aceite como prova junto com a capa, ao aparelho Fargo F-600, se for aceite como prova junto com a etiqueta de preço ainda colada nele, com o seu certificado de garantia ainda preso com fita durex, com a sua brochura de propaganda incluída, onde talvez se leia: “O conjunto de transmissor e receptor de maior aceitação no mundo inteiro, na opinião de cem destacados comerciantes.” Mr. Barrett estava interessado no aparelho Fargo F-600 propriamente dito, e não nos acessórios e adornos de vitrina extrínsecos. Repito, Meritíssimo, que essas declarações de cinco escritores, três dos quais anônimos, no dorso da capa representam provas de outiva, sendo inadmissíveis e prejudiciais ao caso da acusação, não possuindo nenhuma relevância objetiva para o problema fundamental, que é, em resumo, apurar se o livro de Jadway é ou não obsceno.

O juiz Upshaw espalmou as mãos em cima da escrivaninha.

— Está bem, senhores. Permitam-me decidir sobre o assunto. Ora, confesso que é um tanto insólito para o Promotor Público oferecer um instrumento de prova do qual ele quer que apenas uma parte seja aceite como tal. Ao mesmo tempo, não existe nenhuma lei inflexível que exija que materiais adquiridos numa única compra tenham de ser aceites em conjunto como prova. Estamos neste

tribunal para julgar se o conteúdo de um livro inteiro... neste caso com páginas numeradas de uma até cento e setenta e uma... é ou não obsceno, considerada a narrativa como um todo. Sob esse ponto de vista, à luz do que JJ Jadway escreveu, poderia parecer que o desenho na frente da capa, as citações e nota no dorso, nenhum dos quais é de Jadway e nenhum dos quais faz parte integrante da narrativa do romance, não necessitam de ser levados em conta ao julgar-se se o livro é ou não obsceno. Por conseguinte, decido que o pedido do Povo para que a capa seja removida deste exemplar de Os Sete Minutos é válido, e ordeno que ela seja agora removida do Instrumento de Prova do Povo número Três e que o livro destituído de capa seja aceite como prova pelo tribunal.

— Meritíssimo, eu gostaria que o meu protesto ficasse registrado nos autos — pediu Barrett.

— Já o foi — disse o juiz Upshaw calmamente. Desviou a atenção para o Promotor Público. — Agora, Mr. Duncan, o senhor já está pronto para a sua próxima testemunha?

Tirando a capa do romance, Duncan respondeu: — Obrigado, Meritíssimo. Para ser franco, por assim dizer, a minha próxima testemunha será o próprio livro. Já estamos preparados para que ele seja lido em voz alta para os membros do júri, de modo a, pela primeira vez, torná-los familiarizados com o texto integral. Tenho um leitor disponível, um rapaz neutro, imparcial, chamado Mr. Charles Wynter, que nos foi recomendado. Não o conheço pessoalmente... foi recomendado por uma amiga de minha esposa. É assistente de um professor secundário local, e nas horas vagas grava fitas magnéticas para cegos, assim como está acostumado a ler em voz alta sem dramatizar excessivamente ou emprestar ênfase indevida a certos trechos, como seria talvez o caso de um ator profissional. Embora eu já tenha esse rapaz disponível, concordaria de bom grado com qualquer outra pessoa que Mr. Barrett escolhesse para ler o livro ao júri. Mas essa é a nossa próxima testemunha, Meritíssimo; um leitor que procederá à leitura do livro em voz alta.

— Perfeitamente, Mr. Duncan — disse o juiz. — Agora ouçamos o que Mr. Barrett tem para dizer. Deseja fazer algum comentário sobre esse procedimento, Mr. Barrett?

— Desejo sim, Meritíssimo — respondeu Barrett. — Com a mesma porfia com que protestei contra a aceitação do livro incompleto como prova, protesto agora quanto à sua apresentação oral ao júri. O Código Penal é explícito ao definir a matéria impressa como uma coisa e as interpretações públicas como outra. Os Sete Minutos é matéria impressa. Foi escrito por J J Jadway não como peça para ser representada ou lida em voz alta, mas como romance escrito em papel para ser lido em silêncio e intimamente por um só leitor. Jadway escreveu essa obra a fim de se comunicar diretamente com o cérebro de um leitor e agitar as suas emoções. Indubitavelmente, a intenção do autor foi que o leitor pudesse adicionar ou subtrair mentalmente da narrativa, saltando ou demorando-se onde lhe interessasse, permitindo que enfatizasse pessoalmente certas palavras ou frases, negligenciando outras.

Em suma, como alguém já disse, a leitura é essencialmente, como o casamento, um ato do qual participam duas pessoas, o leitor e o escritor, e não três, uma das quais seria o ator. Se três pessoas participassem de uma leitura, o mesmo sendo válido para o casamento, uma estaria de sobra, seria de mais. Inevitavelmente, o amador que servirá de intérprete, orientará a atenção da plateia para determinados trechos por meio de inflexões conscientes ou involuntárias de expressão, por meio de fraseado, ritmo, pausas, pronúncias e não sei que mais.

“Meritíssimo, no momento em que Os Sete Minutos for lido em voz alta, para uma plateia heterogênea, a própria franqueza e linguagem da narrativa, agradável e aceitável na intimidade de um quarto particular, pode tornar-se motivo de constrangimento. O que será julgado, neste sistema cansativo, incômodo e que exige tanta perda de tempo, não será apenas o livro, propriamente dito, mas também a pessoa que o ler e o transmitir à plateia.

Meritíssimo, eu tenho doze exemplares de Os Sete Minutos, cedidos pelo editor, e sugiro que seria mais apropriado ao nosso caso se me desse a sua permissão para entregá-los aos jurados, deixando que cada um leia sozinho o seu exemplar. Do ponto de vista da defesa, esse seria o único procedimento razoável.

O juiz Upshaw olhou por cima dos dois advogados, perdido em cogitações. Por fim, fitou-os e disse:

— Meus senhores, o livro foi recebido como prova e é instrumento de prova. Pertence ao âmbito do tribunal decidir como esse instrumento deve ser apresentado ao júri. Pela experiência que tenho da magistratura, deliberei sobre o julgamento de diversos processos em que livros foram lidos em voz alta, sempre em cauteloso tom monocórdico, e houve um caso em que os jurados leram exemplares individuais em silêncio, sozinhos numa sala vazia do tribunal. Descobri que geralmente um júri escuta melhor do que lê. O ato de escutar e compreender é mais simples e comum do que a da leitura. Os membros deste júri passaram o dia inteiro escutando. Estão habituados a escutar. Ler sozinhos talvez lhes fosse mais difícil. Alguns sabem ler depressa. Outros são lentos. Alguns estão acostumados a ler livros.

Outros não. Meus senhores, estou convencido de que a maneira mais simples e mais justa de apresentar Instrumento de Prova número Três do Povo, o método mais rápido de transmitir o conteúdo do livro ao júri, seria fazer o que Mr. Duncan sugeriu. Aceito, portanto, a sugestão do Promotor Público. Quanto à pessoa designada para a leitura em voz alta, o advogado de defesa faz qualquer objeção a Mr. Wynter?

Apreensivo com a recusa do juiz, a segunda resolução desfavorável à defesa, Barrett precisou esforçar-se para não trair ressentimento na voz.

— Meritíssimo, pouco se me dá quem leia o livro em voz alta. O que me preocupa é que ele seja lido dessa maneira, quando um romance não é escrito com a intenção de ser apresentado assim aos leitores — fez uma pausa. — Essa é a minha única objeção.

— Bom, Mr. Barrett, sobre a sua objeção eu já decidi — retrucou o juiz Upshaw. — Os Sete Minutos será lido do modo que indiquei... Mr. Duncan, se o senhor apresentar Mr. Wynter, poderá continuar com esta ação. Colocaremos Mr. Wynter no banco das testemunhas e mandaremos que leia o livro em voz alta até ao fim, recomendando que o faça com clareza, articuladamente, em tom

monocórdico que coibirá inflexões ou dramaticidade. Agora podemos recomeçar.

Durante o resto deste primeiro dia no tribunal e toda a manhã e tarde do dia seguinte, Mr. Charles Wynter, professor substituto,, homem magro e bastante severo, fleumático, de pouco mais de trinta anos, com voz simpática de baixo, ocupou o banco das testemunhas para ler em voz alta aos jurados o texto de Os Sete Minutos, de JJ Jadway.

Para Mike Barrett, foi um pequeno calvário, uma experiência excruciante e penosa, ouvir a bela história arrancada da intimidade da página impressa e irradiada por uma voz indiferente, em lugar público. Era como se Cathleen, a heroína, cuja nudez, amor e emoções, tão pungentes na alcova de duas capas encadernadas, fosse brutalmente arrastada para o ar livre, diante dos olhos lúbricos de um circo sexual, para que humilhada e rebaixada, assumisse um aspecto indecente.

Durante toda a leitura, Barrett não parou de se retorcer. E sabia que Abe Zelkin estava a sentir a mesma coisa a seu lado. Mas muito embora notasse as palavras salteadas ou mal pronunciadas, absteve-se de protestar. Queria que aquilo acabasse de uma vez, o mais depressa possível. Apenas uma ocasião, na terça-feira à tarde, segundo dia do julgamento, logo após o intervalo para o almoço foi que Mike Barrett levantou um protesto, e isso aproximando-se do juiz, longe dos ouvidos do júri.

— Meritíssimo — disse —, quero registrar a minha preocupação com um hábito que o leitor, Mr. Wynter, possui, que pode ser nocivo à defesa.

— Qual é, Mr. Barrett?

— Quando lê, concentra totalmente a atenção nas páginas que tem diante dos olhos.

Mas toda a vez que chega a um trecho que poderia ser classificado de sexualmente realista, ou que emprega palavras ou linguagem que são francas, ele tem o hábito de levantar a cabeça e olhar para o júri, antes de prosseguir, como se lhes dissesse: "Esperem só para ver o que vem agora", ou: — "Olhem, aqui há uma coisa picante para vocês, mas a culpa não é minha, estou só a ler,

não fui eu que escrevi.” Aí então, depois desse pequeno gesto visual, dessa advertência aos jurados, ele concentra-se de novo na leitura. Ora, eu observei-o a fazer uma dúzia de vezes. Tenho a certeza de que é inconsciente da parte dele. No entanto, serve como uma espécie de risadinha, um comentário prejudicial a certos trechos da narrativa. Eu ficaria bem mais satisfeito se o Meritíssimo ressaltasse isso a Mr. Wynter prevenindo-o de que pare de erguer os olhos, ou pelo menos pare de erguer os olhos como prelúdio às partes mais realistas.

O juiz Upshaw virou a cabeça.

— Mr. Duncan?

— Meritíssimo, eu também estive a observar o leitor e notei que ele olha para o júri de vez em quando, mas isso é normal numa pessoa que lê em voz alta, e não me parece que ele levante os olhos apenas quando aborda trechos imorais... ou, digamos, maliciosos...

trechos maliciosos. Ele também faz o mesmo ao ler outras passagens. Acho que não posso concordar com Mr. Barrett. Tenho a impressão de que ele não tem motivo para se preocupar.

O juiz Upshaw sacudiu afirmativamente a cabeça e dirigiu-se a Barrett.

— Mr. Barrett, eu concordo com o Promotor Público. Estou sentado bem perto do leitor. Observei-o cuidadosamente. Verifico com satisfação que ele se está desempenhando de uma maneira tão mecânica e objetiva quanto é Possível a um ser humano. Sinto simpatia pelo seu desejo de proteger os interesses do réu e procurar fazer justiça neste caso, e prestarei toda a atenção a quaisquer Protestos futuros que se creia obrigado a fazer. Mas desta vez não vejo nada errado na atuação do leitor. Em consequência disso, sou obrigado a recusar a sua sugestão.

— Obrigado, Meritíssimo.

A partir de então, Barrett não protestou mais.

Foi no fim da tarde de terça-feira que Mr. Wynter acabou a leitura em voz alta do parágrafo final do livro. Fez uma pausa, pronunciou “Fim” e ergueu a cabeça, como se esperasse aplausos.

O leitor viu-se imediatamente dispensado, o tribunal interrompeu os trabalhos até às nove e meia de quarta-feira de manhã, e Mike

Barrett, como alguém que escapasse finalmente da Donzela de Ferro (A Donzela de Ferro de Nurembergue, famoso instrumento de tortura medieval alemão, que consistia num molde de ferro do corpo humano, com dobradiças para permitir a entrada da vítima que, quando o molde se fechava, era empalada nas pontas que revestiam a parte interna.), sentiu-se revigorado depois do duro transe.

Quando ele e Zelkin começaram a encher as suas pastas, disse: — Bem, agora só nos resta juntar os escombros. Pelo menos teremos oportunidade de contestar o ataque amanhã. Quem é que você acha que Duncan chamará primeiro?

— Alguém importante, um dos dois maiores trunfos dele — respondeu Zelkin. — Hoje foi a calma que precede a tempestade. Amanhã ele vai disparar todos os canhões, procurando demolir Jadway, arrasando o livro e a defesa com um único tipo atordoante.

— Refere-se a Leroux?

— Evidentemente.

— Você tem a certeza ou está a supor?

— Mike, quando vai chover, eu sinto câibras nas pernas. Quando se arma um terremoto, doem-me os ossos. E quando o tecto está prestes a desabar, fico com o rabo dolorido — fechou a pasta com um estalido. — Neste momento, meu caro, estou de rabo dolorido.

É difícil imaginar como é que as pessoas pressentem que algo importante está para acontecer, pensou Barrett. Deve estar no ar. Ondas psíquicas no ar. Uma espécie de sexto sentido em massa. Ou sei lá mais o quê. Porque se a sala do Supremo Tribunal da Comarca de Los Angeles tinha estado lotada nos dois primeiros dias do julgamento, nesta manhã de quarta-feira parecia que ia romper as paredes.

E agora, dois minutos depois que o juiz Nathaniel Upshaw se instalara no seu assento, o recinto estava silencioso, com excepção do monótono matraquear do juramento do escrivão à primeira testemunha do dia.

— ...toda a verdade e nada mais que a verdade, com a ajuda de Deus?

— Juro — disse a testemunha.

— O seu nome, por favor.

- Christian Leroux.
- Soletre o sobrenome.
- L-e-r-o-u-x.

Do seu assento, o juiz Upshaw declarou:

- Queira sentar-se, Mr. Leroux.

Durante a prestação do juramento, Mike Barrett pôs-se a analisar o outro astro da elaborada produção da acusação. Ainda influenciado pela descrição que Quandt fizera do editor francês, Barrett esperava uma pessoa andrajosa e acabada, mas agarrada a um fiapo de dignidade de melhores dias, como um nobre exilado czarista reduzido a criado ou porteiro. Entretanto não havia nenhum ar de decadência, nenhum traço visível de pobreza, no porte e vestuário de Leroux. Era tão elegante como qualquer aristocrata saído das páginas de Proust. A sua recente volta à opulência estava bem aparente.

Excepto por algo furtivo e astuto no seu comportamento, cicatrizes de combate comuns a muitos homens que passaram por dificuldades e sobreviveram até aos sessenta e tantos anos, Christian Leroux possuía tipo impressionante. Outrora devia ter sido mais alto, imaginou Barrett, mas o porte ainda era imponente, dando a ilusão de elevada estatura. O

cabelo, pintado e ondulado, estava impecavelmente penteado. Os olhos eram pequenos, de um azul desbotado, penetrantes. O nariz aquilino, com a idade, tornara-se um bico riscado de veias. O queixo fraco mostrava um corte de navalha. Usava fato azul-marinho de listas brancas com bolsos de abas, e paletó curto e justo, à moda francesa. Trazia uma elegante gravata borboleta, abotoaduras de jade e sapatos de borlas. Ao responder ao escrivão, o seu inglês tinha um toque de Mayfair entrecortado pelo sibilante sotaque francês, leve, mas suficiente para lembrar que se tratava de um visitante de Paris.

Observando-o enquanto tomava assento no banco das testemunhas, Barrett percebeu nele uma característica ao mesmo tempo untuosa e arrogante, qualquer coisa de insincero, talvez um Pecksniff (Personagem de Martin Chuzzlewitt, de Dickens, equivalente ao Tartufo, de Molière.) parisiense. Talvez, supôs Barrett,

pudesse descobrir o que era, desmascarando-o na sua inquirição. Se é que existia. Fosse como fosse, desconfiava da honestidade de Leroux, com ou sem juramento. O francês mostrara-se pronto a dizer uma coisa para a defesa e agora concordara em dizer outra para a acusação. Oferecera-se à venda pelo lance mais alto. Isso talvez o tornasse duplamente difícil para dissecar, suspeitou Barrett. Não existe moralidade mais bem-intencionada, nem integridade mais inabalável do que a ostentada por uma prostituta regenerada. Pois bem, decidiu Barrett, ficaria à espera de possíveis brechas e, se pudesse, haveria de abri-las para revelar o verdadeiro Christian Leroux.

— Okay — cochichou Zelkin. — O assassínio de J J Jadway vai começar.

Elmo Duncan, chegando ao banco das testemunhas, tinha cumprimentado o seu distinto visitante gaulês com respeitosa mesura.

— Mr. Leroux, onde é que o senhor mora ou reside atualmente?

— Sou cidadão francês e sempre residi em Paris. Tenho apartamento num bairro antigo e calmo da Margem Esquerda.

— Qual a sua ocupação hoje em dia?

— Editor de livros.

— Em Paris?

— Sim.

— Tem local de trabalho?

— Tenho. O meu escritório fica na Rue Sébastien Bottin. É perto da famosa casa das Éditions Gallimard.

Na sua mesa, Barrett divertia-se. O velho pornógrafo estava a escorar a sua respeitabilidade por meio de associações. Ficou imaginando se seria assim tão esperto ou se se tratava de obra de Duncan.

— Mr. Leroux, em resumo, que grau de instrução o senhor possui? É bacharel em alguma faculdade?

— Formei-me na Sorbonne, em Paris. Especializei-me na literatura francesa do século XVII, o período de Racine, La Fontaine, La Rochefoucauld, Jean Poquelin... mais conhecido como Molière.

Não só arrogante, pensou Barrett, como ainda por cima esnobe. Excelente, perfeito.

Pelos vistos, Duncan também se inquietara com essa condescendência, porque se apressou em prosseguir:

— Mas o senhor também estudou escritores mais populares... quero dizer, como...

Barrett pôs-se imediatamente de pé.

— Protesto, Meritíssimo. O Promotor está a orientar a testemunha.

— Protesto aceito — disse o juiz Upshaw.

Duncan lançou a Barrett um olhar irritado. Virou-se outra vez para a testemunha.

— Mr. Leroux, o senhor manteve-se a par da obra dos escritores mais populares?

— Sem dúvida nenhuma. Sempre leio de tudo. Como disse Valéry, só se lê bem quando se lê com um objetivo bem pessoal em vista. Na qualidade de editor, tenho lido muito, porque o meu objetivo tem sido aprender a respeito de literatura, para que possa reconhecer novos autores que merecem ser divulgados e assim ilustrar o público leitor.

— Mr. Leroux, o senhor disse-nos que a sua ocupação atual é ser editor. O senhor já teve outras ocupações?

— Não, sempre estive neste ramo, seja como empregado alheio seja por conta própria, quero dizer, como proprietário.

— Quando foi que se estabeleceu pela primeira vez por conta própria?

— Em 1933. Eu era muito moço. Tinha pouco mais de trinta anos. Meu pai havia morrido e recebi uma herança modesta. Foi assim que fundei a minha própria editora.

— Qual era o nome da firma?

— Étoile Press. Assim chamada porque se localizava no número 18 da Rue de Berri, que é perto dos Champs-Élysées, a curta distância da Étoile e do Arco de Triunfo.

— A Étoile Press — repetiu Duncan. — É essa a mesma editora, a mesma tipografia, que publicou uma obra de ficção em 1935 intitulada Os Sete Minutos de JJ Jadway?

— A mesma — confirmou Christian Leroux. Finalmente, disse Barrett consigo mesmo.

Inclinou-se sobre a mesa e escutou com toda a atenção.

— Mr. Leroux, eu conheço a sua edição original desse livro. Reparei que estava impressa em inglês. Uma vez que foi publicada em Paris, porque não a publicou em francês?

— O Governo francês não permitiria.

— Porque não?

— O departamento de censura decidiu que era obsceno.

— Obsceno? Ah, compreendo. Mas, como. Os Sete Minutos nunca foi editado em nenhum outro país, em nenhuma outra língua?

— Não. Nenhuma nação da terra quis saber de aprová-lo ou aceitá-lo. Em toda a parte foi considerado obsceno de mais. Muitos críticos, de vários países, o consideraram como o livro mais imoral e depravado publicado até hoje na história da literatura.

— Então como é que o senhor pôde publicar uma edição em inglês, em Paris?

— Ah, justamente porque era em inglês, e o leitor francês comum não poderia ler inglês e ficar perturbado com o livro. Ao mesmo tempo, o Governo francês, até há, bem poucos anos, sempre foi liberal em questão de livros, sobretudo quando editados em idioma alheio à França. Basta lembrar que foi em Paris que o *Ulisses*, de James Joyce, foi publicado pela primeira vez, embora não pudesse ser impresso na Grã-Bretanha nem na América. Foi em Paris que Radclyffe Hall encontrou editor para o *Poço da Solidão* e Wallace Smith para *Bessie Cotter*. As autoridades francesas não se importaram. Fingiram que não viram, uma vez que esses livros estavam escritos em inglês e não podiam corromper os franceses. Podiam corromper somente os turistas, o que não tinha importância, era até engraçado.

— Portanto, nessas circunstâncias — disse Duncan —, o senhor conseguiu iludir os censores e empreender a publicação do livro considerado como o mais imoral na história editorial?

— Protesto, Meritíssimo — atalhou Barrett —, sob a alegação de prova de outiva.

O juiz Upshaw pigarreou e dirigiu-se ao Promotor Público.

— Mr. Duncan: ainda não surgiu fundamento para essa sua pergunta. Protesto aceito.

Duncan pediu desculpas.

— Perfeitamente, Meritíssimo. — Voltou à testemunha.

— Mr. Leroux, o senhor sempre publicou, na maior parte, pornografia?

Christian Leroux mostrou-se levemente ofendido.

— Não, não é bem assim. Durante os primeiros anos, a minha lista consistia principalmente de literatura muito aceitável e erudita. Havia estudos históricos, biografias, livros sobre pintura, ficção clássica.

— Mas a sua lista logo passou a abranger, na maioria, livros cujo conteúdo era obsceno ou pornográfico?

— Sim, lamento dizer.

— Porque se dedicou em grande escala a essa espécie de publicação?

Leroux encolheu os ombros de um modo tipicamente francês.

— Porque somos frequentemente vítimas da vida e do mundo. Deixe-me explicar de outra maneira. Sans argent l'honneur n'est q'une maladie. O senhor compreende? É de Jean-Baptiste Racine. A honestidade é um luxo só acessível aos ricos. Realmente um luxo.

Que eu gostaria de me permitir. Mas tem mais ainda. Peço-lhe licença para me alongar...

— Pois não, queira continuar.

— Eu vi-me inspirado a mudar a índole e a linha editorial da Étoile Press pelo sucesso instantâneo de outro editor, o da Obelisk Press em Paris. Aconteceu o seguinte. O dono da Obelisk Press era um cavalheiro chamado Jack Kahane, comerciante de Manchester, pessoa muito extravagante e requintada. Mr. Kahane tinha servido nos Lanceiros da Índia. E

também na Legião Estrangeira. Mas não tinha êxito nos negócios. Era um fracasso. Por isso emigrou para a França e em 1931 fundou a Obelisk Press, a fim de editar livros que não podiam ser publicados na Inglaterra. Fez isso não só para recuperar a sua fortuna como também combater a censura e a pudicícia. Mr. Kahane, antes de morrer em 1939, ousou ser o primeiro a editar Minha Vida

e meus Amores, de Frank Harris, e Trópico de Câncer, de Henry Miller, do qual Ezra Pound disse: “Enfim um livro impublicável que dá para ler.”

Foi o sucesso de Mr. Kahane, repito, que me animou a concentrar-me exclusivamente na pornografia e imoralidade. Os meus motivos foram os mesmos de Mr. Kahane. Em parte, para ganhar a vida. Mas mais importante, talvez, Para divulgar a nata da literatura vítima da repressão.

— Deixe-me verificar se compreendi bem o que o senhor disse, Mr. Leroux. Quer dizer que todos os livros que publicou eram literatura proveitosa e mereciam ser editados?

— Não, não, todos não. Eu publicava talvez uma dúzia de títulos novos por ano, e a metade deles, pelo menos, 30 merecia ser chamada literatura. Devo confessar que muitos eram encomendados por mim, escritos sob medida autores assalariados. Soube que Petrônio havia escrito o Satyricon para excitar o Imperador Nero. Raciocinei que poderia contratar outros escritores para excitar os turistas. Claro que alguns desses livros mais imorais, os totalmente destituídos de mérito, não eram encomendados. Simplesmente chegavam às minhas mãos, à minha escrivaninha. Porém, voilà, os imorais sem mérito literário eram necessários para manter os melhores e garantir o meu sustento.

— Podia citar alguns desses imorais que não tinham mérito literário?

— Deixe ver se me lembro. Havia um chamado As Cem Chicotadas. Outro era A Vida Sexual de Anna Karenina. Depois... naturalmente, é apenas a minha opinião que ele pertence à mesma categoria... havia Os Sete Minutos.

— Os Sete Minutos — repetiu Duncan, virando-se de lado para o júri. — é o mesmo livro, Os Sete Minutos, de JJ Jadway, que está sendo acusado de obsceno neste tribunal?

— O mesmo.

— Ele não seria um dos seus livros pornográficos que o senhor classificaria entre a nata da literatura vítima de repressão?

— Não, nunca.

— Ele era... e isso foi mencionado apenas como opinião pessoal sua... um dos seus livros imorais sem mérito literário, publicado unicamente para ganhar dinheiro?

— Sim, exatamente. É verdade. Eu sabia desde o início que se tratava de um livro de péssima qualidade, da mais abjeta, mas há gosto para tudo e achei que talvez encontrasse aceitação. O autor, ademais, precisava de dinheiro, e sempre senti simpatia pelos escritores.

De modo que publiquei essa imundície a fim de ganhar o suficiente para editar *Ao Pé da Montanha*, de Aubrey Beardsley, que era licencioso, porém não pornográfico.

— Mr. Leroux, o senhor acaba de dizer que queria publicar algo que fosse licencioso, porém não pornográfico. Quase todos os dicionários consideram as duas palavras como sinônimas. A pornografia é muitas vezes definida como literatura licenciosa. Neste julgamento estamos a usá-las com o mesmo sentido, alternadamente. No entanto, o senhor está a dizer que, na sua opinião, há uma diferença?

— Positivamente. Ainda que eu tenha empregado as palavras como sinônimas, existe uma ténue diferença entre ambas, no meu entender. Um livro licencioso, geralmente, descreve o sexo de um modo natural, saudável, realista, e embora possa despertar pensamentos e desejos lascivos, a sua finalidade principal é mostrar um quadro completo da natureza e da vida humanas. Já livro pornográfico é um afrodisíaco e nada mais.

Descreve apenas o sexo, e nenhum outro aspecto da vida, só sexo e mais sexo, com o único fito de inflamar o interesse mórbido do leitor por meio de fantasias sexuais.

— Bem, então, segundo o seu critério literário, *Os Sete Minutos* era... espere, deixe-me reformular a frase... O senhor considerava o livro de Jadway como uma obra de licenciosidade honesta?

— Não. As memórias de Casanova, a autobiografia de Frank Harris, mesmo uma obra de Mark Twain são licenciosidades honestas. O livro de Jadway não pertencia a essa classe.

Era exclusivamente pornográfico.

— Então o senhor crê que o livro de Jadway seja uma obra exclusivamente pornográfica?

— Sim. Pornográfica. Nada mais. Uma prosa afrodisíaca. Exclusivamente isso. Não tenho a mínima dúvida a esse respeito. O autor sabia. A amante, que lhe servia de agente, também. Era um empreendimento comercial para todos nós, sem nenhuma finalidade atenuante. Hoje, recordando, envergonho-me do que ajudei a perpetuar. Hoje, por meio desta confissão de verdade, talvez possa remediar o que fiz e purificar a minha alma.

— Nós compreendemos e ficamos gratos, Mr. Leroux. Na mesa de defesa, Zelkin chamou a atenção de Barrett,

— A nossa testemunha é um sacana hipócrita — cochichou ele —, e o nosso Promotor Público não fica atrás.

Surpreendido ante a linguagem rude do sócio, que indicava a intensidade da sua indignação, Barrett sacudiu a cabeça, voltando a concentrar-se com pesar no banco das testemunhas.

— Mr. Leroux — dizia Duncan —, o senhor pode agora dizer-nos, com as suas próprias palavras, sem poupar pormenores, como chegou a editar Os Sete Minutos, e o tipo de relação que manteve com o autor e a sua agente?

— Posso. Contarei apenas o que recordo nitidamente e o que é verdade — Leroux esfregou o nariz riscado de veias. relanceou os olhos pelo tecto e depois continuou: Em fins de 1934, uma moça atraente surgiu no meu escritório na Rue de Berri e identificou-se como Miss Cassie McGraw. Era americana, de descendência irlandesa. Tinha ido do Meio-Oeste americano para Paris muitos anos antes, Para estudar pintura, e desde então morava no bairro de St.-Germain-des-Près, na margem esquerda. Lá, ela conheceu outro expatriado americano e os dois ficaram amigos. Mais tarde ela confessou-me que eram amantes. Esse outro expatriado, o amante, era J J Jadway. Ele rebelara-se contra o pai, católico de projeção, e contra a rigidez da sua educação, típica da Nova Inglaterra, e, abandonando os progenitores e duas irmãs mais jovens, fugira para Paris. Estava resolvido a viver como boêmio, a escrever e, como escritor, libertar não apenas a si mesmo, mas toda a literatura. Infelizmente, era um desses escritores que os editores conhecem

tão bem, que vivem falando de projetos que nunca realizam. Sendo pusilânime, frustrado, ele bebia e tomava estupefacientes...

— Desculpe-me, Mr. Leroux. O que o senhor está a dizer agora não é boato, não se trata de conhecimento adquirido de segunda mão?

— Soube isto em primeira mão, diretamente dos lábios do próprio J J Jadway, na época em que ele andava desesperado, e também por intermédio de Miss McGraw, quando me encontrei com ela depois da morte de Jadway.

— Mr. Leroux, já que tudo o que o senhor possa ter sabido através de Cassie McGraw, que além de ser amante também foi agente de Jadway, seria considerado prova de outiva, e por conseguinte inadmissível neste tribunal, vamos nos restringir estritamente ao que o senhor soube de JJ Jadway pessoalmente. Quantas vezes teve oportunidade de falar com ele?

— Quatro vezes.

— Falou com Jadway quatro vezes? Foram conversas longas? Quero dizer, duraram mais que... bem, digamos, mais que alguns minutos?

— Sempre mais. Uma vez, quando ele estava muito bêbedo... ele mesmo reconheceu que estava... contou-me toda a sua história com Cassie e como o livro chegou a ser escrito.

Ele contou-me que depois que passou a viver com Cassie, tornando-se amantes, ela tentou regenerá-lo. Achava que ele tinha grande talento literário. E queria que escrevesse. Porém ele não queria ou não podia. Depois, confessou, quando os dois enfrentaram um Inverno de pobreza, sem ter que comer, mortos de frio, na iminência de serem despejados pelo senhorio, Cassie McGraw disse a Jadway que já que ele não escrevia para comprarem um pouco de pão, então ganhasse dinheiro de outro jeito qualquer, senão a única alternativa seria abandoná-lo. Jadway então respondeu, segundo ela me disse: "Está bem, vou tratar de ganhar um pouco de dinheiro, dinheiro à farta. Farei o que Cleland fez. Hei-de escrever o livro mais imoral jamais escrito, mais imoral do que o dele, o que fará com que seja vendido." Depois, segundo Jadway me contou, ele sentou-se, levado pelas dificuldades financeiras e ajudado pelo absinto, e

escreveu Os Sete Minutos em três semanas. Duncan levantou a mão.

— Um momento, Mr. Leroux. Gostaria que me explicasse uma coisa. O senhor referiu ao nome Cleland. Citou Jadway ao observar que ele faria o que Cleland fez, que escreveria o livro mais imoral jamais escrito, mais imoral que o do próprio Cleland. Pode esclarecer quem era esse Cleland?

— John Cleland? — replicou Leroux surpreso. — Ora, foi o principal escritor de pornografia que existiu, até que Jadway apareceu. Cleland foi...

Barrett pôs-se de pé,

— Meritíssimo, protesto! A pergunta é totalmente irrelevante.

— Meritíssimo — objetou Duncan.

— Mr. Duncan — disse o juiz Upshaw —, o senhor quer fazer algum comentário sobre esse protesto?

— Sim, quero, Meritíssimo.

— Aproxime-se, então.

Imediatamente, a meia-voz, o Promotor Público tentou resumir a relevância da sua pergunta a respeito de John Cleland. A testemunha Leroux, frisou ele, tinha conhecido pessoalmente o autor do livro em julgamento. Uma vez que as motivações de um autor eram relevantes para saber se um livro possuía importância social compensatória, valia a pena certificar se o autor alguma vez havia reconhecido que empreendera o trabalho de redigir o livro exclusivamente por dinheiro, e que pretendia torná-lo mais imoral do que tudo o que Cleland escrevera. Já que muitos jurados talvez não soubessem da existência de Cleland, era vital obter informação a respeito dele, a fim de revelar exatamente o que Jadway tivera em mente ao elaborar Os Sete Minutos.

O juiz Upshaw desejava fazer uma pergunta. Que tipo de informação o Promotor Público esperava obter sobre Cleland? Duncan respondeu que a testemunha, especialista nesse gênero de literatura, sem dúvida explicaria os antecedentes de John Cleland. Cleland descendia de boa família inglesa e recebera ótima instrução. Depois de completar os estudos, ele serviu primeiro como cônsul inglês em Smyrna. Tinha então sido empregado pela Companhia das

Índias Orientais em Bombaim, mas após uma briga com os superiores, regressara a Inglaterra. Falido aos quarenta anos de idade, Cleland viu-se preso por dívidas.

Para poder sair da prisão, escrevera Memórias de Uma Mulher de Prazeres... o livro conhecido popularmente por Fanny Hill... para um editor que lhe pagara vinte guinéus por essa obra pornográfica. Quando o livro se tornou um best seller em 1749, Cleland fora levado perante o Conselho Privado em Londres para receber a sua sentença, a sua punição.

Felizmente para ele, um parente seu, o conde de Granville, funcionara como presidente do Conselho. Granville suspendeu a punição e concedeu-lhe uma pensão de cem libras por ano, sob a condição de que dedicasse o seu talento a obras mais respeitáveis. Cleland ainda escreveu mais dois livros levemente eróticos e alguns estudos eruditos a respeito da língua inglesa, antes de morrer na França aos oitenta e dois anos de idade. Desde então, o seu nome converteu-se em sinônimo de pornografia. Como produzira Fanny Hill só para sair da prisão, sem nenhum motivo além de salvar o próprio pescoço, seria útil saber que Jadway confessou certa vez a Christian Leroux que pretendia criar um romance pornográfico exatamente como Cleland havia feito.

A contestação de Barrett, em defesa do seu protesto, foi concisa e objetiva. Este julgamento referia-se a um problema, a um único e exclusivo problema, afirmou... Se um livreiro de Oakwood tinha ou não tinha vendido uma obra obscena. Reconhecidamente, os motivos de Jadway, ao elaborar o romance, representavam um fator para julgar a pornografia segundo a lei. Mas toda a discussão sobre os motivos de outro autor redundavam em puro e simples mexerico. Uma informação dessa espécie seria totalmente irrelevante para a questão fundamental do processo.

Sem hesitação, o juiz Upshaw aceitou o protesto de Barrett. Qualquer depoimento a respeito de John Cleland não era relevante para o caso em julgamento.

— Pode continuar com o seu interrogatório, Mr. Duncan, limitando-se a perguntas atinentes ao caso — concluiu o juiz — Terminada a conferência com a magistrado, o escrivão voltou à sua

mesa. Barrett dirigiu-se à sua, e um Elmo Duncan mais uma vez moderado confrontou-se com Christian Leroux, que ficara à espera no banco das testemunhas.

— Mr. Leroux — disse o Promotor Público —, examinemos mais um pouco o motivo que levou J J Jadway a escrever Os Sete Minutos. Ele declarou-lhe que escreveria o livro mais imoral de todos os tempos. Mas nunca lhe falou sobre nenhuma outra razão que tivesse para escrever semelhante obra... nenhuma razão ou motivo além do comercial?

— Não, nunca. A musa de Jadway era a caixa registradora.

Estouraram gargalhadas pela sala. Vários jurados sorriram discretamente. Leroux parecia satisfeito. O juiz Upshaw não achou tanta graça e bateu energicamente com o martelo.

— Mr. Leroux — disse Duncan, assim que se restaurou a ordem —, que espécie de sucesso comercial teve Os Sete Minutos depois que o publicou em 1935?

— Menor do que o que eu esperava — respondeu Leroux. — Consta que o editor de Cleland lucrou cerca de dez mil libras. Creio que não cheguei a um vigésimo dessa soma. A princípio houve certo optimismo. A minha edição inicial foi de cinco mil exemplares.

Esgotou-se no prazo de um ano. Mandei que fizessem logo outra na mesma quantidade.

Mas as vendas diminuíram até cessarem por completo. Acho que em consequência do Vaticano ter incluído o livro no Index. Nunca vendi os últimos exemplares dessa segunda edição.

— Os Sete Minutos recebeu a condenação oficial da Igreja Católica?

— No ano seguinte à publicação. E não só da igreja Católica. Foi também condenado pelo clero protestante em toda a Europa e em proporção menor na América, onde o título não era tão conhecido.

— Mr. Leroux, a morte de Jadway não coincidiu com a condenação da Igreja?

— Não, exatamente. O livro foi condenado em 1936. Jadway morreu no começo de 1937.

— O senhor sabe o que causou a morte dele?

— Sei o que me contou Cassie McGraw, que esteve Presente. O senhor deseja saber o que a causou? Eu vou...

Com o máximo vigor, Barrett levantou o seu protesto, sob a alegação de que a pergunta era irrelevante e implicava uma resposta baseada em boato.

O juiz Upshaw deu no mesmo instante acolhimento ao Protesto.

De testa franzida, o Promotor Público aceitou a rejeição, afastou-se por um instante da testemunha, fixando o olhar por cima das cabeças dos espetadores.

Imaginando se o adversário estaria perdido em cogitações ou procurando alguém no tribunal, Barrett olhou de relance por cima do ombro. Então enxergou uma mulher imponente levantar-se de uma cadeira da última fila na ponta do corredor e dirigir-se para a saída. Reconheceu-a imediatamente. Era Olivia St. Clair, presidente da Liga da Força da Decência. Observando-a, ficou curioso. Seria a sua partida mera coincidência? Ou teria recebido uma espécie de sinal de Duncan? Depois sentiu uma terrível suspeita. Momentos antes, as circunstâncias da morte de Jadway não haviam sido acolhidas por este tribunal de justiça. Estariam Duncan e Mrs. St. Clair a preparar-se para submeterem esses fatos ao tribunal mais tolerante da opinião pública?

Ao ouvir o Promotor Público dirigir-se novamente à testemunha, Barrett voltou a sua atenção para o interrogatório.

— Mr. Leroux — perguntava Duncan —, o senhor ainda possui algum direito sobre Os Sete Minutos?

— Não. Desde o dia do suicídio de Jadway, quis descartar-me do livro. Não consegui encontrar nenhum interessado. Depois, há alguns anos, um americano procurou-me em Paris. Tinha ouvido falar em Os Sete Minutos. Era editor de material pornográfico em Nova Iorque. Desejava comprar os direitos do livro. Vendi-lhos logo, com prazer. Praticamente dei-os de graça. Fiquei aliviado por me livrar daquele peso. E nunca me arrependi. Livros dessa espécie destroem todos os que os tocam, e nunca mais quero saber deles.

— Muito obrigado, Mr. Leroux — disse Duncan. Levantou os olhos para o juiz. — Não tenho mais perguntas a fazer, Meritíssimo.

Enquanto o Promotor Público, com uma expressão que refletia ufania, voltava à mesa de acusação, o juiz Upshaw dirigiu-se à defesa.

— O senhor pode proceder à inquirição, Mr. Barrett.

— Obrigado, Meritíssimo — disse Barrett. Reunindo as notas que tinha tomado com Zelkin, preveniu a meia-voz: — Abe, não vai ser fácil. Sei lá se poderei sair desta.

— Tente — murmurou Zelkin.

Erguendo-se com o seu maço de papéis, Barrett passou pelos jurados até chegar ao banco das testemunhas. O editor francês, de braços cruzados complacentemente no peito, abotoaduras de jade a brilharem à luz das lâmpadas fluorescentes do tecto, esperava com toda a calma.

— Mr. Leroux — começou Barrett em tom natural — . permita-me levá-lo de volta à época em que recebeu pela primeira vez o manuscrito de J J Jadway das mãos de Cassie McGraw.

Consultou as anotações.

— O senhor declarou ao Promotor Público que isso foi “em fins de 1934”. Confere?

— Sim, confere.

— Podia ser mais preciso? Não se lembra da data exata, ou pelo menos da semana em que Miss McGraw apareceu com o manuscrito?

— Mas certamente. Foi na última semana de Novembro de 1934. Uma sexta-feira, uma sexta-feira de manhã.

— Muito bem. Lembra-se do aspecto de Cassie McGraw? Poderia descrever-nos o seu aspecto?

Leroux sorriu.

— Lembro-me perfeitamente. Tinha cerca de um metro e cinquenta e cinco. Usava capa de chuva amarela, do tipo que os americanos chamavam impermeável. O cabelo era escuro, cortado rente, à la garçonnette. Olhos cinzentos. Nariz pequeno, arrebitado, um pouco de sardas, bonitinha. Lábios generosos, com uma adorável expressão amuada. Em conjunto, um ar de gamin, esperta, inteligente, espirituosa, engraçada. Mas ficava toda séria quando discutia Jadway.

Barrett sacudiu, compreensivo, a cabeça.

— Muito bem. E o senhor recebeu-a no seu escritório na... onde era? Sei que está impresso no livro...

— O meu escritório ficava no número 18 da Rue de Berri.

— exato. Obrigado, Mr. Leroux. Tinha-me esquecido. Hã... Onde é que o senhor morava na época?

Leroux hesitou.

— Estou a procurar lembrar-me. Mudei tantas vezes de endereço, durante e depois da guerra.

— Mas isso aconteceu na última semana de Novembro de 1934, muito antes da guerra ter começado.

— Sim, lógico — disse Leroux —, mas mesmo assim não tenho a certeza. Acho que era um apartamento em Neuilly, ou possivelmente...

— Bom, se o senhor não se lembra exatamente... Leroux deu de ombros.

— Creio que não.

— ... talvez fosse interessante se procurasse lembrar-se do nome do senhorio ou da zeladora do prédio. Não se recorda de nenhum dos dois?

— Não.

— Talvez saiba o número telefone do seu apartamento?

— Dificilmente. Não, sinto muito.

— Então de certo o do telefone do seu escritório. Deve tê-lo usado a todo o instante.

Pode dizer-me o número do escritório?

Leroux começava a ficar levemente exasperado.

— Claro que não. Já há quase quarenta anos. Para ser justo, isso aconteceu há muitos anos, em 1934, e não se pode esperar que alguém se vá lembrar de cada...

A sua voz sumiu-se.

— Concordo com o senhor. Não se pode esperar que alguém se lembre de tudo o que aconteceu há tanto tempo atrás — retorquiu Barrett com suavidade. Fez uma pausa. De repente endureceu o tom de voz. — No entanto, Mr. Leroux, ouvi o senhor declarar daqui deste banco das testemunhas que se lembrava precisamente de

cada palavra que JJ Jadway e Cassie McGraw lhe dissera em 1934, quase quarenta anos atrás. Isso não é...?

— Protesto! — bradou Duncan do outro lado da sala. — Protesto, Meritíssimo. O advogado de defesa está a entrar no mérito da questão.

— Protesto aceito — anunciou o juiz Upshaw.

— Sim, Meritíssimo — murmurou Barrett. Estava satisfeito. Desfechara um golpe na veracidade do depoimento da testemunha ao sublinhar a fragilidade da memória. Com protesto ou não, os jurados tinham escutado o diálogo. Resolveu certificar-se se nenhum membro do júri deixara de entender aonde pretendia chegar. — Mr. Leroux, no seu depoimento o senhor afirmou que soube em primeira mão que JJ Jadway bebia em excesso, era viciado em estupefacientes, escreveu o livro à pressa para ganhar dinheiro, exclusivamente, e uma porção de coisas desse gênero. Uma pergunta. Depois de refletir bem sobre o assunto, tem absoluta certeza de que se recorda de cada palavra e de cada fato suposto que lhe contaram há quase quarenta anos?

— Meritíssimo, devo protestar novamente! — exclamou Duncan. — A testemunha já depôs sobre essas conversas e fatos sob juramento. Isso é pura repetição.

— Protesto aceito sob essa alegação — declarou o juiz Upshaw. Fixou o semblante casmurro em Barrett. — O tribunal também adverte o advogado de defesa a não persistir em entrar no mérito da questão com a testemunha.

Barrett fez uma expressão contrita.

— Desculpe, Meritíssimo. Foi sem intenção. — Virou-se para Christian Leroux, que continuava sentado muito teso, os braços já não cruzados com complacência, as mãos agora firmemente plantadas nos joelhos. — Mr. Leroux, voltemos aos anos de 1934 e 1935.

O senhor declarou... o senhor recordou... que falou com JJ Jadway exatamente quatro vezes. Confere?

— Sim.

— Onde manteve essas conversas com Jadway? Quero dizer, visitou-o no apartamento, recebeu-o no seu escritório ou encontrou-

se com ele num restaurante? Onde foi que se encontraram?

Leroux hesitou.

— Eu... eu nunca disse que me encontrei com ele. Eu disse que falei com ele.

Barrett ficou surpreso e não dissimulou.

— O senhor nunca se encontrou com J J Jadway pessoalmente?

— Não. Falei com ele quatro vezes por telefone.

— Por telefone? Compreendo. Tem a certeza de que era Jadway que estava no outro lado da linha?

— Naturalmente. Cassie McGraw fazia a ligação e depois passava-lhe o auscultador.

— Não é um tanto estranho, Mr. Leroux... um editor que vive na mesma cidade que o autor, limitar-se a contatos por telefone? O senhor nunca fez um esforço para se encontrar pessoalmente com ele?

— Não.

— Não fez nenhum esforço para se encontrarem frente a frente?

— Não, porque não havia motivo para isso — respondeu Leroux, irritado. — Cassie McGraw tinha-me dito que ele era um recluso, retraído, e muitas vezes ficava sob o efeito de bebida ou estupefacientes, e assim julguei que não seria recebido cordialmente. Portanto não fiz o mínimo esforço...

— O senhor sabia com certeza, digamos, o próprio Jadway já lhe havia dito que não seria recebido cordialmente?

— Simplesmente achei. Não podia haver engano sobre o fato de não ser bem recebido.

— Tinha qualquer outro motivo para não tentar encontrar-se pessoalmente com ele?

— Nenhum. Convém esclarecer que os editores não costumam andar a visitar os autores que publicam. Ainda mais autores de má reputação. Além disso, todo o ano eu tinha de tratar com outros novos autores e Jadway era apenas um entre vários e não especialmente promissor.

— Compreendo. O senhor vivia ocupado de mais para dar toda a atenção a cada um deles, sobretudo a um autor menor. Bem...

— Protesto, Meritíssimo! — era Duncan a fazer sinal ao juiz. — O nobre colega está a forçar Uma conclusão a que a testemunha não chegou.

— Protesto aceito.

— Muito bem — disse Barrett. Concentrou-se novamente em Leroux. — Então o seu contato com J J Jadway era inteiramente por telefone ou através de Cassie McGraw.

Confere?

— exato.

— E a não ser pelo que Miss McGraw lhe contou, o seu conhecimento dos hábitos de Jadway, as opiniões dele sobre a criação literária, as motivações para escrever o livro, tudo lhe vinha pelo telefone, nunca através de encontros pessoais. Não é certo?

— Não, não é. Acabo de me lembrar de uma coisa.

— Ah...?

— Houve outra fonte. Eu precisava de dados biográficos do autor para incluir no livro. Pedi-lhe que preenchesse um questionário. É processo rotineiro. Jadway não preencheu. Em vez disso, escreveu-me várias cartas sobre ele... primeiro uma, depois outra com reflexões posteriores, e, com o tempo, mais algumas a tratar da revisão. Deste modo, portanto, houve mais dados que vieram do próprio Jadway.

— exatamente que dados vieram de Jadway nessa correspondência?

— Dados a respeito dos seus antecedentes, da sua família, de modo geral, da sua vontade de escrever.

— Os seus motivos para escrever Os Sete Minutos?

— Não me lembro — respondeu Leroux.

— Essas cartas podem ser-nos muito úteis e talvez prestar informações relevantes a este julgamento. O senhor tem-nas em seu poder?

— Não.

— Sabe que fim levaram?

— Não. Foram provavelmente deitadas ao lixo junto com milhares de outras quando interrompi as edições da Étoile Press.

— Não teria vendido essas cartas quando cedeu os direitos de Os Sete Minutos a outro editor?

— Eu... — Leroux titubeou e subitamente ficou prudente. — Pode ser. Não sei.

— Foi mera suposição minha — explicou Barrett —, porque algumas cartas de Jadway, notavelmente parecidas com as que o senhor descreveu, foram colocadas recentemente no mercado por um vendedor de autógrafos em Nova Iorque. Ele comprou-as a um ex-editor.

E vendeu-as a um desconhecido. Fiquei a imaginar se não seriam as mesmas que o senhor recebeu. Crê que possam ter sido?

Leroux pareceu aliviado, quase risonho.

— Não tenho ideia. Mas duvido.

— Jadway pediu a Cassie McGraw para lhe entregar as cartas que escrevia?

— Creio que me remeteu uma ou duas pelo correio. As outras entregou-mas pessoalmente.

— Pelos modos o senhor viu Cassie McGraw uma porção de vezes. Lembra-se quantas foram?

Antes que Leroux pudesse responder, o Promotor Público levantou um protesto. A pergunta era irrelevante, declarou. Não declarou porém, agora percebia Barrett, que não obtivera licença para trazer Cassie McGraw ao tribunal, e insurgia-se contra a tentativa do advogado de defesa de fazer o mesmo. Barrett ouviu a pronta aceitação que o juiz Upshaw deu ao protesto.

Como Barrett contava com isso, já estava preparado para mudar o rumo ao interrogatório.

— Mr. Leroux, concentremo-nos mais uma vez no livro, Os Sete Minutos. O senhor disse que vendeu subsequentemente a outro editor os direitos que tinha sobre ele. Lembra-se do nome desse outro editor?

O protesto do Promotor Público frustrou qualquer resposta. Barrett solicitou uma conferência em particular com o juiz Upshaw. Foi breve. Explicou que a pergunta se destinava a fornecer base para examinar a integridade e sinceridade dessa testemunha-chefe.

Depois de ouvir ambas as partes, o juiz indeferiu o protesto de Duncan e pediu que Barrett continuasse.

Confrontando-se mais uma vez com a testemunha, Barrett repetiu a pergunta: — O senhor vendeu a outro editor os seus direitos sobre Os Sete Minutos. Não se lembra do nome dele?

— Não, não me lembro — respondeu Leroux.

— Talvez eu possa refrescar-lhe a memória. O editor a quem o senhor vendeu os direitos não se chamava Norman C. Quandt, processado em Nova Iorque por vender pornografia barata?

— Quandt? Sim, creio que o nome era esse. Obrigado.

— Porque vendeu a Mr. Quandt todos os direitos de Os Sete Minutos?

— Já depois a respeito do meu motivo. Eu temia que o livro tivesse influência perniciosa. Queria descartar-me dele. Foi um alívio quando o consegui.

— No entanto, Mr. Leroux, o senhor não se preocupou com o fato de, ao vender o livro a outro editor, o senhor manter viva essa suposta influência perniciosa?

— Não. não me preocupei... porque não achei que Quandt jamais recebesse licença para publicá-lo. No fim pensei que lhe serviria apenas para dedução de imposto. Vendi o livro para liquidar com ele... e salvar-me.

— E não tinha absolutamente nenhum outro motivo para vendê-lo?

— Sob hipótese alguma.

— Compreendo. E quando foi que o senhor desistiu da Étoile Press?

— Há quatro anos.

— Qual foi a causa?

— A mesma que me fez desistir de Os Sete Minutos. Finalmente comecei a ver o mal de publicar obscenidades, e queria romper as minhas ligações com aquilo, recomeçar vida nova.

— Foi esse o seu único intuito?

— Foi.

— Bem, nesse caso... — Barrett dirigiu-se à mesa do escrivão, encontrou a pasta que procurava e voltou com ela ao banco das

testemunhas. — Tenho aqui uma entrevista marcada Instrumento de Prova H, entrevista que o senhor concedeu a um jornalista do Express na época. Há dois exemplares. O senhor pode ficar com um para comparar enquanto traduzo o outro. Se houver algum erro na tradução, interrompa-me, por favor, e corrija.

Entregou um recorte a Leroux e depois pegou no outro à sua frente.

— Nesta entrevista, o repórter pergunta-lhe porque desistiu de editar pornografia. O senhor responde o seguinte: “Pelo mesmo motivo que hoje há menos prostitutas.” Hoje em dia tornou-se extremamente fácil fazer sexo. Para qualquer pessoa, em qualquer lugar.

Se existe de graça, para que pagar? Depois, Mr. Leroux, o senhor continua e diz textualmente o seguinte: “Antigamente, havia tanta censura, tanto material proibido, que dispúnhamos de mercado quase que exclusivo. Mas desde que editoras respeitáveis, em todos os países, têm agora licença para publicar o que antes era `proibido, estão-nos a tirar os leitores e o mercado que outrora pertencia exclusivamente à Obelisk Press, à Olympia Press, à Étoile Press. Eu desisti porque perdi o meu público” — Barrett ergueu a cabeça. — O senhor reconhece que prestou estas declarações?

Os lábios de Leroux estavam franzidos. Por fim falou, — Reconheço que dei essa entrevista e que foi publicada na revista. Porém nego que tenham sido as palavras que usei.

— O senhor refuta completamente o artigo?

— Completamente não. Eu objeto contra a sua falta de precisão, contra as omissões, a ênfase excessiva num único ponto. Sim, eu posso ter feito o comentário de que um dos fatores de somenos importância que me levou a fechar a Étoile Press fosse a nova tolerância social que existe hoje em toda a parte. Mas era um fator secundário. O motivo primordial da minha desistência foi que vi os perigos da licenciosidade invariavelmente pornográfica, e como estava mais velho e tinha maior compreensão disso, não queria causar mais danos aos meus semelhantes.

— ótimo e louvável — disse Barrett. — Agora, se o senhor reparar nos dois últimos parágrafos deste artigo, encontrará uma

referência a Maurice Girodias, o filho de Jack Kahane, o fundador da Obelisk Press. Girodias era também proprietário da Olympia Press, outra das suas concorrentes. Encontrou?

— Sim.

— O repórter cita Girodias ao senhor. Diz que ele declarou, em defesa da sua carreira editorial, o seguinte: “A pornografia e a licenciosidade são fantasmas terríveis que desaparecerão no dia em que se regenerar o sexo e o erotismo. Devemos aceitar o amor e a luxúria como movimentos complementares, e não como elementos incompatíveis.

Deixemos reconhecer o desejo como a fonte de todas’ as ações positivas da nossa vida, e cessar de combater cada instinto natural e cada atividade propiciadora de prazer. Esse resultado só pode ser alcançado com uma série de choques mentais.” — Barrett fez uma pausa. — O repórter diz que leu ao senhor as observações de Girodias, perguntando-lhe a sua opinião sobre elas. E cá está a sua resposta: “Concordo. Apoio, sem restrições, as declarações de Mr. Girodias. Quem, como nós, publicou pornografia e licenciosidades, devia ser respeitado. Nós destruímos tabus. Ensinamos que não há diferença entre o amor e a luxúria. Tornamos o sexo saudável” — Barrett levantou a cabeça. — Então. Mr. Leroux, o senhor fez estes comentários que lhe são atribuídos? Sim ou não?

— O que está impresso aqui é capcioso.

— Pode responder-me sim ou não? O senhor fez estes comentários?

— Sim, mas...

— Obrigado, Mr. Leroux.

— ... mas em defesa de licenciosidade decente que seja literária, não de imundície como Os Sete Minutos

Prestes a apelar para o juiz, a fim de chamar a atenção sobre a explosão de Leroux, Barrett reconsiderou. Para alguns, jurados, qualquer protesto sobre o comportamento da testemunha podia assemelhar-se a uma intimidação. Barrett refletiu sobre a conveniência de prosseguir com o interrogatório. Marcara alguns tentos, talvez muito poucos. Leroux, possivelmente, marcara mais para a acusação. Contudo, no espírito de três ou quatro jurados, era

bem provável que tivessem sido semeadas as primeiras dúvidas. Continuar, com uma testemunha agora tão hostil, tão agressiva, seria capaz de levar ao desastre.

Erguendo a vista do instrumento de prova e das notas que segurava na mão, Barrett olhou para o sócio. Zelkin parecia preocupado.

Sinal vermelho.

Pare.

Encarou a testemunha.

— Obrigado, Mr. Leroux — fitou o juiz. — Creio que é só, Meritíssimo.

Voltou à mesa e caiu exausto na cadeira.

— Fiz o possível, Abe — disse. — Tentei. Eles embrulharam a vida de Jadway de tal modo, pondo em cima um cartaz dizendo: “Proibido entrar”, que é um inferno pra gente descobrir alguma coisa. O que conseguimos?

Zelkin estava a olhar para outro lado.

— Conseguimos um breve intervalo, isso é o que conseguimos.

Durante o intervalo, a terrível suspeita que ocorrera antes a Mike Barrett, de que Duncan e Mrs. St. Clair talvez conseguissem encontrar maneira de continuar o depoimento do editor francês em lugar mais público, ficou confirmada.

Numa sala particular do sexto andar do Palácio de Justiça, acompanhado por Zelkin e Fremont, Barrett reuniu-se a Philip Sanford, que estava com o seu minúsculo aparelho portátil de televisão ligado a todo o volume. Um imenso primeiro-plano de Christian Leroux enchia a tela.

— É uma entrevista colectiva que estão a fazer num recanto qualquer do prédio — explicou logo Sanford. — Mrs. St. Clair da LFD providenciou tudo. Conseguiu repórteres do mundo inteiro para crivar Leroux de perguntas. Foi ela quem o apresentou. Começou dizendo que já que Leroux havia terminado o seu depoimento no tribunal, estava pronto a responder a perguntas fora do recinto, embora não pudesse comentar as declarações que prestara dentro da sala antes de ser anunciado o veredicto. Agora ele está...

— Deixe que a gente vê... — disse Barrett, puxando uma cadeira.

Os quatro aproximaram-se do pequeno aparelho de televisão, enquanto um Christian Leroux loquaz, refestelando-se com a promoção, respondia a nova pergunta do repórter.

— Não, não me permitiram comentar a morte de J J. Jadway no tribunal — dizia o editor francês —, mas estou disposto a revelar agora a verdade nos mínimos pormenores.

Soube dos fatos por intermédio da amante de Jadway, Cassie McGraw. Querem saber o que causou a morte dele? Já lhes conto. Foi Os Sete Minutos que no fim o matou. A família, na Nova Inglaterra, ignorava que ele tivesse escrito esse livro. Quem descobriu tudo primeiro foi a mais velha das duas irmãs de Jadway. Por pura estupidez, ele enviara-lhe um exemplar. Segundo Miss McGraw, ele não queria que a irmã ficasse para semente, tornando-se uma fria solteirona. Por isso resolveu dar-lhe um exemplo da sua nova liberdade e inspirá-la a também rebelar-se. Os resultados não se fizeram esperar. O livro abalou-a a tal ponto que ela deu em beber e ter casos com homens, até que se transformou numa vagabunda e bêbeda incurável. Não sei o que aconteceu com a outra irmã. Só sei que a mais velha ficou daquela maneira. Ao mesmo tempo, o pai de Jadway soube do livro, porque a sua religião publicou uma circular a condená-lo. O pai dele... especialmente depois que Jadway foi excomungado... o pai dele sofreu com aquela desgraça, e contraiu uma doença que nunca mais sarou. Também segundo Miss McGraw, a filha de um dos amigos mais íntimos de Jadway pegou num exemplar de Os Sete Minutos quando ainda era adolescente e impressionável, e ficou tão corrompida que passou a imitar a heroína do livro e caiu em maus costumes.

— Caiu em maus costumes? — A voz era evidentemente de um correspondente de sotaque alemão. — Não podia ser mais explícito, Mr. Leroux?

— Tornou-se amante de uma série de homens. E logo se viu reduzida a pouco mais que prostituta.

— J J Jadway soube o que o seu livro tinha causado à sua família, à filha do seu amigo?

— indagou o mesmo correspondente,

— Naturalmente. Comentou tudo com Cassie... com Miss McGraw. Estava cheio de remorso. Bebia cada vez mais. Vivia, remoendo-se. Mergulhou em profunda depressão. Por fim, em Fevereiro de 1937, numa casinha que ele e a amante tinham alugado nos arredores de Paris... na vila de Vaucresson... uma noite ele foi à casa de banho e deu um tiro na cabeça. Deixou um bilhete para Miss McGraw: "Sou obrigado a fazer isto para expiar o meu pecado por ter criado aquele livro monstruoso."

— O senhor viu o bilhete do suicida, Mr. Leroux? — ouviu-se perguntar uma voz de sotaque inglês.

— Se eu vi? Não, não, claro que não. Miss McGraw foi quem me contou, toda de luto, inconsolável, na missa do sétimo dia.

— Não sabe se o bilhete ainda existe?

— Se Miss McGraw estiver viva, é bem possível.

— Eu sou da Associated Press, Mr. Leroux — entrou uma nova voz no coro. — Se não se importa, tenho mais algumas perguntas a respeito de Cassie McGraw. O senhor disse que ela representava J J Jadway nas transações de Os Sete Minutos?

— Ela entregou o manuscrito em nome dele, negociou tudo comigo, serviu-lhe de agente literário, em suma, e como intermediária durante a revista de provas.

— E depois do suicídio, viu-a mais do que uma vez?

— Depois que Jadway morreu, vi Cassie McGraw duas vezes. Na missa do sétimo dia e vários meses depois, quando foi ao meu escritório para mostrar que havia herdado os direitos do livro, e quis logo vender-me a sua parte por uma soma redonda. A essa altura já estava farta de Paris e precisava de dinheiro para voltar com a filha para a América.

— Filha? — A tela mostrou em close-up a reação de surpresa de um famoso colunista da United Press International. — O senhor quer dizer que Cassie McGraw tinha uma filha?

— Sim, de Jadway. Será que me esqueci de mencioná-la? Mas é lógico. Ela teve uma filha com ele, nascida dois meses depois que ele morreu.

— Uma filha? Sabe o seu nome?

— Judith.

Barrett teve a atenção desviada por Zelkin, que rabiscava notas rapidamente. Uma nova pista. A filha de Jadway. Noutra parte qualquer do prédio, supunha ele, Duncan ou um dos seus assistentes também estaria escrevendo apressadamente-isto é, presumindo-se que a acusação já não possuísse tal informação. Ia começar uma nova caçada, e corrida, no encalço de uma nova testemunha promissora.

— Mr. Leroux, Cassie McGraw foi procurá-lo só porque precisava de dinheiro para trazer a filha de volta para a América? — perguntou um correspondente italiano.

— Sim. Ela ofereceu-me a sua parte em Os Sete Minutos pelo preço da passagem de regresso. Do ponto de vista comercial, a compra era uma insensatez. O livro não estava a encontrar já aceitação. Mas apesar disso, como eu sentia grande carinho e compaixão por aquela linda moça, paguei-lhe a soma que queria e mandei-a embora.

— E nunca mais viu Cassie McGraw nem a filha? — alguém quis saber.

— Nunca.

— Nem teve notícias delas, diretamente ou através de terceiros?

— Nem uma só palavra. Nada. Apenas silêncio em todas estas décadas.

— E nunca mais ouviu falar na família ou amigos de Jadway depois que ele morreu?

— Nunca.

Várias vozes começaram a fazer perguntas simultâneas e a câmara recuou, revelando não só Leroux como também Mrs. St. Clair a seu lado.

— Uma de cada vez, por favor — pediu Mrs. St. Clair à imprensa fora da cena. Apontou para alguém. — O cavalheiro que levantou a mão. Quer identificar-se?

— Pois não. Sou do New York Times. Tenho diversas perguntas para fazer a Mr. Leroux.

O vídeo mostrou um Leroux todo afável.

— Pergunte todas as que quiser — disse ele.

— Eu gostaria de voltar à sua relação com Cassie McGraw. No tribunal, se não me engano, o advogado de defesa teve curiosidade de saber quantas vezes o senhor se tinha encontrado com Miss McGraw durante todo o período em que a conheceu. A pergunta, naquela altura, foi cancelada. O senhor poderia responder agora?

— Com o máximo prazer. Quantas vezes me encontrei com ela? Não sei dizer ao certo. A primeira vez foi em 1934. A última em 1937, depois da morte de Jadway.

— O senhor diria que se encontrou com ela mais do que uma dúzia de vezes? — insistiu o correspondente do New York Times.

— Possivelmente. Mas não muito mais. Pouquíssimas, depois que o livro foi publicado. Eles não passavam o tempo todo em Paris. Acho que uma ocasião viajaram para a Itália. Ela estava a tentar fazê-lo mudar de ambiente para o regenerar. Depois, quando voltaram, mudaram-se para aquela vila nos arredores de Paris.

— O senhor descreveria a sua relação com Cassie McGraw como íntima?

— Íntima? Desculpe, mas não compreendi.

— Deixe-me esclarecer a pergunta, Mr. Leroux. O senhor descreveu Jadway como pusilânime, frustrado, com mentalidade comercial, desagradável, o que só pode ser interpretado como significando que sentia apenas desprezo por ele. Ao mesmo tempo, o senhor referiu a Cassie McGraw com carinho. Repetiu pormenores íntimos da vida de Jadway que ela lhe contou confidencialmente. O fato de lhe ter revelado pormenores assim tão íntimos deixa-me curioso sobre o tipo de relação que manteve com ela.

Restringia-se a negócios? Ou também era social?

— Era estritamente comercial.

Escutando, assistindo, Barrett sorriu. O pertinaz repórter do Times, na opinião de Barrett, daria um excelente advogado criminalista. O repórter absorvia ainda a atenção de Leroux,

— Mesmo assim, as conversas que o senhor teve com ela fizeram vir à tona os seus sentimentos e emoções mais íntimos, não foi?

— Ela não conhecia nenhuma outra pessoa com quem pudesse conversar num país estrangeiro, para comentar as suas desgraças

em matéria de amor, preocupações ou problemas. A família, os amigos, não estavam em Paris. Era uma estranha, uma forasteira.

Precisava de alguém digno de confiança e compadecido, com quem pudesse... como é que se diz?... desabafar. Sim, ela confiava-me as suas mágoas e eu, cheio de pena, ouvia.

— Alguma vez a levou a um café? Leroux sorriu de leve.

— Nós, os franceses, tratamos de negócios em cafés. Sim, suponho que discutimos negócios no Fouquefs ou no Selectf, que já existiam naquele tempo. Sim, acho que sim.

— Nunca recebeu Cassie McGraw na intimidade do seu apartamento?

Os olhos de Leroux pestanejaram.

— O senhor certamente deve saber que os franceses nunca convidam americanos para visitar as suas casas ou apartamentos.

Ouviram-se risos abafados de toda a imprensa reunida, Leroux sorriu e demonstrou a mesma satisfação de um ator a receber aplausos no final de uma peça.

Ainda assim, o inquiridor de Nova Iorque insistiu: — Mr. Leroux, o senhor não respondeu à minha pergunta. Nunca recebeu Miss McGraw no seu apartamento?

O sorriso de Leroux desfez-se.

— Não, não recebi — respondeu num arroubo de cólera. — Se está a insinuar que eu era hostil a Jadway porque rivalizava com ele na afeição de Miss McGraw, engana-se. Para deixar o assunto bem claro, a minha relação com Miss McGraw era estritamente comercial, uma transação de negócios entre editor e agente, e nada mais.

Pestanejou para a câmara.

— Há alguma outra pergunta?

Zelkin desligou o aparelho de televisão.

— Este francesinho é safado. Ele não está a ter grande serventia para nós, dentro ou fora do tribunal. Bem, agora temos de voltar. Duncan deve estar pronto com a próxima testemunha. Só queria saber que diabo há-de ser.

A próxima testemunha do Povo, conforme se verificou, era outro visitante de terras longínquas e constituiu, para Barrett e Zelkin, uma completa surpresa.

Tratava-se de uma figura impressionante, usando o hábito negro do clero católico. A Barrett, lembrava o baixo-relevo de um mártir jesuíta, esculpido em pedra, adornando um dos caixões na cripta da basílica de São Pedro, que se tivesse posto de pé e recobrado vida.

As austeras feições de Savonarola, os olhos penetrantes, o grande nariz aquilino, o queixo saliente eram uma censura instantânea ao frívolo, ao licencioso, ao blasfemo. Movia-se com a segurança de um mensageiro do Altíssimo. Deixava evidente que não toleraria tolices, nem daria acolhida a trivialidades. Achava-se numa missão. Ao serviço de Nosso Senhor.

Quando prestou o juramento com o ar mais displicente deste mundo, dava a impressão de que o tinha inventado.

Esta testemunha era o padre Sarfatti, membro da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e funcionário da Santa Sé Apostólica de Roma.

Depois que ele surgiu no banco das testemunhas e que o promotor público Duncan começou a orientá-lo na fase inicial do inquérito, estabelecendo os seus antecedentes e qualificações, Barrett e Zelkin empreenderam uma rápida conferência em voz baixa.

A aparição de uma testemunha ligada ao Vaticano apanhara-os desprevenidos. Zelkin havia-se queixado sempre do procedimento das ações penais que, ao contrário das cíveis, não exigiam identificação nem interrogatório prévio das testemunhas. Apesar desse sigilo, nem Barrett nem Zelkin esperavam qualquer surpresa no caso de Fremont. As principais testemunhas do Povo — Christian Leroux de uma parte, Jerry Griffith de outra — tinham recebido ampla publicidade. As testemunhas secundárias numa ação de censura obedeciam na maioria das vezes a um padrão determinado. Haveria psiquiatras, educadores, especialistas literários, líderes da colectividade, e outros semelhantes. O fato de que o Promotor Público fosse recorrer a fontes do Vaticano para um conhecedor do *Índex Librorum Expurgatorius* era um lance que nem Barrett nem Zelkin podiam prever.

No entanto, instintivamente, Barrett lembrara-se a cada instante de um dos mandamentos da sua profissão: um bom advogado deve

estar sempre preparado para o pior.

Felizmente, ao revisar as suas anotações há menos de uma semana, e enquanto se preparava para o pior, Barrett levava em conta que um ano após a publicação de Os Sete Minutos o autor fora condenado pela Igreja Católica e o livro sentenciado à inclusão no Index. Como o Index evocava imagens de um passado já distante, de uma Igreja bem mais dura e implacável, como a sua existência e atividade eram tão remotas em relação à vida da população de Oakwood, Los Angeles e América, Barrett supôs que o Promotor Público talvez se referisse a ele apenas de passagem durante o julgamento. Todavia, por ser metucioso e por saber que há mais ações penais ganhas na fase de instrução do que nos julgamentos propriamente ditos, Barrett iniciara um plano superficial de pesquisa sobre a aparelhagem histórica de censura do Vaticano e também do Index. Tinha feito algumas leituras e incumbira Kimura de entrevistar vários teólogos. Os resultados obtidos mal deram para encher uma única pasta de arquivo.

Mas agora que Duncan assestara um grande canhão do Vaticano contra as posições já enfraquecidas da defesa, Barrett sabia que necessitava desesperadamente de reforços.

Mesmo enquanto tentava ouvir o depoimento do padre Sarfatti, Barrett estava a consultar o sócio sobre o que deviam fazer. Em questão de minutos, combinaram as medidas defensivas. Zelkin telefonaria a Donna no escritório, pedindo-lhe que enviasse, pelo portador de serviço, a pasta marcada "Jadway — Index Católico". Localizaria Kimura e mandá-lo-ia de novo procurar, correndo, os mencionados teólogos eruditos à cata de maiores dados que pudessem ser úteis à defesa. Se a inquirição de Barrett começasse logo, ele esforçar-se-ia ao máximo, a fim de prolongá-la até à hora do almoço, dando assim a Kimura oportunidade de telefonar qualquer informação de que pudessem tirar partido para assimilar durante o intervalo, antes de recomeçar a inquirição à tarde.

Depois que Zelkin deixou a mesa de defesa e saiu discretamente da sala para os poucos minutos que levaria para telefonar a Donna e Kimura, Barrett tentou concentrar-se no novo depoimento. Foi difícil ficar atento. O seu poder de concentração tinha sofrido rude prova

com o interrogatório de Leroux e teve de esforçar-se para acompanhar detidamente cada pergunta e resposta trocadas à sua frente. Confiava, porém, no seu instinto para sintonizar automaticamente o que fosse vital, e depois desligar.

Durante os cinquenta e cinco minutos subsequentes, houve uma meia dúzia de vezes em que um diálogo não só relevante como fundamental foi captado pelas antenas de Barrett, que então sintonizava a todo o volume.

O procedimento da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé ao proscriver um livro.

Barrett sintonizou a todo o volume.

. — Padre Sarfatti, para que possamos compreender melhor os motivos que levaram a Igreja a condenar Os Sete Minutos, e para auxiliar-nos em nosso julgamento sobre a imoralidade do livro e em nossa ação contra o livreiro que o vendeu, o senhor podia explicar o procedimento da Igreja numa questão como esta?

— Certamente, Mr. Duncan. Uma vez que vários departamentos da Cúria foram remodelados ou aerodinamizados nestes últimos anos, é preciso descrever como funcionavam em 1935, ano em que Os Sete Minutos foi publicado em Paris. Naquele tempo, todas as obras censuráveis caíam sob a vigilância da Seção de Censura de Livros, que era o departamento da Cúria dirigido pela Suprema Congregação do Santo Ofício. Quando um bispo ou vigário de uma das nossas dioceses, em qualquer país, encontrasse um livro com doutrina contrária à moral e à fé da Igreja, ele submetê-lo-ia à Seção de Censura de Livros na Santa Sé.

— Contrário à moral...?

— À moral e à fé, Mr. Duncan. Serei explícito. Livros que tratam ex professo de temas lascivos ou obscenos sempre foram proibidos. Da mesma maneira, todos os livros que expõem heresias ou cismas têm sido proscritos. Antigamente, quando um livro suspeito era submetido ao Santo Ofício, era entregue a uma ordem religiosa em Roma cujos membros falassem e lessem o idioma em que estivesse impresso. Conhecedores, então, examiná-lo-iam e apresentariam o veredicto, escrito em latim, ao Santo Ofício. Ao mesmo tempo, um padre, representando a Seção da Censura de Livros, podia conduzir

uma investigação sobre a vida do autor do livro denunciado e sobre as circunstâncias em que a obra fora criada. A soma desse material via-se, depois, apresentada a uma reunião dos conselheiros do Santo Ofício, onde a obra seria debatida e submetida à votação. Se o resultado do escrutínio fosse uma condenação, procedia-se à entrega de um relatório sobre o livro a uma sessão plenária do Colégio de Cardeais. Finalmente, o Prefeito dos Cardeais passava o veredicto do Colégio, bem como os relatórios anteriores, para as mãos do Sumo Pontífice.

Se o Papa confirmasse as decisões e recomendações. Sua Santidade ordenava então que o livro fosse incluído no Index de Livros Proibidos.

— E foi esse o método adoptado para condenar Os Sete Minutos, padre Sarfatti?

— Precisamente.

— Tenho aqui o Instrumento de Prova E, um exemplar do Index publicado em 1940... Cumprimento-o pela sua argúcia e meticulosidade... Obrigado, padre. Agora, esta é a edição mais antiga que pude encontrar em que J J Jadway. e Os Sete Minutos estavam relacionados.

Entretanto, ao que me consta, o livro foi proibido em 1937, três anos antes. O senhor podia esclarecer isso?

— Muito simples, Mr. Duncan. Novas edições do Índice são publicadas a intervalos regulares. Quando o livro de J J Jadway foi condenado em 1937, o decreto de proibição saiu publicado pela primeira vez no *Ata Apostolicae Sedis*, o boletim oficial da Santa Sé, e esse boletim foi remetido aos bispos do mundo inteiro, para os informar da condenação oficial. Subsequentemente, todos os bispos e vigários paroquiais, para proteger as almas confiadas à sua guarda espiritual, anunciaram a proibição aos seus paroquianos. Depois disso, o livro foi relacionado como proibido na edição imediatamente posterior do Index, que saiu três anos mais tarde. Tenho a satisfação de acrescentar que os nossos irmãos protestantes, especialmente os europeus, por iniciativa própria, também se manifestaram contra os perigos desse mesmo livro.

— Padre, a fim de melhor compreender a gravidade dessa condenação, gostaria de fazer-lhe uma série de perguntas a respeito do Index em si e...

Mike Barrett desligou e passou a concentrar-se nas suas anotações.

Dez minutos depois, as suas antenas captaram outra coisa. Curioso a respeito da investigação do próprio J J Jadway.

Barrett sintonizou logo, em alto volume.

— Padre Sarfatti, confiaram-lhe pessoalmente essa investigação sobre o autor de Os Sete Minutos?

— Sim, ou melhor, participei. Eu era um jovem pároco na época. Nos anos que se seguiram, assumi outras funções na Santa Sé. Mas recentemente fui outra vez desigualado para a Cúria, para trabalhar no seu novo departamento conhecido como a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, que agora exerce autoridade sobre o índice. Quando o Sumo Pontífice se interessou pela sua ação, Mr. Duncan, eu fui escolhido para lhe prestar todo o auxílio possível, em virtude da minha familiaridade anterior com o caso Jadway e com os nossos registros desse caso nos arquivos do Vaticano. Antes de vir para a América, retirei e examinei esses documentos nos nossos ficheiros que se relacionavam com a proibição de Os Sete Minutos. A verdadeira investigação extra-oficial do autor Jadway foi efetuada pelo Arcebispo de Paris em 1935 e 1936. Eu funcionei como um dos seus assistentes na investigação.

— E o seu parecer, Padre Sarfatti, foi baseado em informação de segunda mão ou em contato pessoal concreto com J J Jadway?

— Tudo o que eu submeti para ser usado no tribunal foi obtido em primeira mão. O senhor tem os registros.

Duncan ergueu três folhas de papel, uma delas colada com sinete de cera e fita.

— Tenho estes três registros que recebi do senhor. Reconhece neles os documentos do arquivo do Vaticano?

— Reconheço.

Duncan recuou e dirigiu-se ao juiz.

— Meritíssimo, gostaria de incluir no julgamento material novo que até agora ainda não foi assinalado. Peço-lhe receba estes

documentos como instrumentos de prova.

Na mesa da defesa, Barrett trocou um olhar com Zelkin.

— Porcaria — resmungou, levantando-se para se juntar a Duncan e ao escrivão diante do juiz.

Durante os minutos seguintes, o juiz Upshaw examinou os documentos, depois Barrett leu-os à pressa e finalmente foram aprovados. O escrivão numerou-os e agora fariam parte das provas na ação contra Ben Fremont e Os Sete Minutos.

Quando Barrett voltou à mesa da defesa e mergulhou na cadeira, Zelkin parecia ansioso.

— Então? — perguntou.

— A coisa vai mal — respondeu Barrett.

O Promotor Público já estava de novo diante do banco das testemunhas.

— Padre Sarfatti, o senhor pode resumir por suas próprias palavras o conteúdo destes documentos?

— Sim. O primeiro é a cópia de uma conversa telefônica que tive em Paris com J J Jadway. Eu escrevera-lhe de Roma, dizendo que gostaria de ter uma entrevista com ele, mas não obtive resposta. Chegando a Paris, telefonei-lhe diversas vezes e nunca o encontrei em casa. Finalmente ele ligou para mim, e eu transcrevi o que conversamos. O segundo documento é uma carta que Jadway me escreveu... bastante desafiadora, aliás... e que me foi enviada depois do telefonema anterior. O último documento é um traslado preparado por um funcionário da Cúria, já falecido, relatando uma declaração que Jadway lhe fez durante um encontro na Itália. Essa declaração foi assinada por Jadway, com firma reconhecida em cartório.

— Essa informação de Jadway confirma o depoimento do seu editor francês, Mr. Leroux, a respeito das atitudes e motivos de Jadway em relação ao fato de ter escrito Os Sete Minutos?

— Eu responderia pela afirmativa. Sim, a soma total dos pareceres da Igreja, inclusive esses documentos, tende a confirmar o que Mr. Leroux já revelou. Direi que, além desses documentos, os nossos registros de investigação são um tanto circunscritos e

formais. Não possuímos informação sobre a família do autor Jadway ou sobre a sua vida na América.

Mas por meio desses documentos sabemos que era católico e renegara a fé. Sabemos que os seus gostos em literatura eram para o imoral e o ateu. Segundo ele me contou, a sua biblioteca continha as Memórias, de Casanova, assim como obras de Henri Bergson, Benedetto Croce e Karl Pelz, todas proibidas aos católicos. Ele tinha participado certa vez de uma demonstração anticlerical em frente à Notre-Dame. O seu círculo consistia de livres-pensadores dissolutos que frequentavam os cafés da Margem Esquerda. Convivia com prostitutas antes de levar uma vida pecaminosa com a moça conhecida como Cassie McGraw. Duvido que a condenação da Igreja desempenhasse algum papel no suicídio dele.

Suicidou-se em consequência da falta de princípios morais, que se reflete na sua única obra publicada. Depois que morreu, foi cremado, e consta que Miss McGraw executou a sua última vontade. As suas cinzas foram espalhadas do alto de um balão que sobrevoava Montparnasse. É uma história lamentável.

Durante toda a exposição de fatos do padre Sarfatti, especialmente o último trecho, Barrett sentiu o impulso de levantar protesto legal. Tinha motivos — grande parte do depoimento do clérigo era irrelevante, e o final baseava-se em boatos —, porém, Barrett resistiu à vontade de falar. O material, num contexto diferente, já fora ventilado anteriormente por Leroux, tanto no recinto como fora do tribunal. Qualquer protesto, nessas circunstâncias, poderia causar a alguns jurados a impressão de que a defesa estava a tentar amordaçar um mensageiro de Deus. Bem ou mal, Barrett manteve a calma e continuou a escutar atentamente.

— Padre Sarfatti, os seus registros dão alguma prova quanto aos motivos que J J Jadway teve para escrever Os Sete Minutos?

— Só no seu comentário, contido na carta que me foi dirigida, de que todas as religiões e instituições de ensino estavam tentando fingir que o mundo era uma imensa caixa de bombons, ao passo que no livro ele se propunha demonstrar que era... que era um monturo... um monturo que terminaria por adubar a verdade e

produzir beleza, se se deixasse de fingir. Além disso, eu poderia lembrar que as palavras do texto, assim como a sua maneira de viver em Paris, indicam os motivos que tinha: Em época alguma manter qualquer ligação legítima em Paris. O senhor pode tirar desse fato as conclusões que quiser.

— Os seus registros dão prova da influência de Cassie McGraw sobre Jadway durante o tempo em que ele escreveu Os Sete Minutos ou mesmo de qualquer coisa a respeito de Cassie Mc...?

— Protesto, Meritíssimo — interrompeu Barrett.

Não podia deixar que aquilo continuasse ou fosse cancelado somente depois de ter sido respondido. Mas Duncan, pelos vistos ia fazer uma tentativa de trazer Cassie McGraw para o julgamento, pois estava a solicitar conferência em particular com o juiz.

Durante a conferência, Duncan procurou forçar a informação que sabia que o padre Sarfatti estava pronto a fornecer, tentando relacioná-la com material pornográfica no romance. Afinal de contas, argumentou Duncan, Cassie McGraw servira de modelo para a heroína. Em sua impaciência, o Promotor Público não forçou apenas depoimento ainda por vir, como terminou partindo-o em dois.

— A Igreja possui uma cópia da certidão de nascimento da filha de Cassie McGraw com Jadway — dizia Duncan. — A criança foi baptizada como Judith Jan Jadway. O padre Sarfatti está preparado para nos dizer que a última e mais recente anotação no arquivo do Vaticano revela que Miss McGraw se casou na cidade de Detroit em 1940 e que o marido morreu em Salerno durante a Segunda Guerra Mundial. Embora não haja registro do nome dele por extenso, nem do seu nome de casada, nem tão-pouco indicação do destino eventual de Miss McGraw ou da filha, ainda creio que o que se souber sobre ela auxiliará o júri... — seguiu por aí fora, e quando terminou, o juiz Upshaw, impaciente, repreendeu-o por tentar introduzir material completamente irrelevante à causa.

— Sobre essa questão, a sua testemunha não pode dizer nada de valor ao júri — concluiu o juiz Upshaw. — Aceito o protesto do advogado de defesa.

De volta à sua mesa, Barrett ouviu Duncan reiniciar o interrogatório.

— Agora, Padre, se pudermos recapitular brevemente o procedimento da...

Mike Barrett desligou.

Quinze minutos depois, a sua antena captou um som. Ofereceu a oportunidade de retratar-se enquanto estava na Itália.

Barrett sintonizou à pressa.

— O senhor quer dizer, padre Sarfatti, que um membro da Igreja se encontrou pessoalmente com Jadway e lhe ofereceu a oportunidade de se retratar dos seus erros?

— exatamente. Não há nada de insólito, Mr. Duncan. A igreja age devagar, e com considerável tolerância, contra o autor de uma obra denunciada. Em geral o autor recorre ao Vaticano, dizendo que escreveu de boa fé, sem perceber por completo o erro da sua doutrina. Nessas ocasiões, a Congregação do Santo Ofício, depois de tornar público o decreto de condenação, pode então tornar público um aviso que diz: "O autor retratou-se e repudiou a obra." A primeira condenação permanece válida, mas o seu nome e a obra podem ser excluídos do próprio Index. Basta citar um exemplo. Henry Lasserre, católico ortodoxo que escreveu um livro excelente sobre o milagre em Lourdes, decidiu traduzir os Evangelhos para francês. Não se contentou em seguir o original. Pôs na tradução um pouco da própria fantasia. Essa tradução foi logo condenada e proibida. Felizmente, porém, Lasserre reconheceu o erro cometido e retirou rapidamente o livro da circulação.

Retratou-se. E, em consequência, o Santo Ofício retirou a sua proibição e omitiu o nome do autor nas edições subsequentes do Index.

— E J J Jadway... espere, quero ver se entendo, ele quis retratar-se por iniciativa própria ou ofereceram-lhe a oportunidade?

— Ofereceram-lhe uma última oportunidade. Ele tinha chegado com a amante à Itália e visitava Veneza quando um emissário da Igreja o procurou. Ele recebeu a oportunidade...

generosa, aliás... de repudiar Os Sete Minutos e retirá-lo da circulação. Mas recusou. O senhor tem o documento assinado por Jadway nesse sentido. A Igreja então não teve alternativa senão condenar a obra por obscenidade e sacrilégio.

Barrett desligou.

No final do impressionante interrogatório de Duncan, o Juiz Upshaw anunciou um intervalo de duas horas para o almoço. Abe Zelkin já tinha a pasta de Donna a respeito do Index e várias páginas de anotações tomadas durante uma conversa telefônica com Kimura minutos antes. Mandando um moço de recados ao átrio do andar térreo do Palácio da Justiça em busca de sanduíches e refrigerantes, Barrett e Zelkin recolheram-se a uma sala vazia do prédio principal e passaram a maior parte das duas horas a examinar os resultados da pesquisa e a traçar a estratégia da inquirição.

Preparando-se para voltar ao tribunal, Barrett sentiu-se ligeiramente tentado a tomar a ofensiva na sua inquirição. A Igreja que o padre Sarfatti representava devia ser considerada sacrossanta. Entretanto Barrett sabia que determinado trecho da sua história, a exemplo de qualquer outra fé no mundo, era extremamente vulnerável a ataques. Na Idade Média, e na mesma época em que o Index estava a ser preparado, a Igreja e o seu rebanho achavam-se obcecados pelo sexo. Santo Agostinho confessou que, antes de abraçar o cristianismo, possuía “um apetite insaciável” por sexo e havia “transbordado de...

fornicação”. Embora Agostinho tivesse vencido a fraqueza da carne, os seus sucessores de batina muitas vezes se mostraram menos resolutos. O Bispo de Liège passa à história como pai de sessenta e cinco filhos ilegítimos. Dizia-se que um abade espanhol em San Pelayo, mantivera, em vida, setenta amantes. Na Suíça, os homens casados viram-se forçados a proteger as esposas contra a sedução nos confessionários, requerendo às autoridades que permitissem uma amante a cada padre. Na própria Santa Sé, Marozia, filha de um funcionário papal, havia tido o Papa Sérgio III como amante e fantoche, e em 931 conspirara para que seu filho ilegítimo fosse sagrado Papa João XI. Leão VIII morrera de um ataque durante uma relação sexual. E Alexandre VI, pai confesso dos Borgias, possuía duas amantes enquanto ocupava o Vaticano, uma delas Giulia Farnese de dezassete anos. E

isso pouco mais de cinquenta anos antes que a Santa Sé começasse a condenar autores por imoralidade no primeiro Index.

O que teria pensado Jesus de tudo isso? Será que não diria o que disse aos fariseus, quando lhe trouxeram uma adúltera que achavam que devia ser morta a pedradas? “Quem não tiver pecado, que atire a primeira pedra”?

Agora, em tribunal aberto, Barrett precisava de contestar um representante da Igreja, protetor da moralidade. Ousaria Barrett dizer: “Quem não tiver pecado...”?

Sentia-se fortemente tentado. Depois, afinal, percebeu que um ataque dessa natureza era impossível. Seria mal interpretado. E se de fato o pusesse em prática, já previa o protesto de Elmo Duncan: Irrelevante!

Teria de escolher a solução mais difícil.

Às duas horas, confrontando-se com o temível padre Sarfatti, Mike Barrett viu que não era adversário à altura da testemunha. Em seu conhecimento da história da Igreja em questão de literatura condenada, o prelado sentia-se seguro, ao passo que Barrett pisava em areia movediça. Mesmo assim, estava incumbido da defesa e passou a fazê-la.

Em primeiro lugar, o método do aparelhamento de censura.

— Padre Sarfatti, eu ouvi o senhor comentar... corrija-me se entendi mal... creio que o senhor declarou que os departamentos da Cúria haviam sido remodelados e aerodinamizados depois que o livro de J J Jadway foi publicado em 1935. Poderia explicar melhor esse ponto, uma vez que se relaciona com a censura de livros?

— Para ser breve...

— Desculpe-me, Padre, mas não há necessidade de ser breve. Seria útil ouvir todos os pormenores que o senhor considera relevantes a este julgamento.

— Agradeço-lhe a cortesia, meu senhor. Permita-me dizer que em 1966, de acordo com o espírito do novo Concílio Ecuménico que impregnou a Igreja e toda a cristandade, o Papa Paulo VI aboliu o título da Suprema Congregação do Santo Ofício, que há muito vinha sendo considerado ofensivo por protestantes que o associavam com o que consideravam como perseguições no início da história da Igreja. Com a eliminação do Santo Ofício, a Seção da Censura de Livros também foi abolida.

— Por quê?

— Como já disse, meu senhor, porque estava de acordo com o novo espírito de unidade entre as várias fés cristãs.

— Compreendo. Estou interessado em saber se houve outros motivos. Não é verdade, Padre, que na reunião do Concílio Ecuménico em Roma havia numerosos clérigos católicos romanos que protestaram contra o antigo Santo Ofício, o próprio departamento que condenara Jadway, porque não realizava audiências justas para os autores, e esses clérigos acharam que o Index de Livros Proibidos devia ficar permanentemente abolido?

— Bem, houve uma minoria de clérigos que foi desse parecer. Isso é verdade.

— E, Padre, também não é verdade, como informou a nossa Associated Press na Cidade do Vaticano, que “ao eliminar a Seção da Censura de Livros, o Papa fez um gesto dramático que implicou em importante decréscimo de ênfase na mentalidade do índice do passado?”

— Naturalmente, devemos aceitar o fato de que os serviços noticiosos muitas vezes empregam generalizações violentas e tendem a exagerar. Em essência, eu diria que houve esse esforço no sentido de diminuir a ênfase de qualquer função do Santo Ofício que outrora despertava o antagonismo dos não-católicos.

— Isso não implicaria então, Padre, em vista dessa nova liberalidade da Igreja, que o que ela condenou e proibiu em 1935 hoje talvez não condenasse nem proibisse?

— Meu senhor, essa é uma pergunta hipotética para a qual não possuo as qualidades nem a autoridade de responder. Posso citar certos fatos que talvez apontem uma conclusão. Por um lado, a nova Congregação para a Doutrina da Fé, da qual sou membro, continua a revisar e examinar obras publicadas, denunciadas como contrárias às doutrinas da Igreja. Por outro, o Index não foi abolido. Ainda existe. Sua Santidade pode incluir nele qualquer obra que quiser. Finalmente, meu senhor, estou aqui à sua frente como representante do Vaticano porque a Igreja está hoje tão preocupada quanto esteve em 1935

acerca da publicação e circulação de uma obra de ficção imoral e sacrílega intitulada Os Sete Minutos.

Barrett não foi além do sistema de aparelhamento de censura da Igreja. Atrapalhara-se com aquela. Outra linha de ação.

Em segundo lugar, a infalibilidade do Index.

— Padre, tal como o douto Promotor Público, também estive a examinar um exemplar do Index... para ser mais preciso, a edição em que foi incluída pela primeira vez o nome de J

J Jadway... assim como outras obras que versam sobre o Index. Gostaria de fazer-lhe uma série de perguntas sobre esse calendário ou enciclopédia de censura. Admirei-me de achar "Decadência e Queda do Império Romano", de Gibbon, os "Pensamentos", de Pascal, os "Princípios de Economia Política", de John Stuart Mill, "Uma Viagem Sentimental pela França e Itália", de Sterne e todas as obras de Zola, ainda relacionadas no Index e portanto ainda proibidas.

Porque foram condenadas... por serem pornográficas ou por serem anticlericais?

— Por serem anticlericais.

— Não porque fossem nocivas à moral? — Porque eram nocivas à fé.

— E Os Sete Minutos, padre Sarfatti? Lembro-lhe que este é um julgamento preocupado apenas com a questão do livro ser pornográfico ou não. O fato das obras de Jadway serem contrárias à fé, ou anticlericais, não entra em discussão neste tribunal. Tendo isso em mente, o senhor pode dizer-me oficialmente se Os Sete Minutos foi condenado ao Index porque é pornográfico ou porque é herético?

— Ele foi condenado porque é ambas as coisas... pornográfico e herético.

— Muito bem, Padre. Quanto à questão presente do que vem a ser pornográfico ou não, naturalmente, trata-se de um critério de valores. O senhor crê que pode reconhecer uma obra pornográfica quando a lê ou escuta a sua leitura em voz alta?

— Falando por mim mesmo, sim. Não posso falar pela Igreja.

— Suponhamos que eu lhe lia um trecho de romance. O senhor acha que poderia dizer-me se é imoral, pornográfico, ou nem uma coisa nem outra?

— Posso tentar, mas estaria a falar só em meu nome.

— Porém falando como conhecedor de literatura pornográfica?

— Perfeitamente. Como conhecedor.

— Vou ler-lhe dois trechos de um romance muito conhecido.

Apreciaria a sua opinião sobre ambos. Eis o primeiro: “Senti a sua mão em meu seio; e quando o medo me permitiu, estava pronta para morrer; suspirei, gritei e perdi os sentidos.” E o segundo: “Mas ele beijou-me com assustadora veemência; e depois a sua voz desabou sobre mim como um trovão. Agora... disse ele, chegou a terrível hora do ajuste de contas que ameacei... Pus-me aos gritos, de tal modo como jamais se ouviu coisa igual. Mas não havia ninguém para me socorrer: e as minhas duas mãos estavam seguras, como já disse. Sem dúvida nunca uma criatura humana passou pela mesma aflição que eu passei. Malvado! exclamei... Oh Deus! meu Deus! por esta vez! só por esta vez! livrai-me do mal!”

— E Deus livrou-a, Mr. Barrett?

— Livrou-a... Padre Sarfatti, o senhor julga esses dois trechos pornográficos?

— Eu considero — os imaturos, sugestivos, mas não pornográficos segundo os critérios modernos. No entanto, o Santo Ofício considerou-os de fato pornográficos em 1755, quando colocou esses trechos, junto com a totalidade de Pamela, de Samuel Richardson, no Index. Lamento estragar o seu jogo, Mr. Barrett, mas não porei em dúvida o critério da Igreja em condenar Pamela, em 1755, exatamente como condenou Os Sete Minutos, em 1937. A tendência atual de tolerar a imoralidade pode zombar desses velhos critérios, mas se eles tivessem sido observados, todos os padrões sociais e morais talvez estivessem melhores hoje em dia.

— O senhor quer dizer, Padre, que os censores do Index carecem de falibilidade humana, nunca cometeram erros de julgamento?

Do outro lado da sala, Duncan levantou o seu protesto. O advogado de defesa estava a examinar o mérito da questão. Protesto aceito.

Barrett procurou reformular a pergunta.

— Padre Sarfatti, existe alguma prova concreta de que os censores incumbidos do Index tenham jamais, em época alguma, admitido erros de julgamento?

— Claro que sim — respondeu o padre Sarfatti calmamente. — Quando os membros do Santo Ofício, após consideração posterior, descobrem que se enganaram acerca de uma obra, nunca deixam de procurar que se faça justiça, admitindo o equívoco e corrigindo-o.

As obras de Galileu foram postas no Index. Quando mais tarde se provou que não havia motivo para tal, os nossos censores levantaram a sua proibição contra elas. Mas não posso convencer-me de que a Igreja venha algum dia a mudar de opinião sobre o livro de JJ Jadway.

Ensanguentado, Barrett pensou em dispensar a testemunha. Contudo, mais uma tentativa.

Em terceiro lugar, o encontro com J J Jadway em Veneza.

— Padre, antes o senhor declarou que um emissário do Vaticano se tinha encontrado pessoalmente com Jadway em Veneza para lhe pedir que repudiasse o livro. Os seus registros descrevem exatamente onde se efetuou esse encontro?

— No palácio ducal, no Palácio do Doge... na Sala del Consiglio del Dieci, a Sala do Conselho dos Dez.

— Quanto tempo durou o encontro?

— Quinze minutos.

— Na declaração por escrito que ele assinou, deu Jadway motivos para se recusar a repudiar Os Sete Minutos?

— Não há registro dos motivos dele.

— Segundo Mr. Leroux, isso aconteceu numa época ruim da vida de Jadway, uma fase em que afirmam que ele sentiu remorsos por ter escrito o livro, poucos meses antes de se matar por causa disso. Caso fosse verdade, não seria normal que Jadway repudiasse o livro e se retratasse?

— Não possuo nenhuma informação sobre o que seria normal ou anormal para ele naquele tempo. Só posso repetir que ele foi inflexível e não quis retratar-se.

— No relatório do encontro constava alguma descrição de Jadway?

— Não.

Barrett hesitou. Sentou-se, inclinado a encerrar nesse ponto. Mas não pôde resistir a mais uma pergunta.

— Padre Sarfatti, os arquivos do Vaticano não registram se Jadway estava embriagado nesse encontro?

— Não... Por outro lado, meu senhor, tão-pouco afirmei que ele estivesse sóbrio.

Barrett sorriu. Touché. Bem feito. Procurara sarna para se coçar e conseguira.

Infringira uma regra fundamental da arte do inquiridor: Nunca, nunca faça uma pergunta importante senão souber o que a testemunha vai responder. Vá até onde quer chegar e depois pare. Jamais faça aquela pergunta suplementar, não dê aquele passo a mais que leva ao desconhecido. Barrett dispensou a testemunha com um reverente aceno de cabeça.

— Obrigado, Padre... Não tenho outras perguntas a fazer, Meritíssimo.

Após o padre italiano, o promotor público Duncan trouxe ao banco de testemunhas um famoso agente literário inglês, recém-chegado de Londres. Vinha como autoridade qualificada para depor sobre a natureza pornográfica do livro de Jadway. O agente, Ian Ashcroft, que recendia a Zizanie de Fragonard, era amalucado, cômico, muito simpático: uma dessas criaturas que sempre levam a melhor, cujas últimas frases trazem a picada rápida do aguilhão de um rabo de escorpião. O tipo de pessoa com quem Mike Barrett sempre se saía mal numa sala de recepção. Ashcroft seria mais perigoso num tribunal.

Barrett decidiu limitar a inquirição a poucos minutos, não mais.

Como jovem agente ao serviço de uma grande agência literária de Londres em 1935, Ashcroft fora encarregado do que se conhece no comércio editorial pelo nome de autorizações, a licença para publicar excertos bem como a isenção de direitos estrangeiros, e recebera a oportunidade de vender os direitos de Os Sete Minutos

no exterior. Duncan estava curioso por saber como se saíra. Ashcroft confessou que se saíra mal, pessimamente.

Submetera exemplares do romance de Jadway à apreciação de agentes e editores da Grã-Bretanha, Países-Baixos, Escandinávia, Alemanha, França, Itália, Espanha, Portugal.

Excepto o rápido interesse demonstrado por um editor alemão (“a moral do país, afinal, andava decadente, com mais bordéis do que casas de família em Hamburgo e Francforte”) — e por fim até mesmo esse editor recusava — o livro não despertara o menor interesse em parte alguma, sendo rejeitado por cada editor estrangeiro a quem fora submetido.

Duncan quis saber porque Os Sete Minutos tinha recebido esse repúdio unânime.

— Acho bastante óbvio — respondeu Ashcroft. — Era um livro horrível, indecente até não poder mais, uma droga. Os editores dos Países-Baixos, Itália e Espanha empregaram frases quase idênticas ao rejeitá-lo. Escreveram, efetivamente: “Mr. Jadway possui a honra duvidosa de ter escrito o livro mais depravado e obsceno na história da literatura.

Na inquirição, Barrett tratou o agente londrino com extremo cuidado. Se Mr. Ashcroft tinha uma opinião tão péssima de Os Sete Minutos, porque se sujeitara, afinal de contas, a representá-lo?

— Mr. Barrett, eu era um sujeito moço, corado, atrevido, cheio de ambição, louco por vencer na vida. Naquele tempo eu ficaria encantado em vender até Mein Kampf se me fosse oferecido.

Mr. Ashcroft não concordava em que poucos romances americanos da época, ou mesmo atuais, eram traduzidos e publicados na Europa?

— Já tive alguns romances americanos que vendi a uma dúzia de editores estrangeiros.

Mas um romance de estreia, da autoria de um escritor americano desconhecido? Será que se podia esperar que fosse publicado na Suécia, Alemanha, França, Itália, Espanha?

— Não, Mr. Barrett, eu não esperaria que fosse traduzido e publicado nesses países.

Mas seria publicado na Grã-Bretanha. Eu contaria, ao menos, com uma venda na Grã-Bretanha ou noutra lugar qualquer.

— Então porque Mr. Ashcroft achava tão estranho que não pudesse vender o romance de estreia de Jadway, escritor pouco conhecido, a editores estrangeiros?

— Ora, Mr. Barrett, o que essa experiência teve de estranho é que Os Sete Minutos foi o único romance publicado que jamais negocieei ou ouvi falar que não encontrou segundo editor... nem um sequer.. — na Grã-Bretanha, ou no Continente, no mundo inteiro, que aceitasse publicá-lo. O senhor há-de reconhecer que é uma espécie de recorde notável, digno de inclusão no Livro Guinness de Recordes Mundiais, junto com a nota de que o jogo de palavras cruzadas foi inventado por um inglês chamado Arthur Wynne para um jornal de Nova Iorque em 1913. Acho até que o nosso exemplo é melhor, não lhe parece?

A meia hora seguinte passou depressa e agora outra testemunha terminava o seu depoimento para o Povo, sob a orientação de Elmo Duncan.

Essa testemunha, macia como veludo, exata como um computador, era Harvey Underwood, decano dos especialistas em sondagem de opinião pública na América.

A sua aparição, tanto para Barrett como para Zelkin, fora tão inesperada quanto a do padre Sarfatti, e a princípio não pudera compreender que uso a acusação tencionava fazer dele. Logo ficou claro, e até mesmo Barrett resmungou de admiração pela esperteza do Promotor Público.

Harvey Underwood encontrava-se no banco das testemunhas para lançar os alicerces do argumento da acusação de que os Os Sete Minutos atraía o interesse libidinoso, de acordo com o critério da pessoa média. Geralmente, em casos de censura, a acusação frisava esse aspecto, apresentando líderes da colectividade — um presidente da Associação de Pais-e-Alunos, um reitor de faculdade, um pastor protestante — gente que presumivelmente mantinha contrato constante com as pessoas médias da sua comunidade e que podiam falar com autoridade em nome delas sobre as possibilidades corruptoras de determinado livro.

Mas Duncan não se contentara em exprimir as opiniões da pessoa média de modo tradicional. Nesta era eletrônica do computador, nesta era da sondagem do levantamento científico para apurar a opinião pública, Duncan saía em busca da maior autoridade do país para descobrir quem era essa pessoa média, a fim de apresentá-la ao tribunal num invólucro plástico, pronta para a consumição do mercado. Era uma loucura, uma coisa desumana, ridícula. refletia o triste estado de uma cultura de consumo que vivia de números, levantamentos, comissões e níveis médios.

O júri mostrou-se encantado.

Durante meia hora, com a devoção de um Lutero matemático, o articulado Harvey Underwood descreveu os métodos de exemplos seletivos — como o público era dividido em subpúblicos, como se procediam as entrevistas estratificadas a esmo, como as respostas das perguntas eram supridas ao equipamento da IBM e os resultados avaliados. E para a sua aparição no tribunal, Underwood trouxera os apuramentos de uma sondagem de opinião pública dedicada a questões relacionadas com hábitos pessoais, estatísticas e posses das pessoas entrevistadas.

— É muito intrincado — declarou Harvey Underwood aos jurados. — Junto com a nossa própria sondagem, coordenamos as empreendidas pela Associação de Livreiros Americanos e a United Press International, assim como os dados estatísticos proporcionados pela Agência de Recenseamento dos Estados Unidos durante todo o ano de 1966. Suprimos todos esses dados aos nossos computadores e o que se obteve com exatidão matemática é um perfil do habitante médio dos Estados Unidos. Desse modo, pela primeira vez, conseguimos um retrato completo da pessoa média na comunidade americana típica... e pela primeira vez, Mr. Duncan, o senhor irá dispor de testemunhas, ou de uma testemunha, para exprimir aquele artigo do Código Penal da Califórnia que estatui: "Pornográfico significa que para a pessoa média, segundo os critérios contemporâneos, o atrativo predominante da matéria, considerada em conjunto, é de interesse libidinoso."

— Mr. Underwood, o senhor poderia dar-nos esse perfil científico da pessoa média?

A essa altura, Mike Barrett, já refeito, e agindo perante um júri completamente sucumbido, levantou-se para protestar.

— Protesto, com a devida vênia do tribunal. A pergunta implica em especulação por parte da testemunha.

O juiz Upshaw ergueu ambas as mãos para que Barrett e Duncan se aproximassem e também chamou o estenotipista.

— Queiram aproximar-se, por favor, cavalheiros. Depois pediu que Barrett se alongasse sobre os motivos de seu protesto.

Barrett explicou que era impossível haver um perfil da pessoa média, por mais científico que fosse.

— O termo “médio” geralmente refere-se ao significado aritmético. Só pode ser aplicado com precisão a algarismos. No máximo, um homem médio há de ser apenas um homem ordinário, comum ou conformista, não um “significado” vivo derivado da soma de parcelas díspares. Como Richard Scammon, ex-diretor da Agência de Recenseamento dos Estados Unidos, e Ben Wattenberg declararam em Estes B. U. A. (This U. S. A.) “Os meeiros do Mississippi e os comutadores de Marin County, Califórnia, não constituem “média” para os operários da indústria de Toledo. Um bacharel em física e um reprovado no curso colegial não podem ser tomados como média de uma instrução universitária para dois. Da mesma forma, um homem que ganhe cem mil dólares por ano e cinco que ganhem quatro mil não significa que seis estejam ganhando vinte mil por ano... o conceito de pessoa média, embora conveniente, é geralmente absurdo.

O juiz esperou pela reação do Promotor Público.

— Meritíssimo, permita-me citar um pouco mais da mesmíssima fonte a que o advogado da defesa recorreu — disse Duncan. — Scammon e Wattenbergg dizem: “Podemos legitimamente falar do homem “médio”... porque todos os fatos dados a seu respeito são válidos para a maioria dos lares americanos... Por exemplo, mais de noventa por cento dos lares americanos possuem, pelo menos, um aparelho de rádio. É exato, portanto, atribuir um aparelho de rádio a um lar “típico” ou “médio”. Além do mais. Meritíssimo, recolher estatísticas desse tipo já se tornou um empenho científico. As estatísticas realmente existem, e de fato revelam para nós uma

pessoa média, e a minha testemunha é um especialista nesse apuramento de fatos.

O juiz Upshaw ponderou a questão, e por fim virou-se para Barrett.

— Mr. Barrett, o termo “homem médio” faz parte do código penal nesse caso. O problema é simplesmente de definição. Já dediquei um pouco de estudo pessoal à matéria, e encontrei um conceito que dá algum sentido ao termo — abriu uma pasta de arquivo em cima da mesa e pôs-se a procurar no meio das suas anotações. Achou o que queria. O juiz Vincent A. Carroll, titular do Tribunal de Acções Ordinárias da Comarca de Filadélfia, deu a seguinte definição durante um caso semelhante: “O material será agora julgado segundo o seu efeito sobre a pessoa média na colectividade. A fim de relacionar esse termo com o específico, consideramos que a pessoa média pode muito bem ser um composto dos jurados que observamos durante os nossos quarenta e cinco anos de prática forense e no exercício da magistratura. Uma pessoa dessas não é nenhum santo nem pecador volitivo.

Não é crítico literário nem queimador de livros. é, realmente, uma pessoa média, com entusiasmos médios, preconceitos médios, e com propensão normal para a atividade sexual (que felizmente, para a maioria, é dedicada à procriação da espécie), mas que, se dispuser de estímulo erótico suficiente, pode ser desvirtuada para se lançar numa conduta sexualmente anormal ou ilícita. Eis, portanto, a pessoa média, a quem aplicamos o critério contemporâneo da colectividade.” Ora, quase tudo isso, a meu ver, se aplica ao presente caso. E, se o Promotor Público é capaz de ampliar a definição de “pessoa média” por meio de prova científica, creio que se deve permitir que o faça. O seu protesto, Mr. Barrett, fica indeferido. Mr. Duncan poderá continuar o interrogatório e quanto ao senhor, Mr. Barrett, se quiser aprofundar ainda mais a validade da existência de um “homem médio”, sugiro que espere pela sua vez de inquirir a testemunha... Queira prosseguir, Mr. Duncan.

— Obrigado, Meritíssimo.

Exultante com a vitória. Elmo Duncan voltou ao banco das testemunhas.

Decepcionado, Barrett dirigiu-se à mesa da defesa e, ao sentar-se, ouviu o Promotor Público recomençar: — Mr. Underwood, repetindo a minha pergunta, o senhor poderia dar-nos, baseado nas suas pesquisas científicas, um perfil exato da pessoa média?

— Pois não.

Sem consultar notas, os dentes tiquetaqueando tal como uma máquina de somar, Harvey Underwood apresentou os resultados dos seus apuramentos.

— Uma vez que estamos a tratar de um romance neste julgamento, fizemos testes e descobrimos que o leitor médio de romances, entre a média de cidadãos em nossas colectividades, é a mulher. Por isso comentarei a mulher média deste país na atualidade.

Ela é caucásica, protestante, teve pelo menos doze anos de instrução regular... uma década atrás a mulher média tinha tido apenas dez. Tem vinte e quatro anos de idade, um metro e sessenta de altura e pesa sessenta e dois quilos. Casa-se aos vinte com um homem dois anos mais velho. Possui dois filhos. Ela e o marido compartilham o carro e professam a mesma fé religiosa. Vai à igreja duas vezes por mês. O marido tem um serviço manual ou de escritório e ganha 7114 dólares anuais. A nossa mulher média reside em região urbana, numa cidade com população inferior a cem mil habitantes, o que qualifica Oakwood dentro dessa categoria. Ela mora numa casa de cinco divisões, avaliada em 11900 dólares. Metade desse valor está hipotecada. O apartamento possui casa de banho ou duche, vaso sanitário com descarga, eletricidade, telefone, aparelho de televisão e máquina de lavar roupa; não tem ar condicionado, nem secador de roupas, nem congelador. A mulher média passa sete horas por dia ocupada em trabalhos domésticos, três das quais na cozinha. Aí o senhor tem-na num perfil exato.

— Mr. Underwood, o senhor conhece alguém que preencha, aproximadamente, essa média?

— Conheço várias, e escolhi uma moradora de Oakwood que satisfaz, exatamente, essas estatísticas. Ela prontificou-se a depor nesta causa.

— Obrigado, Mr. Underwood. Agora, voltando por um instante às suas estatísticas...

Barrett deixou de prestar atenção. Estava a escrever diversos lembretes para si mesmo.

Dez minutos depois, Mike Barrett pôs-se de pé para inquirir Harvey Underwood.

— Mr. Underwood, voltemos ao texto legal da seção sobre censura no Código Penal da Califórnia. Aquilo refere-se à “pessoa média”, não é verdade?

— Precisamente.

— E o senhor acha que se pode chegar a essa pessoa média através de estatísticas?

— Acho.

— Bem, nesse caso, Mr. Underwood, o senhor terá de me explicar um pouco mais o que vem a ser essa pessoa média. Quando recorro às suas estatísticas, encontro um resultado estranho. No meu modo de entender, cinquenta e um por cento da população dos Estados Unidos é feminina, ao passo que quarenta e nove por cento é masculina.

Segundo o que o senhor disse, isso significa que a média americana é apenas feminina.

Pergunto-lhe se isso é verdade.

A carranca de Underwood aumentou.

— Claro que não. Não se pode tirar a média de dois absolutos.

— Ah, não se pode?

— Eu referi-me a conceitos que podem ser convertidos em estatísticas, tais como a idade e a renda... um conceito onde um total pode ser dividido pelo número de pessoas entrevistadas para obter uma média ou meio.

— Bom, eu fico-lhe grato por querer falar a respeito de algarismos, Mr. Underwood, mas eu quero falar a respeito de pessoas... ou, mais explicitamente, da pessoa média mencionada no Código Penal. Deixe-me fazer-lhe esta pergunta. Suponhamos que cinquenta por cento de todos os americanos fossem masculinos e cinquenta por cento femininos. O americano médio não seria um efeminado?

— Protesto, Meritíssimo!

— Retiro a pergunta, Meritíssimo — disse Barrett com falsa seriedade. — Muito bem, Mr. Underwood, continuemos...

Às três e quarenta e cinco da tarde, o promotor público Duncan apresentou a mulher média como sua próxima testemunha.

Chamava-se Anne Lou White e morava numa casa de cinco divisões com o marido (dois anos mais velho) e dois filhos na colectividade de Oakwood, Califórnia, no município de Los Angeles.

Tinha a beleza morta de uma cara insossa de anúncio de colírio e a voz lembrava um pianíssimo de soprano. Olhos arregalados, toda sorridente, e resolvida a ser absolutamente sincera.

Ágil e cativante, Elmo Duncan, extraiu-lhe as respostas ensaiadas. O desempenho foi rigorosamente exato, rápido e perfeito.

Após vinte minutos de tête-à-tête, estabelecida e dramatizada a tipicidade média de Mrs. White, Duncan fez as perguntas cruciais.

— Mrs. White, a senhora leu um romance chamado Os Sete Minutos de J J Jadway?

— Li. Não foi fácil. Era repugnante. Mas forcei-me a ler do princípio ao fim.

— Como pessoa média da sua colectividade, segundo os critérios contemporâneos, qual foi a sua reacção a esse livro?

— Achei-o revoltante mente pornográfico.

— Pareceu-lhe que ultrapassava os limites habituais de franqueza em matéria de descrições, de nudez, sexo e excreção?

— Ultrapassava todos os limites aceitáveis de franqueza. Estou acostumada a ler obras francas e realistas. Mas Os Sete Minutos faz parte do que se deve lançar na lixeira.

— Ah, ah... mas a mulher média dispõe de lixeira?

— Não, e eu não tenho. Mas se a tivesse lançaria o livro nela.

— Mrs. White, a senhora encontrou alguma coisa no romance que pudesse ser considerada como tendo "importância social compensatória"?

— Era só sexo e sexo, e mais nada. Depois que acabei de ler, senti vontade de lavar as mãos. Nunca vi leitura mais imoral.

— Obrigada, Mrs. White.

Na mesa da defesa, Mike Barrett estava a ferver. Por algum motivo, esse produto das sondagens e computadores de Underwood enfurecia-o mais do que qualquer outra testemunha que escutara durante o dia inteiro. Talvez fosse porque ela fazia lembrar Faye Osborn. Eram diferentes em todos os sentidos, essa criatura criada por computador e Faye.

E no entanto pareciam-se. Como Faye, Anne Lou White mantinha uma atitude hipócrita, antisséptica, em relação ao livro. Ainda mais irritante era a sua presunção virtuosa.

Zelkin sacudiu-lhe o braço.

— É a sua vez, Mike.

— Vou fazer uma verdadeira mixórdia com ela — resmungou Barrett.

— Vá com calma — aconselhou Zelkin. — O júri está a identificar-se com ela. Ela pertence ao meio deles. Não os hostilize.

Levantando-se de mãos nos bolsos das calças, Mike Barrett encaminhou-se para o banco das testemunhas onde Mrs. Anne Lou White exultava de satisfação.

— Mrs. White — disse Barrett —, uma vez que a senhora é a primeira mulher média que tenho o prazer de conhecer, estou ansioso por saber mais coisas sobre as suas preferências.

Não em matéria de alimentação ou móveis, mas de livros. Sinto-me curioso em saber se os seus hábitos de leitura são médios.

— São, sim — afirmou ela.

— Como é que a senhora sabe?

— Porque... ora, porque leio muito, todas as coisas populares que recebem na biblioteca e as edições de bolso. Só as coisas mais corriqueiras, nada de coisas profundas que não entendo nunca. Tenho a certeza de que as minhas preferências em matéria de leitura são médias.

— Já leu A Caldeira do Diabo, de Grace Metalious?

— Claro que não!

— Já leu O Pequeno Cemitério de Deus, de Erskine Caldwell?

— Não, não li.

— Já leu O Amante de Lady Chatterley, de D. H. Lawrence?

— Deus me livre.

— Já leu No seu Rastro, de Charles Sheldon?

— Não. Nunca ouvi falar.

— Muito bem, Mrs. White. Então, segundo o critério de Mr. Underwood, os seus hábitos de leitura estão longe da média. Esses quatro romances que mencionei venderam, em edições encadernadas e de bolso, mais de trinta milhões de exemplares só neste país.

São quatro dos cinco livros mais vendidos em toda a história editorial americana.

O sorriso de Anne Lou White evaporou: — Bom, isto parece-me escandaloso. Tenho a certeza de que o americano médio não leu esses quatro livros.

— Mrs. White, na sua opinião, o americano médio leria Os Sete Minutos?

— De maneira nenhuma.

— Mas a senhora é média e leu, não leu?

— Eu... eu li porque me pediram que lesse para este julgamento.

— De contrário não teria lido?

— Com toda a certeza. Não perco tempo com leituras pornográficas.

— Mas Mrs. White, como é que a senhora sabe se um livro é pornográfico antes de lê-lo?

— Não se precisa tomar veneno para saber que é perigoso.

O sarcasmo lembrou-lhe que Faye Osborn empregara quase a mesma analogia, antes que se incumbisse do processo. Se essa mulher resultasse noutra fanática da pureza como Faye, ele iria ver-se mal. Resolveu averiguar.

— Bem, eu gostaria de pôr à prova a sua opinião sobre o que é e o que não é pornográfico, se possível.

— Pode perguntar.

Ele voltou à mesa e apanhou as quatro fotocópias que Zelkin lhe entregara.

Examinando-as, retornou lentamente até parar defronte da testemunha.

— Mrs. White, permita-me que lhe leia alguns trechos de traduções ou interpretações recentes de quatro livros populares,

todos escritos por autores famosos. Quando eu terminar de ler cada um destes trechos, quero que me diga, por favor, se na sua opinião ele é ou não é pornográfico. Pronta?

— Pode começar — disse ela hesitante. Ele deu início à leitura do primeiro.

— “Havia apenas um pormenor esquecido nesse trato: a maneira pela qual a mulher e eu seríamos obrigados a tirar a roupa e ir para a cama...”

Quando acabou, ele levantou a cabeça.

— Mrs. White, isto foi pornográfico ou não?

— Não — respondeu ela, com evidente alívio.

— Muito bem. Agora o segundo trecho. Começou a ler.

— “Ela despiu-se brutalmente, arrancando os frágeis cordões do espartilho com tanta violência que deslizaram pelos quadris com o silvo de uma serpente coleante. De pés descalços, na ponta dos dedos, foi certificar-se outra vez se a porta estava trancada e depois, com um movimento único, deixou cair as roupas no chão; até que afinal, pálida e séria, sem uma só palavra, lançou-se ao peito dele com prolongado frêmito.”

Leu ainda o parágrafo seguinte e, por fim, olhou para a testemunha.

— Pornográfico ou não? — perguntou.

— Não.

— Obrigado, Mrs. White. Agora o terceiro. Leu devagar o terceiro trecho.

— “O gerente contemplou a bela prenda, tão linda, tão sedutora, tão difícil de ser obtida, e tomou estranhas resoluções. A sua paixão atingira agora aquela fase em que não podia já raciocinar. Não se preocupou com pequenos obstáculos dessa espécie à vista de tamanha beleza. Aceitaria a situação com todos os seus inconvenientes; não tentaria responder às objeções que a fria realidade lhe lançava no rosto. Prometeria qualquer coisa, tudo, confiante em que a sorte o libertasse. Faria uma experiência com o Paraíso...”

Barrett levantou a cabeça.

— Mrs. White, diga-nos, pornográfico ou não? Ela teve um sorriso adenoidal.

— Não. De maneira alguma.

— Finalmente, o quarto e último trecho. Na verdade, estas passagens são extensas de mais para citar com minúcias. Se a senhora não se importa, tomarei a liberdade de resumi-las um pouco... quando eu terminar, mostro-lhe os parágrafos originais marcados no livro...

e lerei também certas palavras e frases desta obra.

Passou os olhos pela folha que tinha na mão.

— Temos aqui um rapaz casado com uma moça, mas que não pode consumir o casamento. Ele morre e a esposa fica viúva. Aí então o irmão do finado aparece diante da viúva, disposto a fecundá-la. Seja antes ou durante o coito, tem tempo de refletir sobre o que está a fazer. Ele abstém-se de lhe dar o sêmen, preferindo masturbar-se. Mais tarde, outra aventura na vida dessa jovem viúva. Ela está irritada com o sogro. Quer denunciar a devassidão dele. Um dia, disfarça-se de prostituta, permitindo que o sogro copule com ela. Quando o sogro descobre que a nora viúva está grávida, quer puni-la, mas é denunciado como autor da gravidez.

A seguir, Barrett começou a ler frases e palavras do livro. Aqui "toda a gente relinchava atrás da mulher do próximo". Ali havia "prostituição" e "bordeleiros" e a descrição de uma violação. E depois "seios", "tetos", "nádegas descobertas", "esterco", "urina", "fornicadores" e "libidinagem".

Ele parou.

— Acho que basta. Agora, diga-me, Mrs. White, esse livro é pornográfico ou não?

— É — respondeu ela. — Completa e decididamente pornográfico.

— Talvez a senhora, Mrs. White, queira ver as fotocópias dos quatro livros em questão, cada uma marcada numericamente pela ordem em que foi lida.

Colocou as fotocópias sobre o parapeito do banco das testemunhas, mas ela não os tocou. Ficou à espera.

Barrett virou-se um pouco para o júri e depois tornou a confrontar a mulher média.

— Mrs. White, o primeiro trecho que li para a senhora foi a passagem mais sugestiva que pude encontrar em *Uma Viagem Sentimental pela França e Itália*, de Sterne. A senhora disse que não era pornográfica. No entanto em 1819 o livro foi considerado imoral pelo Vaticano e proibido no mundo inteiro. O segundo trecho foi um dos mais controversos de *Madame Bovary*, de Flaubert. A senhora disse que essa passagem não era pornográfica. Mas em 1856, quando o romance de Flaubert foi publicado na França, levaram-no aos tribunais sob acusação de imoralidade, e até recentemente, em 1954, viu-se incluído na lista negra por certos grupos puritanos nos Estados Unidos. O terceiro trecho era um dos mais sugestivos de *Carolina*, de Theodore Dreiser. A senhora disse que ele não era pornográfico. No entanto, em 1900, quando o livro saiu, ficou proibido em Boston, e, para evitar novas acusações de obscenidade, retirado da circulação e suprimido. Quanto ao quarto e último livro de que fiz citações, o único trecho que a senhora disse que era pornográfico, totalmente pornográfico, esse trecho foi tirado de uma tradução moderna do Antigo Testamento da Bíblia Sagrada!

Por um instante, Mrs. White ficou em estado de choque. Com um esforço, começou a recuperar-se.

— Is... isso é um truque barato — gaguejou, ainda abalada. Barrett ignorou a sua aflição.

— Mrs. White, a senhora ainda acha que tem a certeza de que pode reconhecer o que é pornográfico ou não?

Mrs. White começou a atrapalhar-se,

— Não é a mesma coisa... o senhor tirou aquele material da Bíblia... todas aquelas palavras... de uma porção de capítulos diferentes da Bíblia...

O juiz Upshaw interrompeu.

— Mrs. White, a senhora deve responder à pergunta do advogado de defesa... senhor escrivão, a resposta está cancelada por não ser responsiva. Repita a pergunta, por favor.

A pergunta foi repetida.

— Naturalmente que sei o que é pornográfico ou não! — exclamou ela. — Estou tentando dizer que a Bíblia não é pornográfica. Qualquer pessoa sabe disso. Toda a gente sabe que é o Livro Sagrado. Quando não é lido por completo, da maneira mais espiritual, quando se separam palavras ou se modernizam certos costumes, colocando-os em linguagem moderna, evidente que ficam com um aspecto horrível. Como eu disse, é um truque que o senhor...

Barrett olhou para o juiz.

— Meritíssimo, eu não desejo de modo algum entrar no mérito da questão. Mas já que a testemunha impugna os meus motivos, o senhor dá licença de responder e esclarecer esse aspecto da inquirição?

— Prossiga — autorizou o juiz laconicamente. Barrett olhou outra vez para a testemunha.

— Mrs. White, em 1895 um habitante de Clay Center, Kansas, foi preso e considerado culpado por fornecer escritos pornográficos pelo correio... citações imorais... e foi com muito embaraço que a acusação mais tarde descobriu que essas citações eram simplesmente trechos da Bíblia. Como a senhora insinuou, qualquer coisa pode ser considerada pornográfica, se for lida em parte, fora do contexto. Em 1928, Radclyffe Hall publicou uma história triste e delicada sobre duas lésbicas. Esse romance, chamado O Poço da Solidão, não continha linguagem de baixo calão, nem francas descrições sexuais. Era um apelo digno para o público tratar o homossexualismo feminino com tolerância. No entanto, escorada numa definição obsoleta de pornografia estatuída pelo ministro Cockburn, do Supremo Tribunal, em 1868, uma frase isolada do contexto bastou, de fato, para condenar o livro.

A frase encontrada em O Poço da Solidão dizia: — E naquela noite elas não se separaram.”

Sete palavras foram suficientes para condenar o livro todo. Mas quando o juiz Woolsey, em sua opinião sobre Ulisses, anunciou que um livro devia ser julgado “na sua totalidade”, um critério novo e melhor ficou estabelecido para orientar normas a respeito de imoralidade.

“Não, Mrs. White, a senhora e eu não divergimos sobre esse ponto. Nenhuma obra deve ser julgada por passagens isoladas do contexto. Todas as obras, inclusive a Bíblia, devem ser examinadas como um todo. Ao recorrer a trechos, tentei meramente mostrar como é difícil para qualquer um, mesmo para a pessoa média justificadamente preocupada, saber o que realmente é pornográfico ou não para terceiros. Lógico que estou de inteiro acordo com a senhora a respeito da Bíblia. Nem por um momento acredito que ela seja pornográfica. Contudo, há quem discorde de nós dois. Havelock-Ellis declarou: “Parece não haver nenhuma definição de pornografia que não condene a Bíblia.” De fato, em estudos que Ellis fez com crianças, descobriu que muitas ficavam sexualmente confusas, possivelmente excitadas, com trechos da Bíblia. Por exemplo, a história que lhe resumi do irmão que vai fornicar com a cunhada e depois se masturba... isso, naturalmente, foi do Capítulo Trinta e Oito do gênesis, onde Onan jorra seu sêmen sobre o solo, acrescentando assim a palavra “onanismo”, sinônimo de “masturbação”, ao nosso vocabulário. No entanto nós concordamos em que, considerada em conjunto, a Bíblia é literatura proveitosa, porque reproduz não só a realidade da vida, em toda a sua fúria, violência e perversões, como também a sua maravilha e beleza. Quando a Bíblia trata de sexo, ainda que essa forma de retratá-lo possa evocar imagens lascivas e desejo sexual no leitor, não é considerada nociva, porque é verdadeira. O juiz Jerome Frank observou que nenhuma pessoa equilibrada podia acreditar que fosse socialmente prejudicial que os desejos sexuais conduzissem ao comportamento sexual normal, pois sem esse comportamento a espécie humana logo se extinguiria. É por isso, Mrs. White, que...

Mrs. White começou a ficar furiosa.

— Mas o senhor transformou a Bíblia numa coisa suja, só para me confundir.

— Eu não poderia transformá-la numa coisa suja, porque, repito, ela não o é, Naquele tempo eles também faziam amor. Procriavam e...

Elmo Duncan pôs-se de pé.

— Protesto, Meritíssimo! Creio sinceramente que o nobre colega está a exceder-se.

Protesto sob a alegação de que ele persiste em entrar no mérito da questão.

— Protesto aceito.

— Desculpe, Meritíssimo — disse Barrett.

Mas Mrs. White ainda não tinha acabado. Segurou alto as fotocópias e começou a ralar com Barrett.

— E os outros três trechos de Flaubert, Dreiser e... e Sterne. Pouco me interessa o que aconteceu no passado com os livros deles, que uma vez tenham sido chamados pornográficos. Insisto em que hoje em dia eles não o são, porque estamos tratando dos dias atuais, critérios da comunidade de hoje...

— Justamente, e como continuam a mudar. Ora, portanto...

— ... e estamos tratando de Os Sete Minutos, é disso que estamos tratando — prosseguiu Mrs. White. — Que não reproduz a vida como a Bíblia. Que apenas reproduz a mentalidade doentia de um pornógrafo.

Barrett notou que o juiz Upshaw se achava prestes a exortar a testemunha a cessar o debate, desistindo ao perceber que Barrett estava disposto a continuar.

— Mrs. White, voltemos a Os Sete Minutos.

Virou-se e pediu formalmente o Instrumento de Prova número Três da acusação; e assim que recebeu o exemplar do tribunal do livro de Jadway das mãos do escrivão, folheou-o até encontrar um trecho inicial do romance. Assinalou-o com um grampo de papel e depois procurou outra passagem perto do fim, marcando-a com outro grampo.

Entregou o volume a Mrs. White.

— A senhora há-de reparar, Mrs. White — disse Barrett —, que eu marquei duas cenas em Os Sete Minutos... cada uma não ultrapassa uma página... e agora gostaria que as lesse em voz alta para o tribunal.

Mrs. White manteve o livro aberto no colo. Deu uma olhadela na primeira cena, passou à segunda, depois fechou o livro com estrépito, devolvendo-o a Barrett.

— Recuso-me a ler isto em voz alta. Porque haveria de fazê-lo?

— Simplesmente para esclarecer o júri do assunto de que ele trata — retrucou Barrett —, antes de discutirmos estes trechos.

O juiz Upshaw inclinou-se para a testemunha.

— Mrs. White, o pedido do advogado de defesa não tem nada de absurdo. Claro que a senhora não está obrigada a ler os trechos em voz alta, se não quiser.

— Não quero, não. O advogado de defesa que os leia em voz alta.

Barrett encolheu os ombros.

— Dispensó a leitura, Meritíssimo. O júri talvez já conheça suficientemente bem as cenas em questão. Gostaria de interrogar a testemunha sobre essas duas cenas, se o senhor me permite.

— Prossiga — disse o juiz Upshaw.

Barrett virou-se mais uma vez para a testemunha. A cara de torta de maçã já não parecia bonita.

— Mrs. White, como pessoa média, quais são as objeções que faz a essas passagens?

— Por um lado, a linguagem, as palavras feias.

Barrett hesitou. Ocorreu-lhe a advertência de dois psicanalistas, os Drs. Eberhard e Phyllis Kronhausen: “Se encorajarmos um paciente a usar uma palavra tabu que ele não se atreve a pronunciar, sem ao mesmo tempo lhe arrancar da consciência o torturante sentido de culpa, estaremos a causar-lhe mais mal do que bem. Essas tentativas seriam tão importantes como aconselhar a uma pessoa sexualmente inibida a entregar-se a seus desejos enquanto ainda está atormentada por sensações de remorso e vergonha. Contudo, depois que o paciente se vê liberto de culpa, aí então a livre expressão de ideias e palavras sob outros aspectos inaceitáveis seria muito preferível à sua supressão.” Mas como fazer agora para superar a sensação de vergonha da pessoa média? A linguagem de Os Sete Minutos tinha de ser discutida abertamente e ele precisava levar a testemunha lentamente para esse terreno.

Mrs. White objetava contra a linguagem de Jadway, as palavras feias.

— Mrs. White, o grande filósofo chinês Confúcio escreveu uma vez: “Se a linguagem não for usada com correção, então o que é dito não é o que se quer dizer. Se o que é dito não é o que se quer dizer, então aquilo que devia ser feito deixa de sê-lo; se fica por fazer, a moral e a arte ficam corrompidas; se a moral e a arte ficam corrompidas, a justiça age mal, e se a justiça age mal, o povo é reduzido a uma irremediável confusão.” A senhora concorda com isto?

Ela mostrou-se cautelosa.

— Concordo em que as pessoas devem ter liberdade de dizer o que pensam.

— A senhora acha que os escritores devem ter liberdade de dizer o que pensam quando escrevem sobre sexo?

— Sim. Mas eles podem fazer isso sem recorrer a palavras indecentes... como as palavras nesse livro.

— A senhora pode ser mais explícita, Mrs. White, quanto às palavras que a ofendem em Os Sete Minutos?

— Ora, o senhor certamente não vai querer que eu as pronuncie.

— Então mostre-me quais são. Quero ver o que a senhora objeta — segurou o livro aberto para ela, que, inclinando-se para a frente, examinou as páginas e apontou as palavras.

— Ótimo, Mrs. White — disse Barrett. — Agradeço a cooperação. Agora, uma palavra que temos aqui é a palavra “foda” e a outra é “foder”. Qual é o motivo da sua objeção?

— São absolutamente indecentes.

— A senhora ficaria mais contente, Mrs. White, se o autor tivesse usado eufemismos e circunlóquios semelhantes a “eles dormiram juntos”, “tiveram relações íntimas” ou “fizeram amor”?

— Seria preferível. Eu compreenderia da mesma forma o que ele estava a querer dizer.

— Mas é nisso que a senhora se engana. Se Cathleen e o amante dormissem juntos, tivessem relações íntimas, fizessem amor, eles poderiam estar fazendo muitas outras coisas além de simplesmente foder — fez uma pausa. — Mrs. White, a palavra “foda” é a única palavra exata para esse determinado ato. Não pode ser confundida.

Uma vez que os eufemismos lhe dão a mesma imagem mental, porque a senhora considera a palavra exata como pornográfica?

— Porque nenhuma pessoa decente a usa.

Depois acrescentou triunfante: — Nem sequer consta dos dicionários:

Barrett queria que o júri ficasse de seu lado, por isso resolveu fazer uma concessão à última observação.

— A senhora tem toda a razão quanto aos dicionários, Mrs. White. Desde o Dicionário da Língua Inglesa, do Di Johnson, até o Dicionário de Inglês de Oxford e o Dicionário da Random House a palavra “foda” tem sido considerada tabu e omitida. O Novo Dicionário Webster Internacional também não a incluiu, porque, como os editores admitiram francamente, poderia perturbar certos leitores e provocar controvérsia e prejudicar comercialmente a obra de referência. Contudo, à medida que os homens ficam mais cultos e o ritmo da vida se acelera e as comunicações precisam tornar-se mais exatas, esta palavra está a ganhar aceitação em letras de forma, a exemplo de várias outras semelhantes. Eric Partridge, em seu Dicionário de Gíria e Inglês Anticonvencional usou-a e definiu-a. A senhora conhece a etimologia da palavra “foda”, Mrs. White?

— Não, não conheço.

— Ela tem uma história ilustre. Segundo Partridge, deriva de um termo alemão (Convém lembrar que a palavra, no texto original, é “fuck”.) que significa trepar, traçar, comer, sendo portanto usada como expressão de gíria para “copular”. Segundo Lord Kennet, escrevendo sob o pseudônimo de Wayland Young, o termo, por sua vez, deriva de palavras gregas, latinas e francesas, equivalentes a dar frutos, feto e felicidade. Daí que: “Nós temos prazer mútuo e geramos frutos... damos à luz em felicidade e tornamo-nos fecundos.” Para fazer isso, fodemos. De fato, Mrs. White, se a senhora estivesse familiarizada com Shakespeare ou Burns, Joyce ou D. H. Lawrence, conheceria essa palavra muito antes de encontrá-la em Os Sete Minutos. Tanto assim que, por ocasião do processo movido contra O Amante de Lady Chatterley, de D. H. Lawrence, na Inglaterra, em 1960, o Promotor Público, Mr. Griffith-Jones, descobriu e conseqüentemente informou o tribunal de que a palavra

foda ou foder ocorre nele nada menos que trinta vezes”. O que não impediu que o tribunal considerasse isso perfeitamente normal e absolvesse o livro. Além do que, ao noticiar o processo, o Guardian e o Observer, de Londres, usaram, com toda a franqueza e integridade, a palavra “foda” nas suas colunas. E nunca se soube que nenhum dos seus leitores ficasse corrompido por causa disso.

— O interesse desses jornais era aumentar a tiragem, tal como o de Jadway era vender mais exemplares do livro — retrucou Mrs. White com firmeza. — Continuo achando que está errado e que é imoral.

— Quem sabe, Mrs. White, se voltássemos a Os Sete Minutos e a outras expressões que a escandalizaram. A palavra seguinte da lista é “pica”. A senhora considera-a feia?

— Sem remissão.

— Os nossos dicionários etimológicos indicam que “pica” já tece vários sentidos e um é tão remoto que, de acordo com The Oxford English Dictionary, data de 1592, significando o termo de gíria “pênis”. A palavra equivale a tudo o que pica ou fura, possua uma ponta afiada como as esporas ou pontiaguda como um espinho ou um agulhão ou, realmente, o falo masculino. Ora, William Shakespeare usou-a exatamente como J J Jadway o fez. E a senhora ainda a considera obscena?

— Considero.

— Outra palavra que parece tê-la escandalizado é caralho, que significa “pequeno pau”

ou o falo masculino, derivado o termo do latim caraculu. Eu concordaria com a senhora se a chamasse grosseira, mas duvido que pudesse ser chamada obscena.

— Pois eu acho que é.

— E a senhora faz objeção à “camisa de Vénus”?

— Creio que sim. Faço, sim.

— “Camisa de Vénus” é definida como um ténue invólucro de proteção, geralmente feito de borracha, usado em torno do pênis durante a relação sexual ou coito para evitar a gravidez ou o contágio de moléstia venérea. Não posso imaginar o que existe de objetável numa expressão destas, que também tem uma história

longa e ilustre. Já nos tempos idos de 1560, o Dr. Fallopius inventou uma camisa de Vénus, mas de forma muito primitiva. Era um invólucro tosco, de linho, que quase ninguém usava. Depois, no século XVIII, um médico inglês chamado Dr. Condon criou um anticoncepcional menos incômodo, feito de bexiga de peixe e pelica. Do nome desse médico veio a palavra moderna ("Condom" no original.). Jadway, naturalmente, teve de recorrer a uma camisa de Vénus no livro, pois em 1934 ainda não havia pílulas nem injeções anticoncepcionais. Os lábios de Mrs. White tinham-se transformado num risco e Barrett, por um instante, hesitou em passar à última palavra que escandalizara a testemunha. Resolveu que devia continuar.

— Finalmente, Mrs. White, chegamos à última palavra que a senhora apontou, a palavra "cona". Jadway também usou essa expressão chula com dignidade. Ela remonta à linguagem inglesa da Idade Média. Deriva do latim *cunnu*, que significa fenda. Em 1387

Chaucer recorreu a ela, escrevendo: "Ele pegou-lhe pela cona." Em *A Décima Segunda Noite*, Shakespeare usou-a com todas as letras. Piero Aretino, o satirista italiano protegido dos papas romanos, no começo do século XVI, acrescentou exasperado: "Se a gente quiser que entendam o que se fala fora da Universidade de Roma, é preciso que se diga com toda a clareza foda, pica, cona e eu. Você... porque não diz sim quando quer dizer sim, e não quando quer dizer não...?" Mrs. White, a senhora não percebe o mérito literário do escritor de realismo sexual que diz sim quando quer dizer sim?

— Eu digo não quando quero dizer não — replicou ela. Um acesso de gargalhadas sacudiu o tribunal, e Barrett encarou a testemunha com mais respeito. O pudim não era tão mole como ele pensava.

— Mrs. White, compreenda o contexto da minha linha de interrogatório. Não estou a pretender que palavras chulas ou vulgares devem ser usadas por qualquer pessoa em toda a parte. Não digo que a senhora seja obrigada a usá-las ou ouvi-las. Quanto a mim, pessoalmente, não há dúvida que me sinto inibido de mais para usá-las frequentemente em público. Não porque tenham

qualquer coisa de mal, mas porque fui educado num meio que geralmente as repudia. Estou apenas a dizer que os escritores, desde Chaucer até Jadway, deviam ter a liberdade de usar palavras francas, exatas quando escrevem com realismo, dramaticamente, e tentam ser fiéis aos personagens e à época que descrevem. E tudo isso entre as capas de um livro que se pode pegar ou largar, ler ou rejeitar, à vontade. Jadway procurou essa liberdade. Grandes autores que o precederam, possuíram-na. Espero fazê-la concordar, Mrs. White, que J J Jadway, no seu esforço para ser fiel a seu talento, habilidade e enredo, na sua tentativa de escrever francamente e sem pejo, teve precedentes históricos para usar a linguagem directa encontrada em Os Sete Minutos.

— Não estou interessada em precedentes históricos, Mr. Barrett. Estou interessada em proteger a nossa moralidade nos dias de hoje, sobretudo a moralidade dos jovens, para que não decaia e enfraqueça como aconteceu com outras nações.

— Mrs. White, como representante do que é médio, a senhora crê que o estudante médio das nossas escolas secundárias, das nossas universidades, esteja sendo prejudicado, e até arruinado, pela leitura dessa espécie de linguagem?

— Certamente que creio. É terrível o que está acontecendo com a nossa juventude.

Eles usam palavras indecentes na linguagem quotidiana, abertamente, rabiscam a mesma coisa nas paredes, em lugares públicos, e naqueles horríveis jornaizinhos semanais que escrevem e distribuem, e por causa disso a próxima geração não terá o mínimo respeito pela decência e rirá da moralidade. E porque estão a fazer isso? De quem é a culpa? Eu posso dizer-lhe. É porque encontraram essas palavras em livros como Os Sete Minutos e andam hipnotizados por profetas malignos como J J Jadway — parou, triunfante, e depois desafiou Barrett: — Que mais os levaria a usar uma linguagem indecente dessas?

— Mrs. White, ainda que em princípio seja eu quem formule as perguntas e a senhora dê as respostas, terei o maior prazer em responder-lhe se tiver licença para tanto — levantou os olhos para o juiz Upshaw, que permaneceu impassível. Esperou o protesto de

Duncan, que não veio. Continuou: — Mrs. White, há muitas autoridades eruditas que não acreditam que a juventude de hoje use expressões grosseiras na linguagem quotidiana por ter sido corrompida ou hipnotizada por livros realistas. Em vez disso, elas explicam a profilaxia dessas vulgaridades, com mais frequência, como meio de escândalo e rebeldia contra as instituições, contra os adultos, que lhe impuseram um critério e um modo de vida, muitas vezes repressivos, cínicos e hipócritas, de que eles não gostam. Essa linguagem é uma espécie de toque de reunir para os que querem exterminar as velharias, culpas, temores, vergonhas e inibições, dando lugar ao que eles esperam que seja uma sociedade melhor e mais saudável. As palavras são apenas um pequeno sintoma de uma grande e crescente revolução em matéria de opiniões e atitudes sobre a maneira como as pessoas maduras poderão conviver mais proveitosamente. Eu creio que talvez seja essa vontade de melhorar, e não os livros realistas, que tornou o emprego de palavras mais comum hoje em dia do que em qualquer outra época desde a licenciosa Era Elizabetana. Isso responde à sua pergunta, Mrs. White?

— Não, não responde. Se não fosse pelos livros imorais, a maioria deles nem sequer conheceria essas palavras.

— Nem sequer conheceria? Ora, mas se muito tempo antes de circularem os primeiros livros impressos, grande parte dessas velhas palavras já pertenciam à linguagem comum!

Não tem importância. Talvez seja melhor prosseguirmos.

Barrett levantou o livro.

— Mrs. White, além das palavras anticonvencionais, consagradas pelo uso, que se encontram nestas páginas, termos empregados por toda a espécie de gente na América, que mais a scandalizou nessas duas cenas?

— O assunto de que tratam. O que aquela mulher está a fazer. O autor... ele não precisava de escrever sobre isso.

— Vejamos o que Cathleen faz nesta primeira cena. Ela lembra-se de quando tinha dezoito anos, desejar um homem e com medo de tê-lo. Mas ela precisa de desabafo sexual.

Leamos em voz alta: “Finalmente ela ficou nua, e agora sabia que não eram as roupas que a tinham deixado com calor mas a própria pele, a pele em fogo — e, o mais torturante de tudo, o ardor Implacável no meio das coxas. Aquilo tinha de parar, senão morreria. Balançou-se para a frente e para trás na beira da cama, apertando as coxas para sufocar o ardor, ora abrindo-as, ora aproximando-as cada vez mais, esfregando uma na outra até que a dor ficou insuportável. Continuou assim por vários minutos, de olhos fechados, sacudindo a cabeça, gemendo, até que, finalmente, caiu de costas, retorcendo-se, até ficar toda na cama; depois, permanecendo rígida enquanto passava a mão pela barriga, a fazer massagem, descendo sempre até os dedos trémulos tocarem no sedoso cabelo púbico e finalmente atingirem o minúsculo gomo protuberante; e então, a princípio delicadamente, acariciou-o e fez massagem nele, acelerando cada vez mais e mais...” — Barrett ergueu os olhos para a testemunha. — Ela está simplesmente a masturbar-se, Mrs. White, e do modo que está escrito...

— É obsceno! Não tem outra finalidade senão excitar gente anormal.

— Mas no contexto do livro todo, esta cena tem uma finalidade importante, Mrs. White, como testemunharão os especialistas em literatura, da defesa. E esta segunda cena. Simples carícias que precedem o coito, e o ato sexual com a mulher por cima do homem. A senhora considera isso obsceno?

— Totalmente.

— Considera esses trechos como ultrapassando os critérios contemporâneos de conduta na sua comunidade?

— Considero, sim.

— Como mulher média de Oakwood, Mrs. White, a senhora pode dizer o que faz a moça solteira média para obter desabafo sexual, se não tem relações pré-conjugais com um homem... e como se comporta a jovem casada na cama com o marido?

— Protesto, Meritíssimo! — rugiu Duncan. — A testemunha não dispõe de conhecimento em primeira mão sobre o comportamento de outras mulheres solteiras ou casadas.

— Protesto aceito. Barrett curvou a cabeça,

— Muito bem, Mrs. White, então, tomemos a senhora. A senhora é uma pessoa média, conforme já disseram. Talvez esteja disposta a falar a respeito da sua própria experiência sexual...

— Protesto, Meritíssimo, por carecer de importância.

— Aceite.

— Mrs. White, a senhora sabia que a moça média nos Estados Unidos efetivamente se masturba e que a mulher casada média assume frequentemente a posição de cavaleiro sobre o cônjuge durante o coito? Segundo as pesquisas do Dr. Alfred C. Kinsey a respeito do comportamento feminino, em cada dez mulheres seis masturbam-se em determinada época das suas vidas, e quarenta e cinco por cento delas atingem o orgasmo em três minutos ou menos, e em carícias que precedem o coito, noventa e um por cento de todas as mulheres estimulam manualmente o órgão genital masculino e cinquenta e quatro por cento permitem que os homens estimulem oralmente o órgão genital feminino, e cinquenta e dois por cento das mulheres confirmaram que mantinham relações sexuais deitadas por cima do parceiro masculino, e...

— Meritíssimo — bradou Duncan —, protesto por carecer de importância e levantar controvérsia.

— Protesto aceito por carecer de importância. Barrett olhou fixamente para Mrs.

White, depois para

Duncan, e finalmente para o juiz.

— Declaro-me satisfeito com a nossa testemunha média, Meritíssimo.

Depois de voltar a ocupar a cadeira ao lado de Zelkin e à mesa da defesa, Barrett sabia que, embora estivesse, satisfeito com a inquirição que fizera a Mrs. White, não granjeara a estima dos jurados. Ignorando o preceito inculcado na faculdade de direito de que ao interrogar uma testemunha o advogado está realmente a dirigir-se ao júri, deixara-se envolver emocionalmente com a testemunha, em vez de se concentrar na impressão que causava aos doze jurados. Entregara-se à indignação pessoal contra o farisaísmo e pudicícia da classe média, e provavelmente ofendera jurados que pertenciam à própria classe média.

Falara de certos assuntos que precisavam de ser ventilados, esquecendo, na sua paixão, que se não achava em sala de aula, mas de tribunal, e agora, ao lembrar-se da sua obrigação perante o constituinte, lamentava as suas explosões e a maneira como molestara e atormentara a testemunha. O compromisso que assumira com a causa começava a toldar-lhe a objetividade. Era isso, disse consigo mesmo, isso e esse interminável dia abrasador.

Os seus nervos estavam tensos e propensos ao desgaste.

Agora, desanimado, emocionalmente exausto, Barrett tentou prestar atenção ao interrogatório sereno, vivamente compassado, que o Procurador Público fazia à última testemunha do dia.

Com essa testemunha. Paul Van Fleet, a acusação dava início à derradeira fase tradicional da sua ação — apresentando “opiniões abalizadas de pessoas qualificadas a emitir tais opiniões” — opiniões de pessoas que sustentariam a afirmação da acusação de que Os Sete Minutos era uma obra pornográfica sem importância social compensatória.

Às perguntas de Duncan, as respostas da testemunha estabeleceram o fato de que poucos críticos literários americanos estavam mais bem qualificados para discutir o mérito ou a falta de mérito de um livro do que Paul Van Fleet. Embora o jovem crítico, de olhar sonolento e voz anasalada, talvez fosse excessivamente inclinado à hipérbole e erudição para gozar da total compreensão do júri, Barrett teve de reconhecer consigo mesmo que a testemunha estava a mostrar-se eficiente.

O fato de que Van Fleet era obviamente homossexual — corriam boatos persistentes de que certa vez casara com uma viúva com segundas intenções, para poder possuir mais facilmente o belo filho adolescente — não parecia influenciar os jurados. Segundo Barrett, eles tão-pouco compreendiam que Van Fleet se mostraria automaticamente hostil a um romance que era, antes de mais nada, uma ode ao heterossexualismo sadio e vigoroso, com todos os corolários correspondentes. Barrett achou provável que, em vez disso, interpretassem as características divergentes de Van Fleet — como provavelmente interpretariam as idiossincrasias de tantos homossexuais famosos em todos os sectores artísticos — como

prova de uma qualidade esotérica especial que atestava cultura e juízo estético superiores. Além disso, as credenciais literárias de Van Fleet eram irrefutáveis: três coleções publicadas de ensaios eruditos consagrados a temas como Ellen Glasgow, Lytton Strachey, a morte do romance freudiano, Hart Crane, Ronald Firbank, polêmica e o artista plástico; uma série de artigos críticos na *Partisan Review*, no *New York Review of Books*, *Encounter*, *Commentary*, com uma seção ocasional, muito lida e bem paga, no *New Yorker*; e juiz frequente nos *National Books Awards*.

— A sua opinião sobre *Os Sete Minutos*?

— Não há nada de extraordinário, Mr. Duncan, em que o braço da literatura fique de vez em quando desfigurado por imperfeições... pequenos furúnculos ou pápulas de livros que se inflamam em pouco tempo, arrebentam e desaparecem. *Os Sete Minutos* é um desses furúnculos que incham até assumir proporções perigosas com a publicidade deste julgamento, É meu dever, como um dos protetores do belo braço da literatura, lancetar esse furúnculo nesta oportunidade, a fim de que o pus da sua licenciosidade seja drenado, a imperfeição erradicada, e a boa saúde da literatura recuperada. Em resposta à sua indagação, não tenho apenas o prazer como também o dever, como guardião do bom gosto americano, de confirmar-lhe que o romance do finado Mr. Jadway, *Os Sete Minutos*, é completamente destituído de mérito literário ou social. Ele está para a literatura assim como um cartão-postal pornográfico francês está para a pintura. É obsceno no sentido mais rematado do termo.

Depois, Mr. Van Fleet achava que J J Jadway procurara dar ao leitor alguma compreensão ou visão do amor?

— Mr. Duncan, o senhor sem dúvida está a troçar de mim. Amor? Jadway não sabia nada de amor. Existe um episódio revelador sobre a atitude dele a respeito do amor. Pelo jeito, a história foi obtida em primeira mão pelo erudito que a divulgou inicialmente. Com a sua licença, citarei diretamente da fonte. Num admirável ensaio intitulado *A Margem das Tendências Principais*, o Dr. Hiram Eberhart, catedrático extremamente respeitado da Universidade de Colúmbia, escreve: “Uma noite, após escutar uma luta de boxe pelo rádio, um

prélio em que Joe Louis competiu, no campeonato dos pesos-pesados, com um tal James Braddock, Jadway contou a amigos que se encontravam em sua companhia, escutando a partida, que o amor entre um homem e uma mulher lembrava na maioria das vezes um pugilato: a dança, a simulação, os ataques e contra-ataques, a raiva, a selvageria, a luta pela preponderância e domínio físico. Mas o raro amor verdadeiro, prosseguiu Jadway, não possuía nada de pugilismo. Quando lhe pediram que desse exemplos de livros que descreviam o amor hostil mais comum, Jadway citou *O Trópico de Capricórnio*, de Henry Miller, que acabava de ler, como um romance que reproduzia perfeitamente a brutalidade do amor. No entanto, por estranho que pareça, embora Jadway parecesse reconhecer vários aspectos de amor, e os seus tratamentos na obra alheia, era cego para qualquer compreensão do que confiara ao papel no seu único livro publicado. Porque em *Os Sete Minutos*, malgrado um punhado de fanáticos iludidos que pensam o contrário, o tratamento do amor é, o tempo todo, um ato de ódio contra o sexo feminino. Com a ação, as metáforas, a linguagem que usou para traçar um retrato da sua heroína, ação, metáforas e linguagem ininterruptamente pornográficas e vulgares, Jadway assumiu conscientemente o papel de pugilista empenhado em rebaixar e humilhar o sexo oposto." Eu concordo plenamente com o Dr. Eberhart.

Durante este depoimento, uma anomalia, uma verdadeira incongruência se apossou da atenção de Barrett, dominando-lhe os pensamentos, animando-o instantaneamente a registrar tudo o que acabava de ouvir.

Não tardou muito para que o interrogatório de Paul Van Fleet por Elmo Duncan ficasse concluído e chegasse a vez da defesa.

Levantando-se para inquirir a testemunha, Barrett sentiu-se tentado a evidenciar a estranha incongruência, a aprofundar-se nessa manifestação insólita de incoerência cronológica. Contudo, depois de iniciar o interrogatório, chegado o momento de tocar no ponto que mais lhe interessava, absteve-se de mencioná-lo. Por um lado, não estava absolutamente certo da anomalia que percebera. Caso estivesse enganado, o melindroso Van Fleet pô-lo-ia a ridículo.

Caso tivesse razão, talvez dispusesse de um trunfo importante de mais para que a defesa o revelasse à oposição a essa altura.

Barrett arquivou a pergunta num recanto do cérebro. Mais tarde, à noite, iria examiná-la e tentar encontrar a resposta para si mesmo. Se tivesse razão, a defesa dispunha de nova pista, uma possibilidade inédita, uma esperança entusiasmante.

Por volta das nove horas da noite, tendo ao lado a sanduíche de carne enlatada e o café ainda intatos, Mike Barrett fechou repentinamente o almanaque internacional que estivera a analisar com atenção, largando-o sobre a escrivaninha do escritório e chamando exultante pela porta aberta, para que Abe Zelkin viesse reunir-se a ele.

Zelkin entrou apressadamente, empunhando pickles kosher (Comida israelita.) e um copo de papel de café.

— Que é, Mike?

— Abe, você é capaz de me definir “anacronismo”?

— Anacronismo? Lógico. É quando você se situa na época errada.

— Ou, como diz no Webster: “Um erro de cronologia em que os acontecimentos estão deslocados uns em relação aos outros”, como “a antedata de uma ocorrência”, ou “qualquer coisa incongruente, em matéria de tempo, com o que a rodeia”. Pois eu, Abe, descobri não um, mas dois anacronismos clamorosos no depoimento de Van Fleet.

Desconfiei disso logo, no tribunal, mas precisei de verificar para ter a certeza.

Bateu no almanaque.

— E agora tenho.

— Anacronismos. O que tem isso de tão importante para...?

Barrett deu um pulo.

— Ouça, Abe, não estou a catar piolhos. Talvez haja algo muito importante em tudo isto — esperou que Zelkin se sentasse, e depois, enquanto ele mordia no kosher, Barrett começou a caminhar de um lado para o outro. — Lembra-se daquela parte do depoimento de Van Fleet em que ele citou uma obra literária chamada A Margem

das Tendências Principais do Dr. Hiram Eberhart da Universidade de Colúmbia?

— Lembro-me.

— E lembra-se da citação de Eberhart em que ele conta o episódio da noite em que Jadway estava a escutar Louis arrebatado o título de pesos-pesados a Braddock, e depois, mais tarde, o jeito com que Jadway disse, como uma porção de atos sexuais se assemelhava àquela luta de boxe, passando então a dizer que O Trópico de Capricórnio descrevia o ato sexual dessa maneira?

— Sim, estou a lembrar-me...

— Okay, Abe. O primeiro anacronismo, o que me chamou a atenção enquanto estávamos no tribunal. Para estabelecer os fatos, quando foi que J J Jadway morreu?

— Em Fevereiro de 1937.

— exatamente. Jadway matou-se e foi prontamente cremado em Fevereiro de 1937.

Mas aqui nós temos o Dr. Eberhart a contar como Jadway leu e comentou O Trópico de Capricórnio, de Miller. No entanto esse livro não foi publicado pela Obelisk Press antes de 1939. Em suma, Jadway estava a ler e a comentar um livro publicado dois anos depois da morte dele. Que tal lhe parece esta?

Zelkin acabou de comer o kosher.

— Inconsistente — disse ele. — Van Fleet pode ter citado mal o Dr. Eberhart.

— Nada disso. Pedi à minha bibliotecária favorita, Rachel Hoyt, da Biblioteca Municipal de Oakwood, que desse uma olhadela. A citação estava correta palavra por palavra.

— Ainda inconsistente — persistiu Zelkin. — O Dr. Eberhart cometeu um erro compreensível no seu ensaio. Confundiu O Trópico de Capricórnio, publicado em 1939, com O Trópico de Câncer, de Miller, publicado em 1934, quando Jadway ainda estava bem vivo.

— Estou um passo à sua frente, Abe. Eu também vi que um erro desses seria fácil de cometer. Para falar a verdade, ele deve ter sido cometido, por causa da segunda discrepância. Ouça esta. Nós temos Jadway morto e enterrado em Fevereiro de 1937.

Também temos... de acordo com o extremamente prezado Dr. Eberhart... Jadway a escutar Joe Louis a derrotar Braddock para o título de boxe. Sabe quando Louis derrotou Braddock? Foi ao oitavo assalto, em Chicago, em Junho de 1937. Isto quer dizer que Jadway estava a escutar a luta quatro meses depois de ter morrido. Que tal esta?

Zelkin pousou o copo de café.

— Essa já me agrada mais.

— Ora, eu sei que o ilustre Dr. Eberhart pode ter cometido um erro pela segunda vez.

Mas duas vezes num só parágrafo, para um ensaísta famoso, com toda aquela experiência de revisão de provas? Talvez. Mas é implausível. Assim, admitamos que o nosso Dr. Eberhart fosse cuidadoso nesta segunda singularidade. O que nos resta? Um Jadway novo e revisado, que não morreu em Fevereiro de 1937, como Cassie McGraw, Christian Leroux e o Padre Sarfatti afirmaram. Um Jadway bem vivo quatro meses mais tarde. E talvez a comentar o livro de Miller dois anos depois. Deixa de pé todos os depoimentos sobre Jadway até agora. E põe-nos de novo em ação.

— Quanto a isso não há dúvida... se o episódio narrado pelo Dr. Eberhart é, pelo menos em parte, verdadeiro. O Dr. Eberhart ainda vive?

— E como! Continua em Colúmbia. Tem um apartamento em Morningside Heights.

Só nos falta telefonar-lhe, procurando acordá-lo, presumindo-se que esteja em Nova Iorque e não a viajar de licença ou coisa parecida, para lhe dizer que precisamos de conversar urgentemente com ele a respeito de uma questão relacionada com a integridade da sua cultura.

— Pode ficar certo de que eu acordo o homem.

— Assim, aproximo-me dele e fico mais perto da verdade final. Sei que os dados estão lançados contra nós. Porém estou disposto a lançá-los novamente. O que é que você acha, Abe?

— Que posso achar? Tenho um sócio que gosta de viajar. Digo-lhe: pois então viaje.

Quando a gente está a ir ao fundo, até uma palha serve para se agarrar. Okay. Amanhã, tomo o seu lugar no tribunal. Faça apenas o possível para estar de volta, antes que ponham Jerry Griffith no banco das testemunhas. Dele terá você de cuidar.

— Não se preocupe. Obrigado, Abe — Barrett ficou um instante pensativo. — Jadway sem ter morrido em 1937. Meu Deus, não seria fantástico?

VIII

Quando se sentou pela primeira vez em frente ao Dr. Hiram Eberhart à mesa do restaurante, Mike Barrett tinha-se mostrado tão estóico a respeito do seu dever e dos prováveis resultados, quanto um carrasco do século XVIII em França a preparar-se para decapitar o aristocrata humilhado à sombra da guilhotina.

Barrett não se preocupara em saber se sofria de hemofobia. Só se lembrava da verdade. Da verdade e da justiça.

Agora, porém, que o golpe de misericórdia fora desferido, agora que a cabeça do Dr. Eberhart já rolara por terra, agora que parecia separada dos outros sentidos. Barrett sentia pena e até uma ponta de remorso.

Estavam sentados a uma mesinha no segundo andar do seletor Century Club na Rua Quarenta e Três, a poucas portas de distância da Quinta Avenida, em Nova Iorque. Na véspera, o telefonema de Barrett à meia-noite não interrompera o sono do Dr. Eberhart —

sempre lia até tarde, conforme ficou comprovado — e o enigmático desafio de Barrett à sua orgulhosa cultura imediatamente provocou curiosidade e um encontro marcado. O Dr. Eberhart disse que era sócio do Century Club, sugerindo a Barrett encontrarem-se lá, no átrio, perto da entrada do primeiro andar, à uma hora, Barrett viera direto do aeroporto e chegara antes da hora combinada, mas o Dr. Eberhart já o esperava, e à uma hora os dois tinham sido conduzidos à mesa reservada na parte superior.

Barrett não perdeu um minuto, e o Dr. Eberhart também não demonstrou interesse por cordialidades. Abrindo a fechadura da sua pasta, Barrett explicou ao anfitrião quem ele era e qual a razão do seu interesse em J J Jadway e, por conseguinte, no Dr. Eberhart, lendo-lhe depois o próprio episódio que escrevera a respeito de Jadway. Contou como Van Fleet citara o trecho no tribunal no fim da

tarde anterior. Finalmente, sem piedade, Barrett girou a manivela e deixou cair a lâmina da guilhotina.

Dois anacronismos imprevistos, Dr. Eberhart. O professor sabia quando Jadway morrera? Não, era irrelevante ao que tinha escrito. Pois olhe, Dr. Eberhart, nem tanto.

Preste atenção. Jadway morreu em Fevereiro de 1937. Aqui o senhor escreve que ele comentou a luta de Louis contra Braddock, que de fato ocorreu quatro meses depois, e aqui o senhor apresenta-o a comentar O Trópico de Capricórnio, que realmente só foi publicado dois anos após a morte dele. Aí está, Dr. Eberhart.

Barrett ouvira dizer que a guilhotina levava dez segundos para decapitar a vítima.

Após cuidadosos preparativos, Barrett não levava mais do que isso para separar o Dr. Eberhart dos seus sentidos.

O Dr. Hiram Eberhart era um gnomo erudito muito bem posto, perfeitamente encaixado no molde acadêmico, sem outro mundo além da sua cultura literária. Conhecia bem pouco de uma série de coisas, porém muitíssimo, talvez tudo o que havia por conhecer, do seu único tema. Não era pedante, nem mesquinho; simplesmente uma autoridade. Era cediço, impertinente, ordenado, complacente. Um velho solteirão em vias de se tornar professor emérito. Mechas de cabelo grisalho sem brilho, míope, nariz reluzente como um botão vermelho (décadas de xerez medicinal), peito deformado, um fato antiquado e sem graça, da cor do carvão. O que ele sabia, ninguém sabia melhor do que ele. E nunca fora alvo de uma contradição. De citações, sim. De contradições, jamais.

Estava arrasado.

Os olhos míopes tentaram encontrar um foco.

— Tem a certeza? Tem a certeza, Mr. Barrett? Deixe-me ver o que traz escrito aí, deixe-me ver com os meus próprios olhos. Não pode ser.

Pegou as notas de Barrett. E lá estava.

— Mr. Barrett, isso nunca me aconteceu. Numa longa existência dedicada unicamente à cultura, nunca se me deparou uma tal contradição de fatos estabelecidos por mim. Não pretendo implicar que não exista ninguém livre de falibilidade e erro, mas sempre fui

meticuloso a respeito das minhas pesquisas e da minha exatidão. Há quatro compêndios meus no currículo dos cursos de literatura universitários. Este volume, minha obra de publicação mais recente, apareceu apenas no ano passado. Levei dez anos para escrevê-lo.

Apesar das reclamações do editor, protelei três vezes a publicação, a fim de verificar uma, duas vezes, os meus dados. E agora este erro terrível. Só posso culpar-me pela omissão da data da morte de Jadway. Se não a tivesse cometido, esse equívoco hediondo teria sido evitado. Mas a data da morte dele parecia tão supérflua. Recebi a informação em primeira mão... a respeito do comentário que Jadway fez sobre O Trópico de Capricórnio, e o paralelo entre a luta de boxe e o amor. Tive o cuidado de gravar o que me contaram. O engano podia apenas ter sido causado pela minha fonte de informação. Ela deve levar a culpa.

— A sua fonte de informação? — perguntou Barrett. — Não pensei que houvesse alguma outra além do senhor mesmo. O senhor não atribuiu a ninguém o episódio em anotação de pé de página. Supus que estivesse presente quando Jadway...

— Não estive, não. Agora me lembro de tudo. Recebi esse material sob a condição de não revelar publicamente a minha fonte de informação. Ela veio de um... de um dos amigos mais íntimos de Jadway em Paris na década de trinta. Da mais absoluta confiança.

Ele estava com Jadway quando o fato ocorreu.

— Quem foi a sua fonte de informação?

— Bem, considerando que fui mal orientado, não vejo motivo para não revelar o nome dele. Adquiri a informação através de Sean O'Flanagan, um poeta que conheceu Jadway em Paris.

— Sean O'Flanagan — murmurou Barrett. — Já ouvi esse nome.

Procurou recordar-se onde ou de quem ouvira, e então lembrou-se: de Olin Adams, o vendedor de autógrafos.

— Sim — continuou Barrett —, eu também esperava encontrar-me recentemente com O'Flanagan, mas ele não tinha telefone, nem endereço, recebendo a correspondência através da Posta Restante. Como e quando conseguiu localizá-lo, Dr. Eberhart?

— Foi há três anos, enquanto eu estava ainda a reescrever *À Margem das Tendências Principais*. Por um feliz acaso... na ocasião

parecia feliz... encontrei uma obscura publicação trimestral de poesia, editada em Greenwich Village. Continha uns versos anônimos sobre Jadway. O editor da revista era Sean O'Flanagan — editor e redator-chefe.. segundo o cabeçalho. Fui até lá falar com ele. No endereço da publicação soube que, meses antes, a revista fora penhorada por credores, como o tipógrafo e o senhorio. Informaram-me sobre um bar da vizinhança que, disseram, servia de ponto predileto a Flanagan, o que vinha acontecendo há vários anos.

— E encontrou-o lá?

— Não logo na primeira vez, na terceira. Havia uma mesa redonda de canto e uma cadeira estofada que O'Flanagan reivindicava como cativas, e que costumava ocupar há quase uma década. O proprietário tolerava-o por ser um tipo extravagante, que já fazia parte do cenário. Ele era considerado uma espécie de Ezra Pound do bar. Soube que tinha fama de beber muito, de ser dispsomaníaco, de viver à custa de uma mísera renda particular, enquanto se ocupava com reminiscências dos seus dias de expatriado em Paris e Rapallo, dando conselhos aos jovens poetas que se reuniam em torno dele.

— A bebida — disse Barrett. — Talvez isso explique o engano da informação que lhe deu.

— Acho que não — replicou o Dr. Eberhart. — No fim da tarde em que ele me recebeu, estava completamente sóbrio, pelo menos na minha opinião, e muito metuculoso sobre a informação que me deu. Concordara em conversar comigo desde que eu lhe não perguntasse nada de caráter pessoal a respeito de Jadway. Prometi limitar a entrevista a assuntos literários e cumpri a promessa. Foi Flanagan quem, já perto do final da entrevista, contou espontaneamente o episódio em que o senhor descobriu dois anacronismos horríveis.

— Como é que era o Flanagan?

— Só me lembro vagamente. Um velho meio reumoso, rústico, mal vestido... talvez mais moço do que eu, mas aparentando muito mais idade. Suponho que pudesse ser maçador e importuno, tendo uma garrafa perto. Seja como for, ele evitou terminantemente a bebida na minha presença. Uma cerveja, creio eu, e foi só. Percebi

que queria permanecer lúcido, ansioso por causar a melhor das impressões. Um velho bastante egoísta que achava que o mundo era remisso por não lhe ter coroado o próprio gênio. No seu fracasso, refugiava-se na ilusão. Receio, porém, que o mundo estivesse certo e O'Flanagan errado. Li a poesia dele. Agora, presumindo que continue vivo...

— Continua — afirmou Barrett. — Ou pelo menos continuava há uma semana.

— Pois então não resta dúvida de que o senhor quer falar com ele e apurar a verdade por trás dessa infeliz citação. Se quiser, tenho a certeza de que ele ainda frequenta aquele bar em Greenwich Village, à hora do aperitivo, lá pelas cinco da tarde, assumindo o seu lugar de honra na mesa de canto, ao pé da vidraça fosca, onde se põe a cabecear com as memórias de melhores dias. Caso o encontre e esclareça as datas de Jadway morto e Jadway redivivo, ficar-lhe-ia grato se me mantivesse informado. Preciso de corrigir o desastroso erro na próxima edição do meu livro, ou então eliminar por completo o episódio.

— Devo-lhe muita coisa, Dr. Eberhart, e prometo mantê-lo informado. O tal bar em Greenwich Village onde Sean O'Flanagan marca ponto. Pode dizer-me o nome?

— O bar de O'Flanagan? Chamava-se... desculpe... The Appropoet. Nada de orquestra, pista de dança ou show no sentido habitual da palavra. A única diversão consiste numa sessão de leitura de poesia durante a hora do aperitivo. Amadores ambiciosos recebem convites para declamar os seus poemas à clientela embriagada. As leituras são acompanhadas por vaias e assobios. Merecidos. A nova poesia, seu desrespeito pela forma, a deplorável corrupção da língua, basta para levar qualquer à bebida. Imagino que a ideia seja essa. Que aconteceu com Sara Teasdale? Olhe, até que é um bom título, não? De qualquer modo, deseje-lhe boa sorte com o Guardiã dos Anacronismos.

O bar não constava da lista telefônica de Nova Iorque. Uma novidade.

Anticonformismo, anticomercialismo, anti-instituições. Barrett supunha que isso talvez tivesse alguma lógica para Charles Dodgson

(Nome verdadeiro de Lewis Carrol, autor de Alice no País das Maravilhas.). Afinal de contas, o País das Maravilhas tinha endereço? E o Éden? E um oásis?

À tardinha, carregando a sua pasta, Barrett tomou um táxi e pediu que o motorista o levasse a Greenwich Village. Depois de descer perto de Washington Square, comprou um número do The Village Voice. Não trazia o nome nem anúncio do bar. Por fim aproximou-se de um rapaz e uma moça — ambos afinal eram moças, uma de jaquetão de lã e calça de algodão, a outra de chemisier curto colorido e sandálias — e elas indicaram-lhe o caminho.

Agora, depois de percorrer quatro quarteirões da Village, Mike Barrett chegava ao destino.

Havia um cartaz em cima de um pálio listrado que se estendia sobre a calçada. Dizia: THE APPROPOET. BAR — IANCHES. ABERTO DAS 10 DA MANHÃ AS TRÊS DA MADRUGADA. Em torno da borda do pálio franjado, em letras irlandesas meio unciais, viam-se os dizeres: “Um livro de versos à sombra da árvore... Um garraão de vinho, um pão — e você... A meu lado, cantando na vastidão... Ah, vastidão, se o Paraíso bastasse!”

Para entrar no bar precisava-se de descer dois degraus entre corrimões de ferro batido. Barrett desceu e entrou. O ambiente era exíguo e estava apinhado, com nuvens de fumo a enroscar-se até ao tecto. O professor enganara-se sobre a falta de música. Hoje havia o dedilhar queixoso de um violão, que se sobrepunha à conversa em surdina.

Recostado à parede de tijolos ao fundo, um rapaz-de barba, segurando uma folha de papel amarela, lia um poema:

Pinte-me como um número

E fure-me como uma máquina.

Mais uma voz na vastidão, pensou Barrett, dirigindo-se para o canto mais perto do balcão logo em frente.

O criado, de venda preta sobre o olho, enxugava copos. Barrett tossiu para chamar a atenção.

— Pode dar-me uma informação? Fiquei de encontrar Sean O’Flanagan aqui.

— Ele está na mesa do costume.

Barrett olhou em torno, confuso, e o criado apontou por cima do seu ombro.

— Do lado da janela — acrescentou —, o tipo de boina.

— Obrigado — disse Barrett.

Virou-se de frente, esperou que um grupo de recém-chegados passasse, e depois adiantou-se entre as mesas rumo ao tipo de boina, que estava sentado, arqueado sobre uma bebida ao pé da janela rectangular de vidros foscos.

Ao aproximar-se de Sean O’Flanagan, o rosto do poeta assumiu contornos definidos.

A boina era de um sujo azul desbotado e usada como barrete colado ao crânio. Os olhos eram reumosos, com rugas por cima e por baixo, cortadas fundas como costura pregueada para segurar a carne. Havia uma rala barba grisalha no queixo saliente. O paletó gasto, de veludo pique, cobria uns ombros magros como cabides, e um colar de contas hippies pendia-lhe do pescoço ossudo. O conjunto dava a impressão de um André Gide fracassado.

— Mr. Sean O’Flanagan?

O poeta conservava os olhos fixos no vácuo. Ergueu a vista à maneira de alguém habituado à apresentação espontânea de desconhecidos.

— Que é, rapaz?

— Chamo-me Mike Barrett. Sou de Los Angeles. Um conhecido mútuo sugeriu que o procurasse. Há uma coisa que eu queria falar com o senhor. Posso sentar-me?

A voz de O’Flanagan, rouca de tanto uísque, parecia desconfiada.

— Depende. Sobre que é que quer falar comigo?

— Principalmente sobre a época em que viveu em Paris.

— Você não é poeta?

— Não, eu...

— Hoje em dia já não dá para distinguir. Os poetas agora andam de gravata e cabelo curto e alguns até são dentistas.

— Olhe, eu queria realmente fazer-lhe umas perguntas sobre literatura e escritores.

Posso oferecer-lhe uma bebida?

O'Flanagan contemplou o copo quase vazio, depois levantou a cabeça e a boca abriu enrugada num sorriso fraterno.

— Essa última frase foi pura poesia, Mr. Barrett. O senhor sabe fazer versos. Puxe uma cadeira.

Barrett achou uma vazia perto e arrastou-a para a frente de O'Flanagan na mesa circular. Mal se sentara e o poeta já estava a chamar o criado.

— Chuck, traz-me outro conhaque com água. Dose dupla... de conhaque, não de água.

— Uísque com gelo — pediu Barrett.

O'Flanagan começou então uma história comprida e engraçada sobre um cão São Bernardo e o seu cantil de conhaque, e no fim soltou uma gargalhada sonora. Barrett também riu, já mais à vontade. As bebidas vieram e a mão de O'Flanagan tremeu ao aproximar o copo dos lábios. Tomou um gole, estalou a língua e tomou outro. Metade do conhaque e da água tinham desaparecido.

Piscou o olho para Barrett.

— Estava a precisar de combustível, Mr... — fez uma cara de pateta. — Perdi a memória para nomes.

— Mike Barrett.

— Barrett, Barrett. Está bom. Agora, o que é que me queria perguntar a respeito de Paris?

— Quando foi exatamente que esteve lá?

— Quando estive lá? Deixe ver. Cheguei já feito um bebé choramingão em 1929.

Fiquei até 1938, parece-me. Mais ou menos dez anos. Nunca houve época igual àquela.

“Paris acordando nua, a luz crua do Sol a bater nas ruas cor-de-limão”. Isto é de Joyce.

Conheci-o. Encontrei-o pela primeira vez na Maison des Amis des Livres. Conheci Sylvia Beach também. E Gert Stein, Mas o lugar onde a gente ia mesmo embriagar-se era o Dome. Já esteve em Paris? O café em Montparnasse? Acho que ainda existe, naquela esquina. Aquilo é que era a verdadeira boêmia. Isto aqui... — acenou com a mão abrangendo toda a sala — isto aqui é lixo, tudo falso, boêmia sintética.

— Nunca mais voltou a Paris? — perguntou Barrett.

— Voltar? Não. Não ia querer estragar o sonho. Todo o homem guarda um fundo de garantia para a velhice. O meu é aquele sonho. Era uma coisa incrível, cada um escrevendo anos-luz à frente do resto do mundo, ou pintando, ou copulando. Meu Deus, que céu maometano para um fedelho de pau insaciável. Sabe como é? Uma noite comi uma puta velha. Depois descobri que tinha sido modelo de Modigliani. E outra noite, minha nossa... eu devia estar num grande porre, deixei-me enrabar por um velho sacana. E sabe por quê? Só porque me disseram que ele costumava enrabar Rimbaud ou Verlaine, não sei qual dos dois. Pronto, Barrett, lá se foi o meu cartaz com você.

Terminou a bebida.

— Tome outra — disse Barrett.

O'Flanagan fez sinal ao criado e agradeceu com a cabeça a Barrett.

— O meu velho amigo Wilson Mizner dizia sempre: "Em matéria de escritor sou estilista e a frase mais bonita que já ouvi é: "Tome uma por conta da casa". Ah! — irrompeu num acesso de riso misturado com tosse e por fim enxugou a boca na manga. — Onde é que nós estávamos?

— Em Paris.

— Ah! é, em Paris.

Barrett esperou que o copo fosse enchido de novo e ficou a ver O'Flanagan emborcá-lo novamente.

— Mr. O'Flanagan, quando foi que o senhor conheceu Jadway em Paris?

Com a referência ao nome de Jadaway, o poeta parou de beber.

— Por que você acha que eu conheci Jadway?

— Diversas pessoas me contaram que o senhor o conheceu. Para ser sincero, hoje de manhã um homem que uma vez esteve em sua companhia, o Dr. Hiram Eberhart...

— Quem?

— Ele é professor em Colúmbia. Escreveu um livro chamado A Margem das Tendências Principais, onde menciona Jadway. Ele disse que certa vez o senhor lhe concedeu uma entrevista, aqui mesmo.

— Um sujeitinho anônimo? Sim, lembro-me dele. Porque está interessado em Jadway?

Anda a escrever algum artigo, um livro ou coisa parecida?

— Vou dizer-lhe a verdade. Sou advogado. Sou eu que estou a defender o livro de Jadway, Os Sete Minutos, no julgamento em Los Angeles.

O'Flanagan fez uma cara preocupada.

— Aquele julgamento. Andei a ler a respeito dele. Você é o advogado, é? Bom, pelo que pude ver, eles estão a fazer gato-sapato de você... e do coitado do Jad.

— Por isso vim cá. Para tentar melhorar a nossa posição. Soube que o senhor foi um dos amigos mais íntimos de Jadway.

— E é por isso que não pretendo falar sobre ele, Barrett. Fiz um juramento depois que ele morreu. Ele foi... ele foi levado à morte. Agora merece descansar em paz. Ao menos isso.

— Pois os censores não vão deixá-lo sossegado. Quero defendê-lo, não só para salvar, libertar o livro, mas para fazer que a sua memória e o seu nome sejam respeitados. Creio que cheguei praticamente a um beco sem saída. Preciso do seu auxílio.

Barrett encarou O'Flanagan, que bebia em silêncio.

— Mr. O'Flanagan, o senhor era amigo dele, não era?

— O único amigo que ele jamais teve e em quem podia confiar, além de Cassie McGraw. Vou contar-lhe apenas isto, e com grande orgulho. Eu conheci Jad e Cassie, fui amigo dos dois. Encontrei-os pela primeira vez na livraria de Sylvia Beach, Shakespeare & Cia., na Rue de l'Odéon, número 12. Hemingway, Pound, Fitzgerald, todos eles andavam por lá, comprando e cavaqueando, juntamente com Joyce. E um dia cheguei lá e dei com Jadway, que estava com Cassie.

— Quando foi isso?

— No Verão de 1934, quando ele já andava a escrever o livro.

— Christian Leroux depôs que ele escreveu o livro em três semanas.

— Leroux é um cretino. É capaz de dizer qualquer coisa por dinheiro.

O coração de Barrett deu um pulo.

— Quer dizer que ele mentiu no depoimento? O’Flanagan tomou um gole.

— Não estou a dizer que mentiu. Estou a dizer que ele nem sempre se mostra adepto da verdade. Não gosto dele, nunca gostei e não quero falar sobre ele.

— Mas a maior parte do depoimento dele foi exato?

— Grande parte.

— A parte sobre a morte de Jadway?

— De modo geral. O livro saiu. A filha de um outro amigo de Jadway ficou grávida e o amigo pôs a culpa no romance. Depois houve outra encrenca qualquer entre Jadway e os pais. Ele era muito sensível. Caiu numa depressão e matou-se. Isso toda a gente já sabe.

— Quando foi que ele se matou?

— Em Fevereiro, no ano da graça de 1937 depois de Cristo.

Amém.

— Em Fevereiro de 1937? Muito bem. É justamente a respeito disso que vim cá à sua procura.

Barrett sentiu os olhos desconfiados do poeta pousados nele enquanto abria a fechadura da pasta e tirava um exemplar do livro do Dr. Eberhart. Abriu a página marcada e mostrou a O’Flanagan o trecho sublinhado.

Quando terminou de ler, O’Flanagan levantou a cabeça.

— O que tem isto?

— O Dr. Eberhart diz que o senhor lhe forneceu o material a respeito do comentário de Jadway sobre a luta Louis-Braddock e sobre a publicação de O Trópico de Capricórnio, em 1939.

— Talvez o tenha feito.

— Então explique-me o seguinte. Jadway morreu em Fevereiro de 1937. Como podia ele escutar a luta pelo campeonato dos pesos-pesados quatro meses depois de ter morrido e ler o livro de Miller dois anos mais tarde?

O’Flanagan não respondeu. Ficou a olhar fixamente para Barrett, tateou a mesa à procura do copo, bebeu devagar e largou o copo de novo.

— Quem sabe se o tal Eberhart não entendeu bem, não escutou direito o que eu disse.

— Mr. O’Flanagan, mesmo que ele não tivesse entendido bem, o gravador dele não podia enganar-se. Ele gravou a entrevista com o senhor. Correu a fita para mim pelo telefone há duas horas atrás.

— Então quem sabe se fui eu que me enganei. Posso ter andado embriagado naquela noite.

— Eberhart disse que o senhor estava completamente sóbrio.

— Como diabo poderia ele saber?

— Quando eu ouvi a fita, o senhor pareceu-me sóbrio...

O’Flanagan resmungou.

— Vai ver que os sóbrios são os bêbedos deste mundo e vice-versa — endireitou as costas. — Acho que fiz a maior embrulhada em matéria de datas e épocas. A minha memória está a ir-se. É a única explicação. Vou pedir outra bebida.

Barrett pegou no criado pelo braço e mandou trazer uma terceira dose dupla de conhaque para O’Flanagan e uma segunda de uísque para ele.

— Mr. O’Flanagan, será que o senhor não se enganou, também na data da morte de Jadway? Talvez ele tivesse morrido mais tarde, digamos em 1939 ou 1940, em vez de 1937.

— Não, lembro-me perfeitamente da época. Lembro-me da missa do sétimo dia.

Acompanhei Cassie durante todo aquele período.

As bebidas chegaram. O’Flanagan ergueu o copo. Barrett não tocou no seu. Decidiu tentar uma nova linha de questionário.

— O senhor acompanhou Cassie — repetiu. — Que fim levou ela?

— Foi-se embora de Paris. Lá não havia nada para ela fazer. —

O’Flanagan falava entre goles, e começava a embrulhar as palavras. — Voltou para a América. Para Meio-Oeste, parece.

— Que aconteceu à filha?

— Judith? Uma vez recebi um bilhete-postal dela, há uns dez anos. Ia mudar-se para a Califórnia e casar. Foi a última notícia que tive.

— Não sabe qual era o lugar na Califórnia?

— Lá vou eu saber?

— Houve um depoimento a dizer que Cassie McGraw finalmente casou com outro homem qualquer e vivia em Detroit. Sabe alguma coisa a esse respeito?

— Sei que ela casou com alguém e enviuvou pouco tempo depois. Disso sei. Mas nunca mais tive notícias dela. Sei lá o que lhe aconteceu? Provavelmente morreu e foi enterrada há anos. Não havia vida para ela depois de Jadway — sacudiu a cabeça ebriamente.

— Aqueles dois eram fabulosos. Ele alto, com ar de tuberculoso, que nem Robert Louis Stevenson. Ela uma beleza, um pedaço de mulher. Está inteirinha no livro dele. Divertíamos-nos como loucos, juntos, de braços dados, caminhando nas margens do Sena, a recitar poemas. Eles tinham os seus prediletos. Havia um de que sempre me lembro.

Encostando a cabeça à parede, de olhos fechados, O'Flanagan disse: — De Pietro Aretino, o poeta da Renascença — fez pausa e depois declamou baixinho: — “Se o homem pudesse fotter depois de morto, eu gritaria: Vamos fotter até morrer, e acordar para fotter / Com Eva e Adão, condenados a morrer / Por causa daquela maçã fotteren e sua falta de sorte.”

Abriu os olhos.

— No lugar de fotter, e todas as suas formas corretas em italiano que não me lembro, você pode substituir “foder”, que é menos elegante. Esse era o poema de Aretino, e foi há cerca de quatrocentos anos que ele o escreveu e nós o declamávamos. Era o favorito.

— Favorito de quem? De Jadway?

— Não. De Cassie.

Barrett percebeu que O'Flanagan não ficaria articulado por muito mais tempo.

Precisava de se apressar.

— Mr. O'Flanagan, o senhor não gostaria de aparecer como testemunha de defesa, a favor de Jadway... no julgamento? Nós pagaríamos generosamente pelo tempo e incômodo.

— Não me pagariam o suficiente, Barrett. Não há bastante dinheiro cunhado na terra que me faça falar mais a respeito de

Jadway.

— O senhor pode ser intimado, sabia?

— E posso sofrer de amnésia, sabia? Não me venha com ameaças, Barrett. Jadway e Cassie são a melhor parte do meu passado íntimo. Não vou pilhar as sepulturas deles e os meus sonhos em troca de pagamento.

— Desculpe — disse Barrett. — Não pretendo aborrecê-lo mais com o assunto. Só um último pormenor. Há pouco tempo, um vendedor de autógrafos nesta cidade, Olin Adams, conseguiu diversas cartas de Jadway. Ele contou que as ofereceu ao senhor. O senhor não tinha dinheiro para comprá-las, e por isso desistiu. Logo depois, o senhor ligou para Adams e disse que tinha conseguido dinheiro e queria comprá-las. Por quê?

O'Flanagan resmungou.

— Por quê? Vou contar. Eu queria as cartas para a Coleção O'Flanagan de Manuscritos, no Departamento Especial de coleções da biblioteca do Colégio Parktown. É uma pequena escola pouco antes da gente chegar a Boston. Uma vez eles deram-me um diploma honorário quando eu estava a publicar a minha revista. Em troca, doei-lhes todas as minhas recordações e documentos. Sempre quis ter alguma coisa de Jadway na minha coleção. Eu não tinha nada. Cassie ficou com o pouco que ele havia deixado. Não sei se ela destruiu os papéis e as cartas ou guardou tudo. Mas quando aquele maço de correspondência apareceu à venda, senti vontade de ficar com ele para mim. Mas o preço era muito alto. Depois surgiu uma oportunidade de conseguir um pouco de dinheiro emprestado. Aí então tentei conseguir as cartas. Tarde de mais — soltou um suspiro. — Que lástima. Teria ficado ótimo na minha coleção no Parktown. Pena.

— Essa sua coleção — disse Barrett pensativo —, acha que eu teria permissão de examiná-la?

— É pública. Qualquer pessoa que passe pelo Colégio Parktown pode vê-la. Se você for lá, será provavelmente a primeira pessoa que pede para a examinar. Aquele rapaz que é o administrador, Virgil Crawford, acho que ele vai ficar assombrado se alguém pedir para ver a Coleção Sean O'Flanagan.

— Pois olhe, eu gostaria de ir ao Parktown e dar uma olhadela. Virgil Crawford?

Permite-me que use o seu nome com ele?

O'Flanagan procurou apoiar os cotovelos em cima da mesa, mas um deles escorregou e ele quase caiu no chão. Barrett acudiu a tempo.

— Obrigado — murmurou o poeta.

— Posso usar o seu nome quando falar com Crawford? — perguntou Barrett outra vez.

— Use qualquer diabo de nome que quiser. Barrett pegou na conta, na pasta e levantou-se.

— Fico-lhe grato pelas informações. Acho melhor eu ir andando.

— Peça outra bebida para mim na saída, sim?

— Claro.

— E olhe, Barrett... você está a perder o seu tempo. Você não vai descobrir mais nada a respeito de Jadway em parte alguma. E muito menos qualquer coisa que o ajude a defendê-lo contra esses queimadores de feiticeiras. Jad... Jadway... já naquele tempo, era muito avançado pra época, e continua sendo, e não há nada que vá ajudar o livro ou a reputação dele até que chegue a época em que o mundo esteja preparado pra ressurreição.

Até lá, deixe aqueles ossos em paz, seu filho da mãe, deixe o coitado dormir sossegado até raiar o novo dia de um mundo melhor.

Barrett primeiro escutou; depois respondeu devagar.

— Para mim, só existe este mundo velho, o de hoje. No futuro, talvez ele melhore.

Não posso dar-me ao luxo de esperar, Mr. O'Flanagan.

O que aconteceu depois saiu melhor do que pudesse imaginar.

De Greenwich Village, Barrett tomou um táxi para voltar ao centro de Manhattan.

Chegando ao seu quarto no Plaza, pediu uma ligação interurbana para a biblioteca do Colégio Parktown em Parktown, Massachusetts. Como era hora do jantar, não estava muito otimista a respeito de encontrar Virgil Crawford, administrador das coleções Especiais. A funcionária que atendeu disse que Mr. Crawford já tinha ido para casa e só voltaria segunda-feira. Quando Barrett insistiu em que

precisava falar-lhe urgentemente sobre importante assunto de negócios, a funcionária (uma dessas mulheres que pensam que toda a chamada interurbana tem de, forçosamente, ser importante) forneceu-lhe o número sem hesitação.

Em questão de minutos, Barrett entrava em contato com o solícito Virgil Crawford.

No momento em que mencionou a sua função no julgamento de censura, da Costa Oeste, Crawford mostrou-se intrigado. Depois de explicar a entrevista que tivera com Sean O'Flanagan e a sua curiosidade em examinar a Coleção O'Flanagan no Colégio Parktown à procura de possíveis provas, Crawford sentiu-se lisonjeado, colocando-se à sua inteira disposição. Combinaram encontrar-se na rotunda do andar térreo da biblioteca às dez da manhã.

Após um jantar descansado no Salão de Carvalho e um rápido telefonema a Mrs. Zelkin (Abe estava na rua, às voltas com um serviço qualquer) para avisar onde se encontrava, Barrett liquidou a conta no hotel. Tomou o primeiro voo que pôde achar para Boston e lá conseguiu um quarto para pernoitar no Ritz-Carlton.

Na manhã seguinte, uma ensolarada manhã de sexta-feira, alugou um Mustang e partiu para o Colégio Parktown, que ficava a setenta quilômetros de Boston, a caminho de Worcester. Sentia-se inclinado a cobrir a distância no menor tempo possível. Estava curioso de ver a Coleção O'Flanagan. No entanto, por maior que fosse a tentação de correr em alta velocidade e deitar logo a mão aos papéis do poeta, sabia que era bastante cedo e podia ir devagar. Além do mais, a manhã de Massachusetts oferecia-se como um dos bálsamos pouco frequentes da Natureza. Passou por prados, lagos e riachos, vidoeiros e pinheiros. De vez em quando avistava as límpidas torres brancas de um templo congregacionista ou as lápides funerárias cobertas de musgo de um cemitério de puritanos. E tudo estendia o tempo ao infinito, levando-o a guiar o carro com relativa calma.

O Colégio Parktown surgiu-lhe mais moderno e disperso do que ele tinha previsto.

Deixando o carro no estacionamento próximo à união de estudantes, pediu informações ao guarda do campus, e depois

dirigiu-se ao chafariz, atrás do qual se via a biblioteca de dois andares da escola.

Faltavam dois minutos para as dez quando apertou a mão de Virgil Crawford.

Para surpresa de Barrett, o administrador revelou-se muito vivaz e juvenil. Era franzino, elegante, cheio de vitalidade, entusiasmo, não poupando esforços para ser agradável.

Ao subir, em companhia de Barrett, o lance de escada que levava ao segundo andar, explicou:

— A maioria das escolas pequenas não mantém Departamento de coleções Especiais. Requer dinheiro, não tanto em matéria de espaço ou quadro de funcionários, mas para fazer aquisições de valor. Nós tivemos a sorte de contar com um grupo interessado e ativo, os Amigos da Biblioteca de Parktown, que foi incansável nos seus esforços para levantar fundos que garantissem a nossa subsistência. Estamos muito orgulhosos do nosso acervo de escritores e poetas da Nova Inglaterra. No mês passado, adquirimos duas coleções de documentos pertencentes a John Greenleaf Whittier... verdadeira preciosidade: rascunhos de poemas, correspondência, diários... e posso até dizer que estamos em vésperas de conseguir outra, inestimável, de vários abolicionistas deste Estado. O senhor sabe, Wendell Phillips, Charles Sumner e demais antiescravistas.

— Onde é que Sean O'Flanagan encaixa em tudo isso? — quis saber Barrett.

— Ah, ele nasceu em Provincetown. Não creio que tenha passado mais do que um ou dois anos da sua vida em Nova Inglaterra, embora isso pouco importe. O que interessa é que é um poeta. Estou tentando ampliar o nosso acervo de vanguardistas. E estamos bastante adiantados. Já temos algumas cartas de Burns e Swinburne, e vários manuscritos de Apollinaire.

Atravessavam um corredor no andar superior e Crawford mostrou o seu gabinete à direita e a sala que continha material de leitura em microfilme à esquerda.

Entraram num salão espaçoso, mobilado com mesas descomunais e prateleiras de livros com portas de vidro.

— Cá estamos — disse Crawford, com um gesto em direção a uma passagem ao lado do balcão da biblioteca. — O acervo do Departamento de coleções Especiais fica em cacifos de arame ali atrás. Não creio que disponha de tempo para ver alguns dos nossos tesouros.

— Acho que não.

— Agora, quanto à Coleção Sean O’Flanagan em que o senhor está interessado, nós temos-la catalogada item por item. Existe alguma coisa específica que possa mostrar-lhe?

— Olhe, na verdade não é propriamente por O’Flanagan que sinto curiosidade, e sim pela amizade dele, enquanto estive em Paris, com J J Jadway. Foi isso que me trouxe aqui.

É em Jadway que estou interessado.

— Jadway — replicou Crawford surpreso. — Só está interessado em Jadway?

— exatamente.

— Creio que entendi mal ao telefone, Mr. Barrett. Julguei que estivesse a usar O’Flanagan no seu julgamento, e quisesse... — sacudiu a cabeça com pesar. — Mas se for só Jadway, receio que não lhe seremos de tanta serventia quanto eu esperava. Jadway morreu moço de mais para ter deixado bibliografia significativa. Além disso, consta-me que o manuscrito original de Os Sete Minutos não foi conservado. É a desgraça da nossa profissão, a destruição de materiais de trabalho de um autor promissor. Duvido que encontre algo escrito por Jadway na coleção de O’Flanagan. Espere um instante que vou tirar isso a limpo. Deixe-me verificar o nosso catálogo.

— Ficarei à espera — disse Barrett.

Crawford aproximou-se rapidamente das gavetas —, do ficheiro do catálogo, enquanto Barrett deambulava a esmo pelo salão de leitura, detendo-se apenas para examinar os conteúdos das prateleiras de livros.

— Mr. Barrett. — Crawford adiantava-se na sua direção. — Lamento profundamente. É tal como eu suspeitara. Não há absolutamente nada escrito por Jadway.

— Será que não há nenhum material sobre Jadway?

Afinal de contas, O'Flanagan afirma que foi o amigo mais íntimo que ele teve.

— Ah, é provável que haja,, talvez uma ou duas referências a Jadway nas notas ou correspondência de O'Flanagan. Mas seria preciso passar em revista a coleção inteira para localizar. Pensando bem, até não levaria muito tempo. Tirando a publicação trimestral de poesia que O'Flanagan publicava e dirigia, e os livros com dedicatória que nos doou, existem somente três caixas de manuscritos. Gostaria de vê-las?

— Sem dúvida alguma.

— Fique à vontade numa dessas mesas. Eu vou buscar as caixas.

Cinco minutos depois, Barrett estava sentado a uma mesa comprida com uma caixa cinzenta, semelhante a uma gaveta de arquivo, à sua frente, e duas outras ao lado, Crawford deixara-o para ir tratar de serviço, mas prometera ficar perto para qualquer informação.

Abrindo a primeira caixa, Barrett encontrou-a cheia de pastas numeradas, contendo diversos rascunhos de poemas de O'Flanagan. A princípio com cuidado, depois mais impaciente, examinou os manuscritos à procura de anotação que talvez incluísse o nome de Jadway, referências a Paris ou ao período entre 1934 e 1937. Os manuscritos não ofereciam nada, excepto versos incrivelmente prosaicos e incompreensíveis.

Devolvendo as pastas à primeira caixa e empurrando-a para o canto, Barrett abriu a segunda. De modo geral, o conteúdo era semelhante. Rascunhos e mais rascunhos de poemas escritos à mão ou batidos à máquina, e finalmente, três pastas de correspondência.

Voltaram-lhe as esperanças mas logo as perdeu. Todas as cartas eram posteriores a Paris, e quase todas se resumiam à correspondência entre O'Flanagan e colaboradores da revista.

Nenhuma delas trazia a menor referência indireta a Jadway.

Desanimado, Barrett abriu a terceira e última caixa. Estava apenas cheia pelo meio com pastas abarrotadas de recortes e anúncios, mencionando O'Flanagan ou a sua revista.

Havia uma com folhas soltas, rabiscadas, ou páginas arrancadas de blocos de memorandos em que O'Flanagan anotara, durante

anos, ideias para poemas, estrofes isoladas, e frases ou citações favoritas.

Embora restassem ainda duas pastas, a depressão de Barrett aumentava cada vez mais.

Abriu uma. Dentro encontrou retratos — fotografias dos pais de O’Flanagan, do próprio O’Flanagan quando garoto, como editor e diretor da publicação em Greenwich Village, de T. S. Eliot, de Cummings, autografadas — e por fim um instantâneo, meio rasgado, que Barrett agarrou, e o seu coração quase parou.

Estava ligeiramente amarelado e fora tirado ao pé da Torre Eiffel. Viam-se três pessoas. Da esquerda para a direita: Sean O’Flanagan, mais moço — cerca de trinta anos mais moço — de olhar límpido e ar libertino; uma moça de tipo irlandês, baixinha, bem fornida, bonita e sorridente, franzindo os olhos contra o sol; uma silhueta masculina desengonçada, de calças frouxas, suéter e sem cabeça. A ponta do retrato tinha sido rasgada, deixando a terceira figura acéfala, e sem fisionomia.

Barrett virou logo o instantâneo do outro lado. No verso, em letra oblíqua, delicada e feminina, lia-se: “Caro Sean. Achei que você gostaria desta lembrança de nós três para o seu álbum. Jad diz que você está com cara de romancista e ele de poeta. O que acha?

Afetuosamente, Cassie.”

Cassie McGraw, finalmente! E Jadway — que droga, Jadway, quase.

Barrett virou a fotografia de frente outra vez. A Cathleen que se via ali podia ter jeito de tudo, menos da mulher nua e sensual do romance. Dava a impressão... mas que impressão pode dar um retrato desbotado? Quanto a Jadway, o que restava dele dos ombros para baixo não combinava com a descrição do rebelde pornógrafo, desleixado e dissoluto, feita por Leroux e pelo padre Sarfatti. Mas talvez a fotografia tivesse sido tirada antes do seu livro e da sua ruína.

A descoberta entusiasmou Barrett, e sinais de interrogação pontilharam os seus pensamentos. Quando, exatamente, fora tirado aquele instantâneo? Quando Cassie o dera a O’Flanagan? Quem

arrancara o rosto de Jadway? Teria sido O'Flanagan? Cassie? O próprio Jadway? E... por quê?

Barrett não fazia a menor ideia do valor que o instantâneo pudesse ter, porém sabia o motivo do seu entusiasmo. Durante semanas a fio, Cassie McGraw e J J Jadway haviam-lhe escapado das mãos, tornando-se cada vez mais incríveis, menos reais que os personagens inventados de uma obra de ficção. Tinham-se convertido em mitos. Agora, graças a Deus, a sua realidade impunha-se com esse achado. Possuíam corações que pulsavam e sangue que fluía, e de certo modo, de uma hora para a outra, transformavam-se em seres humanos desta terra, com mais substância do que sombra, pessoas dignas de serem defendidas.

Não era já o advogado de um fantasma. No entanto, além disso, com que contava realmente? Uma imagem de Cassie McGraw na casa dos vinte. Uma imagem do corpo de Jadway na sua fase parisiense. Uma amostra da caligrafia de Cassie. Será que bastava para entusiasmar o menos romântico Abe Zelkin? Ou enfraquecer os ataques de Elmo Duncan?

Barrett conhecia as respostas. Contudo, não guardou o instantâneo de novo na pasta.

Pousou-o delicadamente ao lado da caixa.

Uma única pasta encobria o que restava da Coleção Sean O'Flanagan no Colégio Parktown.

Barrett separou-a. A etiqueta dizia: "Miscelânea". Continha cartões de visita, citações, livros de endereços, bilhetes-postais. Revistou tudo à pressa, item por item. Nada de Jadway, Cassie, Paris, década de 30. Uma meia dúzia de postais, um, dois, três, quatro, cinco, seis — e depois voltou ao quinto. Não o de Jadway, nem o de Cassie: outro nome lhe chamara a atenção.

Não era um postal com paisagem. Liso, selado de antemão, de uma cor castanho-clara, fora comprado na agência do correio, trazendo impresso: "Este lado é reservado ao endereço", e no outro, o espaço para a mensagem.

Muito curta, escrita com tinta roxa, ela dizia: "Prezado Tio Sean. Caso-me amanhã. O meu endereço será: 215 E. Alhambra Road,

Alhambra, Califórnia. Estou feliz. Espero que o senhor também esteja. Abraços — Judith.”

Judith!

Encontrara o espectro ilegítimo, gerado por Cassie McGraw como fruto do amor que aceitara de J J Jadway. Judith Jadway, ou Judith McGraw, ou Judith com um nome qualquer, se mais tarde o marido de Cassie a houvesse adoptado. Judith, a chave para abrir a porta do passado de Jadway e contar o que acontecera com Cassie McGraw.

Barrett examinou mais uma vez a parte da frente do bilhete. O carimbo postal e as linhas de invalidação estavam borrados, mas dava para entender a data carimbada da remessa: 1956. Barrett fez rápidos cálculos de cabeça. A filha de Jadway teria dezanove anos de idade, e estava em véspera de casar-se, quando enviara o cartão. Hoje estaria com trinta e três. Tinham-se passado catorze anos desde que dera aquele endereço em 215 East Alhambra Road, Alhambra, Califórnia. De repente, ela aparecia de novo, qual um fantasma.

A maioria dos californianos sulistas não fica catorze anos no mesmo endereço. Sobretudo se são jovens e recém-casados. No entanto, era possível. E, na pior das hipóteses, Alhambra Road talvez fosse o começo de uma trilha que podia levá-lo a um informador e testemunha à altura de qualquer outro que a acusação já apresentara ou viesse ainda a apresentar.

Colocando o precioso bilhete-postal em cima da fotografia mutilada, repôs as pastas soltas na respetiva caixa. Sabia o que devia fazer.

Pediria a Virgil Crawford para que mandasse tirar fotocópias de ambos os lados do instantâneo e do bilhete-postal. Com que finalidade, não tinha a certeza. Porém era advogado, e meticoloso.

A sua próxima providência já estava preestabelecida. Precisava de regressar a Los Angeles imediatamente e rumar direto ao número 215 da East Alhambra Road, onde talvez se solucionasse a sua busca da filha de Jadway para uma confrontação.

Levantando-se, consultou o relógio de pulso. Chegaria a Los Angeles à tardinha.

Recolheu o postal e o retrato. Deteve o olhar nas três caixas, e agradeceu e abençoou em silêncio a Coleção Sean O'Flanagan. Depois, quase alegre, foi à procura de Virgil Crawford. Sentia-se, outra vez, cheio de optimismo.

Estava de novo em Los Angeles.

Seguindo o mapa do município, cortesia do seu clube de automobilismo, Mike Barrett havia levado três quartos de hora a dirigir o descapotável desde o aeroporto até ao ponto de destino. Perdera-se uma vez no caminho, atrasando-se também por culpa de um desvio, mas finalmente chegara à East Alhambra Road.

E agora sentia-se confuso.

Achava-se numa rua residencial, velha e tranquila, abrigada por carvalhos e palmeiras seculares, e o número que procurava era o único na calçada oposta ao lugar onde estacionara.

Espiando pela janela do lado da direção, leu pela segunda vez a placa de metal.

Erguida entre uma fileira de arbustos e os degraus que levavam a um caminho, dizia:

215 CARMELO DE SANTA TERESA

Atrás da placa e do caminho via-se uma capela de altos vitrais. À esquerda, contíguo a ela, havia um prédio de tijolos vermelhos com janelas corridas semelhantes a celas no segundo andar, e um campanário ornamentado no estilo vitoriano, elevando-se acima do telhado.

A confusão de Barrett aumentou. Há catorze anos, a filha de Jadway dera o número 215 da East Alhambra Road como o seu endereço de recém-casada. Agora ele transformara-se em igreja e em... bem, seja lá qual fosse o nome que davam àquele prédio contíguo de tijolos vermelhos.

Em matéria de mistérios, Barrett estava farto. Queria soluções. Descendo à pressa do carro, atravessou a rua e subiu rapidamente o caminho. À direita havia um sólido portão de madeira, coberto por grade de ferro preta e engastado num muro de metro e meio de altura. Mais adiante ficava a porta da capela. À esquerda, outro caminho de cimento conduzia ao prédio de tijolos vermelhos. Barrett

enveredou por ele, contornando a capela até chegar aos degraus do alpendre que levavam à entrada no meio de uma arcada de pilares.

Tocou a campainha. Um instante depois, a porta abria-se para surgir uma noviça de hábito castanho que a cobria até aos pés.

— Sim? — perguntou delicadamente. Perplexo a mais não poder, Barrett titubeou: — Hã... eu ...eu... recebi este endereço para procurar uma pessoa. Mas não parece ser uma residência particular.

— Isto aqui é um convento de freiras carmelitas. Deram-lhe decerto o endereço errado.

— Não. Creio que o endereço está certo. O que talvez esteja errado é o ano. Por acaso não sabe se há catorze anos isto aqui não era uma casa particular?

— Nada mudou desde essa época. Há catorze anos era exatamente como é hoje.

— Tem a certeza? — Barrett, porém, sabia que ela não se enganara, e uma suspeita da verdade já lhe passara pela ideia. — 'Eu preciso localizar alguém que certa vez forneceu este endereço como a sua moradia. Não existe aqui alguma pessoa que me pudesse ajudar?

— Talvez a madre superiora.

— Eu poderia falar com ela?

— Queira esperar, por favor — indicou um banco de pedra no alpendre coberto. — Vou ver se a encontro.

Barrett aproximou-se do banco, tirou o cachimbo do bolso, tornou a guardá-lo, e sentou-se na ponta. Fitou além do pilar à direita, avistou a cerca de arame e a sebe que corriam junto à rua transversal até se encontrarem com o muro baixo de proteção, fronteiro à Alhambra Road, e depois, lado a lado, circundarem o verde relvado à sua frente.

Ouviu a porta ranger e uma mulher roliça, de véu, vestida com manto de cor branco, camiseta de mangas também branca e grosso hábito castanho, adiantou-se com passo enérgico na sua direção. Barrett pôs-se logo de pé.

— Sou a irmã Arilda — anunciou ela. — Em que lhe posso ser útil?

Barrett viu dentro do véu um rosto autoritário, amplo e redondo, tão imutavelmente pálido e contente como os semblantes de todas as freiras que sempre observara. E que sempre lhe transmitiam uma inexplicável sensação de mal-estar. Talvez porque a devoção delas à obra de Deus, a comunhão com o mistério final, lhe tornavam o próprio saber e objetivo sem graça e mesquinho. Ou talvez o motivo fosse diverso: que o jeito delas fosse antinatural e contrário à vida, um prolongamento permanente da infância. Eram provavelmente santas, e mesmo que algumas fossem pecadoras, não importava: a presença delas sempre o deixara contrafeito em extremo.

Ali estava a madre superiora, placidamente à espera de uma explicação da sua visita.

Depois de se identificar, Barrett prosseguiu: — Eu... eu sou advogado em Los Angeles. Estou procurando localizar uma moça, alguém com quem preciso de falar a respeito de um assunto bastante delicado. O último endereço que sei dela data de há catorze anos. É este aqui. A irmã com quem falei antes disse que naquela época isto aqui já era um mosteiro. Será que ela não está enganada?

— Não está, não — disse a madre superiora. — As irmãs de Nossa Senhora do Monte Carmelo, assim como o próprio convento carmelita, já estavam nesta casa há catorze anos.

— Fez uma pausa e depois acrescentou: — A moça que deu este endereço... o senhor poderia falar-me mais sobre ela?

— Creio que muito pouco. — Barrett enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou as cópias fotostáticas do bilhete-postal que a filha de Jadway remetera a Sean O'Flanagan catorze anos antes. Desdobrando as duas folhas, entregou-as à madre superiora. — Aqui estão cópias dos dois lados de um bilhete postal que ela mandou a um amigo da família. A senhora pode ver que ela indicou este endereço.

Tomando as folhas, a madre superiora sentou-se no banco do alpendre.

— Tenha a bondade de sentar-se, Mr. Barrett — disse. Enquanto ele se baixava para tomar assento a seu lado, a madre superiora examinou as fotocópias. Observando-a ler, Barrett comentou:

— Tudo o que posso acrescentar são fatos esparsos. Como a senhora vê, ela assinou simplesmente Judith. Não tenho a mínima ideia do sobrenome que usava há catorze anos.

Nasceu em Paris, sendo filha ilegítima de uma mulher chamada Cassie McGraw e de um homem chamado J J. Jadway. De modo que tanto podia chamar-se Judith Jan Jadway como Judith Jan McGraw. Depois, mais tarde, nos Estados Unidos, a mãe casou e o padrasto de Judith é capaz de tê-la adotado, embora não se tenha encontrado nenhum registro legal em Detroit. Ela talvez passasse a usar o nome dele, fosse qual fosse. Pouco tempo após o casamento de Cassie McGraw, o padrasto de Judith morreu na Segunda Guerra Mundial. A partir daí, não se sabe o que aconteceu, até Judith remeter este postal pelo correio há catorze anos. É claro que ela podia ter-se enganado a respeito do endereço que deu. Porque se isto aqui já era um convento naquela época, certamente não combina com o fato de Judith se casar no dia seguinte.

A madre superiora terminara de examinar as fotocópias. Devolveu-as. Cruzou as mãos delicadas no regaço e fitou Barrett francamente, abrigada pelo véu.

— Ela casou-se no dia seguinte e deu o endereço certo — disse a madre superiora. — Ela e cinco outras irmãs desposaram Nosso Senhor Jesus Cristo naquele ano.

Apesar da sua suspeita anterior, Barrett ficou assombrado, sem saber o que dizer.

— Depois do treinamento formal e de experimentar a vida contemplativa, segundo a norma primitiva estabelecida aos eremitas do Monte Carmelo por Alberto de Jerusalém em 1207 e as ordenações de Santa Teresa, ela completou o noviciado e fez então os votos provisórios. Finalmente, em 1956, tomou os votos finais, e ficou consagrando-se para sempre a Deus.

Procurando recobrar a compostura, Barrett perguntou: — A senhora quer dizer que Judith está aqui, agora, neste mosteiro?

— Não há nenhuma Judith, Mr. Barrett. Existe apenas a irmã Francesca.

— Seja qual for o nome dela, preciso falar-lhe com urgência. Não poderia vê-la, nem que fosse rapidamente?

A mão da madre superiora segurava o escapulário pendente sobre o hábito castanho.

O seu olhar perdeu-se além do alpendre, e pousou num bando de pardais sobre o relvado.

Finalmente falou: — Uma irmã que toma os votos solenes desta ordem, que se torna freira carmelita, oferece a sua pessoa em dedicação total a Deus. No espírito de Santa Teresa, consagra-se, então, à vida contemplativa, recolhendo-se à intimidade das coisas divinas, abraçando o mundo através de um apostolado de oração e penitência. É essa intimidade com Deus que dá eficácia a esse auto-sacrifício e empresta força às suas orações. Para se converter numa autêntica colaboradora da obra redentora de Cristo, a carmelita descalça deve renunciar a toda a vida exterior. De hábito e sem sapatos, passa os dias em abstinência, em trabalhos manuais, em preces mentais, a cantar o Divino Ofício em latim. Quem assim se consagra, Mr. Barrett, não ficaria pessoalmente tentada, nem receberia permissão oficial para se interessar pelas questões mundanas que o senhor considera tão urgentes. Sinto muito.

— Mas eu apenas quero ver se ela sabe alguma coisa relacionada com o pai e, talvez com o paradeiro da mãe, supondo-se que ainda esteja viva. Nunca abrem exceções para casos especiais?

— Às vezes. Não me compete decidir. O senhor teria de solicitar ao secretário do cardeal MacManus, que é o arcebispo da arquidiocese de Los Angeles. Duvido, entretanto, que obtenha permissão de Sua Eminência.

— Posso saber a razão da sua dúvida?

Pareceu-lhe notar a sombra de um sorriso emoldurado pelo véu. Finalmente a madre superiora respondeu:

— Mr. Barrett, esta é uma ordem de clausura, mas em minhas funções de diretora do mosteiro, os meus contatos são frequentemente mais mundanos que os das outras irmãs.

Para mim, é tão indispensável manter-me bem informada como as irmãs da nossa Terceira Ordem, que vivem e labutam na casa missionária Little Flower e andam no meio das criaturas humanas como assistentes sociais. Venho acompanhando os acontecimentos

ultimamente. Tenho tido motivos para consultar o *Índex Librorum Prohibitorum*. Apreciei o depoimento do padre Sarfatti no tribunal.

Familiarizei-me com o nome de Jadway e até mesmo, Mr. Barrett, com o seu próprio nome. Conhecendo as circunstâncias, duvido muitíssimo que abram exceção para o seu pedido. Duvido muitíssimo, Mr. Barrett. Barrett sorriu.

— Eu também duvido — pôs-se de pé. — Fico-lhe grato pela entrevista.

Ela levantou-se.

— Não posso desejar-lhe boa sorte. Posso apenas esperar que o senhor encontre o caminho de Deus.

Ele fez um movimento para se retirar, porém hesitou.

— Não sabe se Judith... a irmã Francesca... está a par do julgamento?

— Ela tem outros julgamentos com que se preocupar — respondeu enigmaticamente a madre superiora. — O seu único interesse é alcançar a intimidade divina. Passe bem, Mr. Barrett.

Ele deixou o alpendre, encaminhando-se lentamente até à esquina. Olhando por cima do ombro, viu que a madre superiora desaparecera no interior do convento. Depois na rua transversal, avistou três freiras a juntarem caixas de papelão no que parecia ser um portão de fornecedoras. Deteve-se a observá-las, os mantos esvoaçantes, ao voltarem silenciosamente para dentro, rumo ao prédio da clausura.

Pôs-se a imaginar se uma delas não seria a filha de Jadway e de Cassie McGraw.

Finalmente, apressando o passo, afastou-se daquele lugar de Deus e daquelas irmãs que colaboravam com Cristo. Estava pronto para reingressar no mundo mais rude exterior, onde a maioria dos homens não tem tempo para o céu na sua luta incessante para sobreviver ao inferno terrestre.

Depois de apanhar uma sanduíche de pastrame e uma salada de repolho cru na seção de laticínios do Supermercado Vicente, Mike Barrett dirigiu-se para o seu apartamento. Mastigando a sanduíche e bebendo um refrigerante, prendeu o auscultador na orelha e tentou localizar Abe Zelkin.

No escritório não obteve resposta. Pediu então ao serviço automático de recados que avisasse o seu sócio para lhe telefonar. Depois experimentou a residência de Zelkin; a ama explicou que o patrão tinha saído de carro com a esposa e o filho, ela não sabia para onde.

Também deixou recado para que lhe telefonasse.

Por fim, Barrett ficou no apartamento, concentrando-se nas cópias que Donna havia feito das entrevistas gravadas com as testemunhas de defesa, tanto por Zelkin como por ele mesmo. Imerso na leitura, o tempo passou voando. Eram nove e quinze da noite quando o telefone finalmente tocou.

Até que enfim. Era Abe Zelkin.

— Onde é que você andou, Abe? — perguntou Barrett. — Estava ansioso por saber o que se passou ontem no julgamento. Parece que os jornais deixaram de publicar uma porção de depoimentos.

— Porque não era leitura para família. Mas estou mais interessado, Mike, em saber como é que se saiu. Não muito bem, pelo que vejo, senão eu já teria notícias suas.

— De fato.

— Se estiver disponível agora, podemos pôr-nos em dia. Tive de levar minha mulher e meu filho, hoje à tarde, ao Observatório Griffith. Leo foi conosco, e depois jantou comigo. Começamos a examinar um material novo recém-chegado e acho que nos esquecemos da hora. Mas eu finalmente chamei o serviço de recados e cá estou. Olhe, tenho de ir buscar minha mulher e o garoto daqui a meia hora... leva outro tanto para ir até lá... assim que, porque não passo por aí para o apanhar primeiro e a gente vai conversando pelo caminho? Leo continua aqui comigo e estamos perto do seu apartamento. Podia pôr-se toda a situação em dia.

— Ficarei à espera lá em baixo.

Agora, vinte e cinco minutos mais tarde, com Zelkin ao volante da camioneta, Barrett ao lado e Kimura no banco de trás, subiam a estrada em espiral que conduz ao cume do Monte Wilson. Pelo pára-brisas, Barrett já divisava as cúpulas do observatório e do planetário a pouca distância acima deles.

Tinha contado as suas aventuras com o Dr. Hiram Eberhart e Sean O'Flanagan em Nova Iorque, com Virgil Crawford no Colégio Parktown e com a madre superiora do Convento Carmelita em Alhambra. Terminando a história, disse: — Portanto, com todas estas viagens e grandes esperanças, o que consegui? Essas porcarias de fotocópias de um retrato e de um bilhete-postal e mais nada. Perguntem o que quiserem a respeito de poesia, coleções especiais, freiras carmelitas, que eu respondo.

Perguntem-me sobre Jadway, Cassie, Judith e anacronismos, e sou um fracasso. Senhores, eu simplesmente esgotei todas as pistas. O fundo do poço. A única pessoa que eu acho nos podia ajudar agora seria Cassie McGraw, e é mais do que provável que ela esteja a dois metros de profundidade, debaixo da terra, pois se não estiver, Santo Deus, onde é que estará? Detesto dar ares de ave de mau agouro mas não vejo nenhum raio de esperança. Até hoje à tardinha eu ainda tinha alguma, mas agora perdi-a por completo.

Ouviu Kimura mexer-se no assento de trás.

— Esperança só não basta — disse ele. — Talvez conviesse lembrar o velho ditado...

quem vive de esperanças, morre de fome. Quem sabe se não temos já o suficiente para não ficar dependendo mais da sorte?

— Claro — concordou Zelkin. — Contentemo-nos com o que se conseguiu. Bem, cá estamos. O Observatório Griffith. Nenhum parentesco com o Átila da Oposição, o Frank Griffith.

Estacionou a camioneta.

— Acho que a sessão do plenário ainda não terminou. Já estive aqui dentro? Uma loucura. O tecto da cúpula serve de tela. Na noite em que eu vim, eles projectaram a Estrela de Belém no céu tal como devia ter sido na noite em que os Três Magos a seguiram.

— E o que me diz dos Três Sabichões deste carro? — perguntou Barrett. — Que estrela é que os deve guiar?

— Tudo indica que Elmo Duncan monopolizou todas as estrelas em circulação — replicou Zelkin. — Ele passou a maior parte do dia de ontem a preparar terreno para a segunda grande estrela dele.

— Há horas que estou à espera de saber o que aconteceu enquanto estive fora — disse Barrett.

— E eu para lhe contar — replicou Zelkin —, mas você não pára de falar.

De repente Barrett sorriu.

— Tem razão, Abe. Pode começar.

— Deixe-me procurar as minhas notas — disse Zelkin. Encontrou-as e deu uma olhadela. — Foi o que os jornais noticiaram... não houve grandes atuações. A maior parte limitou-se à preparação do que está por vir. Duncan desencavou mais dois especialistas em literatura, um professor de Colorado, o Dr. Dean Woodcourt, e uma espécie de crítico de livros para uma cadeia de publicações, Ted Taylor. Os dois consideraram o livro pornográfico e condenaram-no pelo aspecto libidinoso. Dei algumas punhaladas nas suas autoridades e preconceitos mas não creio que tenha causado muita impressão no júri. Onde Duncan realmente lavrou um tento foi quando obteve de Taylor coisas que os jornais não publicaram, exemplos concretos de casos em que determinados livros incitaram supostamente a atos de violência. Tudo preparando o terreno para...

— Que casos a testemunha citou? — interrompeu Barrett.

Zelkin espremeu os olhos para ler as notas à luz do painel.

— Dois casos baseados em dois pretensos pornógrafos. O primeiro foi aquele velho trapaceiro, o historiador Suetônio e o livro, As Vidas dos Doze Césares. Para só citar um exemplo do livro: A imperatriz Valéria Messalina desafiou a união de prostitutas em Roma a encontrar uma mulher que fosse capaz de satisfazer tantos amantes como ela numa só noite. Aceite o desafio, realizou-se o concurso. O campeonato das horizontais. Nem teve comparação. Messalina ganhou sem precisar levantar-se da cama. Satisfez vinte e cinco homens em vinte e quatro horas. Bem, mas qual a relação com a influência perniciosa do livro biográfico de Suetônio?

— Sim, qual? — quis saber Barrett.

— A testemunha afirmou que o livro de Suetônio perverteu Gilles de Rais. Já ouviu falar nele?

— O primeiro Barba-Azul.

— exato A melhor das referências, para começar. Um riquíssimo marechal de França.

O homem que lutou ao lado de Joana D'Arc. No entanto, Gilles de Rais foi processado em 1440 sob a acusação de praticar sodomia com cerca de cinquenta rapazes e moças antes de os assassinar. Durante o julgamento, alegou que tinha lido Suetônio e fora corrompido pelo historiador. Tudo muito interessante O que é que eu podia ressaltar na inquirição?

Que Gilles de Rais provavelmente não teria praticado sodomia nem assassinado ninguém mas, em vez disso, segundo vários historiadores modernos, fora simplesmente traído pelo clero para que a Igreja pudesse confiscar-lhe o patrimônio imobiliário? Acho que não bastaria para o júri. Depois Duncan fez a testemunha falar sobre outro autor de livros obscenos, o marquês de Sade.

Barrett suspirou.

— Eu já estava mesmo a prever que eles terminariam por arrastar o Sade para o meio desta história.

— Duncan conseguiu que a testemunha descrevesse alguns pontos culminantes da vida de Sade. Família ilustre. Oficial de cavalaria. Casado. O incidente em que Sade induziu uma mulher de trinta e seis anos a ir a casa dele, amarrou-a na cama, chicoteou-a, cortou-a com uma faca e derramou cera derretida nas feridas abertas. E depois a decadência, em Marselha, quando ele se encontrou com quatro prostitutas no apartamento de uma delas, distribuiu uma caixa de bombons que estavam realmente recheados de doses cavalares de afrodisíacos, e as mulheres ficaram malucas, numa orgia de amor dissoluto. O marquês de Sade foi julgado e condenado em 1772. Finalmente passou doze anos na prisão e morreu no hospício. Mas, entretanto, escreveu uma verdadeira enciclopédia de perversões sexuais...

Justine, Os 120 Dias de Sodoma, Os Crimes de Amor e o resto... baseada nas experiências que teve pessoalmente. Ora, insistiu a testemunha, essas obras e o autor foram responsáveis por incitar inúmeros leitores a praticar atos criminosos por emulação. Exemplo. Aqueles jovens monstros ingleses que mataram brutalmente pelo menos duas crianças inocentes e possivelmente um adolescente no caso dos crimes das Charnecas. Durante o processo das Charnecas, em 1966, os réus afirmaram que tinham agido sob a influência das

obras do marquês de Sade. Na minha inquirição, tentei fazer Taylor reconhecer que outras influências, além das de Sade, podiam ter inspirado os crimes das Charnecas, e que ainda que Sade nunca houvesse existido, esses monstros teriam cometido os assassinios da mesma maneira, porque eram irremediavelmente uns doentes. A testemunha, porém, nem quis saber, e acho que o júri também não.

— Pena.

Zelkin pôs as notas de lado.

— Aí então, depois do intervalo do almoço, Duncan começou a preparar de fato o palco para a próxima atração. Como você provavelmente leu nos jornais, ele apresentou dois guardas, um após o outro, que foram chamados por Darlene Nelson quando Sheri Moore foi estuprada. Eles descreveram o estado em que encontraram a moça, inconsciente, e como Darlene lhes repetiu o que Sheri lhe tinha contado, que havia sido desflorada à força. Por fim o médico legista entrou em cena para depor sobre o exame que fizera em Sheri logo em seguida. Pormenores do ferimento na cabeça. Do exame interno da vagina.

Descobriu provas definitivas de espermatozoides vivos, indicativos de que houvera introdução momentos antes. Isso sempre impressiona o júri.

— E você. Abe? Não caiu em cima de Duncan por causa de toda essa encenação de estupro?

— Em primeiro lugar, Duncan e eu trocamos desaforos diante do juiz Upshaw. Eu disse que aquilo era irrelevante. Aleguei que a violação da moça não tinha nada que ver com o nosso caso de obscenidade. Duncan argumentou que as testemunhas dos guardas fundamentavam o depoimento de Jerry Griffith, sendo portanto relevantes e pertinentes porque ele mostraria que os trechos imorais no livro de Jadway tinham despertado em Jerry a vontade de cometer estupro e de o levar a pô-la em prática. Protestei até ficar roxo.

Indeferido. Mas está nos autos, se recorrermos mais tarde. Por enquanto, olhe, Mike, eles vão encontrar oportunidade de processar o livro por estupro, e não existe nada que se possa fazer para o impedir. Em todo o caso, apareceu mais uma testemunha hostil.

— Mr. Howard Moore — disse Kimura. — O pai de Sheri.

— Pertinente? — perguntou Barrett.

— Indeferido — respondeu Zelkin. — Moore também fundamentava o depoimento.

Portanto, pertinente. A filha dele era a própria Pureza. A quintessência da virtude. Uma autêntica vestal. Até que o maldito livro, através de Jerry, a maculasse, arruinasse e inutilizasse, tratei dele com todo o carinho na inquirição, pode crer. Primeiro, porque estava com medo que me desse uma surra, como fez com você no hospital. Segundo, ali surgia o pai de uma filha ainda em estado de coma, de maneira que tratá-lo mal equivalia a expor-se a ser linchado pelo júri. Portanto tratei-o com simpatia, procurando separar os sofrimentos da filha do livro de Jadway e sendo metralhado por protestos o tempo todo.

Depois de dez minutos, meti o rabo entre as pernas... o diabo tem rabo, não tem?... e bati em retirada para a trincheira da nossa mesa. Você não imagina como estou contente com a sua volta, Mike. Segunda-feira você pode tornar a ser o diabo. Eh, agora me lembro.

Prometi que me encontraria com a família lá dentro, perto do pêndulo de Foucault. Venha conosco, Mike. Leo e eu temos mais coisas para lhe contar.

Saíram da camioneta e dirigiram-se à entrada do Observatório Griffith.

— Como é que você deixa o seu filho acordado até esta hora? — estranhou Barrett.

— Que mal tem? Hoje é sexta — respondeu Zelkin.— Além disso, ele é um entusiasta pela astronomia, e Sarah está a ir pelo mesmo caminho. Já vieram aqui acima umas doze vezes. Ela queixa-se de que quase nunca me vê. Assim, pelo menos, representa uma mudança para quem fica o tempo inteiro com a criançada em casa.

No interior do observatório, chegavam dentro em pouco a um enorme poço, sobre o qual oscilava um pêndulo de um lado para outro, em cima de uma réplica do globo terrestre que girava lentamente no fundo. Do parapeito do poço, os três tentaram discernir o movimento da terra sob a bola do pêndulo. Hipnotizado,

Barrett olhava para baixo, até que sentiu Zelkin a puxá-lo pela manga.

— Antes que a frau e o herdeiro apareçam — disse Zelkin —, quero que você preste atenção ao que Leo e eu combinamos durante o jantar. Sabemos com certeza o que Duncan vai fazer segunda de manhã. Ele pretendia começar com Darlene Nelson, mas ela está agora no mesmo hospital que Sheri. Apendicite aguda. Ela está a passar bem, mas, por enquanto, não poderá depor, graças a Deus. De modo que o nosso Promotor Público começará pelo Dr. Roger Trimble, ex-Presidente da Associação Americana de Psiquiatria.

Leo deu uma olhadela por algumas das suas obras. Como o Dr. Fredric Wertham, ele é da escola que acredita que os livros, as revistas em quadrinhos, os semanários e os filmes criam um clima de violência e contribuem para a delinquência juvenil. Assim, será essa a atração de Duncan antes de subir o pano. O Dr. Trimble tem aplicado terapia em Jerry desde o incidente e vai declarar que o principal fator que contribuiu para o estupro foi Os Sete Minutos. Aí, e só aí, depois dessa preparação, subirá o pano, revelando o próprio Jerry Griffith. Duncan colocará Jerry no banco das testemunhas na segunda-feira de manhã.

— Tem a certeza?

— Absoluta. Leo e eu estivemos a fazer toda a espécie de conjecturas sobre o depoimento dele, antes de irmos ao seu encontro. Essa talvez seja a nossa última grande oportunidade de salvar o caso. Temos de liquidar por completo a segunda testemunha estrelar de Duncan. Fracassamos com Leroux. Não podemos arcar com novo fracasso com Jerry Griffith. Tudo depende de nós, Mike. Temos de agarrar no rapaz e afastá-lo para sempre de qualquer ligação com o livro.

Barrett franziu o cenho.

— Afastá-lo de que modo? Com uma machadinha? Eu é que não disponho de nenhuma prova para cair em cima dele.

— Você não. Mas nós sim. Enquanto você esteve no Leste, conseguimos uma prova tremenda que você pode usar; conseguimos-

la hoje à tarde. Lembra-se daquela agência de detectives que contratamos para investigar sobre a família Griffith?

— Até já tinha desistido deles. Quer dizer que finalmente descobriram alguma coisa?

— Eles andam devagar mas com passo firme. — Zelkin espichou o braço e pegou num sobrescrito entregue por Kimura. Passou-o a Barrett. — Isto aqui é uma cópia do relatório do detective particular. Tem de tudo. Mas no meio, há uma informação surpreendente.

Suficiente para acabar com uma estrela. E é o que devemos fazer, Mike. Teremos de ser implacáveis. Repito que é a nossa última oportunidade de criar sensação. — Barrett já começava a abrir o sobrescrito quando Zelkin o interrompeu. — Agora não, Mike. Você tem o resto da noite e todo o dia de amanhã para ler e reler o que está escrito aí e imaginar a melhor maneira de a utilizar.

— Bem, o que é que tem aqui, Abe?

— Essencialmente, resume-se no seguinte, e é uma bomba. Meio ano antes que Jerry sequer tivesse ouvido falar de Sete Minutos, ele foi levado sigilosamente para fora da cidade para se tratar com um médico em São Francisco.

— Que tipo de médico?

— Um psicanalista.

— Por quê?

— Porque havia tentado se suicidar pouco tempo antes. Você está ouvindo? Ele tentou se matar.

— Como a agência encontrou a pista?

— Eles descobriram que Jerry teve uma ausência prolongada das aulas na universidade. Doença.

— Que espécie de doença?

— Esgotamento nervoso, diz um informador que prefere continuar anônimo, e esse esgotamento levou Jerry a tomar uma dose excessiva de comprimidos para dormir, que por sua vez o levaram ao psicanalista no Norte do Estado.

— Quem foi que o levou para lá?

— A prima. A sua recente convidada para jantar, Maggie Russell. Quer dizer então que ela nunca tocou nesse assunto com você.

— Nem eu esperaria que ela o fizesse, Abe.

— Sim, tem razão. Em todo o caso, que tal essa para começar? O rapaz já andava desequilibrado muito antes de ler o livro de Jadway. Portanto, deve haver outros fatores que contribuíram para o estupro.

— Sem dúvida alguma.

— Jerry com tendências suicidas. Que descoberta, hem?

— Nem tanto — retorquiu Barrett. — Eu não sabia da primeira tentativa. Mas sempre tive a certeza de que ele procurava autodestruir-se.

— Sempre teve a certeza? — estranhou Zelkin. — De onde tirou essa ideia?

— Maggie Russell tinha-me contado. O rapaz vive a falar-lhe em se matar. E antes que ela me contasse, tive ocasião de certificar-me com os meus próprios olhos. Eu estive presente quando Jerry tentou matar-se pela segunda vez. Para dizer a verdade, até ajudei a salvá-lo. Foi esse ato que aproximou Maggie de mim.

Zelkin e Kimura olharam-no espantados.

— Ele tentou matar-se pela segunda vez? E você estava junto dele? — perguntou Zelkin, já começando a zangar-se. — O que significa isso?

Barrett contou rapidamente todo o episódio ocorrido no Locomotiva Clandestina e mais tarde no parque de estacionamento.

Quando terminou, percebeu que Zelkin continuava contrariado.

— Mike — disse Zelkin pausadamente —, porque não nos disse antes?

— Por quê? — Barrett ponderou cuidadosamente a resposta. — Pensei que fosse uma coisa pessoal, sem relação com o julgamento, e que revelar a você ou a Leo o que tinha acontecido só serviria para desabonar ainda mais o rapaz. Mas deixando esse raciocínio de lado, suponhamos que eu tivesse contado e que você então achasse que devíamos fazer uso do incidente. Pareceu-me que qualquer revelação dessa espécie só nos traria inconvenientes. Afinal de contas, aquela segunda tentativa de suicídio, que eu testemunhara por acaso, havia sido feita depois que Jerry lera o livro de Jadway. Duncan poderia afirmar que o livro arrastara Jerry a isso, e desconfio que o júri lhe daria crédito.

Zelkin aceitou as conclusões do sócio.

— Quanto à segunda tentativa do rapaz, a explicação é justificável — bateu no sobrescrito que Barrett segurava na mão. — Mas quanto à primeira, aquilo foi antes de ele ler o livro. Por isso é que é uma bomba. Vai solapar o depoimento da testemunha e abafar o argumento da acusação. Você não concorda?

— Não tenho assim tanta certeza. — Barrett mordeu o lábio e tentou formular os seus pensamentos. — Sim, suponhamos que eu afastasse, finalmente, o rapaz do livro. Mas a um preço tremendo, Abe. Poderíamos estar a destruir o garoto.

— Olhe, Mike. Eu tenho tanta pena desse rapaz como você, e possuo a mesma susceptibilidade em matéria de adolescentes. Mas nós estamos em plena guerra, Mike.

Alguém tem de sair ferido. Em sentido figurado, as nossas testemunhas talvez percam membros, e você e eu ainda acabemos perdendo a própria vida. Precisamos eliminar alguns elementos de Duncan antes de ficarmos massacrados sem remédio. O depoimento de Jerry Griffith na segunda-feira é capaz de demolir o nosso caso e pôr o último prego no caixão.

Você sabe o que há dentro desse caixão, Mike? Não é só você e eu. Não é só Fremont e Sanford. É a liberdade, Mike... e palavra que não estou a ser pretensioso... a liberdade também está dentro desse caixão. Não podemos deixar que o garoto ponha o último prego na tampa. Temos de fazer o caixão dele primeiro. Somos advogados, Mike. Assumimos um compromisso com o nosso constituinte. E com a verdade.

Barrett suspirou.

— Acho que você tem razão.

— Eu sei que tenho — insistiu Zelkin. — Se estivéssemos bem armados, se dispuséssemos de um exército de testemunhas de peso, se Jadway e Cassie McGraw fossem vivos e estivessem aqui para nos ajudar, se a filha de ambos pudesse pular o muro do convento para nos ajudar, se Leroux não nos tivesse traído, Mrs. Vogler faltado à promessa e Sean O'Flanagan aderisse, e todos eles estivessem aqui para nos ajudar, aí então, Mike, eu diria que não se devia de jeito nenhum arrasar com o rapaz durante a inquirição... ele é um pobre menino rico que precisa de atenção e afecto... eu

diria, vamos com calma, nada de se intrometer na vida alheia. Mas o negócio não é assim. Quem está bem armado é Duncan e os indefesos somos nós. Portanto, já que descobrimos alguma coisa, eu digo: tratemos de usá-la, vamos atirar para quebrar.

Barrett deu a Zelkin um sorriso contrafeito de apoio.

— Está bem, sócio. Amanhã eu examino este veneno. Segunda, vou aplicá-lo. E atiraremos para quebrar. Aí vêm a patroa e o herdeiro. Talvez nos possam explicar alguma coisa sobre a vida... e a morte... de uma estrela.

Mais tarde, deixando o Monte Wilson, no percurso de regresso a West Los Angeles, o pensamento de Barrett voltava, sem cessar, a Maggie Russell.

Mas só bem mais tarde, muito depois da meia-noite, enquanto lia sonolento na cama, foi que ouviu realmente a voz dela.

O toque do telefone, àquela hora, sobressaltou-o.

— Mike, eu o acordei? — a voz de Maggie era sussurrada.

— Não.

— Tentei ligar-lhe ontem à noite. Ninguém atendeu.

— Estive fora da cidade. Tinha duas pistas fabulosas — fez uma pausa. — Por que está telefonando? Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada de maior. Eu só queria... oh, isso pode esperar, em primeiro lugar, estou morrendo para saber por que viajou assim tão de repente. Descobriu alguma novidade?

— Embarquei com essa esperança. Saí que nem Napoleão à conquista da Rússia. E voltei do mesmo jeito que ele. Derrotado, arrasado, de mãos vazias. Maggie, eu andei por tudo quanto foi lugar. E você não é capaz de acreditar aonde fui parar. Imagine só, a um convento!

— A um convento?

— Qualquer dia destes conto tudo. Agora diga...

— Mike, não seja chato. Conte de uma vez. Não suporto histórias inacabadas...

— Bem, foi você quem pediu.

Resumiu-lhe como o Dr. Eberhart o levara a O'Flanagan, que por sua vez o levara ao Departamento de coleções Especiais do Colégio Parktown, onde uma pista o levara a Judith, a filha de Cassie

McGraw com Jadway. E Judith, concluiu, agora fazia parte de uma ordem de freiras enclausuradas, fora do seu alcance.

— Uma freira, Mike? Quer dizer que ela é mesmo freira? — havia assombro na voz de Maggie.

— Sem a menor sombra de dúvida. Tudo para a maior glória de Deus. O salário pode ser íntimo, mas as vantagens extras são enormes. E você, como vai? Por falar nisso, já podemos voltar de novo a você? Porque é que queria falar comigo ontem? E porque está a cochichar deste modo?

— Não quero que ninguém me ouça. Mike, de momento não posso dizer nada, mas preciso encontrar-me com você. Foi por isso que liguei para aí.

— Quando quiser.

— Não posso sair antes de amanhã à noite. Faz-lhe jeito?

— Lógico. À hora do jantar, então.

— Ótimo. Façamos o seguinte, Mike. As oito e meia, diante do Village Theatre em Westwood, está bem?

— Eu apanho-a lá. Oito e meia em ponto. Depois a gente vai comer alguma coisa.

Ela baixou a voz.

— Em algum lugar retirado. Talvez perto da praia.

— Na praia, seja — morria de curiosidade. — Maggie, tem a certeza de que não quer dizer nada agora?

— Deixe para amanhã, Mike. Amanhã à noite.

— Ficarei aguardando.

Mas depois, ao desligar o telefone, percebeu que de modo algum ficaria aguardando; não desta vez, não, depois da conversa que tivera com Zelkin. Lembrou-se do que precisava fazer segunda-feira, e então, mais do que nunca, sentiu-se como Judas Iscariote antes da última ceia. Esta seria a sua última ceia com Maggie, antes de matar o que ela amava. Depois disso, não haveria mais Maggie.

E aí então, para sua surpresa, percebeu que também estaria matando o que ele amava.

Agora sabia. Estava apaixonado. E logo por quem? Pela sua própria vítima.

A vida era uma merda.

Sábado à noite.

Chez Jay: o restaurante retirado, perto da praia. Ficava na Ocean Avenue, em Santa Mônica. Se alguém passasse sem prestar atenção, nem o veria. Embora talvez não pudesse deixar de ouvir.

Chez Jay era um lugar assim: minúsculo como uma casa de boneca; escuro; apinhado de gente; com música estridente, barulhenta; as pessoas aglomerando-se em fila dupla no balcão do bar; mesas e reservados e velas de cera; serragem; amendoim que era preciso descascar, o soalho semeado de cascas; comida maravilhosa; um punhado de celebridades; garotas disponíveis à cata de programa; intimidade e relativa tranquilidade somente quando se conseguia o grande reservado do fundo.

Mike Barrett e Maggie Russell estavam no grande reservado do fundo.

Ao chegarem ao restaurante e serem conduzidos à mesa, Barrett disse: — Você queria algo que não fosse muito conhecido. Duvido que alguém do círculo de Griffith ou da turma de Yerkes a encontre aqui.

— Não era por isso que eu queria um lugar retirado — respondeu Maggie.

E depois que se sentaram e pediram bebidas, explicou: — Eu queria apenas um lugar onde pudesse ficar a sós com você.

Estava linda e ele sentiu vontade de pousar os lábios nas pálpebras daqueles olhos cinza-esverdeados, na boca vermelha, na profunda reentrância dos seios, *etc.*

— Que bom — comentou.

— Aliás, o Tio Frank sabe que ando a encontrar-me com você. Depois que aquele detestável Irwin Blair nos viu no La Scala, pelo menos foi logo contar a Luther Yerkes que passou adiante ao Tio Frank. No outro dia de manhã, Tio Frank tocou no assunto como quem não quer a coisa. Estava curioso por saber como nos conhecíamos. Lógico que eu não podia contar-lhe o que Jerry tentara fazer, como você o salvou, e tudo aquilo. Disse simplesmente que Faye Osborn me tinha apresentado numa conferência, o que era a pura verdade. A única preocupação dele é que você pudesse estar

a utilizar-me. Garanti-lhe que não. Disse que você andava pelo beijo por mim porque eu era muito sexy.

Sorriu com timidez.

— Estou a brincar.

— Pois eu não — retorquiu Barrett. — De fato ando pelo beijo por você. E você é sexy.

Além de uma porção de outras coisas mais.

— Mike, não pense que eu queria um elogio. Embora um dia destes me agradasse saber quais são essas outras coisas mais.

Lembrando-se do que se preparava para segunda-feira, ele concordou sem entusiasmo.

— Está bem. Um dia destes, muito em breve.

— Mas voltando ao titio. Como ia dizendo, ele mostrou-se todo camarada, dizendo que não desejava intrometer-se na minha vida particular, que ninguém tinha nada que ver com aquilo, desde que eu fosse discreta. Tudo tão diferente dele, tão óbvio. Podia imaginá-lo com a maior facilidade a combinar pormenores com Duncan e Yerkes, procurando os três a melhor maneira de se aproveitar essa história entre Maggie e Mike. Quem sabe se não seria bom proibir esses encontros? E aí então, o cérebro de computador de Underwood, comparando-nos a outros pares históricos... por exemplo, vejam o que aconteceu quando os Montecchios e os Capuletos interferiram com Romeu e Julieta, ou a luta de clãs entre os Cohens e os Kellys... e finalmente a decisão: porque não usar Maggie, fazendo-a aproveitar-se de Mike Barrett? No mínimo foi isso, porque durante os últimos dias, Tio Frank perguntou-me diversas vezes se ando a encontrar-me com você. Uma ocasião quis saber sobre o que conversávamos e qual era a opinião que você tinha sobre a marcha do processo. Seja como for, Mike, fique prevenido. Eu posso estar a usá-lo...

— Eu quero que você me use.

— ...em nome das forças do mal. E eles todos são malignos, sem exceção. Sobretudo Tio Frank. Agora estou convencida — parou abruptamente. — Por enquanto, ainda não quero entrar nesse assunto. Estraga a bebida.

Ergueu o copo de Gibson e ele o seu Scotch. Brindaram um ao outro e beberam.

Nesse meio tempo, o proprietário do restaurante, amigo de Barrett, resolveu fazer uma brincadeira com ele, pondo um disco de Tom Lehrer na grafonola. Uma das canções do satirista, cuja letra se destacou sobre a balbúrdia da sala, era "Putaria":

*Eu não vibro
Com qualquer livro
Pra mim, livro
Tem que ter putaria.
Putaria sem puritanos,
Pudores no ânus.
Quem é que joga sinuca,
Perde tempo com arapuca,
Até ficar cabeça maluca?
O Marquês de Sade
É quem contava a verdade.
O diabo é que agora
Falam em criar uma garra
Para acabar com a farra.
Minorias, uni-vos!
Censura é sacanagem,
É pura veadagem!
Se nos chamam animais,
Levaremos o caso aos tribunais!
O apaixonado é putaria,
Putaria sem fossa
Putaria com bossa
Putaria da grossa!*

Maggie e Barrett riram e continuaram a beber.

Isto fora há mais de duas horas, e agora, depois de três bebidas, uma salada, uma garrafa de vinho, um prato de Strogonoff, uma fatia de queijada e autobiografias recíprocas, os dois estavam mais íntimos do que nunca. Deixaram-se ficar lado a lado, à luz trémula

das velas, as coxas unidas, a mão dela acariciando a dele, calados e pensativos.

De repente Maggie suspirou, afastou a mão e desencostou o corpo. Mike olhou para ela, que agora mantinha uma postura correta e parecia resoluta e inquieta.

— Mike, antes que eu fique completamente sóbria, há uma coisa... como eu lhe disse ao telefone ontem à noite, há uma coisa que quero resolver com você.

— Sou todo ouvidos.

— Há pouco falei em forças do mal e disse que o meu tio era a mais maligna de todas.

E é. É um monstro. Qualquer-resquício de boa vontade que eu pudesse ter por ele agora evaporou-se por completo. Você não faz ideia do conflito que há naquela casa.

— Por causa de Jerry?

— exatamente. Por causa de Jerry. Por causa do depoimento que ele vai prestar na segunda-feira.

— O rapaz continua a resistir à ideia?

— E como! E o Tio Frank está mais inflexível do que nunca. Jerry terá de se apresentar no tribunal e condenar o livro de Jadway pelo que lhe causou. Tio Frank não pára de gritar que só pensa no futuro do filho. Pois sim. Ele só pensa em si mesmo e no que os outros vão dizer. Se se lembrasse um pouco de Jerry, não ligaria a mínima importância à opinião alheia. Não permitiria que o filho passasse por um vexame desses.

Mandou até chamar Yerkes para enganar e persuadir Jerry. E Elmo Duncan também, para tranquilizar o rapaz e demonstrar como tudo vai ser fácil. Ontem... foi terrível... houve uma cena medonha entre o Tio Frank e a Tia Ethel, Foi uma das raras vezes em que a vi emitir uma opinião própria. Jerry também é meu filho, disse ela, eu dei-o à luz, criei-o, e tenho todo o direito de falar. E afirmou que não ficaria de braços cruzados, assistindo ao marido e ao resto daqueles homens a forçarem o filho a contrariar a própria natureza. Ela achava que a decisão cabia exclusivamente a Jerry. Ora, Tio Frank só faltou subir pelas paredes.

Disse que já era tempo de Jerry começar a fazer uma porção de coisas contrárias à natureza dele, uma vez que comer... o termo é dele... moças contra a vontade delas fazia parte da verdadeira natureza de Jerry. E há mais, gritou. Que tolice era aquela de ter criado Jerry, quando não passava de uma pobre coitada que vivia preocupada consigo mesma e com as suas doenças, o que, em grande parte, explicava o que o rapaz tinha de errado, não lhe dando direitos iguais ao filho, porque sempre fora egocêntrica e tolerante de mais, deixando-o fazer tudo o que queria, e que já era hora de alguém interferir e começar a tomar decisões pelo rapaz, pondo-o de novo nos eixos. Eu pensei que Tia Ethel fosse desmaiar ali mesmo na cadeira de rodas, e quando ela sentiu falta de ar, corri a acudir-lhe.

Ela ainda continua de cama. Que coisa horrível, não é?

— Se é.

— A vida de uma família americana de classe alta que não foge muito à regra. Não que eu me esteja eximindo totalmente da culpa. A última vez que estive com você, ia tentar evitar isso, procurando intervir junto do Tio Frank ou do Dr. Trimble, o psicanalista. Só tive coragem de falar com o Dr. Trimble. Conte-lhe exatamente o que Jerry me repetia todos os dias. Que se ele fosse forçado a depor em público, cometeria suicídio,, se não antes, então depois de comparecer no banco das testemunhas. Implorei ao Dr. Trimble que convencesse o Tio Frank. Mas o Dr. Trimble negou-se, dizendo que não havia necessidade de aborrecer Frank Griffith com isso. E que Jerry, como a maioria dos jovens, é mais maleável do que a gente pensa. e que iria resistir muito bem ao interrogatório no tribunal.

Chegou mesmo a afirmar que talvez fosse uma experiência saudável para ele... uma espécie de expiação e purificação públicas. Quanto a suicídio, não, aquilo era pura conversa fiada.

A maioria das pessoas que falam em se suicidar nem chega a tentar, e Jerry estava apenas a usar isso como forma de ameaça para fazer o que bem entende e castigar os que o rodeiam.

Fiquei indignada. Deu-me vontade de pegar naquele médico burro, dar-lhe uma boa sacudidela e dizer-lhe o que Jerry nunca lhe contou a ele ou a nenhuma outra pessoa além de mim... que Jerry

tinha tentado suicidar-se há poucos dias., que não estava a brincar e tentaria de novo, e da próxima vez conseguiria. Mas não pude... como é que eu ia revelar o nosso segredo e trair Jerry? Depois disto, vi que era inútil falar com Tio Frank.

Descontando aquelas intimidades desajeitadas que procurou ter ultimamente comigo para descobrir o que sei a seu respeito, ele nem se lembra de que eu existo. Tenho tanta significação, identidade ou influência para ele como uma estátua qualquer. De modo que a única pessoa com quem posso falar sobre isso, a única que eu sabia que havia de compreender, é você, Mike. Você acredita-me, não é, Mike, quando digo que Jerry se vai suicidar? Afinal de contas, você bem sabe que ele já tentou uma vez.

Ela esperou, observando-o, com o olhar firme nos olhos dele.

— Uma vez não, Maggie — replicou. — Duas.

Os olhos dela arregalaram-se e cobriu a boca com a mão.

Murmurou alguma coisa que ele não pôde entender.

Depois, baixou a mão e perguntou:

— Como foi que você soube?

— O gabinete da Promotoria e a defesa são ambos encarregados de saber, de procurar continuamente descobrir o que devem saber. O meu sócio contratou uma agência de detectives particulares... nós não contamos com os recursos do Departamento da Polícia, que fica sob as ordens de Duncan, portanto precisamos de recorrer a investigadores particulares. Eles pesquisaram a ausência de Jerry na faculdade, os movimentos dele naquela época, e daí por diante. E souberam que ele tinha tentado matar-se meses atrás...

muito antes de haver lido o livro... e que você o levou a São Francisco, logo em seguida, para consultar um psicanalista.

Ela parecia torturada e ele sentiu vontade de a tomar nos braços para lhe aliviar a dor e prometer-lhe que nada daquilo transpiraria em público. Mas não podia fazê-la porque seria mentira. De forma que agora estava tudo às claras, ali, vivo, entre ambos.

Ela começou a falar.

— Que mais é que eles sabem? — perguntou.

— Mais nada.

— E você vai mencionar isso no tribunal?

— Que remédio!

— Mike, não. Por favor.

— Maggie, não me resta outra alternativa. Só há uma coisa que eu preciso de saber.

Compreendo a situação de Jerry, que ele está à beira de ficar desequilibrado. Mesmo assim, que medo é esse de aparecer como testemunha? Entendo perfeitamente que para ele seja uma provação horrível, mas toda a gente já está familiarizada com o crime e a doença dele.

Portanto, à saúde de que é que uma simples aparição no tribunal representa uma questão de vida ou morte para ele? Este é que é o X do problema para mim.

Ela franziu a testa e manteve-se algum tempo em silêncio, como se estivesse a deliberar sobre o que iria responder. Por fim, levantou os olhos para Barrett.

— Talvez tudo esteja relacionado com o motivo que me fez falar-lhe hoje à noite, Mike. Porque sei que você é humano, compreende os outros, e tem um profundo senso de dignidade. Vou dizer-lhe o seguinte. Jerry não está realmente com medo de comparecer no tribunal, de se sentar em público no banco das testemunhas e ser interrogado por Elmo Duncan. Ele sabe que é testemunha de Duncan e que Duncan será amável com ele, não lhe fazendo nenhum mal de propósito. É de você que ele tem medo, Mike. É com a sua inquirição que ele se apavora. Ele sente que você precisa de desmoralizá-lo e até destruí-lo, se quiser ter uma possibilidade de ganhar a questão. Esta é que é a verdade. Ele tem medo do que a defesa possa fazer com ele.

— Você ainda não me disse porquê. A não ser obrigá-lo a confessar aquela primeira tentativa de suicídio, que outra informação posso arrancar dele que já não seja de domínio público? E quanto a obrigá-lo a confessar a primeira tentativa de suicídio, o que é que isso tem de horrendo depois de todo o resto... depois do estupro e das suas consequências?...

Pode até granjear-lhe simpatia. Porque, exatamente, esse medo louco de ir ao tribunal e ser inquirido por mim?

Ela ficou hesitante.

— Eu... eu não sei explicar, Mike. Tudo faz parte do mesmo quadro neurótico.

Quando você foi dominado, esmagado, a vida inteira, por um pai tirânico, você nem sabe bem o que você é, que valor você tem, até mesmo se ainda está inteiro, como pessoa humana. Sente-se sempre deslocado. Você chega a um ponto que não dá mais. Aí então, ser despido e fustigado em público por um inquiridor, ter as suas piores fraquezas expostas sem a mínima proteção, ser humilhado sem dó nem piedade, eu acho que já é exagero.

Não há quem resista — fez uma pausa. :— As perguntas que você lhe vai fazer... humilhá-lo-iam, não?

— Maggie, não há inquirição que seja fácil para a testemunha. Apesar disso, muita gente até bem frágil consegue suportá-la e sobrevive intata. Para alguém como Jerry, é difícil prever. Só posso prometer que... conhecendo-o, por seu intermédio... não serei maldoso nem cruel. Nada de Grande Inquisidor, nem Torquemada. Mas preciso interrogá-

lo, e ele terá de responder às minhas perguntas, uma vez que estará sob juramento.

Ela ficou calada de novo. Qualquer coisa se formava por trás dos seus olhos.

— Mike, você precisa mesmo de interrogá-lo? Precisa inquiri-lo?

— Se Duncan não o levasse ao tribunal, eu não precisaria. Mas ele vai levá-lo. Duncan quer interrogá-lo. De modo que não me resta outra alternativa.

— Mas você não está obrigado, está? Você pode dispensar a sua inquirição, não pode?

— Evidentemente, a defesa sempre pode desistir, renunciar à inquirição, mas...

Ela agarrou-se ao braço de Barrett com ambas as mãos.

— Então renuncie, Mike. Era isso o que eu queria... pedir-lhe hoje. Não submeta Jerry ao seu interrogatório. Eu não podia impedi-lo de ser forçado a comparecer no tribunal.

Mas ele ainda pode ser salvo, se o lado que compete a você não o perseguir. Não estou a pedir que faça isso por mim, Mike. Não

tenho o direito de pedir uma coisa dessas. Mas é pelo rapaz. Pense nele. Por favor, não o interrogue.

Largou-lhe o braço e apertou as mãos com força, esperando.

Era dura, penosa, a atitude que tinha de tomar. Mas Barrett sacudiu devagar a cabeça.

— Não, Maggie. Não posso fazer isso. Não posso trair as pessoas que me contrataram e dependem de mim. Não posso trair Jadway, o livro dele e as liberdades em que eu acredito. Ouça, meu bem. Procure ser razoável comigo. Até aqui o Promotor Público venceu em toda a linha. Conseguiu argumentos poderosos contra Jadway e o livro. Vimos frustrados todos os nossos esforços para refutar ou repelir a ação contra Jadway. Agora, ele pretende provar a influência perniciosa do livro através de Jerry Griffith. Esta é a primeira oportunidade que temos para impedi-lo. Se não nos defendermos desta vez, então vamos ao fundo, e os censores ficarão senhores da situação. Se Duncan interrogar Jerry, não tenho outro remédio senão fazer o mesmo. É a nossa última, a nossa derradeira esperança. Se as coisas tivessem saído diferentes antes, ou estivessem um pouco diferentes agora, eu certamente levaria em consideração o que você pediu... renunciar à inquirição... porque então seria menos crucial.

Ela aproximara-se mais dele.

— O que... o que você quer dizer, se as coisas tivessem saído diferentes ou estivessem diferentes agora? Que coisas?

Lembrou-se do argumento que Zelkin usara com ele na véspera e aplicou-o com Maggie.

— Bem, se contássemos com Leroux do nosso lado, e com a tal Vogler, por pouco que fosse, eu certamente poderia pensar em desistir da minha inquirição de Jerry, porque, como já disse, teria menos importância. Ou mesmo agora, se eu tivesse uma testemunha que fosse realmente estelar, capaz de refutar o que Leroux depôs e criar uma situação favorável a Jadway e ao livro, talvez não precisasse de me preocupar com Jerry. Mas o caso é que não disponho dessa testemunha. Não tenho ninguém remotamente parecido com isso, e portanto...

— Mike.

Olhou vivamente para ela, impressionado com a firmeza da sua voz.

— Essa testemunha de que você precisa... Quem poderia ser... que tivesse tanta importância assim para você?

— Quem? Olhe, eu diria que resta apenas uma capaz de significar alguma coisa. E ela significaria tudo. Estou-me a referir a Cassie McGraw. Ora, se eu contasse com ela...

— Pode contar, Mike.

Foi tão repentino, que ele quase não compreendeu e muito menos reagiu. Ficou olhando fixamente, apatetado, para Maggie Russell, Ela estava calma e senhora de si, e quando tornou a falar foi com perfeita segurança.

— Vou propor-lhe um negócio, Mike. Você promete que não interroga Jerry Griffith e eu prometo trazer Cassie McGraw... a própria Cassie McGraw, em pessoa.

IX

Coloque, por favor, a mão esquerda sobre a Bíblia e levante a direita. Jura por Deus que o depoimento que irá prestar na causa ora em julgamento perante este tribunal corresponderá à verdade, somente à verdade e nada mais que à verdade?

— Juro.

— Seu nome, por obséquio.

— Jerry... Jerry Griffith.

— Soletre, por favor.

— Grif... Griffith... hã... G... hã... G-r-i-f-f-i-t-h.

— Pode sentar-se no banco das testemunhas, Mr. Griffith.

Do seu canto, à mesa da defesa, Mike Barrett viu o rapaz magro dirigir-se para o banco indicado e, nervoso, ocupar o assento. O cabelo castanho-claro estava recém-aparado, os olhos (um tique persistente na vista esquerda) dardejavam de um lado a outro da sala, evitando o microfone prateado à sua frente; o rosto era pálido, os ombros arqueados — como uma tartaruga assustada, prestes a recolher a cabeça dentro da carapaça protetora. Humedecia continuamente os lábios ressequidos com a ponta da língua, aguardando que o seu Caronte desse a partida para a jornada através do seu Rio Estige particular.

Depois, o olhar de Barrett desviou-se da estrela da acusação para observar o fundo da sala, transbordante de gente. Sabia que Maggie Russell estava presente nalguma parte daquele mar de fisionomias e que a atenção dela não se concentrava apenas em Jerry mas no próprio Barrett. Percebeu também a presença de Philip Sanford entre os espetadores logo atrás dele, de um Abe Zelkin sério e resoluto, e de um Ben Fremont preocupado e ansioso, que ocupavam assentos a seu lado.

Lembrou-se da véspera, dia não de repouso mas de agitação ininterrupta.

Passara em revista tudo o que Maggie lhe contara. Cada pormenor. Passara em revista e ponderara um sem-número de vezes.

Por incrível que pareça, ou talvez nem tanto assim, a lendária Cassie McGraw, amante de J J Jadway — Cassie McGraw, modelo da heroína de Os Sete Minutos — estava viva, e bem viva, no Meio-Este. Soubera do julgamento pelos jornais. Escrevera a Frank Griffith, em defesa de Jadway. Como secretária social extra-numerária, Maggie sempre recebia a correspondência da família em primeiro lugar, e interceptara o comunicado oficial de Cassie McGraw, escondendo-o de Griffith e guardando-o durante duas semanas. Como era favorável à defesa, Maggie reservara-o para poder negociá-lo mais tarde. Não contra Barrett, inicialmente, mas contra Frank Griffith. Depois, temendo que Frank Griffith tivesse ficado muito fanático e obcecado de mais para tratar desse tipo de negócios — excessivamente dogmático para concordar em manter Jerry longe do banco das testemunhas em troca da destruição do comunicado oficial de Cassie — e temendo, também, que Griffith viesse a tomar conhecimento da carta e se apoderasse dela, resolveu oferecê-la a Barrett como último recurso, num derradeiro esforço de salvar Jerry.

Barrett, no sábado à noite, não lhe dera nenhuma resposta definitiva.

Passara o domingo inteiro, desde o despertar até à hora de dormir, pesando os prós e os contras da troca proposta.

Pró: uma Cassie McGraw viva como testemunha de defesa seria uma sensação. Pró: o comunicado de Cassie, defendendo os motivos e a integridade de Jadway ao escrever Os Sete Minutos, anularia os depoimentos de Leroux, do padre Sarfatti e do resto, pois Cassie fora o outro-eu de Jadway, conhecera as suas ideias e palavras em primeira mão, e só ela podia ser a voz final da verdade. Pró: Cassie podia exterminar as calúnias acumuladas contra o sistema de vida de Jadway e ao mesmo tempo atenuar a impressão causada pelo seu suicídio. Pró: Cassie McGraw, hoje idosa, pela sua própria

aparição em carne e osso, o protótipo confesso da heroína do livro, constituiria um instrumento de prova para contestar a acusação de que a sua atuação no romance era pornográfica e obscena. (Afinal de contas, quem é que pode imaginar a Mãe de Whistler fodendo?) Mas havia os contras, poucos talvez bem fortes, mas de certo modo mais contundentes.

Contra: já que Cassie McGraw defendera o livro em carta remetida a Frank Griffith, porque não se apresentara em ocasião subsequente para se oferecer como testemunha de defesa? Contra: talvez porque não encarava de maneira totalmente favorável o livro ou a vida de Jadway? Contra: e o que aconteceria se fosse forçada, sob juramento, não apenas a confirmar, mas a fundamentar os depoimentos nocivos já prestados pelo editor francês e pelo padre do Vaticano? Contra: e se a aparência e o modo de falar dessa mulher idosa, em vez de desmentir o retrato de uma criatura volúvel e dissoluta, feito por Duncan, só corroborasse a versão descrita pela acusação? Contra: em suma, se ela se tivesse transformado numa dessas velhas marafonas que vivem piscando o olho, bêbedas, desbocadas, desgrenhadas e tagarelas, que pintam os cabelos e são encontradas não só em ruas escusas como também em seletas festas de beneficência? Contra: e se toda a transação não passasse de um logro, o maior de todos os blefes, e estivesse a ser perpetrado por Maggie por instigação da família Griffith? Maggie fizera troça da desajeitada tentativa de Griffith para obrigá-la a usar Barrett, mas se tudo aquilo fosse de fato uma dissimulação? E porque ela não lhe mostrara ao menos o comunicado de Cassie, revelando o seu paradeiro exato? Seria, como ela havia dito, porque não conseguira tirar a prova no domingo, dia em que Frank Griffith estava em casa? Ou era porque andava tão desconfiada — bem, tão receosa — de que Barrett a estivesse a usar como ele agora andava a respeito dela (significando que ela sabia que depois que ele descobrisse o paradeiro de Cassie, não precisaria manter a sua palavra no tratado)? Ou será que a prova de Cassie McGraw estar viva simplesmente não existia?

Os contras, os prós. Os prós e os contras.

A decisão teve de ser tomada segundo os termos de Maggie Russell. Primeiro Barrett precisava de cumprir a sua parte no tratado. Nada de inquirição de Jerry Griffith. Depois, num prazo de poucas horas, Maggie cumpriria a dela: revelaria, com efeito, o paradeiro de Cassie McGraw.

Cumpridas ambas as partes, a defesa teria mais do que esperança. Teria uma vitória potencial. Porém, se cumprisse a sua, e Maggie não, Barrett teria traído a confiança depositada pelos seus constituintes. E não só a defesa, mas ele, pessoalmente, sofreria a mais amarga das derrotas.

Na véspera não fora capaz de chegar a uma decisão.

E hoje de manhã tão-pouco.

Em determinado momento, uma hora antes de o tribunal se reunir, antes que a acusação colocasse o Dr. Roger Trimble no banco das testemunhas para depor sobre o grave trauma por que Jerry passara com a leitura do livro de Jadway, Barrett sentira-se tentado a revelar a proposta de Maggie a Abe Zelkin. Mas não encontrou coragem, pois sabia instintivamente qual seria a reação do sócio. Mais valia um pássaro na mão: Zelkin não conhecia Maggie e tudo se resumia na questão de ela ser honesta e digna de confiança.

Zelkin não a conhecia e desconfiaria categoricamente de qualquer aliado proveniente da casa de Griffith. Portanto, competia a Barrett tomar a decisão sozinho. Ele conhecia Maggie. A decisão precisava de ser baseada no seu julgamento pessoal de Maggie, o que a tornava duplamente difícil. Os seus julgamentos de mulheres anteriores haviam sido sistematicamente péssimos, de modo que o problema, caro advogado de defesa, reduzia-se ao seguinte: era Maggie Russell a personificação de todas as mulheres que ele conhecera no passado, ou era a sua mulher, a primeira mulher verdadeira que jamais conhecera?

Não podia responder. Não podia decidir.

E então percebeu que teria de decidir e responder muito em breve. Pois minutos antes tinha feito um último gesto para impedir o comparecimento de Jerry Griffith.

Protestara contra a convocação da testemunha sob a alegação de irrelevância. O júri retirara-se do recinto e ele debatera a questão

com Duncan perante o juiz. O juiz Upshaw baseara a sua decisão no Cânone Judicial 36, segundo o qual a função do juiz era assegurar que os trâmites forenses fossem conduzidos de molde a refletirem a importância e seriedade do inquérito para apurar a verdade. Uma vez que a acusação sustentava que um livreiro tinha vendido um livro nocivo ao público, e um membro do público tinha confessado que fora levado ao crime pelo mesmo livro, então não restava a mínima dúvida de que se devia ouvir a testemunha nos interesses da verdade.

O protesto da defesa foi indeferido. A testemunha prestaria juramento e receberia permissão para falar.

Assim, a última tangente que teria salvo Barrett de tomar uma decisão a respeito da integridade de Maggie havia sido eliminada. Ele continuava colocado diante de sua terrível alternativa. Ainda teria de responder àquelas perguntas incômodas e tomar uma decisão, tomar depressa de mais. Postado exatamente à sua frente, com os modos mais cordiais e simpáticos, trajando o fato mais discreto e conveniente, achava-se o louro Elmo Duncan, Promotor Público de Los Angeles e futuro Senador dos Estados Unidos.

Duncan encarava o banco das testemunhas, sorrindo amavelmente para Jerry Griffith e desobrigando-se da maneira mais suave, delicada e cativante do interrogatório direto da sua testemunha estrelar.

— Jerry Griffith, posso saber qual é a sua ocupação atual ou mais recente?

— Estudante.

— Quer fazer o favor de falar mais alto? Disse que...

— Sou estudante.

— Frequentando a faculdade. Pode dizer onde?

— A Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

— Em Westwood?

— É

— Há quanto tempo está na universidade?

— Quase três anos.

— Antes disso, cursou alguma escola secundária local?

— O Colégio Palisades. Menos o primeiro semestre. Eu estava em Webb. Mas fui transferido.

— Foi transferido? Por quê?

— Meu pai quis que eu frequentasse uma escola mista.

— E o Palisades é misto? A UCLA é mista?

— Sim, senhor.

— Você costumava sair com garotas enquanto esteve no colégio e na faculdade?

— Sim, senhor.

— Antes deste ano, digamos durante o seu último ano no colégio e os seus primeiros dois anos na UCLA, com que frequência saía com garotas?

— É... é difícil lembrar-me. Não me lembro com que frequência. Eu...

— Pode dar uma ideia aproximada?

Da mesa de defesa, Barrett levantou-se um pouco.

— Protesto, Meritíssimo. A testemunha declarou que não se lembra. Protesto sob a alegação de que a pergunta foi feita e respondida. Além disso é ociosa.

O juiz Upshaw acenou com a cabeça,

— Protesto aceito.

Tornando a sentar-se, Barrett olhou de relance para Jerry Griffith e pela primeira vez notou que o rapaz o estava a fitar. Era um olhar amedrontado, e Jerry parecia ter definhado no banco das testemunhas. Barrett já tinha visto a mesma expressão nos olhos de um cachorro ameaçado de ser espancado pelo dono; lamentou que tivesse sido necessário levantar um protesto. Resolveu ser mais indulgente com a inquirição do oponente, antes de tolher por completo a testemunha de medo.

Pelo jeito, Elmo Duncan também estava preocupado com a estabilidade e resistência do depoente, porque abandonou o tom calmo com que fazia as perguntas e passou rapidamente ao âmago da questão.

— Mr. Griffith, qual é o curso que o senhor está a tirar na UCLA?

— Literatura Inglesa,

— Isso exige-lhe leituras constantes... digamos pelo menos três livros por semana?

— Sim, senhor.

— O senhor também lê muitos livros por conta própria, por assim dizer, isto é, livros que não fazem parte do currículo?

— Sim, senhor.

— Quantos livros extras o senhor diria que lê, em média, por semana?

— Uns dois ou três.

— Esses livros extras são, na maior parte, de ficção?

— Sim, senhor.

— Podia citar os títulos de alguns livros que leu durante os últimos seis meses? Títulos e autores.

— Eu li... Eu li O Lobo da Estepe, de Herman Hesse. Sidarta, que também é dele. Servidão Humana. Esse é de Maugham. Suave é a Noite, de F. Scott Fitzgerald. O Vermelho e o Negro, de Stendhal. Depois... é... é difícil lembrar... ah... Contraponto, de Aldous Huxley. E Passagem para a Índia, de E. M. Forster. Tudo de Kafka. Camus. Eu... eu teria de pensar...

— Esses exemplos já bastam. Agora diga-me, considera pornográfico ou obsceno qualquer deles?

— Não, senhor.

— Há algum motivo para que lesse justamente esses livros?

— Para... acho que para descobrir mais a respeito de mim mesmo... como eu devia pensar e sentir a respeito das coisas.

— Quer dizer que é sensível ao que lê... isto é, reage fortemente à leitura?

— Sim, senhor

— Já leu Justine, do Marquês de Sade?

— Não, senhor.

— Já leu uma tradução da obra pornográfica oriental, o Kama-Sutra?

— Não, senhor.

Barrett remexeu-se na cadeira e depois ergueu a voz.

— Gostaria de protestar, Meritíssimo, sob a alegação de que a pergunta é irrelevante.

O juiz Upshaw aproximou-se do microfone da escrivaninha.

— Protesto recusado. Continue, Mr. Duncan. Elmo Duncan virou-se de novo para a testemunha.

— Mr. Griffith, o senhor já leu Minha Vida e meus Amores, de Frank Harris?

— Não, senhor.

— Ou O Amante de Lady Chatterley?

— Não, senhor.

— Ou Sexus, de Henry Miller?

— Não, senhor.

— Já leu Fanny Hill, em todo ou em parte?

— Não, senhor.

Duncan sorriu aprovativamente para Jerry, olhou para os jurados e depois virou-se de novo para a testemunha.

— Houve uma tentativa recente de publicar... bem, realmente foi publicado, publicado abertamente pela primeira vez... um livro do mesmo gênero, semelhante aos que lhe perguntei há pouco. Quero saber se já o leu. Já leu Os Sete Minutos, de J J Jadway?

— Li, sim, senhor.

— Tinha ouvido falar do livro ou conhecia-o antes da sua publicação nos Estados Unidos pela Sanford House?

— Não... bem, só de passagem... ele foi citado vagamente numa das minhas aulas de Inglês na UCLA.

— A aula entusiasmou-o a lê-lo?

— Não, senhor. Mesmo que... que tivesse... não havia exemplares em lugar nenhum. A aula foi dada há alguns meses.

— Mas se na época houvesse exemplares disponíveis, não o teria encorajado a comprar um?

Barrett pôs-se de pé.

— Protesto, Meritíssimo. O Promotor Público fez uma pergunta ociosa.

— Protesto aceito.

Duncan enfrentou mais uma vez a testemunha.

— A referência do professor a Os Sete Minutos fez com que quisesse ler o livro?

— Não, senhor.

- Poderia dizer o que, finalmente, o levou a ler Os Sete Minutos?
- Eu... eu vi qualquer coisa a esse respeito numa dessas livrarias que vendem... que vendem esses jornais e revistas semanais de protesto e vanguarda. Eu estava a folhear uma das revistas...
- Não se lembra do nome da revista?
- Não. Mas era de Nova Iorque. Havia umas cem todas diferentes, nas prateleiras e eu vi aquela, onde havia um artigo sobre a saída do livro.
- Era uma crítica, resumo ou nota sobre o livro de Jadway?
- Acho que resumo. Fazia uma espécie de sinopse de certos trechos do livro.
- E essas sinopses estimularam-no a ler o livro?
- Deixaram-me curioso.
- Por quê?
- Eu... sei lá... não por... porque... acho que porque nunca soube que as mulheres fossem tão interessadas no sexo.
- Ora, Mr. Griffith, até então por que motivo o senhor pensava que as mulheres participassem das relações sexuais?
- Eu... eu acho que pensava que elas... que elas participassem porque toda a gente fazia o mesmo... ou devia fazer o mesmo... para acompanhar a onda. Quero dizer, só para satisfazer os namorados.
- E ler a respeito do livro de Jadway mudou por completo a sua opinião a esse respeito?
- Sim. Depois pareceu-me que elas realmente gostavam de fazer aquilo.
- Compreendo. E quando afinal leu o próprio livro, teve essa mesma impressão?
- Tive.
- Embora sabendo que se tratava de ficção?
- Esqueci que era ficção. Acreditei em tudo.
- Acreditou que todas as mulheres, ou a maioria delas, estavam famintas de sexo, e de tudo quanto é perversão em matéria de sexo, tal como Cathleen, a heroína de Os Sete Minutos?
- Sim, senhor

— Continua a acreditar?

— Não, senhor.

— Crê que o livro o ludibriou?

— Protesto, Meritíssimo. Mr. Duncan está a orientar a testemunha.

— Protesto aceito.

— Muito bem, Mr. Griffith. Na sua opinião, o retrato que Jadway faz de Cathleen no romance é um quadro realista e verdadeiro de uma moça ou é incomum e inverídico?

— Incomum e inverídico.

— Portanto, depois de ler o tal artigo sobre Os Sete Minutos, leu o livro?

— Não imediatamente. Ainda não tinha saído. Fiquei a pensar sobre o que o artigo dizia, depois esqueci durante algum tempo até que vi um anúncio enorme num jornal local, dizendo que o livro estava à venda. Então comprei um exemplar e li.

— Quando foi isso? Quando o leu?

— Na noite de dezoito de Maio.

Barrett concentrara-se no depoimento, mas foi distraído por Zelkin, que lhe sacudia o braço. Já ia a virar-se para o sócio, quando percebeu que Zelkin lhe passava um bilhete.

Dizia: “Sabido este nosso Elmo. Não perguntou onde nem como o garoto conseguiu o livro. Não se esqueça de perguntar na sua inquirição”. Barrett sacudiu vagamente a cabeça e prestou atenção ao banco das testemunhas.

— Leu Os Sete Minutos de fio a pavio, todas as palavras que continha?

— Sim, senhor

— Qual foi a sua reação?

— Fiquei perturbado.

— Perturbado em que sentido?

— Eu... eu fiquei confuso, todo confuso. Não pude dormir.

— Foi à faculdade no dia seguinte?

— Fui, mas gizeei umas aulas no fim da tarde.

— Por quê?

— Estava com a ideia naquele livro. Fui prò meu carro... eu guardava-o no carro...

— Porquê no carro?

— Não queria que meu pai soubesse que eu tinha aquilo.

— Estava com medo de que seu pai reprovasse esse tipo de leitura?

— Sim, senhor.

— Seu pai sempre reprovou livros pornográficos?

— Sim, senhor. Não os permitia em casa. Dizia que não eram saudáveis.

— Concorda com ele?

— Agora concordo, sim.

— Portanto foi para o seu carro. E que fez então?

— Tirei-o do parque de estacionamento da UCLA e saí rodando um pouco por aí, até que encontrei uma rua deserta nas colinas de Hollywood e reli trechos do livro.

— Lembra-se das passagens que releu?

— Não me lembro bem. Um pedaço do primeiro capítulo, o primeiro dos sete minutos da história. Li aquilo várias vezes.

— Que havia naquelas páginas?

— Ela está deitada, esperando por ele... e fica a pensar como ele é parecido com essas estátuas gregas; creio que é logo no começo...

— Se permite que eu lhe refresque a memória sobre esse trecho, Mr. Griffith, ela está deitada nua, pensando nas estátuas de Príapo que existiam em certas ruas da Grécia antiga...

que consistiam no busto de um homem barbudo colocado sobre uma base ou bloco de pedra, de cujo centro se projectava um pênis humano em estado de ereção. E depois o espírito de Cathleen passa dessas estátuas para um vaso grego que ela encontrara uma vez num museu qualquer, onde se achava gravada uma mulher perdida a segurar um olisbos, membro artificial feito de couro duro, e Cathleen então lembra-se de como Lisístrata se queixava da falta desses objetos para que ela e suas irmãs se consolassem. E aí então Cathleen pensa na sorte que teve, e contempla o herói anônimo do livro, não o rosto dele, mas o seu... quais foram as palavras de Jadway?... "pau grosso e moreno, duro e erecto".

“O meu olisbos’, pensa ela, e sente vontade de executar, ou começa a executar, um coito bucal, e depois caí de costas e abre as pernas... tendo início o primeiro dos sete minutos.

Agora, Mr. Griffith, o senhor reconhece esse trecho como um dos que releu várias vezes?

— Sim, senhor

— Na ocasião, pareceu-lhe que era uma obra artística?

— Não refleti sobre isso.

— Bem, pareceu-lhe na ocasião que o autor estava a tentar algo mais do que excitar o leitor?

— Não.

— Ficou excitado com esse trecho ou com o outro?

— Sim, senhor.

— De que modo se manifestou esse excitação?

— Fisicamente. Quis possuir uma mulher.

— Quer dizer que quis ter relações sexuais com uma mulher?

— Sim, senhor.

— Com alguma mulher determinada ou simplesmente com qualquer?

— Qualquer.

— Que fez então?

— Senti vontade de procurar uma mulher. Fui de carro até Melrose... era de noite...

dirigi-me ao bar que às vezes frequentava... o Locomotiva Clandestina... procurei umas garotas... e bebi umas duas cocas. E lá estava aquela moça, de saída para o apartamento dela... parecia-se exatamente com a Cathleen que eu imaginava...

— Refere-se à heroína de Os Sete Minutos?

— Sim. Ofereci-lhe uma boleia...

— Ofereceu uma boleia a Sheri Moore?

— Na ocasião eu não sabia o nome dela. Ela concordou logo. Então levei-a ao apartamento. Disse que ia acompanhá-la até à porta. E acompanhei mesmo. Quando ela abriu a porta, empurrei-a para dentro, obriguei-a a ir para o quarto e despir-se.

— Obrigou-a? De que maneira?

— Com uma faca.

— Ela despiu-se?
— Sim. Ela ficou com medo.
— O senhor também tirou a roupa?
— Tirei.
— Que aconteceu depois?
— Não me lembro. Deu-me uma espécie de loucura. Era como se não fosse eu quem estava a agir...

— Era Jadway quem estava a agir...

Barrett levantou-se indignado.

— Protesto, Meritíssimo! O Promotor Público...

Duncan desmanchou-se em desculpas.

— Retiro a observação, Meritíssimo, Desculpe-me.

E o descontentamento do juiz Upshaw ficou revelado pela ordem brusca que deu ao escrivão do tribunal.

— A observação do Promotor Público será eliminada — virou-se para Duncan e a sua voz parecia um açoite. — Mr. Duncan, a sua observação é imprópria para um promotor de uma corte de justiça e em nada contribui para a vitória da sua ação. Estou certo de que a lamenta, por isso limito-me a esta censura.

Engolindo em seco, Duncan balbuciou outro pedido de desculpas e, com ar de autocensura e humildade, voltou à testemunha, reiniciando o interrogatório com grave deliberação.

— O senhor disse, Mr. Griffith, que a moça, Miss Moore, se tinha despido e que o senhor fez o mesmo, ficando, a partir de então, irresponsável... numa espécie de loucura, segundo a sua própria expressão. O senhor disse que se sentiu fora de si. Agora, Mr. Griffith, pode dizer-nos o que fez a seguir?

— Eu submetia.

— Ela resistiu?

— Sim.

— E mesmo assim violou-a?

— Eu não sabia o que estava a fazer.

— Pensou alguma vez em Os Sete Minutos?

— Quando ela ficou nua, sim... depois não me lembro bem do que aconteceu... só que eu fiz... não podia deixar de fazer.

— E no decurso desse ato sexual, Miss Moore feriu?

— Foi mais tarde, quando eu estava a tentar vestir-me. Ela procurou agredir-me ou tirar-me a faca, não me lembro bem, e eu creio que... não sei como, ela escorregou e caiu...

foi um acidente...

— O senhor sabia que Miss Moore estava desmaiada?

— Não me lembro se sabia ou não. Sabia apenas que ela tinha uma amiga que morava juntamente e que podia chegar a qualquer momento. Por isso, simplesmente me fui embora. Fiquei com uma sensação horrível. Eu... eu queria matar-me... porque aquilo não era eu... o que eu havia feito... não era culpa minha, não sabia o que estava a fazer.

— Jerry Griffith, considera Os Sete Minutos, de J J Jadway, responsável pela sua conduta desregrada?

— Con... considero.

— Já se havia comportado desse modo alguma vez?

— Nunca.

— Crê definitivamente que os trechos obscenos do livro o inflamaram a ponto de o impelirem a um ato criminoso?

— Creio, sim. Não... não encontro outra explicação.

— O senhor sabe que o Dr. Roger Trimble o precedeu no banco das testemunhas.

Acompanhou o depoimento dele?

— Sim, senhor.

— O Dr. Trimble citou Ernest van den Haag como tendo declarado que a pornografia seduz uma parte da personalidade humana, "separando o sexo do seu contexto humano (o Id do Ego e do Super-Ego}, reduzindo o mundo a orifícios e órgãos, à ação e suas combinações. Concorda com essa opinião?

— Acho que sim... Concordo, sim.

— O Dr. Trimble falou sobre a relação entre a pornografia e o crime violento. Teceu considerações em torno do tenebroso "Caso das Charnecas" na Inglaterra, que envolveu a tortura e assassinio de uma menina de dez anos e de um menino de doze por obra de Ian Brady e Myra Hindley, apurando-se que Ian Brady tinha sido influenciado por aquelas obras do marquês de Sade que tratam de sadismo sexual O senhor acha, por experiência própria, que existe

essa relação de causa e efeito entre os livros pornográficos e os atos criminosos?

— Eu... eu só sei ...só sei... o que... o que se passou comigo.

De repente, Jerry cobriu os olhos com as mãos, como se quisesse esconder lágrimas incontroláveis.

Elmo Duncan desviou o rosto daquela demonstração de emoção. Levantou a cabeça para o juiz.

— Não tenho mais perguntas a fazer. Meritíssimo.

Mike Barrett olhou fixamente para Jerry. O Promotor Público saíra do seu ângulo de visão. Só restava o rapaz. De olhos úmidos, retribuía o olhar de Barrett, como uma das crianças torturadas do “Caso das Charnecas”, à espera da morte.

Chegara a hora.

Destruir este rapaz. Destruí-lo agora, junto com seu depoimento de que o livro de Jadway era tão letal para a psique humana como uma arma homicida.

Ou usar Cassie McGraw para destruir Leroux e tudo o mais que procurara provar que o livro de Jadway era obra deliberadamente obscena, escrita por um pornógrafo confesso.

Jerry Griffith?

Ou Cassie McGraw?

Qual dos dois?

Ouviu, distante, a voz do juiz Upshaw.

— Pode inquirir a testemunha, Mr. Barrett.

Ouviu Abe Zelkin a seu lado, cochichando premente: —
Aproveite, Mike. Fogo nessa gente. Decisão.

Levantou-se devagar. Com dificuldade, encontrou voz.

— Meritíssimo, a defesa não tem perguntas a fazer.

Percebeu que o juiz se recusava a acreditar no que ouvira.

— Mr. Barrett, o senhor quer dizer que reserva a sua inquirição para mais tarde?

— Não, Meritíssimo, não foi isso que eu quis dizer. No que toca à defesa, a testemunha está dispensada em caráter permanente.

Ouviu a exclamação de espanto em uníssono dos espetadores atrás dele e o rebuliço que logo se formou. Ignorando Zelkin, que

lhe puxava o braço, e as marteladas e tom severo do juiz, exigindo ordem no tribunal, virou-se um pouco.

Maggie, enxugando os olhos, acabara de erguer-se e dirigia-se para o corredor central.

Agora o seu olhar o procurava. Tinha o rosto radiante de alívio e gratidão. Depois fez-lhe um curto aceno de cabeça e desapareceu.

Ouviu o juiz Upshaw anunciar:

— Senhoras e senhores jurados, interrompemos agora para o almoço. Torno a adverti-los que durante este intervalo não devem conversar entre si, nem com ninguém sobre qualquer assunto pertinente a este caso, nem tão-pouco exteriorizar ou formar opinião sobre o mesmo até que a questão seja finalmente submetida ao júri. Interrupção até as duas horas!

Ouviu a perplexidade e a indignação de Abe Zelkin.

— Você enterrou o caso, porca miséria! Que diabo aconteceu? Você perdeu o juízo, enlouqueceu ou quê?

Tinha perdido o juízo, enlouquecido ou quê?

Não fora capaz de responder logo à múltipla pergunta do seu sócio, nem tão-pouco durante os vinte minutos seguintes. Pois, com o anúncio do intervalo para almoço, não encontraram isolamento. Abrindo caminho aos empurrões para sair da sala do tribunal, viram-se cercados por repórteres que queriam saber, por força, o motivo que levava a defesa a não inquirir Jerry Griffith. No corredor do Palácio da Justiça, no elevador, no átrio de entrada do andar térreo, o cerco dos jornalistas foi reforçado pelos comentaristas da rádio e televisão.

Sem comentários, sem comentários, sem comentários.

Até mesmo na Broadway, onde um Philip Sanford ofegante conseguira alcançá-los, não ficaram a sós; meia dúzia de membros da imprensa, no mínimo, continuaram a perseguir-los.

Sem comentários, sem comentários.

Até mesmo quando os três percorreram, carrancudos, o fim da Broadway, em direção à Primeira Rua, passando pelo Arquivo Público e depois pela Biblioteca Jurídica, rumo ao Restaurante Redwood, onde tinham encontro marcado com Leo Kimura para almoçar, dois esteios dos meios de comunicação, um, agente do serviço

telegráfico, o outro, o comentarista da televisão Merle Reid, permaneceram obstinadamente no seu encalço.

Ao dobrarem a esquina da Primeira Rua, o agente do serviço telegráfico já os abandonara, mas Reid continuava grudado feito sanguessuga. Não parou de crivá-los de perguntas até à fachada de tijolos do Restaurante Redwood, refúgio de almoço para advogados e juizes que trabalham no Palácio da Justiça e na Biblioteca Jurídica Municipal, onde Merle Reid lhes impediu parcialmente a passagem, insistindo em obter alguma explicação.

Sem comentários.

— Olhe, talvez eu tenha um comentário a fazer! — desabafou Reid, encarando Barrett de modo desagradável. — Todos nós estamos com a impressão de que Luther Yerkes fez uma nova aquisição. Ele já é dono da acusação. Talvez agora tenha comprado a defesa.

Ainda não tem nenhum comentário a fazer?

O primeiro impulso de Barrett foi esmurrá-lo, mas a defesa tinha problemas suficientes sem acrescentar uma denúncia por agressão. Esperou um segundo para conter a cólera. Finalmente o bom senso prevaleceu.

— Tenho, sim — respondeu. — Ponha-se a andar, seu impostor.

E com esta empurrou Reid para o lado e cruzou a entrada do restaurante, seguido de perto por Zelkin e Sanford. Lá dentro, o solícito gerente já os esperava. Conduziu-os rapidamente por trás da parte do balcão-bar até uma mesa de toalha branca na sala de refeições do fundo, onde Kimura se achava sentado numa cadeira estofada de vermelho, folheando o seu arquivo portátil. Somente depois que se instalaram nos seus lugares e a criada de olhos escuros, blusa branca e saia preta lhes entregou as ementas, indo buscar os pedidos de cerveja, foi que puderam pensar em trocar as primeiras palavras desde que tinham saído do tribunal.

Agora, tentando manter a calma em plena tempestade, Mike Barrett enchia o cachimbo enquanto observava Phil Sanford a curvar-se e a cochichar alguma coisa, ao ouvido de Kimura, sem esquecer que Abe Zelkin, ainda rubro de raiva, continuava a olhar irritado para ele.

— Que porra, Mike, você não me respondeu — começou Zelkin com aspereza. — Que diabo lhe deu lá no tribunal, deixando Duncan e aquele fedelho passarem vaselina na gente, permitindo que saíssem ilesos? Que foi que houve... você perdeu a cabeça ou quê?

Barrett acendeu o cachimbo e depois tirou-o da boca.

— Eu estava à espera de lhe contar a você e a Phil, e a você Leo, em particular. Foi por isso que pedi a Ben Fremont que fosse comer noutra lugar. Agora, vou-lhes explicar.

— A explicação terá que ser muito boa — disse Zelkin.

— Fiz uma combinação — começou Barrett, tenso. — Troquei a inquirição de Jerry Griffith pelo interrogatório de Cassie McGraw.

— Cassie McGraw? — exclamou Sanford assombrado. — Quer dizer que ela está viva?

— Exatamente. Ela está viva, é do nosso lado, e teremos oportunidade de usá-la. Temos finalmente nossa testemunha estelar.

— Bravo! — exultou Sanford. — A amante de Jadway, o modelo de Cathleen, conosco, em carne e osso. Ena, isso agora lança uma luz nova...

— Deixe isso para depois, Phil — interrompeu Zelkin, rispidamente, os olhos espremidos presos em Barrett por trás dos óculos grossos. — Okay, Mike, você fez uma combinação.

Houve uma pausa.

— Com quem?

Barrett remexeu-se, incômodo. Era o momento que antecipara e temia.

— Com Maggie Russell.

— Logo vi — retorquiu Zelkin, implacável. Barrett aborreceu-se.

— Olhe, espere aí...

— Espere você — atalhou Zelkin, levantando a voz, — Se não quer inquirir no tribunal, pelo menos dê-me uma oportunidade aqui. Quer dizer então que foi a tal Russell e que é uma combinação. Bom, em primeiro lugar, este negócio de você fazer as coisas por sua conta está a começar a ficar chato. O que é isso, você pensa que está a trabalhar sozinho?

Porque nesse caso, então, eu...

— Quer parar com isso, Abe? Você conhece-me de sobra. Nós somos sócios e estamos juntos nesta jogada. Só que...

— Então, porque não me consultou ou me informou sobre o que se estava a passar antes de andar a fazer combinações por aí?

— Porque examinando a coisa por escrito, baseando-me em frios fatos unidimensionais, eu sabia que você não ia aceitar. Não haveria forma possível de eu lhe transmitir aquilo que os simples fatos não podem transmitir... a sensação que a gente tem quando conhece alguém tão bem como eu conheço Maggie Russell... a sensação que não se baseia só em fatos mas numa compreensão emotiva que reforça o instinto, a intuição. E o conhecimento que tenho de Maggie disse que eu devia examinar a proposta, e finalmente convenceu-me a aceitá-la. Há certas decisões que uma pessoa precisa de tomar sozinha.

Zelkin não estava disposto a aceitar.

— Você não está a defender se a si mesmo naquela sala de tribunal, Mike. Todos nós estamos nesta jogada, e não estamos a defender-nos a nós mesmos, mas a Ben Fremont e a cada vendedor de livro da América, a Phil Sanford e a cada editor do mundo, e também um pedaço da nossa Lei dos Direitos Humanos. Nenhum de nós aqui tem o direito de agir unilateralmente ou sem o suficiente preparo só por causa de uma compreensão emotiva...

Sanford pôs de lado a colher com que estava a brincar.

— Espere aí. Abe. Acho que pelo menos devemos esperar que Michael explique.

— Está bem — concordou Zelkin. — Vejamos o que você tem para dizer, Mike. Conte-nos a combinação que lhe propuseram e que você resolveu aceitar por conta própria. Pode começar.

Antes que Barrett pudesse responder, a criada reapareceu com a bandeja de copos de cerveja. Perguntou se já tinham escolhido. Nenhum deles consultara a ementa, o que passaram a fazer rapidamente. Duas sanduíches Reuben e um frito de peru. Barrett estava sem apetite, mas para provar que não ficara indisposto, pediu um bife na grelha Smokey Joe dentro de um pão de sal.

A criada retirou-se. Resolutamente, Barrett enfrentou o desafio de Zelkin.

— Muito bem. Se quiserem ouvir, contarei o que aconteceu e em que se baseou a minha decisão. Em primeiro lugar, como sabem, tenho saído diversas vezes na companhia de Maggie. Por intermédio dela, compreendi melhor a situação de Jerry.

— Nós já conhecíamos que chegasse à situação dele — replicou Zelkin —, e pelos vistos enganei-me, pensando que éramos advogados honestos, dispostos a expor a situação dele no tribunal, e não médicos encarregados de tratá-lo particularmente.

Barrett controlou-se. Havia uma razão lógica para a cólera, a decepção e o cepticismo do sócio.

— Okay, Abe, você conhece a situação do rapaz. Suicida e absolutamente paranóica quanto a enfrentar um inquérito hostil. Mas a questão não é essa e certamente não foi a que me influenciou. É melhor, porém, que eu lhe explique qual é a relação de Maggie com o rapaz e com Frank Griffith, para que você possa entender o motivo que a levou a propor-me um ajuste que talvez salvasse o rapaz e arruinasse o eixo Duncan-Yerkes-Osborn-Griffith. Depois contarei o que se passou exatamente anteontem à noite.

Contou-lhes. Sem a menor interrupção, excepto quando a criada trouxe as sanduíches, relatou em linhas gerais o que soubera a respeito de Maggie e Jerry, de Maggie e Frank Griffith. Começou pelos primeiros encontros com ela na conferência da LFD e no café de Ell's após a tentativa de suicídio de Jerry, e terminou no último, na noite de sábado, no Chez Jay em Santa Mônica. Por fim descreveu com minúcias a proposta de Maggie e passou a contar o que ela possuía para oferecer.

— Frank Griffith tem as suas próprias secretárias para tratar da correspondência comercial na agência de publicidade-prosseguiu Barrett — mas a correspondência pessoal endereçada a Frank Griffith ou Ethel Griffith, que chega à casa deles, é aberta e selecionada por Maggie. Ela não é apenas parenta e dama de companhia da tia, mas também uma espécie de secretária social da família. Ora, por causa de toda a publicidade que o caso está a receber, com Griffith e o filho a ganharem boa parte da atenção, tem chegado um fluxo constante de correspondência à residência dos Griffith, dando a maioria apoio ou sendo favorável ao dono da casa

na sua luta contra o livro. Maggie examina as cartas diariamente. Bem, há duas semanas, um pouco mais agora, foi entregue o costumeiro correio matutino, e Maggie estava sentada à escrivaninha do tio, passando o maço em revista, quando de repente encontrou a bomba... um bilhete-postal para Frank Griffith assinado "Cassie McGraw".

— Só um postal? — estranhou Sanford.

— Só um postal — repetiu Barrett. — Que diabo, a gente também pode escrever os Dez Mandamentos, o preceito áureo do Evangelho ou "Eureca! Eureca! Achei!" num simples postal. Maggie não podia acreditar no que via mas estava ali remetido de Chicago, com o endereço da remetente. No bilhete escrito a Frank Griffith, Cassie dizia que vinha acompanhando o julgamento pelos jornais. Pelos modos, lera alguma espécie de declaração truncada, feita à imprensa por Mr. Griffith, atacando Os Sete Minutos e acusando Jadway de arruinar o filho. Seja como for, Cassie tinha visto qualquer coisa parecida e sentira necessidade de se pôr em ação, para dizer a Griffith quem ela era, que ninguém conhecera Jadway tão intimamente como ela e que estava pronta a jurar pela vida da sua filha que ele havia escrito o romance com as intenções mais puras, na esperança de liberar as futuras gerações, e que o depoimento de Leroux não passava de um monte de mentiras.

— Tudo isso num bilhete-postal — disse Zelkin com sarcasmo.

— Porque não? Pense um pouco no que já se escreveu na cabeça de um alfinete. Lá em casa tenho eu o Padre-Nosso... encontrei em Mainz, na Alemanha... publicado num livro menor que dois centímetros quadrados.

— Como é que ela sabia que se tratava da verdadeira Cassie McGraw? — perguntou Zelkin. — Podia ter sido enviado por algum lunático.

— Era aonde eu ia já chegar. Maggie, no início, não tinha a certeza. Parecia apenas uma coisa autêntica. Ela levou em conta que talvez não fosse. Mas por via das dúvidas, separou o postal do resto da correspondência e escondeu-o de Frank Griffith. Viu logo que se era autêntico, podia levar-nos — a defesa, bem entendido — a Cassie, o que nos daria uma arma poderosa, causando um dano

irreparável à ação movida por Duncan, assim como, em última análise, ajudando Jerry. De modo que ela optou por guardar o postal, a fim de poder negociar com Griffith, obrigando-o a ser indulgente com Jerry, impedindo-o de forçá-lo a enfrentar-nos no banco das testemunhas. Mas, finalmente, decidi que seria inútil argumentar com o tio, preferindo abordar-me. Para dizer a verdade, o que a fez tomar essa resolução foi uma coisa que lhe contei, que confirmava a autenticidade e o valor do postal.

— Que coisa? — quis saber Sanford.

— Durante um telefonema, eu mencionei a Maggie que havia localizado a filha de Jadway e Cassie McGraw... a tal Judith Jan... e que, para nosso azar... resultara numa freira carmelita enclausurada. Ora, toda a gente sabe a respeito da filha, mas quantas pessoas estão a par do fato de que ela se fez freira? Maggie sabia, porque eu lhe contara, e todos nós aqui sabemos. Sean O'Flanagan sabe. Certos membros da Igreja sabem. Mas quem mais? Só alguém muito chegado a Jadway... e à própria Cassie McGraw. Pois então Maggie disse que isso está na mensagem escrita naquele bilhete de Chicago. Cassie escreveu qualquer coisa no sentido de que a própria filha de Jadway, Judith, era freira... não cumprindo penitência pelos pecados do pai mas para servir a Deus, tal como Jadway havia servido a humanidade. Quando Maggie me disse que o remetente do postal mencionara a palavra "freira —, vi logo que tinha sido enviado por Cassie McGraw... que Cassie estava viva.

Olhou para os outros, mas as suas expressões faciais não demonstravam crença nem incredulidade. Aguardavam o desfecho da história.

Barrett continuou.

— Bom, esta, então, foi a proposta. Teríamos Cassie McGraw, se deixássemos Jerry em paz no tribunal. Era uma decisão terrível de ser tomada. No fim, acho que o que me determinou foi uma consideração puramente legal. Jerry Griffith só diria o que reforçasse a tese de Duncan. Se eu desistisse de Cassie para interrogá-lo, no máximo obteria uma vantagem mesquinha, negativa. Poderia lançar dúvida sobre o depoimento de Jerry, invalidando-o em parte. No entanto, mesmo assim, seria uma vitória discutível, pois ao revelar

as novas provas de que dispunha, a tentativa de suicídio de Jerry antes de jamais ter lido o livro, talvez causasse o efeito adicional de parecer o tormento de um rapaz doente, encurralado. Seria uma coisa antipática, na opinião da maioria dos jurados.

Intelectualmente, talvez ficassem persuadidos de que não fora apenas o livro que arruinara Jerry, mas emocionalmente seriam capazes de sentir pena dele e raiva de nós. Em compensação, argumentei comigo mesmo, se eu permitisse que Jerry escapasse impune, teria, em troca, a testemunha mais sensacional até agora apresentada no tribunal, inatacável, digna de parangonas nos jornais, alguém que contribuiria afirmativamente para a defesa.

Seria um depoimento dramático, irrefutável, em primeira mão, eliminando simultaneamente Leroux e outros da mesma laia. e desmentindo o que o Dr. Trimble e Jerry afirmaram que o livro havia feito com Jerry. Imprimiria honestidade, decência e remissão social ao livro...

E afinal de contas, é nele que se concentra todo este julgamento de censura. Por isso decidi sacrificar Jerry em troca de Cassie... de Cassie e do livro de Jadway. Eis aí os fatos, senhores, e não há mais nada que eu possa acrescentar.

Zelkin estava a limpar os óculos com um guardanapo. Parecia agora menos irritado.

Apenas mal-humorado.

— Okay, Mike. Só que você não nos disse uma coisa."

— Qual?

— Se viu o tal bilhete que Cassie McGraw, segundo se pretende, mandou.

— Se eu vi? Você quer dizer, com os meus próprios olhos? Não. Ontem Maggie não conseguiu chegar perto da escrivaninha de Griffith, que fica no gabinete que ela habitualmente usa para trabalhar. Tinha escondido o postal no forro de uma gaveta inferior, onde ele não teria o mínimo motivo para remexer... mas seguro, pareceu-lhe, que o tio anda a bisbilhotar por lá, sobretudo depois que soube que ela se encontra comigo.

Portanto, lá estava o bilhete, escondido na tal escrivaninha, mas Griffith passou o dia inteiro no gabinete. Era domingo, entende? E

hoje de manhã cedo, quando Maggie ficou a saber que eu ainda não tomara nenhuma decisão, ela disse que esperaria para ver o que eu ia resolver. Se eu abrisse mão do interrogatório de Jerry, ela entregaria-me o bilhete-postal hoje à tarde.

— Se é que ele existe — murmurou Zelkin.

— Que é que você quer dizer?

— Quero dizer que, com toda a probabilidade, ele só existe na imaginação da sua namorada. Você mesmo disse que ela faria praticamente tudo pelo rapaz. Pois muito bem, isso é praticamente tudo.

— Abe, boa parte do que a gente consegue na vida baseia-se na confiança que se tem nos outros.

— Você acha, é? — replicou Zelkin. — Nesse caso, você acaba de liquidar a Ordem dos Advogados Americanos. Eu talvez confie em minha mãe, em minha mulher, um pouco em meus filhos, um pouco em meus melhores amigos. Mas aquilo em que eu confio por completo é num Contrato. Vamo-nos deixar de romantismos. É nisto que se resume a maioria das leis. Eu confio no que é exequível e legal. No que é tangível. No que tenho na mão em retribuição pelo que pago. Okay, Mike, o que está feito está feito, e nós dois somos amigos de mais para que eu continue zangado com você. Talvez o meu pescoço esteja apertado e meu estômago em rebuliço, e talvez eu esteja um tanto magoado, mas tenho de seguir adiante a seu lado, para afundar ou nadar... e eu acho que é para afundar... com você.

Philip Sanford puxou a cadeira para mais perto. A sua tez branca parecia totalmente exangue.

— Olhe, eu não tenho a certeza de ser assim tão clemente, Mike. Pode ser que Abe não se importe de se afundar com você, mas uma coisa eu lhe digo, não estou preparado para ir ao fundo. Mike, a minha carreira toda, a minha família, a minha vida dependem da sua atuação e discernimento. Acho que você entrou numa situação crítica. Tão-pouco terei papas na língua. Sejam francos, vamos pôr as cartas na mesa. Espero que você encare a coisa dentro desse espírito.

— Você tem toda a liberdade de dizer o que pensa — replicou Barrett, surpreso com a veemência pouco característica da explosão de Sanford.

— Eu acredito que a única verdade que você não pode ou não quer enfrentar é que Luther Yerkes e Frank Griffith usaram essa moça para o convencer a agir dessa maneira.

Ela depende deles, de Griffith pelo menos, e eles sabem que você está apaixonado por ela, e por isso, obrigaram-na a aproveitar-se de você. Acho que fizeram de você um tolo, Mike, e tenho uma pena danada de que tanta gente haverá de sofrer as consequências do seu erro.

Concordo com Abe. Não tenho a certeza se o bilhete-postal de Cassie McGraw — existe, e mesmo que exista, se você chegará a vê-lo antes do fim do julgamento e de eles terem ganho, enquanto) nós ficaremos na rua da amargura, sem ter onde cair mortos. Agora já sabe. De um modo ou de outro, eu disse o que queria.

Barrett recusou-se a ficar irritado. Acendeu de novo o cachimbo e depois sacudiu a cabeça, de pleno acordo.

— Sim, Phil, essas possibilidades também já me ocorreram. Levei-as em conta.

Embora não possa explicar o meu inconsciente, acredito piamente que procedi com objetividade desapaixonada. Talvez fique provado que fui parvo. Mas talvez fique provado que fui profeta. Os riscos são enormes. Apostei tudo em Maggie, porque pressinta e acredito que seja sincera. Como já disse, às vezes é preciso confiar nos outros.

— Como nós confiamos em Christian Leroux? — perguntou Sanford. — Como nós confiamos em Isabel Vogler? Como nós confiamos no sigilo dos nossos telefones e na honestidade da oposição durante estas últimas semanas?

Barrett encolheu os ombros e virou-se para Kimura” que manuseava um garfo do outro lado da mesa.

— Leo, você ainda não abriu a boca — interpelou Barrett. — Qual é a sua opinião? Acha que armei em parvo?

Kimura continuou a brincar com o garfo. O rosto amarelado permanecia impassível.

— Não posso opinar sobre o que está certo ou errado, Mr. Barrett. Mas posso, entretanto, emitir uma opinião,, baseada no que apurei até agora, a respeito do desfecho provável da sua decisão. Trabalho apenas com fatos concretos. Sei que é fato que Miss Russell mora com a família Griffith há um número X de anos e nunca teve1 motivo para se mudar de lá. Sei que é fato que nesse número X de anos Miss Russell nunca deu um passo ou fez um ato contrário aos interesses de Frank e Ethel Griffith. Sei que é fato que já se perdeu muito tempo e dinheiro com averiguações em torno de Cassie McGraw e que não há o mínimo indício de prova de que ela esteja viva. Sei que é fato que as fêmeas dos tigres avançam para proteger os machos quando eles são atacados. Mesmo velhas, como Cassie, avançam. Não ficam longe, protestando. Ao mesmo tempo, sei que um plano de pesquisa nunca é completo, que nem sempre se ficam conhecendo todos os fatos e que os dados podem, muitas vezes, ser mal interpretados. Por isso prefiro não emitir nenhuma opinião sobre o desfecho, Mr. Barrett. Em lugar disso, eu poderia dizer quais são as probabilidades, apesar de que também não farei tal coisa nesta questão.

— Eu direi quais são as probabilidades, Mike — interveio Sanford.
— Quando é que Maggie ficou de entregar o postal com o endereço de Cassie McGraw?

— Hoje de tarde, às cinco horas. Ela irá ao meu escritório.

— Então faço uma aposta — disse Sanford. — Vinte contra um como ela não vai aparecer nem telefonar. Dez contra um como ligará para você, dando uma desculpa qualquer, que perdeu o postal ou que ele se sumiu. Cinco contra um em como se ela aparecer ou telefonar e entregar o postal, será falso ou coisa de maluco. Você aceita?

Barrett sacudiu a cabeça.

— Não. Porque se você ganhar, nós dois não teremos com que pagar.

Zelkin estava a ver o relógio.

— Não adianta continuar com isto — opinou. — Mike saberá ao certo de um modo ou de outro daqui a três horas e meia. Vamos comer e voltar para o tribunal. Acho que Duncan já não tem mais

testemunhas e nós teremos de enfrentar a nossa depois das duas. Convinha a gente passar alguns minutos com Ben Fremont antes de pô-lo em campo.

Virou-se para Barrett.

— Quem é que vai lutar pela defesa hoje, Mike? Eu ou você?

— É melhor você tomar conta agora de tarde — disse Barrett. — Terei de sair às quatro e quinze para ir ao escritório encontrar-me com Maggie.

— Você ainda tem esperança? — perguntou Zelkin.

— Tenho — respondeu Barrett.

Eram exatamente duas horas e o tribunal estava outra vez repleto e o oficial de justiça já se achava a postos.

As cortinas por trás da mesa de honra abriram-se e o juiz Nathaniel Upshaw, de toga preta, deu entrada no recinto, examinando rapidamente a sala e dirigindo-se para a sua poltrona.

— Queiram sentar-se, por favor — pediu o oficial de justiça aos espetadores e participantes do julgamento. — O tribunal acha-se de novo em sessão.

O juiz Upshaw limpou a garganta.

— O júri está presente. Mr. Duncan, pode chamar a sua próxima testemunha.

O Promotor Público pôs-se de pé.

— Meritíssimo, não tenho mais testemunhas a apresentar. Mr. Jerry Griffith foi a última testemunha do Povo. A acusação dá por encerrada a sua apresentação de testemunhas.

Quando Duncan se sentou, o juiz Upshaw virou-se para a mesa da defesa.

— Se a defesa estiver pronta, posso saber que advogado a representará?

Zelkin levantou-se logo.

— Abraham Zelkin, Meritíssimo.

— Muito bem, Mr. Zelkin. — Nesta oportunidade gostaríamos de apresentar como nossa primeira testemunha o réu, Ben Fremont.

— Perfeito — retorquiu o juiz Upshaw. — Mr. Fremont, o senhor quer agora aproximar-se e erguer a sua mão direita a fim de prestar juramento?

Enquanto o livreiro, calvo, míope, petulante, deixava a mesa da defesa para se encaminhar para o banco das testemunhas com o seu estranho passo curto, Mike Barrett observou-o rapidamente. Arrependeu-se de não tê-lo forçado a ir ao barbeiro antes de comparecer no tribunal. As suíças e o cabelo na nuca estavam compridos e bastos de mais.

Alguns jurados mais idosos eram capazes de interpretar isso como excentricidade e sinal de rebelião, pondo-se de sobreaviso contra o réu. Mas quase no mesmo instante Barrett sentiu-se envergonhado da ideia, resquício da sua velha obsessão de vencer na vida, imitar os outros, aderir ao conformismo, sua antiga personalidade orientada por Osborn, e disse, com ironia, para si próprio, que o que precisava realmente de tesoura era boa parte das suas ideias.

Fremont achava-se em frente do escrivão do tribunal. Barrett reparou que ao ser-lhe estendida a Bíblia ele se recusara a pousar a mão esquerda sobre ela. Não conseguiu entender a pergunta do escrivão, mas ouviu nitidamente a resposta de Fremont.

— Sou ateu.

Barrett estremeceu. Algum jurado também teria ouvido? Olhou. Havia vários de testa franzida.

Pondo a Bíblia de lado, o escrivão recitou o compromisso ateu: — O senhor promete que o depoimento que irá prestar perante este tribunal corresponde à verdade, a toda a verdade e a nada mais que a verdade?

Dispensando as luzes divinas, Fremont respondeu, em voz alta de mais: — Prometo!

Enquanto ele subia ao banco das testemunhas, Abe Zelkin, de pé ao lado de Barrett, resmungou entre dentes:

— Lá vou eu, Peter Zenger.

Depois, feito uma descomunal bola de praia que rolasse em direção ao banco das testemunhas, Abe Zelkin partiu, rumo à primeira testemunha de defesa.

Aflito, Barrett puxou um bloco pautado amarelo, de tamanho oficial, para perto de si.

A sua aflição, percebia, originava-se menos nas apreensões que pudesse ter quanto ao modo como o seu constituinte, ou qualquer outra testemunha da defesa, seria acolhido, do que no consenso de opinião concedido à combinação que fizera, discutido durante o recente intervalo do almoço. Era-lhe penoso sentir que era o único a confiar em Maggie.

Zelkin, Sanford, até Kimura, haviam-se mostrado tão receosos da sensatez do seu ato, tão desconfiados dos motivos de Maggie, tão cépticos quanto à existência do postal, que Barrett se sentia atormentado por dúvidas.

Não teve paciência com as testemunhas de defesa. Pensava só no relógio, cujos ponteiros se moviam como se estivessem recobertos de mel, o relógio que cada vez mais o aproximava da verdade sobre Maggie Russell e, talvez, da realidade de Cassie McGraw.

Sabendo que teria de ser assim, colocara o bloco amarelo na sua frente, para registrar os pontos altos da tarde. Embora o traslado oficial do que estava acontecendo pudesse ficar à sua disposição no dia seguinte — em troca de determinado preço — Barrett preferia um registro imediato. Queria uma espécie de diário, de lembrete, do que estava ocorrendo, pois sabia que, assim que deixasse o tribunal, o seu espírito se concentraria unicamente na procura de Cassie McGraw.

Nas suas costas, os ponteiros do relógio descreviam órbitas enlouquecedoramente lentas na tarde em declínio. À sua frente, irreais como manequins na vitrina de uma loja, as testemunhas já familiares e cuidadosamente treinadas recitavam os seus depoimentos ao receptivo Zelkin, ao crítico Duncan. Elas iam e vinham. O tempo passava. E de repente Barrett percebeu que eram mais de quatro horas e que em menos de quinze minutos precisaria sair do tribunal, para enfrentar o que talvez fosse outro julgamento.

Completo o bloco à sua frente. Não sabia como tinha enchido aquelas páginas com tantos rabiscos. Antes de sair, resolveu recapitular esse registro pessoal, para avaliar o resultado das escaramuças das últimas duas horas. Fixou-se no nome da primeira

testemunha, escrito em letras de imprensa, e depois passou às anotações que vinham a seguir. Leu com rapidez.

BEN FREMONT:

Interrogatório de Zelkin — Fremont tem boa instrução, trabalhou para pagar os estudos na faculdade — vinte anos no comércio de livros, sempre pagou as contas, não tem dívidas, ótimas relações com editores e compradores — há 30 000 títulos lançados por ano, mantém em armazém apenas 5000, velhos e novos — só tem tempo de ler um pequeno punhado — sempre encomenda todos os lançamentos da Sanford House, porque é firma de excelente categoria — encomendou o livro de Jadway não só por causa disso, mas porque tinha lido a edição de Leroux — ficou espantado com a prisão — sim, o agente policial ludibriara-o, fingindo-se comprador comum — Aqui Abe está a sair-se bem — alguns jurados talvez estejam ressentidos contra os truques e a prepotência da Polícia, por também terem sido maltratados e ludibriados — Fremont reconhece a sua parte no diálogo gravado pelos polícias — Agora acrescenta — acha que Minutos nada tem de obsceno — considera o livro “magnífico raio X da mentalidade feminina” e a sua importância social é que ensina as mulheres a conhecerem-se a si mesmas, e os homens ao sexo oposto — Fremont diz que sabe quais são os critérios e interesses da comunidade local, porque o seu negócio consiste em atender a comunidade, a pessoa média que lê — sim, ouviu gente usar palavrões como os do livro de Jadway — sim, mulheres também — diz que os compradores, a maioria mulheres, já compraram pilhas de outros livros com as mesmas palavras e descrevendo atos semelhantes aos do livro de Jadway — cita quantas vezes encomendou Fanny Hill, Minha Vida Secreta, Chatterley, Minha Vida e meus Amores, de Frank Harris — considera Minutos mais artístico, com mais importância social compensatória de que os mencionados — Não, não são muitos os compradores que se indignam com esse tipo de literatura, que trazer livros de volta para serem reembolsados — Ah, sim, claro que há algumas raras exceções, pois afinal de contas uma obra de arte não pode agradar a toda a gente

— como alguém já disse, até a Vénus de Milo pode ser considerada ofensiva por cada mulher de pouco busto no mundo — portanto, alguém pode achar o livro de Jadway ofensivo, mas a maior parte dos leitores considerará pura arte, tal como ele, Fremont.

inquirição de Duncan — Chi, que situação difícil — o sacana pegou em Fremont pela perna logo à saída. — O réu já esteve alguma vez preso por transgressão do artigo sobre pornografia no Código Penal da Califórnia? — Arre. o “sim” de Fremont não bastou à acusação — como é que não vi que se Duncan mencionou isso na exposição de motivos, voltaria ao ataque? — devia ter-me antecipado a ele, apresentando nós mesmos os pormenores, mas agora o sacana está a deitar todos os podres para fora — Fremont foi preso há doze anos, não em Oakwood, numa livrariuzinha em Hill Street, no centro de LA — não por causa de livros, mas de revistas — não revistas que costumasse vender, mas de um tipo que o distribuidor lhe empurrou — só vendeu, nem prestou atenção ao gênero — O PP aperta com ele — Alegou inocência?

— Não — Declarou-se culpado por fornecer material pornográfico?

— Sim, mas só a conselho do advogado, para receber sentença mais leve.

— Mas confessou-se culpado?

— Sim

— Sendo primário, culpado de contravenção, pagou multa?-

— Sim.

— Foi para a cadeia?

— Não, houve comutação da sentença.

— Sabe que a reincidência não constitui contravenção, mas crime?

— Sim — Sabe que o reincidente pode ser condenado a um ano de prisão, multado até 25 000 dólares?

— Sim.

— Estava ciente de que o editor anunciara o livro de Jadway como o mais imoral da história da literatura?

— Bem, era uma citação nos cartazes, portanto, estava, mas os cartazes também diziam que era uma notável obra de arte

— A testemunha sabia que até agora, exceptuando-se a publicação clandestina original, nenhum editor de qualquer país se animara a editá-lo?

— Sim, mas... — Apesar disso, encomendara e vendera o livro?

— Sim.

— E mais dez minutos no mesmo estilo.

Resultado: Duncan marcou pontos. Fez gato-sapato de Fremont.

PHIL SANFORD:

Interrogatório de Zelkin — Traz à tona os antecedentes de Sanford: boa família, Harvard, sempre no comércio editorial — Quando comprou Minutos, preocupou-se com a pornografia? — Não, não muito, porque o livro era uma beleza, comovente, verdadeiro, muito sincero e bem feito de mais para atrair o interesse libidinoso — Ultrapassando os limites habituais de franqueza, segundo os critérios da comunidade contemporânea? — Claro que não — Sanford comenta que os tempos mudam. História engraçada. Certa vez, nas páginas do Godey's Lady's Book, aconselharam uma dona-de-casa, ansiosa por se portar como perfeita anfitriã, a cuidar de modo que "as obras de autores masculinos e femininos ficassem devidamente separadas nas suas prateleiras". Houve época, também, em que se não dizia que os pianos ou as galinhas tinham pernas, apenas "partes". Sanford conta que em 1929 a alfândega americana proibiu a entrada das Confissões, de Rousseau, por serem imorais, interditando no mesmo ano Justine, do Marquês de Sade, como pornográfico, e em 1927 Elmer Gantry, de Sinclair Lewis, proibido em Boston como obsceno, e dois anos mais tarde Sem Novidade no Front, de Remarque, pelo mesmo motivo, mas que agora toda a gente considera essas obras inofensivas, aceitando-as, porque os tempos mudam — Hoje os anúncios de perfumes em revistas, na televisão, anúncios de roupas íntimas e sabonetes, anúncios de soutiens, mostram nus ou seminus femininos e vendem sedução — Hoje os anúncios de filmes e peças de teatro alardeiam nudismo, fornicção, amor genital oral, masturbação,

homossexualismo, lesbianismo — Hoje, na época da pílula, jovens que não são casados vivem juntos abertamente — Os critérios da comunidade mudaram. Sanford afirma que Minutos não ultrapassa esses critérios. Começa a citar várias críticas favoráveis —

Duncan protesta. Críticas baseadas em boatos, e aliás as críticas não podem ser inquiridas.

Protesto indeferido, críticas discutidas. Abe ajuda a testemunha a expandir a questão de que a Sanford House goza de altíssimo prestígio literário — Sanford enumera clássicos antigos e modernos que eles publicaram, além de obras de vencedores do Prêmio Nobel — Jamais dariam chancela a alguma coisa que carecesse de mérito literário, conforme provam os anais da editora — e Minutos preenche esse requisito. *Etc.*

inquirição de Duncan — Como Sanford adquiriu Minutos? De quem? — Droga, já esperava por essa — Vem à baila o nome de Quandt. Além disso, a reputação desagradável de Quandt como pornógrafo — Quer dizer que Sanford teve de procurar um pornógrafo profissional para adquirir o livro? — Sanford aqui mostra coragem. Diz que Quandt considerava o livro moderado e literário de mais para seu gosto, por isso nunca o publicou — Duncan discute a fama da Sanford House, recita uma seleção dos melhores títulos da firma — O senhor era o diretor e editor da Sanford House quando esses livros saíram? —

Não, mas já trabalhava para a firma — Foi o responsável pela compra e publicação deles? —

Não — Quem foi? — Meu pai. Wesley R. Sanford — Mas hoje o senhor é o chefe da firma?

Sim — Desde quando? — Há quase dois anos — Meritíssimo, a acusação deseja apresentar instrumentos de prova — Apresenta recortes do NY Times, Wall Street Journal, mostrando a precária situação financeira da Sanford House nos últimos dois anos, Wesley R. Sanford considerando a venda da editora a grandes licitantes industriais que procuram ampliar as suas atividades — Esses novos balanços são substancialmente verdadeiros? — Sim — Em suma, desde que o senhor assumiu a direção, a Sanford House não alcançou tanto êxito como no passado? — Sanford pigarreia,

atrapalha-se, diz que depende do que se entende por êxito, reconhece que as vendas de livros da firma diminuíram — Aí então, Duncan, o sacana, pergunta-lhe — Mr. Sanford, quem sabe se o senhor não estava desesperado, o bastante para ignorar o bom gosto anterior de seu pai e tentar salvar a sua posição na firma, encarregando-se da publicação de uma obra obscena? — Zelkin protesta Upshaw dá acolhimento ao protesto. Mas os jurados já ouviram.

Resultado — Talvez um empate.

OR. HUGO KNIGHT:

Interrogatório de Zelkin — As credenciais da testemunha são notáveis, antecedentes de magistério e catedrático na UCLA, mas comportamento desastroso — arrogante, metido a sabichão, condescendente com os jurados, linguagem literária incompreensível como o sânscrito — diz que Jadway tinha talento limitado, mas que o usou bem — o livro? Excelente exemplo de monólogo interior — Utilizou Cathleen como oráculo dos próprios sentimentos — Livro realisticamente pornográfico, porém não obsceno — Pornografia apenas um expediente. — Pode ser mais explícito, professor? — Os Sete Minutos não trata nada de sexo —

Pobre Abe. Não só o júri como também ele parecem estupefatos. Knight nunca usou essa resposta na fase de instrução. Abe recomeça, tenta — Não trata nada de sexo? — Não, porque o sexo serve apenas de simbolismo, meio do autor invectivar contra Os Sete Pecados Capitais ou Mortais, a saber: orgulho, ira, inveja, luxúria, gula, avareza, preguiçar — Cada um dos sete minutos de Cathleen é símbolo de um pecado moral — Zelkin procura desviar a testemunha da mania de simbolismo, mas o idiota continua a rotular tudo de simbolismo —

É claro que tinha de citar Leda e o Cisne.

inquirição de Duncan — Dr. Knight, se o senhor se digna explicar-nos mais alguma coisa a respeito das intenções ocultas de J J Jadway, poderia dizer-nos se “cona” é simbolismo? — Risos gerais.

Resultado — Um desastre. A testemunha é o nosso oitavo pecado capital. Vitória fácil de Duncan.

DA VECCHI:

interrogatório de Zelkin — Da Vecchi, um alegre italianinho a cantarolar as respostas, como um gondoleiro — Estudante de artes plásticas em Paris na década de 30 — conheceu J J

Jadway em Montparnasse, no Dome, costumava vê-lo na Brasserie Lipp. ficaram bastante íntimos no período em que ele estava a trabalhar em Minutos — Ouviu alguma vez qualquer referência ao progresso da obra? — Ah, sim, sim — O autor falava dela como de um empreendimento comercial? — Não, nunca, nunca, só como artista, dizia, “É o meu opus, a obra da minha vida”, sempre com orgulho — Considerava Jadway um homem de sensibilidade estética? — Que é que o senhor quer dizer?

— Desculpe, quero dizer, tinha ele alguma compreensão de arte? — Ah, sim, sim, de literatura, pintura, do que está no Louvre, do que eu tinha no estúdio quando o pintei —

Acha obsceno o livro de Jadway? — Jamais, jamais; saiu da alma de um artista. Testemunha eficaz, por enquanto.

Inquirição de Duncan — O bolinho logo se esfarela — Então o senhor conheceu Jadway muito bem? Eram amigos? — Sim. amigos — Quantas vezes se encontrou com ele em Paris? — Várias — Por “encontrar-se com ele”. Mr. da Vecchi, eu não me refiro a passar pela rua ou sentar-se num café, mas antes, quanto tempo passou a sós com ele? — A sós com ele?

Ah, de vez em quando — Esteve a sós com ele mais do que três ou quatro vezes?

— Não me lembro — Talvez se lembre de onde andou depois da morte de Jadway, quando começou a Segunda Guerra Mundial? — Eu estava ainda em França, lutando com os maquis na Resistência, perto de Marselha — Fazendo o quê? Qual era a sua ocupação na Resistência? — Eu era pintor — Pintor de quadros? — Não, não, falsificava passaportes para os refugiados — Continuou nessa mesma ocupação depois que a guerra acabou? — Falsificar passaportes? Não, nunca, sou pintor — Sim, o senhor é pintor.

Gostaria de me estender um pouco mais sobre as suas atividades criadoras. Tenho provas da Itália de que o senhor pintou sob diversos pseudônimos. Um era Vermeer, outro Rafael, e até Tintoretto. Existe uma velha piada mais ou menos assim: “Dos 2500 quadros pintados por Corot durante a sua vida, 7800 podem ser encontrados na América.” Segundo o arquivo policial em Roma, o senhor pintou no mínimo oito Corots, vendendo-os como autênticos. Ora, é claro que, cumprir pena na prisão por cometer falsificações e perpetrar fraudes não implica necessariamente impugnar a sua honestidade como testemunha, porém levando-se em conta tais antecedentes... — Maldito Duncan e esta testemunha, filho da mãe. Porque é que ele não nos contou isso? Queria uma viagem de graça, publicidade. Olhem só para ele.

Onde está o sorriso? Velhaco, manhoso, amedrontado. Merda. Resultado — Duncan ganha por nocaute.

SIR ESMOND INGRAM:

Interrogatório de Zelkin — Melhor, muito melhor, logo de saída — Catedrático famoso da Oxford — Célebre crítico literário — amalucado, mas com encanto de duende, espirituoso, um sábio notável — Júri completamente atento — Sir Esmond, certa vez o senhor escreveu no London Times que Os Sete Minutos era “uma das obras de arte mais sinceras, sensíveis e ilustres criadas na moderna literatura ocidental”. Ainda mantém a mesma opinião? —

Mantenho — Não o considera então obsceno? — Não existem livros obscenos, apenas homens obscenos com mentalidade obscena — Depois: Então acha honesto e válido que Jadway contasse a história dele como o fez? — Era a maneira de tratar honesta, a maneira corajosa — Qualquer autor pode desnudar o corpo humano, mas poucos têm a ousadia ou o gênio para desnudar o espírito humano — Um editor francês escreveu que a coisa mais interessante a respeito do erotismo não era que houvesse trinta e duas posições para o coito, mas sim “o que acontece na cabeça das pessoas, o jeito com que os amantes reagem mutuamente”, e foi esse o mistério que Jadway devassou e expôs totalmente — Acredita que o livro de Jadway possua valor social compensatório? — É uma obra

de valor social considerável. Jadway tentou colocar o sexo em seu lugar natural e adequado no espectro da conduta humana. O redator-chefe de *Les Lettres Nouvelles*, Maurice Nadeau, certa vez perguntou: "Porque é que o amor, que forma o assunto principal ou subsidiário em oito de cada dez romances, deve parar na beira da cama, na hora em que caem as cortinas?" Afinal de contas, a função da literatura, disse ele, é explorar o coração humano, explorar todas as manifestações do ser. E depois acrescentou: "A maneira das pessoas fazerem amor é capaz de ser mais reveladora do que qualquer psicanálise que sonda a alma humana. Ela revela, também, uma forma de verdade que é interessante por ser geralmente dissimulada." Com este livro, diz Ingram, Jadway prestou um serviço à humanidade.

Mike Barrett tinha terminado de reler as suas anotações dos depoimentos da tarde.

Quando levantou os olhos, viu que Sir Esmond Ingram ainda ocupava o banco das testemunhas e agora sujeitava-se à inquirição premente de Elmo Duncan.

— ...e por causa desse antecedente, Sir Esmond, o senhor considera-se um árbitro em matéria de literatura?

— Não sou eu que me considero um árbitro mas os meus leitores, que me julgam como tal e que dependem de mim para ajudá-los a formar uma opinião própria.

— Mas o senhor considera-se qualificado para aconselhar os leitores sobre aquilo que possui valor literário e o que é simplesmente escatológico?

— Considero-me.

— Só por causa da sua erudição, Sir Esmond?

— Santo Deus, não. Por causa da minha experiência da vida, da minha simpatia e compreensão com o público.

— Então o senhor acha, Sir Esmond, que a sua vida tem muita coisa em comum com a do leitor médio?

— Sim, acho que sim.

— Sir Esmond, quantas vezes o senhor se casou?

— Três.

— Já esteve preso alguma vez?

— Duas.

— O senhor come carne, como o leitor médio?

— Sou vegetariano. Permita-me acrescentar, promotor, que o ponto aonde o senhor quer chegar é muito inteligente, e completamente maroto, sim, extremamente maroto.

Adeus, Sir Esmond, pensou Barrett.

Barrett olhou por cima do ombro. Dispunha do tempo exato para chegar ao escritório e encontrar-se com Maggie.

Dobrou as anotações e meteu-as no bolso. Olhou de relance para Abe Zelkin.

— Já vou sair, Abe.

Zelkin fechou os olhos e sacudiu a cabeça pesarosamente.

— Quando voltar, traga Cassie McGraw — disse ele. — Nós precisamos dela, Mike.

Estamos mortos e enterrados sem ela.

— Hei-de achá-la — prometeu Barrett. — Não voltarei sozinho.

Depois, esgueirando-se discretamente do seu lugar, abandonou a cena da carnificina —

determinado a voltar com o único aliado vivo capaz de salvar a defesa e o processo para Maggie Russell, a tarde fora maravilhosa.

O seu alívio com a dispensa de Jerry da inquirição, o seu afecto por Mike Barrett por tornar, possível aquele milagre, tinham sido tão grandes que se sentira com uma disposição loucamente festiva durante todo o percurso de carro desde o centro de Los Angeles.

Querendo uma espécie de comemoração, parara em Beverly Hills, e numa mesa do restaurante Leon's entregara-se a um martini, um almoço rico em calorias e a fantasias em torno do futuro. Depois dirigiu-se a Saks, onde comprou um vestido novo, e a I. Magnin's no fim do quarteirão. O vestido representava menos um festejo do que um investimento. A intuição dizia-lhe que a esta altura, certamente lá pelas cinco horas, Mike Barrett já teria refletido melhor sobre a sua desistência de interrogar Jerry, pouco importando o que esperasse em troca. O melhor modo de mitigar o arrependimento de um homem pelo que ele sacrificou era lembrar-lhe que talvez houvesse ganho algo de mais valia. O vestido, de corte curto, decotado, macio, leve, sedoso, podia ajudar um pouco. Maggie

odiava os estratagemas femininos. Era directa por natureza. Mas a situação permitia um esforço extra.

Quando o encontrasse, queria que a sua aparência lhe lembrasse que, se perdera algo importante, também lucrara uma coisa mais duradoura. Isto é, se ainda estivesse interessado nela.

Já passavam de quatro horas quando voltou a Pacific palisades e, para sua surpresa, Frank Griffith estava em casa. Falava ao telefone do gabinete e a voz retumbava de alegria por todos os cantos, naquele tom servil que indicava sem sombra de dúvida, que o interlocutor era o detestável Luther Yerkes. No andar de cima, Tia Ethel fazia a sua sesta e a porta do quarto de Jerry achava-se trancada por dentro, mas ela podia ouvir o som da grafonola. Enfiou à pressa o vestido novo, uma beleza, e depois escovou o cabelo e retocou a maquilhagem.

Descia a correr a escada quando Frank Griffith, o rosto bronzeado e musculoso, radiante, com uma espécie de ufanía, saiu do gabinete.

Ao vê-la, esperou-a ao pé da escada.

— Olá, Maggie. Soube que você esteve no tribunal hoje de manhã.

Ela chegou ao último degrau.

— Como foi que o senhor soube?

— Falei com Luther Yerkes pelo telefone. Alguns dos ajudantes dele estiveram no tribunal e viram-na. Até agora eu não tinha a mínima ideia de como nos tínhamos saído hoje de manhã. Eu queria lá estar à mão, para dar algum apoio a Jerry, verificar com os meus próprios olhos o que se estava a passar, mas o Dr. Trimble não me deixou. Ele disse que a minha presença deixaria Jerry muito contrafeito. Por isso concordei em me abster.

Ordens do médico. Em todo o caso, tinha um negócio importante a tratar em San Diego.

Passei toda a manhã em conferência. Mas no momento em que me vi livre, achei melhor voltar para ver o que havia acontecido. Cheguei a casa pouco depois de Jerry, porém aquele imbecil não me quis contar coisa alguma. Limitou-se a bater com a porta e a trancar-se por dentro. Já se viu maior ingratidão... com tudo o que

fizemos por ele? Assim que este julgamento terminar, e se resolver o caso dele, ele verá o que é bom. Hei-de corrigi-lo e ensinar-lhe a ter um pouco de respeito.

— Que é que o senhor quer dizer com isso?

— Que nós temos sido indulgentes de mais com ele. mimando-o, e veja os resultados.

Não faz mal. Ele vai ser obrigado a andar dentro da linha quando chegar a hora.

A grande cara de sócio do Country Club ficara horrível ao pronunciar a última frase, mas a transformação foi breve; ainda estava encantado com o seu triunfo. O regozijo pela vitória em público logo restaurou o seu bom humor. Ah, meu Deus, pensou Maggie, como odeio este homem.

— Seja como for, vamos pela ordem — bramiu ele. — Nós vencemos, e isso é o que vale.

Luther Yerkes acaba de me fazer um relatório completo do que se passou hoje de manhã.

Eu sabia que íamos fechar a boca daqueles chicaneiros da defesa, e foi exatamente o que aconteceu.

Exultante, passou o braço pela cintura de Maggie e começou a puxá-la para a sala de estar.

— Vamos, Maggie, você esteve lá. Agora quero ouvir a sua opinião. Não me canso de ouvir.

Maggie não estava a gostar daquele abraço, mas só conseguiu desenvencilhar-se quando chegaram ao centro da sala de estar.

— O que é que o senhor quer saber? — perguntou.

— Como foi que Elmo os fez gritar por socorro e como Jerry se portou. Alguém falou em mim?

— Não me lembro. Quanto a Jerry, ele enfrentou tudo maravilhosamente bem. Senti orgulho dele.

— Eu disse a si que ele enfrentaria. De agora em diante me dará razão. Estas semanas todas, você e a Ethel andaram no maior alvoroço em redor dele, choramingando para que não aparecesse no banco das testemunhas, tratando-o como um inválido, quando desde o início eu sabia que teria resistência, que é cheio de

iniciativa, igual ao pai. Agora você reconhece que no fim eu tinha razão, não é?

— Não reconheço coisa nenhuma, Tio Frank. Foi uma provação medonha para Jerry. Devia tê-lo visto. Ele só aguentou porque... porque Mr. Barrett não o interrogou.

— Conversa fiada. Ele também teria derrotado o seu amigo Barrett. Porque é que você acha que Barrett encerrou o expediente e saiu a correr? Porque é que você acha que ele desistiu? Porque sabia que Elmo Duncan e o nosso lado o tinham liquidado, e havíamos preparado Jerry para enfrentá-lo, e que não ia conseguir coisa alguma. Por isso renunciou à inquirição... tentando conquistar a simpatia pública, como disse Luther... mas o fato é, e desculpe-me se isto a ofende, Maggie, mas você mais cedo ou mais tarde acabaria por descobrir por si mesma, o fato é que o seu amigo Barrett não teve coragem, foi covarde.

Foi por isso que ele desistiu do interrogatório.

Ela escutara Griffith incrédula. Para uma pessoa na posição dele, o grau de burrice e a falta de sensibilidade eram simplesmente inacreditáveis. O ódio pela sua estúpida arrogância quase a emudecia. Todas essas semanas de ressentimentos contidos, reprimidos, martelavam-lhe no íntimo, exigindo um desabafo. O que foi que ele tinha dito? Que Mike não tinha coragem, era um covarde?

Encontrou voz.

— Não foi por covardia que Mr. Barrett o não interrogou. Foi porque é... é decente e bom, entre outras coisas.

— Decente e bom? — Griffith atirou a cabeça para trás, soltando uma gargalhada. —

Essa é a maior que eu já ouvi. Um advogado chicaneiro, trabalhando em troca de honorários, recusando-se a marcar um tento porque é... como foi?... ah!... decente e bom.

Sacudiu a cabeça.

— Maggie, meu bem, você conhece tão pouco a natureza humana como a sua mãe.

Até menos, talvez. Ouça o que lhe vou dizer, menina, e trate de crescer. Eu entendo desse negócio de conhecer as pessoas. E um dia você ainda há-de agradecer-me por tê-la prevenido a tempo. Aquele

chicaneiro do seu amigo não tem um pingo de coragem no corpo inteiro.

— Ele tem tanta coragem como o senhor — explodiu ela. Assim também já era de mais.

Estava farta. Chegara a hora de desabafar. — Se quer saber a verdade, o motivo que levou Mike Barrett a não interrogar Jerry, foi porque eu lhe pedi que não o interrogasse, além de outros motivos, e um deles foi que Mike compreende o seu filho melhor do que o senhor mesmo. Ele prontificou-se a sacrificar uma parte da ação, do processo, porque concordou comigo em que o futuro de Jerry estava em jogo, e isso é uma coisa que o senhor nunca poderia fazer nem compreender.

A cara de Frank Griffith deformou-se outra vez.

— Olhe aqui, menina, você já está a sair um pouco dos limites. Não vá comparar-me com esse seu garanhão. Ele não interrogou Jerry porque você pediu? Pensa que acredito nisso? A troco de que é que ele iria dar-lhe ouvidos, quando toda a carreira dele depende deste julgamento? Ou quem sabe... não, agora entendi... quem sabe se você tem um jeitinho especial para obrigar os homens a dar-lhe ouvidos, hem, Maggie? Quem sabe se há homem por aí capaz de fazer qualquer coisa por uma boa copulazinha?

A última frase viera carregada de maldade. Maggie sentiu ímpeto de agredi-lo. Se ela fosse homem, agarrava-o pelo pescoço. Mas era justamente por ser mulher que ele tentara degradá-la.

— Que porcaria — exclamou. — Como pode ser assim tão podre? Mas ele ainda não terminara.

— Mesmo que eu entenda o que Barrett pode ter de lucrar com isso, o que eu quero saber é o que você lucra, Maggie, meu bem? O que é que você quer?

— Como posso falar com o senhor? — a voz dela tremia.

— O senhor não procura compreender. Tanto Mike como eu só estamos interessados numa coisa. Uma oportunidade de viver em paz com a nossa consciência. Seja lá o que for que eu tenha oferecido a Mike Barrett, a decisão final dele precisava de estar baseada na única coisa que eu não vejo ultimamente por aqui... uma noção de decência.

Ah, ela queria destruir aquele enorme imbecil presunçoso, cheio de malícia, de mentalidade imunda.

— Quer saber como foi que aconteceu? Conto-lhe com o máximo prazer. Procurei Mike Barrett e disse que o senhor e os seus amigos, donos da Mafia, iam forçar Jerry a comparecer no banco das testemunhas, muito embora Jerry lhe tivesse implorado que não fizesse isso. Mas o senhor estava resolvido a obrigá-lo a atribuir ao livro a culpa da situação de Jerry. E eu disse a Mike Barrett o que ele já sabia, que Jerry andava doente e com a mania do suicídio, e que mesmo que conseguisse sobreviver ao interrogatório de Duncan, jamais poderia aguentar o de Mike. Lembrei a Mike que ele já havia visto Jerry tentar matar-se uma vez, e agora os investigadores da defesa tinham descoberto o segredo de Jerry, de que ele já tentara matar-se noutra ocasião, antes da saída do livro, e portanto, na situação em que estava, se a prova do tribunal resultasse excessiva, ele tentaria de novo o suicídio... e desta vez era possível que o conseguisse.

Frank Griffith ficara lívido.

— Que espécie de asneira é essa? — vociferou. — Onde é que ouviu tanta tolice junta?

Dos seus amigos pornográficos?

— Será que o senhor não é capaz de enfrentar a verdade pelo menos uma vez na vida?

Nós não estamos a falar de histórias da carochinha que o senhor está acostumado a ouvir no seu mundo de publicidade. Estamos a falar da vida de seu filho, e da verdade a respeito dela. Os investigadores da defesa descobriram que Jerry já sofreu um esgotamento nervoso e tentou dar um fim a tudo no ano passado. E há duas semanas, Jerry tomou uma dose excessiva de soníferos dentro do carro dele, e Mike Barrett, por acaso, encontrou-o a tempo de salvá-lo.

— Então foi isso! Quer dizer que a fonte de todas essas asneiras é o chicaneiro do seu amigo Barrett, hem? Eu devia ter imaginado. Devia ter visto logo que ele não hesitaria diante de nada. Até inventar essa coisa de suicídio para convencê-la com uma espécie de lavagem cerebral, dizendo que ele salvou Jerry... e/e salvar Jerry?

pois sim!... para você ficar em dívida com ele. Que truque mais baixo, miserável, para você persuadir Ethel a convencer-me a afastar Jerry do banco das testemunhas, para que o seu Barrett pudesse ganhar o julgamento. E você caiu na esparrela, caiu como um patinho.

Era o momento de revelar toda a verdade. De dizer que aquilo não viera somente de Barrett. Que fora ela própria quem salvara Jerry depois da primeira tentativa de suicídio, levando-o a São Francisco para tratamento. Que fora ela própria quem trouxera Jerry de volta da casa do médico, depois que Barrett lhe telefonara sobre a segunda tentativa.

Contudo não se animava a mencionar esta última verdade. De qualquer modo, Griffith não acreditaria. Ele recusar-se-ia a acreditar nela. Pior ainda, cairia imediatamente em cima do filho, fosse para obter um desmentido do que ela dissera, fosse para obter uma confissão — de uma forma ou de outra, ele atormentaria Jerry ainda mais — e no fim Frank Griffith continuaria a acreditar apenas no que queria acreditar, e o único perdedor seria Jerry.

— Eu contei toda a verdade — disse ela finalmente. — Se não pode aceitá-la, tanto pior, para o senhor e para Jerry.

Frank Griffith olhou-a com ar feroz.

— Se eu tivesse um pingo de juízo, pô-la-ia no olho da rua agora mesmo, neste instante. Mas estou a ver que o seu mau procedimento e a sua língua suja não são realmente você, e uma vez que está fora de si, não é responsável pelo que diz. Você foi influenciada por aquele artista do Barrett, usada e manipulada por ele, de modo que já não sabe o que está a dizer e o que é verdade ou mentira. Por isso sou capaz de lhe dar outra oportunidade, menina. Não sei ainda se darei. Porque não é com a situação do meu filho que estou preocupado. É com a sua. E com as encrencas em que você se anda a meter, por ser assim tão desequilibrada, e que podem causar prejuízo a todos nós, já que você é de responsabilidade nossa.

Oh, como você está preocupado comigo, seu safado! pensou Maggie. O que o preocupa, se me põe no olho da rua, é ter outro

antagonista, que no campo oposto, pode sair a espalhar por aí a espécie de pessoa que Frank Griffith realmente é.

Mas não disse o que estava a pensar. Ficou à espera.

— Ao mesmo tempo, não vou deixá-la safar-se assim desta, menina, não, depois da atuação que acaba de ter nesta sala — continuou Griffith, sempre a tentar controlar a fúria.

— Acho que eu devia dizer-lhe que é melhor escolher já o campo em que vai ficar, qual o lado que prefere, a quem deve lealdade. Acho bom que se lembre de uma vez que sou eu quem a sustenta, paga, não lhe deixa faltar nada e tolera mais coisas do que nenhum parente jamais toleraria. Portanto resolva já se gosta disto e está do meu lado ou do lado deles.

— Não estou do lado de ninguém — respondeu. — Nem do seu, nem do de Mike Barrett. Estou do lado de Jerry. Do lado de quem e do que for bom para ele.

— Com que então agora é só por causa dele, por causa de Jerry, é? Pois essa também eu não engulo, minha querida. Já estou a ver tudo perfeitamente claro. Jerry não é, nem nunca foi, o verdadeiro problema que a preocupa. Você diz-me que está do lado do rapaz só para continuar a ter a vida regalada que tem nesta casa, mas ao mesmo tempo está toda assanhada por aquele garanhão chicaneiro, aquele grande e descarado paladino do sexo que anda a copular com você e a acalmá-la do umbigo para baixo, enquanto lhe faz uma lavagem cerebral na cabeça, e depois manda-a de volta para cá, todas as noites, para fazer de papel de cavalinho de Tróia nesta casa. Olhe, vou dizer-lhe uma coisa, minha querida. Já aguentei muita coisa, mas agora estou até aqui. Não pense que vai continuar a jogar nos dois lados, vou acabar já com a sua alegria, há riscos de mais em jogo. Só existe um grupo, o meu, entendeu? E ou você joga nele ou vai para o olho da rua. Você não tem escolha, e acho até que estou a ser bonzinho como burro. Vou explicar-lhe por outras palavras. Você quer um lugar para comer e morar... e nunca há-de encontrar melhor do que este... quer ficar no meio dos parentes e, como você diz, quer ficar perto de Jerry? É isso que você quer? Muito bem, então daqui para a frente terá de fazer o que eu mandar. Para começar: acabe com essa história de Mike Barrett. Se

— você tornar a ver aquele chicaneiro, nem que seja só uma vez, babau, fim para você, dou-lhe um pontapé no rabo. Desde hoje, a partir deste instante, fica terminantemente proibida de falar com ele. Se sair de casa para se encontrar com ele, boneca, pode ficar por lá e nem se incomode em voltar. Agora já sabe.

Maggie sentiu-se trémula.

— O senhor não tem o direito de me dizer o que posso ou não posso fazer com a minha vida particular. Não sou sua escrava. Não moro aqui por esmola. Eu trabalho, trabalho duro pelo que me pagam, e mereço ter tempo de folga e liberdade para empregá-lo como bem entender. Não sou nenhum utensílio seu, como sua mulher e seu filho o são. Eu sou eu e dona do meu próprio nariz. Posso encontrar-me com qualquer homem que eu quiser. Se o nome dele por acaso é Mike Barrett, eu encontro-me com ele. Para falar a verdade, pretendo vê-lo ainda hoje.

— Pouco me interessa o que você pretende. Eu estabeleci a lei que será cumprida na minha casa. Se você tem encontro marcado com Barrett, acho bom cancelá-lo sem perda de tempo, e cancelá-lo da sua vida com a máxima rapidez... se quiser ficar a morar aqui.

Mas se você se vai encontrar com Barrett hoje lá fora, é melhor fazer as malas antes.

Portanto, Maggie, meu bem, você é quem decide. Quero a sua resposta agora mesmo. Você vai sair ou vai ficar?

Sentiu vontade de lhe cuspir na cara. De sair dali a correr. De se libertar daquela servidão para sempre.

Mas também queria Mike Barrett — se ele ainda a quisesse, depois de hoje.

Foi então que a sua imaginação subiu ao andar superior, e no caminho do seu quarto e das malas por fazer, parou diante da porta de Jerry.

Os piores dias para Jerry talvez fossem os mais imediatos.

Como poderia abandonar o rapaz, logo agora, nas mãos deste pai monstruoso?

Hesitou diante do dilema.

Como era aquela velha história que terminava com o ponto de interrogação?

A dama ou o tigre?”

Sim.

Agora... qual? E... o que aconteceria depois?

Mike Barrett só começou a ficar seriamente preocupado às cinco e quinze.

Viera ao escritório antes da hora marcada, mas não esperava encontrar nenhum recado de Maggie Russell, e Donna confirmara que não havia mesmo nada. Nem tão-pouco esperava que Maggie aparecesse pontualmente às cinco, como tinham combinado, porque a maioria das mulheres (sobretudo as mais femininas) raramente é pontual, e ele suspeitava que Maggie fosse uma delas.

Procurou ocupar-se com os arquivos das testemunhas restantes arroladas por ele e Abe; sabia porém que formavam um fraco contingente, quase inútil à causa, e dedicou-lhes pouca atenção. Depois buscou o arquivo de Cassie McGraw, a salvadora, a mulher miraculosa, a deusa Atenas da defesa, e tentou absorver-se, relendo o que já conhecia a seu respeito, preparando-se para o próximo encontro, porque agora, com pouco mais do que dois ou três dias de julgamento pela frente, tudo se reduzia a Cassie. A vitória ou derrota final dependia de Cassie. Contudo, descobriu que não podia tão-pouco concentrar-se no passado dela, porque o que lhe interessava era a Cassie atual. Ficou a olhar para a porta aberta, em direção à sala de recepção, atento a cada pisada, a cada estalo, esperando que outra porta se abrisse e lhe trouxesse Cassie McGraw, viva, na pessoa de Maggie Russell.

Cinco minutos. Dez. Quinze. A vida toda, uma eternidade.

Nada de Maggie.

E só depois de ela já estar quinze minutos atrasada, no décimo sexto, pôs de lado a pasta que continha o passado de Cassie, e levantou-se pesadamente para se aprontar para a Cassie atual.

Perambulou pelo gabinete, esvaziando cinzeiros, arrumando almofadas, juntando fiapos, escutando o zumbido do relógio eléctrico da escrivaninha. Vinte minutos. Vinte e cinco. Meia hora após a hora marcada.

Nada de Maggie.

Decidiu acalmar-se com o cachimbo. Encontrou-o no bolso do paletó, tirou a bolsa de tabaco, encheu o forninho e acendeu-o. Irritou-se ao perceber que o forninho esquentava rapidamente, devido à velocidade com que estava a fumar. Já nem se limitava a deambular pelo gabinete. A essa altura trilhava o soalho de um lado para o outro.

Tinha medo de ver que horas eram; porém olhou.

Faltavam cinco para as seis.

Parou de pé na vasta janela e observou tristemente o trânsito, os automóveis que iam e vinham como besouros, as diminutas figuras que passavam pelas ruas. Nem rastro de Maggie Russell.

Procurou imaginar motivos para aquele atraso. Havia tantas hipóteses. Um equívoco na hora marcada para o encontro. Estava certo de que ela dissera às cinco. Mas talvez houvesse dito às seis e ele, por engano, confundira com cinco.

Ou, quem sabe, um acidente. Sempre ocorrem acidentes de trânsito em Los Angeles; cinquenta e duas mil pessoas mortas ou feridas durante os últimos doze meses. Maggie podia ter sofrido um choque enquanto dirigia na demoníaca autopista que liga o centro de Los Angeles com Pacific Palisades.

Ou doença. De manhã estivera com ótimo aspecto no tribunal. Mas a carne é sujeita a um milhão de moléstias, ela achava-se exausta, e talvez caísse de cama com febre de rachar.

Ou trabalho. Afinal de contas, ela tinha um emprego, e Tia Ethel talvez houvesse insistido para que terminasse um serviço qualquer.

Ou Jerry. Fora poupado no tribunal, mas o simples fato do comparecimento forçado podia ter sido excessivo para o seu frágil sistema nervoso. Quem sabe se não sofrera uma crise e Maggie, empenhada em socorrê-lo, esquecer-se da hora?

No entanto, em qualquer dessas hipóteses, ela teria telefonado ou mandado alguém telefonar em seu lugar. Isto é, salvo se estivesse desmaiada ou morta, o que certamente não estava. Mas o telefone não tocara nem uma vez durante a última hora.

Desviou-se da janela e olhou para o outro lado da sala, em direção ao gabinete de Zelkin, imaginando quando é que ele ia voltar

e o que havia de dizer se o encontrasse ainda à espera daquele modo.

Daquele modo. Que modo?

Do modo que eles tinham vaticinado. Agora precisava de reconhecer, às seis e vinte.

Eles, queria dizer, Zelkin, Sanford e Kimura, tinham predito que tudo terminaria daquele modo — o que significava que estavam com razão. Tinham dado o palpite ao meio-dia. E eis ali os últimos clarões do dia, quando a realidade ainda era palpável e não se podia, por enquanto, buscar refúgio nos sonhos.

Zelkin prevenira: — “Se é que o bilhete-postal existe.” E depois: — “Só confio no que é tangível.” E por fim:— “Você ainda tem esperança?”

E agora a cruel voz imaginária, pela primeira vez, respondia:— Abe, eu não sei.

Alguém surgiu na soleira da porta. Levantou os olhos imediatamente, e deixou pender a cabeça, decepcionado. Era Donna Novik, de casaco debaixo do braço.

— Se não precisa mais de mim, chefe, acho que vou já para casa.

— Obrigado, Donna. Não preciso, não... — mas tinha uma coisa, uma última coisa, que devia fazer. Queria que Maggie ficasse a saber o que lhe fizera e o que pensava dela. — Olhe, vou dizer-lhe uma coisa que você podia fazer por mim antes de se ir embora, se não se importa.

— O senhor manda, chefe.

— Você tem o número particular de Miss Russell no seu Rolodex, não tem? Quero que ligue para ela, espere que ela atenda, e passe-me o telefone. Depois, então, pode ir para casa. Um momento. Se outra pessoa atender... o que não vai acontecer, mas por via das dúvidas... não mencione o nosso escritório nem o meu nome. Okay?

— Entendi.

Donna desapareceu e ele aproximou-se de novo da janela, contemplando distraído a rua escura. Rezou para que Maggie houvesse sofrido um acidente sem importância ou estivesse

levemente enferma e que não fosse o que temia, a quebra da promessa do que ainda podiam significar um para o outro.

Escutou a voz abafada de Donna ao telefone da sala de recepção.

Chegou perto do aparelho da sua escrivaninha, pronto para levantar o auscultador.

Deixou a mão pronta, em cima da tecla iluminada, à espera do zumbido; mas de repente a luz apagou-se e não veio nenhum zumbido.

Confuso, dirigiu-se à porta aberta. Donna já vinha a entrar com um recado escrito numa folha do seu bloco de memorandos.

— Que foi que houve? — perguntou ele.

— Ora, eu disquei o número de Miss Russell, ficou a dar o sinal, sem parar, e eu já ia desligar quando uma voz de homem atendeu.

— Velho ou moço?

— Era Frank Griffith.

— Que azar.

— Eu disse que queria falar com Miss Russell. Ele respondeu... — consultou a página do memorando — apenas o seguinte: — Miss Russell não está a morar já conosco. Mudou-se para Nova Iorque. Foi-se embora hoje à tarde.” E quando eu ia perguntar se não havia deixado o endereço, ele simplesmente desligou. Quer que tente outra vez, para saber se ela...?

— Não-respondeu, com voz quase inaudível. — Não, não vale a pena. Obrigado, Donna. Acho melhor você ir para casa.

— Até amanhã, chefe.

— É, até amanhã.

Sozinho, sentiu-se vazio, com frio.

Ficou ali parado, de pé, sem se mexer, incapaz de dar um passo. Já não tinha aonde ir.

Depois de certo tempo, encolheu de leve os ombros. Dominado por aquela sensação de vácuo, aproximou-se do bar e, distraído, encheu o copo de gelo, servindo duas doses de uísque escocês. Bebeu devagar, com rancor, brindando a Cassie McGraw que-nunca-existiu e a Maggie Russell que lhe restaurara a fé na infidelidade das mulheres.

Largou o copo com os cubos de gelo, tirou do cabide o paletó do fato e vestiu-o, saindo do seu gabinete à procura de um lugar escuro qualquer onde os fracassos se amontoassem para anestesiar o cérebro de bebida contra todo o passado e futuro.

Detendo-se à porta da sala de recepção, estendeu a mão para apagar as luzes. Nesse instante, o telefone da escrivania de Donna tocou, e a luz continuou acesa. O telefone voltou a tocar. O coração deu-lhe um salto e ele correu para trás em dois passos rápidos.

Tirou o auscultador do descanso.

— Alô?

— Mike, sou eu. Era Maggie.

— Que diabo, Maggie... onde é que você está?

— Na cabina pública de um posto de gasolina perto de casa. Não pude ligar antes.

— O seu tio disse que você saíra de...

— Você falou com ele?

— A minha secretária falou.

— Saí, sim. Tivemos uma pega e fui-me embora.

— A prova... o bilhete-postal de Cassie McGraw... está com você?

O seu coração batia. Esperou.

— Mike, deixe eu...

— Está com você? — insistiu.

— Não.

— Não?

— Escute, depois eu explico. Venha até aqui, por favor. Preciso da sua ajuda. Não posso ficar mais tempo nesta cabina. Eu conto-lhe tudo quando chegar aqui. Estarei à sua espera diante do posto de gasolina. Você vem, Mike?

— Não sei — respondeu. E desligou.

Mas meia hora depois estava no Sunset Boulevard, e em Pacific Palisades. Na calçada, defronte do posto da Texaco, avistou Maggie. De costas para ele, com a mão em pala sobre os olhos para protegê-los do clarão das luzes do semáforo, atentava na rua da ladeira onde se encarrapitava a casa dos Griffith.

Não sabia o que o impelira a vir ao encontro quando saíra do escritório.

Agora, vendo-a, ao pé do semáforo, com os cabelos e o vestido de tecido leve chicoteados pelo vento, compreendia. Viera porque estava apaixonado, precisava de descobrir porque ela a traiçara esse amor. Viera porque todo o apaixonado é um tolo, e ele era o maior de todos os tolos. Viera porque não lhe restava outro lugar para ir, quer como advogado. quer como homem. Ali era o fim da linha.

Virou o carro em direção ao posto de gasolina, aproximou-o das bombas, desceu e pediu ao empregado que enchesse o tanque.

Encaminhou-se para Maggie. Só quando chegou bem perto foi que ela o viu.

Ficou imóvel, de lábios trémulos, cobrindo a boca com a mão; ele pensou que ela ia chorar.

— Oh, Mike — disse, num fio de voz —, pensei que você nunca mais vinha.

Encostou-se nele, abraçando-o, a cabeça contra o peito.

— Não imagina quanto eu o queria aqui. Graças a Deus que veio.

Afastou-a, agarrando-a pelos ombros com tanta força, que ela teve um estremecimento.

— Que se passa com você? — perguntou ele. — Porque não apareceu?

— Não fique furioso comigo, Mike. Não tive culpa. Eu não queria que você esperasse.

Só que tudo saiu errado. Não faz ideia do que aconteceu naquela casa horrível nestas últimas duas horas entre Frank Griffith e eu. Não deu tempo de explicar pelo telefone porque eu não queria desviar os olhos da casa e não conseguia enxergar a entrada para carros dali da cabina. Só podia ver daqui, e eu tinha de ficar a observar para saber se ainda há uma possibilidade.

— Maggie, pelo amor de Deus, você está a fazer uma confusão danada. Agora, de uma vez por todas, quer contar-me o que aconteceu? Onde está o endereço de Cassie?

— Não tenho — disse ela, desesperada. — Deixe-me explicar...

— Explique, então.

Ela olhou por trás dele, para a ladeira, e depois disse, perturbada: — Eu não o atraí, se é isso que está a pensar. Tive de passar numa porção de lugares depois que saí do tribunal... estava tão orgulhosa do que você fez, Mike... Quando cheguei, encontrei Tio Frank. Em geral ele não volta do escritório assim tão cedo. Mas tinha estado fora da cidade e resolveu vir diretamente para casa. Ele estava no gabinete, a falar ao telefone, e não pude aproximar-me da escrivaninha. Foi lá que guardei o bilhete-postal... eu contei-lhe, não?... na gaveta inferior da escrivaninha, escondido por baixo do forro e de uma pilha de correspondência ainda por responder. Então fui mudar de roupa, protelando até ele sair. Finalmente desci e quase esbarrei com ele na escada. Precisava de ver como estava louco de alegria com o que se tinha passado hoje de manhã no tribunal, com a sua desistência do interrogatório de Jerry...

— Só imagino — comentou Barrett, ressentido.

— Mas aí é que não pude entrar no gabinete, porque ele queria conversar comigo, ouvir a minha versão do que havia ocorrido no tribunal. Seja como for, uma coisa levou a outra, e a maneira como ele começou a falar de Jerry e... e de você... eu simplesmente não me pude mais conter, e acho que explodi, dizendo-lhe toda a verdade. Bem, toda não, não falei do nosso tratado, da combinação que fizemos, mas expliquei que você tinha agido como agiu, pelo menos em parte, por minha causa, e que ele não compreendia a situação do filho, e que Jerry já tentara duas vezes o suicídio...

— Qual foi a reação dele?

— Não acreditou. Disse que era coisa que você estava a inventar para me fazer uma lavagem cerebral e me convencer a afastar Jerry do tribunal como testemunha contra você.

Tivemos uma briga terrível, Mike, absolutamente medonha. Aí então ele deu-me um ultimato. Se eu quisesse continuar em sua casa, a trabalhar para ele, ficando perto de Jerry, teria de jurar que nunca mais falaria com você. Foi categórico. Jamais poderia encontrar-me de novo consigo, nem sequer uma vez, nem mesmo hoje. Se insistisse em me encontrar com você, disse, devia fazer as malas naquele instante e ir-me embora. Eu não sabia o que fazer.

Era deixar Jerry à mercê do pai ou... ou desistir de você. Naquela ocasião não me lembrei do postal de Cassie, Mike. Se preferisse continuar a morar lá, nas condições de Tio Frank, podia apanhar o bilhete para Iho entregar num lugar qualquer... ao menos acho que poderia ter feito isso antes do julgamento terminar. Mas... mas no fim não foi assim. Eu não podia... não sei como dizer, Mike... eu não podia suportar a ideia de não o ver mais.

Ele estava profundamente emocionado. Era um desses momentos raros em que os sentimentos transcendem as palavras. Puxou-a contra si, amando aquele calor e macieza, retribuindo-lhe o carinho.

— Que bom — murmurou. — É a mesma coisa que eu sinto.

Ela permaneceu alguns segundos, feliz, entre os seus braços. De repente abriu os olhos e exclamou;

— Já me ia esquecendo, Mike. De Cassie McGraw, digo. Todo o seu pleito depende disso, não é?

Saiu dos seus braços.

— Mike, então acho que compliquei tudo. Porque quando tomei a minha decisão, quando disse a Tio Frank que ia encontrar-me hoje à noite com você, ele comportou-se como um bruto. Mandou-me sair imediatamente de casa e que nunca mais ali pusesse os pés. Que era para eu arrumar a mala com as coisas mais urgentes. Depois enviaria o resto para o meu novo endereço. “Arrume as suas coisas e vá-se embora”, foi a ordem que deu.

Mas o pior é que não me deixava sozinha nem um segundo. Tentei ganhar tempo, disse que precisava de ir buscar uns objetos pessoais à escrivaninha, mas ele nem permitiu que eu tocasse nela. Mandou-me fazer a mala e sumir. E depois seguiu-me até ao quarto e ficou parado na porta enquanto eu tirava algumas coisas do armário, esvaziava as gavetas da minha mesa, lançando tudo dentro de duas malas. Aí, então, desceu a escada comigo, fez-me devolver a chave, e esperou que eu cruzasse o portão de entrada para bater a porta com toda a força. De modo que arrastei as malas até aqui abaixo... estão ali, oh, do lado do bebedouro de água gelada...

— E o bilhete-postal de Cassie McGraw continua na escrivaninha de Griffith?

— Desculpe... continua. Estou realmente desolada. E quando cheguei aqui abaixo, não liguei imediatamente para você porque é só da calçada que dá para enxergar a entrada para carros de Tio Frank, e achei que devia ficar à espreita, para ver se ele saía de casa. Se tivesse sorte, eu planeava voltar a correr e roubar o postal.

— Maggie, você tem de entrar de novo naquela casa hoje de noite. Há algum meio?

Você disse que teve de devolver a chave, não foi?

Ela abriu a bolsa.

— A da porta da rua, sim — remexeu dentro da bolsa e por fim tirou uma chave de metal opaco. — Mas não a do alpendre de serviço. Desta esqueceu-se ele. Eu posso entrar com ela. Mas como é que vou usá-la enquanto Tio Frank estiver lá dentro?

— Você não pode. Portanto precisamos de fazer com que ele saia.

— De que maneira?

Barrett pensou um pouco. De repente sorriu. — Já sei. Talvez seja possível. Não custa tentar. A esta altura, qualquer coisa serve. Luther Yerkes está na cidade?

— Está. Telefonou para Tio Frank hoje à tarde, pouco antes da nossa briga.

— Onde é que ele mora?

— Em tudo quanto é lugar. Estava a morar na casa que tem em Bel-Air.

— Ele não tem nenhuma secretária particular?

— Tem. Já atendi vários telefonemas. Quem faz as ligações é ela...

— Ah é? ótimo, então vamos tentar.

Tomou Maggie pelo braço e puxou-a em direção do escritório do posto de gasolina.

— Tentar o quê, Mike? Ele apontou em frente.

— Está a ver aquela garota ruiva sentada lá dentro, a ler uma revista? É a secretária de Yerkes.

Entraram no posto de gasolina. A ruiva sardenta, mascarando "chiclete-enquanto folheava as páginas de uma revista de cinema, saudou-os.

— Você trabalha aqui? — perguntou Barrett. A garota pareceu espantada.

— Não. Estou à espera do Mac... o meu namorado. Ele é o mecânico.

Barrett meteu a mão no bolso e tirou a carteira.

— Você não gostaria de ganhar uma nota de cinco numa coisa fácil?

Os olhos da ruiva passaram para Maggie e voltaram a Barrett.

— Para fazer o quê? — replicou, desconfiada.

— Para fazer um telefonema. Nós daremos o número. Quando alguém atender, diga simplesmente que quer falar com Mr. Griffith, Mr. Frank Griffith. Se for ele que atenda, ou quando ele entrar na linha, você diz: "Aqui é a secretária de Mr. Luther Yerkes.

Ele pediu-me que telefonasse ao senhor para lhe dizer que acaba de surgir uma coisa muito urgente e que é para o senhor se encontrar imediatamente com ele na casa em Bel-Air."

Não responda a nenhuma pergunta. Trate apenas de ver se ele entendeu o recado e depois desligue.

A garota parou de mascar o "chiclete".

— Só isso... por cinco dólares?

— Só.

Estendeu-lhe a nota. Ela já ia a pegar-lhe, porém hesitou.

— Não há nenhuma porcaria nesta coisa, não?

— Não há, não — garantiu-lhe Barrett, com modo sedutor. — É apenas para pregar uma peça num amigo.

Ela aceitou a nota.

— Okay. Deixe-me procurar lápis e papel, e repita tudo de novo para eu saber bem o que devo dizer.

Revistou a escrivaninha até encontrar um bloco de rascunho e um toco de lápis.

Barrett, ditou-lhe o recado. Quando terminou, pediu a Maggie que desse o número do telefone de Griffith. Maggie tomou o lápis e escreveu o número.

— É para ligar agora? — perguntou a garota.

— Agora, já.

— Não se importam de esperar lá fora? Senão eu fico sem jeito.

— Nós vamos sair.

Ao chegarem do lado de fora, Barrett levou Maggie para perto das bombas de gasolina e disse: — Não saia daqui, Maggie, fique de olho nela. Espreite para ver se ela fez o telefonema. Vou guardar as suas malas no carro.

Deixando Maggie, foi até ao bebedouro de água gelada, pôs a sacola de Maggie debaixo do braço, agarrou uma das malas em cada mão e carregou tudo para a parte traseira do descapotável. Depois de colocar as malas na bagageira e fechar a tampa, viu Maggie a acenar-lhe enquanto a ruiva saía do posto. Caminhou rápido na direção de ambas.

— Como é que foi? — perguntou.

— Tal como o senhor disse — respondeu ela. — Eu liguei. O homem que atendeu disse que era Mr. Griffith. Eu li o que o senhor mandou. Ele pareceu ficar preocupado e disse: “Obrigado. Avise Mr. Yerkes de que vou já a caminho.”

Barrett sorriu.

— Você é muito boazinha... e uma boa samaritana. Toda faceira, retribuiu-lhe o sorriso, virou-se para o escritório do posto e foi ler a sua revista. Maggie agarrou Barrett pelo braço.

— Mike, se tudo der certo, ele vai descer esta rua daqui a pouco para tornar o Sunset.

Temos de tomar cuidado para que não nos veja.

— Exato.

Levou-o até ao carro. Diante da porta, ela recuou, — É capaz de me reconhecer se me enxergar sentada aqui na claridade.

— Okay. Vá prò lavabo até eu buzinar duas vezes. Ficarei sentado no carro, de olho no retrovisor. — Ela já ia a caminho, quando ele chamou: — Ei, Maggie, qual é o carro dele?

— Um Bentley. Modelo S3, desporto, azul. Você não pode enganar-se.

Enquanto Barrett se instalava no banco da frente, viu Maggie desaparecer no lavabo das mulheres e depois fixou a vista no

retrovisor. Um Buick antigo apareceu rapidamente e sumiu-se. A partir daí, durante talvez um minuto, não houve nada para ver no cruzamento da rua na retaguarda, com exceção da luz do sinal, mudando de novo. Finalmente, de um instante para o outro, a grade cintilante do radiador e o imponente B do lustroso Bentley azul deslizaram pelo espelho. Ao diminuir a marcha para dobrar à esquerda no Sunset, Barrett passou depressa para o lado oposto do assento, a tempo de ver de relance o perfil carrancudo de Frank Griffith. Depois viu-lhe a nuca, e o Bentley continuou a afastar-se, indo para leste do Sunset Boulevard, até desaparecer da vista.

Barrett apertou a buzina duas vezes. Maggie e o empregado do posto de gasolina surgiram quase simultaneamente. Enquanto Barrett assinava a nota da despesa, ela ocupou o assento a seu lado.

Olhou-o interrogativamente.

Ele sentia-se triunfante e não escondeu a sua euforia.

— Risque um Bentley azul — anunciou. — A casa é nossa. Agora vamos socorrer Cassie McGraw.

Uma nova preocupação passou pelo semblante de Maggie.

— Mike, acho bom a gente andar depressa. Nós mandamos Tio Frank para casa de Luther Yerkes em Bel-Air, não foi?

— Sim. Por quê?

— Diabo, devíamos ter dito para ele ir para casa de Malibu. Bel-Air fica praticamente pegado aqui. Yerkes mora em Stone Canyon Road. É a parte mais próxima de Bel-Air, logo depois da UCLA. Tio Frank levará dez ou doze minutos, no máximo. No momento em que lá chegar, vai ver que foi logrado. Aposto em como volta para cá em oito minutos exatos. Temos menos de meia hora.

Barrett já ligara o motor.

— Okay, isso dá-lhe dez minutos para entrar e sair de casa. Acha suficiente?

— É possível, a não ser que surja algum imprevisto. Corra, por favor, Mike.

Barrett descreveu um círculo pela direita em torno do posto de gasolina para finalmente sair e virar ao norte, subindo a longa ladeira até à residência de Griffith. As luzes da porta estavam

acesas, mas somente uma parte lateral da casa era visível da entrada para carros. O resto achava-se oculto por sebes e árvores.

Ao aproximar-se do portão de acesso, Barrett perguntou: — Você tem a chave do alpendre de serviço nas traseiras?

— Tenho.

— Então desça aqui — diminuiu a marcha do descapotável diante da entrada e travou. —

Vou recuar para perto daquela sebe. Assim posso enxergá-la quando você sair pelo pátio lateral e, ao mesmo tempo, ficar de olho na rua que acabamos de subir. Estarei observando para quando Griffith aparecer do lado do Sunset.

Ela abriu a porta e desceu.

— De quanto tempo ainda dispomos, Mike? Ele espiou no mostrador do relógio de pulso.

— Sem se arriscar, você dispõe de nove, no máximo dez. Agora pé na tábua. Boa sorte.

Viu-a percorrer à pressa a entrada de carros e atalhar à esquerda, por cima da relva, até ao caminho que contornava a casa em direção ao alpendre de serviço. Quando a perdeu de vista, fez marcha atrás, afastando-se vagarosamente do portão e encostando no meio-fio abaixo das sebes. Desligou o motor e apagou os faróis.

Seria fácil, achou. Em poucos minutos teria o que queria e poderia restaurar em Zelkin e Sanford a sua fé na palavra “confiança” e no seu próprio julgamento, e disporia da pista que havia de levá-lo à testemunha que talvez salvasse a periclitante defesa e Os Sete Minutos.

Com o braço esquerdo apoiado ao volante para poder verificar constantemente a hora, Barrett desviava os olhos a breves intervalos, a fim de espiar a ladeira que levava ao Sunset, tornando depois a olhar o relógio e de novo a ladeira.

Havia cinco minutos que Maggie havia ido.

Daqui a pouco, oito.

Surpreendentemente, completaram-se os dez minutos sem que houvesse o menor sinal dela, e agora cada minuto veloz parecia composto de apenas seis segundos, em vez de sessenta.

O ponteiro grande corria sem parar no mostrador.

Treze minutos... catorze... quinze.

Mike Barrett piscou os olhos e percebeu que potentes faróis vinham a subir a ladeira, lá de baixo do Sunset Boulevard. Podia sentir o suor a brotar-lhe na testa. Santo Deus, se fosse Griffith...

Era.

Na subida, o carro procedente, do Sunset Boulevard passou sob a claridade de um lampião, e o brilho prateado da grade do radiador e o magnífico tom azulado da capota não deixaram margem para dúvidas. O Bentley agora aproximava-se cada vez mais, em velocidade crescente.

Barrett agiu instintivamente. Nenhuma ideia consciente o impeliu à ação. Ligou o motor. Pisou no arranque. A mão soltou o freio de emergência. Calcou com força o pedal da gasolina.

No momento exato em que o Bentley azul surgiu bem à vista, rumando para a entrada de carros, o descapotável de Barrett mergulhou a direito para a frente, bloqueando-lhe o acesso ao portão.

Barrett firmou o volante, esperando pelo impacto do aço contra aço, mas em vez disso ouviu-se, depois de travar, o rangido da borracha dos pneus, enquanto Griffith desviava o Bentley para o lado, a fim de evitar a colisão. O guincho e o resvalamento de pneus sobre o pavimento, do outro carro, do próprio carro de Barrett, e depois, finalmente, o roçar de metal contra metal.

Os dois automóveis estremeceram e pararam na rua defronte ao portão. O de Griffith, quase paralelo ao de Barrett, estava um pouco mais adiante, com o lado direito contra o guarda-lama do descapotável.

A porta da direção do Bentley abriu com violência. e um enorme sujeito corpulento saiu como um touro, avançando para Barrett. Era Frank Griffith, com o rosto congestionado de raiva.

— Que modo idiota de guiar é esse? — berrou, à medida que se aproximava. — Podia ternos matado os dois! Que modo infernal de dirigir é esse? Nunca olha à esquerda num cruzamento?

— Desculpe — disse Barrett, assumindo a expressão mais contrita. — Acho que estava distraído. A culpa é inteiramente minha. Sinto muito. O senhor não se magoou?

— Sujeitos como você deviam ser proibidos de guiar — resmungou Griffith. — Claro que não me magoei. Sorte sua. Mas não sei que diabo você fez ao meu carro. Faça marcha atrás por favor, que quero ver. E não se vá embora.

ótimo, pensou Barrett. Perca tempo. Protele. Não o deixe encurralar Maggie dentro de casa.

Mexeu na chave do motor, dando a partida várias vezes, mas deixando-o sempre morrer de propósito.

— Mas que merda! — explodiu Griffith. — Você vai fazer marcha atrás ou não vai?

Por fim Barrett deixou o motor ligado. Pôs a mudança em marcha atrás e recuou alguns metros. Depois desceu do carro, e caminhou na direção de Griffith, que estava parado de pernas abertas, beligerante, os punhos musculosos nos quadris, esperando por ele. Barrett viu que o guarda-lama do descapotável ficara amachucado.

— Veja o que fez ao meu carro — disse Griffith.

O que ele tinha feito, Barrett pôde ver: apenas arranhara uma faixa de tinta azul na porta traseira do Bentley e uma parte do guarda-lama.

— Vou ter de pintar todo de novo para não ficar diferente-reclamou Griffith. — E a sua companhia de seguro terá de pagar, no mínimo, uns oitocentos dólares. Você tem seguro, não tem?

— Tenho, sim.

Griffith tirou uma caneta e uma pequena agenda do bolso do paletó.

— Acho bom procurar o seu cartão enquanto anoto o número da sua placa.

Enquanto Griffith anotava o número da placa, Barrett procurou o cartão da companhia de seguros na carteira, imaginando onde estaria Maggie e rezando mentalmente por ela.

Encontrou o cartão quando Frank Griffith já estava de volta a seu lado. No momento exato em que Griffith lhe arrancava o cartão das mãos, Barrett lembrou-se de que ele continha o seu nome, endereço e número de telefone.

Prendeu a respiração.

Griffith estava a copiar os dados da companhia de seguros. Os seus olhos chegaram ao do portador da apólice. Por um instante, ficou imóvel e depois levantou a cabeça maciça, olhando bem para Barrett. As suas mãos meteram a agenda, a caneta e o cartão de seguro no bolso, e quando tornaram a aparecer estavam cerradas. Deu um passo à frente e Barrett, automaticamente, recuou, até ficar colado contra o Bentley. Jamais, em toda a sua vida, tinha visto tanto ódio no rosto de alguém.

— Eu devia tê-lo reconhecido, seu filho da puta — berrou Griffith.
— Que diabo está você a fazer aqui?

— O país é livre — replicou Barrett, inane.

— Livre, é? Não para gente da sua laia, ouviu? Que é que você anda a fariscar por aqui... espionando a mim e a meu filho?

— Não tenho nenhum interesse no senhor ou no seu filho.

— Isso é o que eu não sei. Você mostrou hoje de manhã no tribunal que não tem colhões. Agora talvez esteja à procura de alguma coisa que lhe sirva de compensação.

Barrett levantou o braço esquerdo de leve, à espera da agressão. Griffith arreganhou os dentes.

— Gostaria de lhe achatar a cara — gritou —, mas não pretendo dar-lhe mais publicidade.

Não sou trouxa para cair nessa. Porém ouça bem o que lhe vou dizer. Fique prevenido. Dê o fora daqui, entendeu? Arranque esse rabo daqui o mais depressa possível. Eu vou lá para dentro. Se quando eu sair, dentro de cinco minutos, o encontrar ainda a bisbilhotar pelas redondezas dou-lhe uma sova e depois entrego-o à Polícia por vadiagem. Está a ouvir-me?

Com esta, virou as costas a Barrett, contornou o carro com passo pesado e instalou-se atrás do volante. Barrett lançou um olhar em direção à casa. Nada de Maggie. Entrou no descapotável e retrocedeu ainda mais, ficando à espera, de motor ligado. O Bentley de Griffith disparou portão dentro. Barrett fechou os olhos, rezando de novo por Maggie, tornou a abri-los e deslizou o carro para a frente, à procura de melhor posto de observação.

Pôde ver Griffith a sair da garagem. Pôde vê-lo abrir a porta da rua. Depois não pôde vê-lo mais.

Pobre Maggie.

Não havia nada que fazer. Era tarde de mais.

Por fim, além das luzes da entrada de carros, distinguiu um movimento: alguém corria pelo lado da casa. De repente, bem nítida, uma silhueta feminina atalhou pelo relvado e ganhou o caminho de passagem. Era ela.

Maggie chegou ofegante perto do carro.

— Ah, meu Deus, que susto.

— Entre — ordenou Barrett.

Ela estava no carro, a seu lado.

— Entrei na casa sem problema, Mike, mas depois tive de me esconder de uma enfermeira profissional qualquer, que eles contrataram para me substituir. Ela vinha trazendo Tia Ethel para o andar térreo. Aí então, finalmente, pude esgueirar-me até ao gabinete. Mas quando eu já ia a sair, Tia Ethel viu-me. Ela sabia que eu tinha sido posta no olho da rua, e tive de contar que eu havia voltado para buscar uns pertences meus que tinha esquecido. Depois ela quis conversar... falou e falou até não poder mais, que eu não devia ter brigado com o marido dela e que lamentava muito não ter podido convencê-lo a mudar de ideia sobre mim. O tempo passava e eu naquela agonia. Então ouvi barulho aqui fora, os dois carros colidindo, e disse que seria melhor dar uma olhadela para ver o que acontecera. Saí correndo pelas traseiras, rodeei a casa, e cá estava você com Tio Frank. Fui obrigada a esconder-me de novo atrás da casa. Quando ouvi o carro dele a subir vim de mansinho pelo pátio lateral e, ao escutar a porta da rua a fechar-se, disparei que nem uma flecha. Ufa. E cá estou eu.

Barrett voltara por completo o volante e começou a descer a ladeira a toda a velocidade. Quando se aproximaram do posto de gasolina, desviou para o meio-fio e estacionou.

Estendeu a mão.

— Você conseguiu, Maggie?

Ela sorriu e tirou um postal da bolsa, colocando-o elegantemente na palma da mão dele.

— Tome. As chaves do reino.

Ele examinou a lustrosa reprodução colorida do Sanatório de Convalescentes Sunnyside na parte da frente. Virou do outro lado. À direita estava o nome e o endereço de Frank Griffith. À esquerda, o espaço para a mensagem estava coberto até ao último milímetro com frase após frase atulhada de palavras semelhantes a formigas, escritas laboriosamente numa caligrafia esforçada. Só a assinatura era facilmente legível. Dizia "Cassie McGraw".

— A mensagem e a assinatura estão com letra diferente — disse Barrett. — Vejamos se a assinatura é autêntica.

Tirou do bolso interno as fotocópias que mandara fazer no Colégio Parktown.

Desdobrou-as. Pegou na que trazia a assinatura de Cassie, tal como aparecia no verso da velha fotografia de O'Flanagan, Jadway e Cassie em Paris, e comparou-a com a suposta assinatura recente de Cassie no bilhete-postal.

— Então? — perguntou-lhe Maggie.

— A antiga é firme, e esta é trêmula como um cardiograma, mas ambas têm o mesmo r redondo sem arestas, a mesma espécie de ponto em flecha no i, o mesmo risco marcante para baixo, o mesmo... — ergueu os olhos e sorriu. — Sim, as assinaturas são da mesma pessoa. Encontramos Cassie McGraw.

— Graças a Deus.

— E graças a você — ligou o motor de novo. — Para onde quer ir?

— Estava com esperança de que você me levasse para casa.

— Para casa?

— Junto com você.

Ele já ia a soltar o travão.

— Eu só tenho uma cama, Maggie. De casal.

— Se é de casal, dá para dois, não dá?

Ele cobriu as mãos dela, pousadas no colo, com a sua.

— Eu já lhe disse que a amo?

— Porque não deixa para dizer daqui a pouco?

— Daqui a pouco eu terei de partir para Chicago. Maggie agora estava bem perto, de lábios entreabertos.

Beijaram-se, misturando as línguas. Depois ela murmurou: —
Cassie não pode esperar até amanhã? Barrett soltou-a.

— Ela vai esperar, sim.

Então soltou o travão. Estavam livres. O carro começou a andar.

X

Chicago não era o que ficava entre Los Angeles e Nova Iorque, decidiu ele. Era diferente. Tantos olhos hostis a tinham considerado feia. Chicago era “o salsicheiro do mundo”, de Cari Sandburg, “o subúrbio de Varsóvia”, de Arnold Bennett, o lugar de “imundície” e “selvagem”, de Rudyard Kipling. Para os que a conheciam melhor, era também o Chicago Tribune e Vachel Lindsay, as Everleigh Sisters e Jane Addams, Al Capone e Edgar Lee Masters, Samuel Insull e Marshall Field. Para outros, era o Loop, o El, a Universidade, a Central de Illinois, e era Sears Roebuck, e o Lincoln Park, o Lake Shore Drive, o Cook County, a Cidade dos Ventos — esquálida, simpática, melancólica, estimulante, a cidade de onde se ia sempre embora muito jovem e que entretanto permanecia entranhada na gente.

Sim, ela era todas as coisas boas e más, como várias cidades e a maioria dos homens; mas uma coisa ela não era, decidiu Mike Barrett a observá-la da janela do táxi. Não era ali que se podia esperar encontrar Miss Cassie McGraw, antiga moradora de Montparnasse, em Paris, França.

Mas cá estava ela e cá estava ele, e dentro de poucos minutos estariam frente a frente.

E esta cidade, onde nascera, que conhecia apenas como uma vaga nostalgia da sua juventude, de repente ganhava beleza diante dos seus olhos.

Já era dia claro quando deixara o seu apartamento e Maggie, e o avião descolara de Los Angeles. Agora estava no começo da tarde de terça-feira, em Chicago. No céu, o Sol tímido perdera terreno para um bando de nuvens belicosas, ficando o dia cinzento, ventoso e ameaçador. Barrett percorrera grande parte da distância entre o

Ambassador East Hotel e o Sanatório de Convalescentes Sunnyside, situado na periferia da Zona Norte de Chicago.

Sentia-se animado, cheio de expectativa.

Fechando a vidraça do táxi, expulsou a cidade do seu pensamento; com um pouco mais de dificuldade, pediu a Maggie que esperasse melhores oportunidades futuras de solicitude mental (sabendo que ela compreenderia), procurou não refletir sobre os esforços infrutíferos de Abe Zelkin naquele dia no tribunal e finalmente dedicou toda a sua concentração no encontro iminente com Cassie McGraw.

Com gesto quase automático, que já se tornara um hábito constante, tirou o bilhete-postal do bolso e releu as palavras em letra miúda dirigidas a Frank Griffith:

Vi no jornal aqui onde eu moro uma notícia sobre seu filho e soube do julgamento e do ataque que o senhor fez contra Os Sete Minutos, pondo a culpa ao autor. Fui amiga de Mr. Jadway. O livro foi baseado em mim. Juro pela vida da nossa filha Judith — que hoje serve Nosso Senhor como freira, tal como o pai outrora serviu a liberdade humana — que Mr. Jadway escreveu o livro como um artista, inspirado pelo amor e desejo de libertar a juventude de amanhã. O livro não podia corromper o seu filho, só melhorar-lhe e salvar-lhe o futuro. Leroux e os outros não conhecem a verdade. Acredite em mim. Tenha dó.

Saudações,

CASSIE MCGRAW

Eu acredito em você, Cassie, ele queria dizer e diria, fosse qual fosse a verdade. Mas você acreditará em mim quando lhe disser que o passado não pode mais continuar morto e enterrado? Terá a coragem de abandonar o anonimato, arriscar-se ao escândalo e apresentar-se em público para salvar os vivos?

Você vai nos ajudar, Cassie?

O carro parou. O motorista desligou o taxímetro e virou-se para anunciar o preço da corrida.

Enquanto procurava a carteira no bolso do paletó, Mike Barrett abaixou a cabeça e espiou pelo vidro. Hospitais para convalescentes não lhe eram estranhos. Sua mãe, nos últimos anos de vida, vegetara sucessivamente em três deles no leste. O que agora via apenas confirmava o que já sabia: que todos possuíam a mesma fachada, aquele aspecto de andar único, comprido,, caiado de branco e recluso — excepto que este era mais elegante e dispendioso do. que a maioria, com vasos de gerânios coloridos de cada lado das grandes portas envidraçadas.

Barrett pagou ao motorista, deu-lhe gorjeta e desceu rapidamente do táxi, caminhando pela curta calçada de cimento e entrando no Sanatório de Convalescentes Sunnyside.

Pelas recordações dos sanatórios que conhecera, vinha preparado para o inevitável odor de urina e detergentes. Para sua surpresa e prazer, o ar estava perfumado de lilases.

Subiu a rampa atapetada que conduzia ao amplo corredor principal e à sua frente as portas envidraçadas do pátio interno mostraram que se achava rodeado por caixas de flores completamente abertas — e no meio dessa profusão havia um grupo de mesas matemáticas, protegidas por guarda-sóis de cores vivas. Exceptuando-se um velho de chapéu, suéter volumoso e calças largas, cochilando numa cadeira, o pátio estava deserto.

À mesa de recepção, à esquerda das portas envidraçadas, uma funcionária gordinha, de uniforme impecável, observava-o com curiosidade.

Mike Barrett dirigiu-se-lhe, disse quem era e explicou que acabava de chegar por via aérea de Los Angeles e queria falar com o diretor do sanatório. Minutos mais tarde, após uma série de indagações pelo sistema de altifalantes, foi conduzido através da sala de fisioterapia, do vasto salão de recreio com o zumbido monótono dos aparelhos de televisão, do quadro de cortiça onde penduravam boletins, até ao gabinete claustrofóbico de Mr. Holliday, o diretor.

Parecia um Cristo de barba bem feita, caso o Salvador tivesse sido algum dia contabilista. O seu sorriso fixo era simpático, porém angustiado, um sorriso reservado para visitantes sem hora marcada,

mas que podiam ser parentes de possíveis pacientes. Ao falar, passou o dedo pelo distintivo do Rotary Club.

— Veio de Los Angeles — estava a dizer —, para falar comigo? Ou será que entendi mal?

O senhor tem alguém aqui conosco?

— Para falar com o senhor e também com uma pessoa que está internada aqui.

— Los Angeles. Estive lá uma vez, há cinco anos mais ou menos, uma convenção — continuou Mr. Holliday, perdido em agradáveis reminiscências, e Barrett logo percebeu que ele tinha estado lá sem a esposa. — Não deu tempo para ver muita coisa, a não ser a Disneylândia e a Knotfs Berry Farm. Grande cidade para sanatórios. Vivem todos lotados.

— Creio que nunca a encarei sob esse prisma — comentou Barrett sorrindo.

— Pois muito bem... — Mr. Holliday afastou a máquina de somar para um lado da escrivaninha e esvaziou o cinzeiro na cesta de papéis. — Vejamos, Mr. Barrett, em que lhe posso ser útil?

— Eu desejava falar com uma das suas pacientes... ou, para dizer a verdade, uma das suas funcionárias. Não sei bem qual das duas.

Mr. Holliday pegara num lápis.

— Como é o nome dela?

— Cassie McGraw.

O diretor franziu a testa.

— Branca?

— Sim.

— A não ser as duas enfermeiras-chefes, todas as nossas empregadas são de cor. De modo que isso elimina-as. Só pode então ser uma paciente, mas o nome não me diz nada — estendeu o braço e desenganchou um maço de papéis da parede ao lado da escrivaninha. —

McGraw, é? Deixe-me ver.

Folheou as primeiras páginas, depois percorreu o lápis pelas listas de nomes que começavam por M. — Estamos com mais de cem pacientes atualmente no sanatório, porém sinto muito, não há

nenhuma McGraw. nem qualquer nome que se pareça remotamente com McGraw.

Talvez a pessoa a quem o senhor se refere seja alguém que esteve aqui anteriormente e já não está connosco. Estes sanatórios vivem em perpétua mudança, sabe? Resultado de paranóias e sentimentos de culpa. Gente velha é internada contra a sua vontade e resiste ao que interpreta como abandono e reclusão, imaginando tudo quanto é tipo de perseguição.

Quando as visitas, em geral familiares, vêm uma ou duas vezes por semana, escutam contínuas queixas e reclamações contra a administração. Para começar, os familiares têm a consciência pesada e assim são levados a acreditar no que ouvem. Mais cedo ou mais tarde, mudam as mães e pais para outro sanatório, e quando as mesmas reclamações tornam a repetir-se, indefinidamente, é que finalmente terminam entendendo. Não somos nós. É o síndrome da velhice. Portanto é provável que a sua Cassie McGraw já tivesse estado aqui...

— Mr. Holliday, ela estava aqui há duas semanas e meia.

— é mesmo? Então vejamos quem se foi embora no mês passado — abriu uma gaveta da escrivaninha, depois outra, até achar a pilha de papéis que procurava. Passou os olhos lentamente de alto a baixo pela primeira página, franziu a cara e tornou a guardar os papéis na gaveta. — Não esteve ninguém aqui com esse nome há duas semanas e meia, ou em qualquer ocasião do mês passado. Sinto muito, Mr. Barrett. O senhor deve ter-se enganado no sanatório.

Barrett tirou do bolso o bilhete-postal e as fotocópias do Colégio Parktown.

Entregou o postal ao diretor.

— Não é o seu?

Mr. Holliday olhou a fotografia na parte da frente do bilhete.

— É o nosso, sim. Nós damos-los aos pacientes para comodidade, e também oferecemos às visitas como propaganda.

— Vire do outro lado.

Enquanto o gerente fazia isso, Barrett acrescentou: — Cassie McGraw assinou um dos bilhetes-postais daqui... não há dúvida de

que a assinatura é dela... e diz claramente que está a morar no seu sanatório.

— Não está fácil de ler — resmungou Mr. Holliday, tentando decifrar o texto. — É, ela parece ser uma paciente...

— A mensagem, evidentemente, foi escrita por outra pessoa, mas a assinatura é dela mesma. Como é que o senhor explica isso?

O diretor levantou os olhos.

— Sim. Não tem nada de estranho. A maioria dos nossos pacientes idosos sofre de artrite ou tem mãos trémulas, de maneira que quando querem escrever pedem a uma visita.

Para dizer a verdade, várias organizações mandam voluntários para cá com frequência, também para ajudar os nossos moradores mais velhos nessa espécie de coisa, escrevendo por eles, lendo-lhes em voz alta, distraíndo-os; portanto isto foi provavelmente ditado a algum visitante e depois assinado pela própria paciente.

— A maior parte dos voluntários não pertence a uma determinada organização, que me permitisse...?

— Perca a esperança de localizar a pessoa que escreveu isto. Existem dezenas de organizações filantrópicas, centenas de voluntários.

— Mas e a data em que foi escrito?

— Sim, percebo o que o senhor quer dizer. É, vou verificar com a enfermeira-chefe — continuou a leitura da mensagem no postal, e por fim, esforçando-se por lembrar alguma coisa, ergueu de repente a cabeça.

— Jadway — disse ele. — Bem que eu estava a procurar, mas só agora me lembrei. Os jornais vivem a falar nisso. O tal julgamento sobre a censura.

— Eu sou o advogado de defesa — explicou Barrett. Mr. Holliday, subitamente, ficou todo respeitoso e solícito.

— Ora, por que não disse logo? Não é todos os dias que temos celebrações aqui. Claro que farei tudo o que puder para auxiliá-lo — sacudiu o postal. — Isto tem alguma coisa que ver com o seu julgamento?

— Muitíssimo.

E passou imediatamente a descrever os antecedentes de Cassie McGraw, a sua relação com Jadway e a importância que tinha para o caso da defesa.

Mr. Holliday prestou a máxima atenção às explicações de Barrett. Até parecia que estava a assistir a um drama jurídico apresentado pela televisão. Quando Barrett terminou, o diretor comentou:

— Ena, que mulher, hem? Só que eu acho que nunca tivemos ninguém tão sensacional num lugar como este.

— Por quê? Gente de idade que não tem mais parentes, por mais sensacional, famosa ou infame que tenha sido na juventude, sempre acaba nalgum canto qualquer. Cassie, a esta altura, deve estar com mais de sessenta anos. Talvez esteja parálitica. Há indícios de que não teria ninguém para cuidar dela. Portanto, porque não poderia estar aqui?

— Mas seria fantástico! — exclamou Mr. Holliday com um tom de respeito na voz. — Deixe-me rever a nossa lista de pacientes atuais e recentes. Vou examiná-la como se fosse o próprio mapa do tesouro.

Cinco minutos mais tarde confessava-se novamente derrotado. Não encontrara na lista nenhuma Cassie ou nenhum nome parecido com McGraw.

— Nada? — perguntou Barrett.

— Nada. A única possibilidade restante é de que esteja registrada aqui sob o seu nome de solteira.

— McGraw é o seu nome de solteira-replicou Barrett. — Mas ela casou-se uma vez, por pouco tempo, depois da morte de Jadway.

— Bom, então pode ser. Qual era o nome dela de casada?

— Não sei — respondeu Barrett, desolado. — Que me diz do nome de baptismo, Mr. Holliday? O senhor tem alguma Cassie entre as suas pacientes, não importa o sobrenome que possa ter?

— Vou verificar outra vez. — Os olhos do diretor acompanharam o seu dedo lista abaixo, e por fim denotaram decepção. — Nenhuma Cassie tão-pouco — anunciou.

— Tentemos de uma outra forma — sugeriu Barrett. Estendeu uma das fotocópias ao diretor. — Cá está uma amostra da caligrafia e assinatura de Cassie na década de 30. E o senhor tem o bilhete-

postal com a assinatura atual. Pode ver que não são exatamente iguais, porém bastante parecidas. Não haverá algum meio de comparar estas duas assinaturas com as das suas pacientes? Afinal de contas, de certo modo, uma assinatura é como uma impressão digital.

Mr. Holliday fez um gesto negativo.

— Não, aqui não há. Poucos pacientes assinam os próprios nomes, e mesmo que o fizessem, a letra deles talvez variasse completamente de um dia para o outro. Não guardamos arquivos de assinaturas. Os familiares que trazem para cá encarregam-se em geral de assinar por eles. Quanto a sair por aí hoje de tarde a recolher autógrafo de tudo quanto é velha, eu não poderia. Seria um constrangimento para as que têm dificuldade de escrever, e algumas resistiriam. Ah, mas se o senhor me desse um pequeno prazo talvez...

— Não há tempo para prazos, Mr. Holliday. Só restam alguns dias. Muito bem, desistamos da ideia. Não daria para uma enfermeira ir de quarto em quarto, mostrando as assinaturas a cada paciente? Não quero atrapalhar o serviço, mas isto é tão...

— Sabe de uma coisa? — disse Mr. Holliday. — Eu mesmo posso fazê-lo.

Levantou-se.

— Farei mais... vou mostrar a cada paciente estas assinaturas, perguntando-lhe se as reconhece, e também se o nome de Cassie McGraw lhe é familiar. É capaz de algumas estarem a dormir, mas vou acordá-las. Pretendo visitar uma por uma, se o senhor não se importa de esperar talvez uma meia hora, mais ou menos.

— Importar-me? Nem sei dizer o quanto lhe agradeço. Oxalá houvesse modo de retribuir-lhe.

Mr. Holliday já estava na porta.

— Há, sim. Se eu encontrar Cassie McGraw para o senhor, basta mandar-me um exemplar de Os Sete Minutos com o seu autógrafo.

Barrett pôs-se de pé.

— Se a encontrar, mando-lhe até dez. Do contrário, creio que não haverá exemplares em parte alguma.

— Se quiser, pode distrair-se assistindo à televisão na sala de recreio.

— Acho que vou dar uma passeata. Estarei de volta dentro de meia hora.

— Venha daqui a quarenta e cinco minutos.

Assim que o diretor se retirou, Barrett sentou-se, fumou cachimbo, e ficou a pensar.

A frustração dava-lhe uma dor quase física. Considerando tudo o que havia passado junto com Maggie para chegar até ali, compreendendo a extensão do que Zelkin e ele tinham em jogo nestas andanças, era de enlouquecer que estivesse tão perto de Cassie e, no entanto, tão longe quanto estivera há uma semana ou um mês.

A porta, por detrás dele, abriu. Barrett pôs-se de pé, num salto. Era Mr. Holliday, enfiando a cabeça no gabinete.

— Não sabia se ainda estava aqui. Acabo de verificar com a minha enfermeira-chefe a respeito da organização de voluntários que esteve aqui há duas semanas e meia. Nunca vi tamanha falta de sorte. Era um bando de senhores de idade, sadios e robustos, que viajavam de camioneta por todo o país e paravam nos sanatórios que encontravam pelo caminho para alegrar e infundir ânimo aos seus companheiros menos afortunados, e depois tornavam a partir. Ficaram cerca de três ou quatro horas naquela tarde. Não há registro do nome do grupo nem de onde veio. Pena. Agora vou perguntar às minhas pacientes.

Desencorajado, mas agarrando-se a uma espécie de esperança indefinida, Barrett saiu finalmente do gabinete do diretor. O corredor do sanatório agora estava mais movimentado. Diversas velhas moviam-se vagarosamente com o auxílio de suportes rolantes. Duas andavam em cadeiras de rodas. Uma avançava devagar, agarrando-se ao corrimão da parede. No pátio, afinal, via-se um pouco de sol, além de meia dúzia de mulheres com xales e roupões de banho, e esparsos homens idosos com bengalas.

Mais uma vez, Barrett sentiu-se esmagado por uma sensação de frustração. Uma dessas mulheres, ou uma daquelas deitadas num

dos dormitórios ou enfermarias do outro lado, devia ser Cassie McGraw.

Qual, porém?

A não ser que estivesse decidida a esconder-se do mundo, sem dúvida confessaria a sua identidade ao diretor, quando ele pronunciasse o seu nome e lhe mostrasse os autógrafos. Já era uma esperança. Que levou consigo ao cruzar o portão e mergulhar na tarde de Chicago.

Caminhou a mais não poder — quantos quarteirões não sabia — até chegar a um bairro comercial e ver a hora. Resolveu então dar meia volta, pondo-se a refazer o percurso do Sanatório de Convalescentes Sunnyside, em passo acelerado.

Ao voltar, demorara cinquenta e cinco minutos, e Mr. Holliday esperava-o do lado de fora do seu gabinete.

— Tudo saiu como eu imaginava, Mr. Barrett — disse ele. — Ninguém reconheceu o nome de Cassie McGraw. Não houve o mais leve resquício de reconhecimento. Ou nenhuma delas é Miss McGraw ou a verdadeira Miss McGraw não quer ser reconhecida.

Creio que não adianta, Mr. Barrett. Não sei que outra coisa possa sugerir-lhe. Parece que temos de incluir o nome dela no rol de desaparecidos. Charlie Ross, Ambrose Bierce, o juiz Cárter e agora Cassie McGraw.

— Acho que o senhor tem razão. Apenas me dói confessá-lo— replicou Barrett.

Quando pegou de novo no postal e nas fotocópias, começando a guardá-los no bolso, apalpou o outro maço. Tirou-o, separou uma e depois entregou-a a Mr. Holliday.

— Não lhe mostrei esta, mostrei? Foi tirada de uma fotografia velha, Cassie em Paris em 1930 e poucos. Será que não daria resultado se a mostrássemos às pacientes?

— É pouco provável. Se não quiseram reconhecer o nome, nem identificar o autógrafo, parece-me difícil que mudem de atitude.

— E os seus funcionários? Talvez um deles pudesse notar qualquer coisa nesse rosto que lhe lembrasse alguma paciente.

— Não vejo como, Mr. Barrett. Isto é um retrato de uma moça na casa dos vinte.

Duvido que alguém encontrasse a mais remota semelhança entre ela e uma paciente que já tivesse passado dos sessenta ou setenta anos.

Não havia mais nada que dizer, salvo uma coisa — o eterno recurso final do desespero.

— Gostaria de oferecer uma recompensa, Mr. Holliday. Ainda conservava o bilhete-postal na mão, que entregou ao diretor.

— O senhor não poderia mostrar o bilhete e a fotografia às enfermeiras, dizendo-lhes que em caso de qualquer reação positiva eu pagarei cem dólares para quem me telefonar para o Ambassador East até ao fim da tarde?

— Olhe, não sei. A maioria das que estão de plantão já viu o postal, e o retrato antigo não vai adiantar nada. Acho que é inútil...

— Só para tentar, Mr. Holliday.

— Asseguro-lhe que quero ajudá-lo. Não seria má propaganda para nós se o senhor encontrasse Cassie McGraw aqui. Mas não creio que esses dois instrumentos de prova possam alcançar maiores resultados. Em todo o caso, só para satisfazê-lo... pois bem, o próximo plantão começa às quatro horas. Vou explicar-lhe o que farei. Vou pendurar o postal e o retrato no quadro de boletins, junto com um aviso, pedindo a todo o funcionário que `saiba alguma coisa a respeito do postal, ou que reconheça a moça da fotografia, para entrar em contato comigo, ou se eu não estiver, com o senhor no Ambassador East, deixando bem claro que há uma recompensa de cem dólares. Que lhe parece?

— É o máximo que posso pedir-lhe.

— Não estarei aqui quando o novo plantão começar às quatro horas. Porém virei dar uma olhadela lá pelas oito da noite. De modo que, caso eu saiba de algo que o senhor ainda ignore, entrarei em contato com o senhor pessoalmente. Embora, francamente, Mr. Barrett, eu acho que seria melhor perder as esperanças.

— Eu sei. — Barrett deixou que o diretor o acompanhasse na descida da rampa até à porta da rua. Parou antes de sair. — Ficarei no hotel até às oito, Mr. Holliday. Se até lá não tiver notícias suas, voltarei para o lugar de onde vim.

— Não pode ganhar a questão sem Cassie McGraw?

— Não — respondeu Barrett categórico. E com esta, foi-se embora.

Às cinco e meia da tarde sentira necessidade de uma bebida, que agora bebia na penumbra do sumptuoso balcão do recanto mais alto do Pump Room do Ambassador East. Perdera a tarde inteira sozinho no seu quarto de solteiro lá em cima, com a lista telefônica de Chicago no colo, ligando para todos os principais sanatórios e casas de repouso em Cook County, repetindo sempre a mesma pergunta monótona — se não havia lá uma paciente chamada Cassie McGraw.

Não havia, não. Nem lá, nem em parte alguma.

Tinha sido um esforço ilógico, sem nenhuma base, e proporcionara-lhe o que já esperava — a mais absoluta falta de informações.

Depois telefonara para Donna em Los Angeles, para que transmitisse posteriormente a Abe Zelkin o fracasso das suas tentativas e perguntar como se estava saindo o sócio com as testemunhas de defesa daquele dia. Zelkin passara pelo escritório durante o descanso do almoço, para verificar se havia notícias de Barrett e deplorar o fato de que as testemunhas de defesa continuavam insignificantes e ineptas, comportando-se como meros alvos para o canhoneio das inquirições de Duncan.

Ao desligar, Barrett sentira-se tão abatido que ficou tentado a ligar para o seu apartamento, só para ouvir a voz de Maggie e receber uma espécie de estímulo. Mas aí já passava muito das quatro horas, e se ia dar-se ao trabalho de esperar no hotel, devia manter a linha desocupada para possíveis chamadas.

Fumara meia bolsa de tabaco, e durante todo esse tempo, o telefone conservara-se mudo.

E assim, após avisar a telefonista sobre o seu paradeiro, descera ao átrio para marcar a passagem no voo de regresso a Los Angeles, dirigindo-se, em seguida ao bar do Pump Room, para ver se adiaava ou eliminava a dor.

Estava a beber, sem o mínimo efeito. Pôs-se, então, a pensar se um advogado de meia-idade, derrotado, pobre e sem futuro, tinha o direito de pedir que uma moça como Maggie Russell passasse a vida com ele. Era magnífica, lembrou-se, revivendo o prazer intelectual

da sua companhia, a calidez do seu encanto e o ardor que punha no ato sexual.

Percebeu que a noite anterior fora a primeira vez em toda a sua vida que experimentara uma relação completa e sincera com uma mulher que era totalmente feminina.

O período com Faye não podia ser encarado sob esse prisma. Tinha sido unilateral.

Não era propriamente um homem e uma mulher, mas um ganhão que a enchia de sugestões de normalidade. As outras antes de Faye tinham sido pouco melhores, como duas pessoas a dançar sem música.

Durante anos sentira-se desajustado, como se não houvesse ninguém sobre a face da terra com quem se unir. A toda a hora, na leitura de romances, encontrava relações fantásticamente satisfatórias, que o deixavam deprimido, pois revelavam-lhe que não estava à altura de mulher alguma e não podia encontrar nenhuma relação comparável às cenas de amor descritas nos livros. A maioria deles levava-o a crer que qualquer ligação com uma mulher dependia quase exclusivamente de sexo.

Agora, porém, sabia que esses romances eram fraudes e que fora ludibriado.

Descobrira, na fase de estudos que precedera o julgamento, em que consistia um relacionamento autêntico ou falso entre o homem e a mulher. Na véspera, de fato, verificara o que era verdade, o que era real.

O atual julgamento ensinara-lhe o que havia exatamente de mentira, falácia e ilusão na grande parte das obras de ficção pornográfica, mesmo nas melhores. À proporção que saboreava a bebida, agradecia mentalmente aos seus mentores.

Obrigado, professor Ernest van den Haag, mentor número um, por desmascarar a ficção da pornografia: "O sexo prolífera num mundo vazio quando as pessoas se usam mutuamente como portadoras ou recipientes anônimos, destituídas de amor e ódio, ideia e sentimento, reduzidas a meras sensações de dor e prazer, existindo apenas em (e para) cópulas incessantes sem apreensão, conflito ou relacionamento."

Obrigado, Jacques Barzun, mentor número dois: "O ato sexual padronizado para consumo literário" começa com uma breve conversa, passa para o sofá ou a cama, faz o homem despir a mulher ou ela mesma se encarregará disso, dá atenção a algum pormenor físico do seu corpo e depois concentra-se na cópula com rapidez militar. "Na maioria das vezes a aventura é bem sucedida, apesar da falta de preâmbulos, considerados indispensáveis pelas obras teóricas; na maioria das vezes não se cogita em consequências", e "na maioria das vezes não há repetição do ato, ou até de qualquer espécie de conclusão artística, a não ser que se interprete como tal o próprio orgasmo e a descrição superficial do momento em que os personagens tornam a vestir-se... O moderno ato sexual na literatura não passa de uma fábula, de um artifício para corrigir esta ou aquela deficiência da nossa educação e cultura".

Obrigado, professor Steven Marcus, terceiro mentor: em Pornotopia, onde ele descreve a utopia pornográfica dos livros, a paisagem é formada por "duas imensas colinas brancas de neve... Pouco mais abaixo, o cenário estreita-se e muda de perspectiva. À direita e à esquerda destacam-se dois suaves e alvos cômoros. No meio destes, no ponto de junção, há um mato escuro... às vezes chamado matagal, em forma triangular. Assemelha-se também a uma tampa de cedro que contém um negro abismo romântico. Abismo em que abundam as maravilhas da natureza, centro da terra e habitat do homem". A essência da pornotopia "é essa imensa, supina, forma feminina... Quanto ao homem, nesse cenário, não faz realmente parte da natureza. Em primeiro lugar, deixa propriamente de ser homem.

Reduz-se a um enorme pênis erecto, preso, por acaso, a uma figura humana".

Eis aí, finalmente desmascarado, o conto da carochinha sobre o homem e a mulher.

Precisava, forçosamente, de ser defendido. A pesar de que não se deveria, jamais, acreditar nele.

A realidade, na vida, na literatura, na autêntica literatura, era diversa. Reproduzia, conforme ressaltara o professor Marcus, o modo de as pessoas conviverem entre si, descrevendo os seus

sentimentos e emoções em constante transformação, os seus conflitos recíprocos e íntimos. A realidade, no entender de Barzun, era toda a ternura e as hesitações, as sensações e as fantasias do amor. A realidade era exatamente aquilo que a Cathleen de Jadway recordava.

Na noite anterior, com Maggie Russell, Barrett fruía e sofrera pela primeira vez a realidade numa relação com uma mulher.

Tinha sido mais do que as colinas salientes e o profundo abismo dela, e mais do que o seu pênis erecto, e mais do que as maravilhas no fundo do abismo. Tinham sido as horas de conversa precedentes, a descoberta das coisas que possuíam em comum, os risos, a tristeza, a indignação e um secreto conhecimento de que eram dois seres unidos, especiais, acima do mundo e empolgados por essa sigilosa raridade. Tinha sido o desejo mútuo de ficarem mais próximos, tocando-se, amando-se, confundindo-se num só. Tinha sido a decisão simultânea, o modo de ir para o quarto sem palavras, a precaução com que ela usara um anticoncepcional, o constrangimento inicial dos dois ao verem-se nus, a cicatriz no apêndice dela, o seu pesar por não ter emagrecido antes de conhecê-la, a recíproca falta de jeito, a sua dificuldade em introduzir, o primeiro grito de Maggie, não de êxtase, mas de mal-estar, a vitória de coordenação mútua, o som de um burburinho estomacal na barriga dela, a lembrança passageira de Cassie McGraw e Chicago, que lhe ocorreu antes do orgasmo prematuro, o seu pedido de desculpas, os beijos de Maggie, o que ficaram cochichando depois, o chá com bolachas que tomaram juntos, o que disseram já sonolentos, a respiração ritmada do sono dela e o momento em que se surpreendera a rressonar.

Tudo isso, e tantas coisas mais.

No entanto, embora estivesse seguro do que sentia por ela, convicto de que um nascera para o outro, estava em dúvida e preocupado com os sentimentos dela em relação a ele, sentimentos que deviam durar a vida inteira. Maggie sofrera muita insegurança, desconfiava Barrett, para dedicar o resto do seu amor, da sua vitalidade, da sua capacidade procriadora, das suas oportunidades de estabilidade, dos seus anos de vida, a um homem destinado ao

fracasso. Nesta sociedade, um fracassado era apenas um homem pela metade, e ela precisava de um homem completo. Se ele não conseguisse ganhar a questão, sabia que nunca poderia pedir-lhe para que fosse sua companheira, e que ainda que lhe pedisse, era improvável que ela fosse bastante imprudente para aceitar.

Virou-se no banco para pedir uma terceira bebida.

— Mr. Michael Barrett!

Terminou de virar-se, ficando de frente para o maître que se aproximava dele.

Levantou o braço, identificando-se.

— Mr. Barrett, há um telefonema para o senhor. Pagou a conta à pressa e saiu atrás do maître, perguntando-lhe:

— É interurbano ou local?

— Não sei, cavalheiro. Faça o favor de atender na cabina do átrio.

Entrou logo na cabina, tirou o auscultador do descanso e disse quem era.

A ligação era local. Escutou uma voz de mulher.

— Ah, Mr. Barrett.. Estou telefonando a respeito do prêmio...

Ficou imediatamente alerta.

— Sim? Quem está falando?

— O meu nome é Avis Jefferson. Sou uma das serventes do plantão noturno no Sanatório Sunnyside. Eu estava ocupada antes, por isso só agora vi o aviso no quadro de boletins. Mr. Holliday saiu; então achei que devia telefonar-lhe diretamente. Lá diz que o senhor pagará cem dólares a qualquer pessoa que o auxilie a respeito do bilhete-postal ou do retrato que estão no quadro.

— É exato... exato — gaguejou.

— Eu posso auxiliá-lo. A respeito do retrato, quero dizer.

— Reconheceu a mulher da fotografia, Miss Jefferson? Aquele retrato foi tirado há quase quarenta anos.

— Eu já o tinha visto antes, Mr. Barrett.

— Onde?

— Aqui no sanatório. Posso até mostrar. Se é isso que o senhor quer.

Ele estava nas nuvens, livre da atração da gravidade.

— Meu bem, é justamente o que eu quero! Daqui a pouco estarei aí. Não vá embora. Chegarei dentro de vinte minutos, sem falta. Espere por mim na mesa de recepção.

Quando ele chegou, Avis Jefferson estava à espera na mesa de recepção do Sanatório de Convalescentes Sunnyside. Apertando-lhe a mão, suplantava-o por uns oito ou (dez centímetros de altura. O negro retinto da pele contrastava com a brancura dos dentes acavalados, ainda mais acentuados pela limpeza do alvo uniforme de enfermeira. Afável, efervescente, logo inspirava confiança. Mike Barrett simpatizou imediatamente com ela.

— Venha comigo — disse, tomando a dianteira no corredor.

Sentindo-se tão desajeitado como um menino de colégio no seu primeiro passeio, levava o ramo de rosas de haste longa com que esperava cortejar Cassie McGraw, se é que realmente existia, afinal, alguma Cassie McGraw.

Quando dobraram o corredor, Miss Jefferson falou: — No momento em que via aquela fotografia no quadro de boletins, disse comigo, já vi isto antes. E num segundo me lembrei onde e quando. Foi na Primavera do ano passado, quando andávamos a fazer um pouco de arrumação nos quartos dos pacientes, e foi no 34-A. Eu estava a revistar as malas dela, fazendo um rol e pondo em ordem os seus objetos pessoais, para ver se não havia nada que ela ainda pudesse aproveitar, quando se me deparou um desses álbuns antigos para colar retratos. Assim, só por curiosidade... porque sempre se pensa nas pacientes apenas como gente velha, esquecendo que uma vez também foram moças como nós... olhei para ver como é que ela tinha sido na mocidade. Dentro havia páginas de instantâneos, alguns tirados em Paris... ela disse que viajara e morara no estrangeiro, mas nunca tive a certeza de que fosse verdade... e lá estava o retrato dela no meio de dois homens moços, na frente da Torre Eiffel, que me ficou gravado na lembrança porque ela estava com o diabo nos olhos e parecia tão cheia de vida; se é que o senhor me entende. Por isso, quando vi aquilo de novo, no quadro de boletins, onde o senhor pediu que Mr. Holliday o mostrasse, lembrei-me do outro que vira no álbum dela, e uma outra coisa também contribuiu para me avivar a memória. O do álbum

tinha um canto rasgado, exatamente como o seu. O que me convenceu por completo.

— O rosto de Jadway estava rasgado?

— Rosto de quem?

— Nunca ouviu falar em Jadway?

— Que me lembre, não. Para ser franca, também nunca ouvi Katie falar em nenhuma Cassie McGraw.

— Qual é o nome com que está aqui registrada?

— Katie? Olhe, oficialmente sempre soube que ela se chama Mrs. Katherine Sullivan.

— Sullivan — Barrett saboreou o som do nome de família que por tanto tempo lhe escapara. — Deve ter sido o nome do homem com quem se casou depois que Jadway morreu, o marido que foi morto na Segunda Guerra Mundial. Ela nunca se referiu a ele?

— Sim, mas sem dizer que se chamasse Sullivan. Só algumas vezes, explicando que tinha enviuvado e que, por isso, a filha se fizera freira.

— Compreendo. Quer dizer então que é Katherine Sullivan. Muito bem, a parte Sullivan está resolvida. Mas onde será que ela arranjou o nome de Katherine?

Mal colocou a pergunta, adiou a resposta. No início do caso, quando estivera dando uma olhadela pelo Empório de Livros de Ben Fremont, encontrara por acaso um volume chamado Escolha o Nome do Seu Filho, que trazia a etimologia dos nomes de baptismo femininos e masculinos, e procurara o dele e o de Zelkin. Aprendera que o nome Michael não era de origem irlandesa, como sempre pensara, mas israelita, significando “o que se parece com Deus”, um dos apelidos sendo Mike, e que Abraham, também de origem hebraica, queria dizer “o pai da multidão”, podendo ser abreviado para Abe. Fascinado, procurara outros, que se tinham tornado familiares na fase de instrução do inquérito, um dos quais era Cassie. Verificou que Cassie vinha do grego e significava “pura —, sendo um dos apelidos de Katherine. E neste momento percebia que uma variação de Katherine podia ser Cathleen, o nome da heroína fictícia de Os Sete Minutos.

Esquecera-se por completo dessa pesquisa arqueológica de nomenclaturas. Agora ficava evidente. Com o seu casamento, Cassie desfizera-se do passado, adoptando até novo prenome, mas prestara homenagem à imortalidade adquirida com o livro de Jadway e à sua entidade de ficção naquelas páginas. E em Cathleen também se apegara por um fio a uma época mais assombrosa, chamando-se Katherine.

Miss Jefferson parou diante de uma porta aberta. Na parede ao lado estavam os números "34 A-34 B", pintados a tinta. A enfermeira apontou com o dedo.

— É aí dentro.

Ele entrou atrás dela. Havia duas camas de solteiro, bem arrumadas com cobertores castanhos e separadas por um biombo de hospital. Do outro lado das camas viam-se portas corrediças de vidro e cortinas que abriam para o pátio interno.

Miss Jefferson tocou na cabeceira da primeira cama.

— Esta aqui é de Katie — explicou. — Sempre deixamos que ela fique um pouco de pé depois do jantar, antes de trazê-la de volta para a cama.

Barrett examinou o recanto de Cassie, tão distante do Dome de Montparnasse e da Brasserie Lipp. Atravessada aos pés da cama havia uma bandeja móvel, presa em cima de um carro rolante que continha um copo de sumo de laranja pelo meio e outro de papel com pílulas cor-de-rosa. Junto à cabeceira estava a mesa noturna de metal, com garrafa de água, copo, um rádio de pilhas e um par de óculos.

Barrett virou-se de novo e viu Miss Jefferson ajoelhada na frente de um armário embutido, de onde tirava uma maleta castanha já gasta. Ela abriu-a — as suas costas impediam que ele enxergasse o conteúdo — e depois, com uma exclamação de triunfo, levantou um álbum rectangular de fotografias, encadernado numa imitação de couro azul-marinho.

— Cá está, tal como eu me lembrava — rejubilou-se Miss Jefferson, pondo-se de pé.

Acostumado a tantas decepções, Barrett aventurou uma última dúvida.

— Miss Jefferson, eu estava a pensar. Será que essa tal Katherine Sullivan que vive aqui, dona desse álbum, tem qualquer semelhança com a Cassie McGraw daquele retrato antigo tirado na frente da Torre Eiffel?

— Claro que não. Quem poderia ter, depois de tanto tempo? Veja-me a mim, por exemplo. Por acaso tenho o mesmo aspecto que tinha quando frequentava o colégio? Nem por sombras.

— Então como podemos saber se a fotografia do álbum de Mrs. Sullivan é dela?

Talvez seja uma lembrança mandada pela verdadeira Cassie McGraw, que é possível que tenha sido amiga de Mrs. Sullivan.

Os dentes acavalados de Avis Jefferson mostraram-se num vasto sorriso.

— Nunca vi ninguém preocupar-se tanto como o senhor. Não precisa de pôr em dúvida. Ela tem outros retratos aqui neste álbum e por baixo de alguns escreveu há muito tempo coisas deste feitio: “Eu em Paris em 35”... e que são iguais, quero dizer, a mulher que aparece neles é a mesma que está no da Torre Eiffel com os dois homens. O senhor vai ver.

Miss Jefferson começou a folhear as páginas soltas. Repentinamente parou e entregou o álbum a Barrett.

Havia quatro instantâneos nas páginas abertas, dois desbotados e amassados, e o do canto esquerdo era o que ele descobrira na Coleção Sean O’Flanagan. Absolutamente idêntico: O’Flanagan, Cassie e Jadway sem cabeça. O que estava ao lado mostrava Cassie diante de uma construção medieval, com a seguinte legenda escrita à mão: “No Museu de Clichy, Outubro de 1936”. A caligrafia era tão familiar como a da fotocópia do verso do retrato, que ele trazia no bolso. Os instantâneos da página à direita mostravam Cassie sozinha, um, a posar no que Barrett imaginou que fosse a Pont-Neuf, com o Sena ao fundo, e outro em que ela prestava continência para a câmara em posição de sentido, debaixo de uma placa de rua onde se lia “Boulevard St.-Michel.

Esquecido da enorme enfermeira que espiava por cima do seu ombro, Barrett folheou rapidamente o álbum, da primeira à última página. Quase todas estavam vazias.

Havia apenas mais uma dúzia de fotografias, no máximo. Dois retratos rígidos que Barrett presumiu que fossem dos pais de Cassie. Algumas recordações da infância — Cassie dos seis aos doze anos de Idade, numa carroça, num trenó, numa árvore. A fotografia de Sean O’Flanagan, quando jovem, em Paris. Um punhado de instantâneos de Cassie em Zurique, e um em que alimentava os pombos na Praça de São Marcos em Veneza. O instantâneo solitário de uma garota carrancuda, que teria talvez catorze anos, de cabelos crespos rosto sem graça, com o único nome de “Judith” escrito por baixo. Depois um retrato borrado pelo excesso de luz que entrara na máquina, que parecia ser de um soldado ainda jovem, de cabelo à escovinha, sorriso forçado, compleição atarracada, fardado de recruta do Exército dos Estados Unidos. Sem dúvida era Sullivan depois do casamento antes de embarcar para se converter numa baixa de guerra. E, por fim, o último, onde não se via ninguém. Apenas uma porta de entrada, acima da qual, bem visível, estava o letreiro: “Editora Étoile — 18, Rue de Berri.”

Barrett contemplou essa derradeira fotografia e o álbum estremeceu-lhe nas mãos.

Aquilo confirmava tudo. Fechou o álbum. Cassie McGraw, afinal.

Esperou que Avis Jefferson o guardasse de novo na mala, colocando-o dentro do armário.

A enfermeira fechou o armário e aproximou-se mais uma vez, de frente para ele.

— Onde é que ela está? — perguntou Barrett ansioso.

— No salão de recreio — respondeu Miss Jefferson. — Sempre a deixo lá, na cadeira de rodas, depois do jantar. Gosto que tenha um pouco de companhia antes da hora de dormir.

Barrett apanhou o ramo de rosas de cima da cama.

— Vamos — disse.

Estavam de novo no corredor, a caminho do salão de recreio. Miss Jefferson olhou para ele com ar de aprovação.

— Que simpático da sua parte, trazer essas rosas. Quando vi o aviso pela primeira vez no quadro, pensei que o senhor fosse algum parente distante, ou coisa parecida. Desejei tanto que fosse. Porque nunca ninguém vem visitá-la.

Barrett sacudiu a cabeça.

— Ela não tem mais ninguém. A filha está no convento.

— Mas depois aquele bilhete-postal que o senhor pediu para pendurar no quadro de boletins deixou-me intrigada. Procurei informar-me e a nossa enfermeira-chefe lembrou-se de que o senhor era o advogado envolvido no julgamento daquele livro forte lá na Califórnia, e que a nossa Katie Sullivan tinha qualquer coisa que ver com a história.

— Ela foi amante do homem que escreveu o livro.

— Não brinque! A nossa Katie? Aquela velhinha tão simpática? Deus do céu, as coisas que a gente ignora sobre os outros! É difícil de acreditar, vendo-a sentada como qualquer vovó naquela cadeira de rodas.

Um novo pormenor perturbou-o. A cadeira de rodas. Decidiu manter a sua reputação de homem excessivamente preocupado.

— Porque é que ela anda de cadeira de rodas, Miss Jefferson? Ela ainda pode caminhar, não pode?

— Já não pode, não. Quando vim para cá a primeira vez, há alguns anos, ela estava a restabelecer-se de uma cadeira quebrada, recebendo tratamento terapêutico e usando muletas. Depois, logo em seguida, caiu de novo, espatifou a mesma cadeira e quase morreu de pneumonia após a operação. Mas ela é forte. Sobreviveu. Só que nunca mais pôde caminhar. É pena, sabe? Porque ficar sentada assim o tempo todo dá uma sensação de fraqueza e desperdício.

— Sim, é uma lástima — concordou.

Barrett já estava a imaginar as dificuldades que teria para transportar Cassie McGraw até Los Angeles e apresentá-la no tribunal, mas achou que seria possível. Talvez, se o preço não fosse exorbitante, Mr. Holliday lhe cedesse os préstimos de Avis Jefferson para cuidar da sua testemunha estrelar. A cada passo que dava, a cada palavra que ouvia, Cassie McGraw aproximava-se mais de se tornar uma pessoa real para ele. Pensou nela, condenada àquela cadeira de rodas.

— O que é que ela faz o dia inteiro? — perguntou. — O que é que ela está a fazer agora... assistindo à televisão?

— Não, ela quase não assiste. Gosta apenas de ficar sentada, sonhando de olhos abertos, como a maioria das que vivem aqui. Às vezes eu gostaria de saber no que é que ela pensa. Uma vez perguntei-lhe, mas ela sorriu-me com aquele seu jeitinho simpático e não disse nada. Bem que eu gostaria de saber...

— Ah, decerto ela fica a recordar os tempos da juventude, o passado. É a única distração das pessoas velhas.

— Talvez, mas provavelmente não — replicou Miss Jefferson. — Pensar muito no passado seria muito duro para ela.

Tinham chegado às portas giratórias que levavam ao salão de recreio.

— É tão triste o modo que isso tem de acontecer, mas Katie, ou Cassie, ou seja qual for o nome que ela tenha para o senhor, já perdeu praticamente toda a memória.

— Perdeu a memória? — Barrett estacou, consternado. Jamais lhe ocorrera semelhante hipótese. Era o único obstáculo que não antecipara; caiu como um choque. — Quer dizer...

quer dizer que ela não se lembra já de nada?

— Ela está caduca — explicou Miss Jefferson. Depois, vendo a expressão do rosto de Barrett, soltou a porta que já havia começado a empurrar. — Que foi?

— Era com a memória dela que eu estava a contar para o julgamento.

— Ah, mas que lástima. O senhor quer dizer então que tê-la encontrado agora não adianta nada?

— Se ela não pode recordar o passado, não.

— Apre, mas que falta de sorte. Bem, nesse caso não posso aceitar o prêmio que ofereceu.

— De maneira alguma. Você encontrou-a. Mas ela está caduca? Ninguém mencionou isso antes. Eu devia ter desconfiado quando Mr. Holliday mostrou hoje aquele postal e o retrato a todas as pacientes sem que nenhuma delas reconhecesse qualquer dos dois. Cassie decerto olhou bem para o postal e o retrato sem se lembrar de nada. Contudo... — ocorrera-lhe outra associação de ideias. — Miss Jefferson, diga-me uma coisa. No bilhete que ela assinou e remeteu para Los Angeles, ela lembra-se de tudo, defende Jadway e Os Sete

Minutos e refere-se a si mesma como amiga dele. Essa lembrança data de quase quarenta anos atrás. Portanto ela de fato lembrou-se enquanto ditava a mensagem do bilhete. Como se explica isso?

— O senhor nem imagina como são esses casos de caduquice, Mr. Barrett. Na maioria, é como a sua Cassie. Ela está a ficar com as artérias do cérebro atrofiadas. Isso acontece aos poucos mas cada vez piora mais. No começo, a paciente fica confusa e perde a noção de tempo. A memória desfaz-se gradativamente até que um dia se some por completo e ela talvez nem se lembre de quem eu sou. Claro que no caso de Katie a coisa ainda não chegou a tal ponto mas está a aproximar-se. Há só uma coisa terrível a respeito desses casos de caduquice quando chegam à fase em que ela está. Às vezes, em certos dias, elas lembram-se de tudo o que lhes aconteceu há quarenta ou cinquenta anos atrás, mas esquecem a comida que comeram e as pessoas com quem falaram cinco minutos antes. Outras vezes são capazes de lembrar o que houve há poucos instantes, mas não de fatos como onde estiveram anos atrás, as pessoas com quem conviveram, coisa nenhuma. Mas na maior parte do tempo o cérebro delas é como o de um cavalo, ouvi um médico, querendo dizer que se um cavalo faz qualquer coisa errada e a gente o castiga dez minutos depois, ele não sabe porque está a ser punido, não se lembra absolutamente de nada que tenha feito de mal. Nenhuma memória, excepto para o que acontece na mesma ocasião. Com a nossa Katie, é geralmente assim,

— Mas e o postal, Miss Jefferson?

— Olhe, é como eu disse, deve ter sido um dos seus dias de lucidez. Tem dias que, talvez por uma hora ou duas. ela se comporta com certa lógica. Sou até capaz de apostar como sei o que provavelmente aconteceu àquele bilhete-postal. Quando eu ou uma das outras enfermeiras vê que de repente ela está num período de lucidez, sem nada de confusão, lúcida e compreendendo tudo, nós então aproveitamos para lhe ler algum jornal ou revista que está à mão, só para que ela fique sabendo, por assim dizer, que existe um mundo lá fora e o que está acontecendo. De modo que aquele bilhete-postal... Quando é que ele foi escrito?

— Há umas duas semanas e meia.

— Decerto ela estava provavelmente muito lúcida naquele dia, com as ideias bem nítidas, por um curto espaço de tempo, e então eu ou uma das outras leu-lhe a primeira página do jornal, isto e aquilo, talvez um pouco de política, um crime, ou qualquer coisa interessante como o tal julgamento do livro. Uma de nós, no mínimo, leu o artigo sobre o julgamento e ela ficou a pensar no assunto uma hora ou duas até que se lembrou de Jadway e do resto. E quando, seja lá quem for que estava a ler-lhe, teve de parar para ir tratar de outra coisa, vai ver que decerto chegou algum voluntário a perguntar a cada paciente se não podia ajudar em algo, e provavelmente perguntou a Katie. Uma vez que ela andava com aquele julgamento na ideia até se esquecer de tudo de novo, ela deve ter dito: Sim, veja se me consegue um desses bilhetes-postais para escrever uma coisa que lhe vou ditar e depois ponha no correio por mim, endereçando para casa daquele homem com o filho que está metido naquela questão de censura que saiu no jornal... e o voluntário fez tudo o que ela pediu, e foi assim que aconteceu.

Fora assim que acontecera, e agora Barrett compreendia. As suas esperanças, tal como a memória de Cassie, estavam perdidas. Em todo o caso, havia um cérebro que gozava de algumas breves horas de lucidez, um ou dois dias por mês, e se era assim, então também lhe restava alguma esperança.

— Como é que ela está hoje? — perguntou.

— Não sei. Não tive oportunidade de conversar com ela desde que cheguei. Agora é que vamos ver. Posso enxergá-la daqui, lá naquele canto, sozinha na cadeira de rodas na última mesa perto da porta do pátio. Venha junto comigo que eu lhe apresento o senhor.

Avis Jefferson abriu caminho pelo salão de recreio, seguida de perto por Barrett.

Depois que passaram pelo grupo aglomerado em torno do zumbido do aparelho de televisão a cores e chegaram ao centro da sala, Barrett teve a sua primeira visão integral da lendária Cassie McGraw.

Já estava preparado, mas sabia que nenhuma preparação jamais é suficiente.

Compreendia que a linda e petulante garota da Margem Esquerda em 1930 e poucos já não existia, tal como Zelda Fitzgerald, mas esperava qualquer relíquia reconhecível do apogeu passado. Talvez uma adorável velhinha ainda com traços de uma beleza perdida e de um patrimônio boêmio.

O que agora via era o resíduo côncavo do que outrora fora uma mulher. Uma anciã, envelhecida de mais para a idade que tinha, com o cabelo emaranhado, branco como farinha, o olhar apático, as faces cavas, tufos esparsos de pêlo grisalho no queixo,— pescoço fino encarquilhado, mãos enrugadas de veias azuis, os pés inchados, toda envolta num roupão azul-claro demasiadamente grande. Estava sentada a uma mesa redonda de madeira, sem ver o centro de frutas de cera, o pátio lá fora, ninguém nem nada, nem sequer o seu próprio íntimo.

A amante de Jadway, a saudável heroína amorosa do romance mais proibido de todos os tempos.

Aquilo era Cassie McGraw.

Barrett largou as absurdas rosas vermelhas em cima da cadeira mais próxima, enquanto Miss Jefferson o conduzia ao outro lado da mesa, para o campo de visão de Cassie McGraw.

— Olá, Katie, como vai? — perguntou ela, puxando Barrett pelo braço. — Veja que moço simpático eu trouxe para conversar consigo. Este é Mr. Barrett, que veio de Los Angeles, na Califórnia, só para vê-la. Não é formidável? Barrett avançou, hesitante.

— Prazer em conhecê-la, Miss McGraw.

Cassie levantou devagar a cabeça, bem devagar, e os seus olhos embaciados aos poucos pareceram fixar-se no visitante. Ficou a olhá-lo por alguns segundos e depois sacudiu de leve a cabeça, bem de leve, os lábios rachados num doce sorriso. Com esse esforço reconhecia-lhe a presença, dando-lhe as boas-vindas. Finalmente, voltou a atenção para um objeto que tinha no colo. Era uma bota de Kleenex, toda amachucada. Os frágeis dedos ossudos começaram a brincar com ela, esfarrapando-a ainda mais.

— Viu como ela sorriu? — exclamou Miss Jefferson, com a euforia de uma recepcionista da USO. — Isto significa que ela está

contente com a sua vinda. Sente-se, por favor, Mr. Barrett. Pode continuar, fale com ela. Pergunte-lhe tudo o que quiser.

Barrett aceitou a cadeira, puxou-a para mais perto de Cassie McGraw e sentou-se.

Avis Jefferson pegou na outra e fez o mesmo.

— Miss McGraw — disse Barrett, solene — a senhora não se lembra de um homem que foi seu grande amigo íntimo, há anos, um homem chamado J J Jadway, ou Jad, como talvez o tenha apelidado?

Os olhos dela pareciam acompanhar o movimento dos lábios de Barrett, mas não demonstravam reconhecimento nem compreensão, e os dedos continuaram a desfiar o papel Kleenex.

Continuou calada.

— Miss McGraw, quem sabe se a senhora se lembra de um livro que Jadway escreveu.

Até o ajudou a publicá-lo em Paris. Chamava-se Os Sete Minutos, Lembra-se?

Ela estava atenta à voz dele e franziu a testa. Parecia interessada mas levemente confusa.

— Miss McGraw, os nomes Christian Leroux e Sean O’Flanagan não significam nada para a senhora?

Ela não respondeu mas parecia estar a mastigar qualquer coisa na boca.

— Ela tem a dentadura frouxa — explicou Miss Jefferson —, e agora está a mexer com ela.

A enfermeira sacudiu o dedo para Cassie McGraw.

— Olhe, Katie, não seja tão teimosa, não se finja assim tão doente. Eu sei que você está muito bem. Este senhor veio pedir que o ajude numa questão que ele tem em Los Angeles por causa do tal livro. Vi com os meus próprios olhos aquele bilhete-postal que você ditou e assinou há poucas semanas. Na ocasião você teve juízo suficiente para assiná-

lo com a sua mão, e agora acho que devia dizer a este ótimo rapaz o motivo por que escreveu aquele bilhete.

A velha mimoseou a enfermeira com um sorriso encantador, como se estivesse elogiando a brilhante interpretação de uma

cantora. Mas conservou-se calada.

— Katie, você lembra-se da sua filha, não se lembra? — perguntou Miss Jefferson.

Os olhos de Katie cintilaram, continuando com o mesmo sorriso. E com o silêncio também.

Avis Jefferson olhou pesarosa para Barrett e deu de ombros.

— Creio que o senhor está com azar, Mr. Barrett. Como o preveni, é geralmente desta forma que ela fica, o que é normal para este tipo de paciente. Não adianta nada.

Barrett suspirou.

— Acho que tem razão, Miss Jefferson. O que me deixa mais decepcionado é tê-la finalmente encontrado e imaginar quantas coisas não estão trancadas no seu cérebro a respeito de J J Jadway... Ah, paciência. É uma lástima, não só para mim como para ela. Que diabo, a vida é assim mesmo, que se há-de fazer?

Recuou a cadeira para se levantar, quando ouviu um som esquisito, quase de animal, e depois uma voz pastosa perguntando:

— Como vai Mr. Jadway?

Sentou-se logo de novo, de frente para Cassie McGraw, murmurando o nome de Deus em vão, observando o esforço contínuo que fazia para formar palavras com os lábios.

— Como vai Mr. Jadway? — repetiu Cassie McGraw.

— Olhe, ele ia muito bem, muito bem mesmo, pelas últimas notícias que tive — respondeu Barrett imediatamente. Olhou por cima do ombro para Miss Jefferson, que acenava com a mão, cheia de entusiasmo, implorando-lhe para prosseguir. Virou-se para a anciã. — Mr. Jadway ia muito bem. Como é que ele estava quando a senhora falou com ele da última vez?

— Estava tristíssimo por ter de se ir embora de Paris — disse Cassie McGraw com dificuldade. — Nós dois ficamos desolados, mas ele precisava de voltar para casa.

— Ele voltou para casa? Quer dizer que se foi embora de Paris e voltou para os Estados Unidos?

— Para a família dele em Conn... Conn...

— Connecticut?

— Ele voltou por causa do pai. Eu fiquei com Judy em Nova Iorque. Achei que talvez... — a voz falhou. Mastigou em silêncio, procurando lembrar-se. — Não, eu não podia ficar. Tive de abandoná-lo. Era preciso.

Os olhos piscaram, os dedos encontraram novamente os papéis esfarrapados no colo e ela pôs-se a espicaçá-los.

Lutando para se controlar, Barrett estendeu o braço e tocou naquela mão magra, que tinha a textura de pergaminho velho, tentando recuperar a sua atenção.

— Miss McGraw...

Cassie McGraw levantou a cabeça, mas os olhos estavam apáticos.

— O que era que a senhora me ia contar? — insistiu Barrett. — Que se veio embora de Paris junto com Jadway, regressando definitivamente aos Estados Unidos? Que ele não se suicidou? Que voltou para cá para viver com a família dele em Connecticut, mandando que a senhora ficasse em Nova Iorque? E do que foi que a senhora não gostou? De ter de ficar, de estar na América ou de que ele voltasse de novo para a família? É isso que estava a querer dizer?

A expressão de Cassie McGraw era de perplexidade. Os dedos retorciam o Kleenex, mas os lábios não se moviam.

— Cassie, Cassie — implorou-lhe —, nós já estávamos tão perto, quase a chegar. Faça um esforço, por favor. Procure lembrar-se, tente terminar ou ao menos explicar o que começou a dizer. Conte-me, por favor, se Jadway se suicidou em Paris ou se é mentira. Ele voltou para morar neste país, bem de saúde? Veja se se lembra!

Ela ficara fascinada com o ardor de Barrett, como se fosse um preito de devoção e amor, mas o seu doce sorriso parecia um non sequitur.

— Cassie... Katie... esforce-se, esforce-se — suplicou ele. — Diga-me apenas o seguinte: Jadway estava vivo quando toda a gente julgava que ele havia morrido? Ele... ele ainda vive?

Os olhos dela tinham perdido o brilho, e o cérebro, o que dele sobrava, retornara ao limbo.

Não lhe arrancaria mais nada, Barrett sabia. A promessa de raios e trovões, e depois somente o silêncio senil, que se assemelhava ao silêncio dos mortos, mas era pior.

Afastou a cadeira da mesa e ergueu-se, enquanto Avis Jefferson fazia o mesmo.

— Ela estava a procurar dizer-lhe qualquer coisa — comentou a enfermeira —, mas acho que não pôde. A memória bateu asas e voou. Ela ficou simplesmente perdida. Ou será que adiantou algo?

— Não o suficiente, realmente, nada em que eu pudesse apoiar-me, levando em conta a situação dela.

— Pois eu ia sugerir-lhe que se o senhor pudesse passar uma semana ou duas por aqui, talvez a surpreendesse num desses dias em que ela se lembra de tudo, como quando ditou aquele bilhete-postal.

Barrett sorriu desanimado.

— Se eu estivesse a escrever uma biografia, seria possível. Mas estou a conduzir um processo, e já não tenho mais tempo. O julgamento talvez termine depois de amanhã.

Creio que estamos fritos — baixou os olhos para a anciã. — Ela foi simpática. Esforçou-se.

Muito, até. É uma mulher extraordinária. Deve ter sido sensacional quando moça.

Deparou-se-lhe o ramo de rosas murchas. Foi buscá-lo e trouxe-o de volta.

— Ela merece ao menos isto.

Curvou-se e colocou delicadamente as flores no regaço de Cassie. Ela levantou os olhos com um lampejo de surpresa, depois baixou-os, acariciando as pétalas das rosas, tornou a levantar a cabeça e, pela primeira vez, o seu sorriso teve outra característica. Era travesso.

— Flores — disse Cassie McGraw. — Eu estou a fazer anos?

Miss Jefferson largou uma gargalhada, Barrett sufocou o riso e por fim Cassie McGraw começou a despetalar as rosas, perdendo novamente todo o contato humano.

Miss Jefferson ainda ria, sacudindo a cabeça, quando se retiraram.

— Esta Katie é um número. O senhor ouviu? “Eu estou a fazer anos?” perguntou ela.

Está a ver como ela se lembra? Tem coisas de que se lembra. Todos os anos ela tem flores de aniversário, é a única vez, só no dia do aniversário, e eu acho que é tudo o que as flores agora significam para ela. Por isso ela pensou que estivesse a fazer anos.

O sexto sentido de Barrett ficou logo desperto. Não hesitou.

— Pensei que ela não tivesse mais ninguém no mundo. A menina diz que ela tem um ramo de flores em cada aniversário? De quem? Quem é que manda? — E de repente: — E por falar nisso, quem é que paga a sua estada neste sanatório?

— Foi o que eu perguntei uma vez a Mr. Holliday. Ele disse que o dinheiro é proveniente de bens-de-raiz, do que sobrou quando foi internada.

— E as flores de aniversário? São da filha? De Sean O’Flanagan? O cartão traz algum nome?

— Mr. Barrett, elas vêm sem cartão, sem nada. Tinham saído do salão de recreio e percorriam mais uma vez o corredor.

Barrett não se deu por achado.

— Se há flores, alguém forçosamente as manda.

— Eu não sei quem é, Mr. Barrett. Tudo o que sei é que são entregues de manhã, em cada aniversário, sem falta, pelos Floristas Milton.

— Onde é essa loja?

— Aqui em Chicago, na State Street.

— Tem a certeza de que é de lá que elas vêm?

— Naturalmente que tenho. E já lhe digo porquê. O garoto que faz as entregas vive entrando e saindo daqui, e é uma graça. Ele e eu andamos sempre com brincadeiras. E cada vez que ele traz o ramo para a Katie... para a sua Miss Cassie... ele insiste sempre em ir junto comigo quando lhe vou dar as flores a ela, para poder cantar Parabéns pra Você. Um verdadeiro maluquinho.

Barrett tirou a carteira do bolso. Separou cinco notas de vinte dólares. Enfiou-as na palma da mão de Miss Jefferson.

— O seu prêmio — disse ele.

— O senhor é muito camarada, mas não era preciso, uma vez que...

Mostrou mais uma nota de vinte.

— Não quer também ganhar esta? Só lhe peço para telefonar ao seu amigo, o tal garoto de entregas dos Floristas Milton, perguntando de onde é que as flores de aniversário de Cassie... de Mrs. Sullivan, eu devia dizer, vêm todos os anos. É capaz de fazer isso por mim?

Miss Jefferson tirou-lhe a nota dos dedos.

— Espere aqui mesmo, Mr. Barrett.

Dobrou apressada o corredor e ele ficou à espera, extenuado de mais para fumar o seu cachimbo.

Em menos de cinco minutos, Avis Jefferson estava de volta, ofegante.

— Ainda estou com o meu amigo na linha, porque não tenho a certeza se consegui o tipo de resposta que o senhor queria.

— Que foi que ele respondeu?

— Ele informou-se e disse que as flores para Katie Sullivan são uma encomenda permanente que vem dos Floristas do Capitólio em Washington. Isso não diz de quem elas vêm, que era o que o senhor queria saber, não é?

— Era o que eu queria saber, sim. Quem paga pela encomenda permanente em Washington.

— Foi exatamente o que eu pensei. Perguntei-lhe, e ele disse que não sabe. Mas como já vi que o senhor é simpático e generoso, insinuei que o senhor pagaria a chamada interurbana... pode deixar a importância comigo que eu entrego-lhe... se ele ligasse para os Floristas do Capitólio em Washington, e uma vez que ele está lá sozinho agora na loja, pode dizer que é o dono e ver se descobre. Quer que ele experimente?

Barrett tirou rápido uma nota de dez dólares da carteira e meteu-a na mão de Miss Jefferson.

— Peça ao seu amigo para telefonar para Washington.

— Talvez demore uns dez ou quinze minutos.

— Eu espero.

Ela sumiu-se de novo. E ele, mais uma vez, ficou à espera.

Não conseguiu pensar em nada. Continuou de pé, entorpecido.

Passados menos de dez minutos, viu a figura desajeitada de Avis Jefferson a trotar corredor abaixo em sua direção. Estava radiante.

— Ele conseguiu, Mr. Barrett. Aquele negrinho esperto dá um jeito em tudo. Ele disse que era o dono, inventou uma mentira qualquer a respeito de estarem no mesmo ramo de negócio e que a informação era muito importante... e eles procuraram lá em Washington, naquela loja de floristas... e disseram que a única coisa que tinham era o endereço para mandar a conta, um nome de mulher e um número de telefone que tinham sido trocados recentemente, porque quem paga a conta é ela, todos os anos, em cheque. Está aqui, veja.

Eu anotei.

Entregou-lhe um pedaço de papel. Barrett olhou. Estava escrito: "Miss Xavier, Senado dos Estados Unidos, Prédio Velho, Washington, D. P. Para qualquer chamada, ligue para a telefonista do Capitólio, Código de Área 180, número 224-3121, pedindo depois o número de Miss Xavier: 4989."

Dobrou-o e guardou no bolso.

— Miss Jefferson, eu seria capaz de beijá-la por isto.

— Não se atreva.

— Onde posso conseguir um táxi? E saiu em grande velocidade.

Vinte e cinco minutos depois, no quarto do Ambassador East, discava o número da telefonista do Capitólio.

Sabia agora tudo o que precisava saber, tudo o que tentara arrancar de Cassie McGraw. Ela contara-lhe uma parte. E por fim perguntara: "Eu estou a fazer anos?" E

assim revelara o resto.

Ligara para a telefonista do Senado em Washington e pedira para falar com Miss Xavier, dando o número especial 4989, no Velho Prédio do Senado.

— Um momento, por favor. Vou ver se está desocupado.

Ouviu um zumbido interminável mas ninguém atendeu.

Finalmente a telefonista voltou à linha.

— Sinto muito. Miss Xavier já deve ter ido para casa. Parece que não há mais ninguém no gabinete do Senador Bainbridge...

Senador Bainbridge?

— ...mas se for caso de urgência, posso ligar para casa de Miss Xavier ou do Senador.

— É com o Senador que eu realmente quero falar. É urgente, extremamente urgente.

— Vou ver se o localizo. Como é o nome da pessoa que deseja falar com ele?

refletiu à pressa e depois, com o ar mais natural possível, respondeu: — Diga-lhe que é Mr. Michael Barrett. Pode dizer que é Mr. Barrett, um amigo de Miss Cassie McGraw, que está a telefonar de Chicago.

— Michael Barrett. Amigo de Cassie McGraw. Perfeitamente. Não desligue, por favor, vou ver se consigo.

A linha ficou muda, ouvindo-se apenas o zumbido de descarga, e Barrett manteve o auscultador no ouvido, agarrado à sua última esperança.

A telefonista voltou.

— Mr. Barrett?

— Pronto.

— Estou com o Senador Bainbridge na linha. Ele já vai atender. Pode falar.

Houve um instante de silêncio e depois uma voz ríspida do outro lado.

— Alô, quem fala?

— Senador Bainbridge? Aqui é Michael Barrett. Sou o advogado que está a defender o livro de Jadway no julgamento em Los Angeles.

Fez-se uma longa pausa.

Quando a voz na outra extremidade da linha tornou a manifestar-se, a rispidez tinha desaparecido. Denotava cansaço.

— Sim, Mr. Barrett. Estávamos até a estranhar a sua demora em aparecer. Jadway e eu... há muito que esperávamos notícias suas.

Miss Xavier, uma mulher baixa, compacta e reservada, de trinta e poucos anos, lustroso cabelo preto caído até aos ombros, uma pele bronzeada que sugeria uma ascendência de índios americanos,

lábios sem baton, estava à sua espera junto da escada rolante no interior do Capitólio.

No momento em que o motorista do Senador se despediu, voltando para o carro, ela disse:

— O Senador Bainbridge, ontem à noite, não sabia ao certo se receberia o senhor aqui ou no gabinete dele no Prédio Velho do Senado. Ele teve de desmarcar dois compromissos. Mas fiquei encarregada de levá-lo ao gabinete, onde ele dispõe de vinte minutos para atendê-lo.

— Obrigado — agradeceu Mike Barrett.

— Vamos descer a escada rolante para tomar a pequena camioneta do Senado.

— Passe, por favor, Miss Xavier.

Ela pisou o degrau e Barrett seguiu logo atrás.

Lembrando-se das rápidas palavras trocadas com o Senador Bainbridge na véspera, percebeu que a única coisa que ficara a saber era que um motorista iria esperá-lo de carro na frente do Mayflower Hotel às onze menos um quarto da manhã. No entanto, o que havia descoberto antes de telefonar para o Senador fora suficiente. Todas as suas crescentes suspeitas — começando pelo anacronismo de datas do Dr. Hiram Eberhart e pela referência de Sean O’Flanagan a uma conversa com um autor que a essa altura já deveria estar morto —

finalmente confirmavam-se.

As trevas cediam lugar à luz ofuscante.

J J Jadway estava vivo.

Depois disso providenciara, de Chicago, uma ligação para falar com os seus associados em Los Angeles, anunciando a assombrosa descoberta a Zelkin, Sanford e Kimura, simultaneamente. Ao ouvi-lo, tinham ficado sem voz, passando depois a um entusiasmo descontrolado e veemente.

— Bravo! Viva! — não se cansava de repetir Zelkin —, você efetuou a Operação Lázaro!

E adoptando um tom de fórmula cabalística:

— Você exclamou: “Jadway, levante-se!” e o morto obedeceu! Mike, você ressuscitou Jadway de entre os mortos!

E os outros três, que nem fanáticos pelo telefone transcontinental, gritaram em coro: — Amém!

Durante trinta minutos, recapitulando passo a passo a caçada de Barrett, pesando cada palavra relacionada com a descoberta, puseram-se a especular sobre a famosa ressurreição de Jadway e a vida nova que se descortinava para todos. Por fim Barrett conseguiu restabelecer uma certa aparência de calma entre os colegas. Pediu que Zelkin o atualizasse sobre a questão do julgamento, para saber exatamente o terreno que pisava quando se encontrasse frente a frente com Bainbridge e Jadway dentro de poucas horas.

Zelkin informara que as testemunhas de defesa se tinham mostrado mais eficazes na parte da tarde. A audiência começara mal quando a Condessa Daphne Orsoni, importada da Costa Brava na Espanha para atestar o bom caráter e motivos de Jadway, se vira forçada a confessar, sob o fogo da inquirição de Duncan, que só conhecera Jadway num baile de máscaras que ela tinha dado em Veneza, onde ele não tirara a máscara nem uma vez, e que não, não podia jurar que o seu convidado fosse Jadway ou que o tivesse “visto”.

Depois a autoridade sueca em pesquisa sexual, Dr. Rolf Lagergren, pronunciara brilhante discurso sobre os critérios da comunidade moderna e da atitude do homem médio em relação ao ato sexual, mas fora massacrado pela inquirição de Duncan.

Após arrancar do Dr. Lagergren uma declaração de que Os Sete Minutos era uma descrição exata, em forma de ficção, dos sentimentos e conduta da maioria das mulheres, na vida real, Duncan citara o relatório da mais recente pesquisa do sexologista para refutar as suas próprias declarações—Nessa pesquisa de mil mulheres casadas e solteiras, o Dr. Lagergren havia apurado que, em cada quatro, três, a imensa maioria portanto, atingia o orgasmo não em sete minutos, mas de um a seis, e que apenas uma, de cada quatro mulheres, demorava sete minutos ou mais — de sete até vinte — para atingi-lo. Percebendo que as suas declarações sobre o orgasmo feminino eram contraditórias, o Dr. Lagergren perdera, por um breve lapso, a calma, afirmando logo que Jadway tinha baseado o seu romance num levantamento sexual anterior menos amplo, e

que talvez, sim, talvez o autor houvesse tomado uma certa licença literária. Recobrando o aprumo inicial, o Dr. Lagergren insistira que mesmo que a heroína de Jadway não pudesse ser qualificada de média, usando-se o prazo de orgasmo da pesquisa mais recente, o retrato dos sentimentos sexuais femininos refletia a grande maioria. Em seguida à aparição do especialista sueco, a bibliotecária Rachel Hoyt fora chamada ao banco das testemunhas, portando-se de modo magnífico na sua eloquente proclamação da pureza e valor intrínsecos do livro.

Amanhã haveria novas testemunhas, articuladas, como o romancista Guy Colfins, para falar em defesa dos méritos de Os Sete Minutos. E depois de amanhã restaria apenas o Dr. Yale Finegood para tentar provar que não era a leitura que provocava violência em gente jovem como Jerry Griffith.

— E aí então, terminaremos a defesa — disse Zelkin pelo telefone interurbano. — Daí por diante a nossa parte estará encerrada, e o que estamos a deixar para o júri não basta, Mike. Ganhamos um pouco de terreno, mas não cobrimos a diferença. Deste jeito, Ben Fremont vai acabar na cadeia e Os Sete Minutos vão diretos para a fogueira. Precisamos de uma... só uma... testemunha de arromba para passar à frente. E se essa testemunha for o próprio Jadway, a partida está ganha... a vitória é nossa. Você provou que ele ainda vive.

Mas poderá trazê-lo até aqui, para depor por nós?

— Não sei — respondeu —, mas agora que ele foi encontrado, não vejo porque se recusaria a apresentar-se.

— Houve qualquer indicação de que Jadway estará presente quando você falar com o Senador amanhã?

— Nenhuma. Absolutamente nenhuma. Pode ser que esteja. Terei de esperar para ver.

Quanto a Bainbridge, ignoro o papel que desempenha, mas, pelos vistos, ele trata, ou tratou, de certos negócios de Jadway. É estranho, considerando-se o fato de que é Senador, que eu nunca tenha ouvido a menor referência a seu respeito. Gostaria de saber alguma coisa antes de o encontrar.

Combinaram que Kimura iria imediatamente à Biblioteca Pública de Los Angeles e depois ao arquivo do Los Angeles Times, comunicando posteriormente a Barrett, no fim da tarde, tudo o que conseguisse apurar.

Depois desse telefonema, Barrett ligou para o seu apartamento e conversou demoradamente com Maggie Russell. Ela exultou com a notícia de que a pista que fornecera para o paradeiro de Cassie McGraw levava, por sua vez, à descoberta de JJ Jadway redivivo. E mostrou-se orgulhosa de Barrett, usando as palavras mais afectuosas, prometendo esperá-lo quando voltasse.

Duas horas mais tarde, Zelkin telefonou-lhe para ler as notas rapidamente colhidas por Kimura. As informações eram escassas.

— O motivo pelo qual você pouco ouviu falar no Senador Bainbridge é que não há muito tempo que ele está na vida pública — informou Zelkin. — Um dos Senadores de Connecticut morreu... agora me lembro, foi há quatro meses apenas... e o Governador nomeou Thomas Brainbridge para completar o mandato. Na ocasião ele era reitor na Faculdade de Direito de Yale e mantinha uma espécie de ligação com um escritório jurídico em Washington, onde possui uma segunda casa. Antes disso, deixe-me ver, ele foi juiz do Tribunal Regional de Recursos. E antes ainda, presidente de uma grande firma manufatureira... aqui não diz o que manufaturavam. Não tem importância. Quanto ao seu currículo de instrução, formou-se em Yale, e depois, em 1932, defendeu tese de doutorado na mesma faculdade.

Tudo isso na véspera. Faltava pouco para a meia-noite quando Barrett tomou um voo de Chicago para Washington, e, em seguida, um táxi do National Airport até ao Mayflower Hotel.

Nesta manhã, aos quinze para as onze em ponto, um motorista uniformizado fora buscá-lo, levando-o pela Pennsylvania Avenue até à colina do Capitólio onde o apresentara a Miss Xavier.

A voz de Miss Xavier devolveu-o à realidade. Estava sob o Capitólio, na camioneta particular do Congresso.

— O Trole de Toonerville — disse, bem séria. — São só trezentos metros daqui até ao Prédio Velho do Senado.

Meio minuto depois, desciam da camioneta e em poucos segundos subiam no elevador. A suite do Senador Bainbridge ficava a curta distância.

Na sala de recepção havia duas escrivaninhas para as secretárias e as paredes eram decoradas com fotografias de paisagens e um enorme mapa em relevo de Connecticut. À

direita, Barrett divisou duas outras salas, repletas de escrivaninhas, arquivos e funcionários, masculinos e femininos, brancos e negros. Barrett demorou-se diante do mapa em relevo, imaginando se encontraria o Senador sozinho ou em companhia de Jadway, e escutou Miss Xavier, ao telefone, anunciando a sua chegada. Procurou disfarçar a ansiedade.

— Sim, Senador, já vou mandá-lo entrar — disse ela. Acenou com a cabeça para Barrett.

— Por aqui, por favor.

Aproximara-se da porta de carvalho envernizado e começava a abri-la.

Durante esses segundos, Barrett hesitou. Aquela busca tinha sido tão longa e desesperadora, com tantos cumes e vales, tantos sonhos radiosos e terríveis pesadelos, tanta coisa tangível e um número infinitamente maior de miragens. E do princípio ao fim dessa odisseia, adentrando o passado, sempre sentira que cada vez se avizinhava mais da sombra de Jadway, que persistia em se esconder atrás da próxima curva... E embora Jadway já tivesse adquirido forma para ele, uma substância, uma pessoa, um companheiro, enfim, que merecia ser salvo e, por seu turno, poderia salvar todos eles, Barrett sempre aceitara, até recentemente, o fato de que Jadway já não existisse, fosse cinza sobre cinzas, pó sobre pós, literalmente, e não de fato uma substância, uma pessoa, um companheiro, um salvador. Mas agora, como havia dito Abe, J J Jadway era real. Lázaro redivivo das cinzas espalhadas sobre o Sena. Mais alguns passos e encontrá-lo-ia, tangível, falando, ouvindo — esse autor estranho e misterioso de um único livro, o mais condenado, o mais proibido jamais criado pela pena de um homem. Ali estaria ele, o amante de Cassie, o pai de Judith, o idealizador de Cathleen, o poeta de um panegírico ao amor que transformara

“foder” em palavra que podia ser impressa sem pejo, símbolo de um ato puro. Jadway, esse nome mágico que Duncan e Yerkes invocavam como o “abre-te Sésamo” do poder, esse nome de basilisco que milhares, milhões de fanáticos tinham usado para atear chamas a livros e à liberdade de expressão.

Barrett deteve-se. Sentia-se dominado por uma emoção que lutava por compreender.

A mesma emoção que imaginava que o jornalista Henry Morton Stanley havia sentido — após dois meses de busca por toda a África Central de um explorador-missionário escocês desaparecido — no dia em que chegou à aldeia de Ujiji e encontrou vivo o homem que há tanto tempo procurava em vão. “Eu teria corrido ao seu encontro, só que me acovardei na presença de tal multidão... eu tê-lo-ia abraçado, mas não sabia que acolhimento teria; por isso fiz o que a covardia moral e o falso orgulho sugeriram como a melhor solução...

encaminhei-me deliberadamente para ele, tirei o chapéu, e perguntei: — É o Dr. Livingstone, não?

E Stanley concluía: “Finis coronat opus”. Barrett compreendia: O fim coroa a obra.

Agora queria correr ao encontro de Jadway, abraçá-lo, mas em vez disso encaminhou-se calmamente para a porta de carvalho envernizado que Miss Xavier mantinha aberta.

Cruzou a soleira.

Encontrou um homem, sozinho: o senador Thomas Bainbridge. Não havia nenhum J J Jadway. Apenas Bainbridge, Amigo e Intermediário.

O senador Bainbridge estava de pé, recto como se a sua espinha fosse feita de aço — parado junto à escrivaninha, rígido, pálido, distante, imaculado, mais parecendo um quadro pintado por Gilbert Stuart ou Thomas Sully do que uma criatura viva e animada do século XX. Na sua decepção, Barrett percebeu que lembrava um daqueles retratos americanos antigos de juizes nortistas da Guerra Civil, algo semelhante ao ministro John Marshall do Supremo Tribunal. Só que os traços, na sua opinião, eram mais cinzelados que os de Marshall. Dignos de um César, a personificação instantânea de autoridade. Os sedosos cabelos grisalhos estavam repartidos do

lado. Testa larga” olhos penetrantes, nariz romano, lábios finos. Tinha altura, peso justo, vestindo com esmero um fato cinzento de corte conservador onde não se via uma ruga. A imagem do austero ianque de Connecticut.

Barrett ficou surpreso quando Bainbridge se moveu. Estendia-lhe a mão.

— É Mr. Barrett, não?

Por um instante, Barrett levou um susto, lembrando-se de Stanley e Livingstone, percebendo que o anfitrião se apropriara da pergunta que lhe competia fazer. Fora pronunciada com ironia ou humor? Ou sem segundas intenções? Barrett não saberia dizer.

Apertou a mão estendida, que sacudiu a sua com firmeza.

Ao soltá-la, os olhos de Barrett afastaram-se dos de Bainbridge e percorreram automaticamente a sala, só para se certificarem.

— Não — declarou Bainbridge, impassível. — Achei melhor recebê-lo a sós. Queira sentar-se, Mr. Barrett.

Havia uma poltrona verde-escura diante da escrivaninha esculpida e Barrett ocupou-a. Esperando que o Senador se fortificasse atrás daquela mesa maciça, Barrett pôs-se a examinar — em lugar de revistar — rapidamente o gabinete. Continha uma mesa de conferências, um luxuoso sofá, uma cadeira de encosto baixo e uma otomana, tudo de couro, diversas estantes de livros, uma escultura esculpida de Giacometti sobre uma mesa de abajur, numerosos diplomas e distinções honoríficas penduradas nas paredes e, pela janela ao fundo da cadeira giratória de espaldar alto do Senador, Barrett podia ver o Carroll Arms Hotel do outro lado da rua.

O Senador já estava sentado e o aristocrático semblante não propiciava amenidades sociais.

Barrett resolveu arriscar uma saudação.

— Soube que o senhor foi nomeado recentemente para o Senado. Os meus parabéns.

— Obrigado. Não foi nada que eu procurasse ou desejasse. Apenas um dever. Já leu Tocqueville? Ele chamava ao nosso Connecticut lugarzinho que fornece à América o relojoeiro, o professor, o senador. “O primeiro dá a hora; o segundo diz o que

fazer com ela; o terceiro faz as leis e a civilização.” Alguém precisa de fazer as nossas leis. Talvez as minhas qualificações não sejam assim tão raras.

— Pelos seus antecedentes, tenho a certeza de que o senhor está a ser modesto.

Barrett, porém, preocupava-se com o tempo de que dispunha e a melhor maneira de o aproveitar.

— Baseado no pouco que conheço do seu passado, Senador, confesso que me surpreendo de encontrar nele a figura de J J Jadway.

Os olhos de Bainbridge não pestanejaram.

— A vida proporciona estranhos companheiros, Mr. Barrett. Cresci ao lado de Jadway.

Pertencemos à mesma confraria em Yale.

— Permaneceu em contato com ele todos esses anos?

— Mais ou menos.

— Parece-me estranho que o senhor se tenha conservado em contato com Cassie McGraw... ao passo que ele não...

— É mesmo? O senhor é o advogado de defesa de Os Sete Minutos. Ouvi as calúnias amontoadas contra o livro e o autor. Acha surpreendente que em seus últimos anos de vida ele não queira ser oprimido por um passado que possa tornar insustentável a posição atual que ocupa?

— Se o senhor acompanhou o julgamento...

— Acompanhei, sim.

— ...então sabe que os meus colegas e eu consideramos o livro que estamos defendendo como uma obra de arte, de gênio, e que o próprio autor, segundo esperávamos, tivesse tanto orgulho em defender como nós.

— Receio que o senhor seja romântico, Mr. Barrett — retrucou o Senador. — A vida é bem menos. Jadway aprendeu já essa lição.

— É por isso que não quer manter-se em contato pessoal com Miss McGraw? Por medo de ficar exposto?

— Exato. Em assuntos ligados a um passado que há muito se enterrou, eu venho, por consideração à sua vontade de permanecer anônimo, agindo em nome dele. Na questão insignificante de uma

lembrança anual de aniversário para Miss McGraw, por exemplo. E algumas outras, muito poucas.

Ia ser difícil, Barrett percebeu, e ficou com pena de não ter Cassie McGraw a seu lado, e Abe Zelkin, e Maggie, para ajudar, para enternecer este ianque. Mas os segundos, os minutos, corriam depressa e era melhor que fizesse bom e rápido uso deles.

— Senador, J J Jadway está vivo, não está?

— O senhor já sabia disso antes de me telefonar ontem à noite. Não vi nenhum motivo para negar.

— Eu apenas queria que o senhor repetisse a sua afirmação. Ontem à noite o senhor fez um comentário curioso. O senhor disse que o senhor e Jadway tinham estranhado a minha demora em descobrir que ele estava vivo, dando a entender que ambos esperavam que, mais cedo ou mais tarde, eu entraria em contato com os dois. Jadway achou que eu o encontraria? O que lhe deu motivo para pensar assim?

Bainbridge curvou-se para a frente, apoiando os cotovelos à escrivaninha e entrelaçando os dedos.

— Desde o momento em que o senhor fez oferta para as cartas de Jadway em poder de Olin Adams, o vendedor de autógrafos, nós desconfiamos que nos poderia encontrar.

— O senhor sabia da existência daquelas cartas?

— Naturalmente, Mr. Barrett. Senão, como poderia tê-las adquirido? Fui eu que as recuperei para Jadway.

Barrett, espantado, endireitou-se no assento.

— O comprador era o senhor? Seria capaz de jurar que havia sido o Promotor Público de Los Angeles que passara na loja antes de mim. Na ocasião o meu telefone estava a ser controlado por Luther Yerkes, um industrial que apoia o promotor Duncan politicamente.

— Yerkes pode ter mais força do que eu. Mas eu talvez disponha de melhores relações.

— Melhores relações. Senador?

— Sean O'Flanagan, por exemplo. Ele soube que as cartas estavam à venda. Achou que convinha informar Jadway. Por isso me telefonou. Eu autorizei-o a comprá-las imediatamente. Mas quando ele tentou, era tarde de mais. Um certo Mr. Michael Barrett já as

adquirira e tomara o avião em Los Angeles na manhã seguinte para ir buscá-las. De modo que eu também tomei o avião para Nova Iorque e retirei-as em seu nome. Perdoe-me, Mr. Barrett. Mais uma vez, lembre-se de que me comprometi a preservar o anonimato de Jadway.

— Mesmo à custa de permitir que o nome dele seja caluniado e difamado?

— O senhor esquece que Jadway está morto. Foi enterrado com o passado. Somente a história se interessa pelo passado. Jadway construiu um novo presente, muito melhor.

Barrett agarrou-se à beira da escrivaninha.

— Senador, enquanto Cassie McGraw e Sean O’Flanagan estiverem vivos e Os Sete Minutos existir, Jadway nunca poderá esquecer o passado.

Bainbridge desentrelaçou os dedos e levantou-se.

— Cassie McGraw... O’Flanagan... Jadway já se encarregou deles... eu encarreguei-me deles em seu nome. Fiz com que O’Flanagan tivesse tudo o que lhe faltava. Primeiro com a publicação trimestral de poesia e depois, quando a revista faliu, dando-lhe um estipêndio anual, suficiente para mantê-lo debaixo de um tecto, com comida e bebida.

— E silêncio.

— Sim, lógico. Quanto a Cassie, tínhamos O’Flanagan para cuidar dela. Quando já não pôde defender-se sozinha, física ou financeiramente, O’Flanagan não dispunha de recursos para que ela recebesse o tratamento conveniente num hospital. Havíamos conseguido isso por intermédio dele até há bem pouco tempo, quando o excesso de bebida o tornou menos de confiança. Mais recentemente, Miss Xavier tem enchido os cheques para remeter a Mr.

Holliday e aos floristas. Portanto, como vê, Jadway proveu à subsistência desses dois amigos do passado. E dentro em breve, sendo simples mortais, os dois e ele serão cremados e sepultados como o próprio nome de Jadway o foi em Paris. E assim restará apenas Os Sete Minutos. Que também perecerá quando o júri, em Los Angeles, anunciar o veredicto.

— E Jadway deixará que ele pereça?

— Sim.

— Por quê? Ele envergonha-se do livro?

— Não, Mr. Barrett, ele não se envergonha, não. Às vezes parece-me que até sente muito orgulho dele. Considera-o sincero, verdadeiro, talvez até valioso para certos leitores.

Não há dúvida, posso afirmar-lhe, que foi escrito com amor. Mas no fim, a lei da sobrevivência aplica-se tanto aos livros como às espécies. Se o mundo não quer que ele viva, ele terá de perecer.

— Não é apenas um livro que perecerá, Senador. Não quero parecer pomposo, mas acredito de todo o coração que, se esse livro perecer por determinação legal, é uma liberdade humana que se perde na nossa sociedade.

Pela primeira vez, Bainbridge deu sinal de emoção. Franziu a testa.

— O que é que o senhor está a dizer, Mr. Barrett?

— Estou a dizer que existem mais coisas em jogo no nosso processo do que um simples livro — respondeu Barrett apaixonadamente. — Estou a dizer que a liberdade de expressão está em julgamento, isso já aconteceu antes, mas nunca contou com tantos inimigos reunidos de uma só vez. A recente tolerância nas artes tocou os paladinos da liberdade complacentes, cegos. Não notaram a reunião maciça das forças da censura.

Chegamos a uma encruzilhada. Se o livro de Jadway for proibido, prevejo o início de uma nova era de obscurantismo.

— Não precisa de me pregar sermões sobre a liberdade, Mr. Barrett. Tudo o que lhe pedi para me dizer foi... O que é que o senhor está a tentar dizer?

— Estou a tentar dizer que agora que sabemos que Jadway está vivo, agora que ele pode revelar os fatos sobre si mesmo e sobre o livro, nós imploramos-lhe que o faça.

Achamos indispensável, por mais que rompa o isolamento dele. O impacto da sua aparição no tribunal, a sensação do seu depoimento, a revelação da verdade pela primeira vez, tudo pode derrubar o caso levantado pela acusação e proporcionar-nos um

veredicto de inocência, derrotando os censores e liberando Os Sete Minutos. Senador, quero que Jadway saiba o que estou a dizer...

— Prometo-lhe que ele ficará a sabê-lo.

— ... e quero que o senhor lhe peça para comparecer pessoalmente como testemunha de defesa amanhã em Los Angeles.

— Posso pedir. E também posso dar-lhe a resposta desde já. Será negativa.

— Tem a certeza?

— Absoluta.

Barrett pôs-se em pé, agitado.

— Não consigo entender. Simplesmente não consigo entender. Como é que um homem que realizou um tal milagre de libertação no passado pode agora renegar o milagre e o passado. Como é possível? Que espécie de covardia ou egoísmo é esse? Afinal, que espécie de homem é Jadway?

Tinha percebido que Bainbridge não tirava os olhos dele, escutando cada palavra; e então notou que ele queria responder. Barrett esperou, e o Senador começou a falar, escolhendo palavras com cuidado.

— Vou dizer-lhe a espécie de homem que Jadway é. O senhor compreenderá o motivo que ele tem para não se apresentar em público. Se na mocidade foi idealista, hoje, velho, é pragmatista. Ele sabe que o que convém à maioria, ao bem-estar comum, no fim também convém ao próprio Jadway, uma vez que ele faz parte do todo. Menos que isso, seria comodismo. Pareço-lhe enigmático? Nesse caso solucionarei o enigma para o senhor.

Jadway formou-se em Direito junto comigo. Não sentia inclinação pela carreira jurídica.

Achava que o seu maior talento era a literatura. Partiu para Paris. Tentou escrever, e sob a influência de Miss McGraw, conseguiu. Sentiu-se feliz por poder realizar mais em prol da liberdade, fazer mais pela libertação da alma humana, através da literatura, do que pela prática da jurisprudência. Mas outras circunstâncias interferiram... não me pergunte quais foram, porque não posso revelá-las... mas como resultado, Jadway viu-se privado da sua carreira literária e também da jurídica. Alguns anos depois, quando

surgiu a possibilidade de escolha, já perdera o interesse pela literatura; porém ainda lhe restava a jurisprudência. De modo que voltou a ela, para servi-la da melhor forma possível. E teve êxito. Agora terá ainda mais. Dentro de poucas semanas, digo-lhe com caráter sigiloso, haverá uma vaga entre os juizes da Corte Suprema dos Estados Unidos, e o Presidente já convidou Jadway em particular para aceitar essa nomeação para o Supremo Tribunal.

— O Supremo Tribunal? — espantou-se Barrett. Estava verdadeiramente atônito. — Eu... eu sempre imaginei Jadway como um boêmio, tal como ele era no tempo em que morou em Paris, uma vez que foi assim que o descreveram no tribunal. Quer dizer que ele se transformou num homem de tal categoria e respeitabilidade que é elegível na nomeação para o Supremo Tribunal?

— É elegível e será nomeado.

O significado completo da informação fora agora apreendido por Barrett e fez com que ele se aproximasse mais de Bainbridge.

— Senador, o senhor sabe o que isso quer dizer? — implorou Barrett. — Quer dizer que Jadway... ou seja lá qual for o nome que usa atualmente... é cem vezes mais valioso como testemunha do que jamais imaginei que ele pudesse ser. E é cem vezes mais indispensável que ele agora se apresente para nós, para ele mesmo.

Bainbridge começou a protestar, mas Barrett sobrepôs-se e continuou na sua peroração com crescente convicção.

— Imagine como a aparição no tribunal de um homem desse nível, em defesa do seu próprio livro, iria contradizer as acusações — disse Barrett. — Eu explico-lhe o que representaria... ao menos do ponto de vista de um advogado de defesa... representaria um desses incríveis “tiro e queda” que nem... bem, que nem o ponto culminante do julgamento de Lizzie Borden. O senhor lembra-se decerto. O pai e a madrasta de Lizzie tinham sido encontrados mortos, à força de pancadas brutais, hediondas. Tudo, todas as provas circunstanciais eram contra Lizzie Borden. Não obstante, o advogado de defesa levou-a ao banco das testemunhas. Era um gesto ousado, que resultou em magistral. Lá estava Lizzie, a solteirona educada, bem vestida, delicada, uma autêntica dama. E o

defensor limitou-se a apontar para ela enquanto se dirigia aos jurados: “Para considerá-la culpada, é preciso acreditar que seja um monstro. Os senhores acham que ela tem jeito disso?” Tinha? Claro que não. Nunca poderia tê-lo, aquela moça recatada. Era inimaginável. Todas as provas foram por água abaixo. Lizzie foi declarada inocente.

Barrett tomou fôlego e depois continuou:

— Senador Bainbridge, se encaixar Lizzie Borden num crime tão medonho era inimaginável, então eu afirmo-lhe que julgar um candidato ao Supremo Tribunal, um homem digno da mais alta estima, um erudito, julgar um homem desses como pornógrafo e fornecedor de imoralidades é impossível. Deixe Jadway comparecer como minha derradeira testemunha, minha testemunha estrelar e será o suficiente. No momento em que eu apontar para ele, o júri saberá que uma pessoa dessas não poderia ter escrito um livro obsceno que depravasse e corrompesse a juventude. Perceberiam, antes que ele respondesse a uma só pergunta, que os seus motivos devem ter sido os melhores.

Confiariam em seus valores morais e em seu depoimento. Senador, nós obteríamos a absolvição de Ben Fremont, de Os Sete Minutos, do próprio Jadway, tal como Lizzie Borden obteve...

— Mr. Barrett — interrompeu o Senador —, não é necessário que o senhor me lembre a cada instante as táticas legais do caso Borden. — E acrescentou, cáustico: — Afinal de contas, eu já fui reitor da Faculdade de Direito de Yale.

Barrett ficou instantaneamente contrito.

— Perdoe-me, Senador. É que é tão raro que uma testemunha tão perfeita venha a...

— Mr. Barrett, por favor, permita-me terminar o que comecei a dizer.

— Pois não.

— Não tenho dúvidas de que Jadway seria a sua perfeita testemunha de defesa.

Entretanto, há muito mais coisas em jogo nesta questão do que o seu julgamento. Há uma nomeação para o Supremo Tribunal na balança. A nota oficial sairá brevemente, e o senhor ficará

conhecendo a identidade de Jadway, embora ninguém mais fora desta sala, à exceção da nossa querida e senil Cassie e do nosso desnorteado amigo O'Flanagan, saberá que o novo ministro do Supremo Tribunal foi outrora o autor de Os Sete Minutos. Agora, Mr. Barrett, ponha a mão na consciência. Se estivesse no lugar de Jadway, o senhor sacrificaria essa oportunidade de uma vida inteira só para ir até à Califórnia simplesmente defender, num mero processo penal, um livro que tivesse escrito na juventude? Na minha opinião, seria comodismo. Pois asseguro-lhe que se Jadway revelasse o passado no banco das testemunhas, na hipótese de que fosse até lá para salvar a" sua questão de censura, isso significaria a ruína da reputação dele. O convite para aceitar o cargo no Supremo Tribunal seria imediatamente retirado. Sim, o telefonema que o senhor me fez ontem à noite foi transmitido a Jadway com a máxima rapidez. Deixou-o bastante angustiado, provocando-lhe um sério exame de consciência. Não foi o prejuízo que sofreria a sua reputação, a sua ambição, a sua posição social, a sua família que o levou a essa decisão. Foi o seguinte: que ele poderia fazer mais em prol da liberdade do seu assento no mais alto posto jurídico do país, nos anos vindouros, do que sacrificando essa oportunidade a fim de se manifestar numa questão forense em defesa do próprio passado. Foi a oportunidade de defender muitas liberdades, em lugar de apenas uma, que motivou a sua decisão. E digo-lhe que isso não é a escolha de um egoísta, mas de um homem que possui espírito cívico, não uma covardia, mas um ato de coragem. Essa é a espécie de homem que J J Jadway é. E... é por isso que ele não vai comparecer ao julgamento.

Barrett estava absolutamente imóvel. Caminhou devagar até à janela, olhou distraído para a rua, e finalmente voltou à escrivaninha.

— Senador Bainbridge — disse, controlado —, eu acho que Mr. Jadway está enganado.

Sei que não posso convencer o senhor, nem a ele por seu intermédio, mas devo dizer-lhe a minha opinião. Eu acho que ele está enganado. Creio que existem outros grandes jurisprudentes capazes de preencher a vaga do Supremo Tribunal com a mesma

competência de Mr. Jadway, e que dispensariam sabedoria e justiça tão bem como ele. No entanto, existe apenas um homem sobre a face da terra capaz de salvar esse livro e tudo o que ele representa para o futuro. Acho que é ali que Mr. Jadway deveria travar o seu combate, ali e agora, no meio do povo, onde ele, e somente ele, é capaz de nos salvar, e salvar a si mesmo, recusando-se a repudiar o passado. Acredito plenamente que o passado dele significa mais para o presente, para o dele e para o nosso, do que o futuro. Essa é a minha opinião. E tem mais ainda. Se esta causa for perdida, estabelecerá o precedente legal de que os tribunais crêem que os homens possam ser levados à violência... conforme a acusação sustentou com o exemplo de Jerry Griffith... por uma obra literária. Se isso não for refutado, se esse sofisma for confirmado e se tornar legalmente aceite em nossa época, então todas as palavras faladas ou escritas doravante estarão sob sentença de morte, e os verdadeiros males da nossa sociedade que alimentam e geram a violência encontrarão campo livre para se disseminar até que todos nós, e nossos descendentes, e tudo o que prezamos, sejam destruídos. Obrigado pela audiência, senador Bainbridge. Diga a Mr.

Jadway que faço votos para que ele durma bem esta noite.

Estava junto da porta quando a voz de Bainbridge o deteve.

— Mr. Barrett... Ele esperou.

Bainbridge estava de pé, atrás da escrivaninha.

— Farei com que Mr. Jadway leve em consideração tudo o que o senhor disse. Se ele mudar de atitude, entrará em contato com o senhor.

Barrett tentou sorrir.

— Mas o senhor sabe que ele não vai mudar, não é? O Senador não respondeu.

Parecia estupidificado.

— Creio que o senhor gostaria de saber que na questão de Jadway escrever o livro, na vida que ele levava, no seu suicídio, nos motivos que o arrastaram a esse gesto desesperado, Christian Leroux não mentiu conscientemente. Ele simplesmente não contou a verdade.

Porque não sabia qual era. Sabia apenas as mentiras. Tal como o padre Sarfatti. As mentiras sobre Jadway e sobre Cassie. Talvez isso agora tenha importância. Não sei. Mas uma coisa lamento. Lamento que venham a crer que um livro impeliria um rapaz a cometer estupro, a agir com violência. O estupro sempre foi um passatempo para os homens, muito antes de aprenderem a ler. Esse aspecto do resultado da sua causa será lastimável. Mas talvez Mr.

Jadway consiga corrigir isso um dia... de outra forma.

— Senador, esse dia nunca virá. Só existe o de amanhã. Adeus.

Descendo à rua, sabia que afinal chegara ao fim de tudo. Quantas vezes não tinha pensado que havia atingido o fundo do poço de desespero? Nem dava para contar. Mas desta vez era o fim mesmo. Não havia outro lugar para ir. O último lampejo de esperança extinguiu-se.

Saiu à luz do Sol e percorreu, desanimado, o lance de degraus que o separava da calçada. Depois dirigiu-se para um táxi.

Um garoto que apregoava jornais na esquina chamava a atenção dos transeuntes.

— Leiam as últimas notícias... a mais recente sensação no julgamento do livro sobre sexo em Los Angeles!

A mais recente? Que diabo podia ser?

Barrett apressou-se até à esquina, entregou uma moeda ao garoto e desdobrou a primeira página do jornal.

As grandes parangonas de tipo negro chicotearam-lhe os olhos:
MORREU SHERI MOORE!

A VÍTIMA DE ESTUPRO NO CASO DE "OS SETE MINUTOS" DE
JADWAY

MORRE INESPERADAMENTE.

O DEBATIDO LIVRO PORNOGRÁFICO SERÁ JULGADO AMANHÃ
Ficou horrorizado.

A primeira visão que lhe ocorreu foi aquela pobre menina no hospital, morta. Depois pensou no pai, em Howard Moore. E em Jerry Griffith, em Maggie. E finalmente em Abe e em si mesmo.

Minutos antes acreditava ter chegado ao fundo do poço mas era um fundo falso, pois agora o último alçapão abria-se a seus pés, e

descobria que era possível afundar-se ainda mais. E lá em baixo reinava a escuridão — o dia mais negro de toda a sua vida.

Era perto do meio-dia em Los Angeles. No quarto de dormir do apartamento de Barrett, Maggie Russell terminava de secar-se depois de tomar um duche e estava ainda a prender o soutien quando o telefone tocou pela segunda vez em menos de uma hora.

Vestida apenas de calças e soutien, correu à sala para atender a chamada.

Para seu alívio, era Mike Barrett a telefonar de Washington.

— Mike, eu rezei para que fosse você — disse ao telefone. — Queria ligar-lhe, mas não sabia onde é que você estava. Já soube? Quero dizer, a respeito de Sheri... Sheri Moore? Ela morreu durante a noite.

— Sim, eu vi as parangonas do jornal há meia hora.

— Não é uma lástima? Era tão moça. Sinto-me mal. E Jerry está desesperado. E você... eu noto no tom da sua voz... parece tão abatido.

— E estou mesmo. Aquela pobre menina, a Sheri... Nunca falei com ela, mas de qualquer forma, quando ocorre uma coisa dessas, todo o resto parece que não tem a mínima importância.

— Sim, de fato. Não consigo tirá-la da ideia... e, egoisticamente, continuo inquieta por causa de Jerry também, o efeito que isso terá sobre ele — houve uma pausa. — E estou inquieta por sua causa, Mike.

— Não se preocupe comigo. Claro, estou abatido. Foi uma manhã desastrosa em todos os sentidos, mas pelo menos ainda estou vivo, de certo modo.

— Que é que você quer dizer com isso? Eu pensei que você... bem, descontando tudo o mais que aconteceu, pensei que você tivesse alguma boa notícia. Você ia encontrar-se com o senador Bainbridge e com Jadway hoje de manhã, não ia?

— Falei com Bainbridge. Só isso. Acabo de vir de lá.

— Que aconteceu, Mike? Não me diga que ele não quis...

— Não quis, não. Foi tudo inútil.

— Ah, Mike, que pena. Eu tinha a certeza de que depois que percebessem que você sabia que Jadway estava vivo, haviam de...

— Não é assim tão simples. A única preocupação de Bainbridge parece ser a perpetuação do mito da morte de Jadway. Ele deu-me uma leve esperança. Disse que fará Jadway levar em conta tudo o que eu disse, todos os meus rogos. Mas isso não vai dar nada.

— Você não pode intimar Jadway?

— Onde? Como? De que maneira intimar um fantasma?

— Acho que fiz uma sugestão idiota, mas estou tão preocupada com você que apelo para qualquer espécie de solução — teve outra ideia. — Mike, que foi que houve entre você e Bainbridge? Que disse ele? Pode contar-me?

A voz de Barrett parecia tão desanimada que o coração de Maggie se confrangeu, mas estimulou-o a falar e não demorou muito que ele lhe contasse tudo o que sucedera desde o momento em que se encontrara com Miss Xavier no Capitólio até à saída do gabinete do senador.

Depois continuou. Em seguida ao seu fracasso de chegar até Jadway, soubera da morte de Sheri. Tinha regressado ao hotel e, em virtude da diferença do fuso horário, conseguira falar com Zelkin antes que ele saísse para o tribunal. Zelkin também se abalara com a morte de Sheri e ficara arrasado com a recusa de Bainbridge e Jadway em cooperar.

— Como disse Abe. se o autor não era capaz de defender o seu próprio livro e a sua própria vida, como podíamos esperar defendê-lo com êxito? — explicou Barrett. — E a morte de Sheri Moore, aquilo naturalmente afligiu Abe... ele sente a mesma coisa que nós sentimos pela pobre menina. Mas, independente disso, existe a questão de como essa morte influenciará o resultado do julgamento. Abe teve de admitir que ainda que a morte de Sheri nada tenha que ver com os aspectos legais da causa, o efeito emocional que terá sobre os jurados... e você pode estar certa de que um deles, de um jeito ou doutro, terminará sabendo... o efeito que terá sobre todas as pessoas ligadas com o julgamento, hoje e amanhã, vai ser tremendo. Põe o ponto de exclamação final no argumento de Duncan de que o livro Jadway levou Jerry a fazer o que fez com Sheri e foi a verdadeira causa da sua morte. Jadway já não é um

desflorador. Agora é um homicida, ele e todos os outros que quiserem exprimir-se livremente.

— E não há mais nada que você possa fazer? — perguntou ela lentamente.

— Ninguém pode fazer mais nada, Maggie, salvo o próprio Jadway. Se ele concordasse em se apresentar, até o emocionalismo que cerca a morte de Sheri podia ser superado. A aparição dele talvez concentrasse toda a atenção do julgamento no livro propriamente dito.

Ele poderia obter um atestado de idoneidade para a obra. Deste modo, nós teríamos uma ocasião de mostrar, com provas vivas, que nem o autor nem o livro poderiam causar dano a Jerry, não sendo portanto responsáveis pela morte de Sheri. Mas de que adiantam essas conjecturas? Acabou. Para todos os efeitos, Jadway hoje está tão morto como estava no dia em que o julgamento começou. E quem for da nossa opinião, terá de sofrer as consequências. Os censores estão senhores da situação. Os caçadores de feiticeiras mandam e desmandam. A liberdade de falar, discordar, protestar será cerceada junto com a de ler. Ora, para que continuar? É melhor eu voltar já para o enterro de Sheri.

— Mike...

— O que é?

Ela tinha escutado atentamente, pensando uma porção de coisas, e precisava de fazer uma última pergunta.

— Além do que vai acontecer agora com a sua causa, Mike, esta última reviravolta vai tornar tudo mais difícil para Jerry, não vai?

Ele parecia relutante em responder.

— É— disse, afinal — creio que sim, Maggie.

— Até que ponto?

— Eu quero saber agora, Mike. Já tenho idade. Diga com franqueza.

— Pois bem. Enquanto a vítima esteve viva, Jerry podia ter apanhado de três anos a prisão perpétua na penitenciária estadual, mas visto que ele cooperou com a Promotoria, e o que os psiquiatras provaram e assim por diante, era capaz de se safar com um a três anos no máximo. Com a morte de Sheri, porém, a

acusação de estupro ficou agravada por homicídio e é provável que ele apanhe... bem, que ele seja condenado a prisão perpétua.

— Perpétua? — Maggie sentiu um calafrio. — não é possível. Não é justo. Eles não conhecem Jerry.

— Maggie, a lei só toma conhecimento do que vê e ouve. Só do que vê e ouve, pensou ela.

— Mike, Jerry descobriu onde eu estava por intermédio de Donna, no seu escritório.

Ele mesmo me contou hoje de manhã.

Barrett parecia incrédulo.

— É mesmo? Ele ainda não foi preso?

— Preso? O que é que você quer dizer, Mike?

— Pensei que você tivesse entendido. Enquanto Sheri esteve viva, ele podia ficar em liberdade sob fiança. Agora que ela morreu, é crime, e Jerry terá de ser metido na penitenciária estadual.

Ela sacudiu a cabeça, no telefone.

— Então explica-se. Ele ligou para cá só para falar comigo. Não tem ninguém com quem possa conversar, de modo que comentamos o que havia acontecido e eu tentei acalmá-lo, terminando por lhe perguntar se ele não podia sair de casa e vir até aqui. Então ele disse que tentaria escapar sem que o pai visse, mas que teria de voltar em seguida. O

Promotor Público ficou de passar por lá durante o descanso do almoço, à uma hora, para se encontrar com ele e Tio Frank. Mike, será que Duncan vai prendê-lo?

— Vai. Normalmente, Jerry já devia estar na cadeia. Mas como o pai dele e Duncan se dão muito... bom, acho que foi por isso que a prisão foi adiada por algumas horas. Mas é certo que ele será retido à tarde.

— Então ainda bem que ele está a caminho daqui. Eu queria apenas acalmá-lo, mas agora... Bom, não faz mal. É melhor que eu termine de me arranjar. Você vai voltar hoje?

— A esta altura devo estar com a reserva feita. Irei direto para o tribunal, se chegar a tempo para a audiência. Caso contrário, convém que eu dê um pulo até ao escritório. Falo com você mais logo.

— Mais logo — repetiu ela, incerta. E depois: — Mike, não entregue os pontos. Talvez aconteça qualquer coisa.

— Minha querida, eu acho que esse sujeito lá em cima tem uma determinada quota de milagres para cada filho, e creio que a minha já foi esgotada.

A sua pode ser, sentiu ela vontade de dizer, mas não a minha. Mas limitou-se a dizer “até logo”.

Depois de desligar, ficou parada em pé ao lado do telefone, procurando lembrar-se do que Mike lhe dissera.

“Maggie, a lei só toma conhecimento do que vê e ouve”, tinha ele dito. Mas, Mike, e se ela não viu nem ouviu tudo?

De que modo intimar um fantasma? — tinha ele dito. Mas, Mike, que custa tentar?

Esse sujeito lá em cima tem uma determinada quota de milagres para cada filho.”

exatamente, Mike. Mas talvez eu não tenha esgotado a minha.

Como era que o escrivão dizia sempre no tribunal? A verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade, com a ajuda de Deus.

Muito bem, então ajude-me, meu Deus. Chegou a hora de toda a verdade e nada mais que a verdade.

XI

Tentou estabelecer um plano. Quando terminou, quando encaixou cada pormenor em seu respectivo lugar, sentiu-se pronta para começar.

Primeiro, o telefonema interurbano para Washington.

Em menos de um minuto, a ligação estava feita.

— Miss Xavier? A secretária do senador Bainbridge?

— Sim.

— Aqui fala Miss Maggie Russell, de Los Angeles. Agora uma mentira inócua. \ Eu trabalho para a Agência Griffith de Publicidade. Preciso muito falar com o senador Bainbridge amanhã, da parte de Mr. Griffith, sobre assunto de negócios. Gostaria de saber se é possível marcar uma hora.

— Creio que para amanhã não pode ser, Miss Russell. O Senador não estará na cidade.

— E quando volta?

— Não sei, Miss Russell. A única coisa de que tenho a certeza é que ele partirá de manhã cedo. Naturalmente, é possível que volte de Chicago no mesmo dia. Se a senhora quiser explicar de que se trata, talvez eu possa arranjar...

— Não, não tem importância. Obrigada. Eu telefono-lhe de novo na semana que vem.

Largou o auscultador no descanso.

Então era Chicago. O senador Bainbridge estaria em Chicago. De certo modo, aquilo não a surpreendia nem um pouco.

Esse fora o primeiro passo. Até aí nada de maior.

Agora o segundo. Jerry Griffith. Dentro de alguns minutos ele chegaria, e ela precisava de estar vestida, esperando. Viria confiante, à procura do seu ombro amigo, para chorar e receber as costumadas palavras de consolo. Mas desta vez não, Jerry. Nada de consolos, — nada de fingimentos. E nada de ombros, tão-pouco. Porque precisava dele para outra finalidade, para lhe desfechar o golpe que tinha de sofrer.

Depois o terceiro passo. Howard Moore. Mesmo na sua aflição pela perda da filha, especialmente na sua aflição, ela sabia que ele a receberia.

Finalmente o último passo. Telefonar para o Aeroporto Internacional. Reservar uma passagem para Chicago.

Eis tudo — quando se acredita em milagres.

Dirigiu-se ao quarto de dormir, cantando o estribilho na imaginação.

Califórnia, eu vou... Califórnia, eu vou...

Na manhã seguinte, quinta-feira, dia dois de Julho, um motorista e uma limusina de aluguer, chegados há poucos instantes do Aeroporto Internacional O'Hare, esperavam em frente do Sanatório de Convalescentes Sunnyside em Chicago.

No interior do hospital, além do alvoroço dos funcionários a levarem as bandejas do café dos quartos das pacientes para a cozinha e de dois faxineiros a esfregarem o piso do corredor com desinfetante, encontrava-se aberta a porta do gabinete do diretor.

Quem saiu primeiro foi o senador Thomas Bainbridge, seguido logo após por Mr. Holliday, que vinha radiante e a desfazer-se em medidas.

— Não, não, não, Senador — repetia outra vez Mr. Holliday —, esteja descansado, o senhor não perturbou a rotina de modo algum. As nossas horas de visita são sempre flexíveis.

— Obrigado, Mr. Holliday. A minha demora será breve.

— É uma honra, senador Bainbridge. É um prazer. Sei que Miss McGraw... perdão, Mrs. Sullivan... ficará encantada. É a segunda... há... visita importante que ela recebe em dois dias. Ontem, de Los Angeles...

— Eu sei, Mr. Holliday.

Haviam chegado à porta do salão de recreio.

— Só que, naturalmente, como já o avisei, senador Bainbridge, ela nem sempre se mostra comunicativa. Pode estar lúcida, falar com lógica, mas estas pacientes tendem frequentemente a ser um tanto, bem, um pouco... confusas. Mas se estiver num dos seus melhores dias, o senhor compreende...

— Compreendo perfeitamente, Mr. Holliday.

— Ela acabou de tomar café e a esta hora o senhor dispõe de bastante sossego.

Bainbridge entrou no salão de recreio e Mr. Holliday colocou-se de novo a seu lado.

— Qual é ela? — perguntou Bainbridge.

— A que está na mesa, sozinha, perto da janela do pátio — indicou Mr. Holliday. — Na cadeira de rodas, de casaco cor-de-rosa. A enfermeira está a ajudá-la... Ah, Miss Jefferson!

Quer chegar até aqui?

A enfermeira desengonçada veio rapidamente do outro lado do salão.

— Ela já está toda arranjada, Mr. Holliday.

— Ótimo, ótimo. Olhe, Miss Jefferson, eu prometi sossego ao Senador. Não deixe ninguém estorvar.

— Ficarei cuidando disso, Mr. Holliday.

— Bem, Senador... — começou o administrador.

— Se não leva a mal — interrompeu Bainbridge —, gostaria de ficar a sós com ela agora.

— Naturalmente, lógico — desculpou-se Mr. Holliday. retirando-se e levando consigo Miss Jefferson.

Bainbridge continuou parado no mesmo lugar.

Procurou ânimo. Há certas coisas que precisam de ser feitas.

Agora já não podia recuar. Tinha de avançar.

Aproximou-se depressa com a grande caixa de bombons.

Quando chegou bem perto, diminuiu o passo, e passou por trás da cadeira de rodas para a não assustar.

Ela estava de olhos fixos no centro da mesa, mas depois sentiu a presença de alguém e virou as faces cavadas para ele, mirando-o de alto a baixo, sem nenhuma reação.

— Cassie McGraw — disse ele.

Ela não reconheceu o nome nem registrou a sua presença.

— Posso sentar-me?

Sem esperar resposta, Bainbridge pôs a caixa de bombons em cima da mesa, atirou o impermeável para as costas da cadeira e sentou-se diante dela.

— O meu nome é Thomas Bainbridge — explicou. — Você não se lembra deste nome, não é?

Estava interessada na fita amarela do invólucro da caixa de bombons. Tentou puxá-

la. Ele pegou na caixa e ofereceu-lha. Ela acariciou o laço, mas não a aceitou.

— Trouxe-a para você — disse ele. — Quer que eu a abra?

Ela sorriu com doçura.

Ele tirou a fita, abriu o embrulho e a caixa, e ficou a segurá-la diante dela.

— Não quer provar um?

Ela olhou para os bombons, mas não se mexeu para tirar um.

— Qual é que você prefere? — perguntou ele. — Recheado?

Ela fez que sim.

Escolheu um de creme e entregou-lho. Ela levantou a mão, depois meteu o chocolate na boca e ficou a mastigar, distraída, enquanto continuava a sorrir para ele.

Agora, disse consigo mesmo, agora.

— Cassie — começou —, eu vim aqui numa incumbência especial, numa missão, pode dizer-se, de um homem que você uma vez conheceu e amou, e que a amou e até hoje ainda a ama. Vim aqui em nome de J J Jadway.

Esperou pela reação que o nome provocaria, mas parecia que ela não tinha ouvido.

Estava fascinada pelo alfinete de ouro da sua gravata. Mastigava o bombom e não tirava os olhos do cintilante alfinete.

— Cassie — recomeçou, insistente —, sei que às vezes lhe lêem os jornais e que de quando em quando você assiste ao noticiário pela televisão. Tenho a certeza de que está informada sobre o julgamento em Los Angeles por causa do livro de Jadway... aquele livro que ele escreveu, lembra-se. Os Sete Minutos? Pois, Jadway... tenho a certeza de que você sabe que ele está vivo...

Mas aí parou. Ficou à espera de algum indício de reconhecimento do fato. Não houve nenhum, mas o olhar passou finalmente do alfinete para o seu rosto. Julgou que talvez estivesse pronta para ouvir.

— Você recorda-se como permaneceu em Paris e fez o que ele lhe pediu para fazer —

continuou a dizer —, e como ele voltou para a levar a Cherburgo, e os dois regressaram juntos para Nova Iorque? Tinha ficado tudo combinado. Ele devia ser considerado morto.

Mas você e eu... e Sean... sabíamos que não era verdade. Foi o nosso segredo. Mas agora esse advogado de Los Angeles que esteve aqui ontem descobriu que Jadway está vivo e quer que ele se apresente como testemunha no julgamento. Para Jadway, não podia haver decisão mais terrível. Mas ele tomou-a. Ele não pode aparecer naquele julgamento, Cassie.

Porque o Jadway que você e eu conhecemos antigamente já não existe e ele não vê vantagem nenhuma em destruir o presente para salvar alguma coisa do passado. Depois que tomou essa decisão, só havia uma única preocupação para ele. Você, Cassie. Um dia, talvez você viesse a saber que o julgamento tinha sido perdido e que ele não estivera lá para defender o passado e tudo aquilo em que vocês dois acreditaram. Ele queria que você soubesse que o passado não pode ser revivido... que parte dele há-de sempre existir no íntimo de ambos, mas não pode jamais ressurgir por completo, consumindo todo o presente. Ele queria, Cassie, que você soubesse e compreendesse — Bainbridge fez uma pausa. — Eu só vim dizer-lhe, em nome dele, para que você pudesse realmente compreender e perdoar Jadway.

Ela engoliu o último naco de bombom e moveu os lábios.

— Quem é Jadway? — perguntou.

Ele endireitou-se no assento e permaneceu imóvel. Finalmente vergou o corpo de leve. Pensou: Agora parte-se este coração amante. Pensou: Boa noite, querido príncipe...

— Quem é Jadway?

Levantou e baixou a cabeça.

— exato, Cassie. Quem é Jadway? Ele está morto, não está? Morreu há muito tempo em Paris. Você tem razão, e ele também, em deixar o passado enterrado.

Ela sacudiu inexpressivamente a cabeça e sorriu. Bainbridge pôs-se em pé e tirou o impermeável da cadeira.

— Adeus, Cassie — disse baixinho.

Não soube bem se ela teria ouvido. A sua mão definhada já se estendia para a fita da caixa de bombons.

Afastou-se sem ruído.

Quando chegou de novo ao corredor, deu graças a Deus por não encontrar Mr.

Holliday. Dirigiu-se à mesa da recepção, tirou o sobrescrito comprido do bolso e entregou-o à recepcionista.

— É um cheque — disse. — Aplique-o, por favor, na conta de Mrs. Sullivan até ao fim do ano.

E saiu, A limusina estava à espera e o motorista saltou do assento para abrir a porta traseira.

Reparou então que outra porta de carro se abria — a porta de passageiro de um táxi estacionado logo atrás da limusina. Uma moça bonita, de fofos cabelos negros e olhos cinza-esverdeados, viva, desembaraçada e veemente como Cassie era antigamente, descera para a calçada e parecia apressar-se na sua direção.

A poucos passos da limusina ela deteve-o.

— Senador Thomas Bainbridge — disse, sem nenhuma interrogação na voz.

— Sim, sou o senador Bainbridge.

— Estive à espera do senhor durante os últimos quinze minutos — explicou. — O meu nome é Margaret Russell. Vim de avião de Los Angeles para falar com o senhor. É a respeito do julgamento de censura que termina hoje à tarde em Los Angeles. Não, não fui mandada por Mike Barrett. Foi Jerry Griffith quem me pediu que viesse.

— Jerry...?

— O rapaz que depôs que tinha sido o livro de Jadway que o impeliu a... a violar a moça, a moça que morreu ontem. Já sabia?

— Sim, naturalmente que sabia.

— Pois eu vim em nome de Jerry, porque o senhor é a única pessoa que ainda pode salvá-lo.

— Mas, menina, como é possível que eu possa salvá-lo?

— Fazendo com que J J Jadway vá hoje a Los Angeles, sem falta, para falar com Jerry, e depois...

— Mas, menina, eu não tenho a mínima ideia de quem a menina seja. E não vejo nenhum motivo plausível para tentar convencer Mr. Jadway a...

— Se escutar o motivo que eu tenho... não só por causa de Jerry, mas por causa de Cassie também... Por favor. Senador, o senhor não quer ao menos escutar?

Olhou bem para ela e viu o mesmo semblante, a mesma dedicação que Jadway devia ter visto na Cassie de tantos anos atrás.

— Está bem — concordou mal-humorado —, pode vir no carro comigo até ao aeroporto.

Mas, seja lá o que for que me possa dizer, acho que posso garantir-lhe que está a perder o seu tempo. Agora entre. Tenho de apanhar o avião.

Em Los Angeles, o julgamento tinha sido suspenso provisoriamente e o intervalo para o almoço recém-começara.

No sexto andar do Palácio da Justiça, dentro da saleta particular do Promotor Público, contígua ao seu gabinete, os quatro reuniram-se alegremente para saborear uma refeição do meio-dia que o eufórico Luther Yerkes mandara buscar ao Restaurante Scandia.

Yerkes havia chegado cedo, antes do intervalo e antes que a imprensa e os espetadores terminassem de retirar-se da sala do tribunal. Agora, ostentando uma nova peruca acaju, óculos de lentes azuis, amplo paletó desportivo azul-claro com botões de medalhão, e calças de Verão azul-marinho. achava-se agachado como um Buda festivo em cima do sofá cinzento com capa de linho, dedicando-se ao prato de Kaivfilet Oskar — costeletas de vitela com pernas de caranguejo — colocado sobre a mesa baixa de mármore à sua frente. Recostados em poltronas, de cada lado, com os pratos no colo, estavam Harvey Underwood e Irwin Blair. Somente Elmo Duncan não ficara sentado. Tinha comido apenas uma pequena porção do Kaivfilet Oskar e depois voltara impaciente às suas notas grampeadas que haviam ficado em cima da caixa cor de noqueira do rádio.

Mastigando sem parar, Yerkes percebeu o Promotor Público concentrado em suas notas.

— Elmo, você devia terminar de comer... — começou Yerkes.
Duncan levantou os olhos.

— Comer de mais prejudica o meu raciocínio — respondeu. —
Acho que temos uma grande tarde pela frente.

— Não há nada para você se preocupar, ora — retrucou Yerkes.
— Você esteve um colosso. O caso está no papo.

Duncan caminhou até ao centro da sala.

— Só está no papo quando o primeiro jurado diz: “Culpado”—
depois sorriu. — Mas acho que estamos em boa forma. Eles não têm
mais testemunhas. Estou certo de que Barrett vai declarar a defesa
encerrada hoje à tarde. É melhor eu ficar pronto para expor as
minhas considerações finais ao júri.

Bateu de leve nas notas.

— Sei que vocês já me ouviram ensaiar isto duas ou três vezes...

— Quatro — corrigiu Irwin Blair com um sorriso. Duncan ignorou-
o.

— Há alguns pontos que eu gostaria de retocar. Não se importa
que experimente com você?

— Adoraria ouvi-los — respondeu Yerkes, limpando a boca com o
guardanapo. — Cada sílaba para mim é puro ouro. Pode falar,
Demóstenes.

— Em primeiro lugar, o trecho em que analiso o depoimento do
Dr. Trimble sobre a relação entre pornografia e conduta anti-social.
Gostaria de reforçar esse trecho, citando pelo menos uma outra
autoridade. Qualquer coisa neste estilo. — Duncan pigarreou e
assumiu automaticamente a posição de orador. — Os achados de
numerosos psiquiatras apoiam a opinião do Dr. Roger Trimble. Entre
os mais respeitáveis, encontra-se o Dr.

Nicholas G. Frignito, chefe de psiquiatria do Tribunal Municipal de
Filadélfia. Foi o Dr. Frignito quem declarou a uma comissão do
congresso que cinquenta por cento da totalidade dos delinquentes
juvenis têm acesso à literatura libidinosa ou materiais semelhantes.
Foi ele quem disse: “A atividade anti-social, delinquente e criminosa
resulta frequentemente de estímulo sexual fornecido pela
pornografia. Esse estímulo sexual anormal cria uma tal necessidade
de expressão que é inevitável a sua satisfação por meios indiretos.

Moças fogem de casa e lançam-se na prostituição. Garotos e adolescentes...

ficam sexualmente agressivos e geralmente incorrigíveis.” Neste mesmo tribunal os senhores viram e ouviram um rapaz decente, que foi transformado num animal sexualmente agressivo e incorrigível por um livro, um livro chamado Os Sete Minutos.

Duncan fez uma pausa e o seu tom ficou informal.

— Depois entro com o que você já conhece do meu ensaio anterior, dramatizando o que o livro fez com Jerry Griffith.

— Ótimo — aplaudiu Yerkes.

— Também gostaria de me antecipar a Barrett e passar-lhe a rasteira antes que comece, como sem dúvida começará, a invocar as garantias da Primeira Emenda e o modo como estamos procurando suprimir a liberdade de expressão. Assim, por exemplo — retomou a pose de orador. — Ao condenar Os Sete Minutos não procuramos reprimir as liberdades a que se refere a Primeira Emenda. Pois quero deixar claro que esse livro sórdido não se acha incluído na proteção da Primeira Emenda. O fato é que na opinião expressa pela maioria do Supremo Tribunal no famoso caso de Samuel Roth em 1957, o ministro Brennan declarou com firmeza que a Primeira Emenda não garante liberdade de expressão aos distribuidores de material obsceno. “A proteção dada à expressão e à imprensa destina-se a assegurar o livre intercâmbio de ideias que favoreçam a consecução de mudanças políticas e sociais desejadas pelo povo... Todas as ideias que contenham a menor importância social compensatória — ideias pouco ortodoxas, controversas, até mesmo odiosas ao clima de opinião predominante — contam com a proteção máxima das garantias... Porém...”

Duncan fez uma pausa dramática, deixando a última palavra suspensa sobre os seus ouvintes, com uma figura oscilante à beira de um precipício, e depois, retomando-a, salvando-a, prosseguiu:

— Porém implícito na história da Primeira Emenda”, declarou o ministro Brennan, sempre porta-voz da opinião da maioria do Tribunal, “está o repúdio da obscenidade, totalmente destituída de importância social compensatória. Esse repúdio encontra-se espelhado pelo julgamento universal de que a obscenidade deve ser

refreada, expresso pelo acordo internacional de mais de cinquenta nações, pelas leis contra a obscenidade de todos os Estados e pelas vinte leis contra obscenidade decretadas pelo Congresso desde 1842 até 1956... Nós afirmamos que a obscenidade não pertence ao âmbito de expressão ou imprensa constitucionalmente protegidas.”

“Senhoras e senhores jurados, durante os dias deste julgamento, vimos procurando demonstrar-lhes que este livro, Os Sete Minutos, é completamente obsceno, totalmente destituído de importância social compensatória, estando, por conseguinte, fora da proteção garantida pela Primeira Emenda da nossa Constituição. Confiamos ter provado que este livro merece ser censurado... de fato, banido para sempre da sociedade civilizada — olhou para os outros. — Que tal lhes parece.”

— Formidável, o tiro de misericórdia, é para arrasar—regozijou-se Blair. — Pode contar até dez mil em cima de Barrett que mesmo assim ele não se levanta.

— Excelente — confirmou Underwood.

Yerkes pôs a mão em concha sobre o palito de ouro.

— Eu estou mais interessado no fecho das suas considerações finais. Você ia deixá-lo mais contundente.

— E deixei — disse Duncan.

Dirigiu-se ao rádio, largando-lhe em cima as notas, e voltou ao centro da sala, esfregando as mãos secas.

— Estão prontos? Aí vai.

Empertigou-se todo e começou a falar para o júri Invisível: — Senhoras e senhores jurados, o Estado acredita piamente que este livro foi feito por um autor com o olho lúbrico do pornógrafo e do comerciante profissional. Em apoio desta afirmação, expusemos aqui a mentalidade cínica e doentia, a mentalidade sádica, desse pornógrafo e de todos os outros vampiros depravados iguais a ele. Nós conduzimo-los a vocês numa viagem por um mundo subterrâneo onde vive, como certa vez disse o senador Sinoot a propósito do autor de Ulisses, “um homem de mentalidade tão corrompida e alma tão negra que até escureceria as trevas do inferno”. Esse homem é o pornógrafo cuja única vocação é sobreviver, enriquecer mesmo, e encontrar prazer com a degradação

do amor, com a exaltação do pecado, contaminando os inocentes com a lascívia... e que, com cada palavra suja, continua a estuprar a Musa. Esta é a mentalidade que perverte os jovens, escarnecendo a advertência de Cristo de que "ai de quem manchar a consciência de um desses inocentes que crêem em mim, pois faria melhor afogar-se nas profundezas do mar com uma pedra pendurada ao pescoço". Este é o pornógrafo que, caso for tolerado, sabemos pelas autoridades mais eminentes, transformará a nossa sociedade num mundo ainda mais "vulgar, brutal, angustiado, indiferente, desindividualizado, hedonista."

"Sabemos, de fato, pelo depoimento da nossa ilustre testemunha da França, Christian Leroux, e da nossa digna testemunha do Vaticano, o padre Sarfatti, que J J Jadway se enquadra perfeitamente nessa categoria, tendo sido pornógrafo confesso, disposto a transformar a nossa sociedade num mundo ao mesmo tempo vulgar e brutal. Que ele fosse uma das primeiras vítimas da sua própria obra desabonatória não é o aspecto que hoje nos preocupa. O que nos interessa é que a obscenidade que ele criou não fique ao alcance de novas vítimas. Sabemos, para nosso pesar, que este livro acaba de reclamar mais duas, convertendo Jerry Griffith num criminoso sexual contra a sua própria vontade e destruindo uma moça inocente, Sheri Moore. Quantas ainda os senhores permitirão que este monstro de obscenidade, este livro vil, este livro de J J Jadway, continue reclamando? Imploro-lhes que salvem os seus filhos, os seus lares, a própria sociedade, o próprio mundo, o seu e o nosso, algemando este monstro enquanto é tempo.

"Senhoras e senhores jurados, deixo em suas mãos o encargo de fazer justiça neste caso, ciente de que ao proceder assim, desobrigando-se deste ato de justiça, dormirão com a consciência mais tranquila, porque o mundo dormirá mais seguro depois do seu veredicto. Senhoras e senhores, obrigado."

Yerkes pôs-se em pé num salto, seguido por Underwood e Blair, cada qual aplaudindo com o maior entusiasmo.

Duncan, ainda inflamado, sorriu meio desajeitadamente. Depois, olhando-os nos olhos, disse:

— Estou a falar sério, sabem? Pesei cada palavra... Então, alguma sugestão?

— Só uma — respondeu Yerkes. — Acho que estamos prontos para a nossa sobremesa.

Noutro canto do sexto andar do Palácio da Justiça, no recinto privado da sala de conferências que a defesa usara frequentemente durante os intervalos de duas horas para almoço, os cinco haviam desabado em torno da mesa em várias atitudes de desânimo.

Aquilo era para ser uma refeição, mas para Mike Barrett mais parecia um velório.

Taciturno, Barrett, sem tocar no prato à sua frente, contemplou primeiro Zelkin e Kimura, depois Sanford e Fremont, que mastigavam sanduíches e bebiam o último golo do café tépido ou dos refrigerantes sem gelo.

Zelkin empurrou o seu prato para o lado.

— Olhe — disse ele —, este não é propriamente o comício de vitória mais optimista a que eu já compareci.

— Você acha que alguém pode estar a dar urras? — perguntou Sanford.

Zelkin puxou para mais perto de si o gravador portátil.

— Bem, há as considerações finais que Mike ditou nas primeiras horas da madrugada.

Parece-me um colosso — dirigiu-se ao sócio. — Não se importa que eu comece desde o início? Talvez nos dê uma injeção de ânimo.

— De que vale a injeção — replicou Barrett-, se o paciente já morreu?

— Em todo o caso, vamos escutar — insistiu Zelkin. — Pode ser que nos venha alguma ideia.

Premiu a tecla e a fita pôs-se imediatamente a girar. As considerações finais gravadas por Barrett saíram num tom metálico pelo minúsculo altifalante.

— O comportamento da defesa nesta causa norteou-se pela sabedoria dos espíritos jurídicos mais esclarecidos do nosso tempo — anunciou a voz de Barrett na fita. — Foi o ministro Douglas, do Supremo Tribunal, quem escreveu: A ideia de usar censores para impedir pensamentos sexuais é perigosa. Uma pessoa sem esse tipo

de pensamento é anormal. Os pensamentos sexuais podem induzir a práticas sexuais que melhorem as relações conjugais. Pensamentos sexuais que tornem o amor atraente certamente não deveriam ser proscritos. Se incluem o que é ilícito, isso não implica diferença constitucional. Pois a educação a propósito do ilícito pode muito bem estimular as pessoas a procurar as suas experiências no conúbio e não em outros lugares.”

“Assim falou um ministro da Corte Suprema dos Estados Unidos. Não ter pensamentos sexuais é anormal. Tê-los é normal. Usar leis contra a obscenidade para cercear pensamentos sobre o sexo é perigoso. Proibir uma obra de arte por encorajá-los é uma ameaça à saúde da nossa sociedade.

Este tem sido o ponto sustentado pela defesa durante os dias deste julgamento.

“Não foi apenas o ministro Douglas quem definiu a nossa causa. Em 1957, como consequência do famoso caso Roth, outro ministro do Supremo, o ministro Brennan, declarou o seguinte: “Sexo e obscenidade não são sinônimos. O material obsceno é o material que trata o sexo de um modo que atrai o interesse libidinoso. O retrato do sexo... em arte, literatura e obras científicas, não constitui, de per si, razão suficiente para negar ao material a proteção constitucional de liberdade de expressão e de imprensa. O sexo, grande e misteriosa força motriz da vida humana, sempre foi, indiscutivelmente, assunto de palpitante interesse para a humanidade; é um dos problemas vitais de interesse humano e preocupação pública”.”

Barrett estremeceu ao ouvir as palavras do seu próprio ensaio, mas Zelkin continuava fascinado. Mexeu no gravador, correndo a fita para diante, parando-a, recomeçando.

— Há uns trechos que estou a tentar... Espere, já achei. Quero escutar esta parte de novo, Mike. Onde você comenta as fantasias que os livros pornográficos inspiram. Prestem atenção.

O discurso gravado por Barrett encheu a sala.

— Senhoras e senhores jurados, do banco das testemunhas todos ouviram o ilustre psiquiatra, Dr. Yale Finewood, falar sobre os efeitos inócuos da pornografia. O efeito mais sinistro dessas leituras,

segundo esse depoimento, é o de conjurar fantasias no espírito do leitor. Com relação a esse ponto, dois psicólogos ingleses formularam a pergunta: O que há de tão terrivelmente errado sobre a fantasia erótica e a disseminação de material, até mesmo chocante, que nutre o desejo da pessoa sexualmente imatura por essas fantasias?

Eis aí uma pergunta importante. Antes de responder, talvez fosse conveniente indagar a que tipo de conduta essas alucinações levam o leitor. Sabe-se que o grande diarista Samuel Pepys leu um livro pornográfico em 1668, ficando extraordinariamente excitado por ele. O livro, publicado três anos mais tarde, era *L'École des Filles*, de Michel Millilot. A história consistia num diálogo entre duas mulheres, uma virgem e a outra com vasta experiência em relações sexuais. Pepys definiu-o como "um livro tremendamente lascivo", porém leu-o até ao fim e depois escreveu que o deixara em ereção e o excitara bastante para fazê-lo masturbar-se. Esse efeito ocasional de leitura de um livro lascivo foi compreendido por outra figura literária, o Conde de Mirabeau, estadista que desempenhou importante papel na Revolução Francesa e veio a ser presidente da Assembleia Nacional em 1791. Quando prenderam Mirabeau por ter fugido com a esposa de dezanove anos de um marido de setenta, ele procurou mitigar o tédio do encarceramento, escrevendo, simultaneamente, tratados sociais e livros de conteúdo pornográfico. Entre os últimos, havia uma obra intitulada "Ma Conversion", e com saudável franqueza Mirabeau prefaciou a obra erótica com este convite direto ao público leitor: "E agora leiam, devorem, masturbem-se."

Zelkin deu uma gargalhada.

— Genial, Mike. O júri ficará preso a cada palavra. Ouçamos o resto.

A voz de Barrett continuou a sair pelo altifalante.

— "Masturbem-se". Talvez o termo cause nervosismo. Não é certamente um ato que a defesa recomende... embora Mark Twain, por brincadeira, o recomendasse em seu tratado impresso sigilosamente "Reflexões sobre a Ciência do Onanismo". O que a defesa está a dizer é que o pior resultado da leitura de um livro erótico pode ser a masturbação, ato que não é nocivo a ninguém, ao

passo que o leitor de uma obra que trate de homicídio culposo não encontraria uma válvula de escape tão inofensiva para satisfazer as suas hostilidades exageradamente estimuladas... a não ser.. provavelmente, algo tão danoso como sair a correr à procura de alguém para bater ou assassinar.

“O que me traz a outro ponto que a defesa procurou expandir através das suas testemunhas. Existe um certo paradoxo, sucintamente expresso por aquele estudioso dos problemas da censura, Gershon Legman, que o colocou da seguinte maneira: “O assassinio é um crime. Descrever o assassinio não o é. O sexo não é crime. Descrever o sexo é.” Este ponto pode ser desdobrado noutra direção. O famoso antropologista inglês Geoffrey Gorer estranhou que os censores acreditem que a leitura de um livro sobre sexo deprave, corrompa e leve uma pessoa à violência sexual, enquanto a de um livro sobre assassinio, um romance policial, de mistério, não deprave, nem corrompa nem leve ninguém a cometer homicídio. Existem respostas psicológicas, e os senhores ouviram-nas expostas perante este tribunal.

“À medida que este julgamento se desenvolve, a defesa vem apresentando provas que apoiam duas declarações, uma feita por um psiquiatra e a outra por um colunista de jornal. O psiquiatra, Dr. Robert Lindner, certa vez escreveu o seguinte: “Estou convencido de que, se todos os livros e materiais afins, supostamente contestáveis, desaparecessem amanhã da circulação, isso de nenhum modo afectaria as estatísticas do crime, delinquência, conduta amoral e anti-social ou enfermidade e angústia pessoal. A mesma sociedade frustradora e repressiva continuaria a existir e tanto as crianças como os adultos se exprimiriam em termos de rebeldia contra ela. Esses problemas só serão resolvidos quando tivermos a coragem de enfrentar as questões sociais fundamentais e as perplexidades pessoais que causam tal conduta”.

“Quanto ao colunista de jornal, Sydney J. Harris., expressou-se como segue: “Acontece que não creio que a obscenidade, de espécie alguma, seja tão nociva como certa gente parece acreditar. As imoralidades profundas da nossa época são a crueldade, a

indiferença, a injustiça e o uso dos outros como meios em vez de como fins em si mesmos.

Se tudo aquilo que se considera indecente ou obsceno fosse eliminado da noite para o dia, nem por isso o mundo ficaria manifestamente melhor, nem os cidadãos seriam mais morais”.”

Zelkin calçou o botão para parar o gravador e depois o que fazia a fita girar para diante. Barrett protestou contra o reinício da fita.

— Acho que já ouvimos que chegue, Abe.

— Só mais um trecho, Mike. Onde você começa com Platão.

Tentou localizá-lo no aparelho. Enquanto isto, perguntou: — Ei, como é que você sabe que ele vai citar Platão nas considerações finais dele?

— Vi uma vez usá-lo num discurso para a UFO — respondeu Barrett. — Ele não será capaz de resistir à tentação de usá-lo de novo. Há-de querer imprimir uma autoridade clássica ao argumento.

— Pronto, encontrei — anunciou Zelkin. — Agora façam silêncio. Atenção. A voz do nosso mestre.

Barrett ouviu novamente a sua voz a sair do gravador e fechou os olhos, já que não podia fechar os ouvidos. Prestou atenção juntamente com os outros.

— O ilustre Promotor Público declarou-lhes que o filósofo Platão foi favorável à censura literária. De fato foi. Para ser mais preciso, ele quis censurar a Odisseia, de Homero, para a juventude. Mas o que o meu nobre colega não mencionou é que Platão também quis censurar a música... especialmente os flautistas. Ora, isso não me deixaria muito feliz se eu vivesse na República de Platão. Porque gosto de flauta. Mas Platão não gostava. Portanto eu não poderia comprar ou tocar uma flauta em minha casa ou mesmo escutar os suaves sons da flauta na sua utopia, porque um censor me diria que a flauta iria depravar-me e corromper-me. Em suma, quem pode dizer o que deve ser proibido a todos?

Ou melhor ainda, quem pode dizer o que é obsceno para os outros?

“O nobre colega está certo de que sabe o que é obsceno. Com essa certeza, ele acha que os senhores precisam conhecer não só as atividades como também os motivos de duas pessoas: o pornógrafo

e o livreiro. O douto Promotor, no entanto, omitiu uma pessoa-chave com esse duo. Omitiu o próprio censor. E eu sugiro que se o conhecimento do pornógrafo tem sido relevante para este julgamento, então o conhecimento da psique do censor, que é quem nos pode dizer o que é obsceno e o que não é, igualmente é relevante e importante para julgar Os Sete Minutos.

“Um traço comum parece distinguir os censores das pessoas comuns. Somente os membros dessa estirpe são presunçosos, categóricos, e até íntegros na sua crença de que sabem o que é bom e o que é ruim para nós. Um livro como Os Sete Minutos pode ser-nos nocivo, dizem eles, pode mesmo levar-nos a cometer crimes de violência. Mas porque somos “nós” que temos de ser protegidos e nunca “eles”? Porque é que o censor, que está exposto à mesma literatura perigosa que nós, nunca fica corrompido por ela, nunca fica contaminado por ela, nunca se transforma num estuprador depois de lê-la? Porque goza o censor dessa imunidade, e ninguém mais? Porque serão outros prejudicados, mas nunca o próprio censor?

“O que nos leva a uma pergunta correlata. Como se explicam os milhares de pessoas respeitáveis em todos os tempos que leram e colecionaram livros pornográficos, e contudo nunca foram destruídos ou levados à violência por eles? O que dizer de Richard Monckton Milnes, o primeiro Barão Houghton, homem culto que colecionava pornografia? E de Coventry Patmore, o poeta católico, colecionador de pornografia? E de J. Pierpont Morgan e Henry E. Huntington, símbolos do moderno sucesso americano, que colecionaram pornografia para as suas bibliotecas, e do Dr. Alfred Kinsey, o nosso libertador sexual, que a colecionou para a ciência? E dos conservadores do Museu Britânico, em Londres, que cuidam de vinte mil livros supostamente obscenos, e dos prelados da Biblioteca do Vaticano em Roma, que supervisionam vinte e cinco mil volumes de erotismo? Onde está a prova de que livros sobre o sexo degradaram qualquer desses homens?

“Examinemos, rapidamente, mais alguns aspectos. Os dois censores mais célebres do mundo de língua inglesa foram Thomas Bowdler, que morreu na Inglaterra em 1825, e Anthony Comstock,

que morreu nos Estados Unidos em 1915. Ambos viveram até à idade de setenta e um anos, dedicados na maior parte à censura literária e nenhum dos dois se viu incitado, pela pornografia, a cometer estupro ou assassinio.

“Thomas Bowdler, que era médico e clérigo, leu as peças de Shakespeare e ficou estarelecido. Havia A Décima-Segunda Noite, tão rica em tiradas de duplo sentido como: “Por Deus, esta é a letra da minha amada! este é bem o C dela, e este o U, assim mesmo ela traça o T e é deste modo que gosta do P, bem grande.” Havia Muito Barulho por Nada, em que o “alçapão (O tapa-sexo usado pelos homens dos séculos XV e XVI por cima da malha para ressaltar o tamanho dos órgãos genitais, sinal de virilidade.) de Hércules parece tão volumoso como a sua clava”. E peças como Romeu e Julieta. Hamlet e Macbeth, com caçoadas grosseiras e palavras como “puta” e “rameira”. Bowdler sabia o que precisava de ser feito para salvar os jovens da corrupção de Shakespeare e pô-lo em prática. Em 1818, publicou a sua coleção em dez volumes expurgados, que denominou Shakespeare para as Famílias, explicando: “Muitos termos e expressões que surgem no texto são de natureza tão indecente que se torna extremamente aconselhável que sejam suprimidos”. Aos críticos indignados, que se enfureceram com a pudicícia e os cortes do censor, Bowdler respondeu: “Se alguma palavra ou expressão é de tal natureza que a primeira impressão que causa é de obscenidade, essa palavra não devia ser dita, nem escrita, nem impressa; e, se impressa, precisa de ser suprimida”. Foi assim que um homem, um censor, mexeu nos ossos de Shakespeare. E no ano da sua morte Bowdler publicou uma versão pessoal da História da Decadência e Queda do Império Romano, também censurada, purificada, tornada asséptica para o público atrasado da época que ele acreditava que tinha de ser informado sobre o que podia ler.

“Em Nova Iorque, o nosso próprio Anthony Comstock, veterano da Guerra Civil, figura de proa da ACM, com as suas costelas e roupa de baixo de flanela vermelha que aparecia por baixo dos punhos da sobrecasaca preta, saiu de Bíblia em punho numa perpétua cruzada contra tudo o que era “libidinoso e lascivo” em literatura e arte. Em

1913, como inspetor experimentado dos Correios dos Estados Unidos e diretor de longa data da Sociedade Nova-Iorque para a Supressão do Vício, gabava-se de ter mandado para a prisão um número de editores e escritores suficiente para lotar sessenta e um vagões ferroviários e de ter destruído cento e sessenta toneladas de literatura obscena. Confessou, também, que havia arruinado dezasseis vidas, pessoas que, na maioria das vezes, foram perseguidas até ao suicídio pelo seu puritanismo fanático. Entre outros, Comstock conseguiu que Walt Whitman fosse despedido do emprego do Ministério do Interior por ter escrito Folhas de Relva. Obteve a proibição dos livros de Margaret Sanger sobre o controlo da natalidade, mandando prender o marido por vender essas publicações imorais.

Atacou a peça de George Bernard Shaw, *A Profissão da Sr.a Warren*, e o inócuo quadro de nudismo de Paul Chabas, *Manhã de Setembro*. Depois que ele morreu, Heywood Brown escreveu o seu epitáfio: "Anthony Comstock talvez estivesse perfeitamente certo na sua suposição de que a divisão das criaturas vivas em machos e fêmeas fosse um equívoco vulgar, mas uma conspiração de silêncio em torno do assunto dificilmente alteraria os fatos".

"Thomas Bowdler e Anthony Comstock continuam vivos em nossa língua. Em 1836, Perronet Thompson cunhou o verbo "bowdlerizar", significando "expurgar". Em 1905, George Bernard Shaw lançou o substantivo "comstockery" como sinónimo de censura intrometida, puritana. Hoje, às sombras de Bowdler e Comstock continuam a projectar-se em nossas vidas sempre que um indivíduo ou grupo insiste em que sabe o que devemos ler ou pensar a respeito de sexo. Nós estamos aqui neste tribunal, porque nos disseram que não deveríamos ler *Os Sete Minutos*, quiséssemos ou não. Disseram-nos que este livro, no consenso de um punhado de inteligências, é obsceno, perigoso e sem remissão. O meu colega e eu estamos aqui para dizer que o que é obsceno aos olhos de um pode ser moral e valioso aos olhos de outro."

Barrett já ouvira que chegasse.

— Pelo amor de Deus, Abe, desliga essa coisa!

Surpreendido, Zelkin comprimiu o botão e o aparelho parou.

— Desculpe, Abe — pediu Barrett —, mas ao escutar as minhas próprias palavras de que o que é obsceno aos olhos de um pode ser moral e valioso aos olhos de outro... fez-me perceber de novo todo o nosso apuro. Posso até imaginar o pensamento dos jurados ao colocar-se a questão... Os Sete Minutos moral e valiosa para quem? Para aquela moça morta, Sheri Moore... supondo-se que eles saibam o que lhe aconteceu... ou para aquele pobre rapaz, Jerry Griffith? Não dá, Abe.

— É um fecho vigoroso, Mike — opinou Zelkin seriamente.

— Mas não o bastante — replicou Barrett.

Zelkin mergulhou no mutismo geral, e Barrett, para ficar só, virou-se para o próprio íntimo, passando em revista o que lhe sucedera nos últimos dias do julgamento, e depois tentando prever a morte na arena que o esperava dentro de poucos instantes.

A defesa apresentara e interrogara a sua derradeira testemunha esta manhã e a acusação completaria a inquirição da mesma testemunha logo depois do almoço. Com isto, não sobrava mais corda nem tempo. Tinham chegado ao término, Barrett sabia, sem abrir uma brecha nos argumentos de Duncan. As provas da Promotoria continuavam tão fortes e irrefutáveis como na primeira semana do julgamento: Jadway era um pornógrafo dissoluto e de mentalidade comercial que se suicidara por remorso de ter escrito *Os Sete Minutos*, o livro incitara violência (e era capaz de continuar a corromper leitores), conforme ficara provado com o crime de Jerry Griffith, levando posteriormente à morte de uma vítima inocente.

Durante a manhã inteira Barrett vira isso no rosto dos doze componentes do júri. A maioria desviara os olhos, porque já sabia o que devia fazer com ele e com o réu. Os poucos jurados restantes, que surpreendera a observá-lo sub-repticiamente de vez em quando, também pareciam considerá-lo como o advogado do Diabo, por defender e promover o que era malévolos.

A esta altura, julgava Barrett, os doze jurados eram praticamente tão objetivos e desapaixonados como seriam os pranteadores amanhã à beira do túmulo de Sheri Moore.

Sentado ali, Barrett fechou os olhos doloridos e procurou imaginar as reações daqueles jurados, as suas caras, se soubessem

toda a verdade do que ele agora sabia mas não podia provar. Como ficariam espantados, como ficariam escandalizados, como subitamente veriam Jadway, ele e Os Sete Minutos sob outro aspecto.

O seu espírito voltou-se para Cassie McGraw, perguntando-se se ela jamais chegaria a ter outro dia de lucidez, e caso tivesse, o que pensaria desse repúdio do seu amor sadio, do seu passado e do livro enterrado que devia ter servido de monumento a ela e guia de todas as mulheres inibidas e amedrontadas.

O seu espírito saltou para Washington e de lá para um lugar nebuloso e ignorado onde o idoso J J Jadway vivia em paz com o seu segredo. Barrett refletiu sobre os confusos pressentimentos e alívio de Jadway, e depois ficou a pensar o quanto Jadway não haveria de apreciar o seu cargo entre os supremos juizes do país.

Os jurados, entretanto, não sabiam nem viriam a saber que não tinham escutado os principais atores do drama ou testemunhado a verdadeira atuação da verdade. Em breve estariam a ouvir as considerações finais de Duncan, e finalmente as suas, após o que prestariam atenção às instruções do juiz Upshaw. Seriam conduzidos à sua sala no pavimento superior pelo oficial de justiça, para fingir que iam deliberar sobre um veredicto já predeterminado. Depois de um respeitável lapso de tempo (destinado a sublinhar a integridade do júri), reapareceriam para pronunciar o seu julgamento final. E voltariam aos seus lares, às cozinhas, salas de refeições e dormitórios familiares, certos de terem servido a justiça, a democracia, a Constituição e de terem apoiado a causa da verdade e da liberdade.

Barrett procurou lembrar-se de um trecho de Eggteston que lera quando frequentava a Faculdade de Direito: "Não creio que exagero ao dizer que a prova contém apenas fragmentos calidoscópicos dos fatos. É como se um pano xadrez de quadros claros e escuros cobrisse toda a realidade. O que fica registrado nos anais é o que se enxerga pelas nexas claras."

Barrett tinha a certeza de que esses jurados conscienciosos e complacentes, que dentro em breve seriam dispensados, jamais saberiam o que se escondia atrás das nexas escuras.

E havia ainda nexas escuras que lhe ocultavam também a realidade. Ele sabia mais que os jurados, mais que o Promotor Público, mas não sabia tudo e não sabia o suficiente.

Depois, sem se dar conta, lembrou-se de Maggie Russell, que não encontrara no apartamento na noite anterior. Havia apenas uma nota enigmática, encostada ao telefone: "Tive de sair para tratar de um assunto urgente. Amanhã falo com você. — Amanhã já era hoje, e onde andava ela a tratar de que assunto?"

E Faye, a maldita Faye Osborn que havia predito o desfecho da questão. Ela equivocara-se sobre o mérito daquela causa, porém acertara sobre a sua impossibilidade de vitória e sobre os efeitos desastrosos que teria no ânimo e na reputação de Barrett.

Gostaria de que tudo estivesse terminado. Não suportava a ideia de voltar ao tribunal e à cena da carnificina.

Um antiquíssimo estribilho infantil que lhe ocorrera na véspera e não lhe saíra mais da cabeça, continuando insistente a noite toda e pela manhã fora, repetia-se monotonamente sem parar. Não era fanático por basebol, a não ser em época do campeonato nacional, porém estava familiarizado com a literatura e o folclore desportivo, e certa vez no auditório do colégio secundário tinha ouvido o poema de E. L. Thayer declamado no palco, e em momentos de derrota iminente a última estrofe sempre o importunava. A agulha emperrada tocou mais uma vez a última estrofe.

Ah! deve haver algum lugar Sei lá onde, além mar! Em que o estádio hoje irradia Só trovões de euforia. Aqui, porém, nem tanto: A torcida caiu em pranto Pois malgrado entrar de sola O jogador errou a bola.

E os homens livres caem em pranto — o pobre Barrett errou a bola.

Abriu os olhos para entrar na conversa.

Zelkin dirigia-se a Phil Sanford:

— Olhe, Phil, quando o tribunal se reunir de novo, dentro de meia hora, Duncan voltará para completar a inquirição do nosso Dr. Finegood. Depois teremos de apresentar a próxima testemunha. Que não existe. Portanto só me restará declarar encerrada a defesa.

Então Duncan aduzirá as suas considerações finais, e Mike se encarregará das nossas, que, como você sabe, são ainda melhores do que os trechos que acabamos de ouvir gravados.

Finalmente Upshaw dará as instruções ao júri. Eles retiram-se e não demoram muito a voltar. Sim, eu acho que o veredicto é para hoje mesmo à tarde.

Ben Fremont parou de limpar os óculos.

— Mal posso esperar — disse, amargurado.

— Não é só você que está numa enrascada — replicou Sanford.
— Pense no que me vai acontecer.

Zelkin olhou de soslaio para Mike no outro lado da mesa.

— Está pronto para atacar de rijo, Mike?

— Não — respondeu Barrett, desanimado. — Mas estarei.

— Talvez ainda dê para lançar um pouco de fogo naquele júri — opinou Ben Fremont.

— Com que fósforo? — perguntou Barrett.

Por associação de ideias, lembrou-se de um velho aforismo. Fogueira fraca não clareia a noite. De fato, concordou. Arrancou, apático, uma ponta da sua sanduíche e pôs-se a mastigá-la. Jamais tinha percebido como o pão podia ter gosto de cinza.

Ouviram-se três pancadas na porta.

— Entre — disse por cima do ombro.

A porta abriu parcialmente enquanto se virava para ver quem era. Um guarda meteu a cabeça na fresta.

— Está ali uma moça a perguntar pelo senhor, Mr. Barrett.

— Uma moça? Oh!... quem é?

O guarda retrocedeu e Maggie Russell entrou apressadamente na sala, com os olhos brilhantes e as feições iluminadas por um secreto entusiasmo.

— Maggie... — exclamou Barrett, meio levantado. — Aonde é que você...?

— A Chicago — atalhou ela. — Fui sozinha. Mas voltei acompanhada. Você já o conhece, Mike, porém vou apresentá-lo ao resto do grupo.

Escancarou a porta.

— Estão todos aqui — anunciou em voz alta para o corredor.

Uma figura digna e imponente surgiu no limiar, fitou os presentes, adiantou-se e fechou a porta.

— Cavalheiros — disse Maggie —, permitam-me que lhes apresente o senador Thomas Bainbridge!

Barrett, todo atrapalhado, derrubara a cadeira ao levantar-se. Endireitou-a, olhando assombrado para o visitante.

— Senador — murmurou, ouvindo que os outros também se erguiam.

Thomas Bainbridge cruzou a sala com passo-firme e parou diante de Barrett. E fez então o que Barrett ainda não o vira fazer. Sorriu. Não com facilidade. Mas sorriu.

— Mr. Barrett, ontem o senhor esforçou-se o máximo. No fim, contudo, quem terminou por me persuadir foi a sua jovem amiga. Esta moça e... e outra que outrora também o foi, em Chicago, devo dizer, foram quem me convenceram. Uma fez-me lembrar a responsabilidade do homem perante o seu passado e a outra perante o seu futuro-e de repente acrescentou: — O senhor gosta de poesia, Mr. Barrett?

A velha estrofe de Thayer ainda pairava na memória de Barrett, só que se envergonhava agora dela e afastou a da ideia.

O senador Bainbridge não esperou resposta.

— Pois Mr. Jadway sempre se interessou por poesia, e há um certo verso de James Russell Lowell que reproduz com grande eloquência os sentimentos pessoais de Mr.

Jadway. Com efeito, Lowell diz que admira o homem que está disposto a sacrificar...

metade da reputação atual pela liberdade de pensar... concluindo depois mais ou menos assim: seja forte ou seja fraca a causa por que lutar, arriscará a outra metade pela liberdade de falar.

Fez uma pausa, sem constrangimentos, enquanto Barrett e os demais aguardavam em confuso silêncio.

Pigarreou.

— A rima pode ser pobre — prosseguiu — mas o sentimento é perfeito.

Desviou o olhar para os outros e depois tornou a fixá-lo em Barrett.

— Eis aí a sua resposta, Mr. Barrett. Sim, o senhor terá a testemunha estrelar que deseja. Prepararei o caminho pessoalmente. E por fim, caso ainda queira, trarei J J Jadway hoje mesmo ao banco das testemunhas, para depor perante o mundo.

— Pode chamar a sua próxima testemunha, Mr. Barrett.

— Obrigado, Meritíssimo.

Anunciou o nome, ouviu o rebuliço na sala do tribunal e depois mandou chamar a testemunha.

Enquanto o escrivão se apressava a trazer a Bíblia ao banco, e a testemunha se adiantava ao seu encontro, Mike Barrett ficou de pé ao lado do relator, contemplando a máquina de estenotipia batendo levemente e os caracteres se formando velozes sobre o rolo de papel.

Observando-os, hipnotizado pelo seu augúrio, podia visualizá-los no traslado final, datilografado, "O Povo do Estado da Califórnia contra Ben Fremont: SENADOR THOMAS BAINBRIDGE chamado para depor em defesa do réu, tendo antes prestado o devido juramento, foi interrogado e testemunhou o seguinte: ESCRIVÃO: Declare o seu nome. por favor. TESTEMUNHA: Senador Thomas Bainbridge. ESCRIVÃO: Soletre o sobrenome, por favor. TESTEMUNHA: B-a-i-n-b-r-i-d-g-e. ESCRIVÃO: Queira sentar-se, Senador.

Barrett virou-se para o banco das .testemunhas.

Sabia que tinha a atenção do júri, do juiz, a atenção concentrada de todos os que se encontravam na sala apinhada de gente do tribunal, porque à sua frente estava a testemunha mais enigmática e ilustre que já comparecera no julgamento.

— Senador Bainbridge, qual é a sua ocupação atual?

— Sou membro do Senado dos Estados Unidos, em Washington, nomeado recentemente pelo Governador de Connecticut para concluir o mandato do falecido senador Mawson.

— Qual foi a sua ocupação imediatamente anterior à atual?

— Servi como Reitor da Faculdade de Direito da Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut.

— E antes disso?

— Era juiz do Tribunal de Recursos em Connecticut.

— Ocupou alguma vez qualquer posição não relacionada com a jurisprudência?

— Sim. Quando mais moço, por um período de dez anos, fui presidente de uma fábrica herdada de meu pai, que a herdara de meu avô.

— E foi depois disso, desses dez anos, que se tornou juiz?

— Foi.

— Posso perguntar-lhe porque trocou os negócios particulares pelo Direito?

— Porque a firma da família já não precisava mais de mim. Achei que o possível talento que possuía encontraria melhor aproveitamento se colocado ao serviço do meu Estado e da minha Pátria.

— Durante o tempo em que o senhor atuou como servidor e professor de jurisprudência, e agora como Senador, nunca escreveu nem publicou nenhum livro?

— Publiquei.

— Eram obras de ficção?

— Não, pelo contrário. Escrevi e publiquei dois compêndios de jurisprudência.

— Conhece ficção, clássica ou moderna?

— Como leitor, sim, conheço clássica e moderna. Considero a leitura de romances um modo ideal de descansar.

— Já leu alguma vez um romance intitulado Os Sete Minutos, de J J Jadway?

— Li, sim senhor.

— Leu-o mais de uma vez?

— Li várias vezes.

— Quando foi a data mais recente em que o leu na íntegra?

— Ontem à noite ainda.

— Conhece o segundo parágrafo do artigo 311 do Código Penal da Califórnia?

— Conheço.

— Sabe que Os Sete Minutos está sendo acusado de matéria obscena, segundo o referido parágrafo?

— Sei.

— Senador Bainbridge, o senhor considera Os Sete Minutos obsceno?

— De maneira alguma. Considero-o como um livro altamente moral.

— Acredita que o autor dessa obra estivesse a servir de instrumento a interesses libidinosos, vergonhosos ou mórbidos em matéria de nudez, sexo, excreção, ao escrevê-la?

— Não só não acredito como sei perfeitamente que ele não estava a servir de instrumento ao interesse libidinoso do leitor ao escrever este livro.

— O senhor sabe que o livro não foi escrito visando o interesse libidinoso. Posso indagar, Senador, como é que o senhor sabe?

— Porque conheço intimamente as circunstâncias da criação e publicação de Os Sete Minutos.

Correu um rumor de perplexidade entre o corpo da imprensa e os espetadores.

Antes que o juiz Upshaw pudesse usar o martelo, o reinício do interrogatório de Barrett já silenciara a sala.

— Quer explicar aos jurados e ao tribunal como chegou a esse conhecimento íntimo?

— Com todo o prazer, sr. advogado. Nenhuma pessoa viva, nem mesmo a respeitável Miss Cassie McGraw, conheceu melhor ou mais de perto o autor J J Jadway do que eu.

Barrett notou a curiosidade dos jurados, curvados para a frente, atentos em suas cadeiras, e de novo ouviu, à retaguarda, os murmúrios dos espetadores. Depois a sala ficou em silêncio, ávida por escutar mais.

— Senador, o senhor está a dizer que se encontrava em Paris quando J J Jadway escreveu Os Sete Minutos?

— Estou a dizer que me encontrava em Paris quando ele escreveu o livro.

— Sabe quais foram os motivos que teve para escrevê-lo?

— Sei.

— Sabe como ele vivia quando escreveu o livro?

— Sei.

— Conhece os acontecimentos da vida dele que se seguiram à publicação clandestina do livro?

— Conheço.

— Esse conhecimento em primeira mão que o senhor tem sobre J J Jadway e Os Sete Minutos confirma ou contradiz o depoimento prestado neste tribunal pelas testemunhas de acusação?

— A minha informação sobre o verdadeiro Jadway e o verdadeiro propósito que teve ao escrever e publicar esse livro contradiz por completo e inteiramente as provas apresentadas até agora perante este tribunal.

Escutando o murmúrio crescente de vozes empolgadas nas suas costas, Barrett esperou pelo batimento do martelo do juiz e, depois de ouvi-lo, aproveitou-se rapidamente do silêncio por ele causado.

— Senador Bainbridge, o senhor deu conta de que as testemunhas precedentes prestaram juramento, fizeram os seus depoimentos sob palavra, arriscando-se a uma acusação de perjúrio em caso de mentira... que estavam sob juramento assim como o senhor está neste momento?

— Elas não mentiram. Simplesmente não disseram a verdade. Porque não sabiam qual era. Tudo o que foi ouvido neste tribunal até agora a respeito de J J Jadway, tudo o que diz respeito ao motivo que teve para escrever o livro, dos seus sentimentos sobre ele, do seu intento e propósito, do seu caráter, hábitos, situação e morte, pertence à mais pura ficção, ficção planeada e perpetrada pelo próprio Jadway, por motivos ligados à sua vida privada.

— Senador, o senhor está preparado para nos dar a sua versão da vida de Jadway e das circunstâncias que cercaram a publicação de Os Sete Minutos?

— Estou.

— Senador Bainbridge, antes que o senhor comece; creio que o tribunal estaria interessado em saber por que motivo o senhor se apresentou somente agora para prestar o seu depoimento.

— Por que me apresentei? John Milton já deu a minha resposta há três séculos: "Matar um homem quase equivale a destruir um bom livro; quem mata um homem mata um ser racional, criado à imagem de Deus; mas quem destrói um bom livro destrói a própria

razão, a Imagem de Deus.” O que explica, Sr. advogado, por que estou aqui.

— Para salvar Os Sete Minutos?

— Para salvar todos os livros, o prazer, a sabedoria e a experiência contidos em todos eles, e para salvar os que lucrariam com a sua leitura.

— Senador Bainbridge, o senhor quer dizer agora o que sabe pessoalmente sobre JJ Jadway e o livro que contradiz os depoimentos prestados até o presente momento perante este tribunal?

— Sim.

— Senador Bainbridge, conte-nos, por favor, o que considera como a história verdadeira, em oposição ao que rotulou como falsa, inventada pelo próprio Jadway e divulgada até hoje por quem não estava bem informado. Queira prosseguir sob o compromisso de dizer a verdade. Senador.

— A verdade, então, uma vez que estou em condições de revelá-la. J J Jadway não escreveu Os Sete Minutos por dinheiro. Dinheiro tinha ele. Possuía uma fortuna. Vinha de uma família rica. Não era viciado em bebida ou estupefacientes, nem sob hipótese alguma dissoluto. Recebera severa educação mas não comungava de nenhuma fé religiosa. Fora bem disciplinado e instruído na juventude. A sua rebelião foi idêntica à que todos os jovens terminam forçosamente fazendo contra a autoridade paterna, se algum dia querem ser independentes, com força para desenvolver o próprio individualismo e autoridade. Jadway deixou a família e o lar na Nova Inglaterra e partiu para Paris em busca da sua própria liberdade, da sua própria identidade, para se tornar um homem em vez de meramente o filho de seu papá. Levava consigo um problema, resultado da educação e meio ambiente, e lá conheceu Cassie McGraw, libertando-se do cativo que o reprimia e frustrava. Queria conhecer o amor e Miss McGraw ensinou-lhe o significado do amor. Queria ficar bom depois de estar sexualmente enfermo e ela curou-o. Queria ser escritor, em desafio às tradições da sua formação e ela encorajou-o a exprimir-se e a escrever. Escreveu Os Sete Minutos como homenagem a Cassie McGraw e ao amor que os

unia, pois era a única experiência inteiramente pessoal que jamais tivera. Escreveu esse livro para celebrar a própria salvação do medo e da vergonha sexuais, para celebrar a libertação de uma enfermidade resultante do seu medo e vergonha, e dos seus sentimentos de culpa em torno do sexo...

— Perdoe a interrupção, senador Bainbridge, mas o senhor está se referindo literalmente a uma enfermidade?

— Sim. Refiro-me a uma verdadeira enfermidade, não física, porém psíquica, que aflige metade dos homens civilizados. Assume muitas formas. No caso de Jadway, assumiu uma forma sexual, e foi o amor de Cassie McGraw que restituiu a Jadway a virilidade e a normalidade. É uma situação que Jadway descreveu em *Os Sete Minutos*. Oprimiu um dos três personagens masculinos com ela, o personagem que no fim foi o que Cathleen havia levado para a cama para amar e que conseguiu amá-la naqueles sete minutos místicos. A estrutura do livro de Jadway saiu de um trecho que ele tinha lido no Antigo Testamento. Mas o conteúdo foi o esforço que ele fez para narrar a história da liberdade que Cassie conhecia, e que ela lhe ensinara para que também se libertasse. J J Jadway escreveu o livro a fim de libertar outros do medo, da vergonha e da culpa. E Jadway conseguiu, pois as suas palavras libertaram outros.

— Um momento, senador Bainbridge. O senhor quer dizer que *Os Sete Minutos* libertou certos leitores do medo, da vergonha e da culpa sexuais?

— Quero dizer que as palavras de Jadway ainda hoje mesmo libertaram um jovem, capacitando-o a confessar-me a verdade sobre si mesmo, uma verdade que ele não revelara a mais ninguém até agora. Ele não foi levado a cometer estupro, porque Jerry Griffith era incapaz de conseguir uma ereção. Jerry Griffith não tentou deflorar Sheri Moore contra a vontade dela, mas sim induzido por ela. Porém fracassou, como sempre fracassara antes, e fracassaria hoje, porque Jerry Griffith então era, como antes, e hoje é, sexualmente impotente.

A sala do tribunal parecia que ia explodir e o martelo do juiz Upshaw ressoou com toda a força, várias vezes, sobre a mesa e só

quando o barulho começou a decrescer é que se ouviu a voz de Elmo Duncan a vociferar da mesa da acusação.

— Protesto, Meritíssimo, protesto! — bradava o Promotor Público.

— Pois não, Mr. Duncan. Sob que alegação?

— Porque o nobre colega da defesa está extraindo prova de oitiva absoluta da testemunha, prova que cai fora do alcance do conhecimento da testemunha, e que, ademais, não possui relevância...

— O Promotor Público está protestando sob a alegação de irrelevância ou de prova de oitiva?

— De prova de oitiva, Meritíssimo.

— Aceito o protesto... Mr. Barrett, devo preveni-lo de que durante todo o interrogatório desta testemunha as suas perguntas se aproximaram perigosamente de exigir uma resposta ou opinião que podia ser considerada como baseada em boatos. Refiro-me especificamente às perguntas e respostas a respeito de J J Jadway. A pergunta e resposta a respeito de Jerry Griffith são definitivamente boatos, a não ser que o senhor esteja a preparar o terreno e tencione provar.

— Obrigado, Meritíssimo — agradeceu Barrett respeitosamente.

— Procurarei preparar o terreno, se me permite, para o que já foi dito perante o tribunal e para o que virá a seguir.

— Prossiga com a testemunha.

Barrett chegou mais perto do senador Bainbridge, que estava sentado gravemente no banco das testemunhas à sua espera.

— Senador, o senhor já declarou que, durante os anos em que foi juiz, reitor de uma faculdade de Direito, senador, escreveu e publicou dois livros, que eram compêndios sobre jurisprudência. Sob que nome esses dois livros foram publicados?

— Sob o meu verdadeiro nome. Thomas Bainbridge.

— Antes de se tornar juiz, houve algum período anterior em que tenha escrito ou publicado qualquer outro livro?

— Houve, sim.

— Quantos livros foram?

— Apenas um.

— Também publicado sob o nome de Thomas Bainbridge?

— Não. Sob pseudônimo.

— Pode dizer-nos o título desse livro e o pseudônimo que usou?

— O livro foi Os Sete Minutos, de J J Jadway. J J Jadway sou eu.

Armou-se um pandemônio na sala. Em poucos segundos o tribunal convertia-se em balbúrdia. Vários jurados estavam de pé. A imprensa saía a correr. O rosto do Promotor Público era uma máscara mortuária. E o juiz, estupefato e de queixo caído, esquecera-se de usar o martelo.

Barrett constatou que somente J J Jadway continuava calmo. Porque havia sofrido uma crise de consciência e sobrevivera. Agora também ele, como o seu livro, talvez conquistasse finalmente a liberdade.

O resto passou-se rapidamente.

Bainbridge expandira a sua confissão de vida dupla e a inquirição de Duncan fora perfunctória, como se ansiasse por se ver livre da testemunha. Quando o Senador foi dispensado, Barrett teve a certeza de que tanto o depoimento de Leroux como o de praticamente todas as testemunhas arroladas pela acusação haviam sido repudiados, o de Jerry Griffith ficado relegado para a fantasia e a mentira, restaurando-se a integridade e verdade de Os Sete Minutos.

O que continuava passível de debate era uma única pergunta, à qual Elmo Duncan dedicou a sua desesperada sustentação oral.

Era o livro obsceno como o acusavam?

Mas depois que o júri recebeu as instruções do juiz, retirando-se da sala para deliberar, Barrett sabia que os jurados levavam consigo outras perguntas. O senador Bainbridge, esse pilar da Nova Inglaterra que sacrificara o seu isolamento para ali comparecer neste dia — e que escrevera sob o pseudônimo de J J Jadway — podia ser considerado como pornográfico? Jerry Griffith, o deplorável rapaz doente que preferira ser condenado por estupro e homicídio a ser escarnecido por impotência, fora prejudicado ou no fim de contas ajudado pelo livro? E o próprio livro, escrito pelo autor para decantar a glória de uma mulher livre que liberara o amante, teria sido obra designada para despertar o interesse libidinoso?

Quando os jurados se perguntassem se Os Sete Minutos era obsceno, Barrett sabia que também precisariam de responder a essas outras perguntas.

Agora o tribunal estava de novo reunido, e o júri dava entrada na sala, tomando os seus respectivos lugares,

O juiz Upshaw fitou o primeiro jurado.

— Chegaram a um veredicto?

— Chegamos, Meritíssimo.

— Queiram entregá-lo ao oficial de justiça.

O oficial de justiça recebeu a folha de papel, levou-a ao juiz e entregou-a. O Magistrado leu-a e tornou a devolvê-la.

O oficial de justiça dirigiu-se ao centro da sala, assumiu uma postura marcial e depois, com voz estentórea, anunciou o veredicto:

— Nós, os membros do júri do processo do Povo contra Ben Fremont, declaramos pelo presente que consideramos o réu inocente de distribuir ou fornecer matéria obscena!

— Esse veredicto é unânime? — indagou o juiz Upshaw.

— Sim, Meritíssimo — responderam, em uníssonos, os doze jurados.

Mas a essa altura as suas vozes perderam-se no clamor da sala.

Meia hora mais tarde, passado o tumulto, depois que o júri recebeu os agradecimentos e foi dispensado, e Zelkin, Sanford, Kimura e Fremont terminaram de abraçar Barrett, assediado por um enxame de jornalistas de bloco em punho, a Sala 803 do Supremo Tribunal de Los Angeles ficou finalmente deserta, com excepção de duas pessoas.

Mike Barrett estava sozinho na mesa da defesa, juntando lentamente os seus papéis e guardando-os na sua pasta de couro. A multidão aglomerada retirara-se para o corredor do Palácio da Justiça, onde Jadway — Bainbridge — acedera em dar entrevista colectiva à imprensa diante das câmaras de televisão, que não haviam tido acesso à sala do tribunal.

Barrett mal conseguia ouvir o alarido e caos do lado de fora das portas, ainda pouco apto a exultar com o triunfo. A súbita reviravolta dos acontecimentos, a aparição eletrizante de Bainbridge, a vitória esmagadora, que tomara o lugar da derrota certa, tinham sido

excessivas para serem assimiladas pelo seu cérebro ou pelo seu corpo.

Era como se ele ainda estivesse em andanças, tenso e à caça. Porque agora, fechando a pasta, percebia que restavam pequenos mistérios. O depoimento sensacional de Bainbridge solucionara muitas coisas e o reaparecimento de Jerry Griffith no tribunal, seguido pelos depoimentos da convalescente Darlene Nelson e do inconsolável Howard Moore, solucionara ainda mais, o suficiente para ganhar um veredicto de total absolvição para Ben Fremont e completa liberdade para Os Sete Minutos. Mas para Mike Barrett ainda havia “nesgas escuras” que continuavam a “toldar a realidade.”

Ouviu o seu nome e virou-se. Julgara estar sozinho, porém não estava. Sentiu alívio.

Era Maggie Russell que se aproximava rapidamente pelo corredor. Lançou-se nos braços dele.

— Mike, você esteve maravilhoso. Tudo terminou e você venceu. Estou tão orgulhosa, tão feliz por sua causa!

— Graças a você, meu bem.

— Eu entrei no final mas você estava desde o início. Nestas últimas semanas o mundo parecia que tinha parado de andar. Agora recomeçou a girar, auroras, crepúsculos, vida, esperança.

Soltou-a.

— Maggie, que aconteceu?

— Você sabe o que aconteceu. Ouviu aqui nesta sala.

— Mas como é que chegou até aqui? Quero as respostas, antes de prosseguirmos.

Diga-me.

Obrigou-a a sentar-se numa das cadeiras da mesa da defesa, ocupando a que estava ao lado. E esperou.

— Bem, eu nem sei bem por onde... por onde... — disse ela.

— Começar? Comece pelo que a maioria de nós ignorava... a impotência de Jerry.

— Sim — por um instante ela perdeu-se em reflexões. — Jerry tinha tantos problemas.

Uma quantidade enorme, nem vale a pena falar. Mas um dos principais eram as garotas.

Com elas ele era tímido, medroso, irresoluto. Eu sempre falava com ele a respeito disso.

Houve meses de conversas de coração aberto. Fiz o máximo para insuflar nele uma certa noção do valor e da personalidade que tinha. Para que se sentisse tão atraente como de fato era. Ora, finalmente, aos poucos, começou a sair com namoradas. Ficou admirado de ver como era fácil, como as garotas se deixavam seduzir facilmente não apenas pelo carro e pelo dinheiro que possuía, mas pela sua própria pessoa.

Enchendo um copo com água para Maggie e outro para ele, Barrett perguntou: — Jerry foi para a cama com alguma delas? Ou mesmo antes, ele já tinha...?

— Não, nunca — respondeu, categórica. — Era virgem. No começo eu não sabia.

Descobri mais tarde. Depois que começou a namorar, ele percebeu que o beijo na porta não marcava o fim de uma noitada mas o início. Pobre rapaz. Porque ele estava com medo.

No entanto, com medo ou não, precisava de ir até ao fim. Do beijo na porta até ao negócio na cama. Sim, ele ia para a cama com elas. Primeiro uma, depois outra, uma terceira. E nunca conseguia consumir o ato sexual. Não era meramente uma questão de ejaculação precoce. Era... ora, você sabe... impotência, pura e simples. Mas de um modo ou de outro Jerry sobreviveu a esses fracassos. No mínimo, porque as garotas foram, a meu ver, boazinhas. Mas aí então houve outro tipo de encontro, outro tipo de garota, que se mostrou menos boazinha. Foi, de fato, cruel. E Jerry... voltou para casa frenético, louco de desespero, resolvido a que não podia viver mais praticamente como um eunuco.

Maggie fez uma pausa, tomando a água, distraída. Barrett incitou-a com calma.

— E isso levou-o à primeira tentativa de suicídio?

— Sim, levou — confirmou ela. — Felizmente eu descobri a tempo e salvei-o. Foi então que soube, da verdade. Enquanto ele ainda estava sob o efeito dos narcóticos e da vergonha... soturno e

balbuciante no quarto dele, revelou-me todo o segredo. A partir daí, com exceção das garotas com quem ele saía, eu era a única pessoa no mundo que compartilhava do segredo... até hoje.

— Foi então que você se lembrou de São Francisco?

— Olhe, eu vi que tinha de se fazer alguma coisa, Mike. Não havia ninguém que eu pudesse consultar. Tio Frank ou Tia Ethell certamente que não. Deus nos livre! Era um segredo e Jerry dependia de mim. De modo que resolvi agir por conta própria. Investiguei um pouco e descobri os nomes de dois médicos de confiança no norte do Estado, um clínico e o outro psicanalista. Marquei hora para Jerry. Depois, sob um pretexto qualquer...

Já nem me lembro bem, e em todo o caso Tio Frank estava a viajar em negócios, o que tornava mais fácil... tirei Jerry de casa por uma semana e levei-o a São Francisco. Primeiro fomos ao clínico. Fez um exame completo. Garantiu que a impotência não era física mas psíquica, a seguir, duas prolongadas sessões com o psicanalista, que confirmou o diagnóstico do clínico. O estado de Jerry era psíquico... e curável com tempo e terapia. Os fatos foram deixados bem claros para Jerry. Nem injeções de hormonas nem remédios ajudariam. Só o tratamento com um psicanalista de confiança podia auxiliá-lo a vencer os complexos de inferioridade e culpa, podia fazê-lo compreender as hostilidades que sentia e, de certo modo, orientá-lo na procura da sua própria identidade.

— Aí então voltaram para Los Angeles — disse Barrett. — Há um pormenor que me deixa curioso. Você não tentou conseguir um tratamento a longo prazo para Jerry com algum psicanalista local? .

— Mike, não se trata de eu ter tentado ou não. Jerry já estava de pé novamente e dependia dele. Claro que o encorajei mas não podia insistir de mais, se não ele afastar-se-ia de mim. O próximo lance, portanto, cabia-lhe a ele. Tinham-lhe dado bons conselhos, os melhores. O que ele não teve foi a vontade, a coragem, a confiança de segui-los. Sabia perfeitamente qual era o primeiro passo que devia dar, mas simplesmente não foi capaz de sair de casa e agir por conta própria. Ah, de um modo meio indireto ele entabulou o assunto da psicanálise com o pai... e o que foi que recebeu? Uma interminável tirada, uma invectiva contra Freud e outros "fundidores

do juízo”, de maneira que a coisa parou por aí mesmo e Jerry nunca mais tocou no assunto. Para ele só restava uma coisa lógica a fazer... procurar ser normal.

Barrett abanou a cabeça.

— Santo Deus. Fazer força para ser um campeão olímpico quando não se tem pernas.

Okay, Maggie. Continue. Lá estamos nós com Jerry a atravessar a rua na frente de um caminhão, por assim dizer. O que aconteceu depois?

— Depois? — repetiu ela vagamente. — Bom, por um lado, procurar ser normal significa tentar encontrar amigos normais. Jerry agarrou-se a um conhecido, George Perkins, esforçando-se por ser amigo dele, porque George era natural, sem inibições óbvias e sabia lidar com as mulheres. Suponho que Jerry esperava ficar normal por osmose. Uma noite, por iniciativa de George, eles deram boleia... ora, a quem, a Sheri Moore, e levaram-na até ao apartamento dela.

— Onde ela se revelou muito avançada — completou Barrett. — Você sabe, eu suspeitei disso logo de início, quando comecei a indagar a respeito dela. Tive um palpite de que ela aceitava a brincadeira, gostando de fazer a felicidade dos rapazes. Não sei porque não fui atrás do meu palpite. Acho que me deixei iludir pelas aparências.

— Você é que não quis ver direito — retorquiu Maggie com leve sorriso. — Você pertence a uma geração que aprendeu a crer que todas as garotas são... ou deveriam ser...

inocentes. Quis acreditar que a pequena Sheri era boazinha e pura, como a sua própria mãe o foi e a sua avó também. Não me estou a referir ao seu eu intelectual. Refiro-me ao seu eu filial.

— Pode ser — disse Barrett, retribuindo o sorriso. — Nós exploraremos esse terreno quando estivermos à vontade num sofá. Muito bem. A cama de Sheri era um tapete de boas-vindas. George foi primeiro. Resistência simulada. Mas sem problemas. Ele e Sheri copularam. Depois, a vez de Jerry. No depoimento não deu para se saber tudo, Maggie.

Que foi que aconteceu?

Maggie recomeçou devagar. Para ouvir, Barrett fechou os olhos. E a narrativa transformou-se numa série de nítidas chapas de projeção tridimensionais no seu cérebro.

Pois bem, Mike...

A voz baixa de Maggie — e as chapas de cores vivas.

“Jerry entrou no quarto de Sheri depois de George sair. Tirou a roupa e foi para a cama com ela. Mas não fora Jerry quem consumara a introdução. Tinha sido incapaz, impotente. E Sheri, filha insensata do hedonismo, a princípio achando graça, sentiu-se logo desafiada. Acostumada a entregar-se a rapazes e homens, isso jamais lhe acontecera.

Quando se deitavam com Sheri, ficavam logo excitados. E a coisa dava sempre certo, porque Sheri era femme fatale. Jerry estava sendo um fracasso, o que constituía uma ofensa à vaidade e aos talentos de que se julgava possuidora. Procurou excitar Jerry, com uma série de preliminares, sem o menor efeito. E não tardou muito para que se não sentisse mais desafiada, apenas impaciente, irritada, aborrecida e, finalmente, com raiva. Aquilo era uma humilhação para a sua sexualidade. O pior insulto. Talvez julgasse que o fracasso fosse principalmente seu, não dele, e não pudesse aceitar esse fato. Começou a caçoar, a escarnecer, a ridicularizá-lo.

Cego de fúria e lágrimas, Jerry tentou fugir, vestindo-se e indo embora. Mas ela não ia permitir que ele se escapasse com tanta facilidade. Saiu da cama atrás dele que procurou desenvencilhar-se, empurrando-a para longe, até que os vitupérios de Sheri se tornaram sórdidos e maldosos. Quando ele tentou responder-lhe na mesma moeda, ela agrediu-o e errou o golpe, escorregando no tapete e caindo de cabeça contra a quina afiada da mesa. O crânio estalou feito uma casca de ovo e ela desfaleceu. Jerry quis chamar por socorro, mas George Perkins achou melhor que não se metessem em encrencas.

Pouco tempo mais tarde, Darnele Nelson voltou ao apartamento e encontrou a amiga ainda a lutar por recobrar os sentidos. Ajoelhou-se a seu lado, para ver se apurava o que se havia passado. Sheri murmurou a verdade, mas implorou apenas uma coisa. O pai não podia saber da sua conduta, como ela andava com rapazes.

Diga-lhes o que você quiser, Darlene, o que quiser — suplicou-lhe —, diga-lhes que fui violada. E quando veio a Polícia, a ambulância e Howard Moore, foi isso que Darlene lhes disse.

Jerry foi então descoberto, preso. Havia o código de honra. Nada de delatar amigos, ainda mais um amigo que tinha colhões, como George. E a violação — sim, a violação era uma forma de esconder a vergonha pior de cair na desgraça de ser desmascarado, evitando a chacota de todas as pessoas que conhecia. O estupro tem uma aura de virilidade.

Constituía uma maneira de provar que se pode entrar em ereção, ficar excitado. Inclusive com um matiz de humor negro, a piada mórbida: deflorar é agredir com arma inócua. Em todo o caso uma arma, uma arma potente. Cometendo estupro você pode ser um criminoso, mas pelo menos é um homem. Contando a verdade, você vê-se condenado para sempre à impotência e ao ridículo.”

Mike Barrett abriu os olhos. As chapas de projeção esfumaram-se. Agora só havia Maggie a falar.

— Assim ele optou pela violação — disse ela.

— E de repente o livro é que tinha a culpa — interrompeu Barrett. — De uma hora para a outra, Os Sete Minutos era o criminoso. Mas um fato nunca ficou esclarecido no tribunal, Maggie. Onde é que conseguiu o livro?

Ela não respondeu. Fitava os próprios dedos.

— Como é, Maggie?

— Que importância tem isso agora?

— Eu preciso de saber — disse ele com firmeza. — Onde foi que ele conseguiu o livro?

— Por meu intermédio.

Os olhos de Barrett arregalaram-se: Por meu intermédio, zás. Teria ouvido bem?

— Por seu intermédio, Maggie?

Ela levantou a cabeça.

— Sim. Eu tinha comprado o livro, porque queria lê-lo e também para o emprestar a Tia Ethel, pois sabia que ela o ia querer ler.

Mal podia crer no que estava a ouvir. Mas a incredulidade diminuiu à medida que Maggie foi explicando.

Maggie sabia que a Tia Ethel gostava daquele tipo de leitura, chegando a suspirar por esses romances, onde encontrava um mundo que nunca lhe fora permitido conhecer. De modo que o jogo era o seguinte: Maggie adquiria os livros para ler e depois, quando o Tio Frank não estava em casa, passava-os a Tia Ethel.

Mas a Tia Ethel nunca chegara a ler *Os Sete Minutos*, porque depois que Maggie terminou a leitura, emprestou-o antes a Jerry. Ele havia dito que não estava interessado no livro, porém Maggie insistiu em que ele o devia ler. Ela conhecia o problema de Jerry, uma vez que estivera em São Francisco com ele, e queria que ele soubesse que outros homens que haviam sofrido do mesmo problema se tinham curado e até sido capazes de escrever franca e abertamente sobre ele. Pois na ficção, enquanto Cathleen permanecia deitada na cama, gozando com o homem dentro dela, lembrava-se de vários amantes, principalmente de três que foram importantes na sua vida.

— Você lembra-se como era no livro, Mike? — perguntou Maggie.
— Nesse caso, deve compreender por que motivo o emprestei a Jerry.

Ele levou um instante para se lembrar, e finalmente conseguiu.

Lá estava a Cathleen de Jadway, deitada na cama, recordando as aventuras que tivera com três homens que a desejavam e tentando imaginar como seria se houvesse pertencido a cada um deles. O primeiro homem, sabia, era mimado e egocêntrico, apesar de ser um grande amante, um Casanova, hábil e experiente, prometendo uma convivência carnal inesquecível. O segundo, sabia, era um amante do tipo tradicional, o Homem Comum, que dedicaria mais tempo a vencer na vida do que à mulher que amasse, mas que prometia uma vida de conforto material. O terceiro, sabia, era um amante provisoriamente criador compreensivo, prometendo-lhe uma fascinação intelectual e espiritual. E a um deles Cathleen terminava finalmente por se entregar, mas somente na última página do livro é que Jadway revelava o escolhido. No fim o leitor descobria que era com o terceiro homem que ela tinha vivido aqueles sete minutos inolvidáveis. Por meio da sua própria calidez e ternura, ela tornara-o um homem, e ao torná-lo um homem lograra a sua maior realização como mulher. Lógico que o terceiro homem era o próprio Jadway, O

romance não podia ser mais obviamente autobiográfico. E por isso é que Maggie queria que Jerry o lesse.

— Então você conseguiu que Jerry o lesse? — perguntou Barrett.

— Consegui. E não só uma como até duas vezes. E embora boa parte do romance o deixasse nervoso, serviu para o sacudir e dar-lhe um pouco de compreensão da psicologia feminina e um pouco de esperança para si mesmo. No entanto, isso não foi suficiente. Sem a orientação de um psicanalista, ou do próprio autor, não havia meio para que Jerry pudesse adaptar a experiência de Jadway no livro às suas próprias finalidades. Jadway não podia fazer praticamente nada por ele. Dera-lhe algumas palavras, de grande valia, mas Jerry precisava de maior auxílio do autor, e o autor estava morto. Portanto, que lhe restava?

Seguir o exemplo de alguém que estivesse vivo, que tivesse êxito com as mulheres. Ou seja, o seu amigo George Perkins. E assim ele imitou George da maneira mais desastrada ao ir para a cama com Sheri Moore. Mas Jerry não era George. Era o herói impotente de Jadway.

Só que Sheri não era a Cathleen do livro.

— Compreendo — disse Barrett. — Jerry deixou que acreditassem que o esperma de George encontrado na vítima era dele e optou pela violação. Depois foi preso e aí então o livro...

Agora começava a ficar mais claro.

O livro — o exemplar de Maggie — fora encontrado onde ela o escondera de Frank Griffith: no porta-bagagem do carro que dividira com Jerry. E, acreditando que o livro fosse o verdadeiro culpado (ou querendo acreditar), e incitado por Elmo Duncan e Luther Yerkes, Frank Griffith imediatamente se pusera a vituperar contra o livro por ter corrompido o seu filho. Sim, agora começava a ficar mais claro. E Jerry, não se atrevendo a contrariar o pai, com medo de contestar a lei, talvez querendo acreditar que fora o livro para que pudesse alegar circunstâncias atenuantes para o seu suposto crime, aderiu ao coro geral, fez a sua confissão e apresentou-se no tribunal.

— Maggie, e quanto à segunda tentativa de suicídio de Jerry? — quis saber Barrett. —

Que houve por trás daquilo?

— Ele andava deprimido por causa do estado de Sheri no hospital. Aquilo realmente preocupava-o. E queria trocar algumas palavras amigas com George e ter uma oportunidade de conhecer a companheira de apartamento de Sheri, não para lhe revelar toda a verdade, mas simplesmente para lhe explicar que o ferimento na cabeça de Sheri tinha sido um mero acidente. E assim ele saiu de casa e foi à procura de George naquela boate na Melrose, mas como você mesmo viu, George não quis saber dele, não queria meter-se na enrascada. Então, para se livrar de Jerry, o amigo George mostrou-lhe Darlene Nelson. Você viu quando Jerry tentou falar com ela. Ele queria apenas explicar que tinha sido um acidente, pedir perdão, obter um pouco de alívio através da expiação, mas em vez disso, ora, ela aturdiu-o, lançando-lhe no rosto tudo o que sabia sobre a impotência dele.

Foi uma coisa desumana, cruel, mas... — Maggie deu de ombros — ...creio que todos nós somos capazes de cometer maldades às vezes. Darlene limitou-se a escarnecer de Jerry com aquele velho "até-logo" irlandês: "Que Deus te conserve rijo". Jerry ficou arrasado, sem saber que dizer. Teve a certeza de que o mundo inteiro agora já sabia ou não tardaria a saber a sua situação. Não podia enfrentar aquilo. Por isso tentou matar-se. Dá para entender o estado em que ele ficou, não dá?

— Sim — concordou Barrett.

— Foi esse mesmo temor, Mike, que fez com que ele ameaçasse continuamente que se suicidaria para evitar o depoimento no tribunal. Não era de Duncan que ele tinha medo.

Nem mesmo de você pessoalmente. Era da arma que você possuía... a mesquinhez da inquirição, o pânico aterrador de que pudesse fraquejar sob um interrogatório hostil e de que a verdade da sua impotência fosse divulgada a todas as pessoas da face da terra.

Outra pergunta sem resposta importunava Barrett. Decidiu fazê-la.

— Maggie, se você sabia há tanto tempo do problema sexual de Jerry, porque não se apresentou logo para salvá-lo da acusação de estupro? — reformulou a pergunta, desta vez de modo mais incisivo:

— Se você sabia que ele era incapaz de deflorar alguém, porque diabo é que você não falou?

— Porque não tinha a certeza absoluta de que Jerry tivesse sido impotente na noite do suposto desfloramento. Eu só tinha a certeza do seu estado até então. Mas depois pensei... sei lá... que talvez por uma espécie de desespero doentio ele houvesse tentado o estupro, e a excitação de tentar violar uma garota, do modo que se sabe que muitos homens ficam potentes só quando a vítima resiste... ora, eu pensei que talvez esse tipo de agitação tivesse provocado a primeira ereção em Jerry e uma espécie de êxito medonho.

Barrett acenou com a cabeça.

— Sim, lógico.

— Mas ontem, Mike, depois que Sheri Moore morreu, tive a impressão de que despertava repentinamente para a verdade. Acho que foi devido a certas coisas que aconteceram, ou melhor, que não aconteceram. Howard Moore, por exemplo. Com tanto pesar, ele deveria estar a sentir uma fúria assassina contra Jerry. No entanto, nas entrevistas pela rádio e televisão que deu logo depois que a filha morreu, não houve uma só palavra que ele dissesse contra Jerry ou contra Os Sete Minutos. De modo que, sabendo o que eu sabia a respeito de Jerry, comecei a desconfiar de que o que tinha acontecido na noite em que Jerry esteve com Sheri Moore só podia ter sido diferente. Aí então me lembrei de outra coisa. Quando emprestei o livro a Jerry, e depois que o leu, ele disse que gostaria de que o autor, Jadway, ainda estivesse vivo para poder conversar com ele. Por quê? Porque Jadway talvez fosse o único homem sobre a face da terra que seria capaz de compreender o problema de Jerry e compadecer-se dele. Na ocasião, Jerry não quis entrar em pormenores comigo, recusando-se a explicar o que era que gostaria de dizer a Jadway. Tenho a impressão de que ele achava que já tinha falado de mais e que eu, secretamente, não o respeitava por causa do problema dele. Suspeito até de que ele acreditava que com a proeza que a violação provara, ele houvesse recuperado um pouco do respeito que perdera a meus olhos... o tipo da ideia estapafúrdia, mas enfim... seja, como for, não me quis confessar mais nada sobre o que andava a sentir. Era como se só com um outro ser humano

que tivesse passado pela mesma experiência, alguém como Jadway, Jerry achasse que seria capaz de descarregar toda a história do seu fracasso naquela noite com Sheri Moore. E depois... !, Fez uma pausa, pensativa, e finalmente Barrett insistiu: — Depois o quê, Maggie?

— Depois veio a sua notícia de que Jadway estava vivo, realmente vivo. E quando você telefonou de Washington, dizendo que havia falado com o senador Bainbridge, e que ele lhe contara que Jadway não iria cooperar, bem, aí então resolvi procurar o senador Bainbridge e suplicar-lhe que reunisse o Jadway vivo com Jerry moribundo. Logo em seguida, ao ligar para Washington, soube que Bainbridge tinha partido para Chicago... para Chicago, onde você descobrira Cassie McGraw... e foi aí então que tive a certeza de uma suspeita que se formara momentos antes na minha ideia. Fiquei certa... por dedução, intuição, pura conjectura, sei lá... de que Bainbridge fora a Chicago para se encontrar com Cassie McGraw e de que ele ia encontrar-se com ela porque era o próprio Jadway. Mike, você não desconfiou dessa possibilidade?

— Passou-me pela ideia. Mas não podia aceitá-la, porque Bainbridge não correspondia à imagem que tinha feito de Jadway. E quanto a Jerry, naturalmente, nem sequer imaginava o... o problema dele.

— Não podia imaginar mesmo, pois você não sabia o que eu sabia sobre ele. Agora deixe-me contar-lhe o que aconteceu quando Jerry veio ao seu apartamento ontem de manhã.

Barrett escutou atentamente, enquanto Maggie continuava.

Jerry tinha ido à procura dela na véspera, antes de se submeter à prisão. Depois da sua chegada, ela arriscara-se a fingir que sabia a verdade a respeito do que se passara aquela noite entre ele e Sheri Moore. Fingiu que soubera por intermédio do pai de Sheri. Assim terminou, finalmente, sabendo a verdade. Jerry, abatido, confessara tudo. Ela implorara-lhe que fizesse uma confissão pública, para escapar da prisão, não só imediata como talvez para o resto da vida. Jerry recusou-se. Podia suportar a prisão por estupro, mas jamais resistiria à divulgação pública do seu derradeiro fiasco. Foi então que Maggie lhe contou que J J

Jadway estava vivo. A notícia parecia ter causado um efeito extraordinário no rapaz. Se ao menos ele pudesse falar com Jadway. E Maggie prometeu que iria tentar um encontro.

A princípio tencionava procurar Howard Moore, para ver se ele sabia de fato o que ela apenas tinha desconfiado. Mas quando chegou a falar com ele, confessou-lhe a verdade: arrancara a confissão de Jerry por meio de um estratagema. Moore confirmou tudo, com tristeza. Logo após a morte da filha, a companheira de quarto, Darlene Nelson, teve uma crise de nervos e revelou-lhe as últimas palavras de Sheri. Sim, ele sabia que a culpa era da própria filha. Da sua pobre filha perdida. Sim, dela e não de Jerry. Não, ele não divulgaria a verdade ao público já que o rapaz não queria. Porém, se Jerry estivesse pronto a modificar o seu depoimento, ele apoiá-lo-ia no tribunal.

E assim, para Maggie, a resolução dependia de uma só pessoa.

Tomara o avião para Chicago para encontrar Bainbridge. Conforme imaginava (ou pelo menos esperava), achara em vez disso J J Jadway. A caminho do aeroporto, ela contara ao grande homem a história de Jerry Griffith. No aeroporto, ele finalmente tomara a decisão. Tinha dito que se pudesse dar a Jerry a coragem de se levantar e confessar a verdade, então talvez ele próprio encontrasse ânimo para fazer o mesmo.

Viajaram juntos para Los Angeles. E foram ao presídio municipal, onde ela deixara Bainbridge sozinho com Jerry durante uma hora. Quando Bainbridge saiu para se encontrar com ela, já não era Bainbridge. Era J J. Jadway. E disse simplesmente: "Jerry está pronto a revelar a verdade, e Thomas Bainbridge também, para salvar o livro e todos os que possam ser salvos com a sua leitura e com a de outros livros semelhantes no futuro. Estamos prontos a confessar a verdade, a fim de podermos ficar livres.

Maggie tinha acabado a sua história.

— É praticamente tudo o que lhe posso dizer, Mike. Você tem mais alguma pergunta?

— Não — respondeu baixinho. Do outro lado da sala, através das grandes janelas, podia ver que o dia se aproximava do fim. — Vamos embora, Maggie.

Os dois levantaram-se.

— O que é que gostaria de fazer para comemorar esta noite?

— Ficar com você.

— Jantaremos fora — sugeriu. — Vamos começar por aí. Ao subirem o corredor, Maggie disse:

— Talvez já esteja um pouco tarde para o nosso jantar. Depois que Jerry foi solto, pedi que ele me esperasse no bar do Beverly Wilshire Hotel. O senador Bainbridge vai-se encontrar lá conosco, assim que ficar livre do pessoal da televisão. Sabe o que vamos dizer a Jerry? Que saia de casa de uma vez. Para viver por sua conta. Para ter assistência médica do Dr. Finegood. Eu pagarei as consultas até que ele possa defender-se por si mesmo.

— Você acha que ele concordará?

— No quê?

— Em se defender por si mesmo?

Ela considerou a pergunta às portas do tribunal.

— Não sei, Mike. Talvez não, imediatamente. A liberdade é uma coisa difícil de a gente se acostumar a ela. Mas depois que se acostuma, é uma coisa gloriosa. Eu sei. Já aprendi. E espero que um dia Jerry também aprenda.

Estavam no corredor.

— Olhe, se você ainda vai estar um pouco ocupada — disse Barrett —, então seria melhor que eu ficasse por aqui mesmo. Há algumas perguntas que quero fazer a Jadway. Gostaria de ouvir as respostas de Bainbridge, se é que ele ainda está no prédio.

— Você está decidido a saber tudo, não é? Ele sorriu.

— Há sete minutos. Não me posso conformar com seis. Ela começou a andar.

— Até logo.

— Veja se não se demora — gritou ele.

Depois que ela se foi embora, Barrett pôs-se a imaginar onde andaria o senador Bainbridge. Um polícia ia a passar e perguntou-lhe: — Eles acabaram de sair daqui e foram para o sexto andar — informou o guarda. — Há outra rede de televisão instalada lá na Sala 603 e vão começar a entrevistar de novo o Senador.

A Sala 603 era a sala de imprensa do Palácio de Justiça.

Havia três escrivaninhas de mogno e o representante do Los Angeles Times tinha desocupado a do meio, cedendo lugar ao senador Thomas Bainbridge.

Com exceção do círculo de espaço livre ao redor dessa escrivaninha, banhada pelo clarão branco dos refletores, e das duas câmaras de televisão com as lentes assestadas sobre a escrivaninha inscrita nesse círculo e do alvoroço de ambas as equipas técnicas, não havia um só centímetro da sala que não estivesse cheio de espetadores curiosos.

Mike Barrett comprimiu-se numa das extremidades dessa multidão, tentando enxergar como o senador se estava a sair.

Avistou-o sentado à escrivaninha, calmo e imperturbável, à espera.

De um canto qualquer, atrás da câmara, alguém gritou: — Okay, Senador, Já estamos a rodar. O senhor está em foco. Pode começar a falar.

O senador Thomas Bainbridge acenou de leve com a cabeça e olhou fixamente para a câmara de televisão mais próxima.

De mãos cruzadas sobre o mata-borrão à sua frente, falou num tom normal e direto, monocórdico e sem pressa.

— Eu já depus na sala do tribunal, há pouco mais de meia hora, que em 1934 escrevi o livro conhecido por Os Sete Minutos, sob o pseudónimo de J J Jadway — começou o senador Bainbridge. — Agora, em virtude do interesse despertado, farei um breve resumo dos fatos essenciais do meu depoimento, acrescentando talvez alguns pormenores autobiográficos mais pertinentes a este tipo de declaração informal do que poderiam ter sido ao depoimento legal. Pedem-me a história completa e têm o direito de ouvi-la. Como os senhores vêem, eu não somente apoio a liberdade de expressão como tiro partido dela, agora que tenho um livro para vender.

Barrett fez coro com as risadas e ficou satisfeito ao ver que o Senador também sabia sorrir.

O rosto aristocrático de Bainbridge voltou à seriedade.

— Fui educado numa família rigorosa e formal da Nova Inglaterra — prosseguiu ele. — Éramos cinco. Havia meu pai, que se fez por si mesmo, enérgico, bem intencionado, porém dogmático e

prepotente. Havia minha mãe, sua humilde servidora. Havia minhas duas irmãs mais moças, amedrontadas com nosso pai, obediente a todas as suas vontades, recalçadas e absolutamente desinteressadas de tudo. E havia eu, o herdeiro, considerado por meu pai como uma mera extensão de si mesmo, nascido apenas para auxiliá-lo e suceder-lhe nos negócios.

“O meu curso na Faculdade de Direito era só para manter as aparências, para me tornar um produto mais atraente para a situação da família e da sociedade. Eu não tinha uma verdadeira identidade, e antes de ser devorado por meu pai e pelos negócios dele, fiz um último esforço para descobrir quem eu era ou podia ser. Tive de reunir toda a minha coragem para pedir para passar um ano no estrangeiro, um ano, e como aleguei que era uma necessidade cultural e prometi andar na linha, recebi permissão e dinheiro. Parti em 1934 na minha viagem de exploração... de exploração de mim mesmo. O meu destino era Paris, onde todas as explorações dessa índole devem inevitavelmente começar.

“Eu tinha não só de aprender que era um homem como também que era uma pessoa. Até então não tinha sido um homem, tanto no sentido mais amplo como no mais restrito do termo. Sentia tanto medo da independência como do sexo. Na verdade, conforme escrevi no meu livro e declarei no tribunal, eu era impotente, no sentido da criação de uma obra e no sentido sexual. Eu queria escrever e não podia. Queria amar e era incapaz de fazer isso. Queria ser uma pessoa que também fosse um indivíduo, com a sua própria história, e não uma nota no pé de página da história de meu pai, “Durante os meus primeiros meses em Paris, fiquei desorientado, inerte, perdido. Não fiz nada, não ganhei nada, não conquistei nada. Essa era a minha situação e o meu desespero, quando conheci uma jovem americana, uma pintora, que tinha ido para o estrangeiro em busca da mesma identidade e liberdade pessoais que eu. Ela havia encontrado o que eu, até então, não conseguira achar. Era Cassie McGraw. Nós nos apaixonamos. Nunca saberei o que ela viu em mim. Talvez tivesse visto que havia uma pessoa mais atraente aprisionada no meu íntimo, aprisionada e martelando e estourando de vontade para sair, e essa foi a pessoa

que ela amou e fez um esforço para libertar. Essa é a pessoa que ela de fato libertou, a que é conhecida como J J Jadway.

Cassie e eu vivíamos juntos. Ela não só me inspirou a fazer o que eu mais queria fazer acima de tudo sobre a face da terra, a escrever sobre mim mesmo e as minhas percepções, com verdade e sinceridade, como me deu consciência de prazeres que nenhum dinheiro do mundo pode comprar... a feliz contemplação de pássaros voando, o verde consolador dos campos cobertos de relva, a compreensão dos monumentos de pedra como história viva, a estimulante descoberta da arte da conversação, a tolerância com os pontos de vista alheios e, mais do que tudo, o conhecimento do amor que transcende o sexo.

“Celebrei Cassie e o nosso amor em Os Sete Minutos. Enquanto o escrevia, terminou a minha licença para ficar no estrangeiro. Continuei a inventar desculpas para meu pai, prolongando a minha estada. Perdendo a paciência, ele deixou de me mandar dinheiro, e então minha mãe e minhas irmãs ajudaram-me sigilosamente com as suas mesadas.

Christian Leroux foi inexato ao declarar no tribunal que eu escrevi o romance em três semanas. Fiz o primeiro rascunho em três meses e levei outros três para reescrevê-lo. Não escrevi esse livro, como Cleland escreveu Fanny, para escapar à prisão por motivo de dívidas. Recebia dinheiro suficiente da minha família.

“Quanto ao livro, propriamente dito, foi baseado na minha experiência com a de Cassie McGraw. Não houve alegoria consciente. Destinava-se a ser um romance naturalista, talvez ligeiramente influenciado, mas pouco, por um escritor que comoveu e outro que abalou a literatura, a saber: D. H. Lawrence e James Joyce, Não foi unicamente a minha nova opinião sobre o sexo, ou mesmo o estímulo de Cassie, que me capacitaram a escrever o livro com sinceridade. Foi o conselho recebido em um ensaio escrito certa vez por Lawrence, A Propósito do Amante de Lady Chatterley que me deu a força para criar o livro sem inibições.

“Houve, por um lado, o problema da linguagem. E Lawrence aconselhou-me: “As palavras que tanto escandalizam a princípio terminam sendo aceites com naturalidade. Será porque o espírito

fica depravado pelo hábito? De modo algum. É que as palavras apenas escandalizam a vista, nunca escandalizam o espírito. As pessoas destituídas de espírito talvez continuem a escandalizar-se, mas elas não interessam. As outras percebem que não se escandalizam e jamais se escandalizaram realmente: e experimentam uma sensação de alívio. E nisso se resume todo o problema. Hoje somos, como seres humanos, evoluídos e cultos muito além dos tabus inerentes à nossa cultura”.

“Depois havia a hesitação em descrever fielmente vários atos sexuais na narrativa. E de novo Lawrence colaborou com Cassie ao mostrar-me o caminho, dizendo-me: “Eu quero que os homens e as mulheres sejam capazes de pensar em sexo de modo integral, completo, sincero e limpo. Ainda que não possamos atingir satisfatoriamente a plenitude do ato sexual, ao menos pensemos em sexo de uma forma completa e nítida. Toda essa conversa de moças e virgindade como uma folha de papel em branco em que nada está escrito é pura tolice. Uma moça e um rapaz formam uma meada atormentada, uma confusão fervilhante de sensações e ideias sexuais que só com o tempo se desfaz. Anos de ideias honestas a respeito de sexo e anos de combate sexual nos levarão, finalmente, aonde queremos chegar, à nossa castidade verdadeira e perfeita, à nossa inteireza, quando o nosso ato sexual e a nossa ideia sexual estiverem em harmonia, e um não interferir com a outra”.

“Animado por essas palavras, pus de lado as insinuações, as sugestões, as malícias desonestas, varri, para longe o último asterisco e escrevi a minha verdade. Para guiar a minha caneta, baseei a minha estrutura no Sétimo Capítulo do Cântico de Salomão no Antigo Testamento. Talvez se lembrem...”

“As juntas das tuas coxas são autênticas jóias, o trabalho das mãos de um hábil artesão. O teu umbigo parece uma taça de vinho que carece de bebida: o teu ventre é como um monte de trigo semeado de lírios. Os teus dois seios lembram duas corças que fossem gémeas”. E depois talvez se lembrem: “Pertencço a meu amado, que só a mim deseja”, ou então: “Corramos de manhã cedo aos parreirais; vejamos se as videiras estão em flor, se já têm bagos maduros e se as romãs já deram frutos: lá eu te darei o meu amor”.

“Assim foi escrito Os Sete Minutos e depois publicado. Mantive o meu anonimato, recusando-me inclusive a entrar em contato pessoal com o editor, porque era muito cedo de mais para ousar que meu pai ou minha família soubessem o que eu estava a fazer.

Esperiei para ver se o livro seria um sucesso e me permitiria abraçar por completo uma carreira que eu queria. Devido à edição limitada e à censura generalizada, o livro rendeu-me pouco dinheiro. Não deixou, todavia, de me animar a prosseguir, pelas conversas que surpreendia nos cafés, pelas cartas que recebia de estudantes e turistas estrangeiros.

Inicialmente, não repudiei o livro. Foi só mais tarde que quis que Monsieur Leroux e outros acreditassem que eu o tinha repudiado, constrangido pelas circunstâncias, e assim essa lenda recebeu e ganhou circulação.

“Afinal chegou a hora da decisão. Cassie ficou grávida. Eu tinha mais livros à espera de nascerem. Eu estava pronto para ser dono de mim mesmo. Voltei sozinho para Connecticut para ter a cena final com meu pai. Não pude tê-la. Ele achava-se gravemente enfermo. Minha mãe quase teve um colapso nervoso e minhas irmãs viviam aterrorizadas, tal a completa dependência que tinham dele. O que sustentou meu pai e deu à família inteira esperanças pelo seu restabelecimento foi a sua reconciliação com a Igreja. Ele regressara ao catolicismo, devotamente, e aquilo manteve-o. Então soube que a Igreja andava investigando J J Jadway e que o livro de Jadway... o meu livro secreto... seria enquadrado no Index. Percebi que isso seria um golpe fatal para meu pai... e realmente para minha mãe e minhas irmãs também. Temendo pela vida dele, resolvi eliminar J J Jadway para sempre, para que nunca mais pudesse ficar ligado a mim e destruir meus pais.

“Escrevi logo para Paris. Escrevi para Cassie e para Sean O’Flanagan. Dei-lhes instruções explícitas e remeti dinheiro para que executassem essas instruções. Eles acreditaram nas minhas boas intenções... que embora estivesse a eliminar um pseudônimo, continuaria sendo Jadway sob um outro nome. Tomei providências para criar a lenda em torno do mau caráter de Jadway, o seu remorso, o seu suicídio, tudo o que de pior pude conceber, a fim de

que os curiosos, os investigadores, Leroux, o Arcebispo de Paris, o padre Sarfatti e outro se dessem por satisfeitos e nunca mais voltassem a interrogar-me.

Quando o padre Sarfatti tentou entrar em contato comigo, foi Sean O'Flanagan quem lhe telefonou, usando o meu nome e interpretando o papel de Jadway. Foi Cassie McGraw quem entregou ao padre Sarfatti a carta que eu preparara minuciosamente. Foi Sean O'Flanagan quem acompanhou Cassie a Veneza, apresentando-se como Jadway no baile de máscaras e no interrogatório da Cúria no palácio ducal. Quanto às conversas telefônicas que eu tinha de fazer com o meu editor, Christian Leroux, era Sean quem fazia as ligações em nome de Jadway, interpretando um texto que eu lhe preparara. Essas conversas foram trocadas entre Sean e Leroux enquanto eu estava nos Estados Unidos, e muito depois que o meu livro fora publicado, e Leroux descreveu o teor delas com exatidão, mas situou-as errado no tempo. No banco das testemunhas, Leroux indicou que os seus telefonemas com Jadway se tinham efetuado em data anterior. Ou ele esqueceu a data em que eles realmente se fizeram ou então trocou de propósito o ano em que ocorreram, a fim de reforçar a sua importância como testemunha para a acusação.

“Providenciar a minha morte simulada resultou na tarefa mais simples de todas. Sean O'Flanagan ocupava uma parte do seu tempo a trabalhar para a edição parisiense do New York Herald Tribune no início de 1937. Era-lhe bastante fácil escrever e noticiar o obituário de J J Jadway. Igualmente fácil foi comprar a venal imprensa francesa da época e conseguir que publicassem uma nota fúnebre e alguns artigos de relativo destaque. Para Sean tornava-se fácil espalhar o boato pelos cafés. Mas precisava de ir além disso. Tinha de parecer autêntico. Cassie então encarregou-se de encomendar uma missa do sétimo dia, a que ela e um punhado de admiradores do livro e Leroux assistiram.

“Estava tudo feito. Jadway já não existia. Eu encontrava-me em segurança, a fé e a vida de meu pai achavam-se preservadas e minha família ficara isolada de qualquer desgraça. Então soube que Cassie dera à luz a minha filha Judith. Abandonei a cabeceira de meu pai e voltei para França, providenciando para que Cassie e

Judith me esperasse em Cherburgo. De lá tomamos o navio para Nova Iorque. Eu queria marcar a data do nosso casamento. Cassie achou que era prematuro. Casaria comigo assim que meu pai ficasse bom, que eu tivesse rompido com ele e pudesse ser de novo o homem que ela amava. Ela aguardou em Nova Iorque, enquanto eu me incumbia de manter a família e os negócios em dia, esperando na Nova Inglaterra.

“Meu pai não se restabeleceu. Morreu de uma maneira terrível. Sem que eu chegasse a romper com ele. Deixou-me como seu prolongamento, como seu procurador, em vida.

Minha mãe sofreu um colapso. Minhas irmãs ficaram atarantadas e com medo. O negócio que meu pai estabelecera agora corria mal, à espera de um pulso de ferro. Todas essas responsabilidades começaram a cair sobre mim. Podia eu abandonar a minha família?

Cassie tinha feito muito para me tornar independente, porém não tivera tempo para fazer o suficiente. Eu continuava vítima do meu passado.

“Procurei Cassie, supliquei-lhe que casasse comigo, para ficar ao meu lado até que eu resolvesse a situação da minha família e do negócio de que as mulheres dependiam.

Prometi que voltaria depois a ser Jadway e recomeçaríamos a nossa vida de antes. Ela limitou-se a responder: “Ah, mas Jadway está morto e era ele que eu amava”. Quando tornei a procurá-la, não a encontrei mais. Cassie havia desaparecido. Somente Sean sabia onde ela estava e cumpriu a promessa que lhe fizera de guardar segredo. Sustentei a nossa filha por intermédio de Sean até descobrir que Cassie se casara. Mais tarde, quando soube que Cassie andava doente e na miséria, recolhia num hospital de convalescentes.

“À medida que os anos passaram, percebi que ela tinha razão. Jadway morrera e nunca mais haveria de voltar. Passou-se muito tempo, eu casei, tive outros filhos e fiquei bastante rico para largar o negócio. Sem Cassie, faltava-me coragem para tornar a escrever.

Sim, Jadway estava morto. Assim recobrei o meu interesse pela jurisprudência, onde eu poderia ajudar a manter a expressão livre, e desde então tenho sido parte do mundo das leis.

“Foi apenas ontem, quando o advogado da defesa, Mr. Michael Barrett, me descobriu, que fui forçado a enfrentar o fato de que J J Jadway, afinal de contas, não tinha morrido. Hoje de manhã tomei a minha decisão. Porém, antes de fazer isso, telefonei para minha mulher e meus filhos. Minha mulher já desconfiava da verdade; meus filhos não.

Apoiaram sinceramente o que decidi. Depois liguei para o Presidente dos Estados Unidos e pedi-lhe que não apresentasse o meu nome ao Congresso para a vaga da Corte Suprema. E expliquei o motivo. Ele sentiu muito, foi gentilíssimo e disse, com aquele seu modo engraçado, que agora, pelo menos, a Primeira Dama ia achar-me ainda mais fascinante.

Finalmente telefonei para mais uma pessoa. Para Cassie McGraw. Não pude falar com ela, por isso falei com a enfermeira. “Dê-lhe este recado quando ela estiver num dos seus dias de lucidez” — pedi, — Diga-lhe simplesmente: “Jadway está vivo”. Ela compreenderá.”

Escutando, Barrett suspirou baixinho.

Depois virou-se e deixou a sala de imprensa — e Jadway.

Lá fora, a noite caíra e o ar estava limpo e revigorante.

Entrando no parque de estacionamento de Temple Street, onde o seu descapotável o esperava, percebeu que alguém se aproximava no seu encalço.

Parou, sem distinguir quem era o homem louro e, então, reconheceu-o. Continuou parado ali, sem saber o que pensar, até que o promotor público Elmo Duncan o alcançou.

— Não sei se você chegou a ouvir no meio de toda aquela balbúrdia após o veredicto — disse Elmo Duncan —, mas eu dei-lhe realmente os parabéns, Mike.

— Fico-lhe grato, Elmo.

— Venha, vou acompanhá-lo até ao carro. — Andaram em silêncio alguns segundos, e depois Duncan falou novamente, sem rancor, mas com ironia e quase para si mesmo: — Quando eu era pequeno, em Glendale, havia um jogador que era o meu ídolo: Babe Ruth.

E uma vez ele disse uma coisa que me ficou gravada na memória, uma coisa mais sábia do que tudo o que já li de Sócrates, Spinoza ou Kant. Babe disse: “Um dia a gente é herói e no outro já não vale nada: portanto que vá tudo prò Inferno.”

Fez um sorriso de menino a Barrett.

— Portanto, Mike, eu digo, que vá tudo prò Inferno. Neste momento, Barrett gostou mais dele do que em qualquer outra ocasião, antes ou durante o julgamento. E sabia porquê, Era porque o outro Duncan não tinha sido este, mas simplesmente parte de uma cabala controlada por Luther Yerkes, uma cabala reforçada por Frank Griffith e Willard Osborn II e fomentada por Harvey Underwood e Irwin Blair. Este era Duncan, ao natural.

— Você quase liquidou com a gente, Elmo — disse Barrett. — Fez um excelente trabalho.

Até ao dia de hoje você tinha-nos contra as cordas. Tivemos a sorte de contar com um soco poderosíssimo.

— Não foi sorte — retrucou Duncan. — Vocês mereciam ganhar e eu merecia perder. Eu esforcei-me mas vocês esforçaram-se muito mais ainda. Nunca desistiram. A certa altura, eu fiquei confiante de mais. Dependia de... de outros, e comecei a distrair-me enquanto o julgamento estava a prosseguir. Se eu estivesse sozinho, lutando pela minha vida, não dependendo de ninguém, talvez tivesse continuado, talvez descobrisse Cassie e Jadway antes de você, até mesmo apurasse a verdade acerca de Jerry Griffith e tomado alguma providência a esse respeito. Bem, serviu de lição. Jamais esquecerei.

— Ainda aposto em como você será Senador qualquer dia destes. Duncan bufou.

— Olhe, nem sei se vale a pena apostar. Até duvido que volte a ser Promotor.

Haviam chegado ao carro de Barrett.

— Bom, mais uma vez obrigado, Elmo — agradeceu Barrett.

— Há outra coisa ainda — disse Duncan. — E não pense que digo isto porque estou descontente.

— Qual é?

— Eu continuo a achar que Os Sete Minutos é pura pornografia. Eu não o tinha lido naquele primeiro dia em que você foi ao meu

escritório, de modo que não podia saber ao certo. Mas agora, com Jadway ou sem Jadway, com Jerry ou sem Jerry, acho que o livro é pornográfico, prejudicial e devia ter sido condenado. Você conseguiu a absolvição porque provou que uma das minhas testemunhas havia cometido perjúrio e outra mentido involuntariamente. Mas, Mike você não provou... ao menos para mim... que esse livro pode entrar numa casa de família. Talvez seja eu, a educação que tive, os meus critérios e minha preocupação excessiva em proteger minha família, mas ainda afirmo que livros desse tipo são perigosos e não deviam ser publicados. Creio que podem ser perniciosos para criaturas imaturas ou adultos desequilibrados. Pior ainda, acho que são capazes de excitar exageradamente um adolescente em sua fase latente, antes que venha a aceitar os seus pensamentos sexuais como um fenômeno natural. Esses livros podem levá-lo a fantasias eróticas, desviando-o do crescimento normal e da procura de experiências reais no seu próprio nível de desenvolvimento até que essas fantasias se tornem uma preocupação que frustre a sua oportunidade de se tornar normal.

— Por outras palavras, Elmo, você considera que toda a literatura, todas as ideias, deviam visar a satisfação de um leitor de doze anos de idade? Se fizéssemos isso, íamos acabar por ser uma nação adulta com habitantes de doze anos, não íamos? Não, você não me convence. Quem é muito jovem não anda muito interessado em sexo adulto e quando passa a interessar-se, em geral já tem idade suficiente para ler sem problemas. Seja como for, ficou provado que os livros representam apenas uma pequena parte do meio ambiente sexual adolescente, talvez a menor de todas. Você não se lembra daquele levantamento que fizeram com quatrocentas estudantes secundárias há muitos anos? Perguntaram às moças o que era que as excitava mais sexualmente... uma peça? um filme? uma fotografia? um livro?

A maioria absoluta respondeu... um homem. Quanto à influência dos livros sobre a mocidade, ora, se tem de haver uma censura, então não deveria partir de você, nem do Estado... deveria partir dos pais, da mãe e do pai, em casa. Que cada família decidisse por conta

própria o melhor modo de educar a prole e o que ela pode ou não pode ler.

Duncan ficou a olhar para o chão. Depois sacudiu a cabeça.

— Não, Mike. É vago de mais. Eu acredito na censura do modo como está agora constituída pela lei, não só porque é lei, mas porque assegura a liberdade e a protege dessas organizações de voluntários que se encarregam de aplicar as penas por suas próprias mãos.

É absolutamente indispensável ter normas. Lembro-me de um caso de censura que tivemos aqui há alguns anos a propósito do Trópico de Câncer. Uma das testemunhas de acusação, um professor de inglês chamado Baxter, mostrou-se especialmente eloquente sobre essa necessidade, e ainda recordo o que ele disse... bom, a maior parte... e continuo a concordar com ele. Ele admitia que a censura o preocupava, porque detestava a ideia de censores a imporem suas opiniões e vontades sobre as opiniões e vontades conflituosas alheias.

Apesar disso, disse ele, numa sociedade complexa como a nossa, temos de viver segundo certas normas. É preciso que haja uma regra que determine que os carros sejam guiados pelo lado direito da rua. Ora, isso talvez prejudique a liberdade do motorista, transgrida os seus direitos individuais, mas a regra tem de ser imposta. Depois ele disse: “Toda a gente sabe que é proibido vender pelo correio remédios que curem o cancro, o que constitui charlatanice fraudulenta. Toda a gente sabe que é proibido vender bilhetes-postais pornográficos no pátio das escolas. Existe um nível, em suma, que é a grande preocupação e a dificuldade no círculo intermediário de toda a censura... A nossa sociedade americana concede uma grande margem de tolerância... mas aqui existe um nível que não convém, por motivos sociais de segurança ou salubridade, permitir que as pessoas o ultrapassem.”

Barrett acenou com a cabeça.

— Concordo, Elmo. Agora chegamos justamente aonde eu queria chegar. Quem as estabelece? Você? Eu? Frank Griffith? O senador Bainbridge? Prefiro a resposta dada pelo ministro Stewart, do Supremo Tribunal. Ele afirmou que os que instituíram a Primeira

Emenda da nossa Constituição acreditavam que uma sociedade só poderia ser realmente forte quando fosse verdadeiramente livre. “A Constituição protege tanto a expressão grosseira como a refinada, e a vulgaridade não menos que a elegância. Um livro sem valor para mim pode transmitir algo válido ao meu próximo. Na sociedade livre a que nos destinou a Constituição, cada um escolhe por si mesmo.” Elmo, não pode haver árbitro para todos, não, em questão de gosto. Há uma velha piada que exprime isso melhor. Um paciente foi consultar um psiquiatra. Concordou em fazer o teste de associação de ideias, uma espécie de manchas Rorschach oral. O psiquiatra lia em voz alta uma série de palavras, a que o paciente devia imediatamente responder com outra, a primeira que lhe viesse à cabeça. O psiquiatra então começou com a palavra “Casa”, e o paciente respondeu, “Sexo”.

O psiquiatra disse “Mesa”, e o paciente respondeu “Sexo”. Depois de mais vinte palavras de rotina... como “Cozinha” e “Jardim” ...cada uma das quais provocou resposta idêntica, “Sexo”, o psiquiatra perdeu a paciência. “Escute cá”, disse ele ao paciente, “eu tenho de lhe confessar que nunca vi ninguém com tamanha ideia fixa.” O paciente pareceu admirado.

“Mas, Doutor” protestou, “é o senhor quem está a dizer todas essas palavras provocantes!”

— Barrett sorriu e encolheu os ombros. — Por aí você vê.

O Promotor Público também sorriu, mas de leve. Não estava a achar muita graça.

— Mike, a maioria de nós sabe o que é provocante e o que não é. Também sabemos o que é imoral e o que não é. E acredito que a maioria de nós acha que Os Sete Minutos e livros semelhantes são imorais, são pornográficos e não merecem andar em circulação. Seja como for, Mike, enquanto continuarem aparecendo coisas desse gênero, eu hei-de lutar contra elas.

Barrett acenou com a cabeça.

— Okay, Elmo. E enquanto você continuar a lutar contra elas, continuarei a lutar contra você — fez uma pausa e depois acrescentou: — E também continuarei a lutar contra todas essas coisas que considero realmente imorais hoje em dia.

— Por exemplo?

— Por exemplo, a verdadeira luta a ser travada não é contra obras que tratem de relações sexuais ou usem palavrões, mas contra imoralidades como chamar a um negro “macaco” ou classificar de “comunista” uma pessoa que discorda da sua opinião. O que é realmente imoral é esbordoar ou perseguir um homem porque ele é diferente da gente ou não compartilha das mesmas ideias, ou forçar rapazes a assassinar outros rapazes em países distantes com o pretexto de autodefesa, ou, como declarou um pregador, assistir a “um homem completamente vestido, contraíndo-se e retorcendo-se com os choques eléctricos aplicados no seu corpo até queimá-lo pelos guardas dos nossos presídios estaduais”. O que é verdadeiramente imoral é ensinar mentiras aos alunos, fomentando a hipocrisia e a desonestidade com um piscar de olhos, transformando em ideal de vida os objetivos materiais, ignorando a pobreza numa terra de fartura, tolerando a injustiça e a desigualdade ao mesmo tempo que prestam louvores fingidos à Bandeira, aos Pais da Pátria e à Constituição. São essas as imoralidades que me preocupam.

— E a mim também — retorquiu Duncan. — Quando eu puder, estarei a combatê-las ombro a ombro com você. Mas onde divergimos é na questão de liberdade de expressão e nos direitos dos que se aproveitam dela por motivos doentios ou egoístas e em detrimento das nossas famílias e do nosso país.

Parou e olhou fixamente para Barrett.

— Muito bem. Continuamos a desentender-nos quanto ao assunto de pornografia.

Mas, cá entre nós, Mike, com franqueza, você de fato não acredita que tem de haver um pouco de censura?

— Se você conseguir que eu acredite num pouco de gravidez você me fará acreditar num pouco de censura. E até mesmo assim. Desconfio de que, se fosse possível uma coisa dessas, contentar-se com um pouco de censura, já seria de mais, um exagero, por causa das consequências que poderia ter. George Bernard Shaw explicou muito bem. Ele dizia que o assassinio é a forma extrema de censura. E de fato é, jamais me esqueço disso. Mas vou dizer-lhe uma coisa,

Elmo. Quando os cientistas conseguirem provar, por meio de testes, que a pornografia literária é nociva, quando os tribunais puderem realmente distinguir entre o que é imoral e o que não é, e quando pudermos achar árbitros mais sábios do que qualquer homem sobre a face da terra, mesmo para determinar o que deve e o que não deve ser censurado, sem invadir nem ameaçar outras liberdades humanas, então e somente então é que deixarei de o combater a você. Que lhe parece?

— Talvez chegue esse dia, Mike.

— Nós devíamos rezar para que ele viesse.

Estava prestes a despedir-se quando lhe veio uma ideia, de onde não sabia, pois era irrelevante ao que se passara entre ambos, ou talvez, afinal de contas, fosse mais relevante do que tudo o que haviam discutido.

— Elmo — disse ele —, você nunca ouviu falar no melhor testamento que já foi escrito até hoje? Foi redigido por um advogado de Chicago, Williston Fish em 1897, de colaboração com o próprio constituinte, Charles Lounsbury. Você conhece a história?

— Creio que não.

— Acho que as pessoas como nós que se dedicam à profissão legal deviam lê-lo e relê-

lo de vez em quando. Vou ver se me lembro de lhe enviar uma cópia.

— De que se trata?

— Olhe, só para lhe dar uma ideia. O testamento começa assim: "Eu, Charles Lounsbury, na plena posse das minhas faculdades mentais, estabeleço e declaro pelo presente testamento as minhas últimas vontades, a fim de, pela maneira mais justa possível, distribuir os bens que possuo neste mundo entre os homens que me sucederem... Em primeiro lugar, deixo aos bons pais e mães, mas em custódia para seus filhos, entretanto, todas as boas palavrinhas de louvor e todos os apelidos carinhosos, e encarrego os referidos pais de os usar justa, porém generosamente, à proporção que as necessidades de sua prole assim o exigirem.

"Deixo às crianças exclusivamente, mas somente enquanto perdurar a sua infância, todos e cada um dos dentes-de-leão e

margaridas dos campos, com o direito de brincar livremente no meio deles, segundo o costume infantil, prevenindo-as ao mesmo tempo contra os cardos. E lego-lhes as margens amarelas dos riachos e as areias douradas por baixo das suas águas, e os aromas dos salgueiros que caem sobre as referidas águas, e as nuvens brancas que flutuam ao alto, acima das árvores gigantescas.

“E deixo às crianças os dias intermináveis de alegria, com mil maneiras de contentamento, e a Noite e a Lua e a cauda da Via-Láctea para se maravilharem, mas dependente, entretanto, dos direitos abaixo concedidos aos amantes, e dou a cada criança o direito de escolher uma estrela que será a sua...

“Aos amantes lego o seu mundo imaginário, com tudo o que possam vir a precisar, como as estrelas do firmamento, as rosas vermelhas, vermelhas pelos muros, a neve do espinheiro, os suaves acordes da música, ou o que quer que possam desejar que represente para ambos a permanência e a beleza do seu amor.

“E para aqueles que já não são crianças, nem jovens, nem amantes, eu deixo a Lembrança...”

Barrett fez uma pausa e sorriu cordialmente para Duncan.

— Elmo, seja qual for o lado em que estivermos — disse ele —, acho que nós dois concordamos em que é nisso que tudo se resume, não é assim?

Duncan teve finalmente um sorriso espontâneo.

— Sim — replicou. — Sim, é nisso que tudo se resume. Boa noite, Mike.

— Boa noite, Elmo, e felicidades... para nós dois.

Três quartos de hora depois, quando Mike Barrett chegou ao seu apartamento, encontrou uma garrafa imensa, de quase dois litros, de champanhe G. H. Mumm, espalhafatosamente embrulhada para presente, cheia de fitas, parada em esplendor diante da sua porta.

Ao abrir a porta à chave e entrar, tentou achar o cartão do doador. Mas a sala lá dentro estava escura, o que significava que Maggie ainda não tinha chegado, e ele teve de acender as lâmpadas e procurar o cartão de novo. Finalmente descobriu-o. Tirou-o do sobrescrito e leu a mensagem:

Para Michael Barrett:

Cumprimento-o pela merecida vitória. Recomendo-lhe também a sabedoria de Charles Lamb, a saber: "Quem não é capaz de tomar dois partidos não pode ser advogado." Se dispuser de uma hora livre, gostaria de o interessar no meu. É possível que não o considere desagradável, e até mesmo lucrativo.

Com os melhores votos de

LUTHER YERKES

Barrett rasgou o cartão pelo meio e lançou os pedaços na cesta de papel.

Ficou a olhar para a garrafa de champanhe.

Os despojos do vencedor.

Ficaria com ela.

O telefone tocou e ele apressou-se em atender. A voz que ouviu era a última que podia esperar.

— Alô, campeão — disse Faye Osborn. — Tenho de confessar que vou ter de engolir tudo o que disse antes. Achei que você gostaria de saber disso, Mike.

— Bem, é muito simpático da sua parte, Faye.

— Você revelou-se um advogado excepcional. Até o Papá foi obrigado a reconhecê-lo.

Quem é capaz de tornar aquele livrinho imoral puro como a neve merece o Preito de Admiração dos Osborn, além do Prêmio Nobel. De fato, o Papá ficou tão impressionado que acredito que ele esteja quase pronto a modificar radicalmente a sua decisão sobre você.

— Seria muita generosidade da parte dele.

— Mike, vou-lhe dizer porque estou a telefonar-lhe. Acho que nós dois somos bastante adultos para esquecer o que dissemos um ao outro num momento de raiva. Pensei em oferecer-lhe uma pequena recepção, mas depois lembrei-me: Para que esperar por uma coisa tão formal? Porque não esta noite? Você deve estar com vontade de comemorar. Em todo o caso, eu estava com um pouco de esperança de que você estivesse livre para jantarmos juntos hoje.

Barrett ouviu a chave na fechadura e viu a porta da frente abrir-se, revelando-lhe o rosto radiante de Maggie.

Baixou o olhar para o auscultador e depois aproximou-o ainda mais.

— Sinto muito, Faye. Tenho outro compromisso. Creio que vou andar muito ocupado daqui por diante.

— Compreendo. Então é assim. Bem, apenas julguei que valia a pena arriscar para ver o resultado. Au revoir, Mike. Talvez a gente se encontre por aí qualquer dia destes.

— Talvez — disse ele. — Adeus, Faye. Ergueu os olhos.

— Alô, Maggie — saudou.

XII

Houve o champanhe. Ambos tinham-se sentido cansados e felizes de mais para outra coisa além de um simples jantar fora e bem cedo. E agora voltavam de carro, passando por Oakwood, a caminho de West Los Angeles.

Mike Barrett diminuiu a marcha no Center Boulevard, depois dobrou na Third Street e dirigiu-se ao primeiro espaço vago no estacionamento.

Abrindo a porta do carro e ajudando Maggie a sair, ele sugeriu: — Vamos dar um pequeno passeio antes de ir para casa.

Levou-a até à vitrina da casa de móveis mais próxima e depois saíram, andando de mãos dadas, vendo tudo o que as lojas tinham para oferecer.

Pararam diante do Empório de Livros de Ben Fremont. Na vitrina principal havia de novo pilhas e pilhas de exemplares de Os Sete Minutos, parecendo cada uma nada menos do que um enorme ramo de flores. O interior da livraria estava profusamente iluminado e Ben Fremont ocupava o seu lugar do costume atrás da caixa registradora. Viam-se compradores e leitores.

Dois rapazes com jaquetas de couro saíram da loja e um começou a tirar um volume do saco de papel. Barrett percebeu que era Os Sete Minutos. Ao passarem por trás dele, Barrett pôde ouvir o que trazia o livro a dizer para o outro.

— É, e além disso eu soube que tem até uma cena em que ele cai de língua nela. Fora de brincadeira.

Fora de brincadeira.

Outro casal havia parado ao lado deles, detendo-se para examinar a vitrina, um par de meia-idade, respeitavelmente vestido.

— Está aí, oh — disse ela. — Foi o tal que saiu em todos os jornais. Dizem que de fato é qualquer coisa. E não adianta fazer essa cara. A sua própria filha já é capaz de ter algo que ensinar a esse escritor. Você sabe que essa coisa de inocência está hoje em

dia toda mudada. Ande, deixe de ser tontinha, vamos comprar um exemplar só para a gente se divertir.

Para a gente se divertir.

Barrett observou-os a entrar na livraria. Sentiu uma pontinha mínima de preocupação. O livro seria lido, como tantos outros, por motivos equívocos. Havia livros decentes e leitores indecorosos. Mas depois a sua preocupação evaporou-se. Ninguém, numa sociedade livre, seguindo as regras dessa sociedade, tinha o direito de se interpor entre uma ideia e o seu público.

Lembrou-se de um parecer da Liga de Escritores da América: "O conteúdo de um livro, obsceno ou não, só se torna conhecido daqueles que decidem lê-lo, ou a continuar a lê-lo depois de chegarem a partes repreensíveis. Essa decisão não pode legitimamente constituir motivo de preocupação para outros cidadãos, que não estão obrigados a ler nenhuma obra repreensível, nem tão-pouco motivo de preocupação para o Estado."

Lembrou-se do parecer de Charles Rembar, outro advogado, que combateu a censura para preservar a expressão: "Os livros proporcionam um veículo para a transmissão de ideias que não encontra comparação nas demais formas de expressão... Essas podem ser tão boas ou melhores em matéria de entretenimento, comoção ou provocação de reações emotivas, mas a palavra impressa continua sendo o meio mais importante para a comunicação espiritual em que se baseia a nossa civilização, Todo o exercício do poder governamental que impeça a livre circulação de livros é, portanto, uma ameaça à nossa sociedade."

Um livro não é um chumaço de papel. Um livro é um cérebro, uma pessoa, várias pessoas, a nossa sociedade, a própria civilização.

Disse consigo mesmo: "No fim, não é a arte que precisa de mudar e melhorar, mas o povo."

— Sempre foi o povo. Conseguir a educação do povo significa conseguir ar, ar livre.

Olhou uma última vez para os livros na vitrina.

Inocente.

Sentiu a mão de Maggie no seu braço.

— Você quer entrar? — perguntou ela.

— Esta noite não — respondeu. — Acho que posso deixar Cathleen em paz na cama dela.

Creio que daqui para a frente prefiro passar o meu tempo com Maggie.

Sentiu o braço dela a deslizar suavemente dentro do seu e começaram a caminhar de volta para o carro.

— Sabe, Maggie? Nós já tivemos os nossos sete minutos. Eu estava a imaginar no que viria depois.

— No oitavo minuto?

— E o nono, o décimo e todos os milhões de minutos da vida de uma pessoa que vêm depois. Eles também contam. Tanto quanto os sete. Talvez até mais.

— Sim, é fato.

— Você não gostaria de saber como é que seria para você e para alguém que o amasse?

— Gostaria, sim. Mas precisava de ser alguém que gostasse tanto de mim como eu dele. Tanto quanto Cassie e Jadway gostavam mutuamente. Só que no meu caso não se trataria de minutos, mas de eternidade, de infinito.

— Ena, o seu caso parece duro de roer. Mas sabe uma coisa, Maggie? eu gostaria de tentar.

— Você está a falar a sério? Baixou os olhos, sorrindo, para ela.

— Maggie — disse ele —, para melhor ou para pior, você tem um advogado ao seu dispor.

FIM